



Anne de Green Gables

LUCY MAUD
MONTGOMERY

*Anne of
Green Gables (1908)*

Tradução: Adriana Zoudine

Edição bilingue: POR/ENG
Distribuição gratuita

mojo.org.br

CILE

MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

Anne de Green Gables

Lucy Maud Montgomery

Traduzido por
Adriana Zoudine

1ª edição

A SRA. RACHEL LYNDE SE SURPREENDE

Asra. Rachel Lynde morava exatamente onde a estrada principal de Avonlea mergulhava em uma depressão margeada de amieiros e fúcsias, atravessada por um riacho cuja nascente ficava lá nas profundezas do bosque atrás da casa do velho Cuthbert. O riacho era conhecido por ser uma corredeira tortuosa e veloz no início de seu curso, guardando segredos obscuros como charcos e quedas d'água. Porém, chegando ao vale de Lynde's Hollow, assumia um curso silencioso e bem-comportado, pois nem mesmo um riacho se atreveria a passar pela porta da sra. Rachel Lynde sem a devida decência e decoro. Ele provavelmente tinha consciência de que a sra. Lynde estaria sentada à janela, com seu olhar aguçado sobre tudo o que passava, de riachos a crianças. Se percebesse alguma coisa estranha ou fora de lugar, não descansaria até descobrir seus comos e porquês.

Muitas pessoas, de Avonlea ou não, acompanham de perto a vida de seus vizinhos sob o custo de negligenciar a sua própria. A sra. Rachel Lynde, ao contrário, era uma daquelas criaturas capazes de tratar da própria vida e, sobretudo, da dos outros. Era uma exímia dona de casa. O trabalho estava sempre feito — e bem-feito. Ela “gerenciava” o grupo de costura, ajudava a administrar a

Escola Dominical e era a apoiadora mais ativa da Sociedade Assistencial e das Missões Estrangeiras de evangelização da Igreja. No entanto, apesar de tudo isso, a sra. Lynde encontrava tempo de sobra para se sentar por horas à janela da cozinha, um olho no tricô das colchas de algodão — era capaz de tricotar até dezesseis quadrados por dia, como as maravilhadadas donas de casa de Avonlea costumavam atestar — e o outro atento na estrada principal que cruzava o vale e serpenteava pela íngreme colina vermelha mais além. Dado que Avonlea situava-se em uma pequena península triangular que se projetava no Golfo de Saint Lawrence, com água em dois de seus lados, qualquer um que saísse ou entrasse do vilarejo obrigatoriamente passava por aquele trecho da colina e, portanto, submetia-se ao invisível olhar atento e abrangente da sra. Lynde.

Lá estava ela sentada em uma tarde no início de junho. O sol quente e fulgurante entrava pela janela. O pomar de maçãs na encosta da casa era um colorido nupcial de flores brancas e rosa rodeadas pelo zumbido de uma miríade de abelhas. Thomas Lynde, um homenzinho dócil que o povo de Avonlea chamava de “o marido de Rachel Lynde”, plantava sementes de nabo tardio no terreno entre a colina e o celeiro. E Matthew Cuthbert também devia estar plantando suas sementes no grande campo avermelhado à beira do riacho Green Gables. A sra. Lynde estava certa disso, pois o ouvira dizer a Peter

Morrison na noite anterior, na loja de William J. Blair, em Carmody, que pretendia plantar suas sementes de nabo na tarde seguinte. Obviamente Peter lhe havia perguntado, pois sabia-se que Matthew Cuthbert jamais dava informações voluntariamente sobre nada.

Entretanto, eis que ali estava Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia de trabalho, dirigindo-se tranquilamente ao longo do vale e subindo a colina. Além de tudo, vestia uma camisa branca e seu melhor terno, uma prova evidente de que iria a outra cidade. Conduzia a charrete com a égua alazã, um indicativo de que ia a algum lugar mais distante. Aonde ia Matthew Cuthbert e por quê?

Se fosse qualquer outro homem de Avonlea, a sra. Lynde, sempre perspicaz, poderia ter um bom palpite para ambas as perguntas. Mas como Matthew quase não saía de casa, devia se tratar de algo urgente e inusitado. Era o homem mais tímido do mundo e odiava estar entre estranhos ou ir a qualquer lugar onde se sentisse obrigado a conversar. Matthew de camisa branca conduzindo sua charrete era algo raro. A sra. Rachel, mesmo ponderando muito, não chegou a nenhuma conclusão, então seu divertimento da tarde foi completamente arruinado.

“Vou dar uma passada por Green Gables depois do chá e descobrir com Marilla para onde ele foi e por quê”, decidiu finalmente a mulher. “Ele normalmente não vai à cidade nesta época do ano e *nunca* visita ninguém. Se precisasse comprar mais sementes de nabo, não se vestiria

assim e não usaria a charrete para ir ao armazém. Tampouco conduzia rápido o suficiente como se fosse buscar um médico. No entanto, algo deve ter acontecido na noite passada para que saísse assim. Estou intrigada, é isso, e não terei sequer um minuto de paz até saber o que levou Matthew Cuthbert a sair de Avonlea hoje.”

Portanto, após o chá, a sra. Lynde saiu. Não precisou caminhar muito. A casa grande e assimétrica dos Cuthbert, com seus frontões verdes e rodeada por um belo pomar, ficava a pouco mais de quatrocentos metros de distância de Lynde’s Hollow. Para sermos exatos, a vereda sinuosa fazia com que o percurso parecesse mais longo. O pai de Matthew Cuthbert, tão tímido e silencioso quanto o filho, construíra sua propriedade o mais longe possível de seus semelhantes, mas sem efetivamente adentrar o bosque. Green Gables fora construída na extremidade mais distante da área desmatada e lá está até hoje, quase invisível da estrada principal ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea se situam tão sociáveis. A sra. Rachel Lynde não chamava de vida isso de morar em um lugar tão ermo.

“É só uma existência, é o que eu digo”, dizia a si mesma ao caminhar pela alameda relvada e esburacada, ladeada por roseiras selvagens. “Não é de se admirar que Matthew e Marilla sejam um pouco estranhos, vivendo isolados aqui. As árvores não são boas companheiras, mesmo Deus tendo colocado tantas no mundo. Eu prefiro olhar para as pessoas. Na verdade, ambos parecem bem

contentes, mas suponho que estejam acostumados com essa vida. Um ser pode se habituar a qualquer coisa, até mesmo a ser enforcado, como dizem os irlandeses.”

Com isso, a sra. Lynde saiu da alameda e entrou no quintal de Green Gables. Era um pátio muito bem cuidado, com grandes salgueiros ancestrais de um lado e álamos podados do outro. Não se via um só graveto caído, sequer uma pedrinha, pois a sra. Lynde teria notado. Ela era da opinião de que Marilla Cuthbert varria aquele quintal com a mesma frequência de que varria a casa. Era possível fazer uma refeição no piso do pátio sem exceder o proverbial monte de sujeira.¹

A sra. Lynde deu umas batidinhas ligeiras na porta da cozinha e só entrou quando convidada. A cozinha de Green Gables era um ambiente alegre — ou assim seria, se não fosse tão absolutamente limpo a ponto de parecer uma sala de visita sem uso. As janelas davam para o leste e para o oeste. A do lado oeste dava para o quintal e era atingida pela suave luminosidade de junho. A janela leste mostrava as cerejeiras brancas em flor no pomar à esquerda, as bétulas delgadas que desciam para o vale ao longo do riacho, e o verde de um emaranhado de videiras. Ali Marilla Cuthbert se sentava — raramente — sempre um tanto contrariada pelo sol, cuja dança no céu lhe parecia um tanto irresponsável em um mundo concebido para ser levado a sério. E lá estava ela agora, sentada e tricotando, com a mesa logo atrás já posta para o jantar.

Antes de fechar a porta atrás de si, a sra. Lynde tomara uma nota mental de tudo o que havia naquela mesa: três pratos, o que significava que Marilla devia estar esperando alguém além de Matthew para o chá. Eram, no entanto, pratos do dia a dia, e só havia compota de maçã silvestre e um tipo do bolo, de modo que a companhia esperada não devia ser muito especial. Mas então, qual o motivo da camisa de colarinho branco de Matthew e da égua alazã? A sra. Rachel já estava um tanto atordoada com esse mistério na calma Green Gables, sempre tão isenta de novidades.

— Boa tarde, Rachel — Marilla cumprimentou sem rodeios. — Está uma tarde agradável, não é mesmo? Não vai se sentar? Como está a família?

Algo que, por falta de qualquer outro nome, poderia ser chamado de amizade, existia e sempre existira entre Marilla Cuthbert e a sra. Lynde, apesar de serem tão diferentes — ou, talvez, justamente por isso.

Marilla era uma mulher alta e magra, angulosa e sem curvas. Seu cabelo escuro exibia mechas grisalhas, sempre preso com dois grampos em um pequeno coque atrás da cabeça. Parecia ser uma mulher de experiência limitada e consciência rígida, o que de fato era. Porém, havia em sua personalidade algo que, se tivesse evoluído um pouco, poderia ser considerado um sinal de senso de humor.

— Estamos todos muito bem — disse a sra. Lynde. — No entanto, temia que vocês não estivessem, ao ver

Matthew partir hoje. Imaginei que fosse buscar o médico.

Ao entender do que se tratava, os lábios de Marilla se contraíram. Já esperava que a sra. Lynde viesse. Sabia que a excursão inexplicável de Matthew seria demais para a curiosidade da vizinha.

— Não é isso, estou muito bem, embora esteja com uma forte dor de cabeça desde ontem. Matthew foi a Bright River. Adotamos um menino de um orfanato da Nova Escócia, e ele chegará no trem da tarde.

Se Marilla tivesse dito que Matthew fora a Bright River receber um canguru da Austrália, a sra. Lynde teria ficado menos surpresa. Chegou inclusive a ficar paralisada por cinco segundos. Não era possível que Marilla estivesse zombando, mas ela quase chegou a supor aquilo.

— Está falando sério, Marilla? — inquiriu, ao retomar a voz.

— É claro que estou — confirmou Marilla, como se adotar meninos de orfanatos da Nova Escócia fosse parte das atividades comuns da primavera em qualquer fazenda bem administrada de Avonlea, e não uma conduta inesperada.

A sra. Lynde sentiu um choque mental. Em sua cabeça pipocaram consecutivas exclamações: “Um menino! Marilla e Matthew Cuthbert, justo eles, adotando um menino! De um orfanato!”. O mundo estava virando de cabeça para baixo! Ela não se surpreenderia com mais nada, depois disso! Com mais nada!

— De onde veio uma ideia dessas? — indagou com desaprovação.

Aquilo fora decidido sem que pedissem seu conselho, logo, não havia como ela aprovar.

— Bem, já vínhamos pensando no assunto. Durante todo o inverno, aliás — respondeu Marilla. — A sra. Alexander Spencer veio aqui antes do Natal e disse que na primavera buscaria uma menina do orfanato de Hopeton. Um primo dela mora lá Ela própria já havia visitado o lugar e contou tudo sobre ele. Desde então, Matthew e eu conversamos de vez em quando, pensando em adotar um menino. Matthew está envelhecendo, sabe. Ele tem sessenta anos e já não é tão ágil como antes. O coração o incomoda bastante. E a senhora sabe como é difícil contratar alguém. Nunca há ninguém disponível, exceto aqueles rapazes franceses ignorantes e meio desnutridos. E assim que se consegue um e o ensina algo, escapam para as fábricas de lagosta enlatada ou para os Estados Unidos. No começo, Matthew sugeriu pegar um imigrante, mas eu disse um belo “não”. “Eles podem ser bons, não estou dizendo que não sejam, mas não quero saber de moleques vindos das ruas de Londres”, eu disse a ele. “Pelo menos que seja um nativo.” Haverá sempre um risco, não importa a pessoa. Mas me sentirei mais à vontade e dormirei melhor se tivermos um canadense nato. Por isso, no final das contas, decidimos pedir à sra. Spencer que nos escolhesse um quando fosse buscar sua menina. Na

semana passada soubemos que ela partiria, então enviamos um recado para a família de Richard Spencer, em Carmody, para que nos trouxesse um menino esperto entre dez e onze anos. Decidimos que esta seria a melhor idade: já grande para ser útil em algumas tarefas, e jovem o suficiente para ser treinado adequadamente. Queremos dar a ele um bom lar e uma boa educação. Hoje o carteiro trouxe da estação um telegrama da sra. Alexander Spencer dizendo que chegariam no trem das cinco e meia. Então, Matthew foi buscá-lo em Bright River. A sra. Spencer irá deixá-lo na estação e depois seguirá viagem até a estação de White Sands.

A sra. Lynde se orgulhava de ser sempre muito franca. Então, após ter realizado um ajuste mental para absorver a incrível notícia, começou a falar:

— Bem, Marilla, serei sincera. Acho que está fazendo uma enorme bobagem... algo arriscado, é o que eu digo. Não tem ideia do que está para chegar. Está trazendo uma criança estranha para dentro de sua vida e de seu lar, e não sabe nada sobre ele, nem sobre seu caráter, nem que tipo de pais teve, nem como ele será quando crescer. Digo isso porque, ainda na semana passada, li no jornal sobre um casal a oeste da Ilha que tirou um menino de um orfanato. Ele incendiou a casa à noite *de propósito*, Marilla, e quase os reduziu a cinzas em suas próprias camas. Sei de outro caso em que um menino adotado costumava comer ovos crus, e não conseguiram tirar essa mania dele. Se você

tivesse pedido o meu conselho sobre o assunto, coisa que não fez, Marilla, eu teria dito, pelo amor de Deus, que desistisse de algo assim. É o que eu digo.

O consolo de Jó não pareceu ofender nem alarmar Marilla, que continuou tricotando.

— Não nego que possa haver alguma verdade no que você diz, Rachel. Também fiquei apreensiva. Mas Matthew estava muito determinado e, portanto, cedi. É tão raro Matthew ter uma ideia fixa que, quando tem, sempre sinto que é meu dever ceder. E quanto ao risco, há riscos em quase tudo o que se faz neste mundo. Mesmo filhos de sangue podem causar problemas. E a Nova Escócia fica tão perto da Ilha! Não é como se estivéssemos pegando alguém da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Ele não pode ser lá muito diferente de nós.

— Bem, espero que tudo corra bem — disse a sra. Lynde com um tom que indicava claramente sua descrença. — Só não diga que não avisei, caso ele ateie fogo em Green Gables ou jogue estricnina no poço. Ouvi falar de um caso em Nova Brunswick, onde uma criança órfã fez isso e toda a família morreu agonizando. Só que naquele caso foi uma menina.

— Bem, não vamos adotar uma menina — contestou Marilla, como se poços envenenados fossem uma realização puramente feminina. — Nunca sonhei em criar uma menina. Não consigo sequer imaginar por que a sra. Alexander Spencer decidiu por algo assim. Mas ela não

hesitaria em adotar um orfanato inteiro se pusesse isso na cabeça.

A sra. Lynde teria gostado de ficar até que Matthew chegasse em casa com seu órfão importado. Mas como ele demoraria ao menos umas boas duas horas, decidiu ir até a residência dos Bell para contar a novidade em primeira mão. Com certeza, causaria uma sensação e tanto, e a sra. Lynde adorava causar sensações. Assim, retirou-se, de certa forma para o alívio de Marilla, que sentia os próprios receios e dúvidas reavivados sob a influência do pessimismo da sra. Lynde.

— Bom, de todas as coisas que já foram ou que serão!²
— disse para si mesma a sra. Lynde, já caminhando em segurança pela alameda. — Parece mesmo que estou sonhando. Bem, lamento por esse pobre jovem, mas não tem erro... Matthew e Marilla não entendem nada de crianças, e esperam que ele seja mais sábio e mais equilibrado de que o próprio avô dele, isto é, se é que ele teve um avô, o que eu duvido. Parece estranho imaginar uma criança em Green Gables a esta altura. Nunca houve uma por lá, pois Matthew e Marilla já eram adultos quando a nova casa foi construída... se é que alguma vez foram crianças, o que é difícil de acreditar quando se olha para eles. Não queria estar no lugar desse órfão por nada no mundo. Mas que eu tenho pena dele, isso tenho.

Foi o que disse a sra. Lynde, do fundo de seu coração, às roseiras selvagens. Mas se pudesse ver a criança que

esperava pacientemente na estação de Bright River
naquele exato momento, sua compaixão teria sido ainda
mais intensa e profunda.

MATTHEW CUTHBERT SE SURPREENDE

Matthew Cuthbert e a égua alazã seguiram tranquilos pelos treze quilômetros até Bright River. Era uma bela estrada que passava por fazendas acolhedoras, cruzava de vez em quando um trecho de bosque de abetos e passava por um vale onde ameixas selvagens exibiam suas flores transparentes. Os muitos pomares de maçã criavam uma atmosfera adocicada, e os prados desciam em tons perolados e arroxeados no horizonte nublado enquanto:

Os passarinhos cantavam como se fosse

*O único dia de verão do ano inteiro.*³

Matthew se divertiu muito conduzindo à sua própria maneira, a não ser pelas ocasiões em que cruzou com mulheres e teve de cumprimentá-las — pois na ilha Príncipe Edward é um dever acenar para todos que se encontra pelo caminho, quer os conheça ou não.

Matthew tinha medo de todas as mulheres, exceto de Marilla e da sra. Lynde. Tinha uma sensação incômoda de que aquelas criaturas misteriosas riam dele pelas costas. Talvez tivesse razão em pensar assim, pois era um personagem estranho e desengonçado, com longos cabelos cinza-chumbo que roçavam seus ombros encurvados e

uma barba castanha-clara, cheia e macia que usava desde os vinte anos. Na verdade, sua aparência aos vinte era quase a mesma que aos sessenta, exceto por alguns fios grisalhos.

Quando chegou a Bright River, não havia nem sinal do trem. Achou que tivesse chegado cedo demais, então amarrou a égua no pátio do pequeno Hotel Bright River e dirigiu-se ao saguão da estação. A longa plataforma estava deserta. A única criatura à vista era uma menina sentada sobre uma pilha de telhas de ardósia, no outro extremo do estrado. Matthew mal notou a menina ao passar por ela, sem sequer dirigir-lhe um olhar. Se tivesse olhado, dificilmente deixaria de notar a tensa rigidez e a expectativa em sua atitude e expressão. Estava ali sentada, esperando por algo ou alguém e, como sentar-se e esperar era a única coisa a fazer, ela o fazia com extrema determinação.

Matthew encontrou o chefe da estação na bilheteria, preparando-se para ir jantar em casa. Perguntou-lhe se o trem das cinco e meia chegaria logo.

— O trem das cinco e meia passou há meia hora — respondeu, sério, o funcionário. — Há uma passageira à espera do senhor, uma menina pequena. Está sentada lá fora sobre as telhas. Pedi que ficasse na sala de espera das senhoras, mas ela me informou, toda séria, que preferia ficar lá fora. Disse que lá havia “mais margem para a imaginação”. É uma figura e tanto, admito.

— Não vim buscar uma menina — disse Matthew, meio confuso —, mas um menino. Ele deveria estar aqui. A sra. Alexander Spencer deve tê-lo trazido da Nova Escócia.

O chefe da estação assobiou.

— Acho que há algum engano. A sra. Spencer saiu do vagão com aquela menininha e a entregou aos meus cuidados. Disse que o senhor e sua irmã a estavam adotando de um orfanato, e que o senhor logo chegaria para apanhá-la. É tudo o que sei sobre o assunto e não tenho nenhum outro órfão escondido por aqui.

— Não entendo — comentou Matthew, desamparado, desejando que Marilla estivesse ali para lidar com a situação.

— Bem, seria melhor perguntar para a menina — sugeriu o chefe da estação, despreocupado. — Ouso dizer que ela será capaz de explicar, pois tem uma língua e tanto, isso é certo. Talvez não tivessem meninos disponíveis do tipo que o senhor queria.

Como estava com fome, foi embora decidido. O pobre coitado do Matthew foi deixado para fazer o que, para ele, era mais difícil do que puxar um leão pela juba: caminhar até uma menina — uma menina estranha, uma menina órfã — e exigir que explicasse por que ela não era um menino. Matthew gemeu ao se virar, e arrastou os pés pela plataforma na direção dela.

Ela já o observava desde que ele passara, e agora tinha os olhos fixos nele. Matthew não a encarava e não a

enxergava como realmente era, mas um observador comum teria visto isto: uma criança de aproximadamente onze anos de idade, com um vestido de flanela grosseira cinza-amarelado, muito curto, muito apertado e muito feio. Usava um chapéu de marinheiro marrom e desbotado e, sob o chapéu, seu cabelo definitivamente ruivo pendia nas costas em duas tranças grossas. O rosto era pequeno, branco, afilado e muito sardento. A boca era grande, assim como os olhos, que pareciam verdes sob certas luzes e certos humores, e cinzentos em outros momentos.

Isso tudo veria um observador comum. Já um observador extraordinário notaria que o queixo era muito pontudo e pronunciado, os grandes olhos brilhavam de ânimo e vivacidade, os lábios eram doces e expressivos, e a testa era larga e arredondada. Em resumo, nosso observador perspicaz poderia ter concluído que não era uma alma comum a que habitava o corpo daquela criança-mulher desgarrada, da qual o tímido Matthew Cuthbert tinha um receio risível.

Matthew, no entanto, foi poupado do martírio de ter de falar primeiro, pois a menina se levantou assim que o percebeu vindo até ela. Com das mãos magras e bronzeadas, agarrou a alça da maleta de lona surrada e antiquada, e estendeu a outra a ele.

— Presumo que seja o sr. Matthew Cuthbert, de Green Gables? — perguntou ela com uma voz peculiar, clara e doce. — Estou muito feliz por vê-lo. Já estava com medo de

que o senhor não viesse me buscar e já imaginava todas as coisas que poderiam tê-lo impedido. Já havia resolvido que se o senhor não chegasse, à noite eu iria pela trilha até aquela grande cerejeira silvestre lá na curva e passaria a noite lá. Eu não teria nem um pouco de medo, afinal deve ser muito bom dormir ao luar em uma cerejeira branca em flor, o senhor não acha? Poderia imaginar que estava em um salão de mármore, não é mesmo? Eu tinha certeza de que o senhor viria me buscar amanhã de manhã, caso não conseguisse vir hoje à tarde.

Matthew tomara desajeitadamente aquela mãozinha esquelética, e naquele momento decidiu o que fazer. Não podia dizer àquela criança de olhos brilhantes que houvera um engano. Iria levá-la para casa e deixar que Marilla fizesse isso. De qualquer forma, ela não poderia ser deixada em Bright River, independentemente do erro cometido. Por isso, todas as perguntas e explicações também poderiam ser adiadas até que ela estivesse em segurança em Green Gables.

— Desculpe o atraso — murmurou, acanhado. — Venha comigo. O cavalo está no pátio. Dê-me a sua maleta.

— Eu mesma posso carregá-la — refutou a criança alegremente. — Não está pesada. Tudo o que tenho no mundo está nela, mas não está pesada. E se não for carregada de uma certa maneira, a alça se solta. Por isso é melhor que eu leve, pois sei o jeito certo de fazer isso. É uma maleta de lona extremamente antiga. Estou muito

contente que tenha vindo, mesmo que tivesse sido gostoso dormir em uma cereja silvestre. Temos um bom caminho a percorrer, não é? A sra. Spencer disse que são treze quilômetros. Fiquei contente, porque adoro viajar. Ah, acho maravilhoso ir morar na sua casa e pertencer a vocês. Nunca pertenci a ninguém, não mesmo. Mas o orfanato foi o pior. Só estive lá por quatro meses, mas foi o suficiente. Acho que o senhor nunca foi um órfão em um orfanato, por isso talvez não consiga entender como é. É pior do que qualquer coisa que possa imaginar. A sra. Spencer disse que era ruim eu falar assim, mas não tenho a intenção de ser má. É fácil ser perverso sem perceber, não é? Eram boas pessoas, sabe, as do orfanato. Mas há muito pouca margem para a imaginação em um orfanato, apenas outros órfãos. Era muito interessante imaginar coisas sobre eles: que talvez a menina que se sentou ao lado fosse, na verdade, a filha de um duque raptada ainda na infância por uma babá cruel que morreu antes que pudesse confessar. Eu costumava ficar acordada durante a noite imaginando coisas assim, pois não tinha tempo durante o dia. Acho que é por isso que sou tão magra. Estou extremamente magra, não? Sou carne e osso. Adoro me imaginar bonita e rechonchuda, com covinhas nos cotovelos.

Com isso, a companheira de Matthew parou de falar, em parte porque estava sem fôlego, e em parte porque haviam chegado à carroça. Não disse nem mais uma palavra até deixarem a aldeia e descerem uma encosta

íngreme, cujo trecho de estrada fora cortado tão profundamente no solo macio que sua beira, margeada de cerejeiras silvestres floridas e bétulas brancas e esguias, ficava a poucos centímetros acima de suas cabeças.

A criança esticou a mão e quebrou um ramo de ameixeira silvestre que arranhou a lateral da carroça.

— Não é linda? Em que esta árvore o faz pensar, ao inclinar-se assim na beira da estrada, toda branca e rendilhada?

— Ora, bem... sei lá — disse Matthew.

— Em uma noiva, é claro! Uma noiva toda de branco com um lindo véu enevoadado. Nunca vi nenhuma, mas imagino. Eu mesma não espero jamais ser uma noiva. Sou tão feia que ninguém vai querer se casar comigo, a menos que seja um missionário estrangeiro (suponho que um missionário estrangeiro não deva ser muito exigente). Mas espero algum dia ter um vestido branco. Este é o meu ideal mais elevado de felicidade terrena. Adoro roupas bonitas. Que eu me lembre, nunca tive um só vestido bonito em toda a minha vida. Mas é claro que devemos olhar sempre adiante, não é? Posso me imaginar magnificamente vestida. Hoje de manhã, quando deixei o orfanato, fiquei muito envergonhada por ter de vestir este horrendo vestido velho de flanela. Todas as órfãs têm de usar, sabe?! Um comerciante de Hopeton doou duzentos e oitenta metros de flanela ao orfanato no inverno passado. Tem gente que disse que era porque ele não conseguia vender o

tecido, mas prefiro acreditar que foi pura bondade do coração, o senhor não? Quando embarcamos no trem, senti como se todos me olhassem com pena. Mas acabei me esforçando para imaginar que usava o mais lindo vestido azul-claro de seda... porque quando imaginamos, podemos muito bem imaginar algo que valha a pena!... e um grande chapéu com flores e plumas ondulantes, um relógio de ouro, luvas e botas de pelica. Aí eu me senti mais animada e aproveitei a viagem para a Ilha com a maior boa vontade. Não fiquei nem um pouco enjoada no barco. Nem a sra. Spencer, muito embora ela geralmente fique. Ela falou que não tinha tempo para ficar enjoada, tendo que tomar conta para que eu não caísse do barco. Disse que nunca viu ninguém parecida comigo. Mas se isso evitou que ficasse mareada, foi um ato de misericórdia o meu, não foi? Queria ver tudo o que havia para ser visto naquele barco porque não sabia se teria outra oportunidade. Ah, mais cerejeiras em flor! Esta ilha é o lugar mais florido que existe! Já adoro este lugar e estou tão contente por poder morar aqui! Sempre ouvi falar que a Ilha Príncipe Edward era o lugar mais bonito do mundo, e costumava me imaginar morando aqui, mas nunca achei que pudesse acontecer. É sensacional quando nossos sonhos se tornam realidade, não é? Mas estas estradas vermelhas são muito engraçadas! Quando entramos no trem em Charlottetown e as estradas vermelhas começaram a aparecer, perguntei à sra. Spencer o que as

tornava vermelhas. Ela disse que não sabia e que, pelo amor de Deus, não lhe fizesse mais perguntas. Disse que eu já devia ter feito umas mil perguntas. Imagino que sim, mas como vamos saber sobre as coisas se não fizermos perguntas? O que faz com que as estradas sejam vermelhas?

— Ora, bem... sei lá — respondeu Matthew.

— Bem, esta é uma das coisas que terei de descobrir em algum momento. Não é maravilhoso pensar em tudo o que há para se descobrir? Isso me faz ficar feliz por estar viva. É um mundo tão interessante! Não seria nem a metade de interessante se soubéssemos tudo de tudo, não? Então, não haveria margem para a imaginação, haveria? Estou falando demais? As pessoas sempre me dizem que falo demais. Prefere que eu não fale? Se quiser, eu paro. Posso parar quando eu me decido, embora seja meio difícil.

Matthew, para sua própria surpresa, estava se divertindo. Como a maioria das pessoas caladas, gostava dos faladores quando se dispunham a falar sozinhos, sem esperar que ele participasse da conversa. Mas nunca esperou desfrutar da companhia de uma menininha. As mulheres em geral eram muito más, mas as meninas eram ainda piores. Detestava o jeito como elas passavam por ele timidamente, olhando de lado como se achassem que ele as fosse comer vivas se dissessem uma palavra. As típicas meninas bem-educadas de Avonlea eram assim. Mas aquela feiticeira sardenta era muito diferente e, embora

fosse bastante difícil para a sua rasa inteligência acompanhar os velozes processos mentais, achava que “talvez gostasse da tagarelice dela”. Então replicou, tão timidamente como de costume:

— Olha, você pode falar o quanto quiser. Não me importo.

— Bem, fico contente. Sei que o senhor e eu nos daremos bem. É um alívio falar quando se quer, e não escutar que “as crianças devem ser vistas, não ouvidas”. Já me disseram isso um milhão vezes, ou algo parecido. As pessoas riem de mim porque uso palavras compridas e difíceis. Mas se temos grandes ideias, temos que usar palavras sofisticadas para expressá-las, não é?

— Ora, bem... Acho que faz sentido.

— A sra. Spencer disse que minha língua deveria ser cortada ao meio. Mas não adianta: está firmemente fixada em uma extremidade. A sra. Spencer contou que a sua residência se chama Green Gables. Perguntei a ela tudo sobre a casa. Ela contou que era cercada de árvores. Fiquei feliz como nunca. Simplesmente adoro árvores! Não havia nem mesmo uma no orfanato, apenas uns caules mirrados no canteiro da frente, com pequenas coisinhas caídas sobre elas. Aquelas árvores também pareciam órfãs, isso sim. Só de olhar para elas, dava vontade chorar. Eu costumava dizer a elas: “Ai, coitadinhas! Se estivessem em um grande bosque com outras árvores ao redor, um pouco de musgo e campânulas crescendo sobre suas raízes, um

riacho não muito distante e pássaros cantando em seus ramos, vocês iriam crescer, não iriam? Mas aí onde estão, não conseguem. Sei exatamente como se sentem, arvorezinhas”. Eu fiquei muito triste por deixá-las para trás, hoje cedo. Nos apegamos a coisas assim, o senhor não? Existe um riacho perto de Green Gables? Esqueci de perguntar à sra. Spencer sobre isso.

— Ora, bem... sim, tem um logo na encosta da casa.

— Muito chique. Morar perto de um riacho sempre foi um dos meus sonhos. Porém nunca na vida esperava que isso fosse acontecer. Os sonhos não se tornam realidade com frequência, não é? Não seria bom se fosse assim? Mas agora eu me sinto quase completamente feliz. Não me sinto completamente feliz porque, bem... como chamaria esta cor?

Ela torceu uma de suas longas tranças brilhantes sobre o ombro fino e segurou-a diante dos olhos de Matthew. Ele não estava acostumado a ter uma opinião sobre cores de tranças femininas, mas naquele caso não poderia haver muita dúvida.

— É vermelho, não é? — arriscou ele.

A menina deixou a trança cair nas costas com um suspiro que parecia vir desde seus dedos dos pés e exalar todo um sofrimento acumulado havia muito tempo.

— Sim, é vermelho — confirmou, resignada. — Agora o senhor vê por que não consigo ser completamente feliz. Ninguém é, se for ruivo. Não me importo tanto com as

outras coisas: as sardas, os olhos verdes e minha magreza. Posso me imaginar livre delas. Posso imaginar que tenho uma pele igual a uma pétala de rosa e olhos de um violeta brilhante. Mas não consigo me imaginar sem o cabelo ruivo, por mais que me esforce. Penso comigo mesma: “Agora meu cabelo é de um preto glorioso, preto como asa de corvo”. Mas o tempo todo estou ciente de que é apenas de um vermelho singelo, e isso parte meu coração. Será a minha grande tristeza para sempre. Li uma vez em um romance sobre uma menina que tinha uma amargura permanente, mas não era por causa de cabelo ruivo. Seu cabelo era de puro ouro e caía ondulante sobre a testa de alabastro. O que é uma testa de alabastro? Nunca descobri. Pode me dizer?

— Ora, bem... sinto muito, mas não sei — respondeu Matthew, que já estava ficando meio zozzo. Sentiu-se exatamente como quando, em sua tenra meninice, um outro garoto o levava a um carrossel durante um piquenique.

— Bem, seja lá o que for, deve ser algo positivo, porque ela era divinamente linda. Alguma vez imaginou a sensação de ser divinamente lindo?

— Ora, bem... não, nunca — confessou Matthew, com toda ingenuidade.

— Eu já, muitas vezes. O que preferiria ser, se tivesse escolha: divinamente bonito, incrivelmente inteligente ou angelicamente bom?

— Ora, bem... eu... eu não sei dizer.

— Nem eu, não consigo me decidir. Mas não faz muita diferença, pois não é provável que eu venha a ser nada disso. Tenho certeza de que nunca serei angelicamente boa. A sra. Spencer diz... Oh, sr. Cuthbert! Oh, sr. Cuthbert!! Oh, sr. Cuthbert!!!

Não foi isso que a sra. Spencer dissera, nem a criança caíra da carroça, nem Matthew fizera nada de surpreendente. Haviam simplesmente feito uma curva na estrada e encontravam-se na “Avenida”.

A Avenida, assim chamada pelo povo de Newbridge, era um trecho de trezentos e cinquenta a quatrocentos metros de estrada, totalmente envolta por um arco de macieiras enormes e frondosas, plantadas havia anos por um fazendeiro excêntrico. Na parte de cima, as copas tinham flores branco-neve perfumadas. Sob os galhos, a atmosfera era uma penumbra arroxeadada e, muito à frente, as cores do pôr do sol brilhavam como uma grande rosácea no transepto das catedrais.

Essa beleza a atingiu em cheio e a deixou muda. Entrelaçou as mãos finas, inclinou-se para trás e ergueu o rosto, arrebatada pelo esplendor branco logo acima. Mesmo após saírem da Avenida, já descendo a longa encosta que levava a Newbridge, ela continuava sem se mover ou falar. Ainda extasiada, admirou ao longe o pôr do sol e as visões que se sucediam pela paisagem iluminada. Cruzaram Newbridge, uma pequena aldeia movimentada

onde cães latiam para eles, crianças davam gritinhos e faces curiosas espreitavam das janelas. Assim seguiram, ainda em silêncio. Mesmo depois de mais cinco quilômetros, a criança seguia calada. Era evidente que ela conseguia manter silêncio com o mesmo vigor com que desatava a falar.

— Acho que deve estar muito cansada e faminta — arriscou-se Matthew finalmente, considerando ser esse o motivo para o longo silêncio. — Já estamos perto, só falta um quilômetro e meio.

Ela saiu de seu devaneio com um suspiro e dirigiu a ele o olhar sonhador de uma alma errante que havia vagado para longe, guiada pelas estrelas.

— Oh, sr. Cuthbert — sussurrou ela —, aquele lugar por onde passamos... aquele lugar esbranquiçado, o que era?

— Ora, bem... você deve estar falando da Avenida — disse Matthew após alguns momentos de reflexão. — É um lugar bem bonito.

— Bonito? Ah, “bonito” não parece ser a palavra certa. Nem “lindo”. Não exprimem o suficiente. Ah, é um lugar fabuloso, fabuloso! Foi a primeira coisa que conheci que não poderia ser melhorada com a imaginação. É reconfortante! — exclamou, pondo a mão sobre o peito. — Dá uma dorzinha esquisita aqui, mas gostosa. Alguma vez sentiu uma dor como esta, sr. Cuthbert?

— Ora, bem... não lembro se senti.

— Sinto isso muitas vezes, sempre que vejo algo realmente bonito. Mas eles não deviam chamar aquele lugar deslumbrante de “Avenida”. Um nome assim não significa nada. Deviam chamá-lo, deixe-me ver... Caminho Alvo do Deleite. Não é um nome criativo? Quando não gosto do nome de um lugar ou de uma pessoa, sempre imagino um novo, e passo a pensar neles assim. Havia uma menina no orfanato chamada Hepzibah Jenkins, mas sempre a imaginei como Rosalia DeVere. As outras pessoas podem chamar aquele lugar de Avenida, mas eu sempre o chamarei de Caminho Alvo do Deleite. Falta realmente só pouco mais de um quilômetro para chegarmos em casa? Fico ao mesmo tempo contente e triste. Lamento, pois esta viagem foi muito agradável, e sempre fico triste quando coisas boas terminam. Algo ainda mais agradável pode vir depois, mas nunca temos plena certeza. Muitas vezes, acontece de não ser tão agradável. Em todo caso, esta é a minha experiência de vida. Mas estou contente de pensar que vamos chegar em casa. Sabe, eu nunca tive um verdadeiro lar, que eu me lembre. Só de pensar em ter um lar de verdade me dá aquela dorzinha gostosa. Ah, é tão bonito!

Ultrapassaram o cume de uma colina. Lá embaixo avistava-se uma lagoa que parecia um rio, de tão longa e sinuosa. Uma ponte a atravessava ao meio, e de lá até sua extremidade posterior, onde uma faixa de bancos de areia em tons âmbar delimitavam o golfo azul-escuro, a água era

um resplendor de tons: sombras espectrais em açafão, rosa e verde etéreos, e outros matizes fugazes jamais nomeados. Além da ponte, a lagoa era circundada por bosques de abetos e bordos, que produziam um oscilante sombreado escuro e translúcido. Aqui e ali, uma ameixeira silvestre inclinava-se na beira da água como uma menina de vestido branco olhando seu próprio reflexo na ponta dos pés. Do charco à cabeça da lagoa chegava o coro nítido, doce e melancólico das rãs. Mais além, uma pequena casa cinza despontava em uma encosta, rodeada por um pomar branco de macieiras e, embora ainda não estivesse totalmente escuro, uma luz já brilhava em uma de suas janelas.

— Esta é a lagoa dos Barry — explicou Matthew.

— Também não gosto desse nome. Chamarei de... deixe-me ver... Lagoa das Águas Resplandecentes. Sim, esse é o nome adequado para ela. Sei disso por causa do arrepio. Quando encontro um nome que se ajusta com exatidão, sinto um arrepio. Às vezes alguma coisa o deixa arrepiado?

Matthew removeu um pouco.

— Ora, bem... Sim. Sempre fico meio arrepiado quando vejo as larvas brancas e feias dos pepinos nos canteiros. Detesto olhar para elas.

— Bom, não acho que seja exatamente o mesmo tipo de arrepio. Acha que pode ser? Não parece haver muita ligação entre larvas feias e lagoas de águas

resplandcentes, será que há? Mas por que a chamam de lagoa dos Barry?

— Imagino que seja porque o sr. Barry mora lá naquela casa. O nome da residência é Orchard Slope. Se não fosse por essa mata atrás dela, daria para ver Green Gables daqui. Mas temos de passar pela ponte e contorná-la pela estrada, por isso ainda estamos a cerca de oitocentos metros de casa.

— O sr. Barry tem alguma filha pequena? Bem, não muito pequena, mais ou menos do meu tamanho.

— Tem uma de mais ou menos onze anos. Seu nome é Diana.

— Ah! — fez ela, suspirando profundamente. — Que nome mais bonito!

— Ora, bem... Sei lá. Me parece um nome muito pagão. Prefiro Jane, Mary ou qualquer outro nome sensato como esses. Mas quando Diana nasceu, um professor estava hospedado lá, e deixaram que desse o nome à criança. Ele escolheu Diana.

— Gostaria de ter tido um professor como esse circulando por onde eu nasci, então. Oh, chegamos na ponte. Vou fechar bem os olhos. Sempre tenho medo de passar sobre pontes. Fico imaginando que, quando estivermos bem no meio dela, ela se dobrará como um canivete e nos engolirá. Então eu fecho os olhos. Mas tenho sempre de abri-los quando penso que estamos próximos do meio. Porque, sabe, se a ponte realmente se

dobrar, eu quero ver. Que estrondo divertido faria! Sempre gosto da parte do estrondo. Não é esplêndido que haja tantas coisas para se gostar neste mundo? Pronto, passamos. Agora vou olhar para trás. Boa noite, querida Lagoa das Águas Resplandecentes. Sempre desejo boa-noite às coisas que amo, exatamente do mesmo modo que desejo às pessoas. Acho que gostam. Aquelas águas parecem estar sorrindo para mim.

Depois de subirem a colina seguinte e darem a volta, Matthew anunciou:

— Estamos bem perto de casa agora. Aquela lá em cima é Green Gables.

— Oh, não diga! — interrompeu-o, perdendo o fôlego e pegando em seu braço, que estava meio levantado. Estava de olhos fechados para não ver para onde Matthew apontava. — Deixe-me adivinhar. Tenho certeza de que vou adivinhar.

Abriu os olhos e observou em volta. Estavam no cume de uma colina. O sol já havia se posto há algum tempo, mas a paisagem ainda estava iluminada pelo suave lusco-fusco. A oeste, a torre escura de uma igreja despontava contra o céu cor de calêndula. Abaixo havia uma pequena depressão e, mais além, um aclave longo e suave com aconchegantes casas de fazenda dispersas. Os olhos da criança iam de uma para a outra, ávidos e ansiosos. Por fim, afastando-se da estrada, tomaram uma saída à esquerda, vagamente alva e com árvores floridas na

penumbra do bosque à sua volta. Sobre eles, no céu cinzento a sudoeste, uma grande estrela brilhava como uma lâmpada, dando orientação e esperança.

— É aquela, não é? — ela exclamou, indicando.

Matthew, divertindo-se, bateu as rédeas no dorso da égua.

— Ora, bem, adivinhou! Mas acho que a sra. Spencer a descreveu, pelo que sei.

— Não, ela não contou, juro. Tudo o que ela disse poderia também se aplicar à maioria das outras casas. Eu não tinha uma ideia precisa de como era. Mas assim que a vi, senti que estava em casa. Parece que estou sonhando. Sabe, meu braço deve estar roxo e azul do cotovelo para cima, porque já me belisquei muitas vezes hoje. De vez em quando, eu tinha uma horrível sensação de enjoo e medo de que tudo isso fosse só um sonho. Então eu me beliscava para constatar que era real. Então entendi que, mesmo que fosse apenas um sonho, seria melhor continuar sonhando enquanto pudesse. E parei de me beliscar. Mas é real, e estamos quase em casa.

Após um suspiro de arrebatamento, ela ficou em silêncio novamente. Matthew se mexeu, inquieto. Sentiu certo alívio por ser Marilla, e não ele, quem teria de dizer à criança abandonada que, no fim das contas, o lar que ela almejava não seria dela. Eles passaram por Lynde's Hollow quando já estava bem escuro, mas não tão escuro a ponto de que a sra. Lynde não os enxergasse de sua janela

estratégica. Subiram a colina pela alameda de Green Gables. No momento em que chegaram em casa, Matthew estava todo encolhido, oprimido por uma estranha força, por conta da revelação iminente. Não pensava no problema que o engano provavelmente acarretaria a Marilla e a ele mesmo, mas na decepção da criança. Quando imaginava que a luz arrebatadora dos olhos da menina logo seria apagada, sentia um incômodo, como se ele ajudasse a matar algo — o mesmo tipo de sentimento que tinha quando era obrigado a sacrificar um cordeiro, um bezerro ou outra criatura inocente.

O pátio estava escuro quando chegaram, e as folhas dos álamos produziam um rumor sedoso ao seu redor.

— As árvores falam enquanto dormem — sussurrou ela, enquanto ele a erguia e a colocava no chão. — Que lindos sonhos devem ter!

Então, segurando firmemente a maleta de lona com “tudo o que tinha no mundo”, ela o seguiu para dentro da casa.

MARILLA CUTHBERT SE SURPREENDE

Quando Matthew abriu a porta da frente, Marilla veio rápido. Mas quando seu olhar caiu sobre a pequena e estranha figura de vestido grosseiro, com longas tranças de cabelo vermelho e ávidos olhos luminosos, ela estacou, espantada.

— Matthew Cuthbert, quem é esta? — indagou. — Onde está o menino?

— Não havia menino nenhum na estação — disse Matthew, sem jeito. — Havia apenas *ela*.

Ele indicou com a cabeça, percebendo que sequer havia perguntado seu nome.

— Nenhum menino! Mas devia ter um menino — insistiu Marilla. — O recado que enviamos à sra. Spencer era para que nos trouxesse um menino.

— Bem, não foi isso o que ela fez. Trouxe *ela*. Perguntei ao chefe da estação. E tive de trazê-la para casa. Não importa o erro, mas ela não podia ser deixada lá.

— Bem, este é um grande problema! — vociferou Marilla.

Durante a conversa, a criança ficou em silêncio enquanto seus olhos se alternavam de um para o outro e toda sua empolgação desvanecia. De repente, ela pareceu entender o que estava sendo dito. Deixou cair sua preciosa

maleta de lona, deu um passo à frente e entrelaçou as mãos.

— Vocês não me querem! — gritou. — Não me querem porque não sou um menino! Eu devia ter desconfiado. Ninguém nunca me quis. Eu devia saber que era bom demais para ser verdade. Devia saber que ninguém me quer, realmente. Oh, o que vou fazer agora? Vou me afogar em lágrimas!

De fato, desatou a chorar. Sentando-se em uma cadeira, cruzou os braços e enterrou o rosto neles e chorou sem trégua sobre a mesa. Do lado oposto ao fogão, Marilla e Matthew se entreolharam aflitos. Nenhum dos dois sabia o que dizer ou fazer. Por fim, Marilla encontrou uma brecha e disse sem muita convicção:

— Bem, bem, não precisa chorar por causa disso.

— Preciso, sim! — A criança levantou a cabeça rapidamente, revelando o rosto molhado e os lábios trêmulos. — A senhora também choraria se fosse órfã e chegasse a um lugar onde achasse que seria seu lar, mas depois descobrisse que não a querem porque não é um menino. Ai, esta é a coisa mais trágica que me aconteceu na vida!

Algo como um sorriso relutante, um pouco enferrujado pelo prolongado desuso, suavizou a expressão sombria de Marilla.

— Bem, pare de chorar. Não vamos expulsar você de casa hoje à noite. Terá de ficar aqui até investigarmos o caso. Qual é o seu nome?

A criança hesitou por um momento.

— Por favor, poderia me chamar de Cordelia? — respondeu ansiosamente.

— Chamá-la de Cordelia? É esse o seu nome?

— Nããão, não é exatamente o meu nome, mas adoraria ser chamada de Cordelia. É um nome tão elegante!

— Não sei que raios você quer dizer. Se Cordelia não é o seu nome, qual é?

— Anne Shirley — confessou com certa relutância —, mas por favor me chamem de Cordelia. Afinal, pouco importa como me chamem se vou ficar aqui por pouco tempo, não é? Além disso, Anne é um nome nada romântico...

— Que besteira, isso de romântico! — exclamou Marilla friamente. — Anne é um nome comum e apropriado. Não precisa ter vergonha dele.

— Não, eu não tenho vergonha dele — explicou Anne —, só que gosto mais de Cordelia. Já faz alguns anos que imagino que o meu nome seja Cordelia. Quando eu era pequena, costumava imaginar que fosse Geraldine, mas agora gosto mais de Cordelia. Porém, se me chamarem de Anne, por favor pronunciem Anne como se escrito com “e” no final.

— Que diferença faz como é escrito? — questionou Marilla com outro sorriso forçado, enquanto pegava o bule.

— Ah, faz toda a diferença. Fica muito melhor.

Quando se escuta um nome em voz alta, não se consegue visualizá-lo na mente, como se estivesse escrito? Eu consigo. A-n-n é horrroso, mas A-n-n-e fica muito mais elegante. Se pelo menos me chamarem de Anne escrito com “e”, tentarei aceitar que não me chamo Cordelia.

— Muito bem, então, Anne com “e”, você pode nos contar como ocorreu esse engano? O recado que enviamos à sra. Spencer era para que nos trouxesse um menino. Não havia meninos no orfanato?

— Ah, sim, havia muitíssimos. Mas a sra. Spencer disse claramente que vocês queriam uma menina de mais ou menos onze anos. A supervisora disse que achava que eu serviria. Vocês não viram a minha felicidade? Não consegui dormir nada ontem à noite, de tanta alegria. Oh!

— acrescentou ressentida, voltando-se para Matthew: — Por que o senhor não me disse na estação que não me queriam? Podia ter me deixado por lá mesmo... Se eu não tivesse visto o Caminho Alvo do Deleite e a Lagoa das Águas Resplandcentes, não seria tão difícil.

— Que raios ela quer dizer com isso? — interrogou Marilla, encarando Matthew.

— Ela... ela está se referindo à nossa conversa na estrada — explicou apressadamente. — Vou levar a égua para o estábulo, enquanto você prepara o chá.

— A sra. Spencer trouxe mais alguém além de você? — continuou Marilla, depois de Matthew sair.

— Trouxe Lily Jones, com quem ela mesma vai ficar. Lily tem apenas cinco anos de idade e é linda, com cabelo castanho-claro. Se eu fosse linda e tivesse cabelo castanho-claro, vocês ficariam comigo?

— Não. Queremos um menino que ajude Matthew na fazenda. Uma menina não seria útil para nós. Tire o chapéu. Vou colocar a bolsa e o chapéu na mesinha do hall de entrada.

Anne tirou o chapéu docilmente. Matthew voltou logo e todos se sentaram para o lanche. Mas Anne não conseguia comer nada. Em vão, mordiscou o pão com manteiga e serviu-se de um pouquinho da conserva de maçã-silvestre do pote de vidro esmaltado perto dela. Mas não passou disso.

— Você não está comendo nada — disse Marilla, seca, fitando-a como se fosse uma falha grave. Anne suspirou.

— Não consigo. Estou em profundo desespero. A senhora consegue comer quando está em profundo desespero?

— Nunca estive em profundo desespero, por isso não sei dizer — retorquiu Marilla.

— Não, mesmo? Bem, alguma vez tentou imaginar estar em profundo desespero?

— Não, nunca.

— Então não acho que possa entender como é. É uma sensação muito incômoda. Quando tentamos comer alguma coisa, sobe um nó na garganta e ela se fecha, aí não conseguimos engolir nada, nem mesmo um caramelo de chocolate. Experimentei um caramelo de chocolate uma vez, há dois anos, e era simplesmente delicioso. Desde então, comecei a sonhar que tenho caramelos de chocolate à vontade, mas sempre acordo bem na hora em que vou comer. Espero que não se ofenda por eu não conseguir comer. Tudo está extremamente gostoso, mas, mesmo assim, não consigo comer.

— Acho que ela está cansada — entrevistou Matthew, que não dissera nada desde que voltara do estábulo. — É melhor colocá-la na cama, Marilla.

Marilla não sabia ao certo onde Anne deveria dormir. Havia preparado um sofá na copa para o tão esperado menino. Mas embora fosse limpo e arrumado, não parecia muito adequado instalar uma menina lá. O quarto de hóspedes estava fora de cogitação para uma criança abandonada, portanto restou apenas o quarto do frontão leste. Marilla acendeu uma vela e ordenou a Anne que a seguisse, o que a menina fez com desânimo, pegando o chapéu e a maleta de lona da mesinha do hall de entrada ao passar. O corredor estava espantosamente limpo, e o pequeno quarto em que ela foi instalada parecia ainda mais limpo.

Marilla pôs o candelabro sobre uma mesa triangular e ajeitou a roupa de cama.

— Suponho que tenha uma camisola? — perguntou.

Anne assentiu:

— Sim, tenho duas. A supervisora do orfanato as fez para mim. São muito apertadas. Nunca há o suficiente para todos em um orfanato, por isso as coisas são sempre precárias, pelo menos em um orfanato pobre como o nosso. Odeio camisolas justas. Mas podemos sonhar tão bem dentro destas quanto naquelas adoráveis e soltas com babados em volta do pescoço, e isso é um consolo.

— Bem, vista-se o mais rápido e vá para a cama. Voltarei em alguns minutos para pegar a vela. Não me atrevo a confiar que você a apague. Provavelmente tocaria fogo na casa.

Quando Marilla saiu, Anne olhou à sua volta com tristeza. As paredes caiadas eram dolorosamente nuas, e ao vê-las, imaginava que sua nudez as magoasse. O piso também era despojado, exceto por um tapete trançado redondo no meio do quarto, de um tipo que Anne nunca vira antes. A cama, alta e antiquada, ficava em um canto. Tinha quatro colunas baixas, escuras e retorcidas. No outro canto ficava a mencionada mesa triangular, adornada com um alfineteiro de veludo vermelho, espesso e rígido o suficiente para entortar o mais arrojado dos alfinetes. Acima dela havia um pequeno espelho de quinze por vinte centímetros pendurado na parede. Bem no meio entre a

mesa e a cama ficava a janela com uma cortina de musselina branco-gelo em babados e, do lado oposto, o lavabo. Todo o quarto era de uma austeridade extrema e impossível de ser descrita em palavras, o que dava um arrepio na coluna de Anne. Com um soluço, rapidamente tirou a roupa, vestiu a camisola justa, enfiou-se na cama de bruços, afundou o rosto no travesseiro e puxou as roupas de cama sobre a cabeça. Quando Marilla subiu para apanhar o castiçal, as várias peças de roupa espalhadas no chão sem o menor cuidado e a aparência revolta da cama eram os únicos indícios da presença de alguma outra pessoa.

Determinada, ela recolheu e arrumou as roupas de Anne, colocando-as sobre uma rústica cadeira amarela e, em seguida, pegou a vela e foi até a cama.

— Boa noite — disse ela, de maneira desajeitada, mas não rude.

O rosto branco e os olhos grandes de Anne surgiram de baixo da roupa de cama com uma intempestividade surpreendente.

— Como pode dizer boa-noite, quando sabe que deverá ser a pior noite que terei na vida? — esbravejou Anne, mergulhando novamente na invisibilidade.

Marilla desceu lentamente para a cozinha e continuou a lavar os pratos do jantar. Matthew estava fumando, um indício certo de que estava perturbado. Raramente fumava porque Marilla, contrariada, dizia que era um

hábito nojento. Porém, em certas ocasiões ou temporadas, sentia-se impelido a fumar. Marilla aceitava, pois sabia que um homem simples deve ter algum tipo de desabafo para suas emoções.

— Bom, é uma bela confusão! — exclamou, irada. — É isso que dá mandar recado em vez irmos em pessoa. A família de Richard Spencer de alguma forma distorceu a mensagem. Um de nós terá de visitar a sra. Spencer amanhã, isso é certo. Esta menina terá de ser enviada de volta ao orfanato.

— É, acho que sim — replicou Matthew, relutante.

— Você *acha* que sim? Não tem certeza?

— Ora, bem... Ela é uma gracinha, Marilla. É uma pena enviá-la de volta, quando está tão determinada a ficar aqui.

— Matthew Cuthbert, você não quer dizer que devemos ficar com ela!

Se Matthew tivesse dito que gostaria de plantar bananeira, o espanto de Marilla não seria tão grande.

— Ora, bem... não, acho que não... não exatamente — gaguejou, constrangido e sem saber o que dizer. — Acho que... dificilmente se poderia esperar que ficássemos com ela.

— Eu diria que não. Que bem ela poderia fazer a nós?

— Nós poderíamos ser bons para ela — alegou Matthew repentina e inesperadamente.

— Matthew Cuthbert, acho que aquela criança o enfeitiçou! Posso ver, claro como água, que você quer ficar com ela.

— Ora, bem... Ela é mesmo uma pequenina interessante — insistiu Matthew. — Você devia ter ouvido ela falar, da estação até aqui.

— É, de fato ela consegue falar bem rápido. Já deu para perceber. Isso também não conta nada a favor dela. Não gosto de crianças tagarelas. Não quero uma menina órfã e, se quisesse, não seria o tipo que eu escolheria. Há algo que não entendo a respeito dela. Não, ela tem de ser enviada de volta para onde veio imediatamente.

— Eu poderia contratar um menino francês para me ajudar, e ela seria uma companhia para você.

— Não sofro de falta de companhia — contestou Marilla, decidida. — Não vou ficar com ela.

— Ora, bem... Que seja exatamente como você diz, é claro, Marilla — disse Matthew, levantando-se e descartando o fumo de seu cachimbo. — Vou dormir.

Assim, Matthew foi para a cama. E, após terminar com os pratos, também foi Marilla, de cenho franzido e decidida. No frontão leste do andar de cima, uma criança solitária, com o coração partido e sem amigos, chorou até adormecer.

MANHÃ EM GREEN GABLES

Já era dia claro quando Anne acordou, sentou-se na cama e olhou confusa para a janela através da qual os alegres raios de sol a saudavam. Lá fora, alguma coisa esbranquiçada e plumosa acenava, interpondo-se ao céu azul.

Por um momento, não se lembrou de onde estava. Primeiro sentiu uma emoção deliciosa, algo muito agradável, mas, depois, uma lembrança terrível. Estava em Green Gables, e não a queriam porque ela não era um menino!

Mas era de manhã e, ah, sim, havia uma cerejeira em flor lá fora da janela. Pulou da cama para o chão. Subiu o caixilho da janela, que estava emperrado e rangeu como não fosse aberto há muito tempo — o que era mesmo o caso. Estava tão travada que se mantinha aberta sem necessidade do calço.

Anne caiu de joelhos e olhou para aquela manhã de junho, seus olhos vidrados de contentamento. Ah, não é lindo? Não é um lugar bonito? Suponhamos que ela não fosse mesmo ficar ali — contudo, ela imaginaria que fosse ficar. Havia margem para a imaginação naquele lugar.

Havia uma enorme cerejeira, tão perto da janela que seus galhos roçavam e batiam na parede, e estava tão carregada de flores que mal se via alguma folha. Em ambos

os lados da casa havia dois grandes pomares, um de macieiras e outro de cerejeiras, também recobertas de flores. A relva estava toda salpicada de dentes-de-leão. No jardim logo abaixo havia arbustos de lilases com flores roxas, e sua fragrância doce e estonteante ascendia até a janela com a brisa matinal.

Para além do jardim, uma campina de um verde exuberante, recoberta de trevos, descia até o vale onde o riacho corria. Ali, dezenas de bétulas brancas haviam crescido e sob elas brotava uma deliciosa contingência de vegetação rasteira, como samambaias, musgos e galhos caídos. Ao fundo havia uma colina verde pontilhada de pinheiros-do-canadá e abetos. Em uma clareira via-se o canto de um frontão cinza da pequena casa que Anne observara do outro lado da Lagoa das Águas Resplandecentes.

À esquerda havia grandes celeiros e, para além deles, na parte baixa da encosta de campinas verdes, um vislumbre cintilante do mar azul.

Anne, sempre apaixonada pela beleza, vagou os olhos pela paisagem absorvendo avidamente cada detalhe. A pobre criança estivera em tantos lugares desagradáveis e feios em sua vida que para ela aquele cenário era belo como jamais sonhara.

Ela se ajoelhou, alheia a tudo exceto à beleza ao seu redor, até que se assustou com um toque em seu ombro. Marilla viera em silêncio até a pequena sonhadora.

— É hora de se vestir — ordenou ela secamente.

Marilla realmente não sabia como falar com a criança, e sua ignorância constrangedora fazia com que soasse curta e grossa, mesmo sem intenção.

Anne levantou-se e suspirou profundamente.

— Oh, não é maravilhoso? — disse ela, fazendo um gesto que abarcava o mundo lá fora.

— É uma árvore grande — comentou Marilla — e bem florida, mas não dá muitas frutas: são pequenas e bichadas.

— Ah não me refiro apenas à árvore. É claro que é maravilhosa, sim, é radiante e floresce como tem de ser. Eu quis dizer tudo, o jardim e o pomar e o riacho e o bosque, o grande e querido mundo inteiro. Não se sente como se simplesmente amasse o mundo todo, em uma manhã como esta? Consigo escutar a risada do riacho por todo o seu percurso até chegar aqui. Alguma vez reparou como os riachos são alegres? Estão sempre rindo. Mesmo no inverno, dá para escutá-los sob o gelo. Estou tão feliz por haver um riacho perto de Green Gables! Talvez ache que não faz nenhuma diferença para mim, pois não ficarão comigo, mas faz sim. Sempre me lembrarei com prazer de que existe um riacho em Green Gables, mesmo que nunca mais o veja. Se não houvesse um riacho, seria assombrada para sempre com a incômoda sensação de que deveria haver um. Não estou em profundo desespero, agora de manhã. Pela manhã, nunca fico. Não é esplêndido que

existam as manhãs? Mas estou muito triste. Fiquei imaginando se eu fosse exatamente quem vocês queriam, e assim ficaria aqui para sempre. Foi um grande consolo enquanto durou. Mas a pior parte de imaginar as coisas é que chega uma hora em que devemos parar, e isso dói.

— É melhor você se vestir e descer, e esquecer dessas fantasias — avisou Marilla, assim que houve uma brecha para que falasse. — O café da manhã está servido. Lave o rosto e penteie o cabelo. Deixe a janela aberta, dobre os lençóis e ponha-os ao pé da cama. Faça tudo o mais rápido possível.

Ficou evidente que Anne era capaz de se apressar quando necessário, pois em dez minutos já estava no térreo com as roupas bem ajustadas, o cabelo penteado e trançado, o rosto lavado e uma consciência límpida que permeava sua alma por ter cumprido todas as exigências de Marilla. No entanto, havia se esquecido de dobrar a roupa de cama.

— Estou com bastante fome agora de manhã — anunciou, deslizando para a cadeira que Marilla colocara para ela. — O mundo hoje não parece um deserto uivante como ontem à noite. Estou contente que seja uma manhã ensolarada. Mas também gosto muito das manhãs chuvosas. Todos os tipos de manhãs são interessantes, não acha? Não se sabe o que vai acontecer ao longo do dia, e há tanta margem para a imaginação. Mas estou contente por hoje não estar chovendo, porque em um dia ensolarado é

mais fácil ficar alegre e aguentar a aflição. Tenho a sensação de que terei um bom tanto para aguentar hoje. É muito bom ler sobre o sofrimento e imaginar-se superando-o heroicamente, mas não é tão bom quando realmente é o seu, não é?

— Pelo amor de Deus, feche a matraca! — ordenou Marilla. — Para uma menina, você fala demais.

Anne fechou a boca imediatamente, e foi tão obediente que o silêncio prolongado acabou por deixar Marilla um tanto nervosa, como se estivesse na presença de algo não exatamente natural. Matthew também ficou de boca fechada, mas no seu caso era natural, de forma que a refeição correu completamente silenciosa.

À medida em que o tempo passava, Anne se distraía cada vez mais, comendo mecanicamente e com seus grandes olhos inabaláveis perdidos no céu através da janela. Isso deixou Marilla mais nervosa ainda. Tinha uma sensação desagradável de que, embora o corpo daquela criança estranha estivesse ali à mesa, seu espírito estava longe, no mundo das nuvens, levado pelas asas da imaginação. Quem iria querer uma criança assim em casa?

Contudo, Matthew queria que ela ficasse, o que era inexplicável. Marilla sabia que esse era o seu desejo, tanto naquela manhã como na noite anterior, e que ele não deixaria de desejar. Este era o jeito de Matthew: enfiava uma ideia na cabeça e agarrava-se a ela com uma

persistência silenciosa e surpreendente, dez vezes mais potente e efetiva do que se a externasse.

Quando a refeição terminou, Anne saiu de seu devaneio e ofereceu-se para lavar os pratos.

— Você sabe lavar a louça direito? — inquiriu Marilla, desconfiada.

— Sim, muito bem. No entanto, sou melhor cuidando de crianças. Tenho muita experiência nisso! É uma pena que não tenham nenhuma aqui para eu cuidar.

— Não ia querer nenhuma outra criança para cuidar além da que já tenho no momento. Você já é problema suficiente sendo uma só! Não sei o que fazer com você. Matthew é um homem ridículo!

— Eu o acho encantador — discordou Anne. — Ele é tão amável! Não se importa com o quanto eu falo. Até parece gostar. Senti que éramos almas amigas assim que o vi.

— São ambos bem esquisitos, se isso é o que você quer dizer com almas amigas — disse Marilla, bufando. — Sim, pode lavar os pratos. Use bastante água quente e seque tudo direitinho. Tenho muito o que fazer esta manhã, pois à tarde terei de ir a White Sands visitar a sra. Spencer. Você irá comigo e resolveremos o que deve ser feito de você. Depois que terminar com a louça, suba e faça a sua cama.

Anne lavou os pratos com habilidade, como bem observou Marilla, de olho na menina. Um pouco mais tarde, fez a cama com menos destreza, pois nunca

aprendera a arte de lutar com um edredom. Seja como for, o serviço foi feito, e ela então desceu sem fazer ruído. Para se livrar dela, Marilla disse que poderia sair e brincar até a hora do almoço.

Anne voou para a porta com o rosto iluminado e os olhos brilhando. No umbral da porta, parou de repente, girou sobre os próprios pés, voltou e sentou-se à mesa. A luz e o brilho de seus olhos simplesmente desapareceram, como se apagados por um extintor de incêndio.

— Qual é o problema agora? — questionou Marilla.

— Não me atrevo a sair — respondeu Anne com o tom de uma mártir que acaba de renunciar a todas as alegrias terrenas. — Se não posso morar aqui, não adianta começar a gostar de Green Gables. Se eu for lá para fora e conhecer todas essas árvores e flores, o pomar e o riacho, não serei capaz de não amar este lugar. Já é duro o suficiente, por isso não vou dificultar mais ainda. Quero muito sair. Parece que estão me chamando, “Anne, Anne, venha aqui fora com a gente! Anne, Anne, queremos uma amiga para brincar!”, mas é melhor não. Não adianta amar as coisas se seremos apartados delas, adianta? E é tão difícil evitar amar as coisas, não é? Foi por isso que fiquei tão feliz quando pensei que moraria aqui. Achei que teria tantas coisas para amar, e nada para me impedir. Mas esse sonho se acabou muito cedo. Agora estou resignada ao meu destino. Por isso, acho que não vou sair, por medo de que a

despedida doa demais. Por favor, qual é o nome daquele gerânio no peitoril da janela?

— É uma malva-de-cheiro.

— Ah, não quis dizer esse tipo de nome. Queria saber que nome lhe deu. Não lhe deu um nome? Posso dar um, então? Posso chamá-la de, deixe-me ver... Bonny lhe cai bem. Posso chamá-la de Bonny enquanto estiver aqui? Deixe, por favor!

— Deus meu, eu não me importo! Mas por que raios dar nome a uma malva?

— Ah, gosto de poder conversar com as coisas, mesmo que sejam apenas malvas. Faz com que se pareçam mais com as pessoas. Como sabe se não fere os sentimentos de uma malva chamá-la só de malva? A senhora não gostaria de ser chamada só de mulher o tempo todo. Sim, darei o nome de Bonny. Hoje de manhã dei um nome para a cerejeira que fica perto da janela do meu quarto. Ela se chama Rainha da Neve porque é toda branca. É claro que nem sempre estará em flor, mas podemos imaginar que está, não é?

— Nunca vi nada parecido em toda a minha vida — murmurou Marilla, batendo em retirada para pegar algumas batatas no celeiro. — Ela é um espécime interessante, como diz Matthew. Já fico até curiosa para saber o que raios ela dirá em seguida. Ela também vai lançar seu feitiço em mim. Já enfeitiçou Matthew. O olhar dele quando saiu reiterou tudo o que disse ou deu a

entender na noite passada. Gostaria que ele fosse como os outros homens, que desembucham logo o que têm a dizer. Assim eu poderia contestar e argumentar. Mas o que fazer com um homem que fica só olhando?

Quando Marilla retornou de sua peregrinação ao celeiro, Anne havia recaído nos devaneios, com o queixo apoiado nas mãos e os olhos no céu. Marilla deixou-a em paz até servir o almoço.

— Imagino que eu possa usar a charrete e a égua esta tarde, não é, Matthew? — pediu Marilla.

Matthew assentiu com a cabeça e olhou para Anne, melancólico. Marilla interceptou seu olhar e disse, severa:

— Vou até White Sands solucionar essa questão. Levarei Anne comigo, e a sra. Spencer provavelmente tomará providências para enviá-la de volta à Nova Escócia de uma vez. Vou deixar o chá preparado. Estarei de volta a tempo de ordenhar as vacas.

Matthew também não disse nada dessa vez, e Marilla teve a sensação de ter desperdiçado palavras e fôlego. Não havia nada mais irritante do que alguém que não respondia, a não ser que fosse uma mulher.

Ele atrelou a alazã na charrete logo em seguida, e Marilla e Anne partiram. O fazendeiro então abriu a porteira do pátio e, enquanto elas saíam lentamente, anunciou, aparentemente para ninguém:

— O pequeno Jerry Buote, de Creek, esteve aqui esta manhã, e eu lhe disse que tinha a intenção de contratá-lo para o verão.

Marilla não respondeu, mas bateu na pobre alazã com um cruel estalo do chicote. A égua gorda, desacostumada com tal tratamento, relinchou indignada e desceu a alameda em um ritmo impressionante. Marilla olhou para trás uma vez, com a charrete aos saltos, e viu o irritante Matthew inclinado sobre a porteira, olhando melancolicamente para elas.

A HISTÓRIA DE ANNE

Sabe — confidenciou Anne —, decidi desfrutar desta jornada. Pela minha experiência, quase sempre podemos apreciar as coisas se focarmos a mente no que queremos. Mas, claro, temos de ser firmes. Enquanto estivermos nesta nossa excursão, não vou pensar que tenho de voltar ao orfanato. Vou pensar apenas no próprio passeio. Ali, olhe, uma pequena rosa silvestre temporã! Não é bonita? Não acha que deve ser bom ser uma rosa? Não seria bom se as rosas falassem? Tenho certeza de que nos diriam coisas lindas. Rosa não é a cor mais apaixonante de todas? Adoro, mas não posso usá-la. Ruivos não podem usar cor-de-rosa, nem mesmo na imaginação. Já conheceu alguém que, quando era jovem, tinha o cabelo vermelho, mas que quando cresceu, ele mudou de cor?

— Não, acho que não — negou Marilla, impiedosamente —, e tenho quase certeza de que isso não acontecerá no seu caso.

Anne suspirou.

— Bem, outra esperança que se esvai. “Minha vida é um perfeito cemitério de esperanças enterradas.” Li essa frase em um livro. Sempre que estou desapontada com tudo, eu a repito para me consolar.

— Não vejo onde está o consolo — retrucou Marilla.

— Bom, é que... É que é muito romântica e soa bem, como se eu fosse uma heroína de um livro, sabe. Adoro coisas românticas, e um cemitério cheio de esperanças enterradas é a coisa mais romântica de se imaginar, não é? Fico contente por ter um. Vamos atravessar a Lagoa das Águas Resplandecentes hoje?

— Não, não vamos passar sobre a lagoa dos Barry, se é isso o que quer dizer com Lagoa das Águas Resplandecentes. Iremos pela estrada costeira.

— Estrada costeira parece ser um lugar lindo — repetiu Anne, sonhadora. — É tão bonita quanto parece? Quando disse “estrada costeira”, eu vislumbrei a imagem imediatamente na minha cabeça! White Sands também é um nome bonito, mas gosto ainda mais de Avonlea. Avonlea é um nome lindo. Parece música. White Sands fica longe?

— A oito quilômetros. Como você está evidentemente determinada a falar, será útil se puder me contar o que sabe sobre si mesma.

— Ah, o que sei sobre mim mesma não vale a pena ser contado — retorquiu Anne, ansiosa. — Se me permite, posso contar o que imagino sobre mim, e verá que é muito mais interessante.

— Não, não quero saber de nenhuma das suas fantasias. Apenas atenha-se aos fatos. Comece do início. Onde você nasceu e quantos anos tem?

— Completei onze anos de idade em março — respondeu Anne, atendo-se aos fatos com um suspiro. Nasci em Bolingbroke, na Nova Escócia. O nome de meu pai era Walter Shirley, e ele era professor do ensino médio em Bolingbroke. O nome da minha mãe era Bertha Shirley. Walter e Bertha não são nomes lindos? Fico muito contente que os meus pais tenham nomes bonitos. Seria uma verdadeira vergonha ter um pai chamado... bem, digamos... Jedediah, não acha?

— Acho que não importa o nome de uma pessoa, mas seu caráter — contestou Marilla, na tentativa de inculcar-lhe uma moral boa e proveitosa.

— Bom, não estou convencida. — Anne estava pensativa. — Uma vez li num livro que se uma rosa tivesse qualquer outro nome, teria o mesmo doce perfume, mas nunca consegui acreditar. Não acredito que uma rosa seria tão bonita se fosse chamada de alcachofra ou de repolho. Imagino que meu pai poderia ter sido um bom homem mesmo que se chamasse Jedediah, mas tenho certeza de que teria sido uma cruz para ele. Bem, minha mãe também era professora do ensino médio, mas desistiu de lecionar quando se casou com o papai, claro. Um marido já era responsabilidade suficiente. A sra. Thomas disse que eram um casal jovem, e pobres como ratos de igreja. Eles foram morar em uma casa amarela minúscula em Bolingbroke. Nunca vi essa casa, mas já a imaginei milhares de vezes. Eu acho que devia ter madressilvas sobre a janela da sala,

lilases no pátio da frente e lírios-do-campo logo na entrada do portão. Ah, sim, e cortinas de musselina em todas as janelas. Cortinas de musselina dão um ar interessante a uma casa. Eu nasci naquela casa. A sra. Thomas disse que eu era o bebê mais feioso que ela já vira. Eu era pequenina e esquelética, nada mais do que olhos, mas minha mãe achava que eu era absolutamente linda. Prefiro acreditar que uma mãe sabe julgar melhor do que uma mulher pobre que veio fazer a faxina, não é? De qualquer forma, sou feliz por minha mãe ter gostado de mim. Eu ficaria triste se ela achasse que eu era uma decepção, porque ela não viveu por muito tempo depois disso, sabe. Ela morreu de febre quando eu tinha apenas três meses de idade. Gostaria que tivesse vivido por mais tempo, assim eu teria a recordação de tê-la chamado de mãe. Acho que teria sido muito bom dizer “mamãe”, não é? Meu pai morreu quatro dias depois, também de febre. Portanto fiquei órfã, e a sra. Thomas me contou que ninguém sabia o que fazer comigo. Veja, ninguém me queria já naquela época. Parece ser o meu destino. Ambos os meus pais tinham vindo de lugares distantes, e sabia-se que não tinham parentes vivos. Finalmente, a sra. Thomas disse que ficaria comigo, embora fosse pobre e tivesse um marido bêbado. Ela mesma me criou e educou, pessoalmente. Sabe se há alguma coisa em ser educada por alguém “pessoalmente” que faça com que gente criada assim seja melhor do que os outros? Porque sempre que eu

era malcriada, a sra. Thomas me dava bronca e perguntava como eu podia ser uma menina tão má, sendo que eu fora criada e educada por ela mesma, pessoalmente.

“O sr. e a sra. Thomas se mudaram de Bolingbroke para Marysville, e morei com eles até os oito anos. Eu ajudava a tomar conta das crianças. Havia quatro delas, todas menores que eu, e posso dizer que elas requeriam muita atenção. Depois o sr. Thomas morreu quando caiu embaixo de um trem, e a mãe dele se ofereceu para levar a sra. Thomas e as crianças para morar com ela, mas não me queria. A sra. Thomas disse que não tinha ideia do que fazer comigo. Daí a sra. Hammond, que morava rio acima, sabendo que eu era boa em lidar com crianças, disse que ficaria comigo. Então subi o rio para morar com ela em uma clareira na floresta. Era um lugar muito solitário. Tenho certeza de que nunca poderia ter vivido lá se não tivesse imaginação. O sr. Hammond trabalhava em uma pequena serraria lá perto. A sra. Hammond teve oito filhos. Teve gêmeos três vezes. Gosto de bebês em número pequeno, mas gêmeos três vezes seguidas é demais! Eu disse isso à sra. Hammond com muita firmeza, quando o último par chegou. Carregá-los de cá para lá me deixava terrivelmente cansada.

“Morei no rio acima com a sra. Hammond por mais de dois anos, então o sr. Hammond morreu, e a sra. Hammond deu um basta nas tarefas domésticas. Ela distribuiu os filhos entre os parentes e foi para os Estados

Unidos. Tive de ir para o orfanato em Hopeton, porque ninguém me aceitava. Nem no orfanato me queriam, pois diziam que estavam superlotados, e estavam mesmo. Mas tiveram de me aceitar, e fiquei lá durante quatro meses, até a sra. Spencer chegar.”

Anne encerrou com um outro suspiro, dessa vez de alívio. Era evidente que não gostava de contar sobre suas experiências em um mundo que não a tinha desejado.

— Você chegou a ir para a escola? — interrogou Marilla, guiando a égua alazã para a estrada costeira.

— Não muito. Fui um pouco durante o último ano em que fiquei com a sra. Thomas. Quando fui para o rio acima, estávamos tão longe de uma escola que no inverno eu não podia ir caminhando, e aí tinham as férias no verão. Então eu só podia ir na primavera e no outono. Mas claro, fui enquanto estava no orfanato. Consigo ler muito bem e sei de cor muitos trechos de poemas: a *A batalha de Hohenlinden*, *Edimburgo depois de Flodden*, *Bingen no Reno*, a maior parte de *Senhora do Lago* e boa parte de *As estações*, de James Thompson.⁴ A senhora não adora poemas que dão um arrepio de emoção da nuca até as costas? Há um poema no *Fifth Reader*, *A queda da Polônia*,⁵ que é muito emocionante. Claro que eu não estava no quinto ano, apenas no quarto, mas as meninas maiores costumavam me emprestar para eu ler.

— Essas mulheres, a sra. Thomas e a sra. Hammond, foram boas com você? — perguntou Marilla, olhando para Anne com o canto do olho.

— Aaaah... — hesitou Anne. Aquele sensível rostinho de repente ficou corado, com o constrangimento estampado na testa. — Ah, elas tinham *toda a intenção*. Tenho certeza de que pretendiam ser tão boas e gentis comigo quanto possível. Quando as pessoas têm a intenção de ser boas com você, não importa muito se elas não conseguem. Elas tinham muitas preocupações, sabe? É um fardo muito pesado ter um marido bêbado, e deve ser muito desgastante ter gêmeos três vezes seguidas, não acha? Mas tenho certeza de que pretendiam ser boas comigo.

Marilla não fez mais perguntas. Anne se entregou a um arrebatamento silencioso enquanto seguiam pela estrada costeira. Marilla ponderava profundamente enquanto guiava a alazã. Estava subitamente comovida, sentindo uma compaixão sincera pela criança. Que vida de privações e sem amor ela tivera! Uma vida de trabalho, pobreza e desamparo... Marilla era suficientemente astuta para deduzir a verdade nas entrelinhas da história de Anne. Não era de se admirar que a menina tivesse ficado tão encantada com a perspectiva de ter um verdadeiro lar. Era uma pena ter de ser mandada de volta. E se ela, Marilla, cedesse ao impulso irresponsável de Matthew e ficassem

com ela? Ele estava disposto a isso, e a pequenina parecia simpática e passível de ser bem ensinada.

“Ela sempre fala demais da conta”, pensou Marilla, “mas poderia ser reeducada. Além disso, não há nada de rude ou de impróprio no que ela diz. Tem algumas boas maneiras, é provável que seus pais tenham sido boa gente.”

A estrada costeira era “agreste, bravia e inóspita”. À direita, abetos cresciam espessos, ainda bastante intactos apesar dos longos anos de luta contra os ventos do golfo. À esquerda, os íngremes penhascos de arenito vermelho eram tão juntos à estrada em alguns pontos que uma égua menos equilibrada poderia atentar contra os nervos das pessoas que levava. Na base dos penhascos havia amontoados de rochas erodidas pela rebentação e pequenas enseadas arenosas incrustadas de seixos, como joias do oceano. Mais além, o mar, cintilante e azul, e acima sobrevoavam as gaivotas, com o sol refletindo prateado em suas asas.

— O mar não é maravilhoso? — exclamou Anne, com os olhos arregalados, despertando de um longo silêncio. — Uma vez, quando eu morava em Marysville, o sr. Thomas contratou uma carruagem e levou a todos nós para passar o dia no litoral a dezesseis quilômetros de distância. Aproveitei cada minuto daquele dia, mesmo tendo que cuidar das crianças o tempo todo. Revivi a aventura em sonhos felizes durante anos. Mas esta costa é mais bonita

do que a de Marysville. Essas gaivotas não são mesmo esplêndidas? Gostaria de ser uma gaivota? Acho que eu gostaria, quer dizer, se não pudesse ser humana. Não acha que seria bom acordar ao nascer do sol, mergulhar junto da superfície da água e novamente voar para o alto, nesse lindo azul, durante o dia inteiro e, à noite, voltar ao ninho? Ah, eu consigo me imaginar fazendo isso. Que casa grande é aquela à nossa frente, por favor?

— É o hotel de White Sands. O sr. Kirke é o gerente, mas a temporada ainda não começou. Multidões de americanos vêm para cá no verão. Eles acham esta costa perfeita.

— Temia que fosse a casa da sra. Spencer — choramingou Anne. Não quero chegar na casa dela. De alguma forma, chegar lá parece ser o fim de tudo.

MARILLA SE DECIDE

No entanto, chegaram, após algum tempo. A sra. Spencer morava em um casarão amarelo em White Sands Cove, e veio à porta recebê-las, com seu rosto benevolente estampando emoções confusas.

— Minhas queridas — exclamou —, vocês são as últimas pessoas que eu esperava encontrar hoje, mas estou muito feliz em vê-las. Vão colocar o cavalo para dentro? E como está, Anne?

— Estou tão bem quanto se poderia esperar, obrigada — respondeu Anne sem sorrir. Um flagelo parecia ter baixado sobre ela.

— Suponho que ficaremos um pouco, para que a égua descanse — replicou Marilla —, mas prometi a Matthew que voltaria logo. A verdade, sra. Spencer, é que ocorreu um equívoco bem esquisito, e vim até aqui para tentar entender o que houve. Matthew e eu mandamos um recado para que nos trouxesse um menino do orfanato. Pedimos ao seu irmão Robert para lhe dizer que queríamos um menino de dez ou onze anos de idade.

— Marilla Cuthbert, não diga isso! — exclamou aflita a sra. Spencer. — Eu digo que Robert enviou um recado para mim por sua filha Nancy, e ela disse que queriam uma menina, não foi, Flora Jane? — apelou à sua filha, que saíra à escada.

— Ela realmente disse isso, srta. Cuthbert — corroborou Flora Jane, séria.

— Lamento muitíssimo — complementou a sra. Spencer. — Isso não é nada bom. Mas veja, srta. Cuthbert, certamente não foi minha culpa. Fiz o melhor que pude, achando que estava seguindo suas instruções. Nancy é incrivelmente avoada. Sempre tenho que dar broncas por ser tão desatenta.

— A culpa foi nossa — disse Marilla, resignada. — Deveríamos ter vindo a vocês em pessoa, e não mandar uma mensagem tão importante apenas pelo boca a boca. Seja como for, o erro foi cometido, e a única coisa a fazer é endireitar as coisas. Podemos mandar a criança de volta ao orfanato? Acho que eles a aceitarão de volta, não?

— Acho que sim — respondeu a sra. Spencer, pensativa —, porém, creio que não será necessário. A sra. Peter Blewett veio até aqui ontem, dizendo que queria que eu enviasse uma menina para ajudá-la. A sra. Blewett tem uma família grande, sabe, e é difícil para ela conseguir ajuda. Anne será a pessoa certa. Chamo a isso de providência, certamente.

Marilla não demonstrava crer que a Divina Providência tivesse muito a ver com o assunto. Ali estava uma oportunidade inesperada para se livrar da órfã indesejada, mas ela não se sentia agradecida.

Conhecia a sra. Blewett só de vista: uma mulher pequena e rabugenta, praticamente pele e ossos. Mas tinha

ouvido falar sobre ela. Segundo diziam, a sra. Blewett era “uma péssima dona de casa”. As ajudantes que haviam sido dispensadas contavam histórias sobre seu temperamento difícil e sua avareza, bem como sobre seus filhos, petulantes e briguentos. Marilla sentiu uma dor na consciência pela possibilidade de entregar Anne aos cuidados de uma mulher assim.

— Bem, vou entrar para conversarmos sobre o assunto.

— Olhe só, e não é que a sra. Blewett vem subindo a alameda justamente neste instante! — exclamou a sra. Spencer, conduzindo suas convidadas através do hall de entrada até a sala de visitas, onde uma friagem mortal as atingiu. Era como se o ar estivesse sendo filtrado por tanto tempo pelas persianas verde-escuras completamente fechadas, que havia perdido cada partícula de calor que um dia tivera.

— Isso é que é sorte, pois poderemos resolver o problema de imediato — continuou a sra. Spencer. — Acomode-se na poltrona, srta. Cuthbert. Anne, sente-se aqui no pufe e não se mexa! Permitam-me pegar seus chapéus. Flora Jane, vá colocar a chaleira no fogo. Boa tarde, sra. Blewett. Estávamos justamente falando sobre como a sua chegada é oportuna. Senhoras, deixem-me apresentá-las: sra. Blewett, srta. Cuthbert. Perdão, peço licença por um momento. Vou dizer a Flora Jane para tirar os pãezinhos do forno.

Após levantar as persianas, a sra. Spencer escapuliu. Anne, calada, sentada no pufe com as mãos entrelaçadas firmemente no colo, encarava a sra. Blewett, como que fascinada. Será que seria entregue aos cuidados daquela mulher de rosto afilado e olhos penetrantes? Sentiu um nó se fechar na garganta, e seus olhos ardiam. Já sentia medo de não conseguir conter as lágrimas quando a sra. Spencer retornou, corada e radiante, disposta a resolver toda e qualquer dificuldade, fosse física, mental ou espiritual, desvencilhando-se dela.

— Parece ter ocorrido um equívoco a respeito desta menina, sra. Blewett — começou a explicar. — Fiquei com a ideia de que o sr. e a srta. Cuthbert queriam adotar uma menina. Isto me foi dito, mas parece que queriam um menino. Por isso, se ainda continua com a mesma ideia de ontem, acho que ela cairá como uma luva para a senhora.

A sra. Blewett olhou Anne da cabeça aos pés.

— Quantos anos tem e qual é o seu nome? — interrogou.

— Anne Shirley — respondeu a criança, gaguejando e tremendo, sem ousar fazer quaisquer indicações sobre a grafia de seu nome —, e tenho onze anos.

— Hum! Você não parece muito esperta. Porém é magrinha. Não sei, mas as mais magrinhas acabam sendo melhores, no fim das contas. Bem, se eu te levar, terá de ser uma boa menina, sabe, boa, esperta e respeitosa. Espero que você faça por merecer, pois é assim que deve

ser. Sim, acho que posso tirá-la de suas mãos, srta. Cuthbert. O bebê é mal-humorado e agitado, e estou cansada de cuidar dele. Se quiser, posso levá-la para casa agora mesmo.

Marilla olhou para Anne e amoleceu ao ver a face pálida da criança, com um olhar de infelicidade velada, a infelicidade de uma criaturinha desamparada que se encontra, mais uma vez, presa na armadilha da qual havia escapado. Marilla teve a constrangedora certeza de que, caso se negasse ao apelo daquele olhar, ele a assombraria até ao dia de sua morte. Além disso, não simpatizava com a sra. Blewett. Entregar uma criança sensível e emotiva a uma mulher daquelas! Não, não poderia ser responsável por isso.

— Bem, eu não sei — respondeu vagarosamente. — Eu não disse que Matthew e eu não ficaríamos com ela de jeito nenhum. Na verdade, Matthew está claramente disposto a ficar com ela. Vim somente para descobrir como ocorreu o erro. Acho que seria melhor levá-la para casa novamente e conversar com Matthew. É melhor não decidir nada sem consultá-lo. Se decidirmos não ficar com ela, amanhã à noite a traremos ou enviaremos. Caso contrário, saberão que ela ficará conosco. Assim está bem, sra. Blewett?

— Suponho que tenha de estar — redarguiu grosseiramente a sra. Blewett.

Durante a fala de Marilla, um alvorecer iluminou o rosto de Anne. Primeiro, a expressão de desespero

desapareceu. Em seguida, surgiu um débil lampejo de esperança: seus olhos cresceram, profundos e brilhantes como estrelas matinais. A criança estava transfigurada. No instante seguinte, quando a sra. Spencer e a sra. Blewett saíram para procurar uma receita que a última havia pedido, ela deu um pulo e voou pela sala até Marilla.

— Ah, srta. Cuthbert, disse realmente que talvez eu possa ficar em Green Gables? — cochichou com um sussurro esbaforido, como se falar em voz alta pudesse romper o encanto. — Disse isso mesmo, ou só imaginei?

— Acho que seria melhor você aprender a controlar essa sua imaginação, Anne, se não consegue distinguir entre o que é real e o que não é — respondeu Marilla, zangada. — Sim, você me ouviu dizer isso mesmo, nada mais, nada menos. Ainda não está decidido. Talvez cheguemos à conclusão de que a sra. Blewett deva levar você, no fim das contas. Com toda certeza, ela precisa de você muito mais do que eu.

— Prefiro voltar ao orfanato do que morar com ela — resmungou Anne, ansiosa. — Ela tem olhos de... de rapina.

Marilla sufocou um sorriso, mas sabia que deveria chamar a atenção de Anne por tal observação.

— Uma menina como você deveria ter vergonha de falar assim de uma senhora, ainda mais se não a conhece — disse severamente. — Volte para o seu lugar e sente-se quieta, feche a matraca e comporte-se como uma boa menina.

— Vou tentar fazer e ser qualquer coisa que queira, se me adotar — disse Anne, voltando docilmente ao seu pufe.

Quando elas retornaram a Green Gables naquela noite, Matthew foi ao seu encontro na alameda. Já de longe, Marilla havia notado que ele rondava por ali, e adivinhou o motivo. Esperava ver o alívio em seu rosto ao saber que pelo menos trouxera Anne de volta. Mas não disse nada a ele sobre o caso até estarem no pátio atrás do celeiro, ordenhando as vacas. Nesse momento, contou-lhe brevemente a história de Anne e o resultado do encontro com a sra. Spencer.

— Eu não daria um cachorro meu àquela mulher Blewett — disse Matthew com um vigor atípico.

— Também não gosto nada do jeito dela — admitiu Marilla —, mas será assim, ou então ficamos nós mesmos com ela, Matthew. Como você parece querer adotá-la, presumo que eu esteja... ou tenha que estar disposta a isso. Pensei na possibilidade até que, por fim, me acostumei com a ideia. Parece uma espécie de dever. Nunca criei uma criança, especialmente uma menina, e imagino que errarei muito, mas darei o melhor de mim. No que me diz respeito, Matthew, ela pode ficar.

O rosto do tímido Matthew iluminou-se de satisfação.

— Ora, bem... eu esperava que você veria as coisas por esse ângulo, Marilla. Ela é uma pequenina bem interessante.

— Seria melhor se você dissesse que ela é útil — retrucou Marilla —, mas vou tomar para mim mesma a tarefa de treiná-la para tanto. E Matthew, trate de não interferir nos meus métodos. Talvez uma velha solteirona não entenda muito sobre criar uma criança, mas imagino que saiba mais do que um velho celibatário. Portanto, deixe que eu lide com ela. Se eu falhar, então você pode meter o bedelho.

— Calma, Marilla, você pode fazer do seu próprio jeito — tranquilizou-a. — Apenas seja tão boa e gentil quanto puder, mas sem mimá-la. Acho que ela acabará fazendo o que queremos, se conseguirmos conquistá-la.

Marilla fungou para expressar seu desprezo pelas opiniões de Matthew a respeito do universo feminino e encaminhou-se para o galpão de ordenha com os baldes.

“Não vou contar a ela hoje à noite que poderá ficar”, refletiu enquanto coava o leite nas desnatadeiras. “Ela ficaria tão entusiasmada que não pregaria os olhos. Marilla Cuthbert, você está bem envolvida na coisa. Já havia imaginado que um dia adotaria uma órfã? É muito surpreendente, mas a surpresa maior é Matthew estar por trás de tudo isso, justamente ele, que sempre pareceu ter um pavor mortal de meninas. De qualquer forma, decidimos tentar, e só Deus sabe no que vai dar.”

ANNE FAZ A SUA PRECE

ao levar Anne para a cama naquela noite, Marilla disse com firmeza:

— Olhe, Anne, na noite passada você tirou a roupa e jogou no chão. Não posso permitir um desleixo desses. Assim que você tirar qualquer peça de roupa, dobre-a e coloque na cadeira. Meninas que não cuidam bem das coisas não têm nenhuma serventia.

— Ontem à noite eu estava tão chateada que nem me lembrei das roupas — desculpou-se Anne. — Hoje vou dobrá-las muito bem. No orfanato, tínhamos de dobrá-las também. Porém, na metade das vezes eu me esquecia, na pressa de ficar na cama tranquila e imaginando coisas.

— Se vai ficar aqui, não poderá se esquecer — alertou Marilla. — Pronto, está bom assim. Agora faça a sua prece e vá para acama.

— Eu nunca rezo — afirmou Anne.

Marilla ficou horrorizada.

— Ora, Anne, o que quer dizer? Nunca lhe ensinaram a rezar? Deus sempre quer que as meninas façam suas preces. Não sabe quem é Deus, Anne?

— Deus é um espírito infinito, eterno e imutável em seu ser. É sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade — respondeu Anne, ligeira e loquaz.

Marilla pareceu bastante aliviada.

— Então alguma coisa você sabe, graças aos céus! Não é tão pagã. Onde você aprendeu isso?

— Ah, na Escola Dominical, no orfanato. Eles nos fizeram aprender o catecismo. Eu gostava. Há algo de esplêndido em algumas das falas. “Infinito, eterno e imutável”. Não é magnífico? É como se tivessem um propósito, como um grande órgão tocando. Acho que não podemos chamar de poesia, mas é quase igual, não acha?

— Não estamos falando de poesia, Anne. Estamos falando de rezar. Você não sabe que é péssimo não fazer suas preces todas as noites? Receio que você seja uma menina muito má.

— As ruivas têm mesmo mais chances de serem más — retrucou Anne. — Os que não têm cabelo ruivo não sabem o enorme problema que é. A sra. Thomas me contou que Deus fez o meu cabelo assim vermelho *de propósito* e, desde então, nunca mais quis saber dele. De qualquer forma, à noite estava sempre cansada demais para me dar ao trabalho de rezar. Não se pode esperar que alguém que cuide de gêmeos faça as suas preces, ou a senhora acha honestamente que sim?

Marilla concluiu que a formação religiosa de Anne deveria ser iniciada de imediato. Obviamente, não havia tempo a perder.

— Enquanto estiver sob o meu teto, terá de fazer suas preces, Anne.

— Claro que sim, o que a senhora quiser — concordou Anne, alegremente. — Farei qualquer coisa para agradá-la. Contudo, desta vez terá de me ensinar. Depois que eu for para a cama, vou imaginar uma prece muito boa para fazer sempre. Acho que será muito interessante, agora que pensei nisso.

— Você deve se ajoelhar — disse Marilla, sem jeito.

Anne ajoelhou-se junto a Marilla e olhou para ela seriamente.

— Por que as pessoas devem se ajoelhar para rezar? Se eu realmente quisesse rezar, gostaria de estar em um grande campo, sozinha, ou no interior de um bosque, então ergueria os olhos para o céu, bem no alto, para o belo céu que parece que não ter fim, nas profundezas de seu azul vibrante. Então eu apenas *sentiria* uma prece. Bom, estou pronta. O que devo dizer?

Marilla ficou mais sem jeito do que nunca. Sua intenção era ensinar a Anne o clássico infantil “Agora me deito para dormir”. Mas tendo, como já vimos, lampejos de senso de humor — o que é simplesmente um outro nome para o senso de adequação das coisas —, de repente lhe ocorreu que aquela prece simples e curta, consagrada para a primeira infância e balbuciada nos joelhos maternos, era totalmente inadequada para aquela bruxinha sardenta que não conhecia e pouco se importava com o amor divino. Afinal, nunca havia sido explicado a ela de forma carinhosa.

— Você é grande o suficiente para orar sozinha, Anne — disse por fim. — Apenas agradeça a Deus por suas bênçãos e, humildemente, peça a ele o que você deseja.

— Bem, vou tentar o meu melhor — prometeu Anne, afundando o rosto no colo de Marilla. — Misericordioso Pai Celestial... é assim que os ministros a dizem na igreja, então presumo que caia bem nas orações particulares, não é? — interrompeu ela, levantando a cabeça por um momento. Então prosseguiu:

Misericordioso Pai Celestial, agradeço ao Senhor pelo Caminho Alvo do Deleite e pela Lagoa das Águas Resplandecentes, e por Bonny e pela Rainha da Neve. Sou realmente muito grata por eles. Estas são todas as bênçãos nas quais eu consigo pensar neste momento para lhe agradecer.

Quanto às coisas que desejo, são tão numerosas que levaria muito tempo para dizer todas elas, portanto mencionarei somente as duas mais importantes: por favor, deixe-me ficar em Green Gables; e, por favor, faça com que eu seja bonita quando crescer.

*Subcrevo-me, atenciosamente,
Anne Shirley*

— Aí está, fiz certo? — perguntou ansiosamente ao se levantar. — Poderia ter floreado muito mais, se tivesse um pouco de tempo para pensar.

A pobre Marilla só não teve um colapso pois se deu conta de que essa petição inusitada não era falta de respeito de Anne, mas simplesmente ignorância espiritual. Pôs a criança na cama, prometendo a si mesma que no dia seguinte, sem falta, ensinaria uma oração a Anne. Já estava saindo do quarto com o castiçal, quando Anne a chamou de volta:

— Acabo de pensar que deveria ter dito “Amém” em vez de “Subscrevo-me, atenciosamente”, não é? É assim que os sacerdotes fazem. Tinha me esquecido disso, mas achei que a prece deveria ser concluída de alguma forma, então acrescentei esse outro final. Acha que fará alguma diferença?

— Imagino que não. Agora durma, como uma boa criança. Boa noite.

— Hoje posso dizer boa-noite com a consciência tranquila — afirmou, aconchegando-se faustosamente entre os travesseiros.

Marilla se retirou para a cozinha, colocou a vela sobre a mesa e fitou Matthew:

— Matthew Cuthbert, já era tempo que essa criança fosse adotada e ensinada. Ela é praticamente uma selvagem. Acredita que, até esta noite, ela nunca havia feito uma prece na vida? Amanhã vou mandá-la ao presbitério para que pegue emprestada a série *Nascer do dia*,⁶ é o que vou fazer. E ela irá para a Escola Dominical assim que eu lhe costurar algumas roupas adequadas. Já

vejo que terei muito a fazer. Bem, bem, não podemos passar por este mundo sem o nosso quinhão de problemas. Até agora, tive uma vida bem fácil. Mas a minha hora finalmente chegou, e suponho que terei de fazer o melhor possível.

COMEÇA A EDUCAÇÃO DE ANNE

Por razões que só ela sabia, Marilla não disse a Anne que poderia ficar em Green Gables já pela manhã. Manteve a criança ocupada com várias tarefas, enquanto a observava de canto do olho. Ao meio-dia, concluiu que Anne era inteligente e obediente, disposta a trabalhar e que aprendia rápido. Seu maior defeito era a tendência a sonhar acordada no meio de uma tarefa, até que uma reprimenda ou um acidente a trouxessem de volta à Terra.

Quando Anne acabou de lavar a louça do almoço, subitamente confrontou Marilla com uma expressão de quem estava pronta a enfrentar o pior. Seu corpinho magro tremia da cabeça aos pés, seu rosto ficou vermelho e seus olhos se dilataram até ficarem quase negros. Apertou as mãos com força e implorou:

— Oh, por favor, srta. Cuthbert, não vai me dizer se me mandará embora ou não? Tentei ter paciência durante toda a manhã, mas sinceramente não aguento ficar sem saber por muito mais tempo. É uma aflição terrível. Diga-me, por favor.

— Você não escaldou o pano de prato em água quente, como eu mandei — retrucou Marilla, sem se abalar. — Vá e faça isso antes de fazer perguntas, Anne.

Anne obedeceu e foi lavar o pano de prato. Em seguida, voltou-se para Marilla e encarou-a com olhos suplicantes.

— Bem — disse Marilla, incapaz de pensar em algo para adiar mais a explicação —, presumo que deva lhe contar. Matthew e eu decidimos ficar com você; isto é, se você tentar ser uma boa menina e mostrar-se grata. O que foi, criança, qual é o problema?

— Estou chorando — respondeu Anne, desconcertada.
— Não sei por quê. Estou muitíssimo contente com a notícia. Ah, “contente” não parece ser a palavra certa. Fiquei contente com o Caminho Alvo e com as cerejeiras em flor, mas isto? Isto é mais do que ficar contente. Estou tão feliz! Vou tentar ser muito boazinha. Será um esforço árduo, eu acho, porque a sra. Thomas me disse muitas vezes que eu era muito má. Mas darei o melhor de mim. Pode me explicar por que estou chorando?

— Suponho que seja por estar emocionada e empolgada — replicou Marilla com desaprovação. — Sente-se nesta cadeira e tente se acalmar. Acho que você chora e ri com muita facilidade. Sim, você pode ficar aqui, e vamos tentar fazer o melhor por você. Você deverá ir à escola. No entanto, como faltam só quinze dias até as férias, não vale a pena começar antes que a escola reabra em setembro.

— Como posso chamá-la? — indagou Anne. — Devo sempre chamá-la de srta. Cuthbert? Posso chamá-la de tia Marilla?

— Não, você me chamará apenas de Marilla. Não gosto de ser chamada de srta. Cuthbert, pois me deixa nervosa.

— Parece-me desrespeitoso dizer simplesmente Marilla — protestou Anne.

— Acho que não tem nada de desrespeitoso, se você me tratar com respeito. Todos em Avonlea, jovens e velhos, me chamam Marilla, exceto o reverendo. Ele diz srta. Cuthbert, quando se lembra do meu nome.

— Adoraria chamá-la de tia Marilla — afirmou Anne, tristonha. — Nunca tive uma tia ou qualquer parente, nem mesmo uma avó. Seria como se eu fosse sua parente de verdade. Posso chamá-la de tia Marilla?

— Não. Não sou sua tia e não acho correto chamar pessoas com nomes que não lhes cabem.

— Mas poderíamos imaginar que fosse minha tia.

— Eu, não — retorquiu Marilla, severamente.

— Nunca imagina as coisas diferentes do que são? — perguntou Anne com os olhos arregalados.

— Não, nunca.

— Oh! — suspirou Anne profundamente. — Ah, srta. Marilla, não sabe o que está perdendo!

— Não acho certo imaginar coisas diferentes do que são — confirmou Marilla. — Quando o Senhor nos coloca em certas circunstâncias, não quer que inventemos

fantasias e nos livremos delas. E isso me faz lembrar de uma coisa. Vá até a sala de estar, Anne, mas antes limpe bem os pés e não deixe entrar moscas. Traga-me o cartão ilustrado que está na cornija da lareira. É a Oração do Senhor, e você dedicará seu tempo livre esta tarde para decorá-la. Não quero mais preces como a que escutei ontem à noite.

— Imagino que tenha sido bem estranho — desculpou-se —, mas veja, eu nunca aprendi nenhuma oração. Não se pode esperar que a primeira prece de uma pessoa seja muito boa, não é? Como prometi, criei uma oração fantástica ontem depois que fui para a cama. Era quase tão longa quanto a de um reverendo, e tão poética! Mas acredita que não consegui me lembrar de uma só palavra quando acordei hoje de manhã?! Acho que nunca conseguirei criar outra assim tão boa. De alguma forma, uma coisa recriada nunca é tão boa como a original, já reparou nisso?

— Eis aqui algo em que deve ficar atenta, Anne. Quando eu lhe digo para fazer uma coisa, quero que me obedeça imediatamente, e não que fique discursando sobre o assunto. Vá e faça como mandei.

Anne foi de imediato para a sala de estar, do lado oposto do hall, mas demorava a voltar. Após esperar dez minutos, Marilla colocou seu tricô de lado e marchou até ela com uma expressão sombria. Encontrou Anne com a cabeça nas nuvens, em pé diante de uma imagem

pendurada na parede entre as duas janelas. A luz branca e verde filtrada pelas macieiras e pelo vinhedo banhava a pequena figura absorta com uma luminosidade um tanto sobrenatural.

— Anne, sobre o que está meditando aí? — inquiriu Marilla bruscamente.

Anne voltou à Terra com um sobressalto.

— Sobre isto. — E apontou para a imagem, uma gravura muito vívida, intitulada *Cristo abençoando crianças pequenas*. — Estava imaginando que eu era uma delas, aquela menininha de vestido azul, sozinha no canto como se não pertencesse a ninguém, assim como eu. Ela parece solitária e triste, não acha? Acho que ela não tem pai nem mãe, mas ela também queria ser abençoada, então se infiltrou timidamente na multidão, esperando que ninguém a notasse, exceto ele. Sei exatamente como ela se sentia: seu coração batia forte, suas mãos frias iguais às minhas quando lhe perguntei se eu poderia ficar. Ela estava com medo de que ele não a notasse. Mas é provável que tenha notado, não acha? Tento imaginar toda a cena: ela se aproximaria aos pouquinhos até chegar bem perto dele; então ele olharia para ela e poria a mão sobre sua cabeça e, *ai!*, a comoção fluindo pelo corpo dela! Porém, teria achado melhor que o artista não o tivesse pintado com um aspecto tão sofrido. Notou que todas as suas imagens são assim?! Não acredito que ele fosse tão triste ou que as crianças tivessem medo dele.

— Anne — interrompeu Marilla, sem saber ao certo por que deixara a menina falar tanto. — Você não deve falar dessa maneira. É falta de respeito, uma grande falta de respeito.

Anne ficou espantada:

— Mas eu tentei ser o mais respeitosa possível. Não tive a intenção de ser grosseira!

— Bem, acho que não, mas não fica bem falar de maneira tão familiar sobre tais coisas. E tem mais, Anne: quando mando você me trazer alguma coisa, deve trazê-la na hora, e não ficar com a cabeça na lua diante de quadros. Lembre-se disso. Pegue este cartão e venha direto para a cozinha. Agora, sente-se no canto e memorize sua prece.

Anne pôs o cartão sobre a mesa de jantar, encostado no jarro com as flores de maçã que ela mesma trouxera. Marilla olhara para essa decoração de viés, mas não comentou. Anne apoiou o queixo nas mãos e pôs-se a estudar com a máxima atenção durante vários minutos.

— Gostei — anunciou depois de um tempo. — É lindo. Já o escutei antes. Ouvi o superintendente da Escola Dominical do orfanato recitar uma vez. Mas naquele momento, eu não gostei. Ele tinha voz de taquara rachada e falava de modo muito melancólico. Concluí que, para ele, rezar devia ser um dever desagradável. Isto não é poesia, mas faz com que eu me sinta da mesma forma. “Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome.” É como

uma partitura musical. Ah, fico feliz que tenha me dado esta oração para eu aprender, srta... Marilla.

— Bem, então decore e feche a matraca — disse Marilla, ríspida.

Anne inclinou o vaso de flores de maçã para perto de si e deu um beijo suave em um botão rosa em forma de taça. A seguir, estudou por mais alguns minutos.

— Marilla, acha que alguma vez terei uma amiga do peito em Avonlea?

— Uma... O quê? Que tipo de amiga?

— Uma amiga do peito, uma amiga íntima, sabe? Uma alma irmã a quem eu possa contar tudo o que se passa na minha cabeça. Sempre sonhei em conhecer alguém assim. Nunca achei que fosse, mas tantos dos meus desejos têm se realizado, e de uma só vez, que talvez este também se realize. Acha que pode acontecer?

— Diana Barry mora em Orchard Slope e tem mais ou menos a sua idade. É uma menina muito boazinha e, quando voltar para casa, talvez possa ser uma boa companheira para você brincar. Ela foi visitar sua tia em Carmody. No entanto, você precisará se comportar muito bem, pois a sra. Barry é uma mulher muito singular. Ela não deixaria Diana brincar com uma menina que não seja boazinha e bem-educada.

Anne olhou para Marilla através das flores de maçã com os olhos faiscando de curiosidade.

— Como Diana é? Seu cabelo não é vermelho, é? Espero que não... Já é ruim o suficiente eu ter cabelo vermelho, não suportaria que uma amiga do peito também tivesse.

— Diana é uma menina muito bonita. Tem olhos e cabelo pretos e bochechas cor-de-rosa. Ela é boa e inteligente, o que é ainda melhor do que ser bonita.

Como a Duquesa de *Alice no País das Maravilhas*, Marilla gostava de histórias com moral e, para ela, qualquer comentário feito a uma criança deveria ser construtivo. Mas Anne, imprudente, não entendeu o ela quis dizer, pois estava muito mais interessada em sua potencial amiga.

— Ah, estou tão contente por ela ser bonita. Quase tão bom como ser bonita, embora isso seja impossível, no meu caso, é ter uma amiga do peito que seja. Quando eu morava com a sra. Thomas, em sua sala de estar havia uma estante de livros com portas de vidro, mas sem livros dentro dela. A sra. Thomas guardava ali sua melhor porcelana e as conservas, isto é, quando tinha alguma. Uma das portas estava quebrada. O sr. Thomas a arreventou uma noite em que estava ligeiramente bêbado. Mas a outra estava inteira, e eu costumava imaginar que meu reflexo era uma outra menina que morava lá dentro. Chamava-a de Katie Maurice, e éramos muito íntimas. Costumava conversar com ela por horas a fio, especialmente aos domingos, e contava tudo a ela. Katie

era um alívio e um conforto na minha vida. Costumávamos fingir que a estante era encantada e que, se eu soubesse o feitiço, poderia abrir a porta e entrar direto na sala da casa de Katie Maurice, em vez das prateleiras de conservas e porcelanas da sra. Thomas. Então Katie Maurice me daria a mão e me levaria para algum lugar maravilhoso e ensolarado, repleto de flores e fadas, e viveríamos lá felizes para sempre. Quando fui morar com a sra. Hammond, fiquei com o coração partido por abandonar Katie Maurice. Ela também se sentiu terrivelmente mal, sei que sim, pois estava chorando quando me deu um beijo de despedida através da porta da estante. Não havia nenhuma estante de livros na casa da sra. Hammond. Porém, rio acima, a uma curta distância da casa, havia um pequeno vale comprido e verdejante onde vivia um eco maravilhoso. Ecoava cada palavra que eu dizia, mesmo que eu não falasse alto. Então imaginei que ele fosse uma menina chamada Violetta, e que éramos grandes amigas. Eu a amava quase tanto quanto a Katie Maurice. Sabe, não da mesma forma, mas quase. Na noite anterior a ser mandada ao orfanato, eu me despedi de Violetta. Seu adeus ecoou de volta com um som tremendamente triste. Tinha me apegado tanto a ela que, no orfanato, não tive coragem de imaginar outra amiga do peito, mesmo se houvesse alguma margem para imaginação naquele lugar.

— Acho que foi bom que não tenha imaginado nada — criticou Marilla, secamente. — Não aprovo essas fantasias.

Parece que você acredita em sua própria imaginação. Será bom para você ter uma amiga real e tirar esses disparates da cabeça. Não deixe que a sra. Barry a ouça falando sobre suas Katie Maurices e Violettas, senão ela vai achar que você conta mentiras.

— Não, não direi nada. Eu não poderia falar disso com ninguém, pois a memória delas é sagrada para mim. Mas achei que você deveria saber sobre elas. Olhe, uma abelha grande acabou de sair de uma flor de maçã. Imagine que local maravilhoso para se viver: em uma flor de maçã! Que luxo seria dormir dentro dela quando o vento a balançasse! Se eu não fosse uma menina, acho que gostaria de ser uma abelha e viver entre as flores.

— Ontem você queria ser uma gaivota — resmungou Marilla. — Acho que você é muito volátil. Eu disse para não tagarelar e aprender de cor essa oração. Mas parece que você não consegue parar de falar se tiver alguém que a ouça. Por isso, vá para o seu quarto e estude.

— Ah, mas eu já sei quase tudo, menos a última linha.

— Bem, não importa, faça o que eu digo. Vá para o seu quarto e termine de decorar, e fique lá até que eu a chame para me ajudar com o chá.

— Posso levar as flores da maçã comigo para me fazer companhia? — suplicou.

— Não. Nada de deixar seu quarto atulhado de flores. Em primeiro lugar, deveria tê-las deixado na árvore.

— Também pensei um pouco nisso — admitiu Anne.

— Senti que não devia ter encurtado suas vidas adoráveis, colhendo-as. Se eu fosse uma flor de maçã, não gostaria de ser colhida. Mas a tentação foi *irresistível*. O que faz quando se defronta com uma tentação irresistível?

— Anne, já não disse para ir para o seu quarto?

Anne suspirou, retirou-se para o frontão leste e sentou-se em uma cadeira perto da janela.

— Pronto! Já sei a prece. Decorei a última frase enquanto subia as escadas. Agora vou fantasiar algumas coisas neste quarto, para que existam para sempre na minha imaginação. O assoalho é recoberto por um tapete de veludo branco todo estampado com rosas cor-de-rosa, e há cortinas de seda rosa nas janelas. Há tapeçarias de brocado de ouro e prata nas paredes. A mobília é de mogno. Nunca vi mogno, mas parece tão luxuoso! Este é um sofá com lindas almofadas de seda rosa e azul, carmesim e dourada, e estou graciosamente reclinada sobre elas. Posso ver meu reflexo naquele grande espelho magnífico pendurado na parede. Sou alta e majestosa, trajada com um vestido de renda branca, com um pingente de cruz de pérolas no peito e pérolas no cabelo. Meu cabelo é escuro como a meia-noite, e minha pele é alva como marfim. Meu nome é lady Cordelia Fitzgerald. Não, não é. Isso eu não consigo imaginar como sendo real!

Ela dançou até o pequeno espelho e olhou-se nele. Seu rosto com sardas e os olhos de um cinza solene a espreitaram de volta.

— Você é apenas Anne de Green Gables — resignou-se —, e eu vejo você exatamente como é, embora goste de imaginar que você é lady Cordelia. Mas é um milhão de vezes melhor ser Anne de Green Gables, do que Anne de lugar nenhum, não é mesmo?

Curvou-se, beijou seu reflexo afetuosamente e acomodou-se no parapeito da janela aberta.

— Cara Rainha da Neve, boa tarde. E boa tarde, queridas bétulas lá embaixo no vale. E boa tarde, querida casa cinza sobre a colina. Será que Diana será minha amiga do peito? Espero que sim, e eu a amarei demais. Mas nunca me esquecerei Katie Maurice e Violetta. Ficariam muito magoadas se eu as esquecesse, e odiaria deixar alguém triste, mesmo uma menininha da estante ou uma menininha do eco. Tenho de me esforçar para não esquecer-las e enviar-lhes um beijo todos os dias.

Com a ponta dos dedos, Anne lançou um par de beijos ao ar através das cerejeiras em flor e então, com o queixo apoiado nas mãos, deixou-se estar à deriva em um mar de sonhos.

A SRA. RACHEL LYNDE FICA HORRORIZADA

Anne estava já havia quinze dias em Green Gables quando a sra. Lynde veio examiná-la. Para sermos justos, a sra. Lynde não era a culpada pelo atraso. Uma gripe muito forte e fora de época confinara a boa senhora em sua casa desde sua última visita a Green Gables. Ela não ficava doente com frequência e, claro, menosprezava os que ficavam. Mas a gripe, segundo ela, era uma doença única nesta Terra, e só podia ser interpretada como uma das manifestações da Divina Providência. Assim que seu médico lhe permitiu pôr o pé para fora de casa, ela se apressou até Green Gables, louca de curiosidade para ver a órfã de Matthew e Marilla, a respeito de quem todo tipo de histórias e suposições circulavam em Avonlea.

Anne aproveitara bem cada instante daquelas duas semanas. Já estava familiarizada com cada árvore e arbusto dali. Descobrira uma trilha no sopé do pomar de maçãs que cruzava uma área do bosque. Explorara toda sua extensão, maravilhada com o que via: uma ponte sobre o riacho, abetos frondosos e cerejeiras silvestres, recantos com densas samambaias e atalhos ramificados com bordos e freixos da montanha.

Fizera amizade com a maravilhosa nascente no vale, profunda, límpida e gelada, circundada por arenito vermelho e grandes tufo de samambaias d'água, parecidas com palmeiras. Mais além, havia uma ponte de troncos sobre o riacho.

Anne foi saltitando pela ponte até uma colina arborizada, onde os espessos abetos e pinheiros-do-canadá criavam um perpétuo crepúsculo. As únicas flores do lugar eram miríades de delicadas campânulas rasteiras, as mais doces e tímidas dos bosques, e algumas poucas e pálidas borragens que pareciam espectros da floração passada. Teias de aranha cintilavam como fios de prata entre as árvores, e os ramos dos abetos e das garryas pareciam conversar amigavelmente.

Todas essas reveladoras expedições eram feitas nos períodos de meia hora livres em que Anne tinha autorização para brincar, e Matthew e Marilla ficavam atordoados com todas as histórias que a menina contava. Matthew, no entanto, não chegava a se queixar. Ele escutava a tudo calado, com um sorriso satisfeito estampado no rosto. Marilla permitia a “tagarelice” até perceber-se interessada demais na conversa. Então, subitamente, interrompia Anne com a curta ordem para “fechar a matraca”.

Quando a sra. Lynde chegou, Anne estava lá fora no pomar, vagando livre e absorta pela relva exuberante sob a luz avermelhada do fim de tarde. Assim, a bondosa

senhora teve uma excelente oportunidade para falar em pormenores sobre sua doença, descrevendo cada dor e pulsação com tanta satisfação que Marilla quase se convenceu de que uma gripe tem lá suas compensações. Quando os detalhes se esgotaram, a sra. Lynde expôs a verdadeira razão de sua visita.

— Tenho ouvido coisas surpreendentes sobre você e Matthew.

— Presumo que não esteja mais surpresa do que eu mesma. A esta altura, já estou superando.

— Foi bem ruim ter ocorrido o tal equívoco — disse a sra. Lynde, solidária. — Não podiam tê-la mandado de volta?

— Suponho que sim, mas decidimos que não. Matthew se afeiçoou, e confesso que também gosto dela, embora admita que tenha lá suas manias. A casa agora parece um lugar diferente. É uma pequeninha brilhante!

Ao perceber um ar de desaprovação na sra. Lynde, Marilla julgou ter falado mais do devia.

— Você assumiu uma grande responsabilidade — julgou, austera —, especialmente por não ter experiência com crianças. Suponho que não sabe muito sobre ela e seu caráter, e não há como prever no que uma criança assim vai se tornar. Mas de maneira alguma quero desencorajar você, Marilla.

— Não me sinto desencorajada — foi a resposta seca de Marilla. — Quando me decido a fazer algo, decidido

está. Imagino que você gostaria de ver Anne. Vou chamá-la.

Anne veio correndo imediatamente, exultante com suas itinerâncias pelo pomar. Entretanto, constrangida pela inesperada presença de uma estranha, parou bruscamente na soleira da porta. Era, com certeza, uma criaturinha de aparência estranha. O vestido curto e justo do orfanato deixava suas pernas finas mais compridas e desajeitadas. As sardas pareciam mais marcadas e numerosas. Sem seu chapéu, o vento deixara seu cabelo tremendamente desgrenhado e vermelho como nunca.

— Bem, decididamente não a adotaram por sua aparência — foi o enfático comentário da sra. Rachel Lynde. Ela era uma daquelas apreciadas pessoas que se orgulham em falar o que lhes passa pela cabeça, sem medo ou remorso. E prosseguiu: — Ela é incrivelmente magrela e feiosa, Marilla! Venha aqui, criança, e deixe-me dar uma olhada em você. Deus tenha piedade! Alguma vez alguém já viu sardas iguais a essas? E o cabelo, ruivo feito cenoura! Venha aqui, criança, já disse.

Anne “foi”, mas não exatamente do modo como a sra. Lynde esperava. Com um salto, ela atravessou o chão da cozinha e ficou diante da vizinha, vermelha de raiva, com os lábios trêmulos e o corpo delgado sacudindo feito vara verde.

— Eu te odeio! — gritou com a voz entrecortada, batendo o pé no chão. — Eu te odeio, eu te odeio, eu te

odeio! — continuou, pisando mais forte a cada afirmação de ódio. — Como se atreve a me chamar de magrela e feiosa? Como se atreve a dizer que sou ruiva e sardenta? É uma mulher rude, mal-educada e cruel!

— Anne! — exclamou Marilla, consternada.

Mas Anne continuou a enfrentar a sra. Lynde, com a cabeça erguida, olhos em chamas e punhos fechados. Sua indignação exalava como vapor.

— Como se atreve a dizer tais coisas sobre mim? — repetiu com veemência. — Gostaria que dissessem coisas assim sobre a senhora? Gostaria que dissessem que a senhora é gorda e mostrenga, e que provavelmente não tem uma faísca de imaginação? Não me importo de ferir seus sentimentos falando assim! Espero tê-la magoado. Nunca fui tão magoada na vida, nem mesmo pelo marido bêbado da sra. Thomas. Nunca a perdoarei por isso, nunca, nunca!

Batida de pé! Batida de pé!

— Nunca vi um gênio ruim como esse! — exclamou a sra. Lynde, horrorizada.

— Anne, vá para o quarto e fique lá até que eu suba — ordenou Marilla, recuperando a fala com dificuldade.

Anne, aos prantos, correu para o hall e bateu a porta, e o zinco na parede do alpendre tremeu em compaixão. Atravessou o hall e subiu a escada como um pé de vento. Uma batida no andar de cima sinalizou que a porta do

quarto do frontão leste havia sido fechada com a mesma decisão.

— Bem, eu não invejo sua tarefa de educar *essa aí*, Marilla — a sra. Lynde anunciou com uma pompa inefável.

Marilla teve a intenção de dizer que não sabia como se desculpar pelo ocorrido. Porém, o que de fato saiu de sua boca surpreendeu a si mesma:

— Você não devia ter zombado da aparência dela, Rachel.

— Marilla Cuthbert, quer dizer que a está defendendo, mesmo após a exibição de hostilidade que acabamos de presenciar? — indignou-se a sra. Lynde.

— Não — disse Marilla devagar —, não estou tentando defendê-la. Foi muito malcriada e terei uma boa conversa com ela. Mas temos de contemporizar. Nunca lhe ensinaram o certo e o errado. Você foi muitíssimo dura com ela, Rachel.

Marilla não pôde evitar esse adendo, embora estivesse novamente surpresa consigo mesma. A sra. Lynde levantou-se, com o orgulho ferido.

— Bem, depois disso, vejo que terei de ter muito cuidado com o que falo, Marilla, pois os órfãos, sabe-se lá por quê, são muito sensíveis e seus sentimentos têm de ser levados em consideração. Não, não, não estou aborrecida, não se preocupe. Sinto tanta pena de você que sequer me permito ter raiva. Você já tem seus próprios problemas com essa criança. Mas se quiser o meu conselho (e

suponho que não queira, embora eu tenha criado dez crianças e enterrado duas), a melhor “conversa” que pode ter com uma menina dessas é uma boa cintada. Considero que esta seja a língua mais eficaz com esse tipo de criança. Me parece que o caráter dela combina com o cabelo. Bem, boa noite, Marilla. Espero que continue me visitando com a frequência de costume. Mas não espere que eu a visite tão cedo, já que estou sujeita a ser inferiorizada e insultada dessa forma. É uma experiência nova para mim.

Com isso, a sra. Lynde alçou seu voo (se é que se pode dizer que uma mulher gorda, que sempre caminhou a passos curtos e bamboleando feito pato, pudesse alçar voo). Então Marilla, com um rosto solene, dirigiu-se para o frontão leste.

Ao subir as escadas, ela ponderou, inquieta, sobre o que fazer. Não sentia nenhum arrependimento sobre o ocorrido. Que desgraça Anne ter se mostrado tão geniosa justamente diante da sra. Rachel Lynde! Então Marilla subitamente percebeu que sentia mais humilhação do que tristeza por descobrir uma falha tão séria no caráter de Anne. E como a castigaria? A benévola sugestão da surra de cinto, sobre cuja eficiência todos os filhos da sra. Lynde poderiam dar um testemunho ressentido, não agradava a Marilla. Não seria capaz de açoitar uma criança. Não, deveria encontrar outro método de punição adequado para conscientizar Anne sobre a gravidade de sua transgressão.

Marilla encontrou a menina com o rosto metido na cama, chorando muito, sem se preocupar com as botas lamacentas sobre a colcha limpa.

— Anne — chamou ela, amena.

Sem resposta.

— Anne — repetiu o chamado, agora um pouco mais severa —, levante dessa cama neste minuto e ouça o que tenho a dizer.

Anne levantou-se e sentou-se rigidamente na cadeira ao lado, com seu rosto inchado e molhado pelas lágrimas, e os olhos fixos no chão.

— Que bela forma de se comportar, Anne! Não tem vergonha?

— Ela não tinha o direito de me chamar de ruiva e feia — retrucou Anne, rebelde.

— Você não tinha o direito de perder a compostura e falar com ela com tanta fúria, Anne. Estou envergonhada de você, profundamente envergonhada. Eu queria que se comportasse bem com a sra. Lynde e você me decepcionou. O que ela lhe disse foi motivo para você perder a cabeça daquela maneira? Você mesma diz isso todo o tempo.

— Ah, mas há uma grande diferença entre dizer uma coisa sobre si mesma e ouvir outras pessoas dizerem — choramingou Anne. — Podemos saber que somos de um jeito, mas sempre temos a esperança de que as outras pessoas não achem. Presumo que considere meu temperamento terrível, mas não consigo me segurar.

Quando ela disse aquelas coisas, algo subiu pela minha garganta e me sufocou. Tive de voar para cima dela.

— Bem, sou obrigada a dizer que foi uma cena e tanto. A sra. Lynde terá uma boa história para contar sobre você por aí, e ela o fará. Foi terrível você perder o controle daquele jeito, Anne.

— Como se sentiria se alguém lhe dissesse que você é magricela e feia? — insistiu Anne, chorando.

Uma lembrança antiga tomou Marilla de repente. Quando era pequena, ouviu uma tia dizer a outra sobre ela: “Que pena ela ser uma coisinha assim tão grosseira e desajeitada!”. Por cinquenta anos, Marilla sentiu essa ferroada, até que a dor daquela recordação se extinguisse.

— Não estou dizendo que a sra. Lynde estivesse correta ao dizer o que disse, Anne — admitiu em um tom mais suave. — Rachel é franca demais. Mas isso não é desculpa para tal comportamento. Ela é uma pessoa com quem você não tem intimidade, uma senhora idosa e uma visita, três razões para que você fosse mais respeitosa. Você foi rude e insolente, e... — Marilla teve uma inspiração salvadora para a punição — ...e você deverá ir até ela, dizer que sente muito pelo seu temperamento explosivo e pedir perdão.

— Nunca farei isso — contestou Anne, determinada. — Pode me punir de qualquer outra maneira, Marilla. Pode me trancar em uma masmorra escura e úmida habitada por cobras e sapos e me alimentar apenas com pão e água, que

não vou reclamar. Mas não posso pedir perdão à sra. Lynde.

— Não temos o hábito de trancar gente em masmorras escuras e úmidas — contestou Marilla —, ainda mais porque são bastante raras em Avonlea. Mas pedir desculpas à sra. Lynde, você deve e irá, e ficará trancada em seu quarto até aceitar fazer isso.

— Então terei de ficar aqui para sempre — resmungou Anne, — porque não conseguirei dizer à sra. Lynde que lamento por ter dito aquelas coisas. Como poderia? Não estou arrependida. Lamento tê-la envergonhado, mas estou contente por ter feito o que fiz. Foi uma grande satisfação. Não posso dizer que lamento muito, quando não é verdade, posso? Não consigo nem me imaginar lamentando.

— Talvez a sua imaginação funcione melhor amanhã cedo — disse Marilla, levantando-se para sair. — Terá a noite inteira para refletir sobre seu comportamento e melhorar seu estado de espírito. Você disse que tentaria ser uma menina boa se a aceitássemos em Green Gables, mas devo dizer que não foi o caso esta tarde.

Deixando Anne refletir sobre suas palavras, Marilla desceu à cozinha, com sua mente e espírito profundamente perturbados. Estava tão irritada consigo mesma quanto com Anne, pois sempre que se lembrava do semblante atônito da sra. Lynde, seus lábios se contorciam de prazer, e ela mal podia conter a vontade de dar uma boa risada.

O PEDIDO DE DESCULPAS DE ANNE

Naquela noite, Marilla não comentou nada com Matthew. Mas na manhã seguinte, Anne continuou impertinente, e sua ausência no café da manhã precisou ser explicada. Marilla contou a história toda e se esforçou para convencê-lo da gravidade do comportamento de Anne.

— Foi bom Rachel Lynde ter levado uma chamada! É uma velha mexeriqueira e abelhuda — foi a réplica consoladora de Matthew.

— Matthew Cuthbert, estou espantada com você! Você bem sabe que o comportamento de Anne foi terrível e ainda assim fica do lado dela! Suponho que vá dizer, em seguida, que ela não precisa ser castigada!

— Ora, bem... não... não exatamente — titubeou Matthew, meio sem jeito. — Considero que deva ser punida... um pouco. Mas não seja rígida demais, Marilla. Lembre-se de que ela nunca teve ninguém que a educasse. Você... você lhe dará algo para comer, não é?

— Já me viu deixar alguém passar fome só para lhe dar uma uma lição? — indignou-se Marilla. — Ela terá as refeições regulares, e eu mesma as levarei. Mas ficará no quarto até que esteja disposta a pedir desculpas à sra. Lynde, e ponto final, Matthew.

Café da manhã, almoço e jantar foram refeições muito silenciosas, já que Anne continuava teimando. Depois de cada refeição, Marilla levava uma bandeja bem servida para o quarto do frontão leste e depois a trazia de volta, quase intocada. Matthew ficou incomodado ao ver isso. Anne não estava comendo nada?

Quando Marilla saiu naquela tarde para trazer as vacas do pasto, Matthew, que rondava pelos celeiros à espreita, deslizou para a casa feito um ladrão e voou para o andar de cima. Normalmente, Matthew gravitava entre a cozinha e o pequeno quarto anexo ao hall da entrada, onde dormia. Só de vez em quando se aventurava, bem pouco à vontade, até as sala de estar e a de visitas, quando o reverendo vinha para o chá. Mas desde a primavera em que ajudara Marilla a colocar o papel de parede no quarto de hóspedes — havia quatro anos —, nunca mais pisara no andar de cima.

Avançou pé ante pé ao longo do corredor e ficou parado por vários minutos diante da porta do quarto do frontão leste, antes de tomar coragem para bater à porta com os nós dos dedos e, em seguida, abrir e espiar.

Anne estava sentada na cadeira amarela junto à janela, olhando com amargura para o jardim. Parecia tão pequena e infeliz! Matthew sentiu uma pontada no coração. Ele fechou suavemente a porta atrás de si e avançou na ponta dos pés.

— Anne — sussurrou como se temesse ser ouvido —, como você está, Anne?

Anne sorriu sem vontade.

— Bem. Eu fantasio bastante, e isso ajuda a passar o tempo. É claro que é bastante solitário. Entretanto, posso muito bem me acostumar.

Anne sorriu novamente, disposta a enfrentar com coragem os longos anos de prisão solitária que tinha pela frente.

Matthew se lembrou de que deveria dizer logo o que viera dizer, sem perda de tempo, antes que Marilla voltasse.

— Ora, bem, Anne, não acha que seria melhor fazer o que tem de fazer, e pronto? — sussurrou. — Terá que ser feito mais cedo ou mais tarde, sabe, pois Marilla é uma mulher incrivelmente determinada. Incrivelmente determinada, Anne. Faça logo, estou pedindo, e acabe com isso.

— Quer dizer, pedir desculpas à sra. Lynde?

— Sim, pedir desculpas é o termo exato — confirmou Matthew, ansioso. — Basta amenizar as coisas, digamos assim. É isso o que eu queria lhe dizer.

— Acho que eu poderia fazê-lo para agradar você — respondeu Anne, pensativa. — É claro que lamento, porque agora eu lamento muito mesmo. Ontem à noite, não lamentava nem um pouco. Estava louca de raiva, e fiquei brava a noite toda. Sei disso porque acordei três vezes e

continuava furiosa. Mas de manhã, passou. Não estava mais de mau humor, e só restou uma espécie de fraqueza. Eu me senti muito envergonhada. Mas não me passou pela cabeça contar isso à sra. Lynde. Seria humilhante. Decidi que ficaria trancada aqui para sempre. Tudo, menos isso. Mas, mesmo assim, faria qualquer coisa por você, se é o que realmente quer.

— Ora, bem, claro que é o que eu quero. É muito solitário sem você por perto. Basta ir até lá e amenizar as coisas. Seja uma boa menina!

— Muito bem — concordou Anne, resignada. — Vou dizer a Marilla que me arrependi, assim que ela chegar.

— É o melhor a fazer, Anne. Mas não conte a Marilla que eu disse uma palavra sequer sobre o assunto. Ela poderia achar que coloquei o nariz onde não fui chamado, e eu prometi não fazer isso.

— Ninguém me arrancará esse segredo, nem que a vaca tussa — prometeu Anne solenemente. — Até porque, como é que vacas com tosse arrancam segredos por aí?

Mas Matthew já tinha ido embora, com medo de seu próprio êxito. Fugiu às pressas para o canto mais remoto do pasto dos cavalos, para que Marilla não suspeitasse de nada. A própria Marilla, ao voltar para casa, ficou agradavelmente surpresa ao ouvir o chamado de uma voz queixosa, vinda lá de cima do saguão da escada.

— E então? — perguntou, ao subir.

— Lamento ter perdido o controle e ter dito coisas rudes. Estou disposta a ir perante a sra. Lynde e me desculpar.

— Muito bem. — A aspereza de Marilla não deu sinais de se amenizar. Tinha dúvidas quanto ao que fazer caso Anne não cedesse. — Vou levar você até ela depois de ordenhar as vacas.

Assim, depois da tarefa feita, Marilla e Anne caminharam pela alameda. A primeira, ereta e triunfante; a segunda, murcha e abatida. Mas no meio do caminho, o desânimo de Anne desapareceu como que por encantamento. Ela ergueu a cabeça e começou a caminhar com leveza, os olhos fixos no céu do entardecer e um ar de euforia contida. Marilla percebeu e desaprovou a transformação. Já não era uma humilde penitente, tal como conviria a ela se apresentar diante da ofendida sra. Lynde.

— O que vai aprontar agora, Anne? — interrogou bruscamente.

— Estou só imaginando o que dizer à sra. Lynde — respondeu, sonhadora.

Aquilo foi satisfatório, ou deveria ter sido. Mas Marilla não conseguia se livrar da ideia de que algo em seu método de punição estava indo por água abaixo. Anne não tinha por que se mostrar assim tão enlevada e radiante.

Mas Anne continuou enlevada e radiante até se encontrarem na presença da sra. Lynde, que tricotava junto

à janela da cozinha. Então a resplandecência de Anne desapareceu. Uma triste penitência apareceu em cada traço de sua expressão. Antes de dizer uma só palavra, Anne de repente se ajoelhou diante da espantada sra. Lynde e estendeu as mãos em súplica.

— Oh, sra. Lynde, estou extremamente sentida — proferiu com um tremor na voz. — Nunca poderia expressar todo o meu arrependimento, nem se esgotasse um dicionário inteiro! A senhora nem imagina. Eu me comportei terrivelmente mal com a senhora e envergonhei os meus queridos Matthew e Marilla, que me deixaram ficar em Green Gables, mesmo eu não sendo um menino. Sou uma menina má e ingrata e mereço ser punida e marginalizada para sempre por pessoas respeitáveis. Foi odioso de minha parte me enfurecer daquela maneira, dado que a senhora disse a verdade. Era a pura verdade, cada palavra dita era verdadeira. Meu cabelo é vermelho, sou sardenta, esquelética e feia. O que eu disse à senhora também era verdade, mas não deveria tê-lo dito. Ó, sra. Lynde, por favor, por favor, perdoe-me! Se a senhora me recusar seu perdão, a tristeza eterna recairá sobre uma menina pobre e órfã. A senhora o recusaria, mesmo ela tendo um gênio terrível? Oh, tenho certeza de que não. Por favor, diga que me perdoa, sra. Lynde.

Anne juntou as mãos, inclinou sua cabeça e esperou pelo veredito.

Não havia dúvidas sobre sua sinceridade, externada em cada nota de sua voz. Tanto Marilla como a sra. Lynde reconheceram o timbre inconfundível. Mas a primeira acabou por entender, desgostosa, que Anne estava realmente desfrutando de seu Vale da Humilhação, divertindo-se com seu ato de submissão. Onde estava o castigo edificante do qual ela, Marilla, se orgulhara? Anne o havia transformado em uma espécie de autossatisfação.

A bondosa sra. Lynde, não sendo favorecida com uma boa percepção, não notou nada. Para ela, o pedido de desculpas de Anne havia sido abrangente e minucioso, e todo ressentimento foi varrido de seu coração amável, embora um tanto intrometido.

— Vamos lá, vamos lá, levante-se, criança — disse ela calorosamente. — É claro que a perdoou. Acho que fui um pouco dura demais com você, afinal. Mas sou uma pessoa que diz as coisas sem rodeios. A verdade é que você não se deve ligar tanto para mim. Não se pode negar que seu cabelo é de um vermelho terrível. Mas conheci uma menina, na verdade minha colega de escola, cujo cabelo era desse mesmo jeito, tão vermelho quanto o seu, quando era jovem. Porém, quando ela cresceu, ele escureceu e mudou para um castanho-avermelhado maravilhoso. Eu não ficaria nem um tantinho surpresa se o seu também mudasse, nem um pouquinho, mesmo.

— Oh, sra. Lynde! — Anne suspirou profundamente ao se levantar. — A senhora me deu esperanças. Nunca

esquecerei de sua generosidade. Ah, eu poderia suportar qualquer coisa, só de pensar que o meu cabelo será de um belo castanho-avermelhado quando eu crescer. Seria muito mais fácil ser boazinha se meu cabelo fosse de um belo castanho-avermelhado, não acha? E agora, posso ir para o jardim e me sentar naquele banco sob as macieiras, enquanto a senhora e Marilla conversam? Lá há muito mais margem para a imaginação.

— Por Deus, sim, vá brincar, criança! E pode colher um ramo de lírios brancos daquele canto, se quiser.

Quando a porta se fechou, a sra. Lynde levantou-se depressa para acender uma lamparina.

— É uma pequeninha realmente estranha! Pegue esta cadeira, Marilla, é mais confortável. A sua é para nosso criado se sentar. Sim, é certamente uma criança estranha, mas há algo de amável nela que justifica a adoção. Já não estou tão surpresa por você e Matthew terem ficado com ela, nem tenho mais pena de você. Ela pode endireitar e se sair bem. Claro que tem uma maneira estranha de se expressar, um pouco... bem, de modo meio forçado, sabe?! Mas talvez ela perca essa mania, agora que convive com gente civilizada. Acho seu temperamento bem explosivo. Mas existe um consolo: uma criança de pavio curto esbraveja e logo se acalma, provavelmente não é ardilosa nem traiçoeira. Deus me livre de uma criança ardilosa, isso nunca. No fim das contas, Marilla, até que gosto dela.

Quando Marilla se preparou para ir embora, Anne saiu do perfumado lusco-fusco do pomar com um maço de narcisos brancos.

— Pedi desculpas muito bem, não foi? — disse com orgulho enquanto desciam a alameda. — Achei que, se tinha mesmo de fazer, então que fizesse direito!

— Você fez direito até demais — foi o comentário de Marilla. Sua vontade de rir, ao recordar a cena, a desconcertava. Também sentia que deveria chamar a atenção de Anne por se desculpar bem demais, mas seria ridículo! Apaziguou sua consciência dizendo severamente à menina:

— Espero que não dê mais motivo para ter de se desculpar novamente. A partir de agora, espero que tente controlar seu gênio, Anne.

— Isso não seria tão difícil se as pessoas não zombassem da minha aparência — suspirou Anne. — Não fico zangada com outras coisas, mas estou *muito* cansada de criticarem meu cabelo. Isso faz ferver o sangue nas minhas veias! Você acha que meu cabelo será realmente de um belo castanho-avermelhado, quando eu crescer?

— Não deveria pensar tanto em sua aparência, Anne. Receio que você seja uma menina muito vaidosa.

— Como posso ser vaidosa, sabendo que sou feia? — protestou Anne. — Adoro coisas bonitas; e odeio olhar no espelho e ver algo que não é bonito. Fico muito triste, da

mesma forma como quando vejo qualquer outra coisa feia. Tenho pena das coisas que não são bonitas.

— “Ser bonito é fazer coisas bonitas” — citou Marilla.

— Já me disseram isso antes, mas tenho lá as minhas dúvidas — comentou Anne, cética, cheirando os narcisos.

— Ah, não são lindas estas flores? Foi gentil de parte da sra. Lynde dá-las para mim. Não guardo rancor da sra. Lynde. Pedir desculpas e ser perdoado dá uma sensação agradável e reconfortante, não dá? As estrelas não estão mais brilhantes do que o normal esta noite? Se pudesse viver em uma estrela, qual escolheria? Gosto daquela grande e brilhante, lá, acima daquela colina escura.

— Anne, feche a matraca — ordenou Marilla, completamente exausta por tentar seguir a roda-viva de raciocínios de Anne.

Anne não disse nem uma palavra mais até chegarem à alameda de casa. Uma brisa inconstante desceu ao seu encontro, carregada com o orvalho das samambaias jovens. Ao longe, nas sombras, uma luz alegre vinda da cozinha de Green Gables reluzia entre as árvores. De repente, Anne se aproximou de Marilla e aconchegou sua mão na rígida mão da mulher mais velha.

— É muito bom estar indo para casa e saber que lá é seu lar. Já adoro Green Gables, e nunca gostei de nenhum lugar antes. Não me sentia em casa em nenhum lugar. Ah, estou tão feliz! Eu poderia rezar neste exato momento, sem nenhuma dificuldade.

Algo morno e agradável aflorou no coração de Marilla ao toque daquela mãozinha suave — talvez um impulso maternal rebelde. O inusitado contato carinhoso a perturbou. Ela se apressou a retomar sua calma costumeira, inculcando uma moral:

— Se você for uma boa menina, sempre será feliz, Anne. E nunca deve achar difícil dizer as suas preces.

— Dizer as preces não é exatamente a mesma coisa que orar — refletiu Anne. — Mas vou imaginar que sou o vento que sopra lá no topo dessas árvores. Quando me cansar das árvores, imaginarei que estou balançando suavemente as samambaias aqui embaixo e, depois, vou voar para o jardim da sra. Lynde e fazer as flores dançarem e, depois, vou dar um sopro forte no campo de trevos, e então vou soprar sobre a Lagoa das Águas Resplandecentes e ondular a com pequenas vagas cintilantes. Oh, há tanta margem para a imaginação, no vento! Bom, não vou falar mais nada agora, Marilla.

— Agradeço a Deus por isso! — expirou Marilla, com um alívio devoto.

AS IMPRESSÕES DE ANNE SOBRE A ESCOLA DOMINICAL

E então, gostou deles? — perguntou Marilla. Anne estava no quarto do frontão, olhando solenemente para três vestidos novos sobre a cama. Um era quadriculado, cor de tabaco, cujo tecido Marilla se sentiu tentada a comprar de um vendedor ambulante no verão porque parecia bom para uma roupa do dia a dia. O segundo era de cetineta xadrez preto e branco, que escolhera na promoção de inverno. O terceiro era de um tecido grosso e estampado, em um azul triste, que comprara naquela semana em uma loja de Carmody.

Ela mesma os fizera, e todos tinham o mesmo modelo: saia reta pregada firmemente à cintura alta, com as mangas tão retas quanto o corpinho e a saia — mais justas e retas, impossível.

— Vou imaginar que gosto deles — Anne respondeu sobriamente.

— Não quero que você imagine — ofendeu-se Marilla.

— Ah, já vi que você não gostou dos vestidos! Qual é o problema com eles? Não são sóbrios e novos, e com um bom caimento?

— São.

— Então por que é que você não gosta deles?

— É que... eles não são bonitos — comentou Anne com relutância.

— Bonitos! — Marilla fungou. — Não era minha intenção que fossem bonitos. Não é bom afagar a vaidade, Anne, ouça o que eu digo! Esses vestidos são bons, simples e práticos, sem babados ou enfeites, e são tudo o que você vai ganhar neste verão. O quadriculado marrom e o estampado azul são para quando você for à escola. O de cetineta é para a igreja e para a Escola Dominical. Espero que os mantenha limpos e bem cuidados, e que não os rasgue. Pensei que ficaria agradecida por ganhar algo além daquele seu pobres vestido de flanela.

— Mas eu estou agradecida! — protestou Anne. — No entanto, ficaria muito mais agradecida se... se você fizesse pelo menos um com mangas bufantes. Mangas bufantes estão na moda. Seria uma emoção, Marilla, usar um vestido com mangas bufantes.

— Bem, você terá de se virar sem a sua emoção. Não há tecido para desperdiçar em mangas bufantes. E de qualquer maneira, são ridículas. Prefiro as simples e discretas.

— Prefiro ficar ridícula junto com todas as outras meninas do que ser a única simples e discreta — insistiu Anne, choramingando.

— Acredito em você! Bem, pendure os vestidos com cuidado em seu armário e, em seguida, sente-se e trate de estudar a lição da Escola Dominical. Peguei com o sr. Bell o

periódico trimestral para você. Amanhã você irá para a Escola Dominical — ordenou Marilla, muito indignada, e sumiu para o andar de baixo.

Anne juntou as mãos e olhou para os vestidos.

— Tinha esperança de que houvesse um branco com mangas bufantes — sussurrou, desconsolada. — Rezei por um, mas não contava lá muito com isso. Achava mesmo que Deus não tivesse tempo para se preocupar com o vestido de uma menina órfã. E sabia que dependeria só de Marilla. Bem, felizmente consigo imaginar que um deles seja de musselina branco-neve, com lindos babados de renda e mangas bufantes triplas.

Na manhã seguinte, os primeiros sintomas de uma terrível dor de cabeça impediram que Marilla acompanhasse Anne à Escola Dominical.

— Você terá de procurar pela sra. Lynde, Anne. Ela encaminhará você para a classe certa. Bom, trate de se comportar bem. Depois fique mais um pouco para rezar. Peça à sra. Lynde que lhe mostre qual é o nosso banco. Aqui está uma moeda para o ofertório. Não encare as pessoas e segure seu facho. Vou pedir que repita o texto quando voltar para casa.

Anne se foi, irrepreensível, trajando o rijo vestido preto e branco de cetineta que, além do comprimento decente, era capaz de enfatizar cada ângulo de sua magreza. O chapéu novo era um marinheiro pequeno e plano, cuja extrema simplicidade também desapontou

Anne, pois ela havia imaginado, secretamente, um de fitas e flores. No entanto, as flores foram supridas antes de Anne chegar à estrada principal: encontrou no meio do caminho um frenesi de botões-de-ouro agitados pelo vento e lindas rosas silvestres. Anne enfeitou seu chapéu com uma generosa guirlanda. Fosse lá o que as pessoas pudessem achar do resultado, Anne estava satisfeita. Seguiu saltitante pela estrada, segurando o chapéu orgulhosa, agora decorado de rosa e amarelo, sobre a cabeleira ruiva.

Quando chegou à casa da sra. Lynde, descobriu que ela já havia saído. Nem um pouco desencorajada, Anne seguiu adiante sozinha até a igreja. No alpendre havia uma multidão de meninas, quase todas graciosamente vestidas em branco, azul e rosa. Todas olharam com curiosidade para aquela estranha em seu meio, com o extraordinário adorno de cabeça. As meninas de Avonlea já tinham ouvido histórias esquisitas sobre Anne. A sra. Lynde contara que ela tinha um gênio terrível. Jerry Buote, o rapaz contratado em Green Gables, dissera que ela conversava o tempo todo consigo mesma ou com as árvores e flores, como se fosse maluca. Olhavam para ela e cochichavam por detrás de seus folhetos de missa. Ninguém tomou qualquer iniciativa amistosa, naquela hora ou mesmo mais tarde, quando os exercícios de iniciação acabaram e Anne foi mandada para a classe da srta. Rogerson.

A srta. Rogerson era uma mulher de meia-idade que havia vinte anos dava aula na Escola Dominical. Seu método de ensino era fazer as perguntas impressas no periódico trimestral e encarar austeramente por sobre a borda da publicação para a menina escolhida, até que respondesse à pergunta. Ela olhou com muita frequência para Anne, e Anne, graças ao treinamento dado por Marilla, respondeu sempre prontamente. Porém, não estava claro se ela de fato havia compreendido tanto as perguntas como as respostas.

Concluiu que não gostava da srta. Rogerson e se achou uma azarada. Todas as outras meninas da classe tinham mangas bufantes. Anne sentia que a vida realmente não valia a pena sem mangas bufantes.

— Bem, o que achou da Escola Dominical? — quis saber Marilla quando Anne voltou para casa. As flores da guirlanda haviam murchado, e Anne as jogara fora no caminho, de forma que Marilla foi poupada desse detalhe naquela hora.

— Não gostei nem um pouco. Foi muito ruim.

— Anne Shirley! — censurou Marilla.

Anne sentou-se na cadeira de balanço com um suspiro longo. Beijou uma das folhas de Bonny e acenou para um brinco-de-princesa em flor.

— Elas devem ter se sentido solitárias enquanto eu estava fora — explicou. — E agora, sobre a Escola Dominical. Eu me comportei bem, como você mandou. A

sra. Lynde já tinha saído, portanto fui sozinha. Na igreja fiquei com muitas outras meninas, e me sentei no canto de um banco perto da janela durante os exercícios iniciais. O sr. Bell fez uma oração incrivelmente longa. Se eu não tivesse me sentado perto da janela, teria ficado esgotada antes do final. Dava justamente para a Lagoa das Águas Resplandecentes, então fiquei contemplando e imaginando um monte de coisas espetaculares.

— Não deveria ter feito isso. Deveria ter prestado atenção no sr. Bell.

— Mas ele não estava falando comigo — contestou Anne. — Ele estava falando com Deus, mas não parecia estar tão interessado nele. Parecia pensar que Deus estava longe demais. Havia uma longa fileira de bétulas brancas encurvadas sobre a lagoa, e a luz do sol passava através delas, bem lá embaixo, penetrando fundo na água. Ah, Marilla, era como um sonho lindo! Aquilo me deu um arrepio, e falei: “Deus, obrigada por isso”, umas duas ou três vezes.

— Espero que não em voz alta — comentou Marilla, ansiosa.

— Não, não, baixinho, só com os meus botões. Bom, o sr. Bell por fim terminou, e eles me disseram para ir à sala de aula da srta. Rogerson. Havia mais nove meninas. Todas tinham mangas bufantes. Tentei imaginar que as minhas também eram bufantes, mas não consegui. Por que será? Foi tão fácil imaginar que eram bufantes quando eu estava

sozinha no meu quarto, mas foi muito difícil lá, entre as que realmente tinham mangas bufantes.

— Não deveria ter ficado pensando em mangas na Escola Dominical. Deveria ter prestado atenção nas aulas. Espero que tenha aprendido as lições.

— Ah, sim! Respondi a muitíssimas perguntas. A srta. Rogerson faz sempre muitas. Não acho justo que só ela pergunte. Havia perguntas que eu queria ter feito, mas não me senti à vontade. Então, todas as outras meninas recitaram uma paráfrase. Ela me perguntou se eu sabia alguma. Respondi que não, mas que, se ela quisesse, eu poderia recitar “O cão na cova de seu dono”.⁷ Está no terceiro *Royal Reader*. Não é um poema religioso, mas é tão triste e melancólico que bem poderia ser. Ela disse que não servia, e me mandou aprender a décima nona paráfrase para o próximo domingo. Eu a li mais tarde na igreja, e é esplêndida. Há dois versos em particular que me emocionaram:

*Tão rápido quanto os esquadrões foram abatidos
No dia da derrota do Midiã.*

“Não sei o que significa ‘esquadrões’ nem ‘Midiã’, mas soa muito trágico. Mal posso esperar até ao próximo domingo para recitá-la. Vou praticar durante toda a semana. Depois da Escola Dominical, a sra. Lynde estava muito longe, então pedi à srta. Rogerson que me mostrasse o lugar no banco. Eu me sentei tão ereta e quieta quanto pude. O texto era *O livro do apocalipse*, capítulo três,

versículos dois e três. Era um texto bem longo. Se eu fosse um reverendo, escolheria os mais curtos e ligeiros. O sermão também foi longo demais. Suponho que o reverendo quis compatibilizá-lo com o texto. Não o achei nada interessante. Acho que o problema foi que não tinha imaginação suficiente. Acabei não prestando muita atenção. Deixei meus pensamentos voarem e pensei em coisas inacreditáveis.”

Marilla ficou com a sensação de que tudo aquilo deveria ser reprovado de forma severa. No entanto, ficou sem ação pelo fato inegável de que algumas das coisas que Anne dissera, especialmente sobre os sermões e as orações do sr. Bell, eram justamente as que ela própria guardara dentro do peito durante anos, mas que nunca tivera coragem de externar. Quase parecia que aqueles seus pensamentos críticos, indizíveis e secretos haviam sido subitamente revelados, tomando forma e corpo pela voz sem rodeios daquele fragmento de humanidade negligenciada.

UM PACTO SOLENE E UMA PROMESSA

Foi só na sexta-feira seguinte que Marilla ouviu a história da guirlanda de flores no chapéu. Ao chegar da casa da sra. Lynde, chamou Anne para tomar satisfações logo que pôs os pés em casa.

— Anne, a sra. Lynde me contou que você foi à igreja no domingo passado com seu chapéu enfeitado de maneira ridícula, com rosas e botões-de-ouro. Quem mandou fazer essa travessura? Você deu um belo vexame!

— Ah. Eu sei que rosa e amarelo não me caem bem juntos — começou Anne.

— Que besteira! Colocar flores no chapéu é ridículo, não importa de que cor sejam. Você é uma criança exasperante!

— Não vejo por que é mais ridículo usar flores no chapéu do que no vestido — protestou Anne. — Várias das meninas estavam com buquês pregados nos vestidos. Qual é a diferença?

Marilla não se deixaria levar das questões concretas para abstrações ambíguas.

— Não me responda assim, Anne. Foi bobagem fazer isso. Que eu não pegue você em uma brincadeira dessas novamente! A sra. Lynde ficou com a cara no chão quando viu você chegar fantasiada daquele jeito. Ela não conseguiu chegar perto o suficiente para pedir que as tirasse antes

que fosse tarde demais. Ela contou que as pessoas fizeram comentários terríveis. É claro que pensaram que eu não tenho o mínimo bom senso, deixando você sair enfeitada daquela maneira.

— Lamento muito — desculpou-se Anne, com lágrimas nos olhos. — Nunca pensei que alguém se ofenderia com isso. As rosas e os botões-de-ouro eram tão meigos e bonitos que achei que ficariam lindos no chapéu. Várias das meninas tinham flores artificiais no chapéu. Receio que serei um tormento para você. Talvez seja melhor me mandar de volta ao orfanato. Isso seria terrível e acho que eu não suportaria. Sabe, muito provavelmente eu pegaria tuberculose, de tão magra que sou. Mas seria melhor do que ser um tormento para todos.

— Bobagem — disse Marilla, aborrecida consigo mesma por ter feito a criança chorar. — Não quero mandar você de volta ao orfanato, de jeito nenhum. Tudo o que eu quero é que se comporte como as outras meninas e não passe ridículo. Pare de chorar. Tenho novidades para você. Diana Barry voltou para casa hoje à tarde. Vou até lá para pedir um molde de saia à sra. Barry e, se quiser, pode vir comigo e conhecer Diana.

Anne se levantou juntando as mãos, as lágrimas ainda escorrendo no rosto. O pano de prato em que ela fazia a bainha deslizou para o chão sem que percebesse.

— Nossa, Marilla, estou com medo. Agora que chegou o momento, estou realmente com medo. E se ela não

gostar de mim? Seria a mais trágica decepção da minha vida!

— Bom, não entre em pânico. Eu gostaria que você não usasse palavras tão difíceis. Soam estranhas vindas de uma menina. Tenho o palpite de que Diana vai gostar de você. É a mãe dela que você terá de conquistar. Se ela não gostar de você, não importa o quanto Diana goste. E se ela ficou sabendo de sua explosão com a sra. Lynde ou que foi para a igreja com flores no chapéu, não sei o que pensará. Você deve ser educada e bem-comportada, e não faça nenhum de seus discursos chocantes. Pelo amor de Deus, você está tremendo?

Anne tremia para valer. Seu rosto estava pálido e tenso.

— Ai, Marilla, você também ficaria nervosa se estivesse indo encontrar uma menina que espera que seja sua amiga do peito e cuja mãe pode não gostar de você — disse, ansiosa, enquanto se apressava em pegar o chapéu.

Elas foram para Orchard Slope pelo atalho que atravessava o riacho e subia pela colina de abetos. Marilla bateu na porta da cozinha, e a sra. Barry veio atender. Era uma mulher alta de olhos e cabelos negros e boca bem desenhada. Tinha a reputação de ser rígida com os filhos.

— Como está, Marilla? — cumprimentou gentilmente.
— Entre. E esta é a menina que você adotou, suponho?
— Sim, é Anne Shirley — apresentou Marilla.

— Escrito com “e” — engasgou Anne, que, trêmula e agitada, estava decidida a evitar qualquer mal-entendido sobre essa importante questão.

A sra. Barry, sem atentar ou compreender, simplesmente apertou a mão dela e disse com delicadeza:

— Como vai?

— Estou bem fisicamente, mesmo que consideravelmente abatida de espírito, obrigada, senhora — respondeu Anne, séria. Em seguida, cochichou para Marilla: — Isso não foi nada chocante, não é, Marilla?

Diana estava sentada no sofá, lendo um livro que deixou cair quando as visitantes entraram. Era uma menina muito bonita, com olhos e cabelos pretos como os da mãe, bochechas rosadas e a expressão alegre herdada do pai.

— Esta é minha Diana — apresentou a sra. Barry. — Diana, você pode levar Anne lá fora no jardim e mostrar suas flores para ela. Será melhor para você do que forçar a vista assim com esse livro. — Quando as meninas saíram, justificou para Marilla: — Ela lê demais, mas não posso impedi-la porque o pai a incentiva. Está sempre com o nariz enfiado em algum livro. Estou contente com a chance de ela ter uma amiga para brincar. Talvez fique mais ao ar livre.

Lá fora, o jardim estava inundado pela luz aveludada do pôr do sol, que fluía do oeste através dos velhos abetos escuros. Anne e Diana olhavam acanhadamente uma para

a outra, próximas a um arbusto de belíssimos lírios-tigre.

O jardim dos Barry era uma umbrosa vastidão de flores que teria encantado Anne em qualquer outro momento menos decisivo. Era cercado por velhos e altos salgueiros e abetos, sob os quais florescia plantas que gostavam de sombra. Caminhos desenhados em ângulos retos, delimitados por conchas, cruzavam o jardim feito faixas vermelhas e úmidas. Nos canteiros, flores convencionais se alastravam. Havia corações-sangrentos cor-de-rosa e esplêndidas peônias carmesim; narcisos brancos perfumados e delicadas rosas silvestres; aquilégias brancas, cor-de-rosa e azuis e saponárias lilás. Moitas de artemísias, caniço-malhado e hortelã; orquídeas-adão-e-eva roxas, narcisos e delicados tufo de trevos com flores de penugem brancas e perfumadas; cruces-maltesas disparavam suas lanças impetuosas sobre comportados mimulus florais. Eram um jardim no qual o sol perdurava, as abelhas zuniam e a brisa entremeava, fremia e farfalhava.

— Ah, Diana — exclamou Anne finalmente, estreitando as mãos e quase sussurrando —, você acha que pode gostar de mim um pouquinho, o suficiente para ser minha amiga do peito?

Diana riu. Ela sempre ria antes de falar:

— Bem, acho que sim — respondeu com franqueza. — Estou muitíssimo feliz por você ter vindo morar em Green Gables! Será muito bom ter alguém com quem brincar. Não

há nenhuma outra menina que more perto o suficiente para brincar comigo, e as minhas irmãs são pequenas.

— Você jura ser minha amiga para sempre? — pressionou Anne, ansiosa.

Diana parecia um tanto chocada.

— Bem, essa é uma coisa ruim de se fazer — repreendeu ela.

— Ah, não, não é esse tipo de jura. Existem dois tipos, você sabe.

— Só ouvi falar de um — duvidou Diana.

— Existe mesmo um outro tipo, e não é nada ruim. Significa apenas fazer um pacto e prometer solenemente.

— Bom, não vejo problema — concordou Diana, aliviada. — Como deve ser feito?

— Devemos juntar as mãos assim — disse Anne, muito séria. — Deve ser consumado sobre água corrente. Vamos imaginar que este caminho seja de água corrente. Vou fazer o juramento primeiro. Juro solenemente ser fiel à minha amiga do peito, Diana Barry, enquanto o sol e a lua perdurarem. Agora você diz, mas com meu nome.

Diana repetiu o juramento rindo o tempo todo. Então disse:

— Você é mesmo esquisita, Anne. Já tinha ouvido falar que você era esquisita. Mas acho que vou gostar muito de você.

Quando Marilla e Anne voltaram para casa, Diana foi com elas até a ponte de troncos. As duas meninas

caminharam de braços dados. No riacho, separaram-se, prometendo passar a tarde seguinte juntas.

— Bom, e então, achou que Diana é uma alma irmã? — questionou Marilla, enquanto subiam o jardim de Green Gables.

— Ah, sim — suspirou Anne extasiada, sem se dar conta do sarcasmo por parte de Marilla. — Nossa, Marilla, neste instante, sou a menina mais feliz da Ilha Príncipe Edward inteira! Garanto que hoje à noite vou fazer minhas preces com a maior boa vontade. Amanhã, Diana e eu vamos construir uma casinha no arvoredo de bétulas do sr. William Bell. Posso pegar aqueles cacos de porcelana que estão no depósito de lenha? O aniversário de Diana é em fevereiro, e o meu é em março. Não acha uma estranha coincidência? Diana vai me emprestar um livro. Ela disse que é absolutamente maravilhoso e incrivelmente emocionante! Ela vai me mostrar um lugar no bosque onde crescem lírios-chocolate. Não acha que Diana tem um olhar muito expressivo? Eu gostaria de ter o olhar expressivo. Diana vai me ensinar uma canção chamada *Nelly no vale das aveleiras*.⁸ Ela vai me dar um quadro para colocar no meu quarto. Ela disse que é um retrato muito bonito de uma linda senhora em um vestido de seda azul-claro. Ela o ganhou de um representante de máquinas de costura. Gostaria de ter alguma coisa para dar para Diana. Sou uns três centímetros mais alta, mas ela é muito mais cheinha. Ela disse que gostaria de ser magra porque é

mais elegante, mas acho que só disse isso para me agradar. Um dia, iremos à praia apanhar conchas. Concordamos em chamar a nascente que passa sob a ponte de troncos de Borbulhas das Dríades. Não é um nome elegante? Li uma vez uma história sobre uma nascente chamada assim. Dríade é uma espécie de fada adulta, eu acho.

— Bem, tudo o que eu espero é que não vá esgotar Diana com seu falatório. Mas lembre-se disto ao fazer todos esses seus planos, Anne: você não poderá ficar brincando todo o tempo, nem mesmo a maior parte do tempo. Antes de brincar, você terá de fazer seu trabalho.

O cálice da alegria de Anne já estava cheio até a borda, e Matthew fez com que transbordasse. Ele havia acabado de chegar de uma viagem até a loja em Carmody e trazia um pacotinho no bolso. Acanhado, entregou-o para Anne, dirigindo um olhar de misericórdia a Marilla. Disse a Anne:

— Ouvi você dizer que gostava de caramelos de chocolate, então comprei alguns.

— Hum! — fungou Marilla. — Vai estragar os dentes e o estômago. Vá, criança, não fique assim tão desanimada! Pode comer, pois Matthew os comprou para você. Seria melhor ter trazido balas de menta. São mais saudáveis. Não vá ficar doente comendo tudo de uma só vez.

— Ah, não, não vou! — respondeu Anne, entusiasmada. — Vou comer um só hoje à noite, Marilla. Posso dar metade para Diana, não posso? A outra metade

vai parecer duas vezes mais gostosa, se eu os repartir. É ótimo que eu tenha algo para dar a ela.

Quando Anne foi para o quarto, Marilla comentou:

— Vou dizer uma coisa a favor dela: não é egoísta. Fico contente, pois dentre todos os defeitos, detesto quando uma criança é mesquinha. Pobre de mim! Ela chegou só há três semanas, mas parece estar aqui desde sempre. Não consigo nem imaginar esta casa sem ela. Ora, não fique me olhando com essa cara de “eu bem que disse”, Matthew. Se isso já é insuportável vindo de uma mulher, imagine de um homem! Estou disposta a admitir que estou contente por a termos adotado e que começo a gostar dela, mas não esfregue isso na minha cara, Matthew Cuthbert.

O PRAZER DA EXPECTATIVA

“ Já está na hora da Anne costurar”, pensou Marilla, olhando para o relógio e depois, pela janela, para a tarde amarelada de agosto entorpecida pelo calor.

“Brincou com Diana meia hora a mais que o combinado e agora está empoleirada ali sobre a pilha de madeira falando pelos cotovelos com Matthew. Ela sabe muito bem que deveria cuidar de seus afazeres. E, é claro, ele a escuta como um perfeito pateta. Nunca vi um homem tão encantado desse jeito! Quanto mais ela fala, e quanto mais estranho é o que ela diz, mais evidente é seu prazer.”

— Venha já aqui, Anne Shirley, está me escutando?

Uma série de batidinhas ritmadas na janela do lado oeste fez com que Anne voasse do pátio para dentro de casa com os olhos cintilantes, as bochechas levemente coradas e os cabelos esvoaçando em ondas de brilho.

— Oh, Marilla — exclamou sem fôlego —, vai haver um piquenique da Escola Dominical na próxima semana. Será nos campos do sr. Harmon Andrews, bem perto da Lagoa das Águas Resplandecentes. A superintendente, sra. Bell, e a sra. Rachel Lynde vão fazer sorvete. Imagine só, Marilla, *sorvete!* Oh, Marilla, eu posso ir?

— Faça o obséquio de dar uma olhada no relógio, Anne. A que horas eu mandei você entrar?

— Às duas horas. Mas não é maravilhoso isso do piquenique, Marilla? Por favor, posso ir? Oh, eu nunca fui a um piquenique. Sonhei com piqueniques, mas nunca...

— Exatamente, eu disse que você voltasse às duas horas. E são quinze para as três. Eu gostaria de saber por que você não me obedeceu, Anne.

— Por quê? Tive toda a intenção. Mas você não tem ideia de como a Estância da Mata é fascinante! Também, é claro que eu tinha de contar a Matthew sobre o piquenique. Matthew sempre me escuta com toda a atenção. Por favor, posso ir?

— Você deve aprender a resistir à tentação de zanzar nessa Estância-sei-lá-o-quê. Quando eu lhe digo para voltar em um determinado horário, quero dizer pontualmente, e não meia hora mais tarde. Além disso, não precisa parar e ficar discursando para todos os ouvintes atentos com que cruza no caminho. Quanto ao piquenique, é claro que você pode ir. Você é aluna da Escola Dominical, então eu jamais a proibiria de ir quando todas as outras meninas irão.

— Mas — titubeou Anne — Diana disse que todos devem levar uma cesta de coisas para comer. Como bem sabe, Marilla eu não sei cozinhar, e... e não me importo muito de ir ao piquenique sem as mangas bufantes, mas eu me sentirei terrivelmente humilhada se for sem a cesta. Fiquei de cabeça quente com isso desde que Diana me avisou.

— Bom, então não precisa mais esquentar essa cabeça. Prepararei uma fornada para você levar.

— Ah, bondosa e querida Marilla! Oh, você é tão gentil comigo! Oh, estou muitíssimo agradecida.

Arrematando suas exclamações, Anne se lançou nos braços de Marilla e beijou seu rosto, empolgada. Foi a primeira vez, em toda a sua vida, que lábios infantis tocaram voluntariamente seu rosto. Mais uma vez, a sensação súbita e surpreendente de tanta meiguice a emocionou. Ela ficou tão satisfeita com o carinho impulsivo de Anne que é provável que por isso disse bruscamente:

— Oras, deixe dessa tolice de beijinhos! Mais cedo do que tarde, quero ver você obedecer suas ordens à risca. Quanto a cozinhar, tenho a intenção de começar a lhe dar aulas de culinária em breve. Mas você é tão desmiolada, Anne! Portanto, antes, vou esperar que aprenda a ser mais calma e concentrada. Para cozinhar, é preciso ter os pés no chão. Não se pode parar no meio das coisas e deixar os pensamentos criativos fluírem. Agora, pegue seus *retalhos* e faça um quadrado antes do jantar.

— Não gosto de *costurar retalhos* — lamentou Anne, sombria, apanhando sua cesta de costura e sentando-se com um suspiro diante de um montinho de losangos vermelhos e brancos. — Acho que alguns tipos de costura são interessantes, mas não há margem para a imaginação com retalhos. Não passa de uma costura após a outra, e

nunca chegar a nada. Mas claro, prefiro ser Anne de Green Gables fazendo *colcha de retalhos*, do que Anne de qualquer outro lugar sem fazer nada, exceto brincar. No entanto, queria que o tempo passasse tão rápido ao costurar retalhos como quando brinco com Diana. Ah, que momentos requintados nós temos, Marilla! Eu contribuo com a maior parte da imaginação, mas tenho o dom para isso. Diana é simplesmente perfeita em todas as outras coisas. Você conhece uma pequena área depois do riacho que corre entre a nossa fazenda e a do sr. Barry? Pertence ao sr. William Bell, e bem no canto há um pequeno círculo de bétulas brancas. Que local romântico, Marilla! Diana e eu montamos nossa casinha lá. Demos o nome de Estância da Mata. Não é poético? Tenha certeza de que demorou um bom tempo para inventá-lo. Fiquei acordada quase uma noite inteira até conseguir. Então, justo quando ia desistir e cair no sono, me veio essa inspiração. Diana ficou extasiada quando contei. Nossa casinha está arrumada com elegância. Você precisa vê-la, Marilla! Virá nos visitar, não é? Temos maravilhosas pedras cobertas de musgo, que são nossos assentos, e tábuas entre as árvores que servem como prateleiras e onde pusemos todos os nossos pratos. É claro que são todos cacos, mas é a coisa mais fácil do mundo imaginar que estão inteiros. Há uma lasca de prato estampado com ramos de trepadeira vermelha e amarela que é linda. Nós o colocamos na sala de visitas, onde também está a cúpula de cristal. A cúpula de cristal é um

sonho! Diana achou na casa dela, no bosque atrás do galinheiro. É toda de arco-íris, vários pequenos arco-íris que ainda não se formaram por completo. A mãe de Diana contou que é uma peça de um lustre antigo dela. Mas gosto de imaginar que foi perdida em um baile em conto de fadas. Matthew vai construir uma mesa para nós. Ah, pusemos o nome de Poça do Chorão no charco circular da propriedade do sr. Barry. Tirei esse nome de um livro que Diana me emprestou. É um livro emocionante, Marilla. A heroína tinha cinco amantes. Eu ficaria satisfeita com só um, você não? Ela era muito bonita e passou por grandes tribulações. Ela desmaiava a toda hora. Eu adoraria ser capaz de desmaiar, você não? É tão romântico! Mas apesar de magra, sou muito saudável. No entanto, acredito que irei engordar. Você acha que sim? Todos os dias ao me levantar, olho meus cotovelos para ver se aparece alguma covinha. Diana vai ganhar um vestido novo com meia-manga. Ela irá usá-lo no piquenique. Oh, espero que na quarta-feira que vem o clima esteja bom. Sinto que não poderia suportar a frustração caso algo me impeça de ir ao piquenique. Presumo que sobreviveria, mas tenho a certeza de que seria um desgosto sem fim. Não importa se eu ainda for a cem piqueniques no futuro, nada compensaria a perda desse. Haverá barcos na Lagoa das Águas Resplandcentes e também sorvete, como já contei. Eu nunca tomei sorvete. Diana tentou me explicar como é,

mas acho que sorvete é uma daquelas coisas que vivem além da imaginação.

— Anne, você falou no mesmo ritmo sem parar por dez minutos no relógio. Agora, por mera curiosidade, veja se consegue fechar a matraca durante o mesmo período de tempo.

Anne fechou a matraca conforme ordenado. Mas durante o resto da semana só falou sobre o piquenique, pensou no piquenique e sonhou com o piquenique. No sábado choveu, e ela ficou de tal modo exaltada, em um estado tão frenético, receando que não parasse de chover até a quarta-feira, que Marilla fez com que ela costurasse um quadrado extra da colcha por dia, na tentativa de controlar seus nervos.

No domingo, Anne confidenciou a Marilla, no caminho de volta da igreja, que teve realmente calafrios de emoção no corpo inteiro quando, lá de cima do púlpito, o reverendo anunciou o piquenique.

— Um arrepio percorreu a minha coluna de baixo até em cima, Marilla! Antes daquele momento talvez eu não acreditasse realmente que haveria um piquenique. Receava que estivesse só na minha imaginação. Mas quando um reverendo diz alguma coisa lá no púlpito, é para acreditar.

— Você deposita seu coração exageradamente em tudo, Anne — suspirou Marilla. — Receio que assim você terá muitas decepções na vida.

— Ah, Marilla, metade do prazer está na expectativa!
— exclamou Anne. — Pode ser que não consigamos as coisas em si, mas nada pode me tirar a diversão de aguardar ansiosamente. A sra. Lynde sempre diz: “Bem-aventurados aqueles não esperam por nada, pois não se decepcionarão.” Mas acho que pior do que se decepcionar é não ter expectativas.

Naquele dia, como de costume, Marilla colocou seu broche de ametistas para ir à igreja. Ela sempre usava esse broche para ir à igreja. Considerava um certo sacrilégio ir sem ele, tão ruim quanto esquecer a Bíblia ou a moeda do ofertório. Esse broche era seu bem mais valioso. Um tio marinheiro o dera à sua mãe que, por sua vez, o deixara de herança para Marilla. Era antiquado, em formato ovalado, com a borda toda incrustada de finas ametistas, e continha uma mecha do cabelo de sua mãe. Marilla conhecia muito pouco a respeito de pedras preciosas para avaliar quanto as ametistas realmente valiam. Mas as achava muito bonitas e, mesmo sem poder vê-las, estava sempre consciente de seu cintilar violeta sobre seu bom vestido de cetim marrom.

Anne ficou louca de admiração quando viu o broche pela primeira vez.

— Oh, Marilla, é um broche elegantíssimo! Não sei como consegue prestar atenção no sermão ou nas orações quando o usa. Tenho certeza de que eu não conseguiria. Acho essas ametistas simplesmente adoráveis. Elas são

como eu costumava pensar que os diamantes fossem. Há muito tempo, antes de eu ver um diamante pela primeira vez, li sobre eles e tentei imaginar como seriam. Pensei que poderiam ser adoráveis pedras roxas. Um dia, quando vi um diamante verdadeiro no anel de uma senhora, fiquei tão decepcionada que chorei. É claro que era adorável, mas não correspondia à minha ideia de diamante. Permitiria que eu segurasse o broche por um minuto, Marilla? Acha que as ametistas podem ser as almas das belas violetas?

ANNE CONFESSA

Na segunda-feira à noite, antes do piquenique, Marilla desceu de seu quarto com uma expressão perturbada.

— Anne — disse à pequena que debulhava ervilhas na mesa e cantava *Nelly no vale das aveleiras* com o vigor e a expressividade ensinados por Diana —, por acaso viu o meu broche? Achei que eu o tivesse prendido na almofada de alfinetes quando cheguei da igreja ontem, mas não o encontro em lugar nenhum.

— Eu o vi esta tarde, quando a senhora estava na Sociedade Assistencial — respondeu Anne, meio sonolenta. — Quando passei pelo seu quarto, eu o vi na alfineteira, então entrei para admirá-lo.

— Você tocou nele? — inquiriu Marilla austeramente.

— Sim — admitiu Anne, titubeando —, eu o peguei e prendi no meu peito, só para ver como ficaria.

— Você não deveria ter feito isso! É feio xeretar. Em primeiro lugar, não devia ter entrado no meu quarto e, em segundo lugar, não devia ter tocado em um broche que não é seu. Onde você o colocou?

— Coloquei de volta na cômoda. Não fiquei nem um minuto com ele. De verdade, não tive a intenção de xeretar, Marilla. Não sabia que era errado entrar no quarto e experimentar o broche, mas agora sei que sim e não farei

mais isso. Essa é uma coisa boa a meu respeito: nunca repito uma travessura.

— Você não o colocou de volta — contestou Marilla. — O broche não está em nenhum lugar da cômoda. Você saiu de lá com ele, Anne?

— Coloquei de volta onde estava — defendeu-se Anne, de um modo um pouco afobado, considerou Marilla. — Só não me lembro se o preendi na alfineteira ou se o coloquei na bandeja de porcelana. Mas tenho certeza de que o coloquei de volta.

— Vou dar outra olhada — decidiu Marilla, querendo ser justa. — Se você tivesse colocado o broche de volta, ainda estaria lá. Bom, se ele não estiver lá, saberei que você não colocou de volta e pronto!

Marilla foi para o quarto e fez uma busca completa, não apenas sobre a cômoda, mas em todos os outros lugares onde o broche poderia estar. Como não o encontrou, voltou para a cozinha.

— Anne, o broche desapareceu! Pelo que você mesma disse, você foi última pessoa a mexer nele. E então, o que foi que aconteceu? Diga a verdade de uma vez! Você saiu com ele e o perdeu?

— Não, de forma alguma — negou Anne solenemente, sob o olhar bravo e firme de Marilla. — Eu não tirei o broche do quarto! Esta é a verdade, mesmo que eu seja levada ao cepo por isso... embora eu não tenha certeza do que seja um cepo. E tenho dito, Marilla!

O “e tenho dito” de Anne pretendia apenas enfatizar a sua afirmação, mas Marilla o considerou uma provocação.

— Acho que você está me contando uma mentira, Anne — acusou, cortante. — Sei que está. Então não diga mais nada, a menos que queira dizer toda a verdade. Vá para o seu quarto e fique lá até que esteja pronta para confessar.

— Posso levar as ervilhas comigo? — pediu docilmente.

— Não, eu mesma vou terminar de debulhar. Faça como mandei.

Quando Anne saiu, Marilla, bastante perturbada, foi fazer as tarefas da tarde. Estava preocupada com seu valioso broche. “E se Anne o tiver perdido? E que feio por parte dela negar que o apanhou, quando é óbvio que deve ter pegado! E ainda por cima com uma cara tão inocente! Não sei o que prefiro que tenha acontecido”, pensou Marilla ao debulhar as ervilhas, com os nervos à flor da pele. “Claro que não acho que ela teve a intenção de roubá-lo, ou algo assim. Ela só o levou para brincar ou para dar um empurrãozinho naquela sua imaginação. Ela deve tê-lo pegado, isso é óbvio, pois, conforme ela mesma contou, nenhuma viva alma esteve naquele quarto desde que ela saiu de lá, isso até eu mesma ter subido na tarde de hoje. E o broche desapareceu, disso não resta dúvidas. Suponho que ela o tenha perdido, e agora tem medo de admitir e ser punida. É uma coisa terrível constatar que ela

mente. É pior do que qualquer acesso de raiva. É uma responsabilidade pesada ter em casa uma criança em quem não se pode confiar. Astúcia e falsidade, foi o que ela demonstrou. Reconheço que me sinto ainda pior sobre esse fato do que sobre o broche em si. Se ela tivesse dito a verdade, não me importaria tanto.”

Marilla voltou ao seu quarto algumas outras vezes durante toda a tarde e procurou pelo broche, sem encontrá-lo. Uma visita ao quarto do frontão leste na hora de dormir também não gerou resultados. Anne insistiu em negar que soubesse qualquer coisa sobre o broche, mas Marilla estava cada vez mais convencida de que era responsável.

Na manhã seguinte, ela contou a Matthew a história toda. Ele ficou aturdido e confuso. Não podia perder a confiança em Anne assim tão facilmente, mas tinha de admitir que as circunstâncias estavam contra ela.

— Tem certeza de que não caiu atrás da cômoda? — foi a única sugestão que pôde dar.

— Arrastei a cômoda, tirei todas as gavetas e procurei em cada cantinho — foi a resposta meticulosa de Marilla.

— O broche sumiu, a menina o pegou e mentiu a respeito. Esta é a verdade, Matthew Cuthbert, temos que encarar.

— Ora, bem, o que você fará a respeito? — perguntou Matthew, cabisbaixo. No fundo sentia-se agradecido por ser Marilla, e não ele, a ter que lidar com a situação. Desta vez, ele não teve vontade de meter o bedelho.

— Ela ficará no quarto até confessar — disse Marilla determinada, lembrando o sucesso desse método no primeiro caso. — Depois veremos. Se ela disser onde procurar, talvez reencontremos o broche. Em qualquer dos casos, ela terá de ser duramente castigada, Matthew.

— Ora, bem, você irá castigá-la — alegou Matthew, pegando o chapéu. — Não tenho nada a ver com isso, lembre-se. Você mesma me alertou.

Marilla se sentiu abandonada e só. Não poderia sequer pedir um conselho à sra. Lynde. Subiu ao quarto do frontão leste com uma expressão muito séria e saiu com outra mais séria ainda. Anne, teimosa, recusou-se a confessar. Insistia em afirmar que não pegara o broche. Era evidente que a criança estivera chorando, e Marilla sentiu uma pontada de pena, que austeramente reprimiu. À noite, ela estava, tal como expressou, “arrasada”.

— Você ficará aqui no quarto até confessar, Anne. Decida-se, você pode mudar de opinião — ela disse, gravemente.

— Mas o piquenique é amanhã, Marilla! — implorou Anne. — Não me proibirá de ir, não é? Pode me deixar sair somente durante a tarde. Aí ficarei aqui até quando queira, com toda boa vontade, mas só depois disso. Mas não posso deixar de ir ao piquenique.

— Não, não irá a piqueniques nem a qualquer outro lugar até confessar, Anne.

— Oh, Marilla — suspirou.

Porém, Marilla já havia saído e fechado a porta.

A quarta-feira amanheceu linda e ensolarada, como se especialmente feita para um piquenique. Os pássaros cantavam em torno de Green Gables. No jardim, os lírios-de-nossa-senhora exalavam um perfume que entrava trazido por brisas invisíveis em cada porta e janela, vagando pelos saguões e aposentos como espíritos de benção. No vale, as bétulas acenavam alegremente, como se esperassem pela habitual saudação matinal de Anne vinda do frontão leste. Mas Anne não estava na janela. Quando Marilla chegou com o café da manhã, encontrou a criança rigidamente sentada na cama, pálida e resoluta, com os lábios apertados e os olhos brilhantes.

— Marilla, estou pronta para confessar.

— Ah!

Marilla apoiou a bandeja. Mais uma vez, seu método funcionara, mas o êxito tinha um gosto amargo.

— Quero ouvir o que tem a dizer, Anne.

— Eu peguei o broche de ametista — afirmou como se repetisse uma lição decorada. — Exatamente como já contei, quando entrei no quarto eu não tinha a intenção de pegá-lo. Mas ficou tão bonito quando eu o preendi em meu peito, Marilla, que fui vencida por uma tentação irresistível. Imaginei como seria empolgante levá-lo para a Estância da Mata e fingir que eu era lady Cordelia Fitzgerald. Seria muito mais fácil imaginar que eu era lady Cordelia se eu usasse um broche de ametistas de verdade.

Diana e eu fazemos colares de framboezinhas, mas o que são framboesas comparadas a ametistas? Então eu levei o broche. Achei que conseguiria devolvê-lo antes que você voltasse para casa. Para prolongar o tempo, escolhi ir pela estrada. Quando cruzei a ponte da Lagoa de Águas Resplandcentes, tirei o broche para dar outra olhada nele. Ah, como brilhava sob a luz do sol! E então, quando eu estava inclinada sobre a ponte, ele escorregou entre meus dedos e caiu, assim, afundando, afundando, cintilando o violeta, e afundou para todo o sempre nas profundezas da Lagoa das Águas Resplandcentes. Esta é a melhor confissão que posso fazer, Marilla.

Marilla sentiu uma cólera escaldante ressurgir em seu coração. Aquela criança havia pegado e perdido seu tão precioso broche de ametistas e agora estava ali, calmamente narrando os detalhes, aparentemente sem o mínimo remorso.

— Anne, que coisa mais terrível! — falou, tentando se manter calma. — Você é a menina mais malvada que já conheci!

— É, acho que sou — concordou Anne com tranquilidade. — E sei que vou ser castigada. Será seu dever me punir, Marilla. Por favor, termine com isso logo, para que eu vá ao piquenique com a cabeça tranquila.

— Que piquenique, que nada! Você não irá a piquenique nenhum hoje, Anne Shirley. Esse é o seu

castigo. E garanto que não é um castigo severo o suficiente para o que você fez!

— Deixar de ir ao piquenique?! — Anne ficou em pé de um salto e agarrou as mãos de Marilla. — Mas prometeu que eu poderia ir! Oh, Marilla, não posso deixar de ir ao piquenique. Foi por isso que confessei. Pode me punir de qualquer outra maneira que preferir, Marilla, mas isso não! Oh, Marilla, por favor... Por favor, deixe-me ir ao piquenique. Pense no sorvete! Por tudo neste mundo, você sabe que eu talvez nunca tenha outra chance de provar sorvete.

Marilla libertou suas mãos do forte aperto de Anne.

— Não adianta implorar, Anne. Você não irá ao piquenique e ponto final. Não. Nem mais uma palavra sobre isso.

Anne percebeu que Marilla estava inflexível. Ela juntou as mãos, deu um grito lancinante e, em seguida, enterrou o rosto na cama, chorando e contorcendo-se de decepção e desespero em total abandono.

— Pelo amor de Deus! — arfou Marilla, saindo depressa do quarto. — Esta criança só pode ser louca. Nenhuma criança normal se comportaria assim. Se não for isso, então ela é realmente má. Céus, talvez Rachel estivesse certa desde o início. Mas agora que coloquei a mão no arado, não olharei para trás.

Foi uma manhã deprimente. Marilla trabalhou muito e, sem achar mais nada para fazer, esfregou o chão do

alpendre e as prateleiras de laticínios, mesmo que nenhum deles precisasse de limpeza. Então saiu e varreu o quintal.

Quando o almoço ficou pronto, ela foi até o pé da escada e chamou Anne. Um rosto banhado em lágrimas e com um olhar trágico surgiu sobre o corrimão.

— Desça para o almoço, Anne.

— Não quero almoço nenhum — respondeu soluçando. — Não consigo comer nada agora. Estou de coração partido. Imagino que um dia sentirá remorso por fazer isso comigo, Marilla, mas eu a perdorei. Quando essa hora chegar, lembre-se de que eu a perdorei. Mas por favor, não me peça para comer nada, especialmente carne de porco refogada com verduras, que não é um prato nada romântico para alguém nessa aflição.

Exasperada, Marilla voltou à cozinha e descarregou angustiada o relato sobre Matthew, que se consumia entre o senso de justiça e sua infinita compaixão por Anne.

— Ora, bem, ela não devia ter pegado nem mentido sobre o broche, Marilla — admitiu, inspecionando com pesar seu prato nada romântico de carne de porco com verduras. Era como se ele, assim como Anne, também achasse aquela comida inadequada para crises sentimentais. — Mas ela é mesmo uma gracinha, uma coisinha tão interessante! Não acha que seja duro demais não deixar que vá a esse piquenique, tão empolgada que está?

— Matthew Cuthbert, você me espanta! Acho que deixei que ela se safasse até fácil demais. Ela parece não perceber a própria maldade, é isso o que mais me preocupa. Não seria tão ruim se ela se arrependesse. Parece que nem você percebe isso. Vejo que fica aí o tempo todo arranjando desculpas para si mesmo, por ela.

— Ora, bem... Ela é mesmo uma pequenina interessante — reiterou baixinho Matthew. — Deveríamos aliviar, Marilla. Você bem sabe que ela nunca teve quem a educasse.

— Bom, agora ela tem!

A réplica silenciou Matthew, mas não o convenceu. Aquele foi um almoço realmente deprimente. A única pessoa alegre ali era Jerry Buote, o jovem contratado, e Marilla se ressentiu de sua alegria como se fosse um insulto pessoal.

Com os pratos já lavados, o pão posto para crescer e as galinhas tratadas, Marilla se lembrou de que, na segunda-feira à tarde, ao regressar da Liga das Senhoras, notara um leve desfiado em seu melhor xale de renda preta quando o tirou.

Ela o remendaria. O xale estava dentro do baú. Quando Marilla ergueu o xale, a luz do sol que penetrava por entre as videiras densamente aglomeradas contra a janela destacou algo preso nele. Algo reluzia e cintilava em matizes de violeta. Marilla agarrou aquilo e suspirou

profundamente. Era o broche de ametistas. Estava pendurado pelo fecho em um fio da renda!

— Pelo sagrado coração — exclamou Marilla, desconcertada—, o que significa isto? Aqui está meu broche, são e salvo, quando deveria estar no fundo da lagoa dos Barry. Qual a intenção dessa menina ao confessar que o perdeu? Acho que há algum feitiço sobre Green Gables! Agora me lembro de que, quando tirei o xale na segunda à tarde, eu o coloquei na cômoda por um momento. Suponho que o broche tenha se enroscado nele. Bem!

Com o broche nas mãos, Marilla foi direto para o quarto do frontão leste. Anne, abatida e já sem conseguir chorar, estava sentada junto à janela.

— Anne Shirley — chamou Marilla solenemente, — acabo de encontrar o broche pendurado no meu xale de renda preta. Agora quero saber o que foi aquela lenga-lenga que me contou hoje cedo.

— Foi porque você disse que eu ficaria aqui até que confessasse — redarguiu Anne, exausta —, então decidi confessar porque o piquenique se aproximava. Inventei uma confissão na noite passada depois que fui para a cama, a mais convincente que consegui. Repeti várias vezes para decorar tudo. Mas, no final das contas, você acabou não me deixando ir ao piquenique, e todo o meu esforço foi em vão.

Marilla não conseguiu conter o riso. Mas sua consciência a açoitava.

— Anne, você é inigualável! Agora vejo como eu estava errada. Não deveria ter duvidado da sua palavra, pois nunca peguei você em uma mentira. É claro que não está certo você confessar uma coisa que não fez, é muito errado. Mas eu a levei a fazer isso. Então, se me perdoar, Anne, eu também a perdoarei, e aí começamos da estaca zero novamente. E agora vá se arrumar para o piquenique!

Anne voou como um foguete.

— Ah, Marilla, não está tarde para ir?

— Não, são só duas horas da tarde. Estão começando a se reunir neste momento, e leva ainda uma hora até que sirvam o chá. Lave o rosto, penteie o cabelo e coloque o vestido marrom quadriculado. Vou preparar a cesta para você levar. Temos em casa muitos pães assados. E vou pedir ao Jerry que atele a alazã para eu levá-la até lá.

— Oh, Marilla — exclamou Anne, voando para o lavatório. — Há cinco minutos, eu estava tão triste que desejava nunca ter nascido, mas agora não trocaria de lugar nem com um anjo!

Naquela noite, Anne voltou para Green Gables realmente feliz e completamente exausta, em um estado de beatitude impossível de se descrever.

— Ah, Marilla, foi uma tarde deleitosa! “Deleitosa” é uma palavra nova que aprendi hoje. Eu ouvi Mary Alice Bell usá-la. Não é mesmo muito expressiva? Foi tudo

muito gostoso. Foi servido um chá excelente e, em seguida, o sr. Harmon Andrews levou todas nós em uma aventura na Lagoa das Águas Resplandecentes, seis por vez. E Jane Andrews quase caiu do barco. Ela estava inclinada pegando nenúfares, e se o sr. Andrews não a tivesse agarrado pelo cinto bem na hora, teria caído e provavelmente se afogado. Gostaria que tivesse sido eu no lugar dela. Quase morrer afogada teria sido uma experiência tão romântica! Seria uma história eletrizante para se contar. E ganhamos sorvete. Me faltam palavras para descrever o sorvete. Marilla, asseguro que era sublime!

Naquela noite, Marilla contou toda a história sobre o xale e o baú a Matthew.

— Assumo que cometi um erro — concluiu ela com sinceridade —, mas aprendi uma lição. Dou risada quando penso na “confissão” de Anne, embora não devesse, pois foi uma mentira. De qualquer maneira, não me parece tão ruim quanto a alternativa e, de alguma forma, eu fui a responsável por isso. Essa criança é difícil de entender sob alguns aspectos, mas ainda acredito que crescerá bem. E uma coisa é certa: nenhuma casa em que ela esteja jamais será monótona.

TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA

Que dia maravilhoso! — exclamou Anne, com um suspiro profundo. — Só de estar viva em um dia como este já é bom demais! Sinto muito pelas pessoas que ainda não nasceram, por perderem isto. Elas poderão ter dias bons, é claro, mas nunca terão este dia. É ainda mais maravilhoso poder percorrer um caminho tão lindo para ir à escola, não é?

— É muito mais agradável do que ir pela estrada poeirenta e quente — concordou a pragmática Diana, espiando o almoço em sua cesta e calculando mentalmente quantas mordidas cada amiga poderia dar nas três suculentas e crocantes fatias de torta de framboesa que levava.

As meninas da escola de Avonlea sempre compartilhavam seus lanches. Se Diana comesse sozinha as três fatias ou mesmo se as partilhasse apenas com a melhor amiga, seria taxada para todo o sempre como “terrivelmente má”. Todavia, quando as tortas foram divididas entre dez meninas, o que cada uma ganhou foi suficiente apenas para atizar a vontade.

O caminho que Anne e Diana tomaram para a chegar à escola era realmente bonito. Anne considerou que aquelas caminhadas para a escola com Diana não poderiam ser melhoradas nem mesmo com a imaginação. Fazer o

percurso todo apenas pela estrada principal não teria sido nada romântico! Mas ir pela Alameda dos Enamorados, pela Poça do Chorão, pela Baixada das Violetas e pelo Caminho das Bétulas era mais romântico do que qualquer coisa no mundo.

A Alameda dos Enamorados começava na parte baixa do pomar de Green Gables e se estendia através do bosque até o limite da fazenda dos Cuthbert. Era o caminho usado para levar as vacas à pastagem do fundo e trazer a madeira para casa no inverno. Anne a nomeara Alameda dos Enamorados antes de completar um mês em Green Gables.

— Não é que os amantes caminhem por ali — explicou a Marilla—, mas Diana e eu estamos lendo um livro perfeitamente magnífico, e há uma Alameda dos Enamorados nele. Por isso, também quisemos ter uma. É um nome bem bonito, não acha? Tão romântico! Sabe, não consigo nem imaginar amantes naquele lugar. Eu gosto dessa alameda porque lá podemos pensar alto, sem que as pessoas nos chamem de loucas.

Anne, ao sair sozinha pela manhã, descia a Alameda dos Enamorados até o riacho. Ali, encontrava Diana, e as duas meninas subiam a alameda sob o arco frondoso dos bordos até chegarem a uma ponte rústica.

— Os bordos são árvores muito sociáveis — dizia Anne. — Estão sempre farfalhando e sussurrando para nós.

Em seguida, saíam da alameda, percorriam as terras dos fundos da propriedade do sr. Barry e passavam pela

Poça do Chorão. Para além, ficava a Baixada das Violetas, uma “cavinha” verde à sombra dos grandes bosques do sr. Andrew Bell.

— Claro que não há violetas lá agora — contou Anne a Marilla —, mas Diana diz que nascem milhões delas na primavera. Ah, Marilla, consegue imaginar isso? É realmente de tirar o fôlego! Eu a chamei de Baixada das Violetas. Diana disse que nunca conheceu ninguém sequer com metade do meu talento para dar nomes extravagantes aos lugares. É gostoso ser boa em algo, não é? Mas foi Diana quem deu o nome do Caminho das Bétulas. Ela queria, por isso deixei. Mas tenho certeza de que eu teria pensado em um nome mais poético do que o óbvio Caminho das Bétulas. Qualquer um poderia inventar um nome assim. Mas o Caminho das Bétulas é um dos lugares mais bonitos do mundo, Marilla!

E era mesmo. Outras pessoas além de Anne também achavam, quando se deparavam com ele. Era uma trilha estreita e sinuosa que descia a longa encosta da floresta do sr. Bell, onde a luz batia já filtrada por muitas camadas esmeraldas, o que a deixava imaculada como o núcleo de um diamante. Era ladeada em todo o seu comprimento por bétulas esguias e jovens, com caules brancos e galhos finos. Samambaias, borragens, lírios-do-campo e tufo de bagas-de-pombo carmesins cresciam espessos ao longo dela. E sempre havia um delicioso odor picante no ar, o canto de aves e o murmúrio dos ventos nas árvores do

bosque lá em cima. De vez em quando, se estivessem em silêncio, dava para ver um coelho pulando e cruzando a estrada — coisa que, com Anne e Diana, acontecia muito raramente. No vale, a trilha encontrava a estrada principal, e depois era só subir a colina de pinheiros até a escola.

A escola de Avonlea era um edifício caiado, com beirais baixos e janelas amplas, mobiliado com confortáveis escrivaninhas antigas e sólidas que abriam e fechavam e cujas tampas estavam entalhadas com as iniciais e rabiscos de três gerações de alunos. A escola ficava recuada da estrada, e atrás dela havia um bosque escuro de abetos e um riacho onde pela manhã todas as crianças punham suas garrafas de leite para mantê-lo fresco e adocicado até a hora do almoço.

Com muitas preocupações secretas, Marilla observara Anne ir para a escola no primeiro dia de setembro. Anne era uma garota bem estranha. Saber conviver bem com as outras crianças? E como raios ela conseguiria fechar a matraca durante as aulas?

No entanto, as coisas correram melhor do que Marilla esperava. Anne chegou em casa muito animada naquele fim de tarde.

— Acho que vou gostar muito dessa escola — anunciou. — Porém, o professor não me impressionou. Ele fica o tempo todo enrolando o bigode e olhando para Prissy Andrews. Prissy já é grandinha, sabe. Ela tem dezesseis anos e está estudando para o exame de ingresso

na Academia da Rainha em Charlottetown no ano que vem. Tillie Boulter contou que o professor é apaixonado por ela. Prissy tem a pele bonita e o cabelo castanho encaracolado, que penteia de um jeito muito elegante. Ela se senta no banco comprido nos fundos da classe, e ele quase sempre se senta lá com ela, para explicar as lições, ele diz. Mas Ruby Gillis contou que o viu escrever algo na lousinha dela, e quando Prissy leu, ficou vermelha feito beterraba e riu. Ruby Gillis disse que acha que não tinha nada a ver com a lição.

— Anne Shirley, que eu nunca mais escute você falar assim do seu professor — repreendeu Marilla, imperativa. — Você não vai à escola para criticar o professor. Imagino que ele possa lhe ensinar algo, e a sua tarefa é aprender. E quero que você compreenda desde já que não é para chegar em casa com fofocas. Isso é uma coisa que não recomendo. Espero que tenha se comportado bem.

— Sim, me comportei — respondeu Anne, satisfeita consigo mesma. — Não foi tão difícil como se poderia imaginar. Eu me sento com Diana. Nosso lugar é bem ao lado da janela, e podemos ver a Lagoa das Águas Resplandecentes. Há um monte de boas meninas na escola, e nós nos divertimos brincando na hora do almoço. É muito bom ter várias meninas para brincar. Mas é claro que eu gosto mais de Diana, para sempre. Eu adoro Diana! Estou em um nível muitíssimo aquém dos outros. Estão todos no quinto livro, e eu estou no quarto. Passo um

pouco de vergonha. Mas logo descobri que nenhum deles tem tanta imaginação como eu. Tivemos aula de leitura, de geografia, de história do Canadá e um ditado. O sr. Phillips disse que a minha ortografia é uma desgraça e levantou minha lousa toda cheia de correções para a classe toda ver. Fiquei muito aborrecida, Marilla. Acho que ele poderia ter sido mais gentil com uma novata. Ruby Gillis me deu uma maçã, e Sophia Sloane me emprestou um bonito cartão cor-de-rosa com a inscrição “Posso acompanhar você até em casa?”. Tenho que devolver amanhã. Tillie Boulter me deixou usar seu anel de contas durante toda a tarde. Posso pegar algumas daquelas contas na almofada de alfinetes velha que está no sótão para fazer um anel? E, ah, Marilla, Jane Andrews me contou que Minnie MacPherson disse que ouviu Prissy Andrews contar a Sara Gillis que eu tenho um nariz muito bonito. Marilla, é o primeiro elogio que recebo na minha vida. Não pode imaginar a sensação estranha que isso me deu. Marilla, o meu nariz é mesmo bonito? Sei que vai dizer a verdade.

— Seu nariz é bom o suficiente — respondeu Marilla de maneira breve. No fundo, achava que o nariz de Anne era incrivelmente bonito, mas não tinha intenção de dizer a ela.

Isso acontecera havia três semanas, e tudo havia transcorrido sem problemas até então. E naquele dia, uma manhã fresca de setembro, Anne e Diana seguiam alegres e

despreocupadas pelo Caminho das Bétulas, duas das mais felizes meninas em Avonlea.

— Acho que Gilbert Blythe estará na escola hoje — contou Diana. — Ele estava visitando os primos em Nova Brunswick no verão e só voltou para casa no sábado à noite. Ele é incrivelmente lindo, Anne. E ele provoca as meninas de um jeito terrível. Ele atormenta as nossas vidas.

O tom de voz de Diana indicava que ela até gostava de ser atormentada por ele.

— Gilbert Blythe? — perguntou Anne. — Não é o nome que está escrito na parede do alpendre junto ao de Julia Bell, com um “Prestem atenção” em cima?

— É — respondeu Diana, com a cabeça —, mas tenho certeza de que ele não gosta assim dela. Ouvi ele comentar que decorou a tabuada contando as sardas dela.

— Ah, nem me fale de sardas — implorou Anne. — É um pouco grosseiro, pois sou coberta por elas! Mas acho bobo ficar escrevendo mensagens na parede sobre meninos e meninas. Gostaria de ver alguém se atrever a escrever o meu nome junto ao de um menino! Não que alguém faria isso, é claro — apressou-se a acrescentar.

Anne suspirou. Ela não queria ver seu nome escrito. Mas era um pouco humilhante saber que não havia a menor chance disso acontecer.

— Bobagem — contestou Diana, quem, com seus olhos negros e cabelos brilhantes, tinha feito tanto estrago no

coração dos estudantes de Avonlea que seu nome figurava nas paredes do alpendre em meia dúzia de mensagens. — São só de brincadeira. E não tenha tanta certeza de que o seu nome nunca será escrito lá. Charlie Sloane está de olho em você. Ele disse à mãe dele... para a própria mãe, veja só... que você é a menina mais inteligente da escola. Isso é melhor do que ser bonita.

— Não, não é — replicou Anne, feminina até a alma. — Melhor ser bonita que inteligente. E eu detesto Charlie Sloane, não suporto meninos de óculos. Se alguém escrevesse o meu nome junto ao dele, ficaria muito incomodada, Diana Barry. Mas é bom ser a primeira da classe.

— Gilbert logo vai voltar, e já aviso que ele está acostumado a ser o primeiro. Ele ainda está no quarto livro, embora tenha quase catorze anos. Quatro anos atrás, seu pai ficou doente e se mudou para Alberta para se tratar, e Gilbert foi com ele. Ficaram lá por três anos, e Gil quase não ia à escola. Não vai ser tão fácil ser a primeira da classe agora, Anne.

— Fico contente — respondeu Anne rápido. — Não conseguia mesmo me sentir orgulhosa de ser a primeira da classe entre meninos e meninas de apenas nove ou dez anos. Eu subi de nível ontem quando soletrei “ebulição”. Josie Pye era a primeira e, veja você, ela espiou no livro. O sr. Phillips não notou, pois estava olhando para Prissy Andrews, mas eu vi. Lancei um olhar de desprezo

congelante, e ela ficou vermelha feito beterraba. E, no final das contas, soletrou errado.

— As Pye sempre foram trapaceiras — concordou Diana, indignada, enquanto pulavam a cerca da estrada principal. — Ontem, Gertie Pye colocou a garrafa de leite dela no meu lugar no riacho, acredita nisso? Agora não falo mais com ela.

Quando o sr. Phillips estava no fundo da sala ouvindo Prissy Andrews recitar latim, Diana sussurrou para Anne:

— Aquele ali é Gilbert Blythe, sentado exatamente do outro lado do corredor, Anne. Dê uma olhada e me diga se não acha ele bonito.

Anne deu uma espiada. Teve a chance de fazer isso pois o tal Gilbert Blythe, sentado atrás de Ruby Gillis, estava concentrado em disfarçadamente prender a presilha da longa trança loira de Ruby Gillis no encosto da carteira. Era um menino alto, com cabelo castanho ondulado, olhos marotos cor de avelã e a boca contraída em um sorriso provocante. Ruby Gillis, ao tentar se levantar para apresentar o cálculo de soma ao professor, acabou dando um gritinho e caindo para trás em seu assento, sentindo que seu cabelo fora arrancado pela raiz. Todos olharam para ela, e o sr. Phillips a encarou com tanta dureza que Ruby começou a chorar. Gilbert havia se apressado em dar sumiço na presilha e olhava para o livro de história com a expressão mais séria do mundo. Quando a comoção se apaziguou, olhou para Anne e piscou, divertindo-se.

— O seu Gilbert Blythe realmente é bonito — confiou Anne a Diana —, mas também acho que é muito abusado. Não é educado dar piscadelas para uma menina desconhecida.

Mas foi só à tarde que as coisas realmente começaram a piorar.

O sr. Phillips explicava um problema de álgebra no canto, para Prissy Andrews. O resto dos alunos fazia o que bem queriam. Comiam maçãs verdes, cochichavam, desenhavam nas lousas, guiavam grilos amarrados com barbante de um lado para o outro do corredor. Gilbert Blythe tentava fazer Anne Shirley olhar para ele sem sucesso. Naquele momento, Anne estava completamente alheia não apenas à existência de Gilbert Blythe, mas também à de qualquer outro colega. Com o queixo sobre as mãos e os olhos fixos no azul da Lagoa das Águas Resplandecentes que a janela oeste oferecia, ela ia longe, em uma linda terra de sonhos, vendo e ouvindo nada além de seus próprios devaneios.

Gilbert Blythe não estava acostumado a falhar quando queria que uma menina olhasse para ele. Ela tinha de olhar para ele, aquela tal Shirley, ruiva, com o queixo pontiagudo e olhos grandes, diferentes dos de qualquer outra menina da escola de Avonlea.

Gilbert cruzou o corredor, pegou na ponta da longa trança ruiva de Anne e suspendeu-a no ar. Então ele sussurrou em seu ouvido:

— Cenoura! Cenoura!

Anne olhou para ele com sede de vingança.

Porém, ela fez mais do que apenas olhar. Após ter suas reluzentes fantasias arruinadas, levantou-se com um salto. Lançou um olhar indignado para Gilbert, um olhar cujas faíscas de ódio foram logo atenuadas pelas lágrimas também de ódio.

— O que você disse, rapazote detestável?! — exclamou. — Como se atreve?

Em seguida, *zás!* Anne deu com sua lousa na cabeça de Gilbert, rachando-a ao meio — a lousa, não a cabeça.

Os alunos da escola de Avonlea adoravam uma cena! E aquela foi bem divertida. Todos soltaram um “Oh!”, deliciosamente horrorizados. Diana riu. Ruby Gillis, que tinha inclinação para a histeria, começou a chorar. Tommy Sloane deixou sua equipe inteira de grilos escapar, enquanto olhava de boca aberta para a lousa partida.

O sr. Phillips pisou duro pelo corredor e colocou a mão pesada sobre o ombro de Anne.

— Anne Shirley, o que significa isto? — disse, bravo.

Anne não respondeu. Era exigir demais achar que ela contasse diante de toda a escola que acabara de ser chamada de “cenoura”. Foi Gilbert quem disse, resolutivo:

— A culpa foi minha, sr. Phillips. Eu a provoquei.

O sr. Phillips não deu atenção a Gilbert.

— Lamento ver uma aluna minha apresentar tal temperamento e um espírito tão vingativo — disse ele em

tom solene, como se o simples fato de ser seu aluno devesse extirpar todos os instintos malignos dos pequenos mortais imperfeitos. — Anne, suba no tablado e fique em pé diante da lousa pelo resto da tarde.

Anne teria preferido ser açoitada em vez desse castigo que fazia seu espírito sensível tremer como se chicoteado. Com extrema frieza no rosto pálido, ela obedeceu. O sr. Phillips pegou o giz e escreveu na lousa acima da cabeça dela:

Ann Shirley tem um gênio muito ruim. Ann Shirley tem de aprender a controlar seu temperamento.

Em seguida, leu em voz alta para que até mesmo os alunos pequenos, que não sabiam ainda ler e escrever, compreendessem.

Anne ficou ali o resto da tarde, com essa inscrição acima dela. Ela não chorou nem curvou a cabeça. Ainda estava com muita raiva, e isso a alimentou em meio a toda a agonia e humilhação. Com o olhar ressentido e o rosto vermelho de ódio, confrontou também o olhar solidário de Diana, os acenos indignados de Charlie Sloane e o riso malicioso de Josie Pye. Quanto a Gilbert Blythe, sequer olhou para ele. Nunca mais olharia para ele! Jamais falaria com ele!

Quando a classe foi dispensada, Anne marchou com seu rosto enrubescido erguido. Gilbert Blythe tentou interceptá-la na porta do alpendre.

— Lamento muitíssimo ter zombado do seu cabelo, Anne — sussurrou, arrependido. — Estou sendo franco. Não fique brava comigo, por favor.

Anne passou por ele com desdém, sem olhar ou dar sinal de ter ouvido.

— Nossa, como pôde, Anne? — exclamou Diana ao tomarem a estrada, entre censura e admiração. Diana jamais conseguiria resistir a uma súplica de Gilbert.

— Nunca perderei Gilbert Blythe — Anne respondeu com firmeza. — Além de tudo, o sr. Phillips escreveu meu nome sem o “e”. Uma espada foi enterrada em minha alma, Diana.

Diana não tinha a menor ideia do que Anne queria dizer, mas entendeu que era algo terrível.

— Você não deve se importar por Gilbert ter zombado de seu cabelo — aconselhou, apaziguadora. — Ele zomba de todas as meninas. Ele dá risada do meu, que é preto. Ele me chamou de corvo uma dúzia de vezes, e nunca o vi pedir desculpas por nada antes.

— Há uma grande diferença entre ser chamada de corvo e de cenoura — retorquiu Anne com dignidade. — Gilbert Blythe feriu meus sentimentos de forma atroz, Diana!

É possível que o assunto morresse sem maiores consequências, se nada mais tivesse acontecido. Mas quando coisas começam a acontecer, tendem a continuar.

Os alunos de Avonlea muitas vezes passavam a hora do almoço colhendo nozes de goma no bosque de pinheiros-do-canadá do sr. Bell, no alto da colina, do outro lado do grande pasto. De lá, conseguiam ficar de olho na casa de Eben Wright, onde o professor pernoitava. Quando viam o sr. Phillips saindo, corriam para a escola. Dali, a distância era aproximadamente três vezes maior do que o percurso desde a casa do sr. Wright, mas eles conseguiam chegar, mesmo que esbaforidos, no máximo uns três minutos atrasados.

No dia seguinte, o sr. Phillips teve um de seus rompantes de readequação das normas disciplinares, anunciando, antes de sair para almoçar que esperava encontrar todos os alunos em seus respectivos lugares quando retornasse. Qualquer atraso seria punido.

Todos os meninos e algumas das meninas foram, como sempre, para o bosque de pinheiros-do-canadá do sr. Bell, todos com a intenção de ficarem apenas o tempo suficiente para “mascar goma”. Mas os bosques de pinheiros são atraentes, e as nozes de goma amarelas, cativantes. Eles colhiam e vadiavam tranquilamente. Como de costume, a primeira coisa que os lembrou que o tempo voara foi Jimmy Glover gritando do alto de um pinheiro ancestral: “O professor está a caminho!”.

As meninas, que estavam no chão, saíram correndo e chegaram à escola a tempo, mas isso sem desperdiçar nem um segundo. Os meninos, que tiveram de se contorcer para

descer das árvores às pressas, chegaram depois. Anne, que absolutamente não ficara catando goma, mas sim vagando e cantando alegremente na outra extremidade do bosque, entre as samambaias que chegavam à cintura, com uma guirlanda de lírios-chocolate no cabelo como se fosse uma divindade da floresta, foi a última a dar no pé. No entanto, ela conseguia correr como um cervo, como se o diabo a perseguisse, e alcançou os meninos bem na porta. Esgueirou-se na sala de aula junto com eles, bem quando o sr. Phillips estava prestes a pendurar o chapéu.

A energia da readequação da norma disciplinar do sr. Phillips já havia minguado: ele não queria ter o trabalho de punir uma dúzia de alunos. Porém, era necessário fazer algo para manter sua palavra. Então ele procurou um bode expiatório e escolheu Anne, que despencara em seu assento, ofegante e com a esquecida guirlanda de lírios meio caída sobre uma orelha, o que lhe dava uma aparência particularmente desleixada.

— Anne Shirley, uma vez que você parece gostar tanto da companhia dos meninos, vamos fazer a sua vontade esta tarde — anunciou, sarcástico. — Tire essas flores do cabelo e sente-se com Gilbert Blythe.

Os outros meninos deram risinhos. Diana, pálida de pena dela, retirou a guirlanda do cabelo de Anne e amassou-a. Anne olhou para o professor como se transformada em pedra.

— Escutou o que eu disse, Anne? — esbravejou o sr. Phillips.

— Sim, senhor — respondeu Anne lentamente —, mas acho que o senhor não quis dizer isso de verdade.

— Asseguro que sim — enfatizou com a inflexão sarcástica que todas as crianças, e principalmente Anne, odiavam. Aquilo dava nos nervos. — Obedeça imediatamente.

Por um momento, parecia que Anne desobedeceria. Então, percebendo que não havia remédio, ela se levantou depressa, cruzou o corredor, sentou-se ao lado de Gilbert Blythe, apoiou os braços sobre a carteira e afundou seu rosto neles. Ruby Gillis, que conseguiu dar uma olhada no rosto da Anne, disse aos outros enquanto iam para casa que “nunca vi ‘abizolutamente’ nada como aquilo: estava muito branco e com pequenos pontinhos vermelhos muito feios”.

Para Anne, era o fim do mundo. Já era ruim o bastante ser a única castigada entre uma dúzia de outros igualmente culpados. Mas era ainda pior ser forçada a sentar-se com um menino, ainda por cima Gilbert Blythe, o que tornava a injúria totalmente intolerável. Anne sentiu que não poderia suportar e que seria inútil tentar. Todo seu ser fervilhava de vergonha, raiva e humilhação.

De pronto, todos os alunos a observavam, cochichavam, davam risadinhas e cutucadas. Mas como Anne não levantou mais a cabeça, e como Gilbert se meteu

de corpo e alma nos exercícios de frações, logo todos retornaram às próprias tarefas e Anne foi esquecida. Ela não se mexeu quando o sr. Phillips chamou os alunos, inclusive Anne, para a aula da história. O sr. Phillips se ocupava em escrever alguns versos “para Priscilla” antes de chamar a classe e continuou a buscar uma rima teimosa, e não deu pela falta de Anne. Como ninguém estava olhando, Gilbert pegou de dentro de sua carteira uma balinha cor-de-rosa em forma de coração com a frase “Você é doce” escrita em dourado, e deslizou-a sob o braço de Anne. Após isso, Anne se levantou, pegou com todo cuidado o coração cor-de-rosa com a ponta dos dedos, deixou-o cair no chão, e o esmagou com o salto, reduzindo-o a pó, reforçando sua posição sem sequer se dignar a conceder um olhar para Gilbert.

Quando a aula acabou, Anne marchou até sua carteira, tirou ostensivamente tudo o que estava lá dentro — livros e lousa, caneta e tinta, Testamento e livro de aritmética — e os empilhou ordenadamente sobre a lousa rachada.

— Por que vai levar todas essas coisas para casa, Anne? — quis saber Diana, assim que as duas pegaram a estrada. Ela não se atrevera a perguntar antes.

— Não volto mais à escola.

Diana engasgou e olhou para Anne, para ver se ela falava sério.

— Será que Marilla vai deixar você ficar em casa?

— Ela terá que deixar. Nunca mais vou assistir às aulas daquele homem.

— Ah, Anne! — Diana parecia estar a ponto de chorar.

— Acho que você está sendo turrona. E agora, o que vou fazer? O sr. Phillips me fará sentar com aquela horrenda da Gertie Pye. Eu sei que irá, porque ela está sentada sozinha. Não me abandone, Anne!

— Faria quase qualquer coisa no mundo por você — respondeu Anne, com tristeza. — Eu me deixaria desmembrar, se isso lhe fizesse algum bem. Mas não posso fazer o que está me pedindo, por isso não insista. Assim você destroça a minha alma!

— Imagine toda a diversão que você vai perder — lamentou Diana. — Vamos construir uma casinha nova ainda mais adorável junto ao riacho. E vamos jogar bola na semana que vem. Você nunca jogou bola, Anne. É muito empolgante! Vamos aprender uma canção nova. Jane Andrews já está praticando. Alice Andrews vai trazer o novo livro da Pansy na próxima semana, e todas nós vamos lê-lo em voz alta, capítulo por capítulo, lá no riacho. Você sabe o quanto gosta de ler em voz alta, Anne.

Anne continuou inflexível. Estava decidida. Nunca mais assistiria às aulas do sr. Phillips, informou a Marilla logo ao chegar em casa.

— Que absurdo! — opôs-se Marilla.

— Não é absurdo de forma alguma — retrucou Anne, voltando-se para Marilla com um olhar solene e reprovador. — Não entende, Marilla? Fui insultada!

— Que besteira é essa de insultada?! Você irá à escola como sempre, Anne Shirley.

— Ah, não. — Anne balançou a cabeça suavemente. — Não vou voltar lá, Marilla. Vou estudar em casa e fazer o melhor possível para ficar de matraca fechada todo o tempo, se é que vou conseguir. Mas não vou voltar à escola, isso eu garanto.

Marilla viu algo bem parecido com uma teimosia intransigente tomando conta da carinha de Anne. Entendeu que ela teria dificuldade em superar o caso. Sabiamente, decidiu não dizer mais nada por ora. “Vou ver Rachel e conversar sobre isso hoje à tarde”, pensou. “Não servirá de nada argumentar com Anne neste momento. Ela está muito chateada, e sua teimosia piora quando está perturbada. Do que pude deduzir de sua história, o sr. Phillips tem sido exageradamente rígido. Mas não seria boa ideia dizer isso a ela. Vou conversar com Rachel, depois veremos. Ela já mandou dez crianças para a escola, então deve entender sobre o assunto. Além do que, a esta altura, já deve saber da história toda.”

Marilla encontrou a sra. Lynde tricotando seus quadrados da mesma forma diligente e animada de sempre.

— Suponho que já saiba por que vim — disse ela, um pouco acanhada.

A sra. Lynde assentiu.

— Sobre o espalhafato em torno de Anne na escola, imagino — confirmou. — Tillie Boulter, que tinha acabado de sair da escola e ia para casa, me contou a respeito.

— Não sei o que fazer com ela — confessou Marilla. — Ela declara que não voltará à escola. Nunca vi uma menina tão decidida assim! Eu já esperava por problemas desde que ela começou as aulas. Sabia que as coisas estavam indo bem demais para durar. Ela é tão irritável! O que você aconselharia, Rachel?

— Bem, já que pediu o meu conselho, Marilla — começou a sra. Lynde com amabilidade, pois adorava que pedissem sua opinião —, antes de mais nada, tentaria animá-la, é o que eu faria. Estou convicta de que o sr. Phillips agiu errado. É claro que não podemos dizer isso às crianças, você sabe. E é claro que ontem ele fez bem em puni-la por conta de seu temperamento explosivo. Mas hoje foi diferente. Todos os que se atrasaram também deveriam ter sido punidos, não apenas Anne, é o que eu digo. E acho que não é certo fazer com que as meninas se sentem com os meninos como forma de castigo. Não é nada decente. Tillie Boulter estava realmente indignada. Ela tomou o partido de Anne e contou que todos os alunos também. Parece que gostam de Anne, não sei como. Nunca imaginei que ela fosse se dar tão bem com eles.

— Então você realmente acha que seria melhor eu deixar que fique em casa? — perguntou Marilla, um tanto espantada.

— Acho. Isto é, não falaria mais sobre ir à escola, até que ela própria o faça. Marilla, confie que em mais ou menos uma semana ela se acalmará e estará pronta para voltar por vontade própria, é o que eu digo. Pois se você a fizer regressar imediatamente, sabe Deus que esquisitice ou birra ela poderia aprontar em seguida, criando ainda mais problemas. Quanto menos alarido, melhor, na minha opinião. Ela não perderá muito em não ir à escola, do jeito que segue a carruagem. O sr. Phillips não é nada bom como professor. O método que ele aplica é escandaloso, é o que eu digo! Ele negligencia as crianças pequenas e concede todo o seu tempo aos alunos maiores que está preparando para a Academia da Rainha. Ele nunca daria aulas por mais de um ano, se o seu tio não fosse um dos administradores da escola... na verdade, é o administrador, mas ele mantém os outros dois professores na rédea curta, é o que eu digo. Confesso que não sei que caminho está tomando a educação nesta ilha.

A sra. Lynde balançou a cabeça, como dizendo que se ela estivesse no comando do sistema educacional da província, as coisas seriam muito mais bem manejadas.

Marilla aceitou o conselho da sra. Lynde, de forma que nem mais uma palavra foi dita a Anne sobre voltar à escola. Anne estudava as lições em casa, fazia os deveres e

brincava com Diana em meio ao lusco-fusco púrpura e fresco do outono. Quando ela encontrava por acaso com Gilbert Blythe na estrada ou se deparava com ele na Escola Dominical, passava reto com um desprezo gelado e inflexível ao evidente desejo dele de apaziguá-la. Nem mesmo os esforços de Diana como pacificadora frutificaram. Era evidente que Anne decidira odiar Gilbert Blythe até o fim da vida.

No entanto, na mesma medida em que odiava Gilbert, ela adorava Diana com todo o amor de seu fervoroso coração, que era tão intenso em suas predileções quanto em suas aversões. Em um fim de tarde, Marilla voltava do pomar com uma cesta de maçãs quando encontrou Anne na penumbra, sentada junto à janela leste chorando de desgosto.

— Qual é o problema agora, Anne? — questionou.

— É por causa da Diana — soluçou. — Eu gosto tanto dela, Marilla. Não poderei jamais viver sem ela. Mas sei muito bem que quando crescermos, Diana se casará, irá embora e me deixará aqui sozinha. Oh, o que poderei fazer? Eu odeio o marido dela, eu o odeio com toda a fúria. Já imaginei tudo, o casamento e todo o resto: Diana vestida de branco-neve, com um véu, e tão bonita e majestosa como uma rainha; e eu, a dama de honra, também com um vestido lindo de mangas bufantes, mas com o coração destroçado oculto atrás do sorriso. E, depois, acenando adeus a Diana e... e... — A essa altura,

Anne desatou a chorar em uma torrente de lágrimas e com uma amargura crescente.

Marilla virou-se rapidamente para esconder sua cara de riso, mas não adiantou. Desmoronou na cadeira mais próxima e caiu em uma tamanha gargalhada — tão excepcional — que Matthew, que cruzava o quintal lá fora, estancou espantado. Quando na vida ele escutara Marilla dar uma risada assim?

— Bem, Anne Shirley — disse Marilla, assim que conseguiu falar —, se quer arranjar sarna para se coçar, pelo amor de Deus, é mais prático que seja aqui em casa. Tenho que admitir que, sem a menor sombra de dúvida, que você tem mesmo muita imaginação.

DIANA É CONVIDADA PARA O CHÁ, COM CONSEQUÊNCIAS TRÁGICAS

Outubro era um mês muito bonito em Green Gables, quando as bétulas no vale se tornavam douradas como o sol, os bordos além do pomar ficavam carmesim e as cerejeiras silvestres ao longo da alameda tinham os mais bonitos tons de vermelho-escuro e verde-bronze, enquanto os campos se expunham ao sol intermitente.

Anne se deleitava com o mundo de cores ao seu redor.

— Oh, Marilla — exclamou em uma manhã de sábado ao entrar dançando com os braços cheios de lindos ramos —, estou tão feliz em viver em um mundo onde há outubros! Seria terrível se saltássemos de setembro a novembro, não seria? Veja estes ramos do bordo. Não dão um arrepio? Vários arrepios? Vou decorar meu quarto com eles.

— Aquela bagunça! — contestou Marilla, cujo senso estético mostrava-se não muito apurado. — Você entulha demais o seu quarto com toda essa tralha que pega no mato, Anne. Quartos são feitos para dormir.

— Ah!... e para sonhar também, Marilla. Sonhamos muito melhor em um quarto com coisas bonitas. Vou

ajeitar estes ramos no velho jarro azul e colocá-los na minha mesa.

— Então tome cuidado para não deixar cair folhas nos degraus. Esta tarde, vou a uma reunião da Sociedade Assistencial, em Carmody, e provavelmente só volto à noite. Você terá de servir o almoço a Matthew e Jerry. E ao contrário do que fez da última vez, não se esqueça de preparar o chá antes da hora de se sentarem à mesa.

— Foi terrível ter me esquecido — desculpou-se Anne —, mas aquela foi a tarde em que eu tentava pensar em um nome para a Baixada das Violetas, e acabei deixando as outras coisas de lado. Matthew foi muito compreensivo e não me deu bronca. Ele mesmo pôs o chá na água quente e disse que poderíamos esperar um pouquinho. Enquanto esperávamos, eu lhe contei uma linda história de fadas, por isso ele nem sentiu a demora. É um lindo conto de fadas, Marilla. Eu me esqueci do final e então tive de inventar um, e Matthew nem percebeu onde uma parte terminava e a outra começava.

— Matthew vai achar que está tudo bem mesmo que você invente de se levantar e almoçar de madrugada, Anne. Mas, desta vez, fique com os pés na terra. E... não sei se faço bem, porque isso pode deixar você mais desatinada do que nunca, mas convide Diana para vir passar a tarde e tomar o chá aqui em casa.

— Ah, Marilla! — Anne juntou as mãos — Que ótimo! Afinal de contas, você bem que consegue imaginar as

coisas, ou nunca teria entendido como eu ansiava por uma tarde assim. Será tão agradavelmente adulto! Não há como eu me esquecer de colocar o chá e deixá-lo descansar, se eu tiver companhia. Oh, Marilla, posso usar o jogo de chá dos botões de rosa?

— De jeito nenhum! O jogo de chá de botões de rosa! Era só o que me faltava! Você sabe que eu nunca uso aquele jogo, exceto com o reverendo e com as senhoras da Sociedade Assistencial. Sirva no velho jogo de chá marrom. Mas você pode abrir o potinho amarelo de geleia de cereja. Já está mesmo na hora de ser consumido. Acho que está começando a azedar. Pode cortar um bolo de frutas e servir biscoitos e algumas bolachinhas.

— Já me imagino sentada na cabeceira da mesa servindo o chá — disse Anne, fechando os olhos em êxtase — e perguntando a Diana se ela quer açúcar. Sei que não vai querer, mas é claro que vou perguntar, como se não soubesse. E, então, insistirei para que se sirva de mais uma fatia do bolo de frutas acompanhado de outra porção de geleia. Ah, Marilla, só de pensar já é uma sensação maravilhosa! Quando ela chegar, posso levá-la ao quarto de hóspedes para que guarde o chapéu? E em seguida para a sala de visita?

— Não. A sala de estar já é o suficiente para você e sua convidada. Tem também metade de uma garrafa de xarope de framboesa que eu trouxe da reunião na igreja outra noite. Está na segunda prateleira do armário da sala de

estar. Você e Diana podem tomar à tarde, acompanhado de um biscoito. Acredito que Matthew chegará atrasado para o chá, pois é o dia em que ele vai carregar as batatas.

Anne voou na direção do vale, passou pelas Borbulhas das Dríades e subiu pela trilha do pinheiral até Orchard Slope para convidar Diana para o chá. Assim, logo que Marilla partiu para Carmody, Diana chegou com seu segundo melhor vestido e portando-se apropriadamente, de acordo com a formalidade do evento. Tinha o costume de entrar direto pela cozinha sem bater. Desta vez, porém, bateu com toda pompa na porta da frente. Quando Anne, com seu segundo melhor vestido, abriu a porta também pomposamente, as meninas apertaram as mãos formalmente, como se não se conhecessem. Essa afetação solene e sem naturalidade durou apenas até Diana ser levada para o quarto do frontão leste deixar o chapéu e sentar-se de pés juntos na sala de estar por dez minutos.

— Como está sua mãe? — inquiriu Anne educadamente, como se não tivesse visto a sra. Barry colhendo maçãs naquela mesma manhã, com saúde e disposição excelentes.

— Está muito bem, obrigada. Suponho que o sr. Cuthbert esteja transportando as batatas para Lily Sands esta tarde, não é? — comentou Diana, que fora de carroça com Matthew até a casa do sr. Harmon Andrews naquela manhã.

— Sim. Nossa safra de batatas foi muito boa este ano. Espero que a de seu pai também tenha sido.

— Foi bastante boa, obrigada. Já colheram muitas maçãs?

— Ah, muitíssimas — respondeu Anne, subitamente deixando a postura de lado e pondo-se de pé com um salto.

— Vamos até o pomar colher algumas das maçãs vermelhas, Diana. Marilla disse que podemos pegar todas as que sobraram nas árvores. Marilla é muito generosa. Ela disse que poderíamos comer bolo de frutas com geleia de cereja no chá. Mas não é educado contar à sua convidada o que há para comer, por isso não vou dizer o que ela disse que poderíamos tomar. Mas as iniciais são “x” e “f”, e é de um vermelho intenso. Adoro bebidas bem vermelhas, você não? São duas vezes mais saborosas do que as de qualquer outra cor.

O pomar, com os grandes galhos que pendiam com o peso das frutas, estava tão agradável que as meninas passaram ali a maior parte da tarde, sentadas em um canto verde do gramado poupado pela geada e onde o sol aveludado do outono batia calorosamente. Comiam maçãs e conversavam sem parar. Diana tinha muito a contar a Anne sobre o que acontecera na escola. Ela fora obrigada a se sentar com Gertie Pye. Gertie fazia o lápis ranger o tempo todo, o que congelava o sangue de Diana nas veias. Ruby Gillis fez uma simpatia para se livrar das verrugas — que foi tiro e queda, pode acreditar — com um seixo

mágico que a velha Mary Joe, de Creek, dera a ela. Tinha de friccionar o seixo nas verrugas e depois jogá-lo por sobre seu ombro esquerdo em noite de lua nova, para que todas as verrugas desaparecessem. O nome de Charlie Sloane foi escrito com o de Em White na parede do alpendre, e Em White ficou louca da vida! Sam Boulter fez um desaforo ao sr. Phillips na aula, e o sr. Phillips deu uma cintada nele. Então o pai de Sam foi até a escola e desafiou o professor a encostar a mão em um de seus filhos novamente. Mattie Andrews ganhou uma capa vermelha nova e um xale azul transpassado com franjas. O ataque de estrelismo dela deu até enjoo! Lizzie Wright cortara relações com Mamie Wilson porque a irmã mais velha de Mamie Wilson roubara o namorado da irmã mais velha de Lizzie Wright. E que todos sentiam muita falta de Anne e desejavam que ela voltasse à escola. Gilbert Blythe...

Mas Anne não queria ouvir falar de Gilbert Blythe. Ela deu um salto e sugeriu que entrassem para tomar xarope de framboesa.

Anne procurou na segunda prateleira do armário da sala, mas a garrafa de xarope framboesa não estava ali. A busca revelou que estava bem no fundo da prateleira superior. Anne colocou a garrafa e um copo em uma bandeja sobre mesa.

— Por favor, sirva-se, Diana — ofereceu polidamente.
— Eu não vou querer neste momento. Acho que agora não quero nada, depois de todas aquelas maçãs.

Diana serviu-se de um copo cheio, admirou o matiz vermelho-vivo e então bebericou, saboreando.

— É um xarope de framboesa delicioso, Anne. Não sabia que xarope de framboesa era tão gostoso.

— Estou realmente contente que tenha gostado. Sirva-se à vontade. Vou lá atizar o fogo. Há tantas responsabilidades sobre os ombros de quem toma conta da casa, não é?

Quando Anne voltou da cozinha, Diana bebia seu segundo copo de xarope. E dado que Anne oferecia com tanta formalidade, Diana não fez cerimônia em tomar o terceiro. O copo era de tamanho bem generoso, e certamente o xarope de framboesa era uma delícia.

— É a melhor coisa que já tomei — disse Diana. — É muito melhor que o da sra. Lynde, embora ela se gabe tanto dele. Não se parece nem um pouco com o dela.

— Considero o xarope de framboesa de Marilla muitíssimo mais gostoso do que o da sra. Lynde — atestou Anne com lealdade. — Marilla tem fama de ótima cozinheira. Ela está me ensinando a cozinhar, mas eu confesso, Diana, que é uma tarefa árdua. Não há muita margem para imaginação na cozinha! É só seguir regras. Da última vez que fiz um bolo, esqueci de colocar a farinha. Eu estava pensando em uma linda história sobre nós duas, Diana. Imaginei que você estava desesperadamente doente com sarampo, e que todo mundo a havia abandonado. Eu, porém, me encaminhei

determinada até o seu leito e trouxe você de volta à vida. Então peguei sarampo e morri. Fui sepultada no cemitério sob aqueles álamos, e você plantou uma roseira junto à minha sepultura e regou-a com suas lágrimas. E você nunca, nunca se esqueceu desta sua amiga de juventude que sacrificou a vida por você. Oh, é uma história comovente, Diana. Um mar de lágrimas rolou pelo meu rosto enquanto eu misturava o bolo. Mas eu esqueci a farinha, e o bolo foi um fracasso. A farinha é essencial nos bolos, você sabe. Marilla ficou muito brava, e não é de se admirar. Sou um grande desafio para ela. Na semana passada, ela ficou morta de vergonha por causa da calda do pudim. Comemos pudim de ameixa no almoço da terça-feira, e sobrou metade e um frasco de calda. Marilla disse que havia o bastante para outro almoço e me mandou colocá-lo na prateleira da despensa e cobri-lo. Eu tinha toda a intenção de cobrir, Diana, mas enquanto eu o levava, fiquei imaginando que eu era uma freira. Claro que sou protestante, mas imaginei que era católica. Eu vestia o hábito para enterrar meu coração partido na reclusão da clausura. E acabei me esquecendo de cobrir a calda do pudim. Lembrei disso só na manhã seguinte e corri para a despensa. Diana, imagine, se puder, o extremo horror que senti ao encontrar um rato afogado nessa calda do pudim! Tirei o rato com uma colher e o joguei no pátio e, em seguida, lavei a colher três vezes. Marilla estava fora ordenhando as vacas e eu pretendia perguntar a ela,

quando entrasse, se eu devia dar a calda aos porcos. Mas quando ela entrou, eu estava imaginando que era uma fada do gelo vagando pelo bosque, tingindo as árvores de vermelho e de amarelo, segundo o que queriam ser, então não me lembrei mais da calda do pudim, e Marilla me mandou colher maçãs lá fora. Bem, o sr. e a sra. Chester Ross, de Spencerdale, vieram aqui naquela manhã. Você sabe que eles são pessoas muito elegantes, especialmente a sra. Chester Ross. Quando Marilla me chamou para almoçar, estava tudo pronto e todos já estavam à mesa. Eu tentei ser o mais educada e distinta que consegui, porque queria que a sra. Chester Ross me considerasse refinada, apesar de eu não ser bonita. Tudo correu bem, até que vi Marilla trazendo o pudim em uma das mãos e o frasco da calda requentada na outra. Diana, foi terrível. Eu me lembrei de tudo o que havia acontecido, então levantei e gritei: “Marilla, não sirva essa calda de pudim! Havia um rato afogado nela. Eu me esqueci de lhe dizer antes”. Oh, Diana, mesmo que eu viva até os cem anos, jamais esquecerei aquele momento terrível. A sra. Chester Ross apenas me encarou, e eu não sabia onde me enfiar de tanta vergonha. Ela é uma dona de casa tão perfeita, imagine o que deve ter pensado de nós. Marilla ficou vermelha feito fogo, mas não disse uma palavra naquela hora. Apenas levou a calda e o pudim embora e trouxe conservas de morango. Até me ofereceu, mas eu não conseguia engolir nada. Era como se uma brasa ardesse dentro da cabeça.

Depois que a sra. Chester Ross foi embora, Marilla me deu uma tremenda bronca. O que foi, Diana, qual é o problema?

Diana havia se levantado sem equilíbrio. Então voltou a se sentar e colocou as mãos na cabeça.

— Estou... estou passando muito mal — disse ela com a voz grave. — E-eu... preciso ir para casa já.

— Oh, nem sonhe em ir para casa sem tomar o chá — afligiú-se Anne. — Vou preparar o chá imediatamente, trago tudo e sirvo em um minuto.

— Tenho que ir para casa — repetiu Diana, de forma lenta, mas determinada.

— De todo jeito, deixe-me servir um lanche — implorou Anne. — Vou lhe dar um pedaço de bolo de fruta com geleia de cereja. Deite-se um pouco no sofá e logo estará melhor. Onde dói?

— Tenho que ir para casa — disse Diana, e era a única coisa que conseguia dizer. Anne implorou em vão.

— Nunca ouvi falar de uma convidada indo embora para casa sem o chá — lamentou-se. — Ai, Diana, é possível que esteja realmente com sarampo? Se estiver, vou cuidar de você, conte com isso. Nunca a deixarei desamparada. Mas gostaria de verdade que ficasse até terminar o chá. Onde dói?

— Estou bem tonta.

De fato, ela caminhava cambaleando. Anne, com lágrimas de desapontamento nos olhos, pegou o chapéu de

Diana e foi com ela até a cerca do quintal dos Barry. Então voltou aos prantos por todo o caminho até Green Gables, onde pesarosamente recolocou o restante do xarope de framboesa de volta no armário e preparou o chá para Matthew e Jerry, com todo o entusiasmo da grande ocasião completamente esvaído.

O dia seguinte era um domingo, e como a chuva despencou sem trégua desde o amanhecer até o poente, Anne não saiu de casa. Na segunda-feira à tarde, Marilla a mandou levar um recado à casa da sra. Lynde. Em um espaço muito curto de tempo, Anne voltou voando pela alameda, com lágrimas rolando pelo rosto. Atravessou a cozinha agoniada e jogou-se de bruços no sofá.

— Qual o problema agora, Anne? — inquiriu Marilla, desconcertada e aflita. Espero que não tenha sido impertinente com a sra. Lynde outra vez.

Não houve resposta de Anne, além de mais lágrimas e soluços tempestuosos.

— Anne Shirley, quando faço uma pergunta, quero uma resposta. Sente-se direito neste instante e conte-me por que está chorando.

Anne ficou ereta, a própria tragédia personificada.

— A sra. Lynde foi ver a sra. Barry hoje, e a sra. Barry estava com um humor terrível — lamentou-se. — Disse que, no sábado, eu embebedei Diana e que a mandei de volta para casa em um estado deplorável. Ela disse ainda que eu devo ser uma menina maldosa e perversa, e que

nunca mais vai deixar Diana brincar comigo. Ai, Marilla, estou muito aflita!

Marilla ficou com o olhar fixo, perplexa, sem entender.

— Deixou Diana bêbada? — exclamou quando retomou a voz. — Anne, é você ou a sra. Barry que está louca? Que raios você deu a Diana?

— Nada além do xarope de framboesa — soluçou Anne. — Nunca pensei que xarope de framboesa deixasse as pessoas bêbadas, Marilla, nem mesmo tomando três grandes copos cheios, como Diana. Nossa, ela ficou assim... assim do mesmo jeito que o marido da sra. Thomas! Porém, não tive a intenção de deixá-la bêbada.

— Bêbada coisa nenhuma! — desconversou Marilla, marchando direto para o armário na sala de estar. Lá na prateleira havia uma garrafa que ela, de imediato, reconheceu como sendo um vinho de groselha caseiro que preparara havia uns três anos e pelo qual fora muito elogiada em Avonlea, embora alguns dos indivíduos de moral mais rígida, entre eles a sra. Barry, a tivessem reprovado com veemência. Ao mesmo tempo, Marilla se lembrou de que colocara a garrafa de xarope de framboesa na adega, em vez de na copa, como dissera a Anne.

Marilla voltou à cozinha levando a garrafa de vinho. Seu rosto se contraía contra sua vontade.

— Anne, certamente você tem um grande talento para arrumar confusão! Você deu vinho de groselha em vez de xarope para Diana. Não percebeu a diferença?

— Eu não experimentei. Achei que fosse o xarope. Tentei ser tão... tão hospitaleira! Diana ficou muito enjoada e teve de ir para casa. A sra. Barry contou à sra. Lynde que Diana estava simplesmente caindo de bêbada. Quando sua mãe lhe perguntava o que havia acontecido, ela só ria feito boba, e depois apagou e dormiu por horas a fio. Sua mãe cheirou seu hálito e notou que estava embriagada. A cabeça de Diana ficou explodindo de dor ontem o dia todo. A sra. Barry está indignada. Nunca acreditará que foi sem querer.

— Acho mesmo é que ela deveria punir Diana por ter sido tão gulosa, tomando três copos cheios do que fosse — opinou Marilla. — Mesmo que fosse xarope, três copos grandes como aquele a teriam feito passar mal do mesmo jeito. Bem, essa história será um prato cheio para as pessoas que me condenaram por fazer vinho de groselha, embora, nos últimos três anos, eu nunca mais tinha feito, desde que descobri que o reverendo também reclinou. Fiquei com essa garrafa para o caso de alguma doença. Vamos, criança, não chore! Você não teve culpa, e sinto muito que isso tenha acontecido.

— Tenho de chorar. Estou de coração partido. As estrelas nas constelações estão contra mim, Marilla. Diana e eu fomos separadas para sempre. Ah, Marilla, quando fizemos o nosso voto de amizade nem imaginava que uma coisa dessas pudesse acontecer.

— Não seja boba, Anne. A sra. Barry reconsiderará quando descobrir que você não teve culpa. Suponho que ela ache que você fez isso por brincadeira, ou algo do tipo. O melhor seria você ir até lá hoje à noite e contar o que realmente aconteceu.

— Perco a coragem ao pensar em enfrentar a mãe injuriada de Diana — suspirou Anne. — Preferiria que você fosse, Marilla. É muito mais distinta do que eu. É provável que ela a escute mais facilmente do que a mim.

— Bem, eu irei — concordou Marilla, concluindo que seria mesmo a melhor solução. Não chore mais, Anne. Ficará tudo bem.

Ao retornar de Orchard Slope, Marilla já não tinha certeza se ficaria tudo bem. Anne a estava esperando e voou para a porta do alpendre para encontrá-la.

— Ai, Marilla, já sei pela sua cara de que não adiantou de nada — disse, ressentida. — A sra. Barry não vai me perdoar?

— A sra. Barry, francamente! — deixou escapar Marilla. — De todas as mulheres insensatas que já conheci, ela é a pior. Expliquei que foi tudo um grande equívoco e que você não deveria ser responsabilizada, mas ela simplesmente não acreditou em mim. E esfregou na minha cara a questão do vinho de groselha, e como eu sempre defendi que não faria mal a ninguém. Respondi na cara dela que ninguém deveria tomar três copos cheios de vinho de groselha de uma vez, e que se uma criança sob a minha

guarda tivesse sido assim tão gulosa, que a deixaria sóbria com uma boa surra.

Extremamente perturbada, Marilla correu para a cozinha, deixando Anne para trás, no alpendre, com a alma muito desalentada. Naquela hora, Anne saiu sem chapéu no frio crepúsculo do outono. Muito determinada e firme, pôs o pé na estrada através do campo de trevos ressecados, sobre a ponte de troncos e cruzando o bosque de pinheiros, iluminado por uma lua pálida que pendia baixa no horizonte acima do bosque a oeste. A sra. Barry, vindo à porta atender a batidas tímidas, deparou-se com uma suplicante de lábios esbranquiçados e olhos ávidos no degrau da soleira.

Seu rosto estava rígido. A sra. Barry era uma mulher de preconceitos e aversões fortes, e sua raiva era do tipo frio e empedernido, que é sempre a mais difícil de superar. Para sermos claros, realmente acreditava que Anne havia embebedado Diana por pura e simples malevolência premeditada, e estava honestamente preocupada em preservar sua filhinha dos males que a intimidade com aquela criança pudesse causar.

— O que você quer? — perguntou com dureza.

Anne juntou as mãos.

— Ó, sra. Barry, por favor me perdoe! Não tive a intenção de... de intoxicar Diana. Como eu poderia? Imagine se fosse uma pobre menina órfã adotada por gente boa e que tivesse só uma amiga do peito em todo este

mundo. Acha que a intoxicaria de propósito? Achei que fosse xarope de framboesa. Estava certíssima de que era xarope de framboesa. Oh, por favor, não diga que proibirá Diana de brincar comigo. Se fizer isso, recobrirá minha vida com uma nuvem escura de pesar.

O discurso — que teria suavizado o coração da boa sra. Lynde em um piscar de olhos — não surtiu qualquer efeito na sra. Barry, apenas a irritou ainda mais. Desconfiava das palavras difíceis e dos gestos dramáticos de Anne e suspeitava de que a criança debochava dela. Então retrucou, fria e duramente:

— Não acho que você seja uma menina adequada para se relacionar com Diana. É melhor ir para casa e tratar de se comportar.

Os lábios de Anne tremeram.

— Não pode me deixar ver Diana só mais uma vez para pelo menos dizer adeus? — implorou.

— Diana foi para Carmody com o pai — respondeu a sra. Barry, entrando e fechando a porta.

Anne voltou para Green Gables tomada pelo desânimo.

— Minha última esperança se foi — declarou a Marilla.

— Fui ver a sra. Barry em pessoa, e ela me destratou. Marilla, não acho que ela seja bem-educada. Não há nada mais a fazer senão rezar, mas não tenho muita esperança de que vá adiantar. Marilla, acredito que nem mesmo Deus

possa conseguir alguma coisa com uma pessoa tão obstinada como a sra. Barry?

— Anne, você não deve dizer coisas assim — repreendeu Marilla, esforçando-se para sobrepujar sua recente e profana tendência ao riso.

Para dizer a verdade, quando contasse toda a história a Matthew naquela noite, ela riria efusivamente a respeito das atribuições de Anne.

Mas quando, antes de ir para a cama, espiou no quarto do frontão leste e viu que Anne havia chorado até dormir, uma suavidade inesperada surgiu em seu rosto.

— Pobre coisinha — murmurou, tirando uma mecha solta de cabelo do rostinho úmido da criança. Então curvou-se e beijou o rosto corado sobre o travesseiro.

UM NOVO INTERESSE NA VIDA

Na tarde seguinte, Anne, curvada sobre sua costura de retalhos junto à janela da cozinha, olhou para fora e viu Diana acenar misteriosamente enquanto se dirigia às Borbulhas das Dríades. Em um piscar de olhos, Anne já tinha saído de casa e voado encosta abaixo, com espanto e esperança nos olhos expressivos. Mas a esperança se desvaneceu ao ver o semblante desanimado de Diana.

— Sua mãe não voltou atrás? — perguntou, ofegante.

Diana balançou a cabeça lamentando.

— Não. Oh, Anne, ela disse que nunca mais brincarei com você. Eu chorei e chorei, e disse que não era sua culpa, mas não adiantou nada. Tive de insistir muito para convencê-la a me deixar vir dizer adeus a você. Disse que era para eu ficar só dez minutos no relógio, que ela iria contar o tempo.

— Dez minutos não é tempo suficiente para uma despedida eterna — reclamou Anne, chorosa. — Oh, Diana, prometes fielmente jamais esquecer esta tua amiga de infância, não importa com quais outras caras amigas fores tu agraciada?

— Prometo, deveras — soluçou Diana —, e nunca terei outra amiga do peito, nem quero ter. Não poderia amar ninguém mais como eu te amo.

— Oh, Diana — exclamou Anne, juntando as mãos —, tu me amas?

— Ora, claro que sim. Não sabia disso?

— Não — Anne deu um suspiro profundo. — Eu sabia que gostava de mim, claro, mas nunca esperava que você me amasse. Pois, Diana, nunca achei que ninguém pudesse me amar. Ninguém jamais me amou, se eu me lembro bem. Oh, isso é maravilhoso! É um raio de luz que brilhará para sempre na escuridão de um percurso interrompido, Diana. Oh, diga mais uma vez.

— Eu a amo com devoção, Anne — clamou Diana arrebatada —, e sempre a amarei, tenha certeza disso.

— E eu sempre te amarei, Diana — anunciou Anne, estendendo solenemente a mão. — Nos anos vindouros, tua memória brilhará como uma estrela sobre a minha vida solitária, como diz a última história que lemos juntas. Diana, dar-me-ias uma madeixa da tua trança preto-azeviche como despedida, um tesouro que mantereis para todo o sempre?

— Tem alguma coisa com que cortar? — perguntou Diana, enxugando as lágrimas que a fala afetada de Anne fizera brotar novamente, e voltando ao pragmatismo.

— Tenho. Por sorte, trouxe comigo no bolso do avental a tesoura de *costura*. — Ela aparou solenemente um dos cachos de Diana. — Adeus, minha amada amiga. Doravante, seremos como estranhas, embora morando lado a lado. Mas o meu coração sempre será fiel a ti.

Anne se levantou e observou Diana se afastar até sumir de vista, acenando com tristeza a cada vez que Diana olhava para trás. Então voltou para casa, nem um pouco consolada pela romântica separação.

— Está tudo acabado — informou a Marilla. — Nunca terei outra amiga. Estou pior do que nunca, pois agora já não tenho Katie Maurice nem Violetta. E mesmo que tivesse, já não seria o mesmo. De alguma forma, as meninas imaginárias não são satisfatórias após se ter uma amiga real. Diana e eu tivemos uma despedida comovente junto à nascente, que permanecerá sagrada em minha memória para todo o sempre. Eu usei a linguagem mais tocante que consegui, usando “tu” e “te”. “Tu” e “te” são muito mais românticos do que “você”. Diana me deu uma mecha de seu cabelo, e eu vou costurar uma bolsinha para colocá-la dentro e usá-la em meu pescoço pelo resto da vida. Por favor, faça com que seja enterrada comigo, pois acho que não viverei por muito mais tempo. Quando eu estiver deitada, fria e morta, talvez a sra. Barry sinta remorso e deixe Diana comparecer ao meu funeral.

— Não acho provável que você morra de desgosto, pelo menos enquanto puder matracar, Anne — declarou Marilla, sem muita compaixão.

Na segunda-feira seguinte, Anne surpreendeu Marilla ao descer de seu quarto com o pacote de livros apoiados no quadril e os lábios franzidos, muito determinada.

— Vou voltar à escola — anunciou. — Isso é tudo o que me resta na vida, agora que minha amiga foi impiedosamente arrancada de mim. Na escola, pelo menos posso olhar para ela e refletir sobre os dias que se foram.

— Melhor seria você refletir sobre as lições e as somas — disse Marilla, escondendo seu deleite pela resolução da situação. — Se vai voltar à escola, espero não escutar mais sobre lousas quebradas na cabeça das pessoas e coisas do gênero. Comporte-se e faça exatamente o que seu professor mandar.

— Vou tentar ser uma aluna exemplar — concordou Anne, sombria. — Não será muito divertido, imagino. O sr. Phillips disse que Minnie Andrews é uma aluna exemplar, mas não há nem uma centelha de imaginação ou de vivacidade nela. Ela é apenas chata e insignificante, e parece que não se diverte nunca. Mas estou tão deprimida que talvez isso seja fácil para mim agora. Irei pela estrada. Não suportaria ir pelo Caminho das Bétulas sozinha. Eu derramaria lágrimas amargas, se fosse.

Anne foi recebida de volta de braços abertos. Sua imaginação fizera muita falta nas brincadeiras; sua voz, na cantoria; e sua habilidade dramática, na leitura em voz alta de livros na hora do almoço. Ruby Gillis contrabandeou três ameixas pretas para ela durante a leitura do Testamento. Ella May MacPherson deu-lhe um enorme amor-perfeito amarelo recortado da capa de um catálogo de flores — uma espécie de decoração de carteira muito em

voga na escola de Avonlea. Sophia Sloane ofereceu-se para lhe ensinar um ponto novo de bicos de crochê muitíssimo elegante para as bordas dos aventais. Katie Boulter lhe deu um frasco do perfume para que pusesse na água para apagar a sua lousa e Julia Bell copiou com cuidado em um pedaço de papel rosa-pastel com as bordas arredondadas a seguinte efusão:

*Quando o crepúsculo desce o véu
E aponta para uma estrela no céu,
Lembre-se de que tens uma amiga radiante
Mesmo quando ela estiver distante.*

— É tão bom ser apreciada — suspirou à noite Anne, entusiasmada, para Marilla.

As meninas não eram as únicas alunas que a “apreciavam”. Quando Anne foi para seu lugar após o almoço — já informada pelo sr. Phillips de que deveria se sentar com a exemplar Minnie Andrews —, encontrou sobre sua carteira uma grande e succulenta maçã-morango. Anne a agarrou, pronta para dar uma mordida, quando se lembrou de que o único lugar em Avonlea onde cresciam maçãs-morango era no pomar dos Blythe, do outro lado da Lagoa das Águas Resplandecentes. Anne largou a maçã como se fosse uma brasa acesa e limpou os dedos no lenço de modo ostensivo. A maçã permaneceu intocada sobre sua carteira até a manhã seguinte, quando Timothy Andrews, que varria a escola e acendia o fogo, concluiu que era parte de seu trabalho apanhar maçãs abandonadas. O

lápiz de lousa de Charlie Sloane, magnificamente envolto em papel listrado de vermelho e amarelo e que custava dois centavos de dólar — o dobro de um lápis comum —, que ele enviou para ela depois da hora do almoço, teve uma recepção mais favorável. Anne estava gentilmente satisfeita em aceitá-lo e retribuiu com um sorriso que exaltava uma apaixonante juventude, saída do sétimo céu dos deleites. O menino ficou tão encantado que cometeu erros desastrosos no ditado, de forma que o sr. Phillips fez com que ficasse após a aula para refazê-lo.

Mas como no

*cortejo de César, despojado do busto de Brutus,
apenas o melhor filho de Roma a recordava
mais,*⁹

a ausência de qualquer comentário ou atenção por parte de Diana Barry, sentada com Gertie Pye, amargou o limitado triunfo de Anne.

— Acho que Diana poderia ao menos ter sorrido uma vez para mim — lamentou-se a Marilla naquela noite. Mas, na manhã seguinte, um bilhete destemido e maravilhosamente retorcido e dobrado, junto com um pacotinho, correu através da sala na direção de Anne. Discorreu o primeiro:

*Cara Anne,
Mamãe diz que não vou mais brincar com você,
nem sequer falar com você, mesmo na escola. Não é*

culpa minha, e não fique brava comigo, porque eu a amo como sempre. Sinto muito sua falta de contar todos os meus segredos. E não gosto de Gertie Pye nem um pouco. Fiz para você um marcador de livro com papel de seda vermelho. Estão muito na moda, e só três meninas na escola sabem como fazê-los. Quando você olhar para ele, recorde-se de sua amiga verdadeira,

Diana Barry.

Anne leu a nota, beijou o marcador e enviou uma resposta imediata para o outro canto da classe:

Minha única e querida amiga Diana,

É claro que não estou brava com você, mesmo porque você deve obedecer a sua mãe. Nossos espíritos podem comungar. Guardarei seu presente incantador para sempre. Minnie Andrews é uma menina muito agradável, embora não tenha imaginação, mas depois de ter sido amiga do peito de Diana, não posso ser de Minnie. Por favor, desculpe os erros, pois a minha ortografia ainda não é muito boa, embora esteja bastante melhorada.

Sua, até que a morte nos separe,

Anne ou Cordelia Shirley.

P.S. Esta noite, vou dormir com a sua carta sob o meu travesseiro. A. ou C.S.

Desde que Anne voltara à escola, Marilla esperava com pessimismo por mais problemas. Porém, nada mais aconteceu. Talvez Anne tenha se influenciado pelo espírito “exemplar” de Minnie Andrews. Pelo menos passou a se dar muito bem com o sr. Phillips dali em diante. Lançou-se nos estudos de corpo e alma, determinada a não ser superada por Gilbert Blythe em nenhuma matéria. A rivalidade entre eles logo transpareceu. Era inteiramente amigável por parte de Gilbert, mas o mesmo não podia ser dito sobre Anne, que claramente tinha uma tenacidade nada louvável para guardar rancor. Era tão intensa no ódio como no amor. Ela não se rebaixava ao ponto de admitir que rivalizava intencionalmente com Gilbert na escola, porque isso seria reconhecer a existência dele, o que Anne persistentemente continuava a ignorar. Mas a rivalidade estava lá, e as honrarias pendiam de lá para cá na balança entre os dois. Uma hora, Gilbert era o primeiro da classe em soletrar. Em outro momento, Anne, jogando as longas tranças vermelhas, soletrava melhor que ele. Numa manhã, Gilbert acertava todas as somas e seu nome era escrito na lista de honra no quadro-negro. Na manhã seguinte, Anne, tendo passado a noite lutando ferozmente com os decimais, saía-se melhor. Em um dia péssimo, ficaram empatados, e seus nomes foram escritos lado a lado. Era quase tão ruim quanto uma mensagem “Prestem atenção” na parede do alpendre, e o desgosto de Anne era tão evidente quanto a satisfação de Gilbert. Quando

chegaram os exames escritos no final de cada mês, o suspense foi terrível. No primeiro mês, Gilbert conseguiu garantir três pontos à frente. No segundo, Anne o derrotou por cinco. Mas seu triunfo foi maculado pelo fato de Gilbert tê-la felicitado com alegria diante de toda a escola. Teria sido muito mais doce para ela se ele tivesse sentido a ferroada da derrota.

O sr. Phillips podia não ser um educador muito bom, mas uma aluna como Anne, tão inflexivelmente determinada a aprender, progrediria com qualquer professor. No final do ano, Anne e Gilbert passaram para a quinta série e puderam dar início às matérias das “áreas” de estudo — entre elas latim, geometria, francês e álgebra. Em geometria, Anne conheceu sua batalha de Waterloo.

— É uma coisa absolutamente terrível, Marilla — reclamou ela. — Tenho certeza de que sempre será algo sem pé nem cabeça para mim. Não há nenhuma margem para imaginação nessa matéria. O sr. Phillips diz que eu sou a maior burra que ele já viu em geometria. E Gil... quero dizer, alguns dos outros são tão inteligentes nisso! É extremamente constrangedor, Marilla. Até mesmo Diana se sai melhor que eu. Mas não me importo de perder para Diana. Mesmo que agora sejamos estranhas, eu ainda a amo com um amor inextinguível. Fico muito triste, às vezes, quando penso nela. Mas, diga a verdade, Marilla, não se pode ficar triste por muito tempo num mundo tão interessante como este, não é?

ANNE PRESTA SOCORRO

Tudo o que é grandioso é atrelado ao que é diminuto. À primeira vista, pode não parecer que a decisão de um certo primeiro-ministro canadense de incluir a Ilha Príncipe Edward em um roteiro de comícios políticos teria qualquer coisa a ver com a sorte da pequena Anne Shirley de Green Gables. Mas teria.

O primeiro-ministro veio em um mês de janeiro para se dirigir a seus leais apoiadores e também a seus opositores, diante de uma multidão aglomerada em Charlottetown. A maioria dos moradores de Avonlea pendia politicamente para o lado do primeiro-ministro. Por conseguinte, na noite do encontro, quase todos os homens e uma boa parte das mulheres se dirigiram àquela cidade a quarenta e oito quilômetros de distância. A sra. Rachel Lynde também foi. Era uma política fervorosa e jamais aceitaria que o comício fosse realizado sem a sua presença, embora fosse da oposição. Então foi para a cidade e levou junto seu marido — Thomas seria útil para cuidar do cavalo — e Marilla Cuthbert. Marilla também tinha um dissimulado interesse em política, e como considerou aquela sua única chance de ver um primeiro-ministro de perto, aceitou o convite prontamente, deixando Anne e Matthew cuidando da casa até seu retorno no dia seguinte.

Por isso, enquanto Marilla e a sra. Lynde se divertiam imensamente na reunião popular, Anne e Matthew tinham a animada cozinha de Green Gables só para eles. Um fogo ardente resplandecia no antigo fogão Waterloo e cristais branco-azulados de gelo brilhavam nas vidraças das janelas. Matthew estava absorto, curvado sobre um exemplar da *Revista do agricultor* no sofá, e Anne estava à mesa estudando suas lições com a maior boa vontade, apesar das olhadas furtivas para o relógio na estante, em cuja prateleira jazia também um livro novo que Jane Andrews lhe emprestara naquele dia. Jane havia garantido que o livro era muito emocionante, e um comichão nos dedos de Anne a tentavam a ir pegá-lo. Ceder à tentação, no entanto, significaria o triunfo de Gilbert Blythe na manhã seguinte. Anne voltou suas costas para o armário do relógio e tentou imaginar que ele não existia.

— Matthew, alguma vez estudou geometria na escola?

— Ora, bem... não, não estudei — respondeu Matthew, saindo da modorra com um sobressalto.

— Eu gostaria que tivesse estudado — suspirou Anne —, porque então poderia se solidarizar comigo. Não dá para se solidarizar direito, se nunca estudou isto. Está lançando uma sombra sobre minha vida inteira. Sou tão estúpida em geometria, Matthew.

— Ora, bem... sei lá — disse Matthew, consolador. — Acho que você está indo bem em tudo. O sr. Phillips me disse na semana passada, na loja do Blair em Carmody, que

— você é a aluna mais inteligente da escola e que estava a fazendo progresso rápido. “Progresso rápido” foram essas as palavras. Existem aqueles, como Teddy Phillips, que dizem que ele num é muito bom professor, mas acho que ele está indo bem.

Matthew teria achado que qualquer um que elogiasse Anne estaria indo bem.

— Tenho certeza de que iria melhor em geometria se ele não mudasse as letras — queixou-se Anne. — Eu aprendo os exercícios de cor, mas quando ele desenha no quadro-negro e coloca letras diferentes do livro, eu me confundo. Acho que um professor não deveria tomar liberdades prejudiciais, não acha? Agora estamos estudando agricultura, e finalmente descobri porque as estradas são vermelhas. Que alívio! Será que Marilla e a sra. Lynde estão se divertindo? A sra. Lynde diz que o Canadá está indo para o brejo, pelo jeito que as coisas estão indo em Ottawa, o que é um tremendo alerta para os eleitores. Ela diz que se deixassem as mulheres votarem, em breve veríamos uma abençoada mudança. Em quem você vota, Matthew?

— Nos conservadores — respondeu Matthew prontamente. Votar no Partido Conservador fazia parte da religião de Matthew.

— Então também sou conservadora — disse Anne com decisão. — Fico contente porque Gil... porque alguns dos meninos da escola são liberais. Acho que o sr. Phillips

também é um liberal porque o pai de Prissy Andrews é, e Ruby Gillis diz que quando um homem corteja uma mulher, deve sempre concordar com a mãe da moça na religião e com o pai na política. É verdade, Matthew?

— Ora, bem... sei lá.

— Alguma vez cortejou uma moça, Matthew?

— Ora, bem... não. Sei lá se alguma vez fiz isso — disse Matthew, que certamente nunca tinha pensado em tal coisa em toda a sua existência.

Anne refletia com o queixo apoiado nas mãos.

— Deve ser bem interessante, não acha, Matthew?

Ruby Gillis diz que, quando crescer, terá muitos pretendentes, todos loucos por ela, e eu acho que isso seria por demais emocionante. Eu preferiria ter só um e em seu juízo perfeito. Mas Ruby Gillis sabe muito sobre tais assuntos porque ela tem muitas irmãs mais velhas, e a sra. Lynde diz que as meninas Gillis são cheias de si, infladas feito bolo quente. O sr. Phillips vai quase todas as noites visitar Prissy Andrews. Ele diz que é para ajudá-la com as lições, mas Miranda Sloane também está estudando para a Academia da Rainha, e acho que ela precisa muito mais de ajuda porque é muito mais estúpida, mas de jeito nenhum ele vai ajudá-la à noite. Há muitas coisas neste mundo que não consigo entender lá muito bem, Matthew.

— Ora, bem... sei lá se eu também entendo alguma coisa sobre isso — reconheceu Matthew.

— Bem, preciso terminar a lição de casa. Não me permitirei abrir o livro que Jane me emprestou antes de terminar. Mas é uma tentação terrível, Matthew. Mesmo quando dou as costas, consigo visualizá-lo nitidamente. Jane disse que se deitou a chorar sobre ele. Eu amo livros que me fazem chorar. Mas acho que vou levar este para a sala de estar e trancá-lo no armário das geleias. Depois, entrego a chave a você. E você não deve devolvê-la, Matthew, até que eu tenha terminado a lição, nem mesmo se eu implorar de joelhos! Tudo bem que devo resistir à tentação, mas é mais fácil resistir se não tiver a chave. E então, será que vou até a despensa pegar algumas maçãs-reinetas, Matthew? Gostaria de algumas reinetas?

— Ora, bem... sei lá se eu gostaria — respondeu Matthew, que nunca havia provado as reinetas, mas sabia da fraqueza de Anne por elas.

Assim que Anne subiu triunfalmente da despensa com o seu prato cheio de reinetas, ouviu-se o som de passos apressados no passadiço gelado e, em seguida, a porta da cozinha se abriu de supetão. Diana Barry entrou afobada, pálida e sem fôlego, com um xale envolto às pressas em torno da cabeça. Com o susto, Anne deixou cair a vela e o prato, e as maçãs despencaram junto pela escada da despensa abaixo — no dia seguinte, seriam encontrados espalhados pelo chão, sujos e com cera derretida, e recolhidos por Marilla, que daria graças a Deus que a casa não pegara fogo.

— O que foi, Diana? — exclamou. — Sua mãe finalmente deu o braço a torcer?

— Oh, Anne, venha depressa — implorou Diana, nervosa. — Minnie May está extremamente doente, uma crise de angina aguda. A jovem Mary Joe veio avisar, mas o papai e a mamãe estão fora da cidade, e não há ninguém para ir buscar o médico. Minnie May está muito mal, e a jovem Mary Joe não sabe o que fazer. Ai, Anne, estou tão assustada!

Matthew, sem dizer uma palavra, pegou o boné e o casaco, passou rápido por Diana e saiu para a escuridão do quintal.

— Ele foi atrelar a égua alazã para ir até Carmody buscar o médico — explicou Anne, que já vestia a capa com capuz. Sei disso como se ele o tivesse dito em voz alta. Matthew e eu somos almas irmãs, e consigo ouvir seus pensamentos silenciosos.

— Não acho que encontrará um médico em Carmody — gaguejou Diana. — Eu sei que o dr. Blair foi para a cidade, e acho que o dr. Spencer também. A jovem Mary Joe nunca viu ninguém com angina, e a sra. Lynde está longe. Ah, Anne!

— Não chore, Di — disse Anne, animando-a. — Eu sei exatamente o que fazer para a angina. Você se esqueceu de que a sra. Hammond teve gêmeos três vezes? Quando cuidamos de três pares de gêmeos, naturalmente ganhamos muita experiência. Todos eles tinham angina

todo o tempo. Espere eu pegar o frasco de xarope de ipeca¹⁰ pois vocês podem não ter em casa. Agora vamos.

As duas meninas saíram feito um raio. De mãos dadas, atravessaram a Alameda dos Enamorados e cruzaram o campo ressecado, pois a neve estava profunda demais para que cortassem caminho pelo bosque. Anne, embora sinceramente sentida por Minnie May, estava sensibilizada pelo romantismo da situação e pela doçura de uma vez mais compartilhar desse romantismo com sua alma irmã.

A noite estava clara e gelada, as sombras escuras feito ébano e as encostas nevadas tinham um brilho prateado. Grandes estrelas brilhavam sobre os campos silenciosos. Cá e lá, os abetos pontudos e escuros erguiam-se com neve salpicada em seus ramos e o vento assobiava através deles. Anne pensou que era verdadeiramente delicioso percorrer todo aquele cenário de mistério e encanto com sua amiga do peito, de quem havia sido afastada.

Minnie May, de três anos, estava realmente muito mal. Deitada no sofá da cozinha, febril e inquieta, sua respiração áspera podia ser ouvida em toda a casa. A jovem Mary Joe, uma garota francesa roliça e de rosto largo lá do córrego, que a sra. Barry havia contratado para ficar com as crianças durante sua ausência, estava desnorтеada, completamente incapaz de decidir o que fazer ou de fazer o que decidisse.

Anne se atirou ao trabalho com habilidade e prontidão.

— Minnie May está mesmo com angina. Está muito mal, mas já vi piores. Primeiro, precisamos de muita água quente. Diana, vi que havia só um pouco na chaleira! Vamos com isso, já a enchi até a borda e, Mary Joe, ponha lenha no fogão. Não quero ferir seus sentimentos, mas parece que você deveria ter pensado nisso antes, se tivesse alguma imaginação. Agora, eu vou tirar a roupa da Minnie May e colocá-la na cama, e trate de encontrar mais flanelas macias, Diana. Vou lhe dar uma dose de ipeca, antes de mais nada.

Minnie May não tomou a ipeca de boa vontade, mas Anne não tinha criado três pares de gêmeos sem aprender nada. Aquela ipeca foi goela abaixo, não somente uma vez, mas muitas vezes durante a longa e tensa noite, com as duas meninas pequenas cuidando pacientemente da pobre Minnie May enquanto a jovem Mary Joe, ansiosa e predisposta a fazer tudo o que pedissem, mantinha o fogo crepitando e aquecia mais água do que seria necessário para um hospital inteiro de bebês com angina.

Já eram três da madrugada quando Matthew chegou com o médico, pois só encontrou um em Spinervale. Mas a urgência de assistência havia passado. Minnie May já estava muito melhor e dormia profundamente.

— Eu estava desesperada, muito perto de desistir — explicou Anne ao médico. — Ela piorava cada vez mais, até que ficou pior do que jamais os gêmeos Hammond ficaram, até mesmo a última dupla. Eu realmente pensei que ela

sufocaria até a morte. Dei a ela a última gota de ipeca do frasco, e quando ela tomou a última dose, eu disse a mim mesma (não a Diana ou à jovem Mary Joe, pois não queria preocupá-las mais do que já estavam) apenas para aliviar a sobrecarga dos meus sentimentos: “Esta é a última esperança que resta, e temo que seja vã”. Mas, em cerca de três minutos, ela tossiu e expeliu o catarro, e começou a melhorar. O senhor deve imaginar meu alívio, doutor, porque eu não posso expressá-lo em palavras. O senhor sabe que há coisas que não podem ser expressadas em palavras.

— Sim, eu sei — assentiu o médico.

Ele olhou para Anne como se pensasse coisas sobre ela que não poderiam ser expressadas em palavras. Mais tarde, no entanto, ele as expressou ao sr. e à sra. Barry:

— Essa pequena menina ruiva dos Cuthbert é a mais esperta que já vi. Digo-lhes que salvou a vida do bebê, pois teria sido tarde demais quando cheguei. Ela parece ter uma habilidade e presença de espírito absolutamente maravilhosas para uma criança de sua idade. Nunca vi nada como seu olhar, enquanto ela me explicava o caso.

Anne foi para casa na maravilhosa, branca e nevada manhã de inverno, com as pálpebras pesadas pela falta de sono, mas ainda falando sem trégua com Matthew enquanto atravessavam o longo campo esbranquiçado sob a brilhante arcada encantada de bordos-sacarinos da Alameda dos Enamorados.

— Oh, Matthew, não é uma manhã maravilhosa? O mundo parece algo que Deus tenha imaginado para seu próprio prazer, não parece? Parece que essas árvores seriam jogadas para longe com um simples sopro... *puf!* Estou tão feliz por viver em um mundo onde há neve assim tão branca, sabia? Fico muito contente que a sra. Hammond tenha tido três pares de gêmeos, afinal de contas. Se ela não os tivesse, eu não saberia o que fazer com Minnie May. Lamento muitíssimo ter ficado brava com a sra. Hammond por ter tido gêmeos. Mas, oh, Matthew, estou morta de sono. Não consigo ir à escola. Sei que não conseguiria manter os olhos abertos, e estaria muito burra. Mas detesto ficar em casa, pois Gil... algum dos outros poderão se tornar o primeiro da classe, e é tão difícil chegar nessa posição. Embora, é claro, quanto mais difícil, maior é a satisfação que se tem ao chegar lá, não é?

— Ora, bem, acho que você vai conseguir sem problemas — comentou Matthew, olhando para o rostinho pálido e para as grandes olheiras de Anne. — Vá direto para a cama e tire uma boa soneca. Eu faço as tarefas da casa.

Anne, portanto, foi para a cama e dormiu longa e profundamente, e a tarde do inverno branco e rosado já ia pela metade quando ela acordou e desceu para a cozinha, onde Marilla, que no meio-tempo havia chegado em casa, tricotava.

— Oh, você viu o primeiro-ministro? — questionou Anne de pronto. — Como ele é, Marilla?

— Bem, com toda certeza ele não chegou a primeiro-ministro por sua aparência — comentou Marilla. — Que narigão aquele homem tem! Mas ele sabe falar. Eu senti orgulho de ser conservadora. Rachel Lynde, claro, sendo uma liberal, não se impressionou. O seu almoço está no forno, Anne, e você pode pegar geleia de ameixa na copa e se servir. Imagino que esteja com fome. Matthew me contou sobre a noite passada. Devo dizer que foi uma sorte você saber o que fazer. Eu não teria a mínima ideia, pois nunca vi um caso de angina. Agora, tente não ficar tagarelando até terminar sua refeição. Só de olhar para você, posso dizer que está com a cabeça assoberbada de discursos, mas eles vão ter de esperar.

Marilla tinha algo a dizer a Anne, mas protelou, pois sabia que, se contasse, a consequente empolgação de Anne a levaria ao céu, pensando na morte da bezerra e afastando-a de assuntos materiais tais como apetite e almoço. Só depois de Anne terminar seu prato de ameixas Marilla contou:

— A sra. Barry esteve aqui esta tarde, Anne. Ela queria vê-la, mas eu não quis acordar você. Ela disse que você salvou a vida de Minnie May, e que está muito sentida pela forma que agiu no caso do vinho de groselha. Disse que agora sabe que você não teve intenção de deixar Diana bêbada, e espera que você a perdoe e que seja a velha e boa

amiga de Diana novamente. Se você quiser, pode ir visitá-la esta noite, pois Diana não pode sair por causa do forte resfriado que pegou ontem. Agora, Anne Shirley, por misericórdia, não saia voando por aí.

O aviso não era desnecessário, a julgar pela animada e aérea expressão de Anne ao se levantar de um salto, com o rosto irradiando o fogo de seu espírito.

— Oh, Marilla, você me deixa ir neste instante, mesmo sem lavar meus pratos? Vou lavá-los quando voltar, mas não posso me ater a nada tão pouco romântico como lavar louça neste momento tão emocionante.

— Deixo, sim, corra — disse Marilla, indulgente. — Anne Shirley, você está louca? Volte neste instante e vista um agasalho! É como falar com uma porta. Ela saiu sem gorro nem casaco. Lá vai ela cortando caminho pelo pomar com o cabelo solto ao vento. Será um milagre se não pegar uma pneumonia.

Anne voltou dançando para casa pelos campos nevados, no crepúsculo arroxeadado do inverno. Ao longe, no sudoeste, uma estrela vespertina brilhava intensamente com um cintilar perolado no céu pálido-dourado e rosa-etéreo, sobre fulgurantes áreas brancas e grotas escuras com pinheiros. O tilintar de sinos de trenós entre as colinas nevadas soavam como sinetas de duendes pelo ar gelado, mas sua música não era mais doce do que a canção no coração e lábios de Anne.

— Está vendo diante de si uma pessoa completamente feliz, Marilla — anunciou. — Estou completamente feliz. Sim, apesar do meu cabelo vermelho. No momento presente, minha alma se eleva sobre meus cabelos vermelhos. A sra. Barry me beijou, chorou e disse que estava muito arrependida e que nunca poderia me agradecer. Senti-me tremendamente envergonhada, Marilla, mas eu disse tão educadamente quanto possível: “Não guardo rancor, sra. Barry. Asseguro à senhora, de uma vez por todas, que não quis intoxicar Diana e, doravante, cobrirei o passado com o manto do esquecimento”. Foi uma forma bastante digna de dizer as coisas, não foi, Marilla? Senti que sobrecarreguei a sra. Barry com vergonha e remorso. Diana e eu passamos uma tarde gostosa. Ela me ensinou um novo ponto de crochê de sua tia de Carmody. Nem uma alma em Avonlea o conhece, e fizemos um voto solene de nunca o revelar a ninguém. Diana me deu um belo cartão com uma guirlanda de rosas e um poema:

*Se você me ama como eu a amo,
Só mesmo a morte poderá nos separar.*

— E isso é verdade, Marilla. Vamos pedir ao sr. Phillips que nos deixe sentar juntas na escola novamente, e Gertie Pye poderá ficar com Minnie Andrews. Foi servido um chá muito elegante. A sra. Barry o serviu em seu melhor jogo de porcelana, Marilla, como se eu fosse uma visita especial. Nem lhe conto a emoção que senti! Ninguém nunca tinha

usado o seu melhor jogo de chá comigo antes. Comemos bolo de frutas, pão de ló e rosquinhas com dois tipos de geleia, Marilla. A sra. Barry me perguntou se eu tomava chá e disse: “Pai, por que não passa os biscoitos para Anne?”. Deve ser muito bom ser adulto, Marilla, pois só de ter sido tratada como se eu fosse um, já foi bom.

— Tenho cá minhas dúvidas — suspirou Marilla.

— Bem, de qualquer forma, quando for adulta — afirmou Anne com decisão —, sempre me dirigirei às meninas pequenas como se fossem iguais, e nunca rirei quando usarem palavras difíceis. Sei por dolorosa experiência como isso fere os sentimentos das pessoas. Depois do chá, Diana e eu fizemos caramelo. O caramelo não ficou muito bom, pois foi nossa primeira vez. Diana me deixou mexer enquanto ela untava os pratos, mas eu me distraí e deixei queimar. Então, quando o pusemos no tablado para que esfriasse, o gato andou em cima do prato, e tivemos de jogar tudo fora. Mas cozinhar foi uma esplêndida diversão. Então, quando eu voltava para casa, a sra. Barry me pediu para ir lá sempre que eu pudesse, e Diana estava na janela e lançou beijos para mim até a Alameda dos Enamorados. Garanto a você, Marilla, que tenho vontade de rezar esta noite, e vou criar uma oração nova e especial em homenagem à ocasião.

A RÉCITA, UMA CATÁSTROFE E A CONFISSÃO

Marilla, posso ir ver Diana um minuto? — pediu Anne, ansiosa, ao descer correndo de seu quarto numa noite de fevereiro.

— Não vejo motivo para ficar perambulando depois de anoitecer — negou Marilla, rígida. — Você e Diana vieram caminhando juntas da escola para casa e depois ficaram ali na neve por mais meia hora, um bocado de conversa jogada fora com as línguas a todo vapor, *blá-blá-blá*. Por isso, acho que não estão assim tão carentes para ter de se encontrar novamente.

— Mas ela quer me ver. Tem algo muito importante para me contar.

— Como você sabe?

— Porque ela acabou de me sinalizar da janela. Nós inventamos um jeito de enviar sinais com velas e um cartão. Nós colocamos a vela no parapeito da janela e passamos o cartão de um lado para o outro, para que a luz pisque. Assim, o número de piscadas tem determinado significado. Foi minha a ideia, Marilla.

— Estou certa que sim — afirmou Marilla enfaticamente. — E a próxima coisa que você vai aprontar será colocar fogo nas cortinas, com esse seu disparate de sinalização.

— Oh, nós tomamos cuidado, Marilla. É tão interessante! Duas piscadas significam “Você está aí?”. Três significam “sim”, quatro, “não”, e cinco significam “Venha logo que puder, pois tenho algo importante a revelar”. Diana acabou de sinalizar com cinco, e estou louca para saber o que é.

— Bem, você não precisa mais ficar louca — disse Marilla com sarcasmo. — Você pode ir, mas um pé lá, outro cá, de volta em dez minutos, lembre-se disso.

Anne se lembrou, e estava de volta no tempo estipulado, embora provavelmente nenhum mortal jamais saberá quanto lhe custou limitar a importante discussão em apenas dez minutos. Pelo menos fizera bom uso deles.

— Oh, Marilla, o que acha? Sabe que amanhã é aniversário de Diana. Bem, a mãe dela deixou que me convidasse a voltar direto da escola e passar a noite em sua casa. Seus primos estão vindo de Newbridge em um tremó grande, puxado por cavalos, para irem ao recital do Clube de Debates no pavilhão amanhã à noite. Eles vão levar nós duas ao recital, se eu também puder ir, claro. Vai me deixar ir, não vai, Marilla? Ah, estou tão entusiasmada!

— Você pode se acalmar e tirar o cavalinho da chuva, porque não irá. É melhor estar em casa na sua própria cama e, no que diz respeito a esse recital do clube, é um absurdo. Meninas não devem ir a esse tipo de lugar de jeito nenhum.

— Tenho certeza de que o Clube de Debates é um lugar muito respeitável — insistiu Anne.

— Não digo que não seja. Mas você não vai começar a ficar às voltas em recitais fora de casa à noite. Não é coisa para crianças! Estou surpresa de a sra. Barry deixar Diana ir.

— Mas é uma ocasião muito especial — lamentou Anne, à beira das lágrimas. — Diana faz aniversário só uma vez por ano. Aniversários não são coisas banais, Marilla. Prissy Andrews vai recitar Esta noite o toque de recolher não deve soar.¹¹ É uma peça com uma boa moral, Marilla, tenho certeza de que me faria muito bem ouvi-la. O coro vai cantar quatro canções singelas, que são quase como hinos de igreja. E, Marilla, o reverendo vai participar. Pois é, ele vai. Fará um discurso. Será praticamente a mesma coisa que um sermão. Por favor, posso ir, não posso, Marilla?

— Você ouviu o que eu disse, Anne? Agora tire as botas e vá para a cama. Já passa das oito.

— Apenas mais uma coisa, Marilla — insistiu Anne, tentando dar uma última cartada. — A sra. Barry disse a Diana que poderíamos dormir no quarto de hóspedes. Pense na honra concedida à sua pequena Anne, ser colocada na cama do quarto de hóspedes.

— Terá de ficar sem essa honra. Vá para a cama, não quero nem mais um pio.

Quando Anne, com lágrimas rolando pelo rosto, subiu desgostosa, Matthew, que aparentemente estava adormecido na sala de estar durante todo o diálogo, abriu os olhos e disse decidido:

— Ora, bem, Marilla, acho que deve deixar Anne ir.

— Não deixo, não — retorquiu Marilla. — Quem está criando essa criança, Matthew, eu ou você?

— Ora, bem, é você — admitiu Matthew.

— Então não interfira.

— Ora, bem, não estou interferindo. Dar a própria opinião não é interferir. E a minha opinião é que você deve deixar Anne ir.

— Não tenho dúvidas de que, por você, eu deveria deixar Anne ir à lua, se ela pusesse isso na cabeça — foi a réplica afável de Marilla. — Poderia deixá-la passar a noite com Diana, se fosse somente isso. Mas não aprovo essa ida ao recital. Ela apanharia um resfriado, sem dúvida, além de ficar empolgada demais e com a cabeça cheia de maluquices. Ficaria fora de si a semana toda. Compreendo o temperamento dessa criança e o que é bom para ela melhor do que você, Matthew.

— Acho que você deve deixar ela ir — repetiu Matthew firmemente. Argumentação não era seu forte, mas manter uma opinião e bater na mesma tecla, isso sim.

Marilla deu um suspiro desamparado e refugiou-se no silêncio. Na manhã seguinte, quando Anne lavava os

pratos do café da manhã na copa, Matthew estancou antes de sair para o celeiro para dizer novamente:

— Acho que você deve deixar Anne ir, Marilla.

Por um momento, Marilla quase proferiu alguns palavrões, mas se segurou. Então rendeu-se ao inevitável e disse, mordaz:

— Muito bem, ela pode ir, já que nada mais irá satisfazê-lo.

Anne voou da copa com o pano de prato pingando.

— Oh, Marilla, Marilla, diga essas palavras abençoadas novamente.

— Acho que uma vez já é o suficiente. Isso é coisa de Matthew, e eu lavo minhas mãos. Se você pegar uma pneumonia dormindo em uma cama estranha ou ao sair daquele salão aquecido no meio da noite, não me responsabilize. A culpa será de Matthew. Anne Shirley, você está respingando água engordurada no chão. Nunca vi uma criança tão descuidada!

— Oh, eu sei que sou uma pedra no seu sapato, Marilla — justificou-se Anne, penitente. — Cometo muitos erros. Mas então pense em todos os erros que não cometo. Vou pegar areia e esfregar as manchas do chão antes de ir para a escola. Ah, Marilla, meu coração está batendo forte, estou empolgadíssima para ir a esse recital. Nunca fui a um concerto na vida, e quando as outras meninas falam sobre eles na escola, eu me sinto excluída. A senhora não sabe como eu me sentia sobre isso, mas veja, Matthew, sim.

Matthew me compreende, e é tão bom ser compreendido, Marilla.

Naquela manhã, na escola, Anne estava entusiasmada demais para lutar por seu posto de melhor aluna da classe. Gilbert Blythe a venceu no ditado e a deixou na poeira nas contas de cabeça. No entanto, Anne sentiu a afronta menos do que o normal, com a perspectiva do recital e do quarto de hóspedes. Ela e Diana tagarelaram tanto sobre isso durante o dia inteiro que, se tivessem um professor mais rigoroso que o sr. Phillips, uma desgraça poderia ter tomado vulto.

Anne sentiu que não suportaria não ir ao recital, pois era o único assunto do dia na escola. O Clube de Debates de Avonlea, que se reunia quinzenalmente durante todo o inverno, promovia vários entretenimentos gratuitos de menor porte, mas aquele era o grande destaque, com entrada paga de dez centavos em subsídio à biblioteca. Os jovens de Avonlea já ensaiavam havia semanas, e todos os alunos estavam envolvidos por causa dos irmãos e das irmãs mais velhos que participariam. Esperava-se que todos os estudantes com mais de nove anos de idade fossem, exceto Carrie Sloane, cujo pai partilhava da opinião de Marilla, de que recitais noturnos não eram locais adequados para meninas. Carrie Sloane chorou sobre o livro de gramática a tarde toda, achando que a vida não valia a pena.

Para Anne, a real empolgação começou com o término da aula e foi crescendo até atingir o ápice absoluto no recital em si. Elas tomaram um “chá perfeitamente elegante” e, em seguida, chegou a deliciosa hora de irem para o pequeno quarto de Diana no andar de cima e se vestirem. Diana penteou a parte da frente dos cabelos de Anne no novo estilo *pompadour* e Anne prendeu os cachos de Diana com um jeitinho especial que sabia.

Experimentaram pelo menos meia dúzia de maneiras diferentes de ajeitar os cabelos nas costas. Por fim estavam prontas, bochechas escarlate e olhos brilhando de emoção.

É verdade que Anne não pôde evitar uma pontinha de inveja quando comparava sua simples boina preta e o casaco caseiro de tecido cinzento, sem recortes e de mangas justas, com o felpudo e vistoso gorro e o charmoso casaquinho de Diana. Mas ela se lembrou a tempo de que tinha imaginação e poderia usá-la.

Em seguida, chegaram os primos de Diana, os Murray, de Newbridge. Espremeram-se juntos no grande trenó, sobre palha e mantas de couro. Anne se deleitou no caminho até o pavilhão, no trenó que deslizava pelas estradas acetinadas com a neve estalando debaixo dos patins. O pôr do sol estava magnífico, e as colinas nevadas e o azul-profundo das águas do golfo de St. Lawrence pareciam contornados de esplendor, como uma enorme tigela de pérolas e safiras transbordando com vinho e fogo. O tilintar dos sinos do trenó e as risadas soltas, que parecia

mo um folgado dos elfos do bosque, eram reiterados a cada quinze minutos.

— Oh, Diana — sussurrou Anne, apertando sua mão enluvada sob o manto de peles —, não é como um lindo sonho? Estou com a aparência de sempre? Eu me sinto tão diferente que isto parece se refletir na minha aparência.

— Você está muito bonita — respondeu Diana, que acabara de receber um elogio de um de seus primos, então achou que deveria passá-lo adiante. — Você está com uma ótima cor.

O programa daquela noite foi uma série de “emoções fortes” para pelo menos uma ouvinte no público e, como Anne garantiu a Diana, cada nova emoção era ainda mais intensa que a anterior. Quando Prissy Andrews, vestida com um novo corpete de seda cor-de-rosa e um colar de pérolas sobre o suave colo branco e cravos verdadeiros no cabelo — corria o boato de que o professor os havia mandado vir da cidade especialmente para ela — “subiu a escada estreita, escura sem uma réstia de luz”,¹² Anne estremeceu com sincera simpatia. Quando o coro cantou *Muito acima das margaridas*,¹³ Anne olhou para o teto como se ali houvesse um afresco com anjos. Quando Sam Sloane apresentou *Como Xacarias preparou sua galinha*¹⁴ Anne riu até contagiar as pessoas sentadas perto dela, mais por solidariedade do que por diversão, afinal era um texto já um tanto antiquado até mesmo para Avonlea. E quando o sr. Phillips recitou o discurso de Marco Antônio

sobre o corpo de César em tons comoventes — e olhando para Prissy Andrews ao final de cada sentença —, Anne sentiu que poderia se levantar e se juntar à revolução, se ao menos algum cidadão romano tomasse a iniciativa.

Apenas um número do programa não foi capaz de interessá-la. Quando Gilbert Blythe recitou *Bingen, no Reno*¹⁵ Anne pegou emprestado o livro que Rhoda Murray retirara da biblioteca e ficou lendo até que ele terminasse, quando então se sentou rígida e impassível enquanto Diana batia palmas até suas mãos formigarem.

Eram onze horas quando voltaram para casa, contentes e satisfeitas, embora o prazer de comentar tudo ainda estivesse por vir. A casa estava escura e silenciosa, todos pareciam já estar dormindo. Anne e Diana entraram na ponta dos pés pela sala de visitas, um cômodo longo e estreito para além do qual o quarto de hóspedes se localizava. Estava agradavelmente quente e uma luz fraca vinha das brasas na lareira.

— Vamos tirar a roupa aqui — disse Diana. — Está tão quentinho e gostoso!

— Não foi uma ótima noite? — suspirou Anne, efusiva. — Deve ser esplêndido recitar lá. Você acha que algum dia seremos convidadas a participar, Diana?

— Sim, é claro, um dia. Eles estão sempre querendo que os alunos maiores recitem. Gilbert Blythe já foi muitas vezes e ele é só dois anos mais velho que nós. Oh, Anne, como você pôde fingir que não estava escutando? Quando

ele chegou ao verso “Há uma outra, não minha irmã”, ele olhou para você.

— Diana — indignou-se Anne —, você é minha amiga do peito, mas eu não posso permitir que fale sobre essa pessoa comigo. Está pronta para se deitar? Vamos apostar corrida e ver quem chega na cama primeiro?

Diana gostou da sugestão. As duas figurinhas em roupas de baixo voaram pela longa sala, entraram no quarto de hóspedes e pularam na cama ao mesmo tempo. Então, algo embaixo delas deu um suspiro seguido de um grito abafado:

— Santa misericórdia!

Anne e Diana nunca souberam exatamente como saltaram para fora da cama e desapareceram dali. Só sabiam que, depois da frenética corrida, elas se viram tremendo, andando pé ante pé já no andar de cima.

— Oh, quem era aquela? O que foi aquilo? — murmurou Anne, com os dentes batendo de frio e de medo.

— Era a tia Josephine — explicou Diana, engasgando de tanto rir. — Ah, Anne, era a tia Josephine, mas não sei o que ela fazia lá. Ah, e sei que ela ficará furiosa. É terrível, é mesmo terrível... mas foi muito engraçado, não foi, Anne?

— Quem é a tia Josephine?

— Ela é tia do papai, mora em Charlottetown. Ela é uma velha coroca, tem uns setenta e tantos, e acho que nunca foi menina na vida. Estávamos esperando por sua visita, mas não tão cedo. Ela é extremamente conservadora

e séria, e vai dar uma grande bronca, se bem a conheço. Bem, vamos ter de dormir com Minnie May, e você não imagina como ela chuta!

A srta. Josephine Barry não deu as caras no café da manhã do dia seguinte. À mesa, a sra. Barry sorriu gentilmente para as duas meninas.

— Vocês se divertiram ontem à noite? Tentei ficar acordada e esperar vocês, para contar que a tia Josephine havia chegado e que, no fim das contas, teriam de dormir no quarto de cima, mas eu estava tão cansada que peguei no sono. Espero que não tenham incomodado sua tia, Diana.

Diana manteve um discreto silêncio, mas trocou com Anne uns risinhos furtivos de prazer e culpa. Anne apressou-se em voltar para casa logo depois do café da manhã, e assim ficou na santa ignorância sobre o distúrbio causado na casa dos Barry até o meio da tarde, quando foi até a casa da sra. Lynde a pedido de Marilla.

— Então, você e Diana quase mataram a pobre e velha srta. Barry de susto ontem à noite, não foi? — a sra. Lynde comentou com severidade, mas com os olhos cintilantes. — A sra. Barry esteve aqui há alguns minutos, a caminho de Carmody. Ficou realmente perturbada com o ocorrido. A velha srta. Barry estava de péssimo humor ao se levantar hoje de manhã, e o mau humor de Josephine Barry não é nenhuma piada, isso eu garanto. Ela não fala mais com Diana, de forma alguma.

— Não foi culpa de Diana — confidenciou Anne, com pesar. — Foi minha. Sugeri que apostássemos corrida para ver quem chegaria na cama primeiro.

— Eu sabia! — exclamou a sra. Lynde, exultante por ter adivinhado. — Sabia que a ideia tinha saído dessa sua cabeça. Bom, causou uma bela confusão, é o que eu digo. A velha srta. Barry ficaria o mês todo, mas declarou a plenos pulmões que não ficará nem mais um dia e que volta à cidade amanhã, mesmo sendo domingo. Teria ido embora hoje mesmo, se pudessem levá-la. Tinha prometido pagar por um trimestre de aulas de música para Diana, mas agora está decidida a não fazer mais nada por aquela moleca. Ah, acho que eles tiveram uma manhã animada por lá. Os Barry devem estar desesperados. A velha srta. Barry é rica, e eles gostariam muito de manter boas relações com ela. É claro que a sra. Barry não me disse isso, mas eu sei julgar bem a natureza humana, é o que eu digo.

— Sou muito azarada — lamentou-se Anne. — Estou sempre entrando em enrascadas e levando minhas melhores amigas junto, pessoas pelas quais eu daria o meu sangue. Não fica pedra sobre pedra. Pode me dizer por que razão isso acontece, sra. Lynde?

— É porque você é muito destrambelhada e impulsiva, criança, é o que eu digo. Nunca pensa antes de agir. Você diz e faz o que se passa em sua cabeça e acaba metendo os pés pelas mãos, porque não pensa nas consequências.

— Ah, mas isso é o melhor de tudo — protestou Anne.
— Algo vem à tona de repente na cabeça, tão emocionante que temos que lhe dar asas. Se paramos para pensar, estragamos tudo. Nunca passou por isso, sra. Lynde?

A sra. Lynde nunca havia passado, e meneou a cabeça com ares de sabedoria.

— Você deve aprender a ser menos impetuosa, Anne, é que eu digo. O provérbio que você precisa incorporar é “olhar antes de saltar”... especialmente nas camas de quartos de hóspedes.

A sra. Lynde riu satisfeita com sua própria piada, mas Anne permaneceu pensativa. Não viu motivo para rir da situação, que a seus olhos parecia muito grave. Quando deixou a sra. Lynde, tomou o caminho até Orchard Slope, pelos campos ressecados. Diana a recebeu na porta da cozinha.

— Sua tia Josephine está muito brava, não está? — sussurrou Anne.

— Está — confirmou Diana, reprimindo o riso e lançando um olhar apreensivo para a porta fechada da sala de estar. — Ela estava louca da vida, Anne. Nossa, como ela ralhou comigo! Disse que eu era a menina mais mal comportada que ela já viu, e que meus pais deviam ter vergonha da minha educação. Disse que não vai ficar mais aqui, o que para mim, não faz diferença. Mas para o papai e a mamãe é algo grave.

— Por que você não contou a eles que foi tudo culpa minha? — questionou Anne.

— Você acha que eu faria isso? — retrucou Diana com desdém. — Não sou dedo-duro, Anne Shirley, e, de qualquer forma, sou tão culpada quanto você.

— Bem, eu mesma vou contar a ela — declarou Anne, resoluta.

Diana a encarou.

— Anne Shirley, você não pode! Ela vai comer você viva!

— Não me assuste mais ainda — implorou Anne. — Preferiria enfrentar a boca de um canhão. Mas preciso contar, Diana. A culpa foi minha, e tenho de confessar. Felizmente, tenho muita prática em confessar.

— Bem, ela está na sala. Você pode entrar, se quiser. Eu não teria coragem. E acredito que não vai ajudar em nada.

Com todo aquele incentivo, Anne foi cutucar a onça com vara curta, isto é, caminhou decidida até a porta da sala de estar e bateu levemente. Seguiu-se um “Pode entrar”.

A srta. Josephine Barry, magra, empertigada e séria, tricotava ferozmente junto ao fogo, com sua cólera ainda viva e seus olhos faiscando por trás dos óculos de aros dourados. Ela girou na cadeira esperando ver Diana, mas o que encontrou foi uma menina de rosto pálido, cujos

grandes olhos cintilavam com uma mistura de coragem desesperada e pânico.

— Quem é você? — inquiriu a srta. Josephine Barry, sem nenhuma cerimônia.

— Sou Anne, de Green Gables — respondeu a trêmula a pequena visitante, juntando as mãos com seu gesto característico — e vim confessar, se me permite.

— Confessar o quê?

— Que a culpa do salto na sua cama ontem à noite foi toda minha. Foi ideia minha. Diana nunca teria pensado em uma coisa dessas, tenho certeza. Diana é uma menina muito delicada, srta. Barry. Portanto, a senhora deve entender como é injusto culpá-la.

— Ah, devo, é? Acho que Diana, no mínimo, também participou do salto. Que comportamento em uma casa tão respeitável!

— Mas só estávamos nos divertindo — continuou Anne. — Penso que deveria nos perdoar, srta. Barry, agora que pedimos desculpas. Pelo menos, perdoe Diana e permita que ela tenha as lições de música, por favor. Diana pôs seu coração nas aulas de música, srta. Barry, e sei muito bem o que é colocar o coração numa coisa e ficar de mãos vazias. Se deve ficar brava com alguém, que seja comigo. Estou tão acostumada com pessoas bravas comigo desde que nasci, por isso posso aguentar muito melhor do que Diana.

Grande parte da ira já havia se esvaído dos olhos da velha dama àquela altura, substituídas por um brilho de curioso interesse. Mas ainda disse com severidade:

— O fato de vocês estarem brincando não é desculpa. Quando eu era pequena, meninas nunca faziam esse tipo de bagunça. Não sabe o que é ser despertada de um sono profundo, depois de uma longa e árdua viagem, por duas meninas pesadas pulando em você.

— Eu não sei, mas bem posso imaginar — simpatizou Anne, ansiosa. — Tenho certeza de que deve ter sido muito desagradável. Contudo, tente ver pelo nosso lado. Tem alguma imaginação, srta. Barry? Se tiver, basta se colocar em nosso lugar. Não sabíamos que havia alguém naquela cama e quase morremos de susto também. Nos sentimos péssimas, e anda por cima não pudemos dormir no quarto de hóspedes como prometido. Presumo que esteja acostumada a dormir em quartos de hóspedes. Mas imagine como se sentiria se fosse uma menina órfã que nunca tivesse tido essa honra.

Toda a braveza já havia passado. A srta. Barry, aliás, riu — um som que fez com que Diana, que aguardava nervosa na cozinha, ao lado, desse um grande suspiro de alívio.

— Receio que a minha imaginação esteja um pouco enferrujada, pois já faz tempo que não a uso. Atrevo-me a dizer que o seu rogo por empatia é tão forte como o meu.

Tudo depende do ponto de vista. Sente-se aqui e conte-me sobre você.

— Lamento não poder fazê-lo — negou-se Anne com firmeza. — Bem que gostaria, porque a senhora parece uma pessoa interessante e pode até ser uma alma irmã, embora não pareça. Mas é meu dever voltar para a casa da srta. Marilla Cuthbert. A srta. Marilla Cuthbert é uma pessoa muito gentil, que me adotou para me dar uma boa educação. Ela está fazendo o melhor que pode, mas é uma tarefa muito desanimadora. Não deve culpá-la porque eu saltei na cama. Mas antes de ir embora, gostaria que me dissesse se perdoará Diana e se ficará em Avonlea pelo tempo que pretendia.

— Talvez eu fique, se você vier conversar comigo de vez em quando.

Naquela noite, a srta. Barry deu a Diana uma pulseira de prata e disse aos adultos da casa que havia desfeito as malas.

— Decidi ficar simplesmente para conhecer melhor essa menina Anne — atestou com toda a franqueza. — Ela me diverte e, a esta altura da vida, encontrar alguém interessante é uma raridade.

O único comentário de Marilla quando ouviu a história foi: “Eu bem que disse”. Isto foi endereçado a Matthew.

A srta. Barry circulou por lá durante um mês, como programado. Anne era uma convidada mais que

bem-vinda, pois a deixava de bom humor. Elas se tornaram boas amigas.

Quando a srta. Barry estava de partida, disse:

— Menina Anne, quando for à cidade, lembre-se de me visitar. Vou colocar você para dormir na cama do meu mais reservado quarto de hóspedes.

— A srta. Barry era uma alma irmã, no final das contas — Anne confidenciou a Marilla. — Só de olhar para ela, não pensaria que fosse, mas é. Não deu para saber logo de cara, como no caso de Matthew, mas, depois de um tempo, você descobre. As almas irmãs não são assim tão raras como eu pensava. É maravilhoso descobrir que existem tantas no mundo.

O TIRO DA IMAGINAÇÃO SAI PELA CULATRA

A primavera chegara uma vez mais em Green Gables — a bela, caprichosa e relutante primavera canadense, que perdura ao longo de abril e maio em uma sucessão de dias agradáveis e frescos, com poentes cor-de-rosa e prodígios de renascimento e crescimento. Os bordos-sacarinos da Alameda dos Enamorados estavam com brotos vermelhos, e os báculos enrolados emergiam nas folhas das árvores das Borbulhas das Dríades. Nos estéreis campos de pinheiros, atrás da casa do sr. Silas Sloane, floresciam flores-de-maio — estrelas cor-de-rosa e brancas sob as folhas marrons. Todos os alunos tiveram uma tarde dourada indo ao encontro dela e chegaram em casa no crepúsculo vibrante com os braços e cestos cheios das flores colhidas.

— Sinto muito pelas pessoas que vivem em terras onde não há flores-de-maio — declarou Anne. — Diana diz que talvez tenham algo melhor, mas não poderia haver nada melhor do que flores-de-maio, não acha, Marilla? E ela diz que se não sabem como são, não podem sentir falta delas. Mas acho que essa é justamente a coisa mais triste. Penso que seria trágico, Marilla, não conhecer as flores-de-maio e não sentir a falta delas. Sabe o que acho que as flores-de-maio são? Acho que devem ser as almas

das flores que morreram no verão passado, e que este é o seu céu. Mas hoje tivemos momentos incríveis, Marilla. Almoçamos em uma grande clareira cheia de musgo perto de um poço antigo — um lugar tão romântico! Charlie Sloane desafiou Arty Gillis a saltar sobre o poço, e Arty saltou porque não foge de desafios. Ninguém foge de desafios na escola. Desafiar está muito na moda. O sr. Phillips deu todas as flores-de-maio que encontrou a Prissy Andrews, e eu escutei quando disse “Flores para uma flor”. Ele tirou isso de um livro, eu sei, mas mostra que tem alguma imaginação. Ofereceram flores-de-maio para mim também, mas eu as rejeitei com desdém. Não posso dizer o nome da pessoa porque jurei nunca o mencionar. Fizemos guirlandas com as flores-de-maio e colocamos nos chapéus. Quando chegou a hora de voltar para casa, marchamos em procissão pela estrada, de par em par, com nossos buquês e guirlandas, cantando Minha casa na colina.¹⁶ Ah, foi tão emocionante, Marilla! Toda a família do sr. Silas Sloane saiu rápido para nos ver, e todos com quem cruzávamos pela estrada paravam e olhavam para nós. Fomos uma verdadeira sensação!

— Não me admira! Quantos disparates! — foi a resposta de Marilla.

Depois das flores-de-maio, vieram as violetas, que deixaram a Baixada das Violetas toda arroxeadada. Anne a cruzava no caminho da escola com passos reverentes e olhos admirados, como se pisasse em solo sagrado.

— De alguma forma — disse ela a Diana —, quando estou passando por aqui, não me importo realmente com Gil, ou se há alguém à minha frente na classe. Mas quando estou na escola, é tudo diferente, essas coisas me incomodam mais do que nunca. Há muitas Annes diferentes dentro de mim. Por vezes, penso que é por isso que sou um osso duro de roer. Se eu fosse apenas uma Anne, seria muito mais fácil, mas então eu não seria nem metade interessante.

Certa noite de junho, quando os pomares floresciam rosados novamente, as rãs coaxavam um doce e argênteo canto no brejo na cabeceira da Lagoa das Águas Resplandecentes e o ar estava repleto do aroma dos campos de trevo e dos bosques de bordos-balsâmicos, Anne estava sentada junto à janela de seu quarto. Estivera estudando suas lições, mas já estava escuro demais para ler, então caíra em devaneio com os olhos bem abertos, olhando para fora, além dos ramos da Rainha da Neve, uma vez mais salpicados com tufos em flor.

Em todos os aspectos essenciais, o pequeno quarto do frontão leste permanecia inalterado: as paredes continuavam brancas; a almofada de alfinetes, dura; as cadeiras amareladas, rijas e eretas como sempre. No entanto, todo o ambiente do quarto estava diferente. Parecia permeado por uma nova personalidade vital e pulsante, um tanto alheia aos livros, vestidos e fitas da estudante, e até mesmo à jarra azul trincada sobre a mesa,

cheia de flores da macieira. Era como se todos os sonhos de sua vivaz ocupante, adormecidos ou despertados, tivessem tomado uma forma perceptível, porém imaterial, e entapetado o quarto com esplêndidos tecidos finos de arco-íris e luar. Foi quando Marilla entrou ligeira com alguns dos aventais escolares de Anne recém passados a ferro. Ela os pendurou sobre uma cadeira e sentou-se com um breve suspiro. Tivera uma de suas enxaquecas naquela tarde, e embora a dor tivesse passado, sentia-se fraca e “acabada”, como dizia. Anne olhou para ela com olhos límpidos de compaixão.

— Gostaria, de verdade, que eu pudesse ter dor de cabeça em seu lugar, Marilla. Suportaria com prazer, por você.

— Acho que você fez sua parte com as tarefas para que eu descansasse. Parece que se saiu bastante bem e cometeu menos erros que de costume. Claro que não era exatamente necessário engomar os lenços de bolso de Matthew. E a maioria das pessoas, quando põe uma torta no forno para o almoço, a tira para comer antes de deixá-la torrar. Mas se fizesse tudo certo, não seria você.

Dores de cabeça sempre deixavam Marilla um tanto sarcástica.

— Oh, me desculpe — respondeu Anne, penitente. — Não pensei mais nessa torta a partir do momento em que a coloquei no forno, embora instintivamente soubesse que havia algo faltando na mesa do almoço. Quando me deixou

a cargo dos afazeres esta manhã, estava resolvida a não ficar imaginando coisas e fazer tudo direitinho. Fui bem até a hora da torta, mas então senti uma tentação irresistível de imaginar que eu era uma princesa trancada em uma torre isolada e que um belo cavaleiro vinha me resgatar em um corcel preto-carvão. Foi assim que acabei me esquecendo da torta. Nem percebi que engomei os lenços. Todo o tempo em que estive passando roupa, tentei pensar em um nome para uma ilha que Diana e eu descobrimos no riacho. É um lugar deslumbrante, Marilla. Há dois bordos-sacarinos na ilha, e o riacho flui em torno dela. Finalmente, pareceu-me que seria esplêndido chamá-la a Ilha Victoria porque a encontramos no dia do aniversário da rainha.¹⁷ Ambas somos súditas muito leais. Mas lamento sobre a torta e os lenços de bolso. Pretendia me sair excepcionalmente bem hoje, porque é um dia comemorativo. Lembra-se do que aconteceu neste dia no ano passado, Marilla?

— Não, não consigo pensar em nada.

— Oh, Marilla, foi o dia em que cheguei a Green Gables. Nunca o esquecerei. Foi o ponto de virada em minha vida. É óbvio que para você não é tão importante. Estou aqui há um ano e sou muito feliz. Claro que tive os meus problemas, mas podemos fazer com que caiam no esquecimento. Você se arrepende de ter me adotado, Marilla?

— Não, não posso dizer que me arrependa — respondeu Marilla, que às vezes se perguntava como sobrevivera antes de Anne chegar a Green Gables. — Não, não estou exatamente arrependida. Se você já terminou sua lição de casa, Anne, quero que vá pedir emprestado à sra. Barry o molde do avental de Diana.

— Mas está muito escuro — queixou-se Anne.

— Muito escuro? O sol está apenas se pondo. E o bom Deus sabe que você já foi e voltou muitas vezes depois do anoitecer.

— Irei amanhã de manhã cedo — refutou Anne, ansiosa. — Vou me levantar ao nascer do sol e passar por lá, Marilla.

— O que passa pela sua cabeça agora, Anne Shirley? Eu quero o molde para cortar o seu avental novo esta noite. Vá de uma vez e volte logo.

— Vou ter de dar a volta pela estrada — resmungou Anne, pegando relutantemente o chapéu.

— Se for pela estrada, desperdiçará meia hora! Onde já se viu?

— Não posso passar pelo Bosque Encantado, Marilla!

— gritou Anne, desesperada.

Marilla olhou atônita.

— Bosque Encantado! Está maluca? O que raios seria o Bosque Encantado?

— O bosque de pinheiros-do-canadá perto do riacho — sussurrou Anne.

— Que bobagem! Não existe nada de bosque encantado em lugar algum. Quem disse isso a você?

— Ninguém — confessou Anne. — Diana e eu imaginamos que o bosque fosse encantado. Todos os lugares em torno daqui são assim... bem... tão comuns. Inventamos isso para o nosso próprio entretenimento. Começamos em abril. Um bosque encantado é muito romântico, Marilla. Escolhemos o bosque de pinheiros porque é sombrio. Oh, imaginamos as coisas mais perturbadoras. Há uma Dama Branca¹⁸ que anda ao longo do riacho mais ou menos a esta hora da noite, torce as mãos e grita lamentos. Ela aparece quando haverá morte na família. E o fantasma de uma criancinha assassinada assombra o recanto da Estância da Mata. Ele rasteja atrás de nós e coloca seus dedos frios sobre nossa mão, assim, deste jeito. Ah, Marilla, só de pensar, já sinto um calafrio! E há um Cavaleiro sem Cabeça¹⁹ que sobe e desce espiando pelo caminho, e esqueletos assombram entre os galhos. Oh, Marilla, eu não passo mais pelo Bosque Encantado depois de escurecer por nada neste mundo. Tenho certeza de que aquelas coisas brancas chegariam por trás das árvores para me agarrar.

— Ninguém nunca ouviu algo semelhante! — bramiu Marilla, que havia escutado muda de espanto. — Anne Shirley, você quer dizer que acredita mesmo em todos os malignos despropósitos de sua própria imaginação?

— Não acredito propriamente — titubeou Anne. — Pelo menos, não acredito neles à luz do dia. Mas depois que escurece, Marilla, é diferente. É quando os fantasmas perambulam por aí.

— Fantasmas não existem, Anne.

— Ah, existem, sim, Marilla — clamou Anne ansiosamente. — Conheço pessoas que viram, e são pessoas respeitáveis. Charlie Sloane conta que sua avó viu o avô conduzir as vacas de volta uma noite, isso depois de ter sido enterrado há um ano. Bem sabe que a avó de Charlie Sloane não contaria uma história assim à toa. É uma mulher muito religiosa. O pai da sra. Thomas foi perseguido até em casa, noutra noite, por um cordeiro em chamas com a cabeça cortada e pendurada por uma tira de couro. Ele disse que sabia que era o espírito de seu irmão e que era um aviso de que ele próprio morreria dentro de nove dias. Ele não morreu em nove dias, mas morreu dois anos depois, então se vê que era realmente verdade. Ruby Gillis conta...

— Anne Shirley — interrompeu Marilla bruscamente —, nunca mais quero ouvir você falar assim novamente. Logo de início, tive dúvidas sobre essa sua imaginação, e se for para fantasiar coisas assim, não vou tolerar mais. Para aprender a lição, você vai direto até a casa dos Barry, passando por esse bosque de pinheiros. E nunca mais quero escutar uma palavra sequer sobre bosques encantados.

Anne podia implorar e chorar quanto quisesse — e foi exatamente isso o que fez, porque seu terror era real. Deixara-se levar pela própria imaginação e agora tinha um pavor mortal do bosque de pinheiros após o cair da noite, mas Marilla estava irredutível. Ela acompanhou a encolhida vidente de fantasmas até a nascente e então mandou que Anne prosseguisse pela ponte e atravessasse os refúgios sombrios das damas lamentosas e dos espectros sem cabeça.

— Ah, Marilla, como você pode ser tão cruel? — soluçou Anne. — Como se sentiria se uma coisa branca me arrebatasse e me levasse embora?

— Vou arriscar — respondeu Marilla, sem sentimentalismos. — Você sabe que eu sempre falo sério. Vou curar você dessa coisa de ficar imaginando fantasmas. Avante, em marcha!

Anne marchou, ou melhor, cambaleou sobre a ponte e seguiu estremecida pelo terrível caminho escuro adiante. A menina nunca se esqueceria dessa caminhada. Arrependia-se amargamente de ter dado asas à sua imaginação. Os gnomos de sua fantasia a espreitavam em cada canto, avançando suas mãos frias e descarnadas para agarrar a menina aterrorizada que os havia trazido à vida. Uma casca esbranquiçada de bétula esvoaçou com uma rajada de vento e despontou da baixada até a terra marrom do arvoredo, fazendo seu coração parar. O gemido prolongado de dois galhos velhos se esfregando fez com

que suasse em bicas. Os bandos de morcegos que sobrevoavam na escuridão eram como asas de criaturas sobrenaturais. Quando chegou aos campos do sr. William Bell, voou pelo terreno como se perseguida por um exército de fantasmas e chegou à porta da cozinha dos Barry tão esbaforida que mal conseguiu pedir o molde de avental. Diana não estava em casa, de modo que não havia desculpa para se demorar. A terrível viagem de regresso deveria ser enfrentada. Anne voltou de olhos fechados, preferindo o risco de bater com a cabeça nos galhos do que ver algo branco. Quando finalmente se deparou com a ponte de troncos, deu um longo suspiro de alívio.

— Bem, e então, nada a agarrou? — perguntou Marilla, sem nenhuma empatia.

— Ah, Mar... Marilla — balbuciou Anne —, depois disso, fico pra lá de sa-satisf-feita com lu-lu-ga-gares comuns.

UMA NOVIDADE EM AROMATIZANTES

Caramba, não há nada mais que encontros e despedidas neste mundo, como diz a sra. Lynde — afirmou Anne, melancólica, colocando a lousa e os livros sobre a mesa da cozinha, no último dia de junho, enxugando os olhos embotados com um lenço ensopado. — Não foi uma sorte, Marilla, eu ter levado um lenço extra à escola hoje? Tive um pressentimento de que seria necessário.

— Nunca pensei que gostasse tanto do sr. Phillips a ponto de precisar de dois lenços para secar as lágrimas apenas porque ele está indo embora — comentou Marilla.

— Não acho que chorei porque gostava tanto dele — refletiu Anne —, mas simplesmente porque todas as outras estavam chorando. Foi Ruby Gillis quem começou. Ela sempre declarou em alta voz que odiava o sr. Phillips, mas assim que ele se levantou para fazer seu discurso de despedida, ela desatou em lágrimas. Então todas as meninas começaram a chorar, uma após a outra. Tentei me conter, Marilla. Tentei me lembrar da vez em que o sr. Phillips me fez sentar com Gil... com um menino, e de quando escreveu meu nome no quadro negro sem o “e”, e de como disse que eu era a maior burra em geometria que conhecera, e de quando ria da minha ortografia, e de todas as vezes em que foi desagradável e sarcástico. Porém, de

alguma forma não consegui me segurar, Marilla, também acabei chorando. Jane Andrews falou durante todo o mês sobre como ficaria feliz quando o sr. Phillips fosse embora, declarando que não derramaria uma lágrima sequer. Bem, ela foi a pior de todas e teve de pedir um lenço emprestado para o irmão. É claro que os meninos não choraram. Ela não tinha trazido um lenço, pois não esperava que precisasse. Oh, Marilla, foi dilacerante. O sr. Phillips fez um discurso de despedida muito bonito, que começou com “Chegou a hora de dizermos adeus”. Foi muito comovente. Ele também tinha lágrimas nos olhos, Marilla. Oh, eu me senti terrivelmente triste e cheia de remorso por todas as vezes em que conversei na sala de aula, desenhei caricaturas dele na minha lousa e zombei dele e da Prissy. Digo, gostaria de ter sido uma aluna exemplar como Minnie Andrews. Ela não estava com a consciência pesada. As meninas choraram durante todo o caminho de volta para casa. Carrie Sloane ficou dizendo a cada minuto: “Chegou a hora de dizermos adeus”, e isso fazia com que começássemos de novo sempre que estávamos a um passo de nos alegrarmos. Estou terrivelmente triste, Marilla. Mas não podemos estar em profundo desespero com dois meses de férias pela frente, não é? Além disso, encontramos o novo reverendo e sua esposa chegando da estação. Apesar de estar me sentindo mal pela partida do sr. Phillips, não pude evitar ter certo interesse em um reverendo novo, concorda? Sua esposa é muito bonita. Não propriamente

majestosa, é claro — presumo que não ficaria bem para um reverendo ter uma esposa majestosa, porque poderia dar mau exemplo. A sra. Lynde diz que a esposa do reverendo de Newbridge dá um mau exemplo por se vestir tão na moda. A esposa de nosso novo reverendo estava vestida em musselina azul com mangas bufantes encantadoras e com um chapéu enfeitado com rosas. Jane Andrews disse que acha que mangas bufantes são demasiado vulgares para a esposa de um reverendo, mas eu não fiz nenhum comentário assim tão maldoso, Marilla, porque bem sei o que é desejar por muito tempo mangas bufantes. Além do que ela é esposa de um reverendo há pouco tempo, e por isso deveríamos aliviar, não é? Ficarão hospedados na casa da sra. Lynde até que a residência paroquial fique pronta.

Se Marilla, ao ir à noite até a casa da sra. Lynde, foi impulsionada por qualquer outro motivo exceto o de devolver os bastidores para bordado que emprestara no inverno anterior, isso aconteceu por uma afável fraqueza compartilhada pela maioria dos habitantes de Avonlea. Muitas das coisas que a sra. Lynde emprestara, às vezes esperando nunca mais revê-las, foram devolvidas naquela noite em sua casa, em mãos, pelas próprias prestatárias. Um novo reverendo e, além disso, um reverendo com uma esposa, era objeto legítimo da curiosidade em um pequeno e calmo assentamento rural onde novos acontecimentos eram raros.

O velho sr. Bentley, o reverendo que Anne achava que não tinha imaginação, havia sido pastor de Avonlea por dezoito anos. Era viúvo quando chegara e assim continuou, apesar de que as fofocas regularmente o casassem com uma, outra ou aquela lá, a cada ano de sua permanência. No último fevereiro, renunciou ao cargo e partiu, em meio às lamentações de seus devotos. O bom e velho reverendo, ao longo dos anos, conseguiu se tornar querido por seu rebanho, mesmo com suas limitações como orador. Desde então, vários candidatos a suplentes apareciam, domingo a domingo, para pregar e serem avaliados, o que constituía uma variedade de distrações religiosas para a igreja de Avonlea. Após o julgamento das famílias devotas da congregação, eram ou não aprovados. Uma certa menina ruiva que se sentava humildemente no canto do banco dos Cuthbert também tinha suas opiniões, mas as discutia apenas com Matthew, pois Marilla sempre se negava, por princípio, a criticar reverendos em qualquer sentido que fosse.

— Não acho que o sr. Smith teria dado conta, Matthew — foi a conclusão de Anne. — A sra. Lynde disse que seu desempenho foi pobre, mas acho que a sua pior falha foi exatamente a mesma do sr. Bentley: falta de imaginação. Coisa que o sr. Terry tinha até demais. Ele a deixava fluir, assim como eu fiz no caso do Bosque Encantado. Além disso, a sra. Lynde disse que sua teologia não era sólida. O sr. Gresham era um homem muito bom e muito religioso,

mas contava piadas demais e fazia a congregação dar risada na igreja. Isso era impróprio, pois um reverendo deve ter dignidade, não é, Matthew? Achei o sr. Marshall decididamente atraente. Mas a sra. Lynde contou que investigou o assunto e soube que ele não é casado, nem mesmo noivo. Ela diz que nunca daria certo ter um jovem reverendo solteiro em Avonlea porque ele poderia se casar com alguém da congregação, e isso traria problemas. A sra. Lynde enxerga longe, não é, Matthew? Estou muito contente por terem escolhido o sr. Allan. Gostei dele porque seu sermão é interessante e ele ora com devoção, como se realmente acreditasse e não apenas por estar habituado. A sra. Lynde diz que ele não é perfeito, mas supõe que não podemos esperar por um ministro perfeito com setecentos e cinquenta dólares por ano. Seja como for, sabe que sua teologia é sólida porque o questionou minuciosamente em todos os fundamentos da doutrina. E ela conhece a família da esposa, que é muito respeitável, e as mulheres são todas boas donas de casa. A sra. Lynde diz que um homem com uma doutrina sólida e uma mulher que é boa dona de casa são a combinação ideal para a família de um reverendo.

O novo reverendo e sua esposa eram um jovem casal agradável, ainda em lua de mel, e cheios de entusiasmo pela vida que escolheram. Avonlea abriu o coração para eles desde o início. Velhos e jovens gostaram do homem franco e alegre com ideais elevados e da brilhante e gentil

senhora que assumiu o patronato do presbitério. Anne caiu prontamente de amores pela sra. Allan. Descobriria uma outra alma irmã.

— A sra. Allan é perfeitamente adorável — anunciou em um domingo à tarde. — Ela assumiu a nossa classe e é uma excelente professora. Disse logo de pronto que não lhe parecia justo que o professor fizesse todas as perguntas, e você bem sabe, Marilla, que é exatamente o que eu sempre achei. Disse que podíamos fazer qualquer pergunta que quiséssemos, e eu fiz muitas. Sou boa em fazer perguntas, Marilla.

— Acredito em você — foi o comentário enfático de Marilla.

— Ninguém mais perguntou nada, exceto Ruby Gillis, que quis saber se teríamos um piquenique da Escola Dominical neste verão. Não achei uma pergunta muito adequada porque não tinha qualquer relação com a lição. A aula era sobre Daniel na cova dos leões,²⁰ mas a sra. Allan apenas sorriu e disse que achava que sim. A sra. Allan tem um sorriso simpático e covinhas primorosas nas bochechas! Eu queria ter covinhas nas bochechas, Marilla. Já engordei bastante desde que cheguei aqui, mas ainda não tenho covinhas. Se eu tivesse, talvez pudesse ser uma boa influência para as pessoas. A sra. Allan disse que devemos sempre tentar influenciar outras pessoas para o bem. Ela falou bem de tudo. Não sabia que a religião pudesse ser algo tão alegre. Sempre pensei que fosse meio

melancólica, mas a sra. Allan não é, e eu gostaria de ser uma cristã se pudesse ser como ela. Nunca quis ser como o sr. superintendente Bell.

— É muito impróprio de sua parte falar assim sobre o sr. Bell — criticou Marilla com severidade. — O sr. Bell é um homem realmente bom.

— Oh, é claro que ele é bom — concordou Anne —, mas parece que a religião não lhe traz nem um pouco de conforto. Se eu pudesse ser boa, eu dançaria e cantaria o dia todo, porque estaria contente com tudo. Presumo que a sra. Allan seja velha demais para dançar e cantar e, é claro, não seria digno da esposa de um reverendo. Mas posso sentir que ela está feliz por ser cristã e que ela seria uma boa pessoa mesmo sem religião.

— Suponho que temos de convidar o sr. e a sra. Allan um dia desses para o chá — refletiu Marilla. — Eles já estiveram em quase todas as casas, menos aqui. Deixe-me ver. Na próxima quarta-feira seria um bom dia para recebê-los. Mas fique de bico fechado com Matthew sobre isso, pois se souber que eles vêm, vai inventar alguma desculpa para não estar aqui. Ele não se importava com as visitas do sr. Bentley pois se acostumou com ele, mas não ficará à vontade com um novo reverendo, e conhecer sua esposa irá matá-lo de medo!

— Vou ficar muda como um peixe — garantiu Anne. — Ah, Marilla, posso fazer um bolo para essa ocasião

especial? Gostaria de fazer algo pela sra. Allan, e, a essa altura, sabe que já sei fazer bolo direito.

— Você pode fazer um bolo de camadas — prometeu Marilla.

A segunda e a terça-feira foram dias de grandes preparativos em Green Gables. Ter o reverendo e a esposa para o chá era uma ocasião séria e importante, e Marilla estava determinada a ser a melhor anfitriã de Avonlea. Anne mal se cabia de contentamento e ansiedade. Na terça-feira, ao entardecer, ela e Diana conversavam, sentadas sobre as grandes pedras vermelhas junto às Borbulhas das Dríades enquanto faziam arco-íris na água com pequenos galhos besuntados de seiva de abeto.

— Está tudo pronto, Diana, exceto o bolo, que vou fazer de manhã, e os biscoitos com fermento que Marilla fará logo antes da hora do chá. Olhe, Diana, foram dois dias cheios, para Marilla e para mim. É muita responsabilidade receber a família de um reverendo para o chá. Nunca passei por isso antes. Você precisava ver a nossa copa! Um espetáculo e tanto. Teremos frango gelificado e língua fria, dois sabores de geleia, vermelha e amarela, além de chantilly, torta de limão, de cereja, três tipos de biscoitos, bolo de frutas, a famosa conserva de ameixa-amarela de Marilla, que ela reserva sobretudo para os reverendos, bolo de pão de ló e o com camadas de recheio, e biscoitos, como já contei; e tanto pão fresco como dormido, caso o reverendo sofra de má digestão e

não coma o fresco. A sra. Lynde diz que os reverendos são dispépticos, mas acho que o sr. Allan é reverendo há pouco tempo para já apresentar sintomas. Me dá um frio na barriga pensar no bolo recheado. Oh, Diana, e se não sair direito? Ontem à noite sonhei que era perseguida por todo canto por um duende horrível, sua cabeça era um grande bolo recheado.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — garantiu Diana, que era uma amiga muito confortadora. — O pedaço que provei daquele que você fez para o almoço na Estância da Mata duas semanas estava perfeito.

— É, mas os bolos têm o terrível hábito de ficarem ruins especialmente quando queremos que fiquem bons — suspirou Anne, deixando flutuar um galho bem besuntado de seiva. — No entanto, presumo que terei de confiar na Providência e prestar atenção ao colocar a farinha. Oh, olhe, Diana, que arco-íris lindo! Você acha que as dríades vão aparecer depois que formos embora e usá-los como echarpe?

— Você sabe que dríades não existem. — A mãe de Diana descobrira sobre o Bosque Encantado e ficou zangada. Como resultado, Diana passou a conter seus voos de imaginação e achou prudente não insistir mesmo em inofensivas dríades.

— Mas é tão fácil imaginar que existem! — retorquiu Anne. — Toda noite antes de ir para a cama, eu olho pela janela do quarto e fico pensando que a dríade está

realmente sentada aqui, penteando suas melenas e usando a nascente como espelho. Às vezes busco suas pegadas no orvalho da manhã. Oh, Diana, não desista de sua crença nas dríades!

A manhã de quarta-feira chegou. Anne se levantou ao nascer do sol, pois sua ansiedade não a deixou dormir. Ficara muito resfriada após o passeio na nascente, no fim da tarde de ontem. Porém, nem uma pneumonia aguda a faria desistir de seus deveres culinários naquela manhã. Depois do café, foi fazer seu bolo. Quando finalmente fechou a porta do forno, deu um profundo suspiro.

— Tenho certeza de que não me esqueci de nada desta vez, Marilla. Você acha que vai crescer? Imagine se o fermento não estiver bom. Usei o da lata nova. A sra. Lynde diz para nunca confiar na qualidade dos fermentos hoje em dia, pois tudo é adulterado. A sra. Lynde diz que o governo deveria abordar essa questão, mas que não dá para esperarmos isso de um governo conservador. Marilla, e se esse bolo não crescer?

— Mesmo sem ele, já temos o suficiente. — Marilla abordava a questão de forma pragmática.

Enfim, o bolo cresceu e saiu do forno reluzente e fofo como uma espuma dourada. Anne, corada de satisfação, uniu as camadas com recheio de geleia vermelha e, em sua imaginação, visualizou a sra. Allan pedindo outro pedaço.

— Usaremos o melhor jogo de chá, é claro, Marilla. Posso enfeitar a mesa com samambaias e rosas selvagens?

— Acho isso um grande absurdo — resmungou Marilla. — Na minha opinião, o que importa é o que for servido, e não a baboseira dos enfeites.

— A sra. Barry decorou a mesa — contestou Anne, que às vezes sabia se valer da sabedoria da serpente²¹ —, e o reverendo fez um elogio muito elegante. Comentou que era um banquete para os olhos e para o paladar.

— Bem, faça como quiser — concordou Marilla, que estava bastante determinada a ser melhor anfitriã que a sra. Barry ou qualquer outra. — Só trate de deixar espaço suficiente para os pratos e a comida.

Anne decorou a mesa de tal maneira que deixaria a da sra. Barry na poeira. Com muitas rosas e samambaias e um gosto artístico próprio, ela fez da mesa de chá uma tal obra de arte que, quando o reverendo e a esposa se sentaram, fizeram exclamações em coro sobre sua formosura.

— É obra da Anne — disse Marilla, quase sombria. Anne sentiu uma alegria quase insuportável ao ver o sorriso de aprovação da sra. Allan.

Matthew estava presente, e só Deus e Anne sabiam como foi convencido a participar. Estava tão tímido e nervoso que Marilla desistira dele, mas Anne fora tão persuasiva que agora estava sentado à mesa com sua melhor roupa e a camisa de colarinho branco, conversando com o reverendo até com algum interesse. Não dirigiu sequer uma palavra à sra. Allan, como já seria de se esperar.

Tudo correu muitíssimo bem até que o bolo de camadas de Anne foi servido. A sra. Allan, já satisfeita pelo cardápio tão variado, recusou. Mas Marilla, vendo a decepção no rosto de Anne, insistiu, sorridente:

— Ah, precisa provar um pedaço deste aqui, sra. Allan. Anne fez especialmente para a senhora.

— Neste caso, vou prová-lo — riu a sra. Allan, servindo-se de um bom pedaço, assim como o reverendo e Marilla.

Assim que sra. Allan pôs um pedaço na boca, seu rosto foi tomado por uma expressão bem estranha. No entanto, engoliu sem pronunciar uma palavra. Marilla notou e apressou-se a provar o bolo.

— Anne Shirley! — exclamou. — Que raios você colocou no bolo?

— Só o que diz a receita — defendeu-se Anne, aflita.
— Por quê, não está bom?

— Bom? Está simplesmente horrível! Sr. Allan, nem tente comê-lo. Anne, prove-o você mesma. Que aromatizante usou?

— Baunilha — respondeu Anne, com o rosto vermelho de vergonha após provar o bolo. — Só baunilha. Oh, Marilla, deve ter sido o fermento em pó. Tive as minhas dúvidas sobre esse ferm...

— Fermento em pó, nada! Traga-me a garrafa de baunilha que utilizou.

Anne correu para a despensa e retornou com uma pequena garrafa, pela metade, contendo um líquido marrom e com um rótulo amarelo dizendo “A melhor Baunilha”.

Marilla pegou-a, tirou a rolha e cheirou.

— Por misericórdia, Anne, você aromatizou o bolo com unguento analgésico! Na semana passada, quebrei o vidro do unguento e derramei o que sobrou neste velho frasco vazio de baunilha. Admito que seja parcialmente minha culpa. Eu deveria ter avisado você, mas por que raios não senti o cheiro?

Anne se esvaiu em lágrimas diante dessa dupla desgraça.

— Não consegui, estou muito resfriada! — E, com isso, praticamente voou para seu quarto do frontão, onde se atirou na cama e chorou inconsolável.

Em seguida, passos ressoaram na escada e alguém entrou no quarto.

— Ai, Marilla — soluçou Anne, sem olhar para cima —, caí em desgraça para todo o sempre. Isto nunca será esquecido. Vai virar fofoca, como sempre acontece em Avonlea. Diana me perguntará como ficou o bolo, e eu terei que contar a verdade. Sempre serei lembrada como a menina que colocou unguento no bolo. Gil... os meninos da escola não vão se aguentar de tanto gargalhar! Oh, Marilla, se você tem um pingo de piedade cristã, não me peça para descer e lavar os pratos depois disso tudo.

Lavarei quando o reverendo e a esposa tiverem ido, mas não posso nunca mais olhar a sra. Allan nos olhos. Talvez ela pense que tentei envenená-la. A sra. Lynde disse que conhece uma menina órfã que tentou envenenar seu benfeitor. Mas unguento não é venenoso. É para ser administrado por via oral, embora não em bolos. Dirá isso à sra. Allan, Marilla, por favor?

— Que tal se levantar e dizer você mesma? — recomendou uma voz alegre.

Anne deu um pulo e encarou a sra. Allan em pé junto à cama, observando-a com um olhar risonho.

— Minha querida menina, não deve chorar assim — disse ela, genuinamente preocupada com a expressão trágica de Anne. — Sabe, foi tudo um engano cômico que qualquer pessoa poderia cometer.

— Ah, não, esse erro acabou comigo — disse Anne, cabisbaixa. — Eu fiz o bolo especialmente para a senhora e queria que tivesse ficado delicioso, sra. Allan.

— Sim, eu sei, querida. Eu lhe asseguro que apreciei sua gentileza e dedicação, mesmo que não tenha ficado tão bom. Agora, chega de chorar, desça comigo e me mostre o jardim. A srta. Cuthbert contou que você tem um pequeno canteiro todo seu. Quero vê-lo, pois gosto muito de flores.

Anne se permitiu ser consolada e conduzida para baixo, refletindo que era realmente providencial que a sra. Allan fosse uma alma irmã. Nada mais foi dito sobre o bolo com unguento, e quando os convidados se foram, Anne

percebeu que a tarde havia sido mais agradável do que o esperado, considerando o terrível incidente. No entanto, suspirou profundamente.

— Marilla, não é bom pensar que amanhã é um novo dia e ainda sem erros?

— Garanto que você vai cometer muitos pela frente. Nunca vi tamanha tendência, Anne.

— É, sei bem disso — admitiu Anne, com pesar. — Mas já reparou que há uma coisa alentadora a meu respeito, Marilla? Nunca cometo o mesmo erro duas vezes.

— Não sei se isso serve de muita coisa, quando se comete tantos erros novos.

— Não vê, Marilla? Deve haver um limite para os erros que uma pessoa possa cometer, e quando eu atingi-lo, ficarei livre deles. É um pensamento muito reconfortante.

— Bem, seria melhor você dar esse bolo para os porcos. Não serve para nenhum ser humano comer, nem mesmo Jerry Boute.

ANNE É CONVIDADA PARA O CHÁ

Por que esses olhos arregalados, agora? — inquiriu Marilla quando Anne acabava de entrar, vinda da agência dos correios. — Descobriu alguma outra alma irmã?

Os olhos de Anne estavam fora das órbitas, brilhantes e acesos, e tinha as feições animadas. Ela veio dançando pela alameda, como se soprada pelo vento, banhada pelo sol suave e pelas sombras preguiçosas do final de tarde de agosto.

— Não, Marilla, mas, oh, adivinhe? Fui convidada para o chá na residência paroquial amanhã à tarde! A sra. Allan enviou um convite especialmente para mim pelo correio. Veja, Marilla! *Srta. Anne Shirley, Green Gables*. É a primeira vez que sou chamada de senhorita. Que arrepio me deu! Guardarei esta relíquia para sempre entre os meus tesouros mais preciosos.

— A sra. Allan me disse que queria retribuir, oferecendo um chá a todos os seus alunos da Escola Dominical — Marilla informou friamente a respeito do maravilhoso evento. — Não precisa tanto alarde. Aprenda a levar as coisas com mais calma, criança.

Para Anne, levar as coisas com mais calma significaria mudar sua natureza. Era toda “espírito, fogo e orvalho”, absorvia os prazeres e as dores da vida com uma

intensidade triplicada. Marilla de alguma forma percebia isso e se incomodava, temendo que os altos e baixos da existência recaíssem como chumbo sobre sua alma impulsiva. Afinal, não compreendia muito bem que a capacidade de Anne em se alegrar poderia mais do que compensar o lado negativo da vida. Por isso, Marilla tomara para si o dever de domar seu temperamento e torná-lo mais tranquilo e constante. Mas tentar mudar a natureza de Anne era impossível como controlar um relâmpago. Marilla admitiu a si mesma com pesar que não avançou muito. Quando os doces planos e esperanças de Anne iam por água abaixo, a menina mergulhava nas “profundezas da aflição”. Quando algo bom lhe acontecia, atingia os “reinos vertiginosos do deleite”. Marilla já perdia as esperanças de transformar a pobre órfã em sua menina-modelo de maneiras recatadas e corretas. Tampouco conseguia acreditar que, na verdade, preferia Anne exatamente como ela era.

Naquela noite, Anne foi para a cama amuada, triste por Matthew ter feito a previsão de que o vento nordeste talvez fizesse chover no dia seguinte. O farfalhar dos álamos nas proximidades da casa a preocupava, pois pareciam tamborilar açoitados por milhares de gotas de chuva. O rugido distante do golfo — que sempre escutara com prazer em outras ocasiões, amando seu ritmo irregular, sonoro e atormentado —, agora parecia profetizar tempestades e desastres para uma mocinha que

ansiava por um dia belo. Anne pensou que a manhã nunca chegaria.

Mas todas as coisas têm um fim, inclusive a noite anterior ao dia em que você foi convidada para o chá na residência paroquial. Apesar das previsões de Matthew, a manhã estava linda e o espírito de Anne, mais elevado que nunca.

— Oh, Marilla, há algo em mim hoje que me faz amar todos os que encontro! — exclamou ao lavar a louça do café da manhã. — Não sabe como me sinto bem! Não seria bom se durasse? Acredito que eu poderia ser uma criança exemplar se eu fosse convidada chás todos os dias. Mas, oh, Marilla, é também uma ocasião solene. Estou tão ansiosa! E se eu não me portar adequadamente? A senhora sabe que nunca tomei chá em uma residência paroquial, e não tenho certeza se conheço todas as regras de etiqueta, embora eu tenha estudado muito a seção de *etiquette* da *Herald Family*²² desde que cheguei aqui. Estou receosa de fazer alguma bobagem ou me esquecer de algo. Seria comportado me servir de uma segunda rodada de alguma coisa que eu quisesse muito?

— Seu problema, Anne, é que está sempre focada demais em si mesma. Deveria pensar só na sra. Allan e no que seria mais gentil e agradável para ela — disse Marilla, uma vez na vida jogando um conselho aos quatro ventos. Anne percebeu isso de imediato.

— Está absolutamente certa, Marilla. Vou tentar não pensar tanto em mim.

Anne passou ilesa pela visita, sem qualquer violação grave da *etiquette*, pois chegou em casa ao entardecer com asas nos pés, sob um grande céu infinito com traços de nuvens rosadas e cor de açafão, em um estado de espírito beatificado. Contou tudo alegremente a Marilla, sentada sobre a laje de arenito vermelho na porta da cozinha, cansada e com a cabeça apoiada sobre o vestido quadriculado que Marilla trajava.

Um vento fresco soprava sobre os campos cultivados e delimitados pelas colinas de pinheiros a oeste, e assobiava por entre os álamos. Uma estrela solitária resplandecia, dependurada sobre o pomar, e vaga-lumes esvoaçavam pela Alameda dos Enamorados, entrando e saindo das samambaias e dos ramos farfalhantes. Anne os observava enquanto falava, e de alguma forma sentiu que o vento, as estrelas e os vaga-lumes estavam todos enredados em algo indescritivelmente doce e encantador.

— Ah, Marilla, foi uma tarde fascinante! Sinto que não vivi em vão e sempre me sentirei assim, mesmo que nunca mais seja convidada para um chá na residência paroquial. Quando cheguei lá, a sra. Allan me recebeu à porta. Ela usava um vestido muito delicado, de organdi rosa-claro e meia-manga, com dezenas de babados, e parecia um serafim. Realmente acho que, quando crescer, gostaria de ser esposa de um reverendo, Marilla. Um reverendo talvez

não se importe com o meu cabelo vermelho, porque não se preocuparia com coisas mundanas assim. Claro que eu teria de ser naturalmente boa, mas nunca vou ser. Por isso, presumo que não adianta nem pensar nisso. Algumas pessoas são naturalmente boas, sabe, e outras não são. Eu sou uma dessas outras. A sra. Lynde diz que sou tomada pelo pecado original. Não importa o quanto eu tente ser boa, nunca conseguirei ter tanto êxito como aqueles que são naturalmente bons. É meio como com a geometria, acho. Mas não acha que um esforço tão duro deveria contar para algo? A sra. Allan é uma dessas pessoas naturalmente boas. Eu a adoro de paixão. Sabe que há algumas pessoas, como Matthew e sra. Allan, que podemos amar logo de cara sem qualquer dificuldade? E há outras, como a sra. Lynde, que temos de fazer um grande esforço para amar. Sabemos que devemos amá-los porque eles sabem muito e são colaboradores ativos na igreja, mas temos de ficar nos lembrando disso o tempo todo. Havia uma outra menina no chá do presbitério que é da Escola Dominical de White Sands. Seu nome é Laretta Bradley e é muito boazinha. Não exatamente uma alma irmã, sabe, mas ainda assim muito boazinha. Tomamos um chá elegante, e acho que respeitei todas as regras de etiqueta bastante bem. Depois do chá, a sra. Allan tocou e cantou, e chamou Laretta e a mim para cantarmos com ela. A sra. Allan diz que tenho uma boa voz e que eu deveria cantar no coro da Escola Dominical. Não imagina como fiquei entusiasmada com

essa mera possibilidade! Sempre desejei cantar no coro da Escola Dominical, como Diana, mas temia que fosse uma honra à qual nunca poderia aspirar. Lauretta teve de voltar para casa cedo porque haverá um grande recital no Hotel White Sands esta noite e sua irmã irá se apresentar.

Lauretta contou que os americanos no hotel dão um recital a cada quinzena, em prol do hospital de Charlottetown, e pedem a muitas pessoas em White Sands para que recitem. Lauretta disse que um dia espera ser convidada. Apenas olhei para ela, fascinada. Depois que ela partiu, a sra. Allan e eu tivemos uma conversa de peito aberto. Contei a ela a respeito de tudo, da sra. Thomas e dos gêmeos, de Katie Maurice e de Violetta, da minha vinda a Green Gables e dos meus problemas com a geometria. E acredita, Marilla? A sra. Allan me contou que também era uma negação em geometria. Não sabe como isso me encorajou! A sra. Lynde chegou à residência paroquial pouco antes de eu sair, e imagine o quê, Marilla? Os membros do conselho escolar contrataram uma nova professora, que é mulher. Seu nome é srta. Muriel Stacy. Não é um nome poético? A sra. Lynde diz que jamais tivemos uma professora mulher em Avonlea e que talvez seja uma inovação perigosa. Mas acho que será maravilhoso ter uma mulher como professora, e realmente não sei como vou sobreviver às duas semanas antes de começar a escola. Não vejo a hora de conhecê-la.

POR UMA QUESTÃO DE HONRA, ANNE SE DÁ MAL

A verdade é que Anne teve de se aguentar por mais de duas semanas. Quase um mês decorrera desde o episódio do bolo com unguento, tempo mais que suficiente para ela se meter em problemas de alguma espécie. Pequenos equívocos como, por exemplo, estar na copa com a cabeça na lua e, em vez de esvaziar uma panela de leite desnatado na tina dos porcos, virá-la em um cesto de novelos de lã; ou se perder em um devaneio ao passar pela ponte de troncos e cair no riacho, saindo ilesa, não contam muito.

Uma semana depois do chá na residência paroquial, Diana Barry deu uma festa.

— Pequena e seletiva — Anne assegurou a Marilla. — Apenas as meninas da classe.

Elas se divertiram muito e nada de relevante aconteceu até depois do chá, quando então saíram para o jardim dos Barry, já um pouco cansadas das brincadeiras e prontas para algum novo tipo de travessura. Foi quando tudo assumiu a forma de “desafio”.

Naquele momento, desafiar umas às outras era o divertimento da moda entre as crianças de Avonlea. Começara entre os meninos, mas logo as meninas foram contagiadas. Daria para encher um livro com todas as

besteiras protagonizadas em Avonlea naquele verão pelos praticantes desses “desafios”.

Para começar, Carrie Sloane desafiou Ruby Gillis a subir até um certo galho do velho salgueiro que ficava perto da entrada da casa. Ruby Gillis, mesmo com seu pavor mortal das corpulentas taturanas verdes que, diziam, infestavam a árvore — e com o medo de enfrentar a mãe caso rasgasse o vestido novo de musselina —, foi ágil na escalada, para frustração da desafiante. Então Josie Pye desafiou Jane Andrews a saltar somente com o pé esquerdo em torno do jardim, sem parar nem uma só vez ou colocar o outro pé no chão, o que Jane Andrews tentou corajosamente, mas se rendeu já na terceira virada e teve de assumir a derrota.

Sendo o triunfo de Josie muito mais comemorado do que o bom gosto permitia, Anne Shirley a desafiou a caminhar no alto da cerca de tábuas que circundava o jardim ao leste. Ora, andar sobre cercas de madeira requer extrema habilidade, equilíbrio e firmeza nos pés. Mas Josie Pye, mesmo limitada em relação a algumas qualidades que tornam uma pessoa popular, tinha ao menos um dom inato e devidamente cultivado: andar sobre cercas. Josie caminhou sobre a cerca dos Barry com leveza, como se aquilo sequer contasse como um desafio. Uma relutante ovação saudou sua proeza, pois a maior parte das meninas soube apreciá-la, tendo passado por poucas e boas em seus esforços anteriores para caminhar sobre cercas. Josie

desceu de seu posto, ruborizou-se com a vitória e lançou um olhar provocador a Anne.

Anne jogou as tranças vermelhas para trás.

— Não acho que seja lá uma coisa extraordinária andar sobre uma cerca curta e baixa — disse ela. — Conheci uma menina em Marysville que conseguia caminhar sobre a cumeeira do telhado.

— Não acredito nisso — contestou Josie, categórica. — Não acredito que alguém consiga caminhar sobre uma cumeeira. Pelo menos *você* não consegue.

— Ah, não? — gritou Anne.

— Então, desafio você a fazer isso — provocou Josie. — Desafio você a subir lá e caminhar pela cumeeira do telhado da cozinha dos Barry.

Anne ficou pálida, mas obviamente só havia uma coisa a ser feita. Caminhou em direção à casa, onde uma escada estava encostada no beiral do telhado da cozinha. Todas as meninas deixaram escapar um “Oh!”, entre empolgadas e apreensivas.

— Não faça isso, Anne — implorou Diana. — Você vai cair e morrer. Deixe a Josie Pye pra lá. Não é justo desafiar alguém a fazer uma coisa perigosa dessas.

— Tenho de fazer. Minha honra está em jogo — respondeu Anne solenemente. — Eu vou andar sobre essa cumeeira, Diana, ou morrer tentando. Se eu morrer, você fica com o meu anel de contas de madrepérola.

Anne subiu a escada em meio a um silêncio completo, chegou à cumeeira e ficou em pé sobre o apoio precário. Começou a andar ao longo dela, equilibrando-se sem perceber que estava em uma posição perturbadora no topo do mundo e que andar sobre cumeeiras não era uma coisa na qual a imaginação ajudasse muito. De qualquer forma, deu vários passos antes da catástrofe. Vacilou, bambeou, tropeçou, cambaleou e despencou, deslizando pelas telhas escaldantes e destroçando o emaranhado de hera-americana logo abaixo — tudo isso antes que o círculo de meninas desconcertadas lá embaixo pudesse gritar simultaneamente em franco terror.

Se Anne tivesse caído do telhado pelo lado em que havia subido, Diana provavelmente herdaria o tal anel ali mesmo. Felizmente, caiu do outro lado, onde o telhado se estendia sobre a varanda e cujo beiral era tão próximo ao chão que tornava a queda bem menos séria. Seja como for, quando Diana e as outras meninas contornaram freneticamente a casa — exceto Ruby Gillis, que permaneceu como se pregada ao chão em um ataque histérico —, encontraram Anne pálida e desacordada, deitada em meio aos tufos despencados de hera.

— Anne, você morreu? — berrou Diana, atirando-se de joelhos ao lado da amiga. — Oh, Anne, querida Anne, diga apenas uma palavra para eu saber se está viva.

Para o imenso alívio de todas as meninas — especialmente de Josie Pye, quem, apesar da falta de

imaginação, fora atacada por visões horríveis de um futuro marcado por ter sido a causadora da morte precoce e trágica de Anne Shirley —, Anne, ainda zozna, sentou-se e respondeu, abalada:

— Não, Diana, não estou morta, mas acho que desmaiei.

— Machucou? — soluçou Carrie Sloane. — Oh, Anne, você se machucou?

Antes que Anne pudesse responder, a sra. Barry apareceu em cena. Ao vê-la, Anne tentou se levantar, mas caiu para trás outra vez com um gritinho agudo de dor.

— O que aconteceu? Onde você se machucou? — interrogou a sra. Barry.

— Meu tornozelo — arquejou Anne. — Ah, Diana, por favor encontre seu pai e peça que me leve para casa. Sei que não conseguirei caminhar até lá. E tenho a certeza de que não conseguiria chegar até lá saltando em um pé só, pois Jane não conseguiu nem saltar ao redor do jardim.

Marilla colhia uma baciada de maçãs no pomar quando viu o sr. Barry passar sobre a ponte de troncos e subir a encosta, com a sra. Barry ao lado, seguida por uma procissão de meninas. Ele carregava Anne nos braços, com cabeça dela repousada em seu ombro.

Naquele exato momento, Marilla teve uma revelação. Uma repentina pontada de medo perfurou seu coração e a fez perceber o que Anne já significava para ela. Antes, teria admitido que gostava de Anne — até mais, que gostava

muito de Anne. Agora que ela se precipitava descontrolada pelo declive, sabia que Anne era mais querida para ela do que qualquer outra coisa na Terra.

— Sr. Barry, o que aconteceu a ela? — perguntou arfante, pálida e abalada, bem diferente da controlada e sensível Marilla de anos atrás.

Anne mesma respondeu, levantando a cabeça:

— Não se assuste, Marilla. Eu caminhei pela cumeeira e caí. Acho que torci o tornozelo. Marilla, eu poderia ter quebrado o pescoço. Vamos olhar o lado positivo das coisas.

— Eu devia ter imaginado. Você sempre faz algo do tipo quando permito que vá a festas — afirmou Marilla brava, mas aliviada. — Traga-a aqui, sr. Barry, e coloque-a no sofá. Misericórdia! A criança até desmaiou!

Era verdade. Tomada pela dor de sua lesão, Anne teve mais um de seus desejos realizados: cair desmaiada como um defunto.

Matthew, chamado às pressas do campo de colheita, foi despachado de imediato para buscar o médico, que veio a descobrir que a lesão era mais grave do que supuseram. O tornozelo de Anne estava quebrado.

Naquela noite, quando Marilla subiu ao frontão leste, onde uma menina de rosto pálido estava deitada, uma voz queixosa a saudou da cama:

— Está com muita pena de mim, Marilla?

— A culpa foi toda sua — rebateu Marilla, fechando as cortinas e acendendo uma vela.

— É por isso mesmo que deveria ficar com pena de mim — respondeu Anne —, como a culpa foi minha, isso torna tudo mais difícil. Se eu pudesse pôr a culpa em alguém, me sentiria muito melhor. Mas o que teria feito, Marilla, se fosse desafiada a andar na cumeeira?

— Eu teria continuado com os pés no chão e deixado que desafiassem. Que absurdo! — sentenciou Marilla.

Anne suspirou.

— Mas você tem essa força de caráter, Marilla. Eu não tenho. Achei que não conseguiria suportar as gozações de Josie Pye. Ela ficaria tripudiando para cima de mim pelo o resto da vida. E acho que já fui castigada o bastante para que não precise ficar zangada demais comigo, Marilla. No final das contas, desmaiar não é nem um pouco agradável. E a dor foi lancinante quando o médico pôs o tornozelo de volta no lugar. Não vou poder pisar firme por seis ou sete semanas e vou perder toda a comoção sobre a nova professora. Ela já não será mais novidade quando eu voltar à escola. E Gil... todos vão passar à minha frente na classe. Ah, sou uma mortal desgraçada. Mas conseguirei suportar tudo bravamente se não ficar tão zangada comigo, Marilla.

— Está bem, está bem, não estou zangada. Você é uma criança azarada, disso não tenho dúvidas. Mas, como você mesma disse, terá que arcar com as consequências. Agora vamos, tente comer alguma coisa.

— Não é uma sorte eu ter tanta imaginação? Vai me ajudar a passar por isso, espero. O que as pessoas sem imaginação fazem quando quebram um osso? O que acha, Marilla?

Anne teve razão em abençoar sua imaginação muitas e muitas vezes durante as tediosas sete semanas que se seguiram. Mas não dependeu só disso. Teve muitas visitantes, e não se passou um dia sequer sem que um ou mais colegas viessem lhe trazer flores e livros e contar a ela todos os ocorridos do mundo juvenil de Avonlea.

— Todos têm sido tão bons e gentis, Marilla — suspirou Anne alegremente, no primeiro dia em que conseguiu andar, ainda que mancando. — Não é muito bom ficar de cama, mas há um lado positivo, pois descobrimos quantos amigos verdadeiros temos. Ora, até o superintendente Bell veio me ver, e ele é realmente um homem muito bom. Não é uma alma irmã, obviamente, mas ainda assim gosto dele e estou muito arrependida por ter criticado seu jeito de orar. Agora eu acho que ele realmente crê nas orações e apenas tem o hábito de dizê-las como se não acreditasse. Ele poderia superar isso, caso se esforçasse. Dei a ele uma boa indireta. Contei como me esforcei para deixar as minhas próprias orações pessoais mais interessantes. Ele me contou sobre quando quebrou o tornozelo, ainda menino. É bem estranho pensar no superintendente Bell ainda criança. Até a minha imaginação tem seus limites, pois não consigo visualizá-lo.

Quando tento imaginar um menininho, eu o vejo com bigodes grisalhos e de óculos tal como ele é na Escola Dominical, só que menor. Ora, é bem fácil imaginar a sra. Allan quando menina. A sra. Allan veio me visitar catorze vezes. Não é algo para se orgulhar, Marilla? Logo a esposa do reverendo, que tem tantos compromissos! Além disso, ela é uma pessoa muito alegre, o que é ótimo em uma visita. Ela nunca nos diz que é nossa própria culpa, apenas espera que eventos do tipo nos tornem pessoas melhores. A sra. Lynde disse a mesma coisa todas as vezes que veio me ver, e senti que espera sinceramente que eu seja uma menina melhor, mas no fundo não acredita que serei. Até mesmo Josie Pye veio me visitar. Eu a recebi tão educada quanto pude, porque acho que estava amargamente arrependida por ter me desafiado a caminhar sobre a cumeeira. Se eu tivesse morrido, ela teria de carregar um pesado remorso pelo resto da vida. Diana tem sido uma amiga leal. Ela passou por aqui todos os dias para animar meu quarto solitário. Mas, ah, vou ficar tão feliz quando puder ir à escola, pois já ouvi coisas muito interessantes sobre a nova professora. Todas as meninas acham que ela é muito meiga. Diana contou que ela tem cabelo claro e cacheado e olhos fascinantes. Ela se veste lindamente, e suas mangas bufantes são mais volumosas que as de qualquer outra em Avonlea. Nas tardes alternadas das sextas-feiras, ela organiza recitais, e todos têm de declamar uma obra ou participar de um jogral. Ah, só de

pensar já é uma sensação maravilhosa! Josie Pye disse que odeia isso, mas é só porque ela tem uma imaginação muito limitada. Diana, Ruby Gillis e Jane Andrews estão preparando um jogral chamado *Uma visita matinal*²³ para a próxima sexta-feira. E nas outras tardes de sexta, a srta. Stacy leva todos para um dia no bosque, a fim de estudar samambaias, flores e pássaros. E eles fazem exercícios de educação física todas as manhãs e finais de tarde. A sra. Lynde diz que nunca ouviu falar de escapadelas assim, e que esse disparate só pode ser porque ela é uma professora mulher. Mas acho que deve ser esplêndido e creio que encontrarei na srta. Stacy uma alma irmã.

— Uma coisa é evidente, Anne — comentou Marilla. — A queda do telhado dos Barry não afetou a sua língua nem um pouco.

A SRTA. STACY E SEUS ALUNOS PREPARAM UMA RÉCITA

Já era outubro novamente quando Anne teve condições de voltar à escola — um outubro magnífico, vermelho e dourado, com manhãs amenas, nevoeiros leves cor de ametista, pérola, prata, rosa e azul-acinzentado preenchendo os vales, como se o espírito do outono os derramasse para que o sol os fizesse desvanecer. O orvalho era tão denso que os campos brilhavam como um véu prateado, e havia montes de folhas e gravetos ressecados preenchendo cada uma de suas reentrâncias, de forma que se podia caminhar sobre eles. O Caminho das Bétulas era um dossel de amarelo, e as samambaias ao longo dele estavam douradas e queimadas. O próprio ar tinha um aroma que inspirava os corações das mocinhas saltitantes que, diferentemente dos caracóis, iam ligeiras e dispostas em direção à escola. Era bom retornar à pequena carteira marrom ao lado de Diana, com Ruby Gillis acenando do corredor, Carrie Sloane enviando bilhetes e Julia Bell passando gomas de mascar por baixo do banco. Anne deu um longo e feliz suspiro ao apontar seu lápis e arrumar os cartões com imagens sobre a mesa. A vida era certamente muito interessante.

A professora se tornou uma nova amiga, verdadeira e solícita. A srta. Stacy era uma jovem brilhante e simpática,

com o benéfico dom de conquistar a afeição de seus alunos e fazer com que externassem seu melhor, mental e moralmente. Anne desabrochou como uma flor sob sua influência edificante e em casa, para a admiração de Matthew e a crítica de Marilla, dava relatos empolgados sobre as lições de casa e seus fins acadêmicos.

— Adoro a srta. Stacy de todo coração, Marilla. Ela é muito refinada e tem um tom de voz amável. Quando ela pronuncia meu nome, instintivamente sinto que está soletrando com “e”. Esta tarde, treinamos declamações. Queria que estivesse lá para me ouvir recitar *Mary, rainha dos escoceses*.²⁴ Eu me entreguei de corpo e alma. Ruby Gillis me disse que a forma como declamei o verso “Adeus ao coração de mulher!”, e gritei, “Agora, pela honra de meu pai!” fez gelar o sangue em suas veias.

— Ora, bem, você poderia recitar para mim lá no celeiro, um dia desses — sugeriu Matthew.

— Claro que sim — respondeu Anne, contemplativa —, mas estou certa de que não serei capaz de declamar tão bem. Não será tão empolgante como ter uma classe inteira diante de mim, prendendo a respiração a cada palavra. Sei que não poderei fazer o seu sangue gelar.

— A sra. Lynde disse que o sangue *dela* gelou na sexta-feira passada quando viu os meninos trepando até o topo das árvores na colina dos Bell, atrás de ninhos de corvos — relatou Marilla. — Me espanta a srta. Stacy encorajar uma coisa dessas!

— Mas queríamos um ninho de corvo para os nossos estudos sobre a natureza — explicou Anne. — Isso aconteceu em nossa tarde de estudo no campo. Essas tardes de estudo são sensacionais, Marilla. E a srta. Stacy explica tudo de uma forma tão bonita! Temos de fazer redações nessas ocasiões, e eu faço as melhores!

— É muito presunçoso de sua parte dizer isso. Deixe a professora julgar.

— Mas ela *disse*, Marilla. E a verdade é que não preciso ser presunçosa. Como posso ser, se sou tão burra em geometria? Muito embora também esteja começando a entender um pouco essa matéria. A srta. Stacy ensina tudo com muito mais clareza. Ainda assim, nunca serei boa nisso, e garanto que esse é um pensamento humilde. Mas adoro fazer as redações. A srta. Stacy deixa os temas livres, mas na semana que vem teremos de escrever sobre alguma pessoa importante. É difícil escolher alguém dentre tantas pessoas memoráveis. Não deve ser maravilhoso ser memorável e ter composições escritas sobre você depois de morto? Oh, eu adoraria ser famosa! Acho que, quando crescer, vou ser enfermeira e trabalhar na Cruz Vermelha em meio a um campo de batalha, como uma mensageira da misericórdia. Isto se eu não for uma missionária estrangeira. Seria muito romântico, mas para ser missionária, temos de ser muito bons, e isso seria uma pedra no caminho. Fazemos exercícios de educação física

todos os dias, também. Nos deixam mais elegantes e facilitam a digestão.

— Facilitam, uma ova! — contestou Marilla que, honestamente, achava toda essa coisa um grande absurdo.

Mas todas as tardes de campo, sextas-feiras de declamação e contorções de educação física esmaeceram diante do projeto que a srta. Stacy apresentou em novembro: os alunos da escola de Avonlea deveriam organizar uma récita e apresentá-la no saguão na noite de Natal, com o propósito louvável de angariar fundos para comprar uma bandeira para a escola. Todos os alunos aceitaram o plano com boa vontade, e os preparativos para o programa foram iniciados de imediato. Entre todos os entusiasmados intérpretes selecionados, nenhum ficou tão empolgado como Anne Shirley, que se lançou de corpo e alma na empreitada, mesmo com os entraves colocados pela desaprovação de Marilla, que achava tudo aquilo um grande desatino.

— Isso só enche a cabeça com disparates e toma um tempo que deveria ser aplicado nas lições — resmungou. — Não aprovo crianças fazendo récitas e correndo por aí para praticar exercícios. Faz com que fiquem vaidosas, atrevidas e acabem por pegar gosto pela vadiagem.

— Mas pense no objetivo louvável — defendeu Anne.
— A bandeira cultiva o espírito de patriotismo, Marilla.

— Asneira! Há muito pouco patriotismo na cabeça de cada um de vocês. Tudo o que querem é diversão.

— Bom, não é melhor quando se combina patriotismo e diversão? É claro que é bem gostoso preparar um recital. Teremos seis corais, e Diana dará um solo. Estarei em dois diálogos: *A sociedade para supressão da fofoca*²⁵ e *A Rainha das Fadas*.²⁶ Os meninos também farão um jogral. Farei duas declamações, Marilla. Tremo só de pensar, mas é um tipo de arrepio gostoso. Por último, faremos uma encenação: *Fé, esperança e caridade*.²⁷ Diana, Ruby e eu estaremos nele, vestidas em drapeados brancos e com os cabelos soltos. Eu serei a Esperança, com as mãos unidas, assim, e os olhos erguidos para o céu. Vou praticar as minhas declamações no sótão. Não fique alarmada se me ouvir gemendo. Terei de gemer de maneira angustiada em uma das cenas, e é muito difícil conseguir um gemido dilacerante bem artístico, Marilla. Josie Pye está emburrada porque não conseguiu o papel que queria, o de Rainha das Fadas. Isso teria sido ridículo, pois quem já ouviu falar de uma Rainha das Fadas tão gorda quanto Josie? As Rainhas das Fadas devem ser esbeltas. Jane Andrews será a Rainha, e eu serei uma de suas damas de honra. Josie acha que uma fada ruiva é tão ridícula quanto uma fada gorda, mas não me importo com o que ela diz. Terei uma guirlanda de rosas brancas no cabelo, e Ruby Gillis vai me emprestar suas sapatilhas, porque eu não tenho. É necessário que as fadas calcem sapatilhas, sabe? Não dá para imaginar uma fada com botas, dá? Ainda mais com bicos de cobre! Vamos decorar o salão com ramos de

pinheiro e de abeto e com rosas feitas de lenços de papel. Depois que o público estiver em seus assentos, marcharemos todos juntos, aos pares, enquanto Emma White toca uma marcha ao órgão. Oh, Marilla, sei que não está tão entusiasmada como eu, mas não espera que sua pequena Anne se destaque?

— Tudo o que espero é que você se comporte. Vou ficar muito satisfeita quando todo essa confusão terminar e você enfim se acalmar. Neste momento, você não consegue fazer nada porque está com a cabeça cheia de diálogos, de gemidos e de cenas teatrais. No que diz respeito à sua língua, é de se maravilhar que não esteja completamente desgastada a esta altura.

Anne suspirou e se retirou para o pátio dos fundos, no qual uma réstia de lua nova brilhava no céu cor de maçã-verde por entre os galhos desfolhados dos álamos ao oeste. Ali, Matthew estava rachando lenha. Anne se empoleirou em um cepo e falou sobre o recital com ele, com a certeza de contar com um ouvinte apreciativo e empático.

— Ora, bem, aposto que será uma boa récita. Espero que você se saia bem — disse ele, com a cabeça abaixada e sorrindo para aquele rostinho ansioso e vivaz. Anne sorriu de volta. Eram grandes amigos, e Matthew muitas vezes dava graças às estrelas por não ter nada a ver com a educação dela. Esse era um dever exclusivo de Marilla. Se fosse seu, ficaria preocupado com os conflitos frequentes

entre as inclinação dela e os ditos deveres. Por assim dizer, ele estava livre para “mimar Anne” — palavras típicas de Marilla — tanto quanto quisesse. E não era um mau acordo, afinal de contas. Um pouco de apreciação, por vezes, faz tão bem quanto toda a educação do mundo.

MATTHEW FAZ QUESTÃO DE MANGAS BUFANTES

Matthew já amargava uns bons dez minutos daquilo. Entrara na cozinha no final de uma tarde fria e cinzenta de dezembro e sentara-se sobre um baú no canto para tirar as botas pesadas, sem saber que Anne e uma turma de colegas de escola ensaiavam *A Rainha das Fadas* na sala de estar. Naquele momento, vieram todas juntas do corredor para a cozinha, rindo e conversando animadamente. Não viram Matthew, que se encolhera, acanhado, na escuridão atrás do baú, com uma bota na mão e a calçadeira na outra. Ele as observou acanhado durante aqueles dez minutos enquanto vestiam suas capas e casacos e conversavam sobre o jogral e a récita. Anne estava entre elas, com os olhos brilhantes. Matthew, no entanto, percebeu que havia algo diferente nela em relação às companheiras. Era uma diferença que o preocupava por ser algo deslocado e que não deveria existir. Anne tinha o rosto mais iluminado, olhos maiores e a fisionomia mais delicada que as outras. Até mesmo o tímido e distraído Matthew havia aprendido a notar essas coisas. Mas a diferença que o perturbava não consistia em nenhum desses aspectos. O que seria, então?

Matthew continuou assolado por essa dúvida um bom tempo depois que as outras meninas se foram, de braços

dados pela longa alameda congelada, e Anne se afundara em seus livros. Ele pressentia que não podia recorrer a Marilla, que com toda certeza, fungaria com desdém e diria que a única diferença visível entre Anne e as outras meninas era que elas às vezes ficavam caladas, enquanto Anne nunca fechava a matraca. Matthew sabia que isso não seria de grande ajuda.

Naquela noite, para desgosto de Marilla, ele recorreu ao cachimbo para ajudá-lo a estudar o assunto. Depois de fumar por duas horas e refletir profundamente, Matthew chegou a uma conclusão. Anne não se vestia como as outras meninas!

Quanto mais Matthew pensava sobre o tema, mais se convenciu — nunca, desde que chegara a Green Gables, Anne havia se vestido como as outras meninas. Marilla fazia com que ela usasse vestidos lisos e sóbrios, todos do mesmo molde. Apesar de saber que havia algo chamado “moda”, o conhecimento de Matthew sobre o assunto só chegava até aí. Mas estava certo de que as mangas de Anne não se pareciam em nada com as das outras meninas. Recordou o grupo que vira ao redor dela naquela ocasião — todas festivas, com corpetes vermelhos, azuis, rosas e brancos — e se perguntou por que Marilla sempre a trajava de forma tão simples e antiquada.

Claro que não devia ser um grande problema. Marilla sabia o que era melhor, e era quem a estava educando. Portanto, provavelmente havia algum motivo racional e

inescrutável. Mas certamente não faria mal deixar a criança ter pelo menos um vestido bonito — algo como o que Diana Barry sempre usava. Matthew decidiu que daria um a ela, o que sem dúvida seria contestado como uma intromissão descabida. Estavam a apenas duas semanas do Natal. Um vestido novo e bonito seria o presente certo. Matthew, com um suspiro de satisfação, largou o cachimbo e foi se deitar, enquanto Marilla abria todas as portas para arejar a casa.

Determinado a pôr um fim naquela aflição, Matthew foi a Carmody já na tarde seguinte comprar o vestido. Não seria nada fácil, tinha certeza disso. Havia algumas coisas que Matthew sabia como comprar e negociar, mas como se tratava de um vestido de menina, ficaria como cego em tiroteio e à mercê dos lojistas.

Depois de muito matutar, Matthew decidiu pelo armazém de Samuel Lawson em vez do de William Blair. Os Cuthbert sempre compravam com William Blair, mais por uma questão de consciência e lealdade para com eles, por frequentarem a igreja Presbiteriana e votarem nos conservadores. No entanto, as duas filhas de William Blair frequentemente atendiam os clientes, e Matthew tinha absoluto terror delas. Conseguia lidar com elas quando sabia exatamente o que queria, apontando para o produto. Mas em um assunto como esse, que exigia explicações e aconselhamento, Matthew preferia um homem atrás do

balcão. Então iria para o de Lawson, onde seria atendido por Samuel ou por seu filho.

Pobre dele! Matthew não sabia que Samuel, na recente expansão de seu negócio, também havia contratado uma vendedora. Era a sobrinha de sua esposa e, de fato, uma jovem deslumbrante, com um volumoso penteado estilo pompadour, olhos castanhos, grandes e agitados, e um sorriso largo e desconcertante. A moça vestia-se com extrema elegância e usava inúmeras pulseiras de argola que brilhavam e tilintavam a cada movimento das mãos. Matthew ficou desconcertado ao encontrá-la ali, e aqueles braceletes deixaram seus nervos à flor da pele.

— Em que posso ajudá-lo, sr. Cuthbert? — perguntou a srta. Lucilla Harris, solícita, tamborilando no balcão com os dedos de ambas as mãos.

— Tem algum... algum... ora, bem, quero dizer, ancinhos de jardim? — gaguejou.

A srta. Harris pareceu um tanto surpresa, como era de se esperar com um pedido de ancinhos em pleno inverno.

— Acho que temos um ou dois que sobraram — respondeu ela —, mas estão lá em cima no depósito. Vou ver.

Durante sua ausência, Matthew tentou juntar energias para uma nova tentativa.

Quando a srta. Harris retornou com o ancinho, perguntou, animada:

— Mais alguma coisa, sr. Cuthbert?

Matthew tomou coragem e respondeu:

— Ora, bem, já que está disposta, eu também poderia... quer dizer, olhar... comprar um... algum... um saco de sementes de feno.

A srta. Harris tinha ouvido falar que Matthew Cuthbert era um tanto esquisito. Com a interação, constatou que era louco de pedra.

— Só recebemos sementes de feno na primavera — explicou, ligeiramente arrogante. — Não sobrou nada.

— Ah, claro... claro... tem razão — balbuciou Matthew arrasado, pegando o ancinho e dirigindo-se para a saída. Na soleira, lembrou-se de que não pagara, e voltou todo desconcertado. Enquanto a srta. Harris contava o troco, ele reuniu as forças para uma última tentativa desesperada.

— Ora, bem, se não for muito incômodo, também poderia, ou seja, gostaria de comprar... um pouco de açúcar.

— Branco ou mascavo? — perguntou a srta. Harris com toda a paciência.

— Oh, ora, bem, mascavo — decidiu Matthew, balbuciando exaurido.

— Há um barril ali — indicou a srta. Harris, balançando suas pulseiras. — É só o que temos.

— Levarei dez quilos — respondeu Matthew, suando em bicas.

Matthew já estava a meio caminho de casa quando, por fim, conseguiu se recompor. Havia sido uma

experiência pavorosa, mas foi bem feito, pensou consigo, por ter cometido a heresia de ir a uma loja estranha. Quando chegou em casa, escondeu o ancinho no galpão de ferramentas, mas levou o açúcar para Marilla.

— Açúcar mascavo! — exclamou ela. — O que deu em você para comprar tanto? Você sabe que eu nunca uso mascavo, exceto no mingau dos empregados ou no bolo de frutas vermelhas. Jerry já se foi, e há tempos não faço o bolo. Além do mais, não é açúcar de qualidade, é grosso e escuro. William Blair não vende açúcar assim.

— Eu... eu pensei que poderia ser útil em algum momento — explicou Matthew, saindo de fininho.

Quando ele refletiu sobre o assunto, concluiu que estava de mãos atadas, e que precisaria de uma mulher para lidar com a situação. Marilla estava fora de cogitação. Matthew tinha certeza de que ela jogaria água fria em seu projeto. Sobrava apenas a sra. Lynde, pois não se atreveria a pedir conselhos a outra mulher em Avonlea. Apelou, então para a boa mulher, que prontamente tirou o assunto incômodo das mãos daquele homem perturbado.

— Escolher um vestido para Anne? Mas é claro! Vou para Carmody amanhã e cuidarei disso. Você pensou em algo específico? Não? Bem, pois então me guiarei pelo meu próprio gosto. Acredito que um lindo castanho, vivo e luminoso, cairia bem em Anne. William Blair tem uns mistos de seda com lã muito bonitos. Se preferir, também posso costurá-lo, pois se pedir a Marilla, provavelmente

Anne descobriria e estragaria a surpresa! Bem, deixe comigo. Não, não é incômodo nenhum. Adoro costurar. Vou fazer como se fosse para minha sobrinha, Jenny Gillis, porque ela e Anne são tal e qual, sem tirar nem pôr, no que se refere ao físico.

— Ora, bem, fico muito agradecido — disse Matthew — e... e... sei lá... mas eu gostaria... acho que se faz com mangas diferentes hoje em dia, diferentes do que costumavam ser. Se não é pedir demais, eu... gostaria que fossem feitas desse jeito novo.

— Bufantes? Naturalmente. Não precisa mais esquentar a cabeça com isso, Matthew. O modelo estará na última moda — garantiu a sra. Lynde. E acrescentou para si mesma, quando Matthew se foi:

“Será uma grande satisfação ver aquela pobre criança usando algo decente, para variar. A forma como Marilla a veste é realmente ridícula, é o que eu digo, e já até tive vontade de dizer isso a ela abertamente uma dúzia de vezes. No entanto, segurei a língua, pois sei bem que Marilla não aceita conselhos. Ela acha que sabe mais que eu sobre criar uma criança, mesmo sendo uma solteirona. Mas é assim mesmo. As pessoas que educam sabem que não há nenhum método rápido e rasteiro que sirva para todas as crianças. Entretanto, pensam que é simples e fácil como a regra de três. Mas a aritmética não se aplica a gente de carne e osso, e é aí que Marilla Cuthbert se equivoca. Suponho que, ao vesti-la daquele jeito, esteja

tentando cultivar o espírito da humildade em Anne, mas é mais provável que cultive na menina a inveja e a infelicidade. Tenho certeza de que a criança nota a diferença entre suas roupas e as das outras meninas. E pensar que foi Matthew quem se deu conta disso! Aquele homem finalmente está despertando, depois de ficar adormecido por mais de sessenta anos.”

Durante aquelas duas semanas, Marilla percebeu que algo ocupava a mente de Matthew, mas não conseguiu adivinhar o que era até a véspera de Natal, quando a sra. Lynde trouxe o vestido novo. De maneira geral, Marilla se comportou bem, embora fosse muito provável que tivesse desconfiado da explicação diplomática da sra. Lynde. Segundo a vizinha, ela mesma fizera o vestido porque Matthew tinha medo de que Anne descobrisse a surpresa se visse Marilla costurando.

— Então era por isso que Matthew estava tão misterioso, rindo de canto de boca durante as últimas duas semanas, não era? — disse com firmeza, mas simpática. — Eu sabia que ele estava aprontando alguma. Bem, devo dizer que não acho que Anne precise de mais vestidos. No outono, fiz três vestidos bons para ela, quentes e práticos, e mais que isso é pura extravagância. Só nessas mangas há material suficiente para fazer um corpete, sem dúvida. E você, Matthew, você está inflando a vaidade de Anne. Ela já está vaidosa feito um pavão. Bem, espero que fique finalmente satisfeita, pois sei que estava ansiando por

essas mangas bufantes desde que entraram na moda, embora nunca mais tenha dito uma só palavra a respeito. As mangas bufantes têm ficado cada vez mais volumosas e ridículas. Agora estão grandes feito balões. No ano que vem, as meninas terão de passar de lado pelas portas.

A manhã do Natal despontou com um lindo mundo branco. Fora um dezembro muito ameno, e todos esperavam por um Natal sem neve. No entanto, uma nevasca suave caíra durante a noite, o suficiente para transfigurar Avonlea. Anne espiou pela janela enregelada do frontão e maravilhou-se. Os abetos no Bosque Encantado estavam todos plumosos e deslumbrantes. As bétulas e as cerejeiras silvestres estavam contornadas com perolados. Os campos arados eram extensões pontilhadas de neve. E havia um glorioso aroma de frescor no ar. Anne correu escada abaixo, cantando até sua voz ecoar por toda Green Gables.

— Feliz Natal, Marilla! Feliz Natal, Matthew! Não é um lindo Natal? Estou contente que seja um Natal com neve. Qualquer outro tipo de Natal não parece real, não é mesmo? Não gosto de Natais verdes. Não são verdes de verdade, são apenas pardos e acinzentados, enlameados e desbotados. O que faz com que as pessoas os chamem de verdes? Ora... ora, Matthew, isto é para mim? Oh, Matthew!

Matthew havia docemente retirado e desdobrado o vestido do embrulho amarrado com barbante — tudo sob o

olhar desaprovador de Marilla, que desdenhosamente fingia encher o bule, mas observava a cena pelo canto dos olhos, bastante interessada.

Anne pegou o vestido e olhou para ele com um reverente silêncio. Ah, que bonito era — um tecido muito macio, de um castanho suave, com o lustro da seda. A saia tinha graciosas franjas e plissados elegantes. O corpinho, na última moda, era elaborado com nervuras e babados, e um rendilhado fino no decote. Mas as mangas! As mangas eram o ápice da glória! Os punhos se alongavam até quase o cotovelo e, acima deles, eram bufantes duplos, divididos em gomos franzidos e laços de fita de seda marrom.

— É o seu presente de Natal, Anne — anunciou Matthew timidamente. — Ora, ora, Anne, não gostou? Ora, bem... Ora, bem...

Pois os olhos de Anne haviam subitamente se enchido de lágrimas.

— Se eu gostei? Oh, Matthew! — Anne colocou o vestido sobre uma cadeira e juntou as mãos. — Matthew, ele é excepcionalmente requintado. Oh, nunca poderei lhe agradecer o bastante. Veja estas mangas! Oh, parece que estou em um sonho.

— Bem, bem, vamos tomar o café da manhã — interrompeu Marilla. — Devo dizer que não acho que você precisasse desse vestido. Mas já que Matthew o comprou, trate de cuidar muito bem dele. A sra. Lynde também

deixou uma fita de cabelo para você. É marrom e combina com o vestido. Venha, agora sente-se.

— Acho que não consigo tomar o café da manhã — declarou Anne, eufórica. — Café da manhã parece tão trivial em um momento emocionante destes. Eu preferia alimentar meus olhos com este vestido. Estou tão contente que as mangas bufantes ainda estejam na moda. Acho que eu nunca superaria se elas saíssem de moda antes de eu ter um vestido assim. Sabe, jamais me sentiria realizada. Foi gentil de parte da sra. Lynde me dar também a fita. Sei que, de fato, eu deveria ser mais boazinha. Por vezes, em momentos como este, lamento não ser uma menina exemplar. Mas sempre fico determinada a ser, no futuro. É que, de alguma forma, é difícil levar a cabo as resoluções quando surgem tentações irresistíveis. Ainda assim, depois disso, vou fazer um esforço extra.

Quando o trivial café da manhã acabou, Diana cruzou o vale pela ponte de troncos, embranquecida pela neve. Era uma pequena e alegre figura em seu casaco escarlate. Anne voou baixo pelo talude para se encontrar com ela.

— Feliz Natal, Diana! Ah, que Natal maravilhoso. Quero lhe mostrar algo fantástico. Matthew me deu o vestido mais deslumbrante do mundo, com umas *mangas* que você nem imagina! Não conseguiria imaginar nada mais bonito.

— Também tenho algo para você — disse Diana, quase sem fôlego. — Aqui, nesta caixa. A tia Josephine nos

mandou um grande baú com muitas coisas dentro, e isto é para você. Eu teria trazido ontem, mas só entregaram depois que escureceu, e tenho evitado atravessar o Bosque Encantado à noite, sabe?

Anne abriu a caixa e espiou. Em cima, um cartão com a mensagem: “Para a menina Anne, um feliz Natal”. Embaixo, um par de graciosíssimas sapatilhas, com pontas arredondadas, laços de cetim e uma fivela brilhante.

— Oh! — exclamou Anne — Diana, que incrível. Devo estar sonhando.

— Chamo de providencial. Agora, você não terá mais de pedir emprestadas as sapatilhas de Ruby, o que é uma bênção, pois ela calça dois números a mais que você, e seria horrível ouvir uma fada arrastando os pés pelo tablado. Josie Pye adoraria ver você passar essa vergonha! Veja você, anteontem à tarde, Rob Wright acompanhou Gertie Pye até a casa dela depois do ensaio. Já viu algo igual? O que acha disso?

Naquele dia, todos os estudantes de Avonlea estavam nervosos e empolgados, pois o auditório seria decorado e aconteceria o último ensaio geral.

A récita aconteceu à noite e foi um evidente sucesso. O pequeno auditório estava lotado. Todos os intérpretes tiveram um excelente desempenho, mas Anne foi quem mais brilhou, como até mesmo Josie Pye, a própria encarnação da inveja, não se atreveu a negar.

— Nossa, não foi mesmo uma noite brilhante? — suspirou Anne quando tudo havia terminado, enquanto ela e Diana caminhavam juntas de volta para casa sob um céu escuro e estrelado.

— Tudo correu muito bem — confirmou a pragmática Diana. — Acho que conseguimos arrecadar um bom dinheiro. Sabia que o sr. Allan vai enviar uma nota sobre a apresentação para os jornais de Charlottetown?!

— Ah, Diana, vamos mesmo ver nossos nomes impressos? Fico eletrizada só de pensar nisso. Seu solo foi perfeitamente elegante, Diana. Eu me senti mais orgulhosa do que você mesma quando o público pediu bis. Disse cá com meus botões: “É minha querida amiga do peito quem está recebendo essa honra”.

— Bom, suas declamações quase fizeram a casa vir abaixo, Anne. Aquela peça meditativa e sombria foi simplesmente esplêndida.

— Ai, eu estava tão nervosa, Diana. Quando o sr. Allan anunciou meu nome, nem sei como consegui subir no palco. Eu me senti como se um milhão de olhos me observassem até a alma e, por um trágico momento, tive a certeza de que não conseguiria abrir a boca. Então pensei nas minhas lindas mangas bufantes e tomei coragem. Eu precisava fazer jus àquelas mangas, Diana. Então fui em frente, e minha voz parecia vir de alguma dimensão muito distante. Senti como se eu fosse um papagaio. Foi bem providencial ter ensaiado tantas vezes lá no sótão, ou eu

nunca teria sido capaz de soltar a voz. Meu gemido foi convincente?

— Sim, foi admirável — garantiu Diana.

— Ao me sentar, vi a velha sra. Sloane enxugar as lágrimas. Foi esplêndido saber que toquei o coração de alguém. É tão romântico participar de um recital, não é? Oh, foi uma ocasião verdadeiramente memorável.

— O jogral dos meninos não estava bom? Gilbert Blythe foi simplesmente esplêndido. Anne, acho que é muita ruindade a maneira como você trata Gil. Espere, espere um instante até eu contar: quando você deixou o palco após o jogral das fadas, uma rosa caiu do seu cabelo. Eu vi Gil pegá-la e guardá-la no bolso do colete. Viu só? Você, romântica como é, certamente deveria estar contente com isso.

— Não significa nada para mim, não estou nem aí para o que aquela pessoa faz — retorquiu Anne, soberba. — Eu não desperdiço meu tempo pensando nele, Diana.

Naquela noite, depois que Anne foi se deitar, Marilla e Matthew — que pela primeira vez em vinte anos haviam saído para assistir a uma récita — sentaram-se por um tempinho perto do fogo na cozinha.

— Ora, bem, acho que nossa Anne se saiu tão bem quanto qualquer outra — comentou Matthew, orgulhoso.

— Sim, de fato — admitiu Marilla. — Ela é uma criança brilhante, Matthew. E estava muito bonita também. Tenho sido meio contra esses eventos, mas suponho que, no

fundo, não há nenhum mal neles. De qualquer forma, esta noite estou orgulhosa de Anne, embora eu não vá dizer isso a ela.

— Ora, bem, eu estou orgulhoso dela, e disse isso antes que ela subisse. Um dia desses, temos de ver o que mais poderemos fazer por ela, Marilla. Acho que logo precisará de algo melhor do que a escola de Avonlea.

— Ainda temos bastante tempo antes disso. Em março ela completa apenas treze anos, muito embora esta noite eu tenha me surpreendido com como ela cresceu. A sra. Lynde deixou o vestido um pouquinho mais comprido, o que fez Anne parecer mais alta! Ela aprende rápido, e acho que o melhor que podemos fazer por ela é mandá-la à Academia da Rainha daqui a um tempo. Mas nada precisa de ser dito sobre isso, por um ano ou dois.

— Ora, bem, não há mal em pensar sobre isso de vez em quando. Coisas desse tipo ficam melhores quando pensadas com tempo e calma.

A CRIAÇÃO DO CLUBE DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

As crianças de Avonlea tiveram dificuldade em retornar a uma existência rotineira e monótona. Para Anne, em particular, tudo parecia imensamente chato, obsoleto e improdutivo depois das empolgantes últimas semanas. Conseguiria voltar aos antigos prazeres tranquilos daqueles distantes dias de antes do recital? No início, como disse a Diana, realmente parecia impossível.

— Tenho certeza, Diana, de que a vida nunca mais será a mesma de antigamente — lamentou, como se relembresse de um tempo de pelo menos cinquenta anos atrás. — Talvez eu me habitue depois de algum tempo, mas receio que as récitas estraguem a rotina das pessoas. Presumo que seja por isso que Marilla as desaprova. Marilla é uma mulher muito sensata. Deve ser muito melhor ter bom senso. Mas, mesmo assim, acho que prefiro não ser uma pessoa sensata, porque são tão pouco românticas! A sra. Lynde diz que não existe nenhum risco de um dia eu me tornar sensata, mas nunca se sabe. Neste momento, ainda acho que isso poderá vir a acontecer. Mas talvez seja só porque estou cansada. Ontem à noite, durante um bom tempo, simplesmente não conseguia pregar o olho. Fiquei ali deitada, acordada, relembrando do

recital várias e várias vezes. E o mais gostoso dessas coisas: é tão bom revivê-las!

Enfim, com o tempo, a escola de Avonlea voltou à velha rotina e retomou seu ritmo e encanto anteriores. Obviamente, o recital deixou marcas. Ruby Gillis e Emma White, que haviam brigado pela primazia sobre o palco, não se sentaram mais na mesma carteira por um bom tempo, e a promissora amizade de três anos foi por água abaixo. Josie Pye e Julia Bell não se falaram por três meses, pois Josie dissera a Bessie Wright que Julia Bell parecia uma galinha sem cabeça quando saudou o público antes de se levantar para recitar — o que Bessie contou a Julia. Os Sloane cortaram relações com os Bell porque os Bell disseram que os Sloane foram mais privilegiados no programa, então os Sloane perderam a linha e rebateram que os Bell não tinham competência para fazer nem o pouco que lhes coubera. Por último, Charlie Sloane ficara mordido com Moody Spurgeon MacPherson porque Moody dissera que Anne ficara se exibindo, convencida com suas declamações. Então Moody levou uma surra.

Consequentemente, a irmã de Moody, Ella May, deu um gelo em Anne pelo resto do inverno. Com exceção desses atritos frívolos, os trabalhos no pequeno reino da srta. Stacy continuaram avançando com regularidade.

As semanas do inverno passaram voando. Foi um inverno atipicamente brando, com tão pouca neve que Anne e Diana puderam ir para a escola pelo Caminho das

Bétulas quase todos os dias. No dia do aniversário de Anne, elas desciam ligeiras por ali, mantendo os olhos e os ouvidos alertas em meio à tagarelice, pois a srta. Stacy dissera que, em breve, deveriam redigir uma composição sobre “uma caminhada de inverno pelo bosque”, e que deveriam ser observadoras.

— Veja, Diana, hoje faço treze anos — comentou Anne, encantada. — Mal me dou conta de que entrei na adolescência. Quando acordei hoje, pareceu-me que as coisas estavam diferentes. Faz um mês que você completou treze, então suponho que não pareça tamanha novidade para você como é para mim. Faz a vida parecer muito mais interessante. Em mais dois anos, serei totalmente adulta. É um grande alívio pensar que vou poder usar palavras difíceis sem passar vergonha.

— Ruby Gillis diz que pretende ter um namorado assim que fizer quinze anos.

— Ruby Gillis não pensa em nada além de namorar — comentou Anne, fazendo pouco caso. — Na verdade, adora quando alguém escreve seu nome em um “Preste atenção”, mesmo que finja ficar louca da vida. Mas acho que estou sendo maldosa. A sra. Allan diz que nunca devemos falar dos outros com maldade, mas muitas vezes falamos sem pensar e sai sem querer, não é mesmo? Simplesmente não consigo falar sobre Josie Pye sem falar mal dela, então eu nunca a menciono. Você deve ter notado isso. Tento ao máximo ser como a sra. Allan, pois a acho perfeita. O sr.

Allan também acha. A sra. Lynde diz que ele venera o chão em que ela pisa, e não acha correto um reverendo gostar tanto de um ser mortal. Mas ora, Diana, até mesmo os reverendos são humanos assolados por seus pecados, como qualquer um. No domingo passado, à tarde, tive uma conversa muito interessante com a sra. Allan sobre os pecados que nos assolam. Há apenas algumas coisas sobre as quais é apropriado falar aos domingos, e esta é uma delas. O pecado que me assola é me perder em pensamentos e me esquecer dos deveres. Faço um esforço enorme para superar isso e, agora que tenho treze anos, talvez melhore.

— Daqui a quatro anos, poderemos prender o cabelo no alto. Alice Bell tem só dezesseis, e já usa o dela preso, mas acho ridículo. Vou esperar até os dezessete.

— Se eu tivesse o nariz torto como Alice Bell — criticou Anne, sem pensar —, eu não usaria... mas olha só! Não vou nem terminar a frase, pois era extremamente maldosa. Além do mais, estava comparando o nariz dela ao meu, e isso é vaidade. Creio que penso demais sobre o meu nariz, desde que ouvi elogios, já faz tempo. É um grande conforto para mim, na verdade. Oh, Diana, olhe ali, um coelho! Aí está algo para colocarmos em nossa redação sobre bosques. Realmente acho que os bosques são tão bonitos no inverno quanto no verão. São tão brancos e serenos, como se estivessem adormecidos em sonhos lindos.

— Não terei dificuldade para escrever essa composição, quando chegar a hora — suspirou Diana. — Posso escrever sobre bosques sem grande esforço, mas a que temos de entregar na segunda-feira será terrível. Que ideia da srta. Stacy de nos mandar escrever uma história inventada por nós mesmos!

— Ora, é moleza! — retrucou Anne.

— É moleza pra você, que tem tanta criatividade — replicou Diana —, mas o que você faria se tivesse nascido sem? Presumo que já tenha feito a sua?!

Anne assentiu, tentando sem sucesso parecer virtuosa e indulgente.

— Fiz a redação na segunda-feira passada, à noite. O título é *A rival ciumenta* ou *Inseparáveis até na morte*. Eu a li para Marilla, e ela disse que era uma coisa absurda. Então eu a li para Matthew, e ele disse que estava boa. Esse é o tipo de crítica que eu gosto. É uma história triste e cativante. Eu chorava feito criança enquanto redigia. É sobre duas lindas donzelas, Cordelia Montmorency e Geraldine Seymour, que viviam na mesma aldeia e estavam devotamente unidas uma à outra. Cordelia era uma morena majestosa, com cabelos preto-azulados e olhos negros cintilantes. Geraldine era uma loira magnífica, com os fios dourados e ternos olhos violeta.

— Nunca vi ninguém com olhos violeta — comentou Diana, cética.

— Nem eu. Eu os imaginei. Queria algo fora do comum. Geraldine tinha uma testa de alabastro. Descobri o que é uma testa de alabastro. Essa é uma das vantagens de se ter treze anos: sabemos muito mais do que quando tínhamos só doze.

— Bem, o que aconteceu com Cordelia e Geraldine? — perguntou Diana, que começava a se interessar por seus destinos.

— Cresceram juntas, cada vez mais belas, até completarem dezesseis anos. Então Bertram DeVere regressou à sua aldeia natal e se apaixonou pela cândida Geraldine. Ele salvou a vida dela quando o cavalo da carruagem em que ela estava disparou, e ela desmaiou nos braços dele. Ele a carregou para casa por quase cinco quilômetros porque, sabe, a carruagem ficou esmigalhada. Achei bastante difícil imaginar o pedido de casamento porque não tenho experiência nenhuma no assunto. Perguntei a Ruby Gillis se ela sabia alguma coisa sobre como os homens propunham casamento pois, como ela tem tantas irmãs casadas, possivelmente seria uma autoridade no assunto. Ruby me contou que estava escondida na despensa do saguão quando Malcolm Andres pediu a sua irmã Susan em casamento. Ela disse que Malcolm contou a Susan que o pai dele havia posto a fazenda em seu nome: “O que me diz, minha querida, de nos enlaçarmos no outono que vem?” E Susan respondeu: “Sim... não... não sei, preciso pensar...” E lá estavam eles

noivos, rápido assim. Mas não achei essa proposta muito romântica, por isso tive de imaginá-la melhor. Ficou bem floreado e poético. Coloquei Bertram de joelhos, embora Ruby Gillis tenha dito que não é mais assim que fazem hoje em dia. Geraldine aceitou com um discurso de uma página inteira. Confesso que penei para redigir esse discurso. Eu o reescrevi cinco vezes, e agora o considero uma obra-prima. Bertram deu a ela um anel de diamante e um colar de rubi, e falou que iriam para a Europa na lua de mel porque ele era incrivelmente rico. Mas então, infelizmente, as trevas começaram a obscurecer seu caminho. Cordelia, secretamente apaixonada por Bertram, ficou simplesmente furiosa quando Geraldine lhe contou sobre o noivado, sobretudo quando viu o colar de rubi e o anel de diamante. Toda sua afeição por Geraldine se transformou em um ódio amargo, e Cordelia jurou que nunca se casariam. Fingiu continuar sendo a mesma grande amiga de sempre. Uma noite, elas estavam na ponte sobre um córrego impetuoso e turbulento, e Cordelia, julgando estarem sozinhas, empurrou Geraldine sobre a borda com um “Rá, rá, rá!” animalesco e zombeteiro. Mas Bertram viu tudo e mergulhou imediatamente na correnteza, exclamando: “Salvarei você, minha inigualável Geraldine!”. Mas, por azar, se esquecera de que não sabia nadar, e ambos se afogaram nos braços um do outro. Seus corpos foram encontrados na margem e enterrados em um único túmulo, em um funeral majestoso, Diana. É muito mais

romântico quando uma história termina com um enterro do que com um casamento. Quanto a Cordelia, enlouqueceu de remorsos e foi trancada em um manicômio. Achei que fosse um castigo poético pelo seu crime.

— Que lindo! — suspirou Diana, que pertencia à mesma escola crítica de Matthew. — Não sei como você consegue criar coisas tão emocionantes assim, Anne. Queria ter uma imaginação como a sua.

— Teria, se você a cultivasse — aconselhou Anne, positiva. — Tive uma ideia, Diana. Vamos fundar um clube de contadores de histórias só nosso e escrever histórias para praticar. Vou ajudá-la até que seja capaz de escrever sozinha. Você precisa cultivar sua imaginação, sabe? A srta. Stacy concorda. Só que temos que fazer do jeito certo. Contei a ela sobre o Bosque Encantado, e ela disse que, nesse caso, seguimos na direção errada.

Foi assim que o Clube de Contadores de Histórias surgiu. No início, era limitado a Diana e Anne, mas logo foi ampliado para incluir Jane Andrews, Ruby Gillis e mais uma ou duas que sentiam a necessidade de cultivar a imaginação. Nenhum menino foi admitido, mesmo que Ruby Gillis tivesse sugerido que tornariam o clube mais empolgante. Cada membro devia entregar um conto por semana.

— É extremamente interessante — contou Anne a Marilla. — Cada menina tem de ler a sua história em voz

alta e em seguida a debatemos. Vamos guardá-las a sete chaves para que nossos descendentes possam lê-las um dia. Cada uma de nós tem um pseudônimo. O meu é Rosamond Montmorency. Todas as meninas estão se saindo muito bem. Ruby Gillis é muito sentimental. Ela coloca romance demais em suas histórias, e você sabe que exagero é pior do que comedimento. Jane nunca põe nada de romance porque diz que se sente muito boboca quando os lê em voz alta. Suas histórias são extremamente moderadas. Diana coloca assassinatos demais nas suas. Ela diz que, na maioria das vezes, empaca porque não sabe o que fazer com as personagens, portanto as mata para se livrar delas. Tenho sempre de lhes dizer sobre o que escrever, mas isso não é difícil para mim, pois tenho milhões de ideias.

— Acho que esse negócio de escrever histórias é a sua maior baboseira até agora — sentenciou Marilla em tom de deboche. — Vão acumular um monte de disparates na cabeça e perderão tempo que deveria ser investido nas lições. Ler histórias já é ruim, mas escrevê-las é ainda pior.

— Mas tomamos o maior cuidado para que todas tenham uma moral, Marilla — justificou Anne. — Faço questão disso. Todos os bons são recompensados, e todos os maus são devidamente punidos. Faço com que tenham um efeito edificante. A moral é uma coisa grandiosa. O sr. Allan sempre diz isso. Li um de meus contos para ele e para a sra. Allan, e ambos concordaram que a moral era

excelente. Mas eles deram risada nas horas erradas, e gosto mais quando as pessoas choram. Jane e Ruby quase sempre choram quando chego às partes dramáticas. Diana escreveu à tia Josephine contando sobre nosso clube, e ela respondeu dizendo para enviarmos a ela algumas das nossas histórias. Então fizemos uma cópia de quatro de nossos melhores contos. A srta. Josephine Barry escreveu de volta, dizendo que nunca lera nada tão divertido na vida. Isso nos intrigou um pouco, porque os contos eram todos muito comoventes e quase todos os personagens morriam. Mas estou feliz pela srta. Barry ter gostado deles. Mostra que nosso clube está fazendo algum bem para o mundo. A sra. Allan diz que este deve ser nosso objetivo em tudo. De fato, tento fazer com que seja meu objetivo, mas me esqueço dele sempre que estou me divertindo. Espero que eu seja um pouco como a sra. Allan, quando eu crescer. Acha que existe alguma possibilidade, Marilla?

— Devo dizer que não muita — foi a resposta encorajadora. — Tenho certeza de que a sra. Allan nunca foi uma menina tão boba e distraída como você.

— Não, mas também nem sempre foi tão boa como agora — disse Anne seriamente. — Ela mesma me contou isso. Quer dizer, ela disse que era uma tremenda moleca quando criança, e que sempre se metia em confusão. Fiquei encorajada quando escutei isso. É muito perverso de minha parte, Marilla, sentir-me encorajada quando escuto que outras pessoas foram más e se comportavam mal? A

sra. Lynde disse que sim. A sra. Lynde diz que fica sempre chocada quando descobre que qualquer pessoa tenha sido malcriada, não importa em qual a idade. Ela diz que uma vez ouviu um reverendo confessar que, quando menino, roubou uma torta de morango da despensa de sua tia, então a sra. Lynde nunca mais teve nenhum respeito por ele. Ora, eu não me sentiria assim. Acho que foi realmente nobre da parte dele confessar isso. Considero encorajador para os meninos de hoje em dia, que aprontam e depois se arrependem, saber que podem vir a ser até reverendos quando crescerem, apesar de tudo. É assim que me sinto, Marilla.

— A forma como *eu* me sinto neste momento, Anne, é que já é tempo de lavar esses pratos. Você levou meia hora a mais do que deveria, com todo esse falatório. Aprenda a trabalhar primeiro e falar depois.

VAIDADE E DESEJO VÃO ²⁸

Ao caminhar para casa em uma tarde de abril, vinda de uma reunião na Sociedade Assistencial, Marilla percebeu que o inverno acabara, e então foi tomada pela sensação sublime de que a primavera nunca deixa de retornar, tanto para os mais velhos e tristes, como para os mais jovens e alegres. Marilla não era dada a analisar seus pensamentos e sentimentos subjetivamente. Na superfície, pensava apenas na Sociedade Assistencial, nos recursos para os missionários e no novo tapete da sacristia. Mas sob essas reflexões, inconscientemente percebia a harmonia dos campos vermelhos esfumados com névoas púrpuras e pálidas contra o sol poente, as sombras alongadas e pontiagudas dos abetos que se projetavam sobre o prado para além do riacho, a quietude dos bordos-sacarinós com brotos carmesins espelhados pelas águas plácidas da lagoa rodeada pelo bosque, o despertar do mundo e o rebuliço oculto sob a relva acinzentada. A primavera estava disseminada na paisagem, e o passo contido e maduro de Marilla ficava mais leve e ligeiro em razão de seu profundo contentamento intuitivo.

Seus olhos peregrinavam por Green Gables com ternura, esquadrinhando a trama de árvores e refletindo o fulgor da luz solar que incidia nas vidraças das janelas em

inumeráveis faíscas de glória. Marilla, ao dar seus passos pelo caminho enlameado, considerou que era realmente uma satisfação chegar em casa, para o fogo vivo da lenha estalando e para uma mesa muito bem posta para o chá, em vez do frio conforto das antigas tardes de reunião na Sociedade Assistencial, anteriores à chegada de Anne.

Então, quando Marilla entrou na cozinha e encontrou o fogo apagado e nenhum sinal de Anne, ficou decepcionada e irritada, com toda razão. Dissera a Anne que preparasse o chá às cinco, mas agora tinha de se apressar para tirar o seu segundo melhor vestido e preparar ela mesma a refeição para quando Matthew voltasse da lavoura.

— Vou dar um jeito na srta. Anne quando ela chegar — disse Marilla, azeda, enquanto rebarbava gravetos com a faca de entalhar, com mais vigor que o necessário.

Matthew havia chegado e esperava pacientemente pelo chá em seu cantinho.

— Deve estar por aí com Diana, escrevendo histórias, praticando diálogos ou alguma dessas patéticas, e não pensa sequer uma vez no horário ou nos deveres. Ela terá de ser disciplinada de uma vez por todas! Não interessa se a sra. Allan diz que ela é a criança mais meiga e brilhante que já conheceu. Ela pode ser mesmo meiga e brilhante, mas sua cabeça está cheia de disparates e nunca se sabe o que virá em seguida. Assim que ela supera uma esquisitice, surge outra. Mas vá! Aqui estou eu, repetindo exatamente

a mesma ladainha que Rachel Lynde disse hoje na Sociedade Assistencial, e com a qual fiquei tão aborrecida. Fiquei realmente contente quando a sra. Allan intercedeu a favor de Anne porque, se não o tivesse feito, bem sei que eu teria dito algo muito brusco a Rachel diante de todos. Deus sabe que Anne tem muitos defeitos, e longe de mim negar isso. Mas quem a está educando sou eu, e não Rachel Lynde. Ela acharia defeitos até no próprio anjo Gabriel, se ele morasse em Avonlea. Mesmo assim, Anne não tinha nada que sair desse jeito, pois disse a ela que ficasse em casa hoje e cuidasse de tudo. Devo dizer que, entre todos os defeitos dela, nunca achei que fosse desobediente ou indigna de confiança, lamento muito ter descoberto que é.

— Ora, bem... sei lá — respondeu Matthew paciente, sábio e, acima de tudo, faminto. Ele achou melhor deixar Marilla soltar seus cachorros, pois aprendera com a experiência que ela conseguia realizar qualquer tarefa muito mais rápido se não fosse refreada por argumentações inoportunas. — Talvez a esteja julgando depressa demais, Marilla. Não ponha o carro na frente dos bois, chamando-a de indigna de confiança, até ter certeza de que desobedeceu. Quem sabe exista uma explicação, e lembre-se de que Anne é boa à beça em dar explicações.

— Ela não está aqui, e eu disse para ela ficar em casa. Duvido que conseguirá *se explicar* de maneira satisfatória. Já imaginava que você ficaria do lado dela, Matthew. Mas sou eu quem a está criando, e não você.

Já estava escuro quando o jantar ficou pronto, e nada de Anne surgir voando sobre a ponte de troncos ou subindo a Alameda dos Enamorados, esbaforida e arrependida pelo dever não cumprido. De mau humor, Marilla lavou e guardou a louça. Então, como precisava de uma vela para iluminar o caminho até o porão, foi até ao quarto do frontão leste para pegar aquela que geralmente ficava na mesa de Anne. Quando a acendeu, olhou ao redor e viu Anne em pessoa, deitada bruços entre os travesseiros.

— Santa misericórdia! — exclamou Marilla, espantada
— Estava dormindo, Anne?

— Não — foi a resposta abafada.

— Você está doente, então? — interrogou Marilla, aflita, indo até a cama.

Anne afundou-se ainda mais nos travesseiros, como se desejasse desaparecer para sempre de olhares mortais.

— Não. Mas por favor, Marilla, vá embora e não olhe para mim. Estou em profundo desespero e não me importo mais se alguém passar à minha frente na escola, escrever a melhor composição ou cantar no coro da Escola Dominical. Coisas pequenas como essas não têm importância alguma agora, porque acho que não poderei mais ir a lugar nenhum. Minha vida está acabada. Por favor, Marilla, vá embora e não olhe para mim.

— Do que você está falando? — quis saber Marilla, perplexa. — Anne Shirley, qual é o problema? O que é que

— você fez? Levante-se já, neste minuto, e me conte. Neste minuto, eu disse! Agora vamos, do que se trata?

Anne pôs-se de pé na hora, desanimada, mas obediente.

— Dê uma olhada no meu cabelo, Marilla — murmurou.

Marilla levantou a vela e olhou atentamente o cabelo de Anne, que caía pesadamente pelas costas. Certamente tinha uma aparência muito estranha.

— Anne Shirley, o que você fez com o seu cabelo? Ora, está *verde*!

Poderia até ser chamado de verde, se houvesse alguma cor como aquela neste mundo — um verde-bronze esquisito, escuro e sem brilho, com listras cá e lá do vermelho original, aumentando o efeito medonho. Nunca em sua vida Marilla vira algo tão grotesco como o cabelo de Anne naquele momento.

— Sim, está verde — gemeu Anne. — Achei que nada poderia ser tão ruim como cabelo vermelho. Mas agora sei que é dez vezes pior ter cabelo verde. Oh, Marilla, não tem ideia de como me sinto amaldiçoada.

— Não tenho ideia de como você ficou nesse estado, mas vou descobrir. Vamos para a cozinha, e me conte o que você aprontou. Está muito frio aqui. Já esperava uma esquisitice há algum tempo. Já fazia dois meses que você não aprontava, mas eu sabia que não demoraria. Pois então, o que fez com o cabelo?

— Tingi.

— Tingiu o cabelo! Anne Shirley, que ideia! Não sabia que é errado?

— Sim, sabia que era um pouco errado — admitiu Anne. — Mas achava que valeria a pena fazer uma coisa errada para me livrar do cabelo ruivo. Considerei tudo, Marilla. Além disso, pretendia ser boazinha em dobro, para compensar.

— Bem — disse Marilla, sarcástica —, se eu decidisse tingir meu cabelo, pelo menos tingiria de uma cor decente, e não de verde.

— Mas não tive a mínima intenção de tingi-lo de verde, Marilla — protestou Anne, abatida. — Eu errei, mas tinha uma boa intenção. Ele disse que o meu cabelo ficaria com um lindo tom preto-azulado. Ele garantiu. Como podia duvidar de sua palavra, Marilla? Eu sei o que é ter sua palavra posta em dúvida. E a sra. Allan diz que nunca devemos suspeitar de alguém, a menos que tenhamos provas em contrário. Agora eu tenho: cabelo verde é prova suficiente. Mas naquela hora eu não tinha, portanto acreditei cegamente em cada palavra que ele disse.

— Quem disse o quê? De quem está falando?

— Do vendedor ambulante que passou por aqui esta tarde. Comprei a tintura dele.

— Anne Shirley, quantas vezes eu lhe disse para nunca deixar esses italianos entrarem em casa? Por mim, eles sequer deveriam circular por estas bandas.

— Ah, eu não o deixei entrar em casa. Lembrei do que você me disse, então eu saí, fechei cuidadosamente a porta e olhei seus produtos nos degraus da entrada. Além disso, era um judeu alemão, e não um italiano. Tinha uma grande caixa cheia de coisas muito interessantes e me disse que estava dando duro para juntar dinheiro e trazer a esposa e os filhos da Alemanha. Falou com tanto carinho sobre eles que tocou meu coração. Queria comprar alguma coisa dele para ajudá-lo em seu intuito tão louvável. Então vi o frasco de tintura para cabelo. O ambulante disse que era boa para tingir qualquer cabelo em um bonito preto retinto que não sairia na lavagem. Em um piscar de olhos, me imaginei com o lindo cabelo preto-azulado, e a tentação foi irresistível. Mas o frasco custava setenta e cinco centavos, e eu tinha apenas cinquenta do dinheirinho das despesas. Acho que o ambulante tinha um coração de ouro, pois disse que simpatizou comigo e que me venderia pelos cinquenta centavos, mesmo sem lucrar nada. Por fim comprei, e logo que ele se foi, entrei e apliquei a tintura com uma escova de cabelo velha, seguindo as instruções. Usei o frasco inteiro e, oh, Marilla, quando vi a cor terrível que meu cabelo ficou, me arrependi por ser má, pode ter certeza. E continuo arrependida.

— Bom, espero que seu arrependimento sirva de alguma coisa — disse Marilla severamente — e que tenha aprendido onde sua vaidade a levou, Anne. Só Deus sabe o

que fazer agora. Suponho que a primeira coisa seja lavar bem o cabelo e ver se isso dá algum resultado.

Assim, Anne lavou seu cabelo, esfregando-o vigorosamente com água e sabão, mas de nada adiantou. Sem dúvida, o ambulante a avisara que a tintura não sairia com a lavagem, no entanto sua credibilidade poderia ser questionada em outros aspectos.

— Oh, Marilla, o que é que eu vou fazer? — questionou Anne, aos prantos. — Jamais me deixarão em paz. As pessoas já se esqueceram de meus outros erros: o bolo com unguento, deixar Diana bêbada e perder as estribelas com a sra. Lynde, mas nunca se esquecerão *disto!* Vão pensar que não sou respeitável. Oh, Marilla, “que trama emaranhada tecemos, ao adentrarmos a arte da enganação”.²⁹ Isso é poesia, mas é a mais pura verdade. Ai, como Josie Pye vai dar risada! Marilla, não posso encarar Josie Pye. Sou a menina mais infeliz da Ilha Príncipe Edward.

A infelicidade de Anne durou ainda uma semana. Durante esse tempo, não foi a lugar nenhum e lavava seus cabelos todos os dias. Das pessoas fora da família, apenas Diana sabia de seu segredo terrível, mas prometeu solenemente nunca revelar a ninguém — e podemos sacramentar, aqui e agora, que ela manteve sua palavra. No final da semana, Marilla deliberou:

— Não adianta, Anne. Se existe um corante indelével, é este. Vamos cortar seu cabelo, não tem outro jeito. Você

não pode dar as caras lá fora assim, com esta aparência.

Os lábios de Anne tremeram, mas ela reconheceu que Marilla tinha razão em sua amarga afirmação. Com um suspiro de desânimo, foi buscar a tesoura.

— Por favor, corte de uma vez, Marilla, e acabe com isso. Oh, sinto um aperto no peito, uma aflição nada romântica. As meninas dos livros perdem seus cabelos com as febres ou os vendem para conseguir dinheiro para alguma finalidade nobre, e tenho certeza de que não me importaria de perder os meus por algo assim. Mas não há nada reconfortante em ter os cabelos cortados porque você os tingiu de uma cor horrorosa, não é? Vou chorar durante o corte, caso não interfira na sua tarefa. Ah, é tão trágico!

Pois Anne chorou, mas apenas depois. Quando subiu e olhou-se no espelho, estava tomada por uma desespero resignado. Marilla fez um trabalho meticuloso, e foi necessário aparar o cabelo tão curto e rente quanto possível. O resultado não foi nada elegante, para dizer o mínimo. Anne rapidamente virou o espelho contra a parede.

— Nunca mais vou olhar para mim mesma até meu cabelo crescer! — exclamou amargurada. Então, logo em seguida, reverteu o espelho. — Pensando bem, vou, sim. Farei penitência por ter sido má dessa maneira. Vou me olhar todas as vezes que vier para o quarto e constatar como estou feia. Sequer tentarei imaginar que o espelho sumiu. Entre todos os meus defeitos, nunca pensei que

fosse tão vaidosa em relação ao meu cabelo, mas agora sei que eu era porque, apesar de ser vermelho, era comprido, espesso e ondulado. Da próxima vez, acho que algo vai acontecer com o meu nariz.

O corte de Anne fez sensação na escola na segunda-feira seguinte. Mas, para seu alívio, ninguém adivinhou a verdadeira razão, nem mesmo Josie Pye que, no entanto, não deixou de informar a Anne que ela estava igualzinha a um espantalho.

— Não respondi nada quando Josie me disse isso — Anne confidenciou naquela noite a Marilla, que estava deitada no sofá com uma de suas dores de cabeça —, porque pensei que fazia parte da minha punição e que deveria suportar resignada. É difícil quando nos dizem que parecemos um espantalho, e tive vontade de revidar. Mas me contive. Apenas lancei um olhar de desprezo e em seguida a perdoei. Perdoar as pessoas nos faz sentir muito virtuosos, não é? Depois disso, pretendo dedicar todas as minhas energias a ser boa e nunca mais tentarei ser bonita novamente. É claro que é melhor ser boa. Eu sei que é, mas às vezes é muito difícil acreditar em uma coisa, mesmo quando temos consciência dela. Realmente quero ser boa, Marilla, com você, a sra. Allan e a srta. Stacy, para que um dia tenham orgulho de mim. Diana disse para eu amarrar uma faixa preta de veludo em torno da cabeça, com um laço em um dos lados, quando meu cabelo voltar a crescer. Ela acha que ficará apresentável. Vou chamá-lo de tiara,

que soa mais romântico! Estou falando demais, Marilla?
Faz aumentar a sua dor de cabeça?

— Minha cabeça está melhor agora. No entanto, à tarde, a dor estava terrível. Essas minhas dores de cabeça vão de mal a pior. Vou ter de consultar um médico. No que diz respeito ao falatório, não sei se me importo... a essa altura, já me acostumei.

Essa era a maneira de Marilla declarar que gostava de ouvi-la.

UMA DONZELA DO LÍRIO INFAUSTA

Obviamente você deveria interpretar Elaine,³⁰ Anne — disse Diana. — Eu nunca teria coragem de navegar levada pela correnteza.

— Nem eu — disse Ruby Gillis, com um arrepio. — Não me importo de navegar em duas ou três de nós em um bote e podemos nos sentar. Aí é divertido. Mas me deitar e fingir de morta, não consigo. Morreria de medo!

— Claro que seria romântico — reconheceu Jane Andrews —, mas sei que não conseguiria ficar parada. Me levantaria toda hora para ver onde eu estou e se a deriva não me levou para muito longe. E você sabe, Anne, que isso estragaria o efeito.

— Mas é tão ridículo ter uma Elaine ruiva — lamentou Anne. — Não tenho medo de flutuar por aí e adoraria ser Elaine. Mas é ridículo do mesmo jeito. Ruby deveria ser Elaine porque é bem branquinha e tem maravilhosos cabelos longos e dourados. Elaine tinha “cabelos brilhantes soltos caindo pelas costas”, vocês sabem. Ela era a Donzela do Lírio. Ora, não dá para uma ruiva ser a Donzela do Lírio!

— O seu tom de pele é tão alvo como o de Ruby — interveio Diana, diligente — e o seu cabelo está bem mais escuro, depois que o cortou.

— Ah, acha mesmo? — exclamou Anne, ruborizada de satisfação. — Por vezes, eu também acho, mas nunca me atrevi a perguntar a ninguém por medo de que me dissessem que não. Será que agora dá pra dizer que é castanho-avermelhado, Diana?

— Sim, e acho que está realmente bonito — confirmou Diana, admirando os cachos curtos e sedosos que se aninhavam na cabeça de Anne, mantidos no lugar por uma fita de veludo preta com um laço.

Elas estavam em pé na margem da lagoa, na baixada de Orchard Slope, onde despontava um pequeno promontório ladeado de bétulas. Na extremidade havia um pequeno píer de madeira que avançava sobre a água e era utilizado pelos pescadores e caçadores de pato. Ruby e Jane estavam ali passando a tarde de meio de verão com Diana, e Anne as acompanhara para brincarem juntas.

Naquele verão, Anne e Diana haviam passado a maior parte de seu tempo livre rondando pela lagoa. A Estância da Mata era coisa do passado, pois, na primavera, o sr. Bell cortara sem dó o pequeno círculo de árvores do pasto de trás. Anne se sentou entre os tocos e chorou, sem, entretanto, deixar de perceber o romantismo da situação. Mas logo foi consolada, pois, afinal de contas, como ela e Diana mesmas disseram, meninas grandes de treze anos, quase catorze, já não tinham idade para diversões infantis como casinhas de faz de conta. Havia esportes mais fascinantes a serem descobertos na lagoa. Era ótimo pescar

trutas sobre a ponte, e as duas meninas aprenderam a remar a pequena canoa que o sr. Barry usava para atirar nos patos.

Foi Anne quem teve a ideia de encenarem *Elaine*.

Estudaram o poema de Tennyson³¹ na escola no inverno anterior, após o superintendente de educação prescrever a obra para os cursos de inglês das escolas da Ilha Príncipe Edward. Havia analisado e decomposto a obra em pedacinhos, por assim dizer, até praticamente extinguirem todo o seu significado. Com isso, pelo menos a alva Donzela dos Lírios, Lancelot, Guinevere e o rei Arthur se tornaram pessoas muito mais reais para as meninas, e Anne foi tomada por um pesar secreto de não ter nascido em Camelot. Aqueles tempos, declarou, eram muito mais românticos do que hoje em dia.

O plano de Anne foi aclamado com entusiasmo. As meninas descobriram que, se o bote fosse empurrado do píer, a correnteza o levaria sob a ponte e finalmente o fincaria em outro promontório mais abaixo, que ficava saliente em uma curva da lagoa. Elas haviam feito esse percurso várias vezes, e nada poderia ser mais conveniente para interpretar Elaine.

— Está bem, eu serei Elaine — concordou Anne, relutante, pois embora estivesse encantada por interpretar a personagem principal, seu senso artístico exigia certa adequação, e achava que suas limitações tornavam isso impossível.

— Ruby, você tem de ser o rei Arthur, Jane será Guinevere e Diana tem de ser Lancelot. Mas primeiro você deverá ser os irmãos e o pai dela. Não podemos ter o velho criado estúpido porque não há espaço para dois no bote quando alguém está deitado no fundo. Temos de forrar o fundo a barcaça em todo o seu comprimento com cetim bem preto. Aquele xale velho preto da sua mãe cairia como uma luva, Diana.

Com o xale em mãos, Anne esticou-o sobre o fundo chato e então deitou-se com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito.

— Oh, ela parece mesmo morta! — sussurrou Ruby Gillis, nervosa, fitando o rosto delicado, pálido e estático sob as sombras tremulantes das bétulas. — Fiquei assustada, meninas. Acham realmente correto atuar assim? A sra. Lynde diz que qualquer representação teatral é errada e abominável.

— Ruby, nem mencione a sra. Lynde — reclamou Anne, severa —, uma estraga-prazeres que acaba com o efeito dramático. A história se passa centenas de anos antes dela nascer. Jane, dê um jeito nisso. Errado é Elaine ficar falando, se está morta.

Jane mostrou-se à altura do projeto. Não havia pano de ouro para a mortalha, mas a velha capa do piano, feita de crepe japonês amarelo, foi uma excelente opção. A época dos lírios branco já passara, mas o efeito de uma

longa íris azul em uma das mãos de Anne era mais que suficiente.

— Bem, ela está pronta — anunciou Jane. — Devemos beijar sua fronte tranquila, e Diana, você fala: “Irmã, adeus para sempre”, e Ruby, você fala: “Adeus, doce irmã”, ambas o mais sentidas que conseguirem. Anne, pelo amor de Deus, sorria um pouquinho. Você sabe que Elaine “jazia sorrindo”. Assim está melhor. Agora, empurrem o bote para a água!

O bote foi devidamente empurrado, raspando seu fundo sobre uma velha estaca enterrada. Diana, Jane e Ruby esperaram apenas o tempo de vê-lo ser levado pela corrente em direção à ponte antes de desembestarem pelo bosque, cruzarem a estrada e descerem até o promontório mais abaixo, onde, assim como Lancelot, Guinevere e o rei Arthur, estariam de prontidão para receber a Donzela do Lírio.

Por alguns minutos, Anne, deslizando correnteza abaixo, aproveitou ao máximo o romantismo da ocasião. Então aconteceu algo nada romântico: o bote começou a fazer água. Em poucos instantes, Elaine teve de dar um jeito de se desenroscar dos panos e ficar em pé. Recolheu a mortalha dourada, o pretíssimo manto de cetim e olhou pasma para o fundo, de onde uma fonte jorrava por uma grande fenda. Aquela estaca pontuda fincada na margem havia despedaçado uma das tábuas do bote. Anne não sabia disso, mas não demorou muito para perceber que

estava em apuros. Naquele ritmo, o bote se encheria de água e afundaria muito antes de desviar para o segundo promontório. Onde estavam os remos? Tinha ficado no embarcadouro!

Anne deu um gritinho arfante que ninguém chegou a escutar. Estava branca feito neve, mas não perdeu o controle. Havia uma chance — uma única chance.

— Fiquei terrivelmente assustada — contou à sra. Allan no dia seguinte. — Pareceu que se passaram séculos, enquanto o bote flutuava em direção à ponte e o nível da água subia a cada instante. Rezei, sra. Allan, com a maior devoção, mas não fechei os olhos para orar, pois sabia que a única maneira de Deus me salvar era permitir que o bote flutuasse até perto de uma das estacas da ponte para que eu pudesse subir por ela. A senhora sabe que as estacas são apenas troncos velhos de árvores e que têm um monte de nós e tocos de galhos cortados. Rezar era apropriado, mas eu tinha de fazer a minha parte, prestando atenção e tomando todo o cuidado, sabia bem disso. Só disse, vezes sem conta: “Deus meu, por favor aproxime o bote de uma estaca, e eu farei o resto”. Nessas circunstâncias, a oração não sai muito floreada. Mas minhas preces foram atendidas, pois logo o bote topou em uma estaca, e eu joguei o lenço e o xale sobre o ombro e me agarrei naquele grande toco providencial. E lá estava eu, sra. Allan, agarrada à velha estaca escorregadia, sem ter como subir ou descer. Era uma posição pouco romântica, mas nem

pensei nisso naquele momento. Não dá para pensar muito sobre romantismo quando acabamos de escapar de um túmulo inundado. Fiz logo uma oração de agradecimento e, então, foquei toda a força em me segurar, pois sabia que provavelmente dependeria da ajuda humana para pôr os pés em terra firme.

O bote deslizou sob a ponte e logo afundou no meio da lagoa. Ruby, Jane e Diana, que já a esperavam no promontório de baixo, viram o bote desaparecer diante de seus olhos e não tiveram dúvidas de que Anne afundara junto. Por um momento, todas ficaram congeladas, brancas, paralisadas pelo horror da tragédia. Então, berrando o quanto podiam, lançaram-se em uma frenética corrida pelo bosque, cruzando a entrada principal sem sequer olharem para a ponte. Anne, agarrando-se desesperadamente ao ponto de apoio precário, viu de relance suas silhuetas e ouviu os gritos. A ajuda chegaria em breve; entretanto, sua posição era muito desconfortável.

Minutos se passaram, cada um parecendo uma hora para a infausta Donzela do Lírio. Por que ninguém vinha? Onde estariam as meninas? E se tivessem desmaiado, todas elas! E se ninguém jamais viesse! E se ela ficasse tão cansada e dolorida que não aguentasse mais segurar? Anne olhou para as perversas profundezas verdes abaixo, acenando com sombras compridas e lúbricas, e tremeu.

Sua imaginação vislumbrava apenas possibilidades horripilantes.

Então, quando sentiu que realmente não podia mais suportar a dor nos braços, Gilbert Blythe surgiu remando sob a ponte com a canoa de Harmon Andrews!

Gilbert olhou para cima e, muito para seu espanto, avistou um rostinho pálido olhando em sua direção com grandes olhos cinzas, assustados, mas repletos de desprezo.

— Anne Shirley! Como raios você foi parar aí? — exclamou.

Sem esperar por uma resposta, ele se aproximou da estaca e estendeu a mão. Não teve remédio: Anne, enlameada e furiosa, agarrou-se à mão de Gilbert Blythe e embarcou na canoa, sentando-se na popa, com o tecido de crepe e o xale encharcados nos braços. Era extremamente difícil ter alguma dignidade nessas circunstâncias!

— O que aconteceu, Anne? — perguntou Gilbert, pegando os remos.

— Estávamos brincando de Elaine — explicou Anne frigidamente, sem sequer olhar para seu salvador. — Eu deveria navegar até Camelot na barcaça, digo, no bote. O bote começou a vazar, aí eu o abandonei e me agarrei na estaca da ponte. As meninas foram buscar ajuda. Você faria a gentileza de remar até a margem para eu desembarcar?

Gilbert, prestativo, remou até a margem, e Anne, esquivando-se da ajuda, saltou de maneira muito ágil.

— Muito obrigada — disse ela com arrogância, dando as costas. Mas Gilbert também pulara da canoa e segurou seu braço.

— Anne — disse apressadamente —, olhe pra mim. Não podermos ser bons amigos? Lamento muitíssimo ter zombado do seu cabelo daquela vez. Não quis deixar você envergonhada, foi só uma brincadeira. Além do mais, já faz tanto tempo! Acho que o seu cabelo está muito bonito agora, de verdade. Vamos ser amigos!

Por um momento, Anne hesitou. Sob a superfície da dignidade ultrajada havia uma sensação estranha, recém-desperta, de que a expressão ao mesmo tempo tímida e ansiosa nos olhos de Gilbert era algo agradável de se ver. Seu coração deu um salto acelerado e estranho. Mas o amargor do antigo ressentimento mantinha sua determinação inabalável. Ela teve um vislumbre da cena de dois anos antes, tão vívida como se tivesse acontecido no dia anterior. Gilbert a chamara de “cenoura”, humilhando-a diante da classe inteira. Seu rancor, que para as pessoas mais velhas poderia ser tão risível quanto a sua causa, não fora nem um pouquinho suavizado pelo tempo. Odiava Gilbert Blythe! Jamais o perdoaria!

— Não — respondeu ela com frieza —, nunca seremos amigos, Gilbert Blythe. Não quero ser sua amiga!

— Tudo bem! — e, zangado depois desse balde de água fria, saltou na canoa. — Não vou mais insistir, Anne Shirley. Eu também não ligo!

Afastou-se com remadas ligeiras e bruscas, e Anne seguiu pela trilha de samambaias sob os bordos-sacarinos. Seguia com a cabeça erguida, mas sentia um estranho pesar. Quase desejava ter respondido a Gilbert de outro jeito. Mas seu insulto a havia ferido profundamente! Após tudo passar, Anne pensou que se sentiria mais aliviada se sentasse para chorar suas mágoas. Obviamente, estava muito nervosa, devido ao medo e ao esforço de ter ficado pendurada na estaca.

Na metade do caminho, deu com Jane e Diana correndo freneticamente de volta para a lagoa. Elas não haviam encontrado ninguém em Orchard Slope, pois o sr. e a sra. Barry haviam saído. Foi quando Ruby Gillis, já entregue à histeria, foi deixada para que se recuperasse sozinha, enquanto Jane e Diana cruzaram o Bosque Encantado à toda e atravessaram o riacho de Green Gables. Lá também não encontraram ninguém, pois Marilla fora para Carmody e Matthew colhia feno no campo atrás da propriedade.

— Oh, Anne — ofegou Diana, praticamente pendurando-se em seu pescoço. Chorava de alívio e alegria —, oh, Anne, nós pensamos... que você havia se afogado... e que nós éramos assassinas porque tínhamos feito você... você ser... Elaine. Ruby está histérica. Oh, Anne, como você escapou?

— Me agarrei a uma estaca da ponte — explicou Anne, exausta. — Gilbert Blythe veio até mim com a canoa do sr. Andrews, e me levou para terra firme.

— Ah, Anne, que bondade da parte dele! Ora, isso é muito romântico! — suspirou Jane, buscando fôlego para finalmente se manifestar. — Claro que você voltará a falar com ele, depois disso.

— Claro que não! — disparou Anne, de volta ao seu antigo estado de espírito. — E vamos riscar do mapa a palavra “romântico”, Jane Andrews. Lamento imensamente ter assustado vocês, meninas. A culpa foi toda minha, só faço bobagem. Tenho certeza de que nasci sob uma estrela da má sorte. Sou azarada, tudo o que eu faço me mete em enrascadas; ou às minhas amigas. Acabamos com o bote do seu pai, Diana, e tenho a ligeira impressão de que não nos deixarão mais remar na lagoa.

A ligeira impressão de Anne se provou fidedigna. As famílias Barry e Cuthbert ficaram consternadas após tomarem conhecimento dos eventos daquela tarde.

— Será que alguma hora você vai criar juízo, Anne? — esbravejou Marilla.

— Ah, sim, eu acho que vou, Marilla — confirmou Anne com otimismo. Uma choradeira generosa na bem-vinda solidão do quarto do frontão leste havia acalmado seus nervos e restaurado sua costumeira animação. — Acho que a perspectiva de eu tomar juízo agora é mais plausível do que nunca.

— Não vejo como — retrucou Marilla.

— Pois hoje aprendi uma lição valiosa — explicou. — Desde que cheguei a Green Gables, tenho cometido erros, e cada erro ajudou a curar algum grande defeito meu. O caso do broche de ametistas me curou de xeretar em coisas que não me pertencem. O Bosque Encantado me curou de deixar minha imaginação me levar. O equívoco do bolo com unguento me curou do descuido ao cozinhar. Tingir o cabelo me curou da vaidade. Nunca mais pensei em meu cabelo ou meu nariz. Bem, pelo menos, penso muito menos neles. E o erro de hoje vai me curar de ser romântica demais. Cheguei à conclusão de que não adianta nada tentar ser romântica em Avonlea. Seria mais adequado nas torres de Camelot há centenas de anos, porém o romantismo não é apreciado hoje em dia. Tenho certeza de que em breve notará uma grande melhora em mim a esse respeito, Marilla.

— Espero muito que sim — replicou Marilla com ceticismo.

Mas Matthew, sentado e calado em seu canto, pôs a mão no ombro de Anne quando Marilla se retirou.

— Não desista completamente do romantismo, Anne — sussurrou timidamente. — Um pouco faz bem. Não muito, é claro, mas guarde um pouquinho dele, Anne, guarde um pouquinho.

UM MARCO NA VIDA DE ANNE

Anne tocava as vacas de volta do pasto atrás da propriedade pela Alameda dos Enamorados. Era uma noite de setembro, e todos os roçados e clareiras no bosque brilhavam à luz do sol cor de rubi. Cá e lá, a luminosidade salpicava a alameda, mas a maior parte continuava sombria sob os bordos-sacarinós, e os espaços sob os abetos tinham um tom de violeta-claro como sangria de vinho. Os ventos sopravam nos cumos, e não existe música mais doce na Terra do que o vento atravessando bordos no fim de tarde.

As vacas seguiam placidamente alameda abaixo, e Anne, sonhadora, as seguia, repetindo em voz alta o Canto da *Batalha de Marmion* — que também fizera parte do curso de inglês e que a srta. Stacy os fizera decorar —, exultando em seu imaginário com os versos ligeiros e o clangor das espadas. Quando chegou aos versos:

*Os teimosos espadachins, ainda assim,
prosseguiam
No bosque escuro e impenetrável*

ela estacou e fechou os olhos para fantasiar melhor aquele chamado heroico. Quando os abriu novamente, viu Diana atravessando o portão que conduzia aos campos dos Barry, com uma postura tão interessante que Anne

instantaneamente adivinhou que havia boas novas. Mas tão ávida curiosidade não seria de pronto saciada.

— Este fim de tarde não é como um sonho púrpura, Diana? Fico muito feliz por estar viva. Quando é cedo, sempre acho que as manhãs são melhores, mas quando a noite vai chegando, acho que é ainda mais cativante.

— É um entardecer muito agradável — observou Diana —, mas, ah, tenho uma novidade para contar, Anne. Adivinhe. Você tem três chances.

— No final das contas, Charlotte Gillis vai se casar na igreja e a sra. Allan quer que a decorremos! — gritou Anne.

— Errado. O noivo de Charlotte não concordará com isso porque ninguém ainda se casou na igreja e então se pareceria demais com um funeral. Ele é um chato de galocha. É uma pena, pois seria muito divertido. Outra chance.

— A mãe de Jane vai deixar que ela dê uma festa de aniversário?

Diana negou balançando a cabeça, festejando com seus olhos negros.

— Não consigo imaginar o que possa ser — disse Anne, desanimada —, a menos que seja que aquele Moody Spurgeon MacPherson acompanhou você até em casa depois da reunião de oração da noite passada. Foi isso?

— De jeito nenhum! — exclamou Diana, indignada. — Eu não me orgulharia disso mesmo se tivesse acontecido. Aquela criatura horrenda! Sabia que não conseguiria

adivinhar. Minha mãe recebeu hoje uma carta da tia Josephine pedindo para levar nós duas à cidade na próxima terça-feira. Vamos ficar na casa dela para irmos à Feira Rural. É isso!

— Ah, Diana — sussurrou Anne, achando necessário se apoiar contra um bordo-sacarino —, é mesmo? Mas receio que Marilla não deixará. Ela dirá que não gosta dessas frivolidades. Foi o que ela disse na semana passada, quando Jane me convidou para ir com eles na carruagem assistir ao recital dos americanos no hotel de White Sands. Eu queria ir, mas Marilla disse que seria melhor eu ficar em casa e estudar as lições, e Jane também. Foi um banho de água fria, Diana. Fiquei tão aborrecida que nem rezei antes de dormir. Mas acabei me arrependendo e me levantei no meio da noite para fazer as orações.

— Sabe o que vou fazer? Pedir uma mãozinha à mamãe. Marilla ficará mais propensa a deixar você ir se ela pedir. E se ela permitir, vamos nos divertir muito, Anne. Nunca estive na Feira, e é tão irritante ouvir as outras meninas falando sobre suas viagens! Jane e Ruby já foram duas vezes e irão novamente este ano.

— Eu me recuso a pensar nisso até saber se irei ou não. Se eu ficar pensando e depois me desiludir, não vou aguentar. Mas caso eu vá, fico feliz que meu casaco novo estará pronto. Marilla achava que eu não precisava de um casaco novo. Disse que o meu ainda aguentaria bem mais um inverno e que eu deveria estar satisfeita com o vestido

novo. O vestido é muito bonito, Diana, azul-marinho e bem na moda. Marilla agora faz os meus vestidos seguindo a moda, porque disse que não quer mais que Matthew peça à sra. Lynde para fazê-los. Fico contente. É muito mais fácil ser boa com roupas na moda. Para mim, pelo menos. Presumo que não faça tanta diferença para pessoas boas por natureza. Mas Matthew disse que eu deveria ganhar um casaco novo, então Marilla comprou um lindo corte de casimira azul, e ele está sendo feito por uma grande estilista de Carmody. Ficaré pronto no sábado à noite, e fico me contendo para não me imaginar caminhando pelo corredor da igreja no domingo com a roupa e o gorro novinhos, porque talvez não seja certo imaginar essas coisas. Mas acabam passando pela minha cabeça, apesar da minha força de vontade. O meu gorro é muito bonito. Matthew o comprou para mim no dia em que fomos a Carmody. É um daqueles pequenos, que estão no auge da moda, de veludo azul com fio dourado e franjas. Seu chapéu novo é elegante, Diana, e muito vistoso. Quando vi você entrar na igreja no domingo passado, meu coração inchou de orgulho ao pensar que você é minha amiga mais querida. Acha errado pensarmos tanto sobre roupas? Marilla diz que é pecado. Mas é um assunto tão interessante, não é?

Marilla permitiu que Anne fosse para a cidade, e ficou combinado que o sr. Barry levaria as meninas na terça-feira seguinte. Como Charlottetown ficava a trinta quilômetros

de distância e o sr. Barry queria ir e voltar no mesmo dia, era preciso sair bem cedinho. Para Anne, era pura alegria, e na manhã da terça-feira já estava de pé antes do sol nascer. Uma olhada pela janela confirmou que o dia seria lindo, pois, ao leste, o céu detrás dos abetos do Bosque Encantado estava prateado e limpo. Por entre os vãos das árvores uma luz cintilava no frontão oeste de Orchard Slope, sinal de que Diana também já estava acordada.

Anne já estava vestida quando Matthew acendeu o fogo, e ela preparou o café da manhã antes de Marilla descer, mas, de sua parte, estava ansiosa demais para comer. Depois do café, com o gorro e o casaco novos, Anne, atravessou correndo o riacho e subiu pela colina de abetos até Orchard Slope. O sr. Barry e Diana esperavam por ela, e logo pegaram a estrada.

Foi uma longa viagem, mas Anne e Diana se divertiram todo o tempo. Foi delicioso chacoalhar ao longo das estradas úmidas, à luz avermelhada do sol da manhã que batia nos campos de cultivo nus. O ar era fresco e límpido, e leves névoas azul-acinzentadas se aninhavam nos vales e flutuavam pelas colinas. Às vezes, a estrada atravessava bosques onde os bordos começavam a mostrar pendões escarlates. Outras vezes, cruzava rios sobre pontes que faziam o corpo de Anne tremer com um gostoso receio familiar. Depois, serpenteava ao longo de uma costa portuária e passava por um pequeno núcleo de cabanas de pescadores cinza-azuladas. Uma vez mais,

subia pelas colinas, de onde se via ao longe a amplitude de uma planície acidentada ou de um céu azul esmaecido. Mas aonde quer que fossem, havia muita coisa interessante para se discutir. Era quase meio-dia quando chegaram à cidade a caminho de Beechwood. Era uma mansão muito antiga e refinada, afastada da estrada e protegida por olmos verdejantes e faias esparsas. A srta. Barry os recebeu na porta com um brilho cintilante nos aguçados olhos negros.

— Finalmente veio me visitar, menina Anne — disse ela. — Misericórdia, criança, como você cresceu! Está mais alta do que eu! E está muito mais bonita do que costumava ser. Mas tenho certeza de que nem preciso dizer isso.

— Na verdade, não — respondeu Anne, radiante. — Sei que não estou tão sardenta como antes, razão pela qual tenho muito a agradecer, mas não ousava pensar que estivesse mais bonita. Estou muito contente por saber que você acha isso, srta. Barry.

A casa da srta. Barry era decorada com “sublime magnificência”, como Anne contaria mais tarde a Marilla. As duas meninas do campo ficaram perplexas com o esplendor da sala onde a srta. Barry as deixou quando foi ver como estava o jantar.

— Não parece um palácio? — sussurrou Diana. — Nunca tinha vindo na casa da tia Josephine, e não fazia ideia de que era tão imponente. Queria que Julia Bell visse isso. Ela sempre se gaba da sala de estar da mãe dela.

— Tapete de veludo — suspirou Anne, maravilhada — e cortinas de seda! Sonhei com essas coisas, Diana. Mas não me sinto muito confortável entre elas! Há tantas coisas nesta sala, tudo tão esplêndido que não há margem para a imaginação. Esse é um consolo, quando somos pobres, pois temos de imaginar muitas coisas.

Aquela estadia na cidade foi algo de que Anne e Diana se lembrariam por anos a fio. Do começo ao fim, foi repleta de delícias.

Na quarta-feira, a srta. Barry as levou ao local das exposições e elas ficaram lá durante o dia todo.

— Foi maravilhoso — Anne contou depois a Marilla. — Nunca imaginei nada tão interessante! Não sei qual setor era mais curioso. Acho que gostei mais dos cavalos, das flores e dos trabalhos manuais com bordados. Josie Pye ganhou o primeiro prêmio com seus cordões de renda tricotados. Fiquei realmente contente por ela e por sua felicidade. Isso mostra que estou melhorando, já que fico feliz com o êxito de Josie, não acha, Marilla? O sr. Harmon Andrews recebeu o segundo prêmio com suas maçãs Gravenstein, e o sr. Bell ficou em primeiro com seu porco. Diana comentou que achava ridículo o superintendente da Escola Dominical receber um prêmio por criação de porcos, mas não vejo por quê. O que acha disso? Ela disse que isso nunca mais sairia de sua cabeça quando o visse orando solenemente. Clara Louise MacPherson recebeu um prêmio de pintura, e a sra. Lynde recebeu o primeiro

prêmio de manteiga e queijo caseiros. Portanto, Avonlea foi bem representada, não foi? A sra. Lynde estava lá naquele dia, e eu nunca soube o quanto realmente gostava dela até ver seu rosto familiar entre todos aqueles estranhos. Havia milhares de pessoas lá, Marilla. Isso me fez sentir terrivelmente insignificante. A srta. Barry nos levou à tribuna para assistir às corridas de cavalos. A sra. Lynde não foi. Ela disse que corridas de cavalos são abomináveis e que, como membro da Igreja, pensava ser seu dever moral dar o bom exemplo e ficar longe delas. Mas havia tantas pessoas por lá, que não acredito que a ausência da sra. Lynde tenha sido notada. No entanto, não me parece que seja bom ir às corridas de cavalos justamente porque são realmente fascinantes. Diana ficou tão empolgada que quis apostar dez centavos comigo que o alazão avermelhado ganharia. Não achava que iria, mas me recusei a apostar porque pretendia contar à sra. Allan tintim por tintim a respeito de tudo, e tinha certeza de que não seria bom contar sobre isso. É sempre errado fazer algo que não se possa contar à esposa do reverendo. Ter a esposa de um reverendo como amiga é como ter uma consciência extra. Então fiquei realmente contente por não ter apostado, porque o alazão de fato ganhou, e eu teria perdido dez centavos. Portanto, veja que a virtude é sua própria recompensa. Vimos um homem voar em um balão. Adoraria estar a bordo de um balão, Marilla, seria simplesmente emocionante! E vimos um homem lendo a

sorte com um realejo. Por dez centavos, um pequeno pássaro tirava um bilhete da sorte. A srta. Barry nos deu dez centavos a cada uma. O meu papel dizia que eu me casaria com um homem de compleição escura e muito rico, e que eu atravessaria a água para viver. Olhei cuidadosamente para todos os homens morenos que vi depois disso, mas não achei nenhum deles interessante e, de qualquer forma, suponho que ainda seja cedo demais para pensar nisso. Oh, foi um dia inesquecível, Marilla. Eu estava tão cansada que não consegui dormir à noite. A srta. Barry nos colocou no quarto de hóspedes, cumprindo sua promessa. Era um quarto elegante, Marilla, mas de alguma forma dormir em um quarto de hóspedes não foi como eu imaginava. Começo a perceber o pior lado de se crescer: as coisas que queríamos tanto quando criança já não parecem mais tão maravilhosas quando as conseguimos.

Na quinta-feira, a srta. Barry levou as meninas para um passeio de charrete no parque e à noite a um concerto na Academia de Música, onde uma famosa diva se apresentaria. Para Anne, a noite foi encantadora.

— Oh, Marilla, não dá para descrever. Fiquei tão empolgada que nem conseguia falar, portanto pode fazer ideia de como foi. Fiquei sentada em arrebatamento silencioso. Madame Selitsky estava perfeitamente linda, em cetim branco e diamantes. Mas quando começou a cantar, não pensei em mais nada. Ah, não consigo explicar

como me senti. Me pareceu até mais fácil ser uma menina melhor. Eu me senti como quando olho para as estrelas. Lágrimas brotaram nos meus olhos, mas, oh, eram lágrimas de felicidade. Fiquei chateada quando acabou, e comentei com a srta. Barry que não sabia como eu voltaria novamente à vida normal. Ela disse que talvez ajudasse se fôssemos ao restaurante do outro lado da rua para tomar um sorvete. Aquilo soou muito prosaico, mas, para minha surpresa, foi o certo. Estava delicioso, Marilla, e foi gostoso e tranquilizante ficar sentada lá tomando sorvete às onze horas da noite. Diana disse que acreditava que nascera para a vida na cidade. A srta. Barry me perguntou qual era a minha opinião, mas eu disse que teria de pensar muito seriamente sobre isso antes de ter certeza do que eu realmente achava. Refleti sobre isso quando fui para a cama. Esta é a melhor hora para se pensar nas coisas. Cheguei à conclusão, Marilla, de que não nasci para a vida urbana e fiquei contente com isso. É muito bom tomar sorvete em restaurantes iluminados às onze horas da noite de vez em quando, mas como algo de todos os dias, às onze horas eu prefiro estar no quarto do frontão leste, dormindo profundamente, sabendo que as estrelas brilham lá fora e que o vento sopra nos abetos do outro lado do riacho. Eu disse isso à srta. Barry no café da manhã, e ela riu. A srta. Barry geralmente ri de qualquer coisa que eu fale, mesmo quando digo algo mais solene. Não gosto muito disso, Marilla, porque eu não estava fazendo graça. Mas ela é

uma senhora muito hospitaleira e nos tratou como rainhas.

Sexta-feira chegou e era hora de retornar para casa. O sr. Barry voltou para levar as meninas.

— Bem, espero que tenham se divertido — disse a srta. Barry, ao despedir-se delas.

— Claro que sim — disse Diana.

— E você, menina Anne?

— Gostei de cada minuto desses dias — respondeu Anne, atirando os braços impulsivamente ao pescoço da velha senhora e beijando seu rosto enrugado.

Diana nunca teria ousado fazer uma coisa daquelas e ficou um tanto estupefata com a liberdade que Anne tomava. Mas a srta. Barry ficou satisfeita. Ficou parada na varanda até a carruagem se perder de vista. Então entrou em sua grande casa e suspirou. Parecia muito solitária, sem o frescor daquelas jovens. A srta. Barry era uma velha dama bastante egoísta, verdade fosse dita, e não se importava muito com ninguém além dela mesma. Valorizava as pessoas apenas como serviçais ou divertimento. Anne a entretera e, conseqüentemente, caíra nas boas graças da velha dama. Mas a srta. Barry descobriu-se pensando menos nas peculiares intervenções de Anne do que em seu entusiasmo por coisas novas, nas emoções transparentes, em suas qualidades e na meiguice de seus olhos e lábios.

— Cheguei a pensar que Marilla Cuthbert fosse uma velha tola, quando ouvi dizer que tinha adotado uma menina de um orfanato — disse para si mesma —, mas acho que ela não cometeu nenhum erro, afinal de contas. Se eu tivesse uma criança como Anne em casa, seria uma mulher melhor e mais feliz.

Anne e Diana acharam a viagem de volta para casa tão agradável como a de ida — na verdade, ainda mais agradável, pois tinham a deliciosa sensação de voltar ao lar que as esperava. Anoitecia quando passaram por White Sands e tomaram a estrada costeira. Mais além, as colinas de Avonlea despontavam escuras contra o céu açafraão. Por detrás delas, a lua se erguia do horizonte no mar, que ficava mais radiante e transfigurado sob o luar. Cada pequena enseada ao longo da estrada sinuosa era uma maravilhosa dança. As ondas quebravam com um suave rumor sobre as rochas abaixo, e o cheiro da maresia estava forte e fresco no ar.

— Ah, como é bom estar viva e voltar para casa — suspirou Anne.

Quando cruzou a ponte sobre o riacho, a luz da cozinha de Green Gables piscou em um aceno amável por seu retorno. Através da porta aberta, brilhava o fogo da lareira, que projetava seu brilho quente na noite fria de outono. Anne subiu a colina alegremente e entrou na cozinha, onde a mesa com a ceia servida esperava por ela.

— Então, voltou? — disse Marilla, enrolando o tricô.

— Sim, oh, é tão bom estar de volta — disse Anne, alegre. — Eu poderia beijar tudo, até mesmo o relógio. Marilla, frango grelhado! Não diga que fez para mim!

— Sim, fiz. Achei que teria fome depois da longa viagem e que precisaria de algo realmente apetitoso. Ande, vá guardar suas coisas. Jantaremos assim que Matthew chegar. Confesso que estou contente com a sua volta. Foi muito solitário sem você por aqui, foram quatro dias intermináveis.

Após o jantar, Anne se sentou entre Matthew e Marilla diante do fogo e fez um relatório completo de sua visita.

— Eu me diverti muito — concluiu alegremente — e sinto que marcou uma época na minha vida. Mas o melhor de tudo é estar de volta em casa.

A CLASSE DA ACADEMIA DA RAINHA É ORGANIZADA

Marilla colocou o tricô no colo e reclinou-se na poltrona. Pensou vagamente que deveria tratar de trocar os óculos na próxima vez que fosse à cidade. Ultimamente seus olhos ficavam muito cansados.

Estava quase escuro, o crepúsculo de fim de novembro caíra sobre Green Gables e a única luz na cozinha vinha das chamas oscilantes no fogão.

Anne estava sentada no chão, de pernas cruzadas sobre o tapete em frente ao fogo, admirando o brilho alegre onde o sol de cem verões era destilado da lenha dos bordos. Ela estava lendo, mas o livro acabara deslizando para o chão e agora sonhava com um sorriso nos lábios entreabertos. Reluzentes castelos espanhóis se delineavam das névoas e dos arco-íris de seu delírio vívido. Estava em meio a aventuras maravilhosas e arrebatadoras no mundo das nuvens — aventuras que sempre resultavam triunfantes e nunca a deixavam em maus lençóis, como as da vida real.

Marilla olhou para ela com uma ternura que nunca se permitiria revelar sob uma luz mais clara do que aquela mescla suave de faíscas e sombras. A lição de um amor solto nas falas e no olhar franco era uma que Marilla nunca poderia aprender. Mas havia aprendido a amar aquela

menina esguia e de olhos acinzentados com uma afeição cada vez mais forte, mesmo sendo impraticável externá-la. Na verdade, o amor fazia com que ela temesse ser excessivamente indulgente. Tinha uma sensação incômoda de que era pecaminoso depositar o coração tão intensamente em qualquer criatura humana, como fizera com Anne. Talvez cumprisse uma penitência inconsciente ao posar mais rigorosa e crítica, como se a menina fosse menos querida. Certamente, a própria Anne não tinha ideia do quanto Marilla a amava. Às vezes pensava que Marilla era muito difícil de agradar e obviamente carente de empatia e compreensão. Mas sempre reprimia esse pensamento, lembrando-se de tudo o que devia a Marilla.

— Anne — chamou Marilla abruptamente —, a srta. Stacy esteve aqui esta tarde quando você estava fora com Diana.

Anne voltou de seu outro mundo com um sobressalto e um suspiro.

— Esteve? Ai, que pena eu não estar aqui. Por que não me chamou, Marilla? Diana e eu estávamos logo ali no Bosque Encantado. O bosque está lindo. Todas as coisinhas do bosque, as samambaias, as folhas acetinadas e as frutinhas que estalam estão adormecidas debaixo de um cobertor de folhas até a próxima primavera. Acho que foi uma fadinha cinza, com um cachecol de arco-íris, que veio na ponta dos pés na última noite de luar e as cobriu. Mas Diana já não fala muito sobre essas coisas. Nunca se

esqueceu da bronca de sua mãe, por ficar imaginando fantasmas no Bosque Encantado. Teve um efeito negativo na imaginação de Diana. Está em frangalhos. A sra. Lynde diz que Myrtle Bell é um ser em frangalhos. Perguntei a Ruby Gillis por que Myrtle estava em frangalhos, e Ruby contou que achava que era porque o namorado a deixara. Ruby Gillis só pensa em homens, e só piora com a idade. Os rapazes estão muito bem em seu devido lugar, e não faz sentido arrastá-los para participar de tudo, não é? Diana e eu estamos pensando seriamente em prometer uma à outra nunca nos casarmos, mas ficarmos solteiras e vivermos juntas para sempre. No entanto, Diana ainda não se decidiu, porque pensa que talvez seja mais nobre se casar com um jovem rebelde, malvado e impetuoso, e tratar de mudá-lo. Diana e eu agora conversamos muito sobre assuntos sérios, sabe. Achamos que não temos mais idade para assuntos infantis. É tão solene ter quase catorze anos, Marilla. Na quarta-feira passada, a srta. Stacy levou todas as meninas adolescentes até o riacho e conversou conosco sobre isso. Ela disse para termos muito cuidado com os hábitos e os ideais que adquirimos em nossa adolescência, pois quando tivermos vinte anos, o caráter esteja desenvolvido e essa base é a premissa de toda a nossa vida futura. Disse que se a base for instável, nunca construiremos algo de real valor. Diana e eu conversamos sobre o assunto, na volta para casa. Nós nos sentimos extremamente solenes, Marilla. Decidimos tentar ser

muito cuidadosas, cultivar hábitos respeitáveis, aprender tudo o que pudermos e sermos o mais sensatas possível, de modo que, aos vinte anos, nosso caráter estará apropriadamente desenvolvido. É muito intimidador pensar em ter vinte anos de idade, Marilla. Soa terrivelmente velho e adulto. Mas por que razão a srta. Stacy esteve aqui esta tarde?

— É isso o que pretendo lhe contar, Anne, se você me deixar. Ela veio conversar sobre você.

— Sobre mim? — Anne pareceu um pouco assustada. Então corou e exclamou: — Ah, já sei o que ela disse. Eu quis lhe contar, Marilla, honestamente, mas eu me esqueci. A srta. Stacy me pegou lendo *Ben Hur* na escola ontem à tarde, bem na hora em que eu deveria estar estudando a história do Canadá. Jane Andrews me emprestou o livro. Estava lendo na hora do almoço, e tinha acabado de chegar à corrida de bigas quando a aula recomeçou. Estava simplesmente aflita para saber como terminava, embora tivesse certeza de que Ben Hur venceria, porque senão seria uma injustiça poética. Então deixei o livro de história aberto sobre a mesa e escondi *Ben Hur* no colo, por debaixo da carteira. Fingi que estudava história, sabe, enquanto lia o *Ben Hur*. Estava tão concentrada nele que não percebi a srta. Stacy vindo pelo corredor. Quando olhei para cima, lá estava ela me encarando, assim, com um olhar repreensivo. Nem conto como fiquei envergonhada, Marilla, especialmente quando

escutei Josie Pye rindo. A srta. Stacy tomou o *Ben Hur*, mas na hora não disse nem uma palavra. Ela falou comigo no recreio. Disse que era errado em dois aspectos: em primeiro lugar, estava desperdiçando o tempo que deveria aplicar em meus estudos; e, em segundo lugar, estava enganando a professora, ao fingir que lia o livro de história do Canadá quando na verdade era um livro de ficção. Até aquele momento, não tinha percebido que o que eu estava fazendo era capcioso, Marilla. Fiquei chocada. Chorei amargurada, pedi à srta. Stacy que me perdoasse e prometi que nunca faria uma coisa dessas outra vez. Eu me ofereci para fazer uma penitência, de não pôr os olhos sobre *Ben Hur* por uma semana inteira, nem mesmo para ver como terminava a corrida de bigas. Contudo, a srta. Stacy respondeu que não exigiria isso, e me perdoou espontaneamente. Por isso, acho que não foi muito gentil da parte dela, no final das contas, vir aqui para falar sobre isso.

— A srta. Stacy não mencionou nada disso, Anne. O seu problema é a consciência pesada. Você não tem nada que ler livros de ficção na escola. De qualquer maneira, você lê romances demais. Quando eu era menina, não tinha permissão nem de pôr os olhos em romances.

— Oh, como pode chamar *Ben Hur* de romance, quando na verdade é um livro tão religioso? — protestou Anne. — Claro que é um pouco emocionante demais para ser lido aos domingos, então só leio nos dias de semana. E

agora eu não leio nada que a srta. Stacy ou a sra. Allan não achem apropriado para uma menina treze anos e nove meses, quase catorze. A srta. Stacy me fez prometer. Um dia, ela me pegou lendo um livro chamado *O mistério sinistro do pavilhão assombrado*. Ruby Gillis me emprestou, e, oh, Marilla, era fascinante e assustador! Gelava o sangue nas minhas veias. Mas a srta. Stacy disse que era um livro bobo e pernicioso, e me pediu que não o lesse, nem nada mais daquele estilo. Não me importei com a promessa de não ler mais nada naquele estilo, mas foi uma agonia abrir mão do livro sem saber como terminava. Contudo, o meu afeto pela srta. Stacy venceu e a obedeci. É realmente maravilhoso, Marilla, o que nos dispomos a fazer quando realmente queremos agradar a uma pessoa.

— Bem, acho que vou acender o lampião e começar a trabalhar — ameaçou Marilla. — Vejo com toda clareza que não está interessada no que a srta. Stacy tinha a dizer. Está mais interessada no som da própria voz do que em qualquer outra coisa.

— Oh, na verdade, Marilla, eu quero ouvir! — gritou Anne, compungida. — Não vou dizer nem mais uma palavra, nem uminha sequer. Sei que falo demais, mas estou realmente tentando superar isso, e embora eu fale exageradamente, se soubesse quantas coisas eu gostaria de dizer e não digo, você me daria algum crédito. Conte-me, por favor, Marilla.

— Bom, a srta. Stacy quer organizar uma classe preparatória com os alunos avançados, para o exame de admissão na Academia da Rainha. Ela pretende ministrar aulas extras por uma hora a mais, após o horário regular, e veio perguntar a Matthew e a mim se gostaríamos que você se inscrevesse. O que acha disso, Anne? Gostaria de ingressar na Academia da Rainha e se formar professora?

— Oh, Marilla! — Anne esticou os joelhos e juntou as mãos. — É o sonho da minha vida, quer dizer, dos últimos seis meses, desde que Ruby e Jane começaram a falar em estudar para o exame de admissão. Não disse nada sobre isso porque supus que seria inútil. Adoraria ser professora. Mas não custará os olhos da cara? O sr. Andrews diz que lhe custou cento e cinquenta dólares para Prissy ser admitida, e Prissy não era uma tapada em geometria.

— Acho que não precisa se preocupar com essa questão. Quando Matthew e eu a adotamos, resolvemos que daríamos a melhor instrução possível a você. Acredito que meninas devam se preparar para ganhar a própria vida, precisando ou não. Green Gables sempre será seu lar enquanto Matthew e eu estivermos por aqui. Mas ninguém sabe o que vai acontecer neste mundo, e é bom estar preparado. Pois então, Anne, você pode se juntar ao grupo de estudos para a Academia da Rainha, se quiser.

— Ah, Marilla, obrigada! Anne abraçou a cintura de Marilla e olhou para cima com seriedade. — Estou extremamente grata a você e a Matthew. Estudarei muito e

darei o meu melhor para ser digna desse mérito. Aviso desde já que não esperem muito de mim em geometria, mas acho que posso me sair bem em qualquer outra matéria, se me esforçar bastante.

— Atrevo-me a afirmar que você vai se sair muito bem. A srta. Stacy disse que você é brilhante e dedicada. — Marilla não ousaria contar a Anne o que a srta. Stacy dissera sobre ela, pois isso incendiaria sua vaidade. — Não precisa extrapolar e se matar em cima dos livros. Não há pressa. O exame de admissão será só daqui a um ano e meio. Mas é bom começar a tempo para que os conhecimentos fiquem bem fundamentados, como a srta. Stacy frisou.

— A partir de agora, vou me aplicar mais do que nunca nos estudos — prometeu Anne, em êxtase —, porque tenho um propósito na vida. O sr. Allan diz que todos devem ter um propósito na vida e persegui-lo fielmente. Só que ele diz que primeiro devemos nos certificar de que se trata de um propósito digno. Querer ser uma professora como a srta. Stacy é um propósito digno, não é, Marilla? Acho que é uma profissão muito nobre.

A classe da Academia da Rainha foi então organizada. Gilbert Blythe, Anne Shirley, Ruby Gillis, Jane Andrews, Josie Pye, Charlie Sloane e Moody Spurgeon MacPherson se inscreveram. Diana Barry não, pois seus pais não pretendiam enviá-la para a Academia da Rainha. Para Anne, aquilo não era nada menos do que uma calamidade.

Desde a noite em que Minnie May tivera a angina, ela e Diana nunca mais haviam se separado. No fim de tarde, quando a classe para a Academia da Rainha permaneceu na escola pela primeira vez para as lições extras e Anne viu Diana partir com os outros, voltando para casa sozinha pelo Caminho das Bétulas e a Baixada das Violetas, segurou-se com todas as forças para continuar sentada e refrear o impulso de correr atrás da amiga. Com um nó na garganta, meteu-se às pressas atrás das páginas da edificante gramática de latim para esconder as lágrimas. Por nada neste mundo Anne deixaria Gilbert Blythe e Josie Pye verem que estava chorando.

— Mas, oh, Marilla, realmente senti que eu havia “provado da amargura da morte”, como disse o sr. Allan no sermão do domingo passado, quando vi Diana sair sozinha — Anne lamentou-se à noite. — Pensei como seria esplêndido se Diana também ficasse para estudar. Mas nem tudo é perfeito neste mundo imperfeito, como diz a sra. Lynde. Muitas vezes, a sra. Lynde não é lá muito acolhedora, mas não resta dúvida de que diz umas verdades. E acho que a classe da Academia da Rainha será extremamente interessante. Jane e Ruby vão estudar apenas para ser professoras. Esse é o auge de sua ambição. Ruby diz que ela só ensinará por dois anos após o curso, depois pretende se casar. Jane diz que dedicará toda a vida ao ensino e nunca, nunca se casará, porque ganhará um salário para ensinar, mas um marido não lhe paga nada e

ainda por cima rosna se você pedir algum dinheiro para os ovos e a manteiga. Acho que Jane fala por experiência própria, pois a sra. Lynde diz que seu pai é um muquirana, além de um osso duro de roer. Josie Pye disse que vai cursar apenas para ter um diploma, porque ela não terá de trabalhar para ganhar a vida. Disse que é diferente com órfãos que vivem de caridade... esses têm de se virar. Moody Spurgeon será reverendo. A sra. Lynde diz que ele não poderia ser nada além disso, com um nome daqueles nas costas. Espero que não seja maldade minha, Marilla, mas realmente a ideia de Moody ser um reverendo é hilária. É um menino com uma aparência tão engraçada, com aquele rosto grande e redondo, os olhinhos azuis e as orelhas de abano. Mas talvez ele ganhe um ar mais intelectual quando crescer. Charlie Sloane diz que entrará na política e será um membro do Parlamento, mas a sra. Lynde diz que ele nunca conseguirá, porque todos os Sloanes são pessoas honestas, e só patifes entram na política hoje em dia.

— E o que Gilbert Blythe será? — consultou Marilla, aproveitando a empolgação de Anne.

— Não tenho ideia de qual é a ambição de Gilbert Blythe na vida, se é que ele tem alguma — respondeu Anne com desprezo.

Agora a rivalidade entre Gilbert e Anne era escancarada. Anteriormente, era algo unilateral, mas não havia mais nenhuma dúvida de que Gilbert estava tão

determinado a ser o primeiro da classe quanto Anne — e era um rival à altura. Os outros membros da classe reconheciam tacitamente a superioridade de ambos, e sequer sonhavam em competir com eles.

Desde o dia da lagoa, quando ela se recusara a escutar sua súplica de perdão, Gilbert, exceto por essa rivalidade explícita, não tomava conhecimento da existência de Anne Shirley. Conversava e brincava com as outras meninas, trocava livros e charadas com elas, discutia lições e projetos, e às vezes acompanhava uma ou outra até em casa, após as reuniões de oração ou do Clube de Debates. Mas ele simplesmente ignorava Anne Shirley, e Anne então descobriu que não é nada agradável ser ignorada. Dizia em vão a si mesma, com um movimento de cabeça, que não ligava. Mas no fundo de seu coraçãozinho feminino e rebelde, sabia que se importava, e que se tivesse outra chance como a da Lagoa das Águas Resplandecentes, não desperdiçaria e responderia de modo diferente. De repente, ao que parece, e para seu secreto desconcerto, ela descobriu que o antigo ressentimento que tinha nutrido contra ele desaparecera — exatamente quando ela mais precisava de seu poder de sustentação.³² Foi em vão que ela recordou todos os incidentes e emoções daquela inesquecível disputa, tentando recuperar sua antiga e tão satisfatória cólera. Naquele dia na lagoa, havia testemunhado sua última centelha agonizar. Anne

percebeu que já havia perdoado e esquecido sem nem se dar conta. Mas já era tarde demais.

Pelo menos, nem Gilbert nem qualquer outra pessoa, nem mesmo Diana, poderiam jamais suspeitar de como estava arrependida e de como desejava não ter sido tão orgulhosa e impertinente! Resolveu “enterrar seus sentimentos no esquecimento mais profundo”³³ e pode-se afirmar, aqui e agora, que realmente fez isso, e com tal êxito que Gilbert, que possivelmente não era tão indiferente a Anne como fazia parecer, não conseguia aceitar que seu desprezo não lhe causasse efeito nenhum. Seu único conforto era que Anne continuava esnobando Charlie Sloane, contínua e desmerecidamente.

Fora isso, o inverno se passou em uma ciranda de agradáveis tarefas e estudos. Para Anne os dias fluíram, deslizando como areia na ampulheta. Estava feliz, animada e interessada. Havia lições a serem aprendidas e condecorações a serem conquistadas, livros deliciosos para ler, novas peças a serem encenadas pelo coro da Escola Dominical e tardes agradáveis de sábado na residência paroquial com a sra. Allan. Então, quase sem que Anne percebesse, a primavera chegara outra vez a Green Gables, e o mundo todo florescia novamente.

Os estudos perderam de leve seu colorido. Enquanto os outros se dispersavam pelos caminhos verdejantes das frondosas trilhas dos bosques e dos atalhos pelos prados, os alunos da classe da Academia da Rainha, deixados para

trás na escola, olhavam tristonhos pelas janelas e sentiam que verbos latinos e exercícios de francês tinham, de alguma forma, perdido o sabor e a empolgação dos imaculados meses de inverno. Mesmo Anne e Gilbert ficaram um pouco desanimados e indiferentes. Professora e alunos ficaram igualmente contentes quando o semestre de aulas terminou e os bem-vindos dias de férias se apresentaram em sua plenitude diante deles.

— Vocês fizeram um bom trabalho durante o ano letivo — elogiou a srta. Stacy no último dia de aula — e merecem umas férias bem animadas. Desfrutem ao máximo o ar livre e fortaleçam sua saúde, vitalidade e ambição para poderem aproveitar bem o próximo ano. Será o cabo de guerra, vocês sabem, o último ano antes dos exames de admissão.

— Você voltará no ano que vem, srta. Stacy? — perguntou Josie Pye.

Josie Pye nunca pensava duas vezes antes de dizer as coisas. Neste caso, o resto da classe ficou grato a ela: nenhum deles teria se atrevido a fazer essa pergunta à srta. Stacy, embora todos estivessem curiosos, pois havia boatos alarmantes circulando, de que a srta. Stacy não voltaria mais porque recebera uma oferta de uma escola elementar de sua cidade natal e que teria intenção de aceitar. A classe da Academia da Rainha esperou por sua resposta em suspense, quase sem respirar.

— Sim, creio que voltarei. — Pensei em assumir outra escola, mas decidi permanecer em Avonlea. Para ser sincera, fiquei tão envolvida com meus alunos daqui que não conseguiria abandoná-los. Por isso, vou ficar e acompanhar vocês.

— Oba! — exclamou Moody Spurgeon. Ele nunca se deixara levar pelas emoções antes, e, por uma semana, ruborizava sempre que se lembrava disso.

— Oh, fico muito contente! — exclamou Anne, com um brilho nos olhos. — Cara Stacy, seria extremamente terrível se não voltasse. Não acredito que eu teria ânimo de continuar os estudos com outro professor.

Quando Anne chegou em casa naquela noite, guardou todos os livros escolares dentro de um velho no baú no sótão, trancou-o e jogou a chave na caixa dos cobertores.

— Não quero nem olhar para um livro escolar durante as férias — avisou a Marilla. — Estudei o quanto pude durante o semestre e me debrucei sobre aquela geometria até decorar cada equação, mesmo com as letras trocadas. Estou exausta de tudo o que é sensato e vou deixar a minha imaginação correr solta no verão. Ah, não precisa ficar alarmada, Marilla. Vou deixar que corra solta dentro de certos limites. Mas quero aproveitar muito bem o verão, com toda alegria, porque talvez seja meu último verão como uma menininha. A sra. Lynde disse que, se eu continuar espichando assim, terei que vestir saias mais compridas. Ela disse que sou só pernas e os olhos. E

quando eu vestir saias mais compridas, terei de me comportar à altura e manter uma postura muito digna. Quando esse momento chegar, não vou poder sequer acreditar em fadas, infelizmente. Por isso, vou acreditar nelas com todo o meu coração neste verão. Acho que teremos férias muito alegres. Ruby Gillis vai dar uma festa de aniversário em breve, e tem o piquenique da Escola Dominical e o recital dos missionários, no mês que vem. O sr. Barry disse que uma noite dessas levará Diana e eu até o hotel de White Sands para jantar. Lá eles servem jantar à noite, sabe? Jane Andrews foi lá no verão passado e contou que as luzes elétricas, as flores e todas as hóspedes em vestidos lindos formavam uma visão deslumbrante. Jane disse que foi seu primeiro vislumbre do luxo da alta sociedade e que nunca se esquecerá.

A sra. Lynde fez uma visita na tarde seguinte para descobrir por que Marilla não fora à reunião na Sociedade Assistencial na quinta-feira. Quando Marilla faltava às reuniões, as pessoas sabiam que havia algo errado em Green Gables.

— Matthew teve uma arritmia cardíaca na quinta-feira — explicou Marilla —, e não tive como deixá-lo. Ah, sim, ele está bem, agora, mas essa sua taquicardia anda mais frequente e estou preocupada com ele. O médico diz que ele deve se cuidar e evitar qualquer agitação. Isso é bem fácil, pois Matthew nunca gostou de nenhum tipo de agitação, mas também não pode fazer nenhum trabalho

muito pesado. E impedir Matthew de trabalhar é a mesma coisa que pedir que não respire. Venha e deixe suas coisas, Rachel. Vai ficar para o chá?

— Bem, já que você faz questão, talvez eu possa ficar — aceitou a sra. Rachel, que não tinha a menor intenção de fazer nada diferente disso.

A sra. Rachel e Marilla sentaram-se confortavelmente na sala de estar, enquanto Anne preparou o chá e assou biscoitos, que ficaram tão leves e clarinhos a ponto de estarem a salvo das potenciais críticas da sra. Lynde.

— Devo dizer que Anne acabou por se transformar em uma menina bem esperta —, admitiu a sra. Lynde, enquanto Marilla a acompanhava até ao fim da alameda ao pôr do sol. — Ela deve ser de grande ajuda para você.

— Ela é — confirmou Marilla —, e está bem equilibrada e confiável, agora. Tinha medo de que nunca deixasse de ser desmiolada, mas ela mudou, e agora eu não teria medo de delegar nada a ela.

— Naquele dia em que eu estive aqui para conhecê-la, há três anos, nunca teria imaginado que ela mudaria assim da água para o vinho. Deus misericordioso, jamais me esquecerei daquela birra! Quando voltei para casa naquela noite, disse a Thomas: “Grave bem minhas palavras, Thomas. Marilla Cuthbert vai se arrepender até a morte da decisão que tomou”. Mas eu estava enganada e fico realmente contente por isso. Não sou o tipo de pessoa que não consegue admitir seus erros, Marilla. Não, nunca fui

assim, graças a Deus. Cometi um ao julgar Anne, mas não era de se admirar, pois nunca vi uma criança assim, uma bruxinha estranha e impulsiva, é o que eu digo. Não era nem um pouco parecida com as outras crianças. Sua melhora nesses três anos é uma verdadeira maravilha, especialmente na aparência. É uma menina bonita de verdade, embora não possa dizer que sua feição pálida e seus olhos grandes sejam meu tipo de beleza. Gosto mais das feições vivazes e coradas, como Diana Barry ou Ruby Gillis. A fisionomia de Ruby Gillis é realmente chamativa. Mas, por alguma razão... não sei bem o que é, mas quando Anne e as outras estão juntas, embora ela não tenha nem metade da beleza das outras, as faz parecer meio comuns e exageradas. É como aqueles lírios brancos que ela chama de narcisos, ao lado das grandes peônias vermelhas, é que eu digo.

ONDE O RIACHO E O RIO SE ENCONTRAM

O verão de Anne correu às mil maravilhas, e ela aproveitou muito. Ela e Diana ficaram bastante ao ar livre, deliciando-se com as delícias que a Alameda dos Enamorados, as Borbulhas das Dríades e a Ilha Vitória proporcionavam. Marilla não levantou quaisquer objeções às andanças de Anne. Em uma tarde no começo das férias, o médico de Spencervale — aquele que viera na noite em que Minnie May teve angina — encontrou Anne na casa de um paciente, deu uma boa olhada nela, apertou os lábios, balançou a cabeça e mandou uma mensagem a Marilla Cuthbert por uma outra pessoa. Dizia: “Deixe sua menina ruiva ao ar livre durante todo o verão e não permita que ela fique lendo livros antes de adquirir mais ânimo na vida”.

A mensagem atingiu Marilla em cheio. Leu nas entrelinhas a sentença de morte de Anne por tuberculose, a menos que seguisse a recomendação escrupulosamente. Como resultado, Anne teve o verão de ouro de sua vida, na maior folga e com muita liberdade. Caminhou, removeu, colheu frutinhas e sonhou até se fartar. Quando setembro chegou, estava alerta e com os olhos faiscantes, com um ânimo que teria dado satisfação ao médico de Spencervale e novamente com o coração cheio de ambição.

— Estou empolgadíssima para estudar — declarou ela, ao buscar seus livros no sótão. — Oh, meus bons e velhos amigos, estou feliz por ver suas caras honestas mais uma vez. Sim, mesmo você, geometria. Tive um verão perfeito, Marilla, e agora estou exultante como um homem forte ao disputar uma corrida,³⁴ como disse o sr. Allan no domingo passado. O sr. Allan não prega sermões magníficos? A sra. Lynde diz que está melhorando a cada dia, e que já podemos presumir que alguma igreja de cidade irá tomá-lo de nós e seremos deixados ao Deus dará. E, em seguida, teremos de nos virar para arranjar um outro pregador inexperiente. Mas não adianta botar o carro na frente dos bois, não acha, Marilla? Acho que seria melhor apreciar o sr. Allan enquanto o temos. Se eu fosse homem, acho que seria um reverendo. Eles podem influenciar para o bem, se sua teologia for sólida. Deve ser emocionante pregar esplêndidos sermões e atingir o coração de seus ouvintes. Por que as mulheres não podem ser reverendas, Marilla? Perguntei à sra. Lynde, mas ela ficou chocada e respondeu que seria escandaloso. Disse que poderia até haver reverendas nos Estados Unidos, e ela acreditava que havia, mas graças a Deus que ainda não tínhamos chegado a esse ponto no Canadá, e ela espera que isso nunca aconteça. Mas não vejo por quê. Creio que as mulheres seriam reverendas esplêndidas. Quando há um evento social a ser organizado, um chá da Igreja ou qualquer outra iniciativa para arrecadar dinheiro, as mulheres têm de se virar para

fazer o trabalho. Tenho certeza de que a sra. Lynde poderia orar do mesmo jeitinho que o superintendente Bell, e não tenho dúvidas de que, com um pouco de prática, também poderia pregar.

— De fato, acredito que ela poderia — concordou Marilla secamente. — Ela já faz muita pregação não oficial sem que ninguém peça. Ela já cuida tanto da vida dos outros que ninguém tem muita chance de pecar.

— Marilla — disse Anne em uma explosão de confiança —, quero saber sua opinião sobre algo. Fico extremamente preocupada, em especial nas tardes de domingo, quando penso particularmente em tais assuntos. Eu realmente tenho a intenção de ser uma boa menina. E quando estou com a senhora, com a sra. Allan ou com a srta. Stacy, aí eu quero mais do que nunca, e tento fazer apenas o que lhes agrada. Mas, quando estou com a sra. Lynde, sinto-me terrivelmente perversa, querendo contrariar tudo o que ela diz que eu não deveria fazer. É uma tentação praticamente irresistível! Ora, qual seria a razão para eu me sentir assim? Acha que é porque pau que nasce torto morre torto, feito eu?

Por um instante, Marilla pareceu hesitar. Então deu risada.

— Se você é perversa, acho que também sou, Anne, pois muitas vezes Rachel tem esse mesmo efeito sobre mim. Por vezes, acho que ela teria uma melhor influência nas pessoas, como você mesma já percebeu, se não

tentasse empurrar todo mundo para o bom caminho o tempo todo, sem descanso. Deveria existir um mandamento especial contra pegar no pé das pessoas. Mas eu não tenho nada que falar deste jeito. Rachel é uma boa cristã e tem sempre boas intenções. Não há uma alma mais generosa em Avonlea, e ela nunca se esquivava do seu quinhão de serviço.

— Fico contente por se sentir como eu — disse Anne, decidida. — Não deixa de ser encorajador. Depois disto, tratarei de não me preocupar tanto com o assunto. Mas atrevo-me a dizer que haverá outras coisas com que me preocupar. Sempre me deparo com coisas que me deixam perplexa, sabe? Resolvemos uma questão e logo aparece outra. Há tanto a ser considerado e decidido quando começamos a ficar adultos. Isso me mantém ocupada todo o tempo, refletindo sobre o que é correto. Crescer é uma coisa séria, não é, Marilla? Mas tendo tão bons amigos como a senhora, Matthew, a sra. Allan e a srta. Stacy, acho que vou me sair bem, e estou convencida de que será minha própria culpa se eu não amadurecer. É uma grande responsabilidade, pois tenho apenas uma oportunidade na vida. Se eu não crescer direito, não poderei voltar atrás e começar de novo. Cresci cinco centímetros no verão, Marilla. O sr. Gillis me mediu na festa da Ruby. Estou contente por ter feito os meus novos vestidos mais compridos. Aquele verde-escuro é muito bonito, e foi gentil de sua parte aplicar babados. Claro que sei que não

era realmente necessário, mas babados estão na moda neste outono, e Josie Pye tem babados em todos os seus vestidos. Sei que estudarei melhor por causa do meu. Aqueles babados vão me dar uma sensação muito reconfortante.

— Que bom que se sente assim — admitiu Marilla.

A srta. Stacy voltou à escola de Avonlea e encontrou todos os seus alunos ainda dispostos a estudar. Em especial, a classe da Academia da Rainha estava “preparada para a guerra”, pois o fatídico exame admissional seria no final do ano, o que deixava todos ansiosos. E se não passassem? Esse pensamento assombraria Anne durante as horas de vigília daquele inverno, inclusive nas tardes de domingo, a ponto de ela quase se esquecer das questões morais e teológicas. Em seus pesadelos, Anne se via olhando, desalentada, para a lista de aprovados nos exames de admissão, onde o nome de Gilbert Blythe estava escrito no topo e o dela não aparecia em lugar algum.

Ainda assim, aquele foi um inverno alegre, atarefado e feliz, e passou voando. As tarefas escolares eram muito interessantes, e as rivalidades em sala de aula, tão empolgantes como antes. Diferentes linhas de raciocínio, novos sentimentos e ambições, áreas fascinantes e puras do conhecimento pareciam se revelar diante dos olhos ansiosos de Anne. “Assomam montes sobre montes, e emergem Alpes sobre Alpes!” ³⁵

Em grande parte, isso se devia à orientação diplomática, cuidadosa e de mente aberta da srta. Stacy. Ela incitava seus alunos a pensar, explorar e descobrir por si mesmos, encorajando-os a saírem de sua zona de conforto, de tal maneira que chocou a sra. Lynde e os administradores da escola, que viam com desconfiança qualquer inovação em métodos já bem estabelecidos.

Além dos estudos, Anne expandiu-se socialmente, pois Marilla, sem esquecer o que dissera o médico de Spencervale, já não proibia saídas ocasionais. O Clube de Debates prosperou e rendeu mais récitas e algumas festas quase iguais às dos adultos. Organizaram passeios de trenó, e a patinação era um divertimento constante.

Nesse meio-tempo, Anne cresceu, esticando tão rápido que um dia Marilla ficou espantada. Ao ficarem em pé lado a lado, notou que a menina já era mais alta que ela.

— Nossa, Anne, como você cresceu! — comentou, quase sem acreditar em seus próprios olhos. Um suspiro seguiu suas palavras. Marilla sentiu um estranho pesar por causa da altura de Anne. A criança que ela aprendera a amar desaparecera e, em seu lugar, havia uma menina de quinze anos, alta, de olhar sério, fronte meditativa e a cabecinha erguida com orgulho. Marilla amava a jovem mulher tanto quanto havia amado a criança, mas um estranho e angustiante sentimento de perda também lhe feria. Naquele fim de tarde, Anne fora ao encontro de oração com Diana. Marilla se sentou sozinha sob o

crepúsculo invernal e, em um momento de fragilidade, deixou-se levar pelo pranto. Matthew entrava com uma lanterna e surpreendeu-a. Olhou para ela com tal consternação que Marilla acabou rindo em meio às lágrimas.

— Estava pensando em Anne — explicou. — Ela se tornou uma moça tão viçosa... e provavelmente não estará mais aqui no próximo inverno. Vou sentir muito a falta dela!

— Certamente ela voltará para casa com frequência — consolou Matthew, para quem Anne seria, para sempre, a menininha ansiosa que trouxera de Bright River naquela tarde de junho, quatro anos antes. — Até lá, o trecho secundário da estrada de ferro já terá chegado a Carmody.

— Não será a mesma coisa que tê-la sempre por aqui — suspirou Marilla, taciturna, determinada a desfrutar do luxo de seu luto desconsolado. — Olhe só, os homens não conseguem entender essas coisas!

Havia outras mudanças em Anne, não menos concretas do que a mudança física. Por um lado, estava muito mais comedida. Talvez meditasse ainda mais e sonhasse tanto quanto antes, mas, com toda certeza, falava menos. Marilla notou e fez um comentário sobre isso, também.

— Você não tagarela nem a metade do que costumava, Anne, nem usa a metade das palavras difíceis de antes. O que deu em você?

Anne corou e riu um pouco. Largou o livro e olhou, sonhadora, pela janela, onde grandes brotos vermelhos despontavam na trepadeira, respondendo aos raios de sol da primavera.

— Não sei bem. Já não quero falar tanto — respondeu ela, coçando o queixo com o dedo indicador. — É melhor que os pensamentos bonitos e caros permaneçam no coração, como tesouros. Não gosto que riam ou que me interroguem sobre eles. E, de alguma forma, tento não usar mais palavras difíceis. É quase uma pena, agora que estou crescida o suficiente para usá-las, se quisesse. De alguma forma, é divertido, ser quase adulta, mas não como eu esperava, Marilla. Há tanto o que aprender, fazer e pensar, que não há tempo para palavras difíceis. Além disso, a srta. Stacy diz que prefere frases mais curtas pois são muito mais potentes. Ela nos faz redigir os ensaios da maneira mais simples possível. Foi difícil, no início. Eu estava muito acostumada a apinhar todos com todas as palavras belas e complicadas nas quais pudesse pensar. E olhe que eu pensava em um bom número delas. Mas agora já me habituei e percebo que é muito melhor.

— O que aconteceu com o seu Clube de Contadores de Histórias? Há muito que não ouço falar dele.

— O Clube de Contadores de Histórias já não existe. Não tínhamos mais tempo para isso e, de qualquer modo, acho que nos cansamos dele. Era bobo ficar escrevendo sobre amor, assassinatos, fugas e mistérios. Às vezes, a

srta. Stacy nos pede para escrevermos uma história para treinar nossa redação, mas não nos deixa escrever nada além do que possa vir a acontecer em nossas próprias vidas em Avonlea. Ela faz duras observações que nos ajudam a ter senso crítico sobre nossas próprias histórias. Eu nunca pensei que minhas redações tivessem tantas falhas, até eu mesma começar a identificá-las. Fiquei com tanta vergonha que queria desistir de vez, mas a srta. Stacy disse que eu poderia aprender a escrever melhor se eu fosse minha crítica mais severa. Estou tentando.

— Você só tem mais dois meses até o exame — constatou Marilla. — Acha que vai passar?

Anne estremeceu.

— Não sei. Por vezes, acho que vou me dar bem, mas em seguida fico com um medo danado. Nós estudamos com afinco, e a srta. Stacy ensina muito bem, mas, mesmo assim, talvez eu não consiga passar. Cada um de nós tem um ponto fraco. O meu é geometria, claro, o de Jane é latim, o de Ruby e Charlie é álgebra, e o de Josie é aritmética. Moody Spurgeon diz que ele sente nos ossos que será reprovado em história da Inglaterra. Em junho, a srta. Stacy vai aplicar provas simuladas, tão difíceis como as da admissão, e corrigi-las tão estritamente quanto. Só assim teremos alguma ideia. Queria que tudo já tivesse acabado, Marilla. Isso me persegue. Às vezes, acordo no meio da noite e fico me perguntando o que farei se não passar.

— Ora, vai voltar à escola no ano que vem e tentar novamente — replicou Marilla, despreocupada.

— Ah, não acho que eu tenha fibra para isso. Será uma vergonha se eu for reprovada, especialmente se Gil... se os outros passarem. Fico tão nervosa nos exames que é provável que eu meta os pés pelas mãos. Eu queria ter os nervos de aço de Jane Andrews. Nada a abala.

Anne suspirou e, afastando o olhar do feitiço da primavera, das coisas verdes brotando no jardim, do dia azul e da brisa, enterrou-se resolutamente em seu livro. Haveria outras primaveras, mas se ela não tivesse êxito no exame, estava convencida de que nunca mais seria capaz de apreciá-las.

SAI A LISTA DOS APROVADOS

Junho chegava ao fim junto com o período letivo, assim como as funções da srta. Stacy à frente da escola de Avonlea. Naquele final de tarde, Anne e Diana caminharam de volta para casa bastante comedidas e absortas. Os olhos vermelhos e os lenços úmidos comprovavam que as palavras de despedida da srta. Stacy haviam sido tão tocantes como as do sr. Phillips três anos antes, em circunstâncias semelhantes. Do sopé da colina de pinheiros, Diana voltou-se para a escola e suspirou profundamente.

— Parece que é o fim de tudo, não é? — atestou, deprimida.

— Você não deve estar sentida nem a metade do que eu estou — replicou Anne, buscando inutilmente uma parte seca em seu lenço. — Você voltará no próximo inverno, mas suponho que acabo de deixar a nossa velha e querida escola para sempre... quer dizer, se eu tiver sorte.

— Não será a mesma coisa de jeito nenhum. A srta. Stacy não estará aqui, e provavelmente nem você, nem Jane, e nem Ruby. Terei de me sentar sozinha, pois, depois de você, não aguentarei ter outra colega de carteira. Ah, foram bons tempos, não foram, Anne? É terrível pensar que tudo se acabou.

Duas grandes lágrimas rolaram pelo nariz de Diana.

— Se você parasse de chorar, eu também conseguiria — implorou Anne. — Logo que deixo o meu lenço de lado, vejo você se desfazendo em lágrimas e então começo de novo. Como diz a sra. Lynde, “Se não puder ser alegre, seja o mais alegre que puder”. Afinal, atrevo-me a dizer que estarei de volta no ano que vem. As ocasiões em que dou por certo que não vou passar estão cada vez mais frequentes.

— Por quê, se você se saiu extremamente bem nos exames que a srta. Stacy aplicou?

— Pois é, mas esses exames não me deixaram nervosa. Quando penso na coisa em si, mal dá para suportar o frio na barriga e o aperto no coração. Além do mais, o meu número na chamada é treze, e Josie Pye diz que dá azar. Não sou supersticiosa e bem sei que não faz nenhuma diferença. Mas, ainda assim, não queria o treze.

— Queria poder ir com você. Não seria uma ocasião perfeitamente elegante? Mas imagino que à noite você terá de estudar.

— Na verdade, não. A srta. Stacy fez com que prometésemos não abrir um livro. Disse que isso só iria nos cansar e confundir. Deveríamos sair para caminhar sem pensar sobre os exames e ir para a cama cedo. É um bom conselho, mas imagino que seja difícil de seguir. Acho que bons conselhos sempre são. Prissy Andrews me contou que ficou metade das noites acordada durante a semana dos exames, até quase cair dura. Estou resolvida a ficar

acordada pelo menos durante o mesmo tempo. Foi muito gentil da parte da tia Josephine me convidar para ficar em Beechwood enquanto eu estiver na cidade.

— Você vai escrever para mim enquanto estiver lá, não vai?

— Escreverei na terça-feira à noite contando como foi o primeiro dia — prometeu Anne.

— Então, na quarta-feira, vou dar plantão na agência dos correios.

Anne foi para a cidade na segunda-feira seguinte e, na quarta-feira, conforme combinado, Diana ficou de plantão na agência dos correios até receber a carta. Anne escreveu:

Minha cara Diana,

Aqui estou, na terça-feira à noite, escrevendo esta carta na biblioteca de Beechwood. Na noite passada, eu me senti terrivelmente solitária, completamente sozinha no quarto, desejando muito que você estivesse comigo. Não fiquei estudando porque prometi à srta. Stacy que não faria isso, mas foi tão difícil não abrir o livro de história quanto evitar ler ficção na escola.

Hoje de manhã, a srta. Stacy veio me buscar para irmos à Academia, e no caminho passamos para pegar Jane e Ruby. Ruby me pediu para sentir suas mãos, e elas estavam frias feito gelo! Josie disse que parecia que eu não tinha pregado o olho e que achava que eu não aguentaria o tranco do curso de

pedagogia, mesmo que eu passasse. Há momentos em que admito não ter feito grandes progressos em aprender a gostar de Josie Pye!

Na Academia, havia estudantes de toda a ilha. A primeira pessoa que vimos foi Moody Spurgeon, sentado nos degraus e falando baixinho consigo mesmo. Jane lhe perguntou o que raios ele fazia ali, e ele respondeu que estava repetindo a tabuada para acalmar os nervos e que, pelo amor de Deus, não o interrompêssemos, porque se parasse, mesmo que só por um instante, ficaria aterrorizado e se esqueceria de tudo, e que a tabuada mantinha as coisas no devido lugar para ele!

Quando fomos para as salas onde faríamos a prova, a srta. Stacy teve de nos deixar. Jane e eu nos sentamos juntas, e ela estava serena de dar inveja. Nada de tabuada para a Jane boazinha, equilibrada e sensata! Não sabia se minha expressão denunciava meu nervosismo e se as batidas do meu coração podiam ser ouvidas. Aí um homem entrou e começou a distribuir a prova de inglês. Assim que a peguei, minhas mãos congelaram e minha cabeça rodou. Que momento terrível! Diana, me senti exatamente como há quatro anos, quando pedi a Marilla para ficar em Green Gables. Mas em seguida a minha mente desanuviou e o coração voltou a bater. Ah é, esqueci

de dizer que ele tinha parado totalmente! Então eu soube que conseguiria me virar naquela prova.

Ao meio-dia, fomos almoçar em casa e, à tarde, voltamos para a prova de história, que estava difícil, e acho que confundi algumas datas. Ainda assim, acho que o dia foi bom. Mas, ah, Diana, amanhã será a prova de geometria e, quando penso nisso, tenho de me segurar para não abrir o livro de Euclides. Se eu achasse que a tabuada pudesse me ajudar, eu a recitaria desde já até amanhã de manhã.

No fim da tarde, desci para encontrar com as outras meninas. No caminho, dei com Moody Spurgeon circulando, distraído. Ele disse que sabia que tinha se dado mal em história, que nascera para ser uma decepção para seus pais, que estava indo para casa no trem da manhã e que, de qualquer maneira, seria mais fácil ser carpinteiro do que reverendo. Tratei de encorajá-lo e o persuadi a não desistir, o que seria injusto com a srta. Stacy. Algumas vezes, desejei ter nascido menino, mas quando olho para ele, fico feliz por ser menina e não ser irmã dele.

Encontrei Ruby histérica quando cheguei à pensão delas. Ela havia acabado de descobrir que cometera um erro crasso na prova de inglês. Quando ela se recuperou, fomos para a cidade e tomamos um

sorvete. Como queríamos que você estivesse aqui conosco!

Oh, Diana, se pelo menos eu já tivesse feito a prova de geometria... Mas vá lá, como a sra. Lynde diria, o sol vai continuar nascendo e se pondo, independentemente de eu ser um fiasco em geometria ou não. Isto é verdade, mas não alivia em nada. Se eu fracassar, prefiro que o mundo acabe!

Sua sempre devota,

Anne

A prova de geometria e todas as outras enfim acabaram, e Anne voltou para casa na sexta-feira à noite, bem cansada. Um leve ar de vitória pairava sobre ela. Ao retornar, Diana estava em Green Gables, e foi como se não se vissem há anos.

— Minha queridíssima, é perfeitamente maravilhoso tê-la de volta. Parece que faz um século desde que você foi para a cidade e, oh, Anne, como você se saiu?

— Muito bem, acho, em tudo menos em geometria. Não sei se passei, e tenho um pressentimento aterrador de que não consegui. Ah, como é bom estar de volta! Green Gables é o local mais querido e adorável do mundo!

— Como os outros se saíram?

— As meninas afirmam que não passaram, mas acho que foram bastante bem. Josie diz que geometria estava tão fácil que até uma criança de dez anos de idade conseguiria! Moody Spurgeon ainda acha que não passou

em história, e Charlie diz que reprovou em álgebra. Mas, na verdade, ninguém sabe antes que a lista dos aprovados seja divulgada. Só daqui a uns quinze dias. Imagine sobreviver por duas semanas nesse suspense! Gostaria de dormir e só acordar quando tudo tiver terminado.

Diana apenas afirmou, pois sabia que perguntar sobre Gilbert Blythe seria inútil:

— Tenho certeza de que passará. Não se preocupe.

— Eu até preferiria ser reprovada a não sair no topo da lista — piscou Anne, o que significava que o sucesso seria incompleto e amargo se não ficasse à frente de Gilbert Blythe. Diana entendeu o teor de suas palavras.

Com essa finalidade em vista, Anne dera o máximo de si no exame. E Gilbert fizera o mesmo. Eles se toparam na rua uma dúzia de vezes, mas passaram reto um pelo outro. Anne erguia o nariz e desejava sinceramente ter feito as pazes com Gilbert quando ele lhe pedira. Seu arrependimento lhe fazia ainda mais determinada a superá-lo nas provas. Ela sabia que todos os jovens de Avonlea se perguntavam quem ficaria em primeiro. Sabia inclusive que Jimmy Glover e Ned Wright haviam apostado, e que Josie Pye comentara que Gilbert certamente ficaria em primeiro. Se falhasse, seria uma humilhação insuportável.

Mas ela tinha outro motivo mais nobre para desejar ir bem. Queria estar no topo da lista por causa de Matthew e Marilla — especialmente de Matthew. Certa vez ele lhe

disse que tinha certeza de que ela “venceria toda a Ilha”. Anne sentiu que era algo bem tolo de se esperar, mesmo nos sonhos mais loucos. Mas tinha a fervorosa esperança de pelo menos estar entre os dez primeiros, para que pudesse ver os olhos castanhos e gentis de Matthew brilharem de orgulho. Isso seria, de fato, uma doce recompensa por ter se matado de estudar, pelo esforço árduo de ter mergulhado nas equações e conjugações nada criativas.

No final da quinzena, Anne se plantou na agência do correio, entretida com a companhia de Jane, Ruby e Josie. Abriu os jornais de Charlottetown com as mãos trêmulas e frias, com sensações tão pessimistas quanto as da semana do exame de admissão. Charlie e Gilbert fizeram o mesmo, mas Moody Spurgeon estava decidido a continuar afastado de tudo.

— Não tenho coragem de ir olhar o jornal — confessou a Anne. — Vou esperar até que alguém me diga se passei ou não.

Depois de três semanas sem que a lista de aprovados saísse, Anne começou a sentir que não poderia suportar a tensão por muito mais tempo. Seu apetite diminuiu e o interesse nos acontecimentos em Avonlea esmaeceu. A sra. Lynde comentou que não se podia esperar grande coisa de um superintendente educacional conservador como responsável pelos exames de admissão. Matthew, notando a palidez e a indiferença de Anne, e o modo arrastado

como voltava para casa do correio todas as tardes, começou a se questionar seriamente se não seria melhor votar no Partido Liberal nas próximas eleições.

Mas, certa tarde, as notícias enfim chegaram. Anne estava sentada junto à sua janela escancarada, por um tempo esquecida da angústia do exame e dos dilemas do mundo, enquanto se embriagava com a beleza do crepúsculo do verão, com a brisa aromatizada que provinha das flores do jardim, e com o farfalhar dos álamos. Ao leste, o céu sobre os abetos resplandecia o rosa refletido do ocaso, e Anne, perdida em devaneios, perguntava-se se o espírito das cores se parecia com aquilo. Foi quando viu Diana voando por entre os abetos, sobre a ponte de troncos e talude acima, com um jornal esvoaçando na mão.

Anne se pôs de pé com um salto, sabendo de antemão o que o jornal continha. A lista dos aprovados! Sua cabeça rodou e o coração retumbou até doer. Não conseguia dar nem um passo. Diana pareceu demorar uma hora até entrar correndo pelo corredor e invadir o quarto sem sequer bater, tamanha empolgação.

— Anne, você passou! — ela berrou — Passou em primeiro lugar! Você e Gilbert, empatados, mas o seu nome vem primeiro. Oh, estou tão orgulhosa!

Diana atirou o jornal sobre a mesa e jogou-se sobre a cama de Anne, totalmente sem fôlego e incapaz de dizer mais nada. Anne acendeu a vela, não sem antes rodopiar a

caixa de fósforos e usar uma meia dúzia deles até que suas mãos trêmulas realizassem a tarefa. Então arrebatou o jornal. Sim, ela havia passado — lá estava seu nome no topo de uma lista de duzentos! Era um momento que valia a pena ser vivido.

— Você se saiu splendidamente, Anne — ofegou Diana, recuperada o suficiente para se sentar e falar, pois Anne, extasiada e com os olhos vidrados, não emitia uma palavra. — Meu pai chegou em casa de Bright River com o jornal não faz nem dez minutos. O jornal chegou no trem da tarde, sabe, e só amanhã chegará aqui pelo correio. Quando vi a lista dos aprovados, corri para cá feito louca. Todos passaram, todos vocês, Moody Spurgeon e os outros, embora tenha ficado de recuperação em história. Jane e Ruby foram muito bem e estão na metade da lista. E Charlie também. Josie passou raspando, só com três pontos de folga, mas você vai ver como ela vai botar banca como se tivesse sido a primeira. A srta. Stacy vai adorar! Oh, Anne, como se sente com seu nome no topo dos aprovados? Se fosse eu, ficaria louca de alegria. Estou maluca por ter sido você, mas você está tão calma e fria como uma noite de primavera.

— Estou me revirando por dentro. Quero dizer mil coisas, mas me faltam as palavras. Nunca sequer sonhei com isso... bom, na verdade, sim, mas só uma vez! Deixei-me levar pela ideia só uma vez: “E se eu ficasse em primeiro lugar?”. Estava tremendo, sabe, pois parecia

presunçoso demais pensar que eu poderia ser a primeira da Ilha. Com licença um minutinho, Diana. Preciso correr até o pasto contar a Matthew. Depois, vamos pela estrada dar as boas novas aos outros.

Elas correram até o campo atrás do celeiro onde Matthew enrolava feno, e quis a sorte que a sra. Lynde estivesse conversando com Marilla junto à cerca da alameda.

— Oh, Matthew — exclamou Anne —, fiquei em primeiro lugar... ou em um dos dois primeiros lugares! Não me sinto vaidosa, mas, sim, grata.

— Ora, bem, eu sempre disse — respondeu Matthew, maravilhado com a lista de aprovados. — Sabia que podia vencê-los facilmente.

— Preciso reconhecer que você foi muito bem, Anne — disse Marilla, tentando esconder seu enorme orgulho do olhar crítico da sra. Rachel. Mas aquela boa alma disse com todo o coração:

— Acho que ela foi muito bem, e longe de mim negar isso. É uma honra para seus colegas, Anne, é que eu digo, e todos estamos orgulhosos de você.

Naquela noite, depois de voltar de uma prazerosa conversa com a sra. Allan na residência paroquial, ajoelhou-se docilmente junto à sua janela, sob o resplendor magnífico do luar e murmurou uma oração de súplica e gratidão, nascida diretamente de seu coração. Eram a gratidão pelo passado e a reverente súplica por um

futuro bom. Quando adormeceu, com a cabeça apoiada no travesseiro branco, seus sonhos eram tão honestos, resplandecentes e bonitos quanto sua juventude poderia aspirar.

A RÉCITA NO HOTEL

S em dúvida nenhuma, coloque o de organdi branco, Anne — aconselhou Diana sem titubear. Estavam no quarto do frontão leste. Lá fora, o lindo crepúsculo verde-amarelado contra um céu azul-claro e sem nuvens. Uma lua redonda e grande lentamente intensificava seu esplendor prateado sobre o Bosque Encantado. Os sons suaves do verão — o trinado de pássaros sonolentos, as brisas inconstantes, vozes e risadas longínquas — tomavam o ar. Mas no quarto de Anne a persiana estava abaixada e a luz acesa, pois um traje de gala era preparado.

O quarto do frontão leste era um lugar muito diferente daquele de quatro anos atrás, quando Anne sentiu a austeridade do ambiente penetrar em seu espírito com uma frieza cortante. Ele fora mudando lentamente, sob o olhar resignado e conivente de Marilla, até se tornar o ninho aconchegante e delicado desejado por uma menina.

O tapete de veludo com estampa de rosas e as cortinas de seda cor-de-rosa que Anne vislumbrara inicialmente nunca se materializaram, mas seus sonhos acompanharam passo a passo o seu amadurecimento, por isso não tinha motivos para se queixar. Um belo tapete cobria o piso, e as cortinas que suavizavam a janela alta e tremulavam com a

brisa leve eram de musselina verde-clara. As paredes, decoradas não com tapeçaria de brocado de ouro e prata, mas com um papel de parede estampado com delicadas flores de maçã, foram adornadas com algumas boas imagens presenteadas a Anne pela sra. Allan. A fotografia da srta. Stacy ocupava o lugar da honra, e a sentimental Anne mantinha flores frescas na prateleira embaixo dela. Naquela tarde, um maço de lírios brancos perfumava suavemente o cômodo, como uma fragrância onírica. Não havia “móveis de mogno”, mas uma estante pintada de branco e cheia de livros, uma cadeira de balanço de vime acolchoada, uma penteadeira com folho de musselina branca, um peculiar espelho que costumava ficar no quarto de hóspedes, de moldura dourada com cupidos rechonchudos cor-de-rosa e uvas roxas pintadas sobre sua borda superior em arco e uma cama branca e baixa.

Anne se arrumava para uma récita no hotel de White Sands. Os hóspedes a organizaram em benefício do hospital de Charlottetown e caçaram todos os talentos amadores disponíveis nas localidades vizinhas. Bertha Sampson e Pearl Clay, do Coro Batista de White Sands, foram convidadas a cantar um dueto. Milton Clark, de Newbridge, tocava um solo de violino. Winnie Adella Blair, de Carmody, cantaria uma balada escocesa. Laura Spencer, de Spencervale, e Anne Shirley, de Avonlea, recitariam.

Como Anne disse certa vez, era “um marco em sua vida”, e ela estava deliciosamente emocionada e

empolgada. Matthew estava no sétimo céu, tamanho seu orgulho pela honra conferida à sua Anne, e Marilla não ficava muito atrás, embora preferisse morrer a admitir. Ela dizia que não achava apropriado um bando de jovens circular pelo hotel sem a supervisão de adultos.

Anne e Diana iriam com Jane Andrews e seu irmão Billy na charrete dupla, e várias meninas e meninos de Avonlea também estariam presentes. Muitos visitantes de fora da cidade eram esperados e, depois da récita, seria servida uma ceia para os intérpretes.

— Acha mesmo que o de organdi é melhor? — questionou Anne, ansiosa. — Talvez não seja tão bonito como o de musselina floral azul. E, com toda certeza, não é tão elegante.

— Mas ele cai muito melhor. É macio, tem franjas e babados. A musselina é encorpada, e faz parecer que você está produzida demais. Mas o de organdi parece que foi costurado sobre o seu corpo.

Anne deu um suspiro e se rendeu. Diana já começava a ter uma reputação de notável bom gosto para roupas, e seu conselho nesses assuntos era muito requisitado. Ela também estava muito bonita naquela noite, com um vestido de um adorável rosa-escuro — uma cor que Anne nunca poderia usar. Mas como não participaria da récita, sua aparência era menos relevante. Toda a sua atenção estava voltada a Anne. Em prol de Avonlea, Diana jurara

que Anne estaria vestida, penteada e adornada ao gosto da própria Rainha.

— Puxe o pregueado mais para fora, assim. Venha aqui, deixe-me amarrar a faixa. Agora, as sapatilhas. Vou prender o cabelo em duas tranças grossas e uni-las no meio da nuca com um grande laço de fita branca. Não, não puxe nem um único cacho sobre a testa, deixe apenas alguns fios soltos. Nenhum outro penteado fica tão bem em você, Anne, e a sra. Allan diz que você fica parecida com a Nossa Senhora quando reparte seu cabelo assim. Vou prender esta rosinha branca atrás da orelha. Havia apenas uma na roseira, e eu a reservei para você.

— Devo usar minhas pérolas? — perguntou Anne. — Matthew comprou um colar para mim no vilarejo na semana passada, e eu sei que ele ficará contente em me ver usando.

Diana apertou os lábios, pendeu sua cabeça para o lado com ar crítico e finalmente se pronunciou a favor das pérolas, que logo foram penduradas em torno do pescoço branco-leite e esbelto de Anne.

— Há algo de muito elegante em você, Anne — admirou Diana, sem nenhuma inveja. — Você mantém a cabeça erguida com muita distinção. Suponho que seja seu porte. Já eu tenho a silhueta de um bolinho. Sempre tive medo disso, e agora sei que é assim. Bem, presumo que o jeito é aceitar.

— Mas você tem essas covinhas — alentou Anne, sorrindo com afeto para aquele rosto bonito e vivaz próximo ao seu. — Covinhas bonitinhas, como buraquinhos no creme. Desisti de vez da esperança de ter covinhas. O meu “sonho de covinhas” nunca se concretizará, mas muitos dos meus sonhos se realizaram, portanto não posso me queixar. Estou pronta?

— Prontíssima — garantiu Diana. Marilla apareceu na porta, uma figura bem magra, com o cabelo um pouco mais grisalho e não menos angulosa, mas com o rosto muito mais suave. — Venha dar uma olhada na nossa oradora, Marilla. Não está mesmo bonita?

Marilla emitiu um som entre um fungado e um grunhido.

— Está bem arrumada e adequada. Eu gosto desse jeito de prender o cabelo. Mas acho que ela vai estragar esse vestido no caminho, em meio ao pó e ao sereno. Me parece leve demais para uma noite úmida como esta. De qualquer forma, organdi é o tecido mais inútil do mundo, avisei isso a Matthew quando ele o comprou. Mas não adianta dizer nada para ele hoje em dia. Já foi o tempo em que escutava meus conselhos, agora ele compra coisas para Anne sem me levar em conta, e os lojistas de Carmody sabem que conseguem empurrar qualquer coisa para ele. É só dizer que uma coisa é bonita e que está na moda, e Matthew desembolsa seu dinheiro. Lembre-se de manter a

sua saia longe da roda da carruagem, Anne, e de colocar o casaco mais quente.

Então Marilla escapuliu para o andar de baixo, pensando, orgulhosa, em sua doce Anne, como “Um só raio de luar, da testa à coroa”.³⁶ Ela lamentava não poder ir à recita para ouvir sua menina declamar.

— Será que está mesmo úmido demais para este vestido? — perguntou Anne, ansiosa.

— Nem um pouco — afirmou Diana, abrindo as venezianas. — É uma noite perfeita e não cairá sereno nenhum. Dê uma olhada nesse luar!

— Fico muito contente que minha janela seja voltada para o leste, para o nascer do sol. É maravilhoso admirar o amanhecer se estendendo pelas colinas, os raios do sol filtrados pela copa dos abetos afilados. Todas as manhãs é algo novo, e sinto-me como se lavasse a minha própria alma nesse banho de sol matutino. Oh, Diana, eu adoro este pequeno quarto tão querido. Não sei como viverei quando me mudar para a cidade no mês que vem.

— Hoje à noite você está proibida de falar sobre ir embora — implorou Diana. — Não quero pensar nisso, pois fico triste, e hoje quero me divertir. O que você vai recitar, Anne? Está nervosa?

— Nem um pouco. Já me apresentei tantas vezes em público, que já nem ligo. Decidi recitar *O voto da donzela*.³⁷ É bem melancólico. Laura Spencer vai recitar uma peça cômica, mas prefiro fazer as pessoas chorarem.

— O que vai recitar se pedirem bis?

— Não serão loucos de pedir — zombou Anne, que no fundo tinha lá suas esperanças secretas e já se via contando tudo a Matthew no café da manhã. — Billy e Jane chegaram, escutei a charrete. Vamos.

Billy Andrews insistiu para que Anne se acomodasse no assento da frente com ele, o que ela aceitou de má vontade. Teria preferido sentar-se com as meninas, onde poderia rir e conversar. Com Billy, não tinha muito assunto. Era um rapaz grande, gordo e bestalhão de vinte anos, com a cara redonda e inexpressiva, e bem ruim de conversa. Mas admirava Anne imensamente, e estava inchado de orgulho com a perspectiva de guiar até White Sands ao lado daquela figura esguia e elegante.

Anne encontrou um meio de desfrutar do passeio falando sobre o ombro com as meninas sentadas atrás e ocasionalmente dirigindo-se a Billy com certa civilidade. Ele sorria e gargalhava, sem nunca conseguir pensar em uma resposta até que fosse tarde demais. Era uma noite de diversão. A estrada estava cheia de charretes, todas indo para o hotel, e risadas nítidas ecoavam ao longo do caminho. Quando chegaram ao hotel, era um esplendor de luzes de alto a baixo. Foram recebidos pelas senhoras do comitê da récita, e uma delas levou Anne para o camarim dos artistas, que estava repleto de membros do Clube Sinfônico de Charlottetown. Anne se sentiu subitamente tímida entre eles, assustada e meio caipira. Seu vestido,

que no quarto do frontão leste parecera tão delicado e bonito, agora parecia simples e sem graça — simples demais, pensou, entre todas aquelas sedas e laços que brilhavam e farfalhavam ao seu redor. O que eram as suas pérolas comparadas aos diamantes da bela e escultural senhora perto dela? E que pobre sua única rosinha branca devia parecer ao lado de todas as flores de estufa que as outras exibiam. Anne tirou o chapéu e o casaco, e ficou encolhida, intimidada em um canto. Queria voltar para seu quarto branco em Green Gables.

Foi ainda pior sobre o tablado da grande sala de concertos do hotel, onde agora estava. As luzes elétricas ofuscaram seus olhos, o perfume e o murmúrio a deixaram desnorteada. Queria poder se sentar na plateia com Diana e Jane, que pareciam se divertir lá atrás. Ela agora estava comprimida entre uma senhora corpulenta vestida com seda rosa e uma moça alta e com ar entojado em um vestido de renda branca. A senhora corpulenta ocasionalmente se voltava para ela e a inspecionava através dos óculos, até que Anne, irritada com aquilo, teve vontade de gritar. A moça de renda branca continuava a falar em voz alta com a sua vizinha sobre “abóboras caipiras” e as “belas rústicas” no público, antecipando languidamente a “grande diversão” que seria a exposição dos talentos regionais no programa. Anne acreditava que odiaria essa moça de renda branca até o fim da vida.

Infelizmente, para Anne, uma elocucionista profissional estava hospedada no hotel e concordara em recitar. Era uma mulher esbelta, de olhos escuros com um vestido maravilhoso de tecido cinza brilhante como raios de luar trançados, com pedras preciosas no colo e no cabelo escuro. Tinha uma voz admirável e uma expressividade maravilhosa. O público ficou alucinado com o repertório. Anne, esquecendo-se por alguns momentos de si mesma e de seus problemas, escutou com olhos extasiados e brilhantes. Mas quando a declamação terminou, colocou de repente as mãos sobre o rosto. Nunca poderia se levantar e recitar depois daquilo — nunca. Algum dia pensara que fosse capaz de recitar?! Ai, se pudesse estar em Green Gables!

Neste momento pouco propício, seu nome foi chamado. De alguma forma, Anne não percebeu o olhar surpreso e um tanto culpado que a moça de renda branca lançou, e de qualquer forma não teria entendido o elogio sutil implicado nele. Levantou-se e dirigiu-se, zonzona, para o palco. Estava tão pálida que Diana e Jane, na plateia, apertavam as mãos uma da outra com uma empatia nervosa.

Anne foi vítima de um esmagador ataque de medo de palco. Mesmo já tendo recitado em público várias vezes, nunca havia enfrentado uma audiência assim, e a visão da plateia paralisou suas energias. Tudo era muito estranho, brilhante e desconcertante — as fileiras das senhoras em

vestidos de noite, as expressões críticas, toda a atmosfera da riqueza e de cultura pairava sobre ela. Era tudo muito diferente dos bancos lisos do Clube de Debates, preenchidos com os rostos familiares e solidários de amigos e vizinhos. Aquelas pessoas, pensava ela, seriam críticos impiedosos. Talvez, tal como a moça da renda branca, já haviam antecipado a diversão à custa dos seus esforços “rústicos”. Sentiu-se irremediável e desesperadamente envergonhada. Seus joelhos tremiam, seu coração palpitava, sentiu-se prestes a perder os sentidos. Não conseguia proferir nem uma palavra, e esteve a ponto de fugir do palco, apesar da humilhação que, sabia, seria para todo o sempre sua cruz.

Mas de repente, quando olhou para a audiência com seus olhos dilatados e assustados, avistou Gilbert Blythe no fundo da plateia, curvado para a frente com um sorriso no rosto — um sorriso que pareceu a Anne ao mesmo tempo triunfante e provocador. Na realidade, não era nada disso. Gilbert apenas sorria apreciando o evento de maneira geral e, em particular, do efeito produzido pela esbelta figura de Anne com suas feições angelicais contra as palmeiras do cenário. Josie Pye, que viera junto com ele, estava ao seu lado, e sua expressão, essa sim, era de fato triunfante e provocadora. Mas Anne não chegou a ver Josie e não se importaria com ela de qualquer forma. Respirou fundo e ergueu a cabeça com orgulho. Coragem e determinação reverberavam nela como um choque

elétrico. Ela não seria um fiasco diante de Gilbert Blythe — ele nunca riria dela, nunca, nunca! O medo e o nervosismo desvaneceram, e ela começou a recitar, fazendo sua voz clara e doce chegar ao canto mais distante da sala sem sequer um tremor ou pausa. A autoconfiança fora totalmente restaurada e, como que para compensar seu terrível momento de impotência, recitou como nunca antes. Quando terminou, uma explosão de aplausos sinceros repercutiu.

Anne, voltando ao seu assento, corada de timidez e satisfação, teve sua mão firmemente apertada e sacudida pela senhora robusta em seda rosa.

— Minha querida, você se saiu esplendidamente! Chorei como um bebê, de verdade. Estão pedindo bis! Querem que você volte!

— Oh, não posso ir — respondeu Anne, confusa. — Mas ainda assim, eu devo, ou Matthew ficará desapontado. Ele disse que pediriam bis.

— Então, não desaponte Matthew — pediu a senhora de rosa, rindo.

Corada e com o olhar límpido, Anne voltou ao palco e recitou uma curta seleção pitoresca e engraçada, que cativou seu público ainda mais. O resto da noite foi só triunfos para ela.

Quando a récita terminou, a exuberante senhora de rosa, esposa de um milionário americano, levou-a de braços dados e a apresentou a todos. As pessoas foram

muito gentis. A elocucionista, sra. Evans, aproximou-se e conversou com ela, dizendo-lhe que tinha uma voz encantadora e que fizera uma belíssima interpretação. Até mesmo a moça de renda branca fez um pequeno elogio de passagem. Cearam no salão lindamente decorado. Diana e Jane foram chamadas a participar, pois eram convidadas de Anne, mas não se encontrava Billy em lugar nenhum, que escapuliu com um medo incontrolável de socializar. No entanto, quando estava tudo terminado e as três meninas saíram contentes sob o luar que irradiava uma calma esbranquiçada, ele esperava por elas lá fora. Anne respirou profundamente e olhou para o céu límpido além dos galhos escuros dos abetos.

Ah, como era bom estar de novo na pureza e no silêncio da noite! Que grandioso, imóvel e maravilhoso era tudo aquilo, com o murmúrio do mar e as falésias sombrias mais além, como gigantes sinistros, guardiões das costas encantadas.

— Não foi uma ocasião perfeitamente esplêndida? — suspirou Jane, na volta. — Queria ser uma americana rica para passar o verão em um hotel, usar joias e vestidos decotados, tomar sorvete e comer salada de frango todo santo dia. Tenho certeza de que seria muito mais divertido do que lecionar na escola. Anne, sua apresentação foi simplesmente sublime, embora no início pensei que você não conseguiria nem começar. Para mim, você foi melhor que a sra. Evans.

— Ah, não, não diga uma coisa destas, Jane — replicou Anne de pronto —, porque soa bobo. Eu não poderia ser melhor do que a sra. Evans, sabe, ela é uma profissional e eu sou apenas uma estudante com alguma aptidão. Estou bastante satisfeita só de as pessoas terem gostado de mim.

— Tenho um elogio para você, Anne — anunciou Diana. — Pelo menos, acho que foi, pelo modo como foi dito. Parte era, sem dúvida. Havia um americano sentado atrás de nós duas, um homem de aparência muito romântica, com cabelos e olhos preto-carvão. Josie Pye diz que é um artista ilustre, e que a prima de sua mãe, de Boston, é casada com um homem que frequentava a escola com ele. Bem, nós o ouvimos dizer, não foi, Jane? “Quem é essa menina no palco com esses magníficos cabelos ticianos? Ela tem um rosto que eu gostaria de pintar.” E foi isso, Anne. Você sabe o que significa cabelo ticiano?

— Por associação, significa vermelho claro, eu acho — riu Anne. — Ticiano foi um artista muito famoso que gostava de pintar mulheres ruivas.

— Viram todos aqueles diamantes que as senhoras usavam? — suspirou Jane. — Eram simplesmente deslumbrantes. Não gostariam de ser ricas, meninas?

— Nós somos ricas — contestou Anne, convicta. — Ora, temos dezesseis anos a nosso favor, somos felizes como rainhas e todas temos imaginação, umas mais outras menos. Olhem para esse mar, meninas, todo prateado e sombreado, o mistério das coisas que não se veem.³⁸ Não

poderíamos desfrutar melhor esta beleza nem se tivéssemos milhões de dólares e colares de diamantes. Você não gostaria de ser uma daquelas mulheres, mesmo se pudesse. Gostaria de ser aquela moça de renda branca e ter aquele aspecto amargo por toda a sua vida, com o nariz empinado para o mundo? Ou a senhora de rosa, amável e agradável como é, mas tão troncada e baixinha que nada lhe cai bem? Ou mesmo a sra. Evans, com aquele olhar extremamente triste? Ela deve ter sido terrivelmente infeliz em algum momento da vida, para ter um olhar assim. Você bem sabe que não trocaria, Jane Andrews!

— Eu realmente *não* sei — disse Jane, sem se convencer. — Penso que os diamantes são um bom consolo para essas pessoas.

— Bom, eu não quero ser ninguém além de mim mesma, mesmo que eu fique sem diamantes por toda a vida — declarou Anne. — Estou bastante satisfeita por ser Anne, de Green Gables, com o meu colar de pérolas. Sei que Matthew me deu as pérolas com muito amor, como duvido que jamais fizeram à senhora de rosa com suas joias.

UMA MENINA DA ACADEMIA DA RAINHA

As três semanas seguintes foram atarefadas em Green Gables, pois Anne se preparava para ir à Academia da Rainha e havia muito a ser feito, combinado e providenciado. Suas roupas eram variadas e bonitas, pois Matthew cuidara disso e, daquela vez, Marilla, não criticara nada que ele havia comprado ou sugerido. E mais: certa noite ela subiu ao quarto do frontão leste com um delicado tecido verde-pálido nos braços.

— Anne, esta fazenda dará um belo vestido leve para você. Não que realmente precise, você já tem muita coisa. Mas achei que você gostaria de um realmente elegante para usar, caso seja convidada para ir a algum lugar à noite, uma festa ou coisa assim. Ouvi dizer que Jane, Ruby e Josie têm “vestidos de noite”, como elas chamam, e não quero que você se sinta diminuída. Na semana passada, pedi que a sra. Allan me ajudasse a escolher um tecido na cidade, e pediremos que Emily Gillis o costure. Emily tem bom gosto e seus moldes são inigualáveis.

— Oh, Marilla, é simplesmente lindo! Muito obrigada. Não precisa ser assim tão boa comigo. Isso torna minha partida ainda mais difícil.

O vestido verde foi feito com o máximo de dobras, babados e franzidos, sempre dentro dos limites do bom

gosto de Emily. Anne vestiu-o certa noite para que Matthew e Marilla o admirassem e recitou *O voto da donzela* para eles na cozinha. Enquanto Marilla observava aquele rosto vivaz e animado e seus movimentos graciosos, lembrou a noite em que Anne chegara a Green Gables, e a memória trouxe uma imagem vívida da criança estranha e assustada em seu descabido vestido marrom-caramelo de flanela grosseira, com uma aparência desolada atrás dos olhinhos marejados. Essa recordação fez os olhos de Marilla também se encherem de lágrimas.

— Aposto que minha declamação a fez chorar, Marilla — disse Anne alegremente, aproximando-se da poltrona para lhe dar um beijo estalado no rosto. — Isso é o que eu chamo de um verdadeiro triunfo.

— Não, eu não estava chorando por causa do seu poema — explicou Marilla, que nunca demonstraria fraqueza diante de algo poético. — Só não consegui evitar de pensar naquela menininha que você costumava ser, Anne. Gostaria que você ficasse menininha para sempre, mesmo com todas aquelas suas esquisitices. Agora você está crescida e vai embora. Está tão alta e elegante, e assim... tão... tão completamente diferente nesse vestido. É como se absolutamente não pertencesse a Avonlea. E eu me senti solitária ao pensar nisso.

— Marilla! — Anne sentou-se em seu colo sobre o vestido quadriculado, tomou o rosto marcado de Marilla entre as mãos e fitou-a nos olhos, com seriedade e afeto. —

Não mudei em nada, não no meu íntimo. Estou apenas brotando e desabrochando. Minha essência, aqui dentro de mim, é exatamente a mesma. Não fará nenhuma diferença para onde eu vá ou quanto eu cresça. Dentro do coração serei sempre sua pequena Anne, que irá amá-la, amar Matthew e a querida Green Gables cada vez mais, a cada dia, a vida toda.

Anne encostou seu rosto jovem no rosto abatido de Marilla e conseguiu alcançar, com uma das mãos, o ombro de Matthew. Marilla teria dado tudo para possuir a capacidade de Anne de colocar os sentimentos em palavras. Porém, sua natureza e o hábito a moldaram de outra forma, e só o que podia fazer era colocar os braços em torno de sua menina e segurá-la ternamente junto ao peito, desejando que nunca precisasse deixá-la partir.

Matthew, com uma umidade suspeita nos olhos, levantou-se e saiu porta afora. Sob as estrelas da noite azul do verão, cruzou apressado o pátio até o portão sob os álamos.

— Ora, bem, acho que ela não foi muito mimada — murmurou, orgulhoso. — Acho que minhas intromissões ocasionais não causaram muito dano, no final das contas. Ela é inteligente e bonita, e também é amorosa, o que é melhor que todo o resto. Ela tem sido uma bênção para nós, e nunca houve no mundo um erro mais afortunado do que aquele que a sra. Spencer cometeu, se é que foi por acaso. Não acredito em sorte ou acaso. Foi a Divina

Providência, porque o Todo-Poderoso viu que precisávamos dela, penso eu.

O dia de Anne ir para a cidade finalmente chegou. Ela e Matthew partiram em uma bela manhã de setembro, depois da despedida chorosa a Diana e um outro adeus, pragmático e enxuto, a Marilla — da parte de Marilla, pelo menos. Mas quando Anne partiu, Diana secou as lágrimas e foi a um piquenique na praia em White Sands com alguns de seus primos de Carmody, o que a ajudou a aceitar melhor o fato, mas Marilla atirou-se ferozmente às tarefas desnecessárias e passou o dia todo assim, com o tipo mais amargo de dor de cabeça — aquela que queima e corrói, e não pode ser curada com lágrimas. Naquela noite, quando Marilla foi para a cama, estava triste e muito consciente de que o pequeno quarto do frontão leste no final do corredor fora despojado de uma jovem vida intensa e de seu respirar suave. Enterrou o rosto no travesseiro e chorou por sua menina, com soluços tão profundos que até se surpreendeu. Quando mais calma, refletiu que tal sentimento por uma criatura pecadora não parecia correto.

Anne e o resto dos estudantes de Avonlea chegaram à cidade em cima da hora e tiveram de se apressar à Academia. O primeiro dia foi agradável, uma roda-viva de empolgações. Conheceram os novos alunos e alguns professores de vista, e foram organizados nas classes. Anne pretendia pular para o segundo ano, seguindo o conselho da srta. Stacy. Gilbert Blythe também tinha notas

boas o suficiente para fazer o mesmo. Isso significava obter a licenciatura em um ano em vez de dois, caso fossem bem-sucedidos. Mas também significava uma carga de estudos muito maior. Jane, Ruby, Josie, Charlie e Moody Spurgeon não tinham a mesma escolha, e contentavam-se em estudar por dois anos. Anne se conscientizou da dor da solidão ao se encontrar em uma sala com outros cinquenta alunos desconhecidos, exceto o menino alto de cabelos castanhos do outro lado da sala. Refletiu, pessimista, que sabendo bem como ele era, não aliviaria em nada. No entanto, não podia negar seu contentamento por estarem na mesma classe. A velha rivalidade continuaria, pois do contrário, Anne dificilmente saberia o que fazer.

“Não me sentiria confortável sem um rival”, pensou. “Gilbert parece extremamente determinado. Aposto que neste momento está decidindo se vai tentar ganhar a medalha. Que esplêndido formato de queixo ele tem! Não tinha notado isso antes. Queria que Jane e Ruby também pudessem entrar como Primeira Classe. Entretanto, suponho que não me sentirei assim tão deslocada, feito cachorro em dia de mudança, quando eu me enturmar com alguns dos alunos. Qual dessas meninas será minha amiga? É realmente uma especulação interessante. Claro que prometi a Diana que mesmo que eu faça amizade com alguma garota da Academia, nenhuma será tão querida para mim como ela é, mas tenho vários segundos lugares a oferecer. Gosto do olhar daquela menina com os olhos

castanhos e a blusa carmesim. Ela parece alegre e tem as maçãs do rosto bem rosadas. Tem aquela loira e pálida, olhando para fora pela janela. Tem um cabelo bonito, e pela sua expressão, parece conhecer a respeito de sonhos. Eu gostaria de conhecer ambas bem o suficiente para andar por aí com o braço em suas cinturas e chamá-las pelos apelidos. Mas, neste momento, eu não as conheço e elas não me conhecem. Provavelmente não têm nenhum motivo específico para quererem me conhecer. Oh, é tão solitário!”

Anne sentiu-se ainda mais solitária em seu quarto no corredor, naquele fim de tarde. Não estava alojada com as outras meninas, pois todas tinham parentes próximos que se ofereceram para hospedá-las. A srta. Josephine Barry teria feito o mesmo por ela, mas Beechwood ficava tão longe da Academia que isso estava fora de cogitação. Por isso, a srta. Barry conseguiu uma pensão, garantindo a Matthew e Marilla que era o lugar ideal para Anne.

— A senhora que a gerencia é uma mulher das mais educadas — explicou a srta. Barry. — O marido era um oficial britânico, e ela é muito cuidadosa com o tipo de hóspedes que aceita. Debaixo de seu teto, Anne não terá contato com ninguém suspeito. A comida é boa, e a casa fica perto da Academia, em um bairro tranquilo.

Tudo isso era verdade, mas não aliviou os primeiros surtos de saudade que se abateram sobre Anne. Seu quatinho estreito, o papel de parede sem graça, a ausência

de quadros, a pequena cama de ferro e a estante de livros vazia, tudo lhe parecia deprimente. Sentia um terrível nó na garganta ao lembrar de seu quarto branco em Green Gables, onde estaria agradavelmente consciente da existência da grande extensão verde lá fora, das ervilhas-de-cheiro crescendo no jardim, do luar caindo sobre o pomar, do riacho abaixo da encosta e, atrás dele, dos galhos de abeto que balançam ao vento noturno, do vasto céu estrelado e da luz da janela de Diana piscando entre as árvores. Ali não havia nada disso. Anne sabia que além da janela havia uma rua dura, com uma rede de fios de telefone que obstruía o céu, o trotar de pés desconhecidos e o brilho de mil luzes em rostos desconhecidos. Sentiu vontade de chorar e lutou contra isso.

“Não vou chorar. É bobo, é uma fraqueza. E eis que a terceira lágrima escorre pelo meu nariz. Há mais a caminho! Tenho de pensar em algo engraçado para estancá-las. Mas não há nada de engraçado, a não ser coisas relacionadas a Avonlea, e isso só torna tudo pior. Quatro... cinco... Vou para casa na próxima sexta-feira, mas parece que faltam cem anos. Oh, Matthew deve estar indo para casa agora, e Marilla deve estar no portão, perscrutando a alameda à sua espera. Seis... sete... oito... Ai, ficar contando não adianta nada! Já é um rio de lágrimas. Não consigo me animar, *não quero* me animar. É melhor ser infeliz!”

O dilúvio de lágrimas sem dúvida teria chegado, não fosse Josie Pye aparecer naquele exato momento. A alegria em ver um rosto familiar fez Anne se esquecer de que nunca se deram muito bem. Sendo parte da vida de Avonlea, até mesmo uma Pye era bem-vinda.

— Estou muito feliz que tenha vindo — disse Anne com sinceridade.

— Você estava chorando — comentou Josie, com uma compaixão irritante. — Imagino que esteja com saudades de casa. Algumas pessoas não conseguem se controlar muito bem! Não tenho a intenção de ficar nostálgica, garanto. A cidade é alegre demais, comparada à velha e insignificante Avonlea. Não sei como consegui resistir por tanto tempo lá. Você não deve chorar, Anne. Não é bom, porque o nariz e os olhos ficam vermelhos, e aí você fica *inteirinha* vermelha! Foi delicioso e formidável na Academia hoje. Nosso professor de francês é simplesmente incrível. Seu bigode é lindo de morrer. Você tem algo para comer por aqui, Anne? Estou morrendo de fome! Ah, achei que talvez Marilla tivesse mandado um bolo. Foi por isso que vim. Caso contrário, eu teria ido ao parque para assistir a Frank Stockley tocar com a banda. Ele se hospeda no mesmo lugar que eu e é divertido. Ele notou você na classe hoje e me perguntou quem era a menina ruiva. Contei a ele que era uma órfã adotada pelos Cuthbert e que não se sabe muito sobre você antes disso.

Bem quando Anne já considerava que, no final das contas, a solidão e as lágrimas talvez fossem mais agradáveis do que a companhia de Josie Pye, Jane e Ruby apareceram. Ambas tinham uma fita de uns cinco centímetros nas cores da Academia — roxo e vermelho — fixada orgulhosamente no casaco. Como Josie não estava “falando” com Jane naqueles tempos, teve de controlar seu tom insidioso.

— Bem — disse Jane com um suspiro —, sinto como se eu tivesse vivido muitos dias em um, desde hoje de manhã. Eu deveria estar em casa estudando Virgílio, porque aquele professor velho e horrendo nos deu vinte linhas para começarmos já amanhã. Mas esta noite simplesmente não consegui ficar sentada para estudar. Anne, acho que vejo sinais de choro. Se você chorou, confesse! Isso restaurará o meu amor-próprio, porque eu estava me esvaindo em lágrimas até Ruby chegar. Não me importo de ser uma tonta, se mais alguém também for. Tem bolo? Vai me dar um pedacinho, não vai? Obrigada. Tem o verdadeiro sabor de Avonlea.

Ruby, notou o calendário da Academia sobre a mesa e quis saber se Anne tinha a intenção de tentar a medalha de ouro.

Anne ficou ruborizada e admitiu que estava pensando no caso.

— Ah, isso me faz lembrar — disse Josie — que a Academia deverá conseguir uma das bolsas de estudo

Avery, afinal. A notícia chegou hoje. Foi Frank Stockley quem me contou. O tio dele faz parte do conselho da diretoria, sabiam? Será anunciado na Academia amanhã.

Uma bolsa de estudos Avery! Anne sentiu o coração bater mais depressa, e os horizontes de sua ambição se ampliaram e mudaram de direção como por magia. Antes de ouvir a boa nova de Josie, o ponto mais alto das aspirações de Anne seria uma licenciatura regional como professora de Primeira Classe e, no final do ano, talvez a medalha. Mas agora Anne se via ganhando a bolsa de estudos Avery, cursando artes na Universidade Redmond e formando-se com a beca e o barrete doutoral, mesmo antes do eco das palavras de Josie se desvanecer. Como a bolsa Avery era em inglês, Anne sentiu que estaria pisando em solo firme.

Um rico industrial de Nova Brunswick morrerá, deixando parte de sua fortuna para a concessão de um grande número de bolsas de estudo a serem distribuídas entre as várias escolas de ensino médio e academias das Províncias Marítimas, de acordo com suas respectivas classificações. Havia muita dúvida se alguma seria alocada à Academia da Rainha, mas o assunto foi por fim resolvido e, no final do ano, o formando que conseguisse a nota mais alta em inglês e em literatura inglesa ganharia a bolsa — duzentos e cinquenta dólares por ano durante quatro anos, na Universidade Redmond. Não era de se admirar que

Anne tivesse ido para a cama naquela noite com o rosto formigando!

“Se depender do meu esforço, ganharei essa bolsa”, decidiu-se. “Matthew ficaria muito orgulhoso se eu tivesse um diploma universitário. Ah, é tão bom ter ambições! Fico contente por ter tantas. E parece que elas nunca acabam, o que é o melhor de tudo. Assim que realizamos um sonho, vemos outro brilhando ainda mais alto. Isso faz com que a vida seja sempre muito interessante!”

O INVERNO NA ACADEMIA DA RAINHA

A saudade de Anne foi diminuindo, em grande parte devido aos finais de semana que passava em casa. Enquanto o clima bom durava, os estudantes de Avonlea chegavam a Carmody pelo novo trecho da ferrovia todas as sextas-feiras à noite. Diana e vários outros jovens de estavam geralmente de prontidão para encontrá-los, e caminhavam juntos até Avonlea fazendo festa. Anne achava que aquelas andanças nas noites de sexta-feira, sobre as douradas colinas outonais no ar fresco, com as luzes de Avonlea mais além, eram as melhores e mais queridas horas de sua semana.

Gilbert Blythe quase sempre caminhava com Ruby Gillis e carregava sua bolsa. Ruby era uma moça muito bonita, e agora se considerava realmente crescida, como de fato era. Vestia saias tão longas quanto sua mãe permitisse e na cidade prendia o cabelo no alto, embora tivesse que soltá-lo ao voltar para casa. Tinha olhos grandes, brilhantes e azuis, a pele bonita e o corpo carnudo e chamativo. Ria muito, era alegre e bem-humorada, e apreciava abertamente as coisas boas da vida.

— Mas achava que ela não era o tipo de moça de que Gilbert gosta — cochichou Jane para Anne.

Anne concordava, mas não diria algo assim nem por uma bolsa de estudos Avery. Além disso, também pensava

que seria muito bom ter um amigo como Gilbert para fazer piadas e conversar, trocar ideias sobre livros, os estudos e suas ambições. Gilbert tinha ambições, ela sabia, e Ruby Gillis não parecia o tipo de pessoa com quem tal assunto pudesse ser discutido de forma produtiva.

Anne não tinha sentimentos tolos em relação a Gilbert. Os meninos eram para ela apenas possíveis bons companheiros, isso quando chegava a pensar neles. Se fosse amiga de Gilbert, não ligaria para quantos outros amigos ele tivesse nem com quem ele andasse. Ela tinha um dom para a amizade e tinha muitas amigas. Contudo, considerava vagamente que uma amizade masculina seria útil para complementar os conceitos de companheirismo e fornecer pontos de vista mais amplos para julgar e confrontar temas. Não que Anne conseguisse definir seus sentimentos em relação àquela questão de forma tão clara. Mas achava que se Gilbert caminhasse com ela da estação até em casa, através dos campos frescos e ao longo das trilhas de samambaias, poderiam ter conversas alegres e interessantes sobre o novo mundo que se abria para eles, suas esperanças e ambições. Gilbert era um rapaz esperto, com ideias próprias e determinação para obter o melhor da vida e dar o melhor de si. Ruby Gillis contou a Jane Andrews que não entendia metade das coisas que Gilbert Blythe dizia. Ele falava exatamente como Anne Shirley em suas explosões de ideias e, de sua parte, não achava nada divertido ter de ficar às voltas com livros e coisas assim

quando não era obrigada. Frank Stockley era muito mais divertido e animado, mas nem de longe tão bonito como Gilbert, e ela realmente não conseguia se decidir de qual dos dois gostava mais.

Na Academia, Anne gradualmente fez um pequeno círculo de amizades, estudantes dedicados, criativos e ambiciosos como ela. Logo se tornou íntima da “rósea” Stella Maynard e da “sonhadora” Priscilla Grant, esta última uma mocinha pálida de aparência angelical, com a qual brincava e se divertia, enquanto a vívida Stella, de olhos negros, tinha o coração cheio de sonhos e fantasias melancólicas, tão vagas e coloridas como as da própria Anne.

Após o feriado do Natal, os estudantes de Avonlea desistiram de voltar para casa nas sextas-feiras e dedicaram-se arduamente aos estudos. Àquela altura, todos os alunos da Academia já haviam se enquadrado em suas próprias classificações e categorias, e as várias classes haviam assumido nuances distintas e bem definidas. Certos fatos eram amplamente aceitos. Admitia-se que os concorrentes para a medalha haviam praticamente se estreitado em três: Gilbert Blythe, Anne Shirley e Lewis Wilson. Havia mais dúvida sobre a bolsa de estudos Avery, sendo que qualquer um dentre seis competidores poderia ser o vencedor em potencial. A medalha de bronze em matemática foi considerada ganha por um menino do

interior, obeso e engraçado, com uma testa proeminente e o casaco remendado.

Ruby Gillis foi eleita a menina mais bonita do ano na Academia. Na classe do Segundo Ano, Stella Maynard levou o prêmio de beleza, com uma pequena, porém crucial minoria favorável a Anne Shirley. Ethel Marr foi considerada por juízes competentes como a dona dos penteados mais extravagantes, e Jane Andrews — a simples, esforçada e lúcida Jane — levou as honras do curso de economia doméstica. Até mesmo Josie Pye alcançou um certo destaque, como a jovem de língua mais afiada da Academia. Por tudo isso, podia-se afirmar, com certa imparcialidade, que os antigos alunos da srta. Stacy marcavam presença na abrangente arena do curso acadêmico.

Anne estudou sem descanso. Sua rivalidade com Gilbert era tão intensa como em Avonlea, embora esse fato não fosse de conhecimento geral da classe. Mas, de alguma forma, a amargura desaparecera. Anne já não queria apenas derrotar Gilbert, mas sim conquistar uma vitória sobre um adversário digno. Desejava a vitória, mas já não pensava que a vida seria insuportável caso não ganhasse.

Mesmo com as aulas, os alunos encontravam oportunidades para se divertir. Anne passou muitas de suas horas livres em Beechwood, onde aos domingos geralmente almoçava e ia à igreja com a srta. Barry que, apesar de reconhecer que estava envelhecendo, seus olhos

negros não perdiam o foco, tampouco sua língua perdia o vigor. Ela, porém, nunca usava sua língua afiada contra Anne, que continuava a ser a favorita da velha dama tão crítica.

“Essa menina Anne se aprimora constantemente”, constatou ela. “Eu me canso das outras meninas, há uma mesmice irritante e eterna nelas. Anne tem tantos tons como o arco-íris, e cada tom é mais bonito. Não sei se ela é tão divertida como quando era criança, mas faz com que eu goste dela, e gosto de pessoas que me fazem gostar delas. Isso me poupa do problema de me forçar a gostar delas.”

Então, antes que alguém se desse conta, a primavera chegara. Em Avonlea, as flores-de-maio já espreitavam, róseas, do solo ressecado onde a neve ainda persistia, e a “névoa de verde” se espalhava sobre os bosques e pelos vales. Mas em Charlottetown, os alunos da Academia, exauridos, só pensavam nos exames.

— Parece quase impossível que o ano letivo esteja terminando — disse Anne. — Ora, no último outono, parecia que duraria para sempre. Um inverno inteiro de estudos e aulas. E aqui estamos, com provas já na semana que vem. Meninas, às vezes sinto como se esses exames significassem tudo, mas quando olho para os grandes botões inchados nesses castanheiros e para o céu azul enevoadado no horizonte das ruas, já não me parecem tão importantes.

Jane, Ruby e Josie, que haviam aparecido, não compartilhavam dessa opinião. Para elas, os exames eram sempre importantíssimos — muito mais importantes do que os botões dos castanheiros ou as brumas de maio. Anne não tinha essa preocupação pois sabia que seria aprovada. Mas pensar que todo o seu futuro dependia dos exames — como as meninas realmente pensavam — era filosoficamente impossível.

— Perdi três quilos nas últimas duas semanas — suspirou Jane. — Não adianta dizerem para eu não me preocupar. Eu me preocupo. A preocupação ajuda um pouco, parece que preocupar-se já é fazer algo. Seria terrível não conseguir a licenciatura, depois de ficar na Academia o inverno inteiro e gastar tanto dinheiro.

— Eu não ligo — contestou Josie. — Se eu não passar este ano, volto no próximo. Meu pai pode pagar por mais um ano letivo. Anne, Frank Stockley contou que o professor Tremaine tem certeza de que Gilbert Blythe ganhará a medalha, e Emily Clay provavelmente ficará com a bolsa de estudos Avery.

— Isso pode até fazer com que eu me sinta mal amanhã, Josie — riu Anne —, mas neste momento sinto sinceramente que, desde que eu saiba que as violetas estão florescendo, todas púrpuras, na baixada de Green Gables, e que os brotos de samambaias estão se desenrolando na Alameda dos Enamorados, não faz muita diferença se eu ganhar a Avery ou não. Fiz o meu melhor e começo a

compreender o que se entende por “o prazer da luta”. Depois de se esforçar e ganhar, a segunda melhor coisa é se esforçar e não conseguir. Meninas, não vamos falar sobre os exames! Vejam só aquele trecho de céu verde-claro sobre as casas e imaginem como ele deve estar sobre os bosques de faias violeta em Avonlea.

— O que vai vestir na formatura, Jane? — perguntou Ruby, pragmática.

Jane e Josie responderam de pronto, e a conversa derivou para o turbilhão da moda. Mas Anne, com os cotovelos apoiados no parapeito da janela, a face macia entre as mãos fechadas, os olhos cheios de visões, olhava para fora, desatenta, por sobre os telhados da cidade e os pináculos dos edifícios, para a gloriosa cúpula do céu ao pôr do sol, e tecia seus sonhos de um futuro plausível a partir do tecido dourado do otimismo próprio da juventude. O além lhe pertencia, com suas possibilidades em tons de rosa nos anos vindouros — todos os anos, uma rosa promissora a ser tecida em uma guirlanda imortal.

A GLÓRIA E O SONHO

Na manhã em que os resultados finais dos exames seriam afixados no quadro de avisos da Academia da Rainha, Anne e Jane caminhavam juntas pela rua. Jane sorria feliz. As provas haviam terminado, e ela estava bastante segura de que pelo menos passaria. Nenhuma outra consideração a incomodava, absolutamente. Não tinha nenhuma ambição acima do normal e, conseqüentemente, não era afetada pela ansiedade da espera. Porque todos pagam um preço por tudo o que conseguem ou tomam neste mundo. Embora valha a pena ter ambições, elas não se deixam alcançar com facilidade, mas sim com muito trabalho e abnegação, ansiedade e desalento. Anne estava pálida e silenciosa. Em dez minutos, conheceria o vencedor da medalha e da bolsa Avery. Naquele momento, além dos dez minutos de espera, não parecia haver qualquer outra coisa que valesse a pena ser chamada de “tempo”.

— É claro que você ganhará uma delas, sem dúvida — disse Jane, que não entendia como os acadêmicos poderiam cometer a injustiça de tomar uma decisão diferente.

— Não tenho esperanças quanto à bolsa Avery. Todos estão dizendo que Emily Clay vai ganhar. Eu não vou me aproximar do quadro de avisos e olhar para ele diante de

todos. Não tenho tanta coragem nem força de espírito. Vou diretamente para o vestiário feminino. Você vai ler o comunicado e, em seguida, correr para me contar, Jane. Imploro a você, em nome da nossa velha amizade, que faça isso o mais rapidamente possível. Se eu não tiver conseguido, pode me dizer diretamente, sem panos quentes. O que quer que aconteça, não fique com pena de mim. Prometa, Jane.

Jane prometeu solenemente. Mas, do jeito como tudo se passou, não havia necessidade de tal promessa. Quando subiram os degraus de entrada da Academia, encontraram o salão cheio de rapazes que carregavam Gilbert Blythe sobre os ombros e gritavam a plenos pulmões: “Viva Blythe, o medalhista!”.

Por um momento, Anne sentiu o amargor da derrota e da decepção. Então ela falhara e Gilbert ganhara! Bem, Matthew ficaria desapontado, pois tinha certeza de que ela venceria.

Foi quando alguém berrou:

— Três vivas para a srta. Shirley, vencedora da bolsa Avery!

— Ah, Anne — ofegou Jane, ao voarem para o vestiário feminino, em meio à comemoração. — Oh, Anne, estou tão orgulhosa! Não é maravilhoso?

Então as meninas as rodearam, e Anne era o centro de um grupo que ria e a cumprimentava. Sacudiam seus ombros e apertavam forte as suas mãos. Ela foi empurrada,

puxada e abraçada e, no meio de tudo aquilo, conseguiu sussurrar para Jane:

— Ah, como Matthew e Marilla ficarão satisfeitos! Tenho de escrever imediatamente e dar as notícias.

A formatura era o próximo acontecimento importante. Os ensaios foram realizados no salão de eventos da Academia. Fizeram discursos, leram ensaios, cantaram canções, entregaram diplomas, prêmios e medalhas perante o público.

Matthew e Marilla estavam presentes, com olhos e ouvidos voltados apenas para uma certa aluna no tablado — uma moça de vestido verde-claro, com o rosto suave e corado, e o olhar sonhador —, que leu a melhor redação e para quem apontavam e sussurravam como sendo a vencedora da bolsa de estudos Avery.

— Imagino que esteja contente por termos ficado com ela, Marilla — cochichou Matthew, falando pela primeira vez desde que entrara no salão, quando Anne terminou sua leitura.

— Não é a primeira vez que fico contente — afirmou Marilla. — Você gosta de esfregar isso no meu nariz, Matthew Cuthbert.

A srta. Barry, sentada atrás deles, inclinou-se para a frente e cutucou Marilla nas costas com a sombrinha.

— Não estão orgulhosos dessa menina Anne? Eu estou.

Naquela noite, Anne voltou para Avonlea com Matthew e Marilla. Não retornava desde abril, e sentia que não poderia esperar nem mais um dia. As flores brotavam nas macieiras, e o mundo estava fresco e rejuvenescido. Diana estava em Green Gables para recebê-la. Em seu quarto branco, onde Marilla havia colocado um vaso com uma rosa desabrochando sobre o parapeito da janela, Anne olhou para Diana e deu um longo suspiro de felicidade.

— Ah, Diana, é tão bom estar de volta. É tão bom ver aqueles abetos pontudos destacando-se contra o céu rosa e intenso; e este pomar todo branco, e a velha Rainha da Neve. Não é delicioso esse aroma de hortelã? E aquela rosa-chá? Ora, é um canto, uma esperança e uma oração condensados em uma coisa só. E é tão bom estar com você de novo, Diana!

— Pensei que gostasse mais de Stella Maynard do que de mim — disse Diana, em tom de censura. — Josie Pye me contou que você se encantou com sua nova amiga.

Anne riu e atacou Diana com os lírios-canadenses já murchos de seu buquê.

— Stella Maynard é a menina mais querida do mundo com exceção de uma, que é você, Diana. — Adoro você mais do que nunca e tenho tanta coisa para lhe contar. Mas neste exato momento, já é bom demais ficar aqui sentada e olhar para você. Acho que estou cansada... cansada de estudar e de ter ambições. Quero passar pelo menos duas

horas, amanhã, deitada na grama do pomar, sem pensar em absolutamente nada.

— Você se saiu excepcionalmente bem, Anne.

Suponho que não irá dar aulas agora, já que ganhou a bolsa Avery, não é mesmo?

— Não vou. Irei para Redmond em setembro. Não é maravilhoso? Terei então um estoque de ambições novo em folha, após esses três gloriosos meses dourados de férias pela frente. Jane e Ruby darão aula. Não é esplêndido constatar que todos nós conseguimos passar, até mesmo Moody Spurgeon e Josie Pye?

— Os administradores da escola de Newbridge já ofereceram o cargo a Jane — comentou Diana. — Gilbert Blythe também será professor. É o melhor que ele faz. No fim das contas, seu pai não pode pagar pela faculdade no ano que vem, o que significa que ele terá de ganhar seu próprio dinheiro. Espero que ele consiga entrar na escola daqui, se a srta. Ames decidir sair.

Anne sentiu um desgosto estranho com a surpresa. Não sabia nada daquilo. Esperava que Gilbert também fosse para Redmond. O que ela faria sem sua rivalidade inspiradora? Talvez não se saísse bem, pois mesmo em uma faculdade mista e com a perspectiva de uma graduação de verdade, tudo seria muito chato sem seu “rival-amigo”.

No dia seguinte, no café da manhã, Anne subitamente percebeu que Matthew não parecia bem. Certamente estava muito mais grisalho do que um ano antes.

— Marilla — perguntou hesitante, quando ele saiu —, Matthew está bem?

— Não, ele não está — respondeu Marilla, perturbada. — Andou tendo taquicardias na primavera, porém não se resguarda nem um pouquinho. Estou preocupada de verdade com ele, mas ultimamente tem estado um pouco melhor. Contratamos um bom empregado, por isso espero que ele descanse um pouco e se recupere. Talvez ele faça isso, agora que você está em casa. Você sempre o anima.

Anne inclinou-se sobre a mesa e apanhou o rosto de Marilla em suas mãos.

— Também não me parece assim tão bem como eu gostaria de vê-la, Marilla. Está com um aspecto cansado. Lamento que esteja trabalhando tanto. Deve descansar, agora que estou em casa. Só vou tirar este dia de folga para visitar meus velhos e queridos lugares e desenterrar meus sonhos antigos. Em seguida, será a sua vez de ficar de folga enquanto faço as tarefas.

Marilla sorriu carinhosamente para sua menina.

— Não é o trabalho, é a minha cabeça. Tenho tido dores muito frequentes, ultimamente, na parte de trás dos olhos. O dr. Spencer tem insistido para que eu use óculos, mas eles não adiantam. Um oftalmologista renomado chegará à Ilha no final de junho, e o médico diz que devo ir

vê-lo. Acho que terei de marcar uma consulta. Não estou conseguindo ler nem costurar bem. Anne, você foi muito bem na Academia, tirou sua licenciatura na Primeira Classe e ainda ganhou a bolsa de estudos Avery. Bem, a sra. Lynde diz que o orgulho precede a queda e que não acredita nem um pouco em educação superior para mulheres. Ela diz que isso incapacita a mulher para a sua verdadeira esfera de ação. Não acredito em uma só palavra disso. Falando em Rachel, me lembrei... escutou alguma coisa sobre o Banco Abbey ultimamente?

— Ouvi dizer que está indo de mal a pior. Por quê?

— Foi isso o que Rachel disse também. Ela estava por aqui na semana passada e disse que havia boatos. Matthew ficou realmente preocupado. Todas as nossas economias estão nesse banco, cada centavo. Para começo de conversa, pedi a Matthew que colocasse no Banco de Poupança, mas o velho sr. Abbey era um grande amigo de papai, que sempre confiou a ele o nosso dinheiro. Matthew disse que qualquer banco dirigido por ele era bom o suficiente.

— Acho que ultimamente ele é apenas um diretor honorário. É um homem muito idoso. São seus sobrinhos que realmente estão à frente da instituição.

— Bem, quando Rachel nos contou isso, eu quis que Matthew sacasse o nosso dinheiro na mesma hora, e ele respondeu que pensaria sobre o assunto. Mas o sr. Russell disse a ele ontem que não havia nenhum problema com o banco.

Anne teve seu dia de folga ao ar livre. Nunca se esqueceria daquele dia tão claro e dourado; tão livre de sombras e exuberante em flores! Anne passou algumas de suas ricas horas no pomar. Foi até as Borbulhas das Driades, à Poça do Chorão e à Baixada das Violetas. Visitou a residência paroquial e teve uma conversa agradável com a sra. Allan. Finalmente, à noitinha, foi com Matthew recolher as vacas, pela Alameda dos Enamorados até o pasto posterior. Os bosques estavam resplandecentes ao pôr do sol, e o esplendor morno fluía através das colinas no oeste. Matthew caminhava lentamente, com cabeça baixa. Anne, alta e ereta, conciliava seu passo saltitante ao dele.

— Trabalhou demais hoje, Matthew — censurou ela. — Por que não diminuí o ritmo um pouco?

— Ora, bem, não consigo — retrucou Matthew, ao abrir o portão do pátio para que as vacas entrassem. — É que estou ficando velho, Anne, e sempre me esqueço disso. Ora, ora, sempre trabalhei muito e prefiro morrer puxando o arado.

— Se eu fosse o menino que tinham encomendado — comentou Anne, melancólica —, agora eu poderia ajudar mais e poupá-lo de diversas maneiras. Desejo de coração que eu fosse um menino só por isso.

— Ora, bem, eu prefiro ter você do que uma dúzia de meninos, Anne — tornou Matthew, dando tapinhas na mão dela. — Lembre-se disso: em vez de uma dúzia de meninos. Ora, bem, acho que não foi um menino que ganhou a bolsa

Avery, foi? Foi uma menina. Uma menina de quem me orgulho.

Sorriu para ela com seu sorriso tímido ao entrarem no pátio. Anne rememorou tudo aquilo, ao ir para o quarto naquela noite, sentada por um longo tempo diante da janela aberta, pensando no passado e sonhando com o futuro. Lá fora, a Rainha da Neve estava nebulosamente branca ao luar. As rãs cantavam no brejo para além de Orchard Slope. Anne sempre se lembraria da beleza prateada e pacífica, e da fragrância suave daquela noite. Foi a última noite antes que a dor tocasse sua vida. Nenhuma vida volta a ser a mesma depois que esse toque frio e purificador recai sobre nós.

A CEIFADORA CUJO NOME É MORTE ³⁹

Matthew! Matthew, o que você tem? Matthew, você está doente? — Foi Marilla quem falou, com desespero em cada palavra trêmula. Anne veio pelo corredor, com as mãos cheias de narcisos brancos — e só voltaria a desfrutar da visão ou do odor dos narcisos novamente muitos anos depois —, a tempo de ouvi-la e de ver Matthew em pé na porta da varanda, com um papel dobrado na mão, o rosto abatido e cinzento. Anne deixou cair as flores e voou pela cozinha até ele, ao mesmo tempo em que Marilla. Ambas chegaram tarde demais. Antes que pudessem alcançá-lo, Matthew caiu sob o umbral.

— Ele desmaiou — arfou Marilla. — Anne, chame Martin, rápido, rápido! Ele está no celeiro.

Martin, o novo empregado, que acabara de chegar da agência dos correios, foi imediatamente buscar o médico, avisando o sr. e a sra. Barry ao passar por Orchard Slope. A sra. Lynde, que estava por lá em visita, também veio. Encontraram Anne e Marilla aflitas, tentando fazer Matthew voltar a si.

A sra. Lynde as empurrou suavemente para o lado, sentiu o pulso dele e, em seguida, colocou sua orelha sobre o coração. Olhou para os rostos ansiosos delas com pesar e com lágrimas brotando dos olhos.

— Oh, Marilla — ela disse gravemente. — Acho que não há nada que possamos fazer por ele.

— Sra. Lynde, não acha... não quer dizer que Matthew esteja... que está... — Anne não podia dizer aquela palavra terrível. Sentiu-se enjoada e empalideceu.

— Sim, minha criança, infelizmente. Olhe para o rosto dele. Quando tiver visto este aspecto com a frequência com que vi, saberá o que significa.

Anne olhou para o rosto inerte e viu nele o selo da Grandiosa Presença.⁴⁰

Quando o doutor chegou, disse que a morte tinha sido instantânea e provavelmente indolor, causada, com toda a probabilidade, por algum choque repentino. Tal choque estava no papel que Matthew segurava, o mesmo que Martin trouxera do correio naquela manhã. Continha um aviso sobre a falência do Banco Abbey.

A notícia espalhou-se velozmente por Avonlea, e durante o dia inteiro, os amigos e vizinhos vieram em peso a Green Gables prestar seus respeitos tanto para com o morto como para com os vivos. Pela primeira vez, o tímido e calado Matthew Cuthbert era o centro das atenções. A majestade branca da morte caíra sobre ele e o destacava como a um laureado.

Quando a noite calma caiu suavemente sobre Green Gables, a velha casa estava silenciosa e tranquila. Na sala de estar, Matthew Cuthbert jazia no caixão, os longos cabelos grisalhos emolduravam seu rosto plácido, no qual

havia um discreto e gentil sorriso, como se sonhasse coisas agradáveis. Havia flores em torno dele — flores delicadas, plantadas por sua mãe no jardim da propriedade na época de seu casamento, e pelas quais Matthew manteve sempre um amor secreto. Anne as havia colhido e trazido para ele, os olhos angustiados e sem lágrimas queimavam em seu rosto pálido. Era a última homenagem que poderia fazer.

Os Barry e a sra. Lynde ficaram com eles a noite toda. Ao entrar no quarto do frontão leste, onde Anne estava à janela, Diana disse gentilmente:

— Anne querida, quer que eu durma aqui com você hoje à noite?

— Obrigada, Diana. — Anne olhou, séria, para o rosto da amiga. — Peço que não me interprete mal, mas quero ficar sozinha. Não estou com medo. Não fiquei sozinha nem um minuto desde que aconteceu, mas agora quero ficar. Quero ficar em completo silêncio e tentar me dar conta do ocorrido. Não consigo assimilar. Na metade do tempo, parece que Matthew ainda está vivo, e na outra metade, sinto como se tivesse morrido há muito tempo e é como se eu sentisse uma horrível dor agonizante desde então.

Diana não entendeu muito bem. O luto ardoroso de Marilla, que quebrava todos os limites de sua reserva natural e da sua austeridade eterna, ela podia compreender melhor do que a agonia contida de Anne. Mas se foi

docilmente, deixando Anne sozinha para sua primeira vigília na companhia daquela dor.

Anne esperava que as lágrimas viessem com a solidão. Parecia-lhe uma coisa terrível não derramar nem uma só lágrima por Matthew, a quem tinha amado tanto e que havia sido tão amável com ela; Matthew, que caminhara com ela ao pôr do sol na noite anterior, e que agora estava deitado na sala escura lá embaixo, com aquela aterradora paz na face. Mas, de início, nem uma lágrima escorreu, nem quando ela se ajoelhou à janela na escuridão e rezou, olhando para as estrelas além das colinas. Nenhuma lágrima, apenas o mesmo terrível pesar que continuou a doer até que adormecesse, exaurida pela dor e emoção daquele dia.

Despertou de madrugada, com a quietude e as trevas ao seu redor. A lembrança do dia anterior recaiu em uma onda de tristeza. Podia ver o rosto de Matthew sorrindo para ela, como fizera ao se separarem na porteira à noite. Podia ouvir sua voz: “Minha menina, minha menina de quem estou orgulhoso”. Então as lágrimas vieram, e Anne desatou a chorar. Marilla a ouviu e veio consolá-la.

— Ora, pronto, não chore assim, querida. Isto não vai trazê-lo de volta. Não é... não é... direito chorar desse jeito. Eu sabia, mas também não pude evitar. Ele sempre foi um irmão muito bom e carinhoso comigo, mas Deus é quem sabe o melhor.

— Ah, Marilla, deixe-me chorar o quanto for preciso — soluçou Anne. — As lágrimas me machucam menos que a dor. Fique aqui um pouco comigo e me abrace, assim. Não quis que Diana ficasse. Ela é boa, gentil e doce, mas esta amargura não é dela. Ela não poderia sentir ou se aproximar o suficiente do meu coração para me ajudar. É a nossa tristeza, sua e minha. Ai, Marilla, o que faremos sem ele?

— Temos uma à outra, Anne. Não sei o que eu faria se você não estivesse aqui, se nunca tivesse vindo. Oh, Anne, sei que talvez eu tenha sido bastante rígida e dura com você, mas, apesar de tudo, não pense que eu não a amo tanto quanto Matthew a amava. Quero lhe dizer isso agora, enquanto posso. Nunca consegui dizer o que se passa em meu coração, mas, por vezes, em tempos como este, fica mais fácil. Eu a amo tanto, como se fosse minha própria carne e sangue, e você tem sido minha alegria e conforto desde que pôs os pés em Green Gables.

Dois dias depois, levaram Matthew Cuthbert. Cruzaram os limites da propriedade e se afastaram dos campos que ele cultivara, dos pomares e das árvores que plantara. Após isso, Avonlea voltou à sua habitual placidez, e até mesmo em Green Gables os assuntos voltaram ao velho ritmo. O trabalho era realizado e as tarefas, cumpridas com a regularidade de antes, embora sempre com a sensação dolorosa de “perda em todas as coisas domésticas”.⁴¹ Anne, inexperiente na dor do luto,

achava tudo muito triste — o fato de que conseguiriam seguir em frente da mesma maneira, sem Matthew. Sentiu algo como vergonha e remorso quando descobriu que o nascer do sol por detrás dos abetos e os brotinhos rosa-claros que se abriam no jardim lhe traziam o velho contentamento de antes, que as visitas de Diana eram agradáveis e que as palavras e o jeito alegre de sua amiga ainda a faziam gargalhar. Que, em suma, o belo mundo, com suas flores, amores e amizades, ainda era capaz de alimentar a fantasia e a emoção em seu peito, e que a vida ainda chamava por ela com muitas vozes insistentes.

— De alguma forma, parece que estou sendo desleal com Matthew ao encontrar prazer nessas coisas, agora que ele se foi — confessou à sra. Allan certa noite no jardim da residência paroquial. — Sinto tanto a falta dele o tempo todo, e ainda assim, sra. Allan, para mim, o mundo e a vida continuam muito bonitos e interessantes. Hoje Diana disse algo engraçado, e ri muito. Eu achava que quando acontecesse algo assim, nunca mais voltaria a sorrir. Então me parece que, de alguma forma, é errado.

— Quando Matthew estava aqui, ele gostava de ouvi-la rir e de saber que você encontrava prazer nas coisas ao seu redor — disse a sra. Allan, com gentileza. — Agora ele está apenas mais longe, mas gosta de saber disso da mesma forma. Estou certa de que não devemos fechar nossos corações para as influências curativas que a natureza nos oferece. Mas entendo o seu sentimento.

Penso que todos nós passamos por isso. Nós nos ressentimos com o pensamento de que qualquer coisa possa nos dar alegria quando alguém que amamos não está mais aqui para compartilhar essa alegria conosco, e nos sentimos como se fôssemos infiéis à nossa tristeza quando o interesse na vida parece se reacender.

— Esta tarde fui ao cemitério plantar uma roseira na sepultura de Matthew — relatou Anne, sonhadora. — Tirei um ramo da roseira silvestre branca que a mãe dele trouxe da Escócia muito tempo atrás. Matthew sempre gostou daquelas rosas mais do que das outras. Elas são tão pequenas e delicadas, com seus caules espinhosos. Fiquei contente em poder plantá-la em sua sepultura, foi como se eu estivesse fazendo algo para agradá-lo e para estar mais próxima dele. Espero que ele tenha rosas como essas lá no paraíso. Talvez as almas de todas aquelas rosinhas brancas que ele amou durante os muitos verões estejam lá para encontrá-lo. Tenho de ir para casa, agora. Marilla está sozinha, e ela se sente solitária ao entardecer.

— Temo que ela ficará ainda mais solitária quando você for para a faculdade.

Anne não respondeu. Despediu-se e voltou lentamente para Green Gables. Marilla estava sentada nos degraus da porta da frente e Anne sentou-se ao lado dela. A porta estava aberta atrás delas, calçada com uma grande concha cor-de-rosa, com as tonalidades do pôr do sol ao mar em suas suaves ranhuras.

Anne recolheu alguns ramos de madressilvas amarelas e os colocou no cabelo. Gostava da deliciosa fragrância sobre ela a cada movimento. Eram como uma benção celestial.

— O dr. Spencer esteve aqui — comentou Marilla. — Disse que o oftalmologista estará na cidade amanhã e insistiu que devo ir examinar meus olhos. Acho melhor ir e acabar logo com isso. Vou ficar mais do que grata se o homem puder me dar os óculos corretos para a minha vista. Não se importa em ficar aqui sozinha enquanto eu estiver fora, não é? Martin terá de me levar, e há roupas para passar e pães e bolos para assar na cozinha.

— Ficarei bem. Diana virá me fazer companhia. Vou engomar e cozinhar, prometo não engomar os lenços de bolso nem pôr unguento para aromatizar o bolo.

Marilla riu.

— Que menina danada você era naquele tempo, Anne, e quantos erros cometia. Sempre arrumava confusões. Cheguei a pensar que você estivesse possuída. Lembra da vez em que tingiu o cabelo?

— Sim, me lembro bem. Nunca me esquecerei — sorriu Anne, tocando a pesada trança em sua cabeça. — Chego a achar graça agora, quando penso na tamanha preocupação que o meu cabelo era para mim, mas não rio muito, porque naqueles tempos era um problema bem real. Sofri terrivelmente com meu cabelo e minhas sardas. As sardas realmente desapareceram, e as pessoas são gentis

ao dizerem que meu cabelo agora é castanho-avermelhado. Todas, menos Josie Pye. Ela me disse ontem que acha que está mais ruivo do que nunca, ou que pelo menos meu vestido preto o fazia parecer assim. Ela me perguntou se as pessoas com cabelo vermelho chegavam a se acostumar com ele. Marilla, estou quase decidida a desistir de tentar gostar de Josie Pye. Fiz aquilo que, em certos tempos, chamaria de um esforço heroico para gostar dela, mas Josie Pye não quer que gostem dela.

— Josie é uma Pye — disparou Marilla —, de forma que não pode evitar ser desagradável. Suponho que pessoas desse tipo sirvam a algum propósito na sociedade, mas devo admitir que não sei qual é, assim como não sei para que os cardos servem. Josie vai lecionar?

— Não, ela vai voltar para a Academia no próximo ano, assim como Moody Spurgeon e Charlie Sloane. Jane e Ruby vão lecionar, e ambas já têm escolas. Jane vai para Newbridge, e Ruby em algum lugar no oeste.

— Gilbert Blythe também vai dar aulas, não vai?

— Sim, por algum tempo.

— Que rapaz bonito ele é — comentou Marilla, com ar ausente. — Eu o vi na igreja domingo passado, e me pareceu tão alto e forte. Ele se parece muito com o pai, quando jovem. John Blythe era um bom menino. Costumávamos ser bons amigos, ele e eu. As pessoas diziam que era meu namorado.

Anne olhou para cima com súbito interesse.

— Ah, Marilla, e o que aconteceu? Por que você não...?

— Tivemos uma discussão. Não o perdoei quando ele me pediu desculpas. Eu tinha a intenção de perdô-lo, depois de algum tempo, mas estava emburrada e ressentida, e queria puni-lo antes. Ele nunca mais me pediu desculpas. Os Blythe sempre foram extremamente orgulhosos. Sempre senti um pouco de remorso, e me arrependo de não tê-lo perdoado quando tive a chance.

— Então você também teve um pouco de romance na vida — constatou Anne, suavemente.

— Tive, sim. Acho que podemos chamar assim. Não dá para imaginar só de olhar para mim, não é? Mas nunca se deve concluir nada sobre as pessoas apenas pelo que deixam transparecer. Todo mundo já se esqueceu sobre mim e John. Eu mesma já havia me esquecido. Mas tudo voltou quando vi Gilbert no domingo passado.

A CURVA NA ESTRADA

No dia seguinte, Marilla foi para a cidade e voltou à noite. Anne visitou Diana em Orchard Slope e, quando voltou, encontrou Marilla na cozinha, sentada à mesa com a cabeça apoiada nas mãos. Algo em sua atitude desanimada provocou um calafrio em Anne. Nunca vira Marilla assim, inerte.

— Está muito cansada, Marilla?

— Estou... não... não sei — respondeu Marilla aborrecida, olhando para cima. — Suponho que esteja cansada, mas não estou pensando nisso. Não é isso.

— Foi ao oftalmologista? O que ele disse? — questionou Anne, ansiosa.

— Sim, fui à consulta. Ele examinou meus olhos. Disse que, se eu desistir de vez de ler e costurar, e de qualquer tipo de trabalho que force a vista, e se evitar de chorar, e se usar os óculos que me deu, acha que meus olhos têm alguma chance e que as dores de cabeça passarão. Senão, certamente ficarei cega como uma toupeira em seis meses. Totalmente cega! Anne, imagine só!

Por um minuto, após uma primeira exclamação causada pelo abalo, Anne ficou em silêncio. Teve a impressão de que não conseguiria falar. Então tomou coragem e disse, com a voz ligeiramente trêmula:

— Marilla, nem pense nisso. Pelo que ele disse, ainda há esperanças. Se tomar cuidado, não perderá completamente a visão. E se os seus óculos curarem as dores de cabeça, já será ótimo.

— Não acho que tenha muita razão para esperanças — retrucou Marilla com amargura. — De que vale viver, se não posso ler, costurar ou coisas assim? Dá na mesma ficar cega ou morrer. E, quanto a chorar, não consigo me conter quando me sinto solitária. Mas vá lá, não é bom ficar falando sobre isso. Se me preparar uma xícara de chá, ficarei agradecida. Estou esgotada. De qualquer maneira, não diga nada sobre isso a ninguém, pelo menos por uns tempos. Não conseguirei suportar as pessoas vindo aqui para perguntar ou se compadecerem comigo.

Após a refeição, Anne convenceu Marilla a ir para a cama. Então, Anne também se recolheu e sentou-se junto à janela, sozinha no escuro, com lágrimas nos olhos e um aperto no peito. Via com muita tristeza como as coisas haviam mudado desde que se sentara ali na noite após seu retorno! Naquele momento, estava cheia de esperanças e alegria, e o futuro parecia brando e promissor. Anne sentiu como se tivesse vivido muitos anos desde então, mas antes de ir para a cama, havia um sorriso em seus lábios e paz em seu coração. Corajosa, encarava seu dever e o considerava um amigo — como o dever sempre é, quando o enfrentamos de peito aberto.

Alguns dias depois, à tarde, Marilla entrou devagar, vinda do pátio da frente, onde havia conversado com um visitante. Era um homem que Anne conhecia de vista e sabia que se chamava Sadler, de Carmody. Anne queria saber o que teriam conversado para provocar tal expressão no rosto de Marilla.

— O que o sr. Sadler queria, Marilla?

Marilla sentou-se perto da janela e olhou para Anne. Tinha lágrimas nos olhos, contrariando as ordens do oftalmologista, e respondeu em uma voz alquebrada:

— Ele ouviu dizer que estou vendendo Green Gables e queria comprá-la.

— Vender! Vender Green Gables? — Anne teve dúvidas se havia escutado direito. — Oh, Marilla, não pretende vender Green Gables!

— Anne, eu não sei o que mais pode ser feito. Pensei em tudo. Se a minha visão estivesse boa, eu poderia ficar aqui, cuidar das coisas e gerenciar tudo com a ajuda de um bom empregado. Porém, da forma como as coisas estão, não consigo. Posso perder a visão de vez. E de qualquer maneira, não serei capaz de manter as coisas funcionando. Ai, nunca pensei que eu viveria até o dia em que teria de vender minha própria casa. Mas as coisas só irão de mal a pior, até que ninguém mais vai querer comprá-la. Cada centavo do nosso dinheiro foi por água abaixo com o banco, e temos de pagar algumas notas promissórias que Matthew assinou no último outono. A sra. Lynde me

aconselhou a vender a fazenda e me instalar como hóspede em algum lugar... com ela, suponho. O valor da venda não será alto, a propriedade é pequena e as construções são antigas. Mas será o suficiente para eu viver por minha conta. Estou grata por você ter conseguido essa bolsa de estudos, Anne. Lamento que não tenha uma casa para onde voltar nas férias, mas imagino que conseguirá dar um jeito.

Marilla irrompeu em um pranto amargo.

— Não deve vender Green Gables — disse resoluta.

— Ah, Anne, eu desejaria não ter de vender. Mas veja com seus próprios olhos. Não posso ficar aqui sozinha. Eu ficaria louca, tendo de resolver tudo. E minha visão me abandonaria, eu sei que sim.

— Você não ficará sozinha, Marilla. Eu ficarei aqui. Não vou mais para Redmond.

— Não vai para Redmond! — Marilla levantou das mãos o rosto exaurido e olhou para Anne. — Ora, o que quer dizer com isso?

— Exatamente o que eu disse. Não vou aceitar a bolsa de estudos. Decidi isso na noite em que você voltou da cidade. Certamente não acredita que eu poderia deixá-la sozinha com tantos problemas, Marilla, depois de tudo o que vocês fizeram por mim. Estive pensando e planejando. Deixe-me contar meus planos. O sr. Barry quer arrendar a fazenda durante o ano que vem. Portanto, você não terá de se preocupar com o trabalho. Eu darei aulas. Me candidatei

para a escola aqui em Avonlea, mas não tenho esperança de conseguir, pois soube que a administração prometeu o cargo a Gilbert Blythe. Mas posso conseguir a escola de Carmody. Foi o que o sr. Blair me disse ontem à noite, na loja. Claro que não será tão bom ou conveniente como em Avonlea, mas posso dormir aqui e ir e voltar todos os dias de Carmody, pelo menos enquanto não estiver muito frio. Mesmo no inverno, eu posso passar os finais de semana em casa. Vamos reservar um cavalo para isso. Veja, já tenho tudo planejado, Marilla. Vou ler para você e mantê-la animada. Não ficará entediada ou sozinha. Será realmente aconchegante, nós duas aqui, felizes e juntas, você e eu.

Marilla escutava como se vivesse um sonho.

— Oh, Anne, poderia me sair realmente bem, se você estivesse aqui, sei disso. Mas não posso deixar que se sacrifique assim por minha causa. Seria terrível.

— Que disparate! — Anne riu alegremente. — Não é sacrifício nenhum. Nada poderia ser pior do que desistir de Green Gables, nada poderia me machucar mais. Temos de manter o bom e velho lar. Estou decidida, Marilla. Não vou para Redmond. Vou ficar aqui e lecionar. Não se preocupe nem um pouquinho comigo.

— Mas as suas ambições, e...

— Sou tão ambiciosa como sempre fui. Só mudei o foco de minhas ambições. Serei uma boa professora e salvarei sua vista. Além disso, pretendo estudar em casa e fazer um curso curto na faculdade, tudo por minha conta.

Ah, tenho dezenas de planos, Marilla. Já venho pensando nisso há uma semana. Darei a vida aqui fazendo o meu melhor, e creio que, em troca, a vida me dará o seu melhor. Quando saí da Academia da Rainha, o meu futuro parecia se estender diante de mim como uma estrada reta. Pensei que poderia enxergar muitas etapas ao longo dela. Agora há uma curva na estrada. Não sei o que está por vir, mas quero acreditar no melhor. Essa curva tem um fascínio próprio, Marilla. Imagino como será a estrada para além dela, quais serão as glórias, um xadrez de luz e sombras, quais novas paisagens, quais novas belezas, contornos, colinas e vales além.

— Acho que eu não deveria deixar você desistir — insistiu Marilla, referindo-se à bolsa de estudos.

— Mas não pode me impedir. Tenho dezesseis anos e meio, sou “teimosa como uma mula”, como disse uma vez a sra. Lynde — riu Anne. — Ah, Marilla, não sinta pena de mim. Não gosto e não há necessidade disso. Estou muito contente com a ideia de ficar na estimada Green Gables. Ninguém pode amá-la como a nós duas, e assim iremos mantê-la.

— Menina abençoada! — exclamou Marilla, cedendo. — Sinto como se você tivesse me dado uma vida nova. Acho que eu deveria bater o pé e fazer você ir para a faculdade, mas sei que não consigo, então nem vou tentar. No entanto, vou fazer por merecer, Anne.

Quando correu por Avonlea a notícia de que Anne Shirley havia desistido da faculdade e pretendia ficar em casa e lecionar, não houve outro assunto na cidade. A maioria das boas pessoas, sem saber do problema de visão de Marilla, pensou que ela era uma tola. Não foi o caso da sra. Allan, que incentivou Anne com palavras de aprovação que fizeram brotar lágrimas de alegria nos olhos da menina. A boa sra. Lynde também a apoiou. Ela veio uma noite e encontrou Anne e Marilla sentadas à porta da frente, no crepúsculo acolhedor e perfumado de verão. Elas gostavam de se sentar lá quando o lusco-fusco descia, com as mariposas brancas voando pelo jardim e o cheiro de hortelã na atmosfera úmida.

A sra. Lynde sentou-se, com todo seu peso, sobre o banco de pedra junto à porta, atrás do qual crescia uma coluna alta de malvas amarelas e cor-de-rosa, e suspirou longamente, sentindo ao mesmo tempo cansaço e alívio.

— Confesso que estou contente por me sentar. Fiquei em pé o dia todo, e noventa quilos é um bocado para dois pés carregarem por aí. É uma grande bênção não ser gorda, Marilla. Espero que saiba disso. Bem, Anne, ouvi dizer que você desistiu de ir à faculdade. Fiquei realmente contente com isso. Você já tem educação suficiente para uma mulher. Não acho que meninas devam ir à faculdade junto com os homens e encherem a cabeça com latim, grego e outras baboseiras.

— Mas vou estudar latim e grego de qualquer jeito, sra. Lynde — rebateu Anne, rindo. — Vou fazer o curso de artes aqui mesmo em Green Gables e estudar tudo o que eu estudaria na faculdade.

A sra. Lynde levantou as mãos com um horror genuíno.

— Anne Shirley, você vai se matar!

— De jeito nenhum. Vou conseguir. Nada de exagero.

Como diz a esposa do Josiah Allen,⁴² serei “midiana”, ou seja, ponderada. Terei tempo livre nas noites de inverno, e como não tenho vocação para a costura ou tricô, darei aulas em Carmody, sabia?

— Não sabia, não... Acho que vai ensinar aqui mesmo, em Avonlea. Os administradores decidiram conceder-lhe a escola local.

— Sra. Lynde! — gritou Anne, surpreendida, jogando-se aos pés dela. — Ora, pensei que tivessem prometido o cargo a Gilbert Blythe!

— De fato, prometeram. Mas assim que Gilbert ouviu que você havia se candidatado ao posto, foi conversar com eles. Então tiveram uma reunião do Conselho na escola ontem à noite. Ele retirou a própria candidatura, sugerindo que aceitassem a sua. Disse que vai dar aulas em White Sands. Claro que ele sabia o quanto você queria ficar com Marilla, e devo dizer que foi uma grande consideração e gentileza da parte dele, é o que eu digo. E também é um verdadeiro sacrifício para ele, pois terá de pagar por sua

hospedagem em White Sands, e todos sabem que ele precisa economizar para a faculdade. Mas o conselho da escola decidiu admiti-la. Adorei quando Thomas chegou em casa e me contou.

— Não acho que eu deva aceitar — murmurou Anne.

— Quero dizer, não é justo que Gilbert faça tamanho sacrifício por mim.

— Acho que agora não tem mais jeito. Ele já assinou a documentação com os administradores de White Sands. Por isso, não faria diferença para ele se você recusasse agora. Obviamente você deve assumir a escola. Você vai se sair bem, agora que não há nenhum Pye frequentando. Josie foi a última deles, e ainda bem, é o que eu digo. Sempre houve um Pye ou outro na escola de Avonlea pelos últimos vinte anos, e acho que a missão deles na vida era infernizar a vida dos professores. Jesus amado! O que é aquele pisca-pisca no frontão dos Barry?

— Diana está sinalizando para que eu vá vê-la — riu Anne. — Mantemos esse costume antigo, sabe? Com licença, vou dar um pulo lá e ver o que ela quer.

Anne correu pela encosta dos trevos como uma gazela e desapareceu nas sombras dos abetos do Bosque Encantado. A sra. Lynde ficou olhando para ela, complacente.

— Ainda há uma boa dose de meninice nela, em certos sentidos.

— Mas em outros há uma boa dose a mais de mulher
— replicou Marilla, em um retorno momentâneo de sua velha sisudez.

A sisudez, no entanto, deixara de ser a característica mais marcante de Marilla. Como a sra. Lynde comentou com seu marido Thomas, naquela noite:

— Marilla Cuthbert ficou melosa, é o que eu digo.

Anne foi ao pequeno cemitério de Avonlea na noite seguinte, colocar flores frescas na sepultura de Matthew e regar a muda de rosa silvestre. Permaneceu ali até o anoitecer, desfrutando da paz daquele lugarzinho, com seus álamos cujo farfalhar era como um discurso amigável, e com os sussurros das gramíneas que cresciam livres entre as sepulturas. Quando foi embora, descendo pela longa colina em direção à Lagoa das Águas Resplandcentes, o sol já havia se posto e Avonlea se apresentava inteira diante dela em um anoitecer diáfano — “uma assombração da antiga paz”.⁴³ Havia um frescor no ar, o vento soprava sobre os campos de trevos doces como mel. As luzes das casas cintilavam aqui e acolá entre as árvores das fazendas. Mais além, o mar, roxo e nebuloso, com seu murmúrio assombroso e incessante. O oeste era uma glória de tons suaves mesclados, refletidos na lagoa em tonalidades neutras. Toda aquela beleza emocionou Anne que, tomada de gratidão, abriu as portas de sua alma.

— Querido velho mundo — murmurou —, você é encantador, e estou feliz por estar viva em você.

Na metade do caminho, colina abaixo, um tipo alto vinha assobiando ao sair do portão diante da propriedade dos Blythe. Era Gilbert, e o assobio morreu em seus lábios ao reconhecer Anne. Ergueu seu boné em um cumprimento, mas teria passado por ela em silêncio se Anne não tivesse parado e estendido sua mão.

— Gilbert — disse ela, com o rosto ruborizado —, quero lhe agradecer por ter desistido da escola por mim. Foi muito generoso de sua parte, e quero que saiba que sou muito grata por sua atitude.

Gilbert pegou ansiosamente a mão oferecida.

— Não foi exatamente bondade minha, Anne. Fiquei contente em poder ajudá-la um pouquinho. Podemos ser amigos, depois disso? Você finalmente me perdoa?

Anne riu e tentou, sem êxito, retirar a mão.

— Perdoei você naquele dia na lagoa, embora não tivesse consciência disso. Que bicho teimoso eu era! Fiquei... bem, vou confessar de uma vez. Fiquei arrependida, desde então.

— Seremos grandes amigos! — exclamou Gilbert, muito alegre. — Nascemos para ser bons amigos, Anne. Você já frustrou o destino mais que o suficiente. Sei que podemos nos ajudar de muitas maneiras. Vai continuar com seus estudos, não vai? Eu também. Vamos, vou acompanhar você até sua casa.

Marilla observou Anne com curiosidade quando ela entrou na cozinha.

— Quem foi que te acompanhou pela alameda, Anne?

— Gilbert Blythe — respondeu Anne, envergonhada por se sentir corar. — Nos encontramos por acaso na colina dos Barry.

— Não sabia que você e Gilbert Blythe eram amigos a ponto de ficarem meia hora conversando no portão — insinuou Marilla, com um sorriso irônico.

— Não éramos amigos, mas sim bons inimigos. Agora decidimos que será muito mais sensato sermos bons amigos, daqui em diante. Ficamos lá realmente por meia hora? Pareceram apenas alguns minutos. Mas, como vê, temos cinco anos de conversa atrasada para pôr em dia, Marilla.

Naquela noite, Anne sentou-se por muito tempo à sua janela, sentindo uma deliciosa felicidade. O vento soprava suavemente nas cerejeiras, e o cheiro de hortelã subia até ela. As estrelas brilhavam sobre os abetos pontiagudos na baixada, e a luz de Diana reluzia por entre as brechas.

Os horizontes de Anne haviam se fechado desde a noite em que se sentara ali depois de voltar da Academia. Mas, embora o caminho definido anteriormente parecesse agora mais estreito, sabia que as flores da calma desabrochariam ao longo dele. As alegrias do trabalho devotado, da aspiração digna e da amizade sincera viriam até ela. Nada roubaria seu direito de imaginar e fantasiar um mundo ideal. Haveria sempre a curva na estrada!

— Deus está no céu, está tudo bem com o mundo⁴⁴ —
sussurrou Anne, suavemente.

NOTAS

- 1 “*The peck of dirt*” (“A quota de sujeira”) é a quantidade de sujeira ingerida por alguém ao longo da vida: seriam os resquícios de poeira que recaem sobre a comida ou que são ingeridos por outros meios. Seu significado como provérbio refere-se à longevidade: ao consumir sua quota, a vida da pessoa é considerada realizada e completa; ao contrário, se uma pessoa morre prematuramente diz-se que ela morreu antes de terminar sua quota de sujeira.
- 2 Citação parcial de “*Of all things that ever were, that are, or that will be, having [...]*” [“De todas as coisas que já foram, que são ou que serão”], de autoria de Elena Blavatsky (1831-1891), política e escritora russa responsável pela sistematização da Teosofia moderna e cofundadora da Sociedade Teosófica.
- 3 Trecho do poema *The Vision of Sir Launfal* [“A visão de sir Launfal”], de James Russell Lowell.
- 4 Os autores dos poemas são, respectivamente: o inglês Thomas Campbell, o escocês William Edmonstoure Aytoun, a inglesa Caroline Elizabeth Norton e o

escocês sir Walter Scott. Tratam-se todos de poemas longos e com temas históricos.

- 5 Poema de Thomas Campbell, *Fifth Reader* faz parte da coleção de livros *The Heath Readers*, editado pela editora estadunidense D. C. Heath and Company, de cunho didático e focada particularmente em História. A coleção, contendo diversos autores, era orientada a determinada faixa etária e nível escolar.
- 6 Série de livretos destinados à catequização.
- 7 *The Dog at his Master's Grave* é um poema de Robert Henry Johnson.
- 8 Canção vitoriana em forma de balada composta por George Frederick Root.
- 9 Excerto do poema *A peregrinação de Childe Harold*, canto IV, LIX, de Lord Byron.
- 10 *Ipecac*, ipecacuanha ou ipeca, é uma planta medicinal brasileira, muito difundida na época, que provoca o vômito e é útil para desprender secreções pulmonares em casos de intoxicação.
- 11 *Curfew Must Not Ring Tonight* é um poema escrito por Rose Hartwick Thorpe, em 1867, quando tinha apenas dezesseis anos de idade. A trama é situada no século

17 e envolve Bessie, uma jovem cujo amante, Basil Underwood, é preso pelos puritanos e sentenciado à morte naquela mesma noite, durante o toque de recolher.

12 “*Climbed the slimy ladder, dark without one ray of light*” é um verso de *Curfew Must Not Ring Tonight*, citado anteriormente.

13 *Virtuous Daisy Is That High Place* é o título original da canção do compositor Harrison Millard (1829-1895), com letra de George Cooper (1840-1927), lançada em 1869.

14 *How Sockery Set a Hen* ou *The Old Blue Hen Schecken* é uma divertida história infantil em dialeto holandês da Pensilvânia.

15 *Bingen on the Rhine* é o poema de Caroline Elizabeth Norton já citado anteriormente.

16 *My Home on the Hill* é uma canção de W. C. Baker, de 1866.

17 Refere-se a Rainha Victoria, soberana do Reino Unido (do qual o Canadá era colônia à época) que teve um longo reinado, de 1837 a 1901, período denominado “Era Vitoriana”.

- 18 Uma Dama Branca, ou “mulher de branco” [*White Lady*] é um espírito feminino avistado em áreas rurais e associado a lendas trágicas locais. Seus relatos são encontrados em muitos países.
- 19 O Cavaleiro sem Cabeça [*Headless Man*] é um tópico do folclore europeu desde pelo menos a Idade Média. É tradicionalmente descrito como um homem decapitado montado em um cavalo. Dependendo da versão, ele carrega sua cabeça na mão ou a está procurando-a.
- 20 “Daniel na cova dos leões” é o sexto capítulo do Livro de Daniel, do Antigo Testamento, sobre o Império Aquemênida e o reinado de Dario, o Medo. Por decreto real, os cidadãos eram proibidos de adorar qualquer deus, sob pena de serem atirados na cova dos leões. Daniel, mesmo amigo do rei Dario, é pego em oração ao Deus de Israel e condenado, mas escapa milagrosamente de ser devorado.
- 21 No cristianismo e em outras mitologias, a serpente instiga a busca de conhecimento ou informação proibida: seu veneno tanto pode matar como curar, assim como a sabedoria pode ser usada para o bem ou para o mal.

- 22 *The Herald Family – A Domestic Magazine of Useful Information & Amusement*, cujo título pode ser traduzido por “Mensageiro da Família”, era uma revista semanal familiar de informação e entretenimento, originada na Inglaterra e publicada de 1843 a 1940. Refletia o modo de pensar da época vitoriana, especificamente com ideias sobre as diferenças entre mulheres de outras classes sociais e também entre sexos — em particular, a visão sobre a pureza e a castidade, a “condenável” sexualidade nas mulheres e os distintos papéis sociais masculino e feminino.
- 23 *A Morning Visit* é um poema de Oliver Wendell Holmes, Sr. (1809-1894), médico, professor, palestrante e autor estadunidense. Foi considerado por seus pares um dos melhores escritores do século 19.
- 24 Panfleto com um poema épico de 1877 que versa sobre o trágico destino de Mary Stuart (1542-1587), rainha da Escócia.
- 25 *The Society for the Suppression of Gossip* foi publicado em um livro de 1879 intitulado *Friday Afternoon Series of Dialogues: A Collection of Original Dialogues Suitable for Boys and Girls in School Entertainments* [Série de diálogos para as tardes de sexta-feira: uma coleção de

jograis adequados para meninos e meninas nos entretenimentos escolares]. É um roteiro leve e divertido sobre um clube feminino que vota para erradicar a fofoca na comunidade.

26 *The Fairy Queen* é um poema épico alegórico do escritor inglês Edmund Spenser, publicado na década de 1590. Posteriormente foi composta uma ópera dramática (peças compostas de canto, falas e dança) em 1692, por Henry Purcell (1659-1695). O libreto é uma adaptação da comédia de William Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão*.

27 *Fé, esperança e caridade*, [Bibl.] 1 Coríntios 13:13, são as três graças que formam os elementos essenciais do caráter cristão.

28 [Bibl.] Eclesiastes 1:14: “Atentei para todas as obras que se e fazem debaixo do sol; e eis que tudo era vaidade e desejo vão”.

29 Romance histórico inglês em versos do século 16 intitulado *Marmion: A Tale of Flodden Field* [*Marmion: a história do campo de Flodden*], de autoria de sir Walter Scott, com seis Cantos, publicado em 1808. O último Canto, destacado no texto, é *Battle of Flodden in 1513* [*A batalha de Flodden em 1513*].

30 *Lily Maid*, também conhecida como *Lily Maid of Astolat* (A dama alva de Astolat), *Elaine the White* (Elaine, a alva), e *Elaine the Fair* (Elaine, a justa), é uma personagem da lenda arturiana citada em várias versões. Elaine morre de desgosto por seu amor não correspondido por Lancelot. De acordo com as instruções dela, seu corpo é colocado em uma barca com um lírio em uma das mãos e sua última carta na outra. O corpo é então levado pelo rio até Camelot, onde é exibido na corte do rei Arthur como a “Donzela do Lírio”.

31 O barão Alfred Tennyson (1809 -1892) foi um poeta inglês. Uma de suas obras mais famosas é *Idylls of the King* (“Idílios do rei”), de 1885, um conjunto de poemas baseado nas aventuras do rei Arthur e dos cavaleiros da tábua redonda e inspirados nas lendas antigas de Thomas Malory.

32 [Bibl.] Referência reiterada na bíblia, exemplificada na citação do salmo 55:22: “Entregue suas preocupações ao Senhor, e Ele o susterá; jamais permitirá que o justo seja abalado”.

33 “*Shroud her feelings in deepest oblivion*” é uma citação do poema *Night Scene in Genoa*, da poetisa inglesa Felicia Hemans (1793-1835).

- 34 [Bibl.] Salmo 19:5.
- 35 Verso do poema *Ensaio sobre a crítica*, de 1711, de Alexander Pope (1688-1744).
- 36 Trecho de *Aurora Leigh*, de 1856, um poema-novela épico escrito por Elizabeth Barrett Browning (1806-1861).
- 37 *The Maiden's Vow* é um poema escrito por Carolina Oliphant, Lady Nairne (1766-1845), compositora escocesa cujas obras são tradicionais e até hoje executadas.
- 38 [Bibl.] Hebreus 11: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”.
- 39 Título foi extraído do poema *The Reaper and the Flower, a Psalm of Death* [“O ceifador e a flor, um salmo sobre a Morte”], do poeta, romancista e tradutor estadunidense Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882).
- 40 Expressão reiterada em textos religiosos e bíblicos que se refere a uma entidade superior, nesse caso o Anjo da Morte.

- 41 “*Loss in all familiar things*” refere-se a um verso do poema narrativo *Snow-Bound: a Winter Idyl*, de 1866, escrito pelo poeta, editor e ativista pró-abolicionista estadunidense John Greenleaf Whittier (1807-1892).
- 42 *Josiah Allen’s Wife*, ou a mulher do Josiah Allen, era um dos pseudônimos da humorista estadunidense Marietta Holley (1836-1926), que se utilizava da sátira e de um sotaque carregado para comentar sobre a sociedade e a política dos Estados Unidos da época.
- 43 “*A haunt of ancient peace*” refere-se ao livro *The Palace of Art*, de 1832, escrito pelo poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892), no qual um homem constrói um palácio para sua alma.
- 44 “*God’s in his heaven, all’s right with the world*” é uma citação extraída do Ato I – Manhã, do poema *Pippa Passes*, de 1841, escrito por Robert Browning (1812-1889).



Lucy Maud Montgomery (1874-1942)

perdeu a mãe antes de completar dois anos de idade, e seu pai a deixou com parentes até que ficasse moça. Nos solitários anos da infância na casa dos avós, em Cavendish, na Ilha Prince Edward, a pequena Lucy criava amigos e mundos imaginários para se entreter. Segundo ela, esse foi o período em que vislumbrou sua fama e fortuna como escritora. Escreveu 20 novelas e outros 500 contos, a maioria encenados nos territórios canadenses, e foi condecorada com a Ordem do Império Britânico. Sua criação de maior sucesso foi

Anne, a órfã que deu fama a Green Gables, mas outras meninas povoam suas obras, tão ou mais parecidas com a sua autora e com dificuldades semelhantes na vida.

Anne of Green Gables

Lucy Maud Montgomery

CHAPTER I.

MRS. RACHEL LYNDE IS SURPRISED

MRS. Rachel Lynde lived just where the Avonlea main road dipped down into a little hollow, fringed with alders and ladies' eardrops and traversed by a brook that had its source away back in the woods of the old Cuthbert place; it was reputed to be an intricate, headlong brook in its earlier course through those woods, with dark secrets of pool and cascade; but by the time it reached Lynde's Hollow it was a quiet, well-conducted little stream, for not even a brook could run past Mrs. Rachel Lynde's door without due regard for decency and decorum; it probably was conscious that Mrs. Rachel was sitting at her window, keeping a sharp eye on everything that passed, from brooks and children up, and that if she noticed anything odd or out of place she would never rest until she had ferreted out the whys and wherefores thereof.

There are plenty of people in Avonlea and out of it, who can attend closely to their neighbor's business by dint of neglecting their own; but Mrs. Rachel Lynde was one of those capable creatures who can manage their own concerns and those of other folks into the bargain. She was a notable housewife; her work was always done and well done; she "ran" the Sewing Circle, helped run the

Sunday-school, and was the strongest prop of the Church Aid Society and Foreign Missions Auxiliary. Yet with all this Mrs. Rachel found abundant time to sit for hours at her kitchen window, knitting “cotton warp” quilts—she had knitted sixteen of them, as Avonlea housekeepers were wont to tell in awed voices—and keeping a sharp eye on the main road that crossed the hollow and wound up the steep red hill beyond. Since Avonlea occupied a little triangular peninsula jutting out into the Gulf of St. Lawrence with water on two sides of it, anybody who went out of it or into it had to pass over that hill road and so run the unseen gauntlet of Mrs. Rachel’s all-seeing eye.

She was sitting there one afternoon in early June. The sun was coming in at the window warm and bright; the orchard on the slope below the house was in a bridal flush of pinky-white bloom, hummed over by a myriad of bees. Thomas Lynde—a meek little man whom Avonlea people called “Rachel Lynde’s husband”—was sowing his late turnip seed on the hill field beyond the barn; and Matthew Cuthbert ought to have been sowing his on the big red brook field away over by Green Gables. Mrs. Rachel knew that he ought because she had heard him tell Peter Morrison the evening before in William J. Blair’s store over at Carmody that he meant to sow his turnip seed the next afternoon. Peter had asked him, of course, for Matthew Cuthbert had never been known to volunteer information about anything in his whole life.

And yet here was Matthew Cuthbert, at half-past three on the afternoon of a busy day, placidly driving over the hollow and up the hill; moreover, he wore a white collar and his best suit of clothes, which was plain proof that he was going out of Avonlea; and he had the buggy and the sorrel mare, which betokened that he was going a considerable distance. Now, where was Matthew Cuthbert going and why was he going there?

Had it been any other man in Avonlea, Mrs. Rachel, deftly putting this and that together, might have given a pretty good guess as to both questions. But Matthew so rarely went from home that it must be something pressing and unusual which was taking him; he was the shyest man alive and hated to have to go among strangers or to any place where he might have to talk. Matthew, dressed up with a white collar and driving in a buggy, was something that didn't happen often. Mrs. Rachel, ponder as she might, could make nothing of it and her afternoon's enjoyment was spoiled.

"I'll just step over to Green Gables after tea and find out from Marilla where he's gone and why," the worthy woman finally concluded. "He doesn't generally go to town this time of year and he *never* visits; if he'd run out of turnip seed he wouldn't dress up and take the buggy to go for more; he wasn't driving fast enough to be going for a doctor. Yet something must have happened since last night to start him off. I'm clean puzzled, that's what, and I won't

know a minute's peace of mind or conscience until I know what has taken Matthew Cuthbert out of Avonlea today."

Accordingly after tea Mrs. Rachel set out; she had not far to go; the big, rambling, orchard-embowered house where the Cuthberts lived was a scant quarter of a mile up the road from Lynde's Hollow. To be sure, the long lane made it a good deal further. Matthew Cuthbert's father, as shy and silent as his son after him, had got as far away as he possibly could from his fellow men without actually retreating into the woods when he founded his homestead. Green Gables was built at the furthest edge of his cleared land and there it was to this day, barely visible from the main road along which all the other Avonlea houses were so sociably situated. Mrs. Rachel Lynde did not call living in such a place *living* at all.

"It's just *staying*, that's what," she said as she stepped along the deep-rutted, grassy lane bordered with wild rose bushes. "It's no wonder Matthew and Marilla are both a little odd, living away back here by themselves. Trees aren't much company, though dear knows if they were there'd be enough of them. I'd ruther look at people. To be sure, they seem contented enough; but then, I suppose, they're used to it. A body can get used to anything, even to being hanged, as the Irishman said."

With this Mrs. Rachel stepped out of the lane into the backyard of Green Gables. Very green and neat and precise was that yard, set about on one side with great patriarchal

willows and the other with prim Lombardies. Not a stray stick nor stone was to be seen, for Mrs. Rachel would have seen it if there had been. Privately she was of the opinion that Marilla Cuthbert swept that yard over as often as she swept her house. One could have eaten a meal off the ground without over-brimming the proverbial peck of dirt.

Mrs. Rachel rapped smartly at the kitchen door and stepped in when bidden to do so. The kitchen at Green Gables was a cheerful apartment—or would have been cheerful if it had not been so painfully clean as to give it something of the appearance of an unused parlor. Its windows looked east and west; through the west one, looking out on the back yard, came a flood of mellow June sunlight; but the east one, whence you got a glimpse of the bloom white cherry-trees in the left orchard and nodding, slender birches down in the hollow by the brook, was greened over by a tangle of vines. Here sat Marilla Cuthbert, when she sat at all, always slightly distrustful of sunshine, which seemed to her too dancing and irresponsible a thing for a world which was meant to be taken seriously; and here she sat now, knitting, and the table behind her was laid for supper.

Mrs. Rachel, before she had fairly closed the door, had taken a mental note of everything that was on that table. There were three plates laid, so that Marilla must be expecting some one home with Matthew to tea; but the dishes were everyday dishes and there was only crab-apple

preserves and one kind of cake, so that the expected company could not be any particular company. Yet what of Matthew's white collar and the sorrel mare? Mrs. Rachel was getting fairly dizzy with this unusual mystery about quiet, unmysterious Green Gables.

"Good evening, Rachel," Marilla said briskly. "This is a real fine evening, isn't it? Won't you sit down? How are all your folks?"

Something that for lack of any other name might be called friendship existed and always had existed between Marilla Cuthbert and Mrs. Rachel, in spite of—or perhaps because of—their dissimilarity.

Marilla was a tall, thin woman, with angles and without curves; her dark hair showed some gray streaks and was always twisted up in a hard little knot behind with two wire hairpins stuck aggressively through it. She looked like a woman of narrow experience and rigid conscience, which she was; but there was a saving something about her mouth which, if it had been ever so slightly developed, might have been considered indicative of a sense of humor.

"We're all pretty well," said Mrs. Rachel. "I was kind of afraid *you* weren't, though, when I saw Matthew starting off today. I thought maybe he was going to the doctor's."

Marilla's lips twitched understandingly. She had expected Mrs. Rachel up; she had known that the sight of Matthew jaunting off so unaccountably would be too much for her neighbor's curiosity.

“Oh, no, I’m quite well although I had a bad headache yesterday,” she said. “Matthew went to Bright River. We’re getting a little boy from an orphan asylum in Nova Scotia and he’s coming on the train tonight.”

If Marilla had said that Matthew had gone to Bright River to meet a kangaroo from Australia Mrs. Rachel could not have been more astonished. She was actually stricken dumb for five seconds. It was un-supposable that Marilla was making fun of her, but Mrs. Rachel was almost forced to suppose it.

“Are you in earnest, Marilla?” she demanded when voice returned to her.

“Yes, of course,” said Marilla, as if getting boys from orphan asylums in Nova Scotia were part of the usual spring work on any well-regulated Avonlea farm instead of being an unheard of innovation.

Mrs. Rachel felt that she had received a severe mental jolt. She thought in exclamation points. A boy! Marilla and Matthew Cuthbert of all people adopting a boy! From an orphan asylum! Well, the world was certainly turning upside down! She would be surprised at nothing after this! Nothing!

“What on earth put such a notion into your head?” she demanded disapprovingly.

This had been done without her advice being asked, and must perforce be disapproved.

“Well, we’ve been thinking about it for some time—all winter in fact,” returned Marilla. “Mrs. Alexander Spencer was up here one day before Christmas and she said she was going to get a little girl from the asylum over in Hopeton in the spring. Her cousin lives there and Mrs. Spencer has visited here and knows all about it. So Matthew and I have talked it over off and on ever since. We thought we’d get a boy. Matthew is getting up in years, you know—he’s sixty—and he isn’t so spry as he once was. His heart troubles him a good deal. And you know how desperate hard it’s got to be to get hired help. There’s never anybody to be had but those stupid, half-grown little French boys; and as soon as you do get one broke into your ways and taught something he’s up and off to the lobster canneries or the States. At first Matthew suggested getting a Home boy. But I said ‘no’ flat to that. ‘They may be all right—I’m not saying they’re not—but no London street Arabs for me,’ I said. ‘Give me a native born at least. There’ll be a risk, no matter who we get. But I’ll feel easier in my mind and sleep sounder at nights if we get a born Canadian.’ So in the end we decided to ask Mrs. Spencer to pick us out one when she went over to get her little girl. We heard last week she was going, so we sent her word by Richard Spencer’s folks at Carmody to bring us a smart, likely boy of about ten or eleven. We decided that would be the best age—old enough to be of some use in doing chores right off and young enough to be trained up proper. We mean to

give him a good home and schooling. We had a telegram from Mrs. Alexander Spencer today—the mail-man brought it from the station—saying they were coming on the five-thirty train tonight. So Matthew went to Bright River to meet him. Mrs. Spencer will drop him off there. Of course she goes on to White Sands station herself.”

Mrs. Rachel prided herself on always speaking her mind; she proceeded to speak it now, having adjusted her mental attitude to this amazing piece of news.

“Well, Marilla, I’ll just tell you plain that I think you’re doing a mighty foolish thing—a risky thing, that’s what. You don’t know what you’re getting. You’re bringing a strange child into your house and home and you don’t know a single thing about him nor what his disposition is like nor what sort of parents he had nor how he’s likely to turn out. Why, it was only last week I read in the paper how a man and his wife up west of the Island took a boy out of an orphan asylum and he set fire to the house at night—set it *on purpose*, Marilla—and nearly burnt them to a crisp in their beds. And I know another case where an adopted boy used to suck the eggs—they couldn’t break him of it. If you had asked my advice in the matter—which you didn’t do, Marilla—I’d have said for mercy’s sake not to think of such a thing, that’s what.”

This Job’s comforting seemed neither to offend nor to alarm Marilla. She knitted steadily on.

“I don’t deny there’s something in what you say, Rachel. I’ve had some qualms myself. But Matthew was terrible set on it. I could see that, so I gave in. It’s so seldom Matthew sets his mind on anything that when he does I always feel it’s my duty to give in. And as for the risk, there’s risks in pretty near everything a body does in this world. There’s risks in people’s having children of their own if it comes to that—they don’t always turn out well. And then Nova Scotia is right close to the Island. It isn’t as if we were getting him from England or the States. He can’t be much different from ourselves.”

“Well, I hope it will turn out all right,” said Mrs. Rachel in a tone that plainly indicated her painful doubts. “Only don’t say I didn’t warn you if he burns Green Gables down or puts strychnine in the well—I heard of a case over in New Brunswick where an orphan asylum child did that and the whole family died in fearful agonies. Only, it was a girl in that instance.”

“Well, we’re not getting a girl,” said Marilla, as if poisoning wells were a purely feminine accomplishment and not to be dreaded in the case of a boy. “I’d never dream of taking a girl to bring up. I wonder at Mrs. Alexander Spencer for doing it. But there, *she* wouldn’t shrink from adopting a whole orphan asylum if she took it into her head.”

Mrs. Rachel would have liked to stay until Matthew came home with his imported orphan. But reflecting that it

would be a good two hours at least before his arrival she concluded to go up the road to Robert Bell's and tell the news. It would certainly make a sensation second to none, and Mrs. Rachel dearly loved to make a sensation. So she took herself away, somewhat to Marilla's relief, for the latter felt her doubts and fears reviving under the influence of Mrs. Rachel's pessimism.

“Well, of all things that ever were or will be!” ejaculated Mrs. Rachel when she was safely out in the lane. “It does really seem as if I must be dreaming. Well, I'm sorry for that poor young one and no mistake. Matthew and Marilla don't know anything about children and they'll expect him to be wiser and steadier than his own grandfather, if so be's he ever had a grandfather, which is doubtful. It seems uncanny to think of a child at Green Gables somehow; there's never been one there, for Matthew and Marilla were grown up when the new house was built—if they ever *were* children, which is hard to believe when one looks at them. I wouldn't be in that orphan's shoes for anything. My, but I pity him, that's what.”

So said Mrs. Rachel to the wild rose bushes out of the fulness of her heart; but if she could have seen the child who was waiting patiently at the Bright River station at that very moment her pity would have been still deeper and more profound.

CHAPTER II.

MATTHEW CUTHBERT IS SURPRISED

MATTHEW Cuthbert and the sorrel mare jogged comfortably over the eight miles to Bright River. It was a pretty road, running along between snug farmsteads, with now and again a bit of balsamy fir wood to drive through or a hollow where wild plums hung out their filmy bloom. The air was sweet with the breath of many apple orchards and the meadows sloped away in the distance to horizon mists of pearl and purple; while

*“The little birds sang as if it were
The one day of summer in all the year.”*

Matthew enjoyed the drive after his own fashion, except during the moments when he met women and had to nod to them—for in Prince Edward island you are supposed to nod to all and sundry you meet on the road whether you know them or not.

Matthew dreaded all women except Marilla and Mrs. Rachel; he had an uncomfortable feeling that the mysterious creatures were secretly laughing at him. He may have been quite right in thinking so, for he was an odd-looking personage, with an ungainly figure and long iron-gray hair that touched his stooping shoulders, and a full, soft brown beard which he had worn ever since he was

twenty. In fact, he had looked at twenty very much as he looked at sixty, lacking a little of the grayness.

When he reached Bright River there was no sign of any train; he thought he was too early, so he tied his horse in the yard of the small Bright River hotel and went over to the station house. The long platform was almost deserted; the only living creature in sight being a girl who was sitting on a pile of shingles at the extreme end. Matthew, barely noting that it *was* a girl, sidled past her as quickly as possible without looking at her. Had he looked he could hardly have failed to notice the tense rigidity and expectation of her attitude and expression. She was sitting there waiting for something or somebody and, since sitting and waiting was the only thing to do just then, she sat and waited with all her might and main.

Matthew encountered the stationmaster locking up the ticket office preparatory to going home for supper, and asked him if the five-thirty train would soon be along.

“The five-thirty train has been in and gone half an hour ago,” answered that brisk official. “But there was a passenger dropped off for you—a little girl. She’s sitting out there on the shingles. I asked her to go into the ladies’ waiting room, but she informed me gravely that she preferred to stay outside. ‘There was more scope for imagination,’ she said. She’s a case, I should say.”

“I’m not expecting a girl,” said Matthew blankly. “It’s a boy I’ve come for. He should be here. Mrs. Alexander

Spencer was to bring him over from Nova Scotia for me.”

The stationmaster whistled.

“Guess there’s some mistake,” he said. “Mrs. Spencer came off the train with that girl and gave her into my charge. Said you and your sister were adopting her from an orphan asylum and that you would be along for her presently. That’s all I know about it—and I haven’t got any more orphans concealed hereabouts.”

“I don’t understand,” said Matthew helplessly, wishing that Marilla was at hand to cope with the situation.

“Well, you’d better question the girl,” said the station-master carelessly. “I dare say she’ll be able to explain—she’s got a tongue of her own, that’s certain. Maybe they were out of boys of the brand you wanted.”

He walked jauntily away, being hungry, and the unfortunate Matthew was left to do that which was harder for him than bearding a lion in its den—walk up to a girl—a strange girl—an orphan girl—and demand of her why she wasn’t a boy. Matthew groaned in spirit as he turned about and shuffled gently down the platform towards her.

She had been watching him ever since he had passed her and she had her eyes on him now. Matthew was not looking at her and would not have seen what she was really like if he had been, but an ordinary observer would have seen this: A child of about eleven, garbed in a very short, very tight, very ugly dress of yellowish-gray wincey. She

wore a faded brown sailor hat and beneath the hat, extending down her back, were two braids of very thick, decidedly red hair. Her face was small, white and thin, also much freckled; her mouth was large and so were her eyes, which looked green in some lights and moods and gray in others.

So far, the ordinary observer; an extraordinary observer might have seen that the chin was very pointed and pronounced; that the big eyes were full of spirit and vivacity; that the mouth was sweet-lipped and expressive; that the forehead was broad and full; in short, our discerning extraordinary observer might have concluded that no commonplace soul inhabited the body of this stray woman-child of whom shy Matthew Cuthbert was so ludicrously afraid.

Matthew, however, was spared the ordeal of speaking first, for as soon as she concluded that he was coming to her she stood up, grasping with one thin brown hand the handle of a shabby, old-fashioned carpet-bag; the other she held out to him.

“I suppose you are Mr. Matthew Cuthbert of Green Gables?” she said in a peculiarly clear, sweet voice. “I’m very glad to see you. I was beginning to be afraid you weren’t coming for me and I was imagining all the things that might have happened to prevent you. I had made up my mind that if you didn’t come for me to-night I’d go down the track to that big wild cherry-tree at the bend,

and climb up into it to stay all night. I wouldn't be a bit afraid, and it would be lovely to sleep in a wild cherry-tree all white with bloom in the moonshine, don't you think? You could imagine you were dwelling in marble halls, couldn't you? And I was quite sure you would come for me in the morning, if you didn't to-night."

Matthew had taken the scrawny little hand awkwardly in his; then and there he decided what to do. He could not tell this child with the glowing eyes that there had been a mistake; he would take her home and let Marilla do that. She couldn't be left at Bright River anyhow, no matter what mistake had been made, so all questions and explanations might as well be deferred until he was safely back at Green Gables.

"I'm sorry I was late," he said shyly. "Come along. The horse is over in the yard. Give me your bag."

"Oh, I can carry it," the child responded cheerfully. "It isn't heavy. I've got all my worldly goods in it, but it isn't heavy. And if it isn't carried in just a certain way the handle pulls out—so I'd better keep it because I know the exact knack of it. It's an extremely old carpet-bag. Oh, I'm very glad you've come, even if it would have been nice to sleep in a wild cherry-tree. We've got to drive a long piece, haven't we? Mrs. Spencer said it was eight miles. I'm glad because I love driving. Oh, it seems so wonderful that I'm going to live with you and belong to you. I've never belonged to anybody—not really. But the asylum was the

worst. I've only been in it four months, but that was enough. I don't suppose you ever were an orphan in an asylum, so you can't possibly understand what it is like. It's worse than anything you could imagine. Mrs. Spencer said it was wicked of me to talk like that, but I didn't mean to be wicked. It's so easy to be wicked without knowing it, isn't it? They were good, you know—the asylum people. But there is so little scope for the imagination in an asylum—only just in the other orphans. It was pretty interesting to imagine things about them—to imagine that perhaps the girl who sat next to you was really the daughter of a belted earl, who had been stolen away from her parents in her infancy by a cruel nurse who died before she could confess. I used to lie awake at nights and imagine things like that, because I didn't have time in the day. I guess that's why I'm so thin—I *am* dreadful thin, ain't I? There isn't a pick on my bones. I do love to imagine I'm nice and plump, with dimples in my elbows."

With this Matthew's companion stopped talking, partly because she was out of breath and partly because they had reached the buggy. Not another word did she say until they had left the village and were driving down a steep little hill, the road part of which had been cut so deeply into the soft soil, that the banks, fringed with blooming wild cherry-trees and slim white birches, were several feet above their heads.

The child put out her hand and broke off a branch of wild plum that brushed against the side of the buggy.

“Isn’t that beautiful? What did that tree, leaning out from the bank, all white and lacy, make you think of?” she asked.

“Well now, I dunno,” said Matthew.

“Why, a bride, of course—a bride all in white with a lovely misty veil. I’ve never seen one, but I can imagine what she would look like. I don’t ever expect to be a bride myself. I’m so homely nobody will ever want to marry me—unless it might be a foreign missionary. I suppose a foreign missionary mightn’t be very particular. But I do hope that some day I shall have a white dress. That is my highest ideal of earthly bliss. I just love pretty clothes. And I’ve never had a pretty dress in my life that I can remember—but of course it’s all the more to look forward to, isn’t it? And then I can imagine that I’m dressed gorgeously. This morning when I left the asylum I felt so ashamed because I had to wear this horrid old wincey dress. All the orphans had to wear them, you know. A merchant in Hopeton last winter donated three hundred yards of wincey to the asylum. Some people said it was because he couldn’t sell it, but I’d rather believe that it was out of the kindness of his heart, wouldn’t you? When we got on the train I felt as if everybody must be looking at me and pitying me. But I just went to work and imagined that I had on the most beautiful pale blue silk dress—because

when you *are* imagining you might as well imagine something worth while—and a big hat all flowers and nodding plumes, and a gold watch, and kid gloves and boots. I felt cheered up right away and I enjoyed my trip to the Island with all my might. I wasn't a bit sick coming over in the boat. Neither was Mrs. Spencer although she generally is. She said she hadn't time to get sick, watching to see that I didn't fall overboard. She said she never saw the beat of me for prowling about. But if it kept her from being seasick it's a mercy I did prowl, isn't it? And I wanted to see everything that was to be seen on that boat, because I didn't know whether I'd ever have another opportunity. Oh, there are a lot more cherry-trees all in bloom! This Island is the bloomiest place. I just love it already, and I'm so glad I'm going to live here. I've always heard that Prince Edward Island was the prettiest place in the world, and I used to imagine I was living here, but I never really expected I would. It's delightful when your imaginations come true, isn't it? But those red roads are so funny. When we got into the train at Charlottetown and the red roads began to flash past I asked Mrs. Spencer what made them red and she said she didn't know and for pity's sake not to ask her any more questions. She said I must have asked her a thousand already. I suppose I had, too, but how you going to find out about things if you don't ask questions? And what *does* make the roads red?"

"Well now, I dunno," said Matthew.

“Well, that is one of the things to find out sometime. Isn’t it splendid to think of all the things there are to find out about? It just makes me feel glad to be alive—it’s such an interesting world. It wouldn’t be half so interesting if we know all about everything, would it? There’d be no scope for imagination then, would there? But am I talking too much? People are always telling me I do. Would you rather I didn’t talk? If you say so I’ll stop. I can *stop* when I make up my mind to it, although it’s difficult.”

Matthew, much to his own surprise, was enjoying himself. Like most quiet folks he liked talkative people when they were willing to do the talking themselves and did not expect him to keep up his end of it. But he had never expected to enjoy the society of a little girl. Women were bad enough in all conscience, but little girls were worse. He detested the way they had of sidling past him timidly, with sidewise glances, as if they expected him to gobble them up at a mouthful if they ventured to say a word. That was the Avonlea type of well-bred little girl. But this freckled witch was very different, and although he found it rather difficult for his slower intelligence to keep up with her brisk mental processes he thought that he “kind of liked her chatter.” So he said as shyly as usual:

“Oh, you can talk as much as you like. I don’t mind.”

“Oh, I’m so glad. I know you and I are going to get along together fine. It’s such a relief to talk when one wants to and not be told that children should be seen and

not heard. I've had that said to me a million times if I have once. And people laugh at me because I use big words. But if you have big ideas you have to use big words to express them, haven't you?"

"Well now, that seems reasonable," said Matthew.

"Mrs. Spencer said that my tongue must be hung in the middle. But it isn't—it's firmly fastened at one end. Mrs. Spencer said your place was named Green Gables. I asked her all about it. And she said there were trees all around it. I was gladder than ever. I just love trees. And there weren't any at all about the asylum, only a few poor weeny-teeny things out in front with little whitewashed cagey things about them. They just looked like orphans themselves, those trees did. It used to make me want to cry to look at them. I used to say to them, 'Oh, you *poor* little things! If you were out in a great big woods with other trees all around you and little mosses and June bells growing over your roots and a brook not far away and birds singing in you branches, you could grow, couldn't you? But you can't where you are. I know just exactly how you feel, little trees.' I felt sorry to leave them behind this morning. You do get so attached to things like that, don't you? Is there a brook anywhere near Green Gables? I forgot to ask Mrs. Spencer that."

"Well now, yes, there's one right below the house."

"Fancy. It's always been one of my dreams to live near a brook. I never expected I would, though. Dreams don't

often come true, do they? Wouldn't it be nice if they did? But just now I feel pretty nearly perfectly happy. I can't feel exactly perfectly happy because—well, what color would you call this?"

She twitched one of her long glossy braids over her thin shoulder and held it up before Matthew's eyes. Matthew was not used to deciding on the tints of ladies' tresses, but in this case there couldn't be much doubt.

"It's red, ain't it?" he said.

The girl let the braid drop back with a sigh that seemed to come from her very toes and to exhale forth all the sorrows of the ages.

"Yes, it's red," she said resignedly. "Now you see why I can't be perfectly happy. Nobody could who has red hair. I don't mind the other things so much—the freckles and the green eyes and my skinniness. I can imagine them away. I can imagine that I have a beautiful rose-leaf complexion and lovely starry violet eyes. But I *cannot* imagine that red hair away. I do my best. I think to myself, 'Now my hair is a glorious black, black as the raven's wing.' But all the time I *know* it is just plain red and it breaks my heart. It will be my lifelong sorrow. I read of a girl once in a novel who had a lifelong sorrow but it wasn't red hair. Her hair was pure gold rippling back from her alabaster brow. What is an alabaster brow? I never could find out. Can you tell me?"

"Well now, I'm afraid I can't," said Matthew, who was getting a little dizzy. He felt as he had once felt in his rash

youth when another boy had enticed him on the merry-go-round at a picnic.

“Well, whatever it was it must have been something nice because she was divinely beautiful. Have you ever imagined what it must feel like to be divinely beautiful?”

“Well now, no, I haven’t,” confessed Matthew ingenuously.

“I have, often. Which would you rather be if you had the choice—divinely beautiful or dazzlingly clever or angelically good?”

“Well now, I—I don’t know exactly.”

“Neither do I. I can never decide. But it doesn’t make much real difference for it isn’t likely I’ll ever be either. It’s certain I’ll never be angelically good. Mrs. Spencer says—oh, Mr. Cuthbert! Oh, Mr. Cuthbert!! Oh, Mr. Cuthbert!!!”

That was not what Mrs. Spencer had said; neither had the child tumbled out of the buggy nor had Matthew done anything astonishing. They had simply rounded a curve in the road and found themselves in the “Avenue.”

The “Avenue,” so called by the Newbridge people, was a stretch of road four or five hundred yards long, completely arched over with huge, wide-spreading apple-trees, planted years ago by an eccentric old farmer. Overhead was one long canopy of snowy fragrant bloom. Below the boughs the air was full of a purple twilight and

far ahead a glimpse of painted sunset sky shone like a great rose window at the end of a cathedral aisle.

Its beauty seemed to strike the child dumb. She leaned back in the buggy, her thin hands clasped before her, her face lifted rapturously to the white splendor above. Even when they had passed out and were driving down the long slope to Newbridge she never moved or spoke. Still with rapt face she gazed afar into the sunset west, with eyes that saw visions trooping splendidly across that glowing background. Through Newbridge, a bustling little village where dogs barked at them and small boys hooted and curious faces peered from the windows, they drove, still in silence. When three more miles had dropped away behind them the child had not spoken. She could keep silence, it was evident, as energetically as she could talk.

“I guess you’re feeling pretty tired and hungry,” Matthew ventured to say at last, accounting for her long visitation of dumbness with the only reason he could think of. “But we haven’t very far to go now—only another mile.”

She came out of her reverie with a deep sigh and looked at him with the dreamy gaze of a soul that had been wondering afar, star-led.

“Oh, Mr. Cuthbert,” she whispered, “that place we came through—that white place—what was it?”

“Well now, you must mean the Avenue,” said Matthew after a few moments’ profound reflection. “It is a kind of pretty place.”

“Pretty? Oh, *pretty* doesn’t seem the right word to use. Nor beautiful, either. They don’t go far enough. Oh, it was wonderful—wonderful. It’s the first thing I ever saw that couldn’t be improved upon by imagination. It just satisfies me here”—she put one hand on her breast—“it made a queer funny ache and yet it was a pleasant ache. Did you ever have an ache like that, Mr. Cuthbert?”

“Well now, I just can’t recollect that I ever had.”

“I have it lots of time—whenever I see anything royally beautiful. But they shouldn’t call that lovely place the Avenue. There is no meaning in a name like that. They should call it—let me see—the White Way of Delight. Isn’t that a nice imaginative name? When I don’t like the name of a place or a person I always imagine a new one and always think of them so. There was a girl at the asylum whose name was Hepzibah Jenkins, but I always imagined her as Rosalia De Vere. Other people may call that place the Avenue, but I shall always call it the White Way of Delight. Have we really only another mile to go before we get home? I’m glad and I’m sorry. I’m sorry because this drive has been so pleasant and I’m always sorry when pleasant things end. Something still pleasanter may come after, but you can never be sure. And it’s so often the case that it isn’t pleasanter. That has been my experience anyhow. But

I'm glad to think of getting home. You see, I've never had a real home since I can remember. It gives me that pleasant ache again just to think of coming to a really truly home. Oh, isn't that pretty!"

They had driven over the crest of a hill. Below them was a pond, looking almost like a river so long and winding was it. A bridge spanned it midway and from there to its lower end, where an amber-hued belt of sand-hills shut it in from the dark blue gulf beyond, the water was a glory of many shifting hues—the most spiritual shadings of crocus and rose and ethereal green, with other elusive tintings for which no name has ever been found. Above the bridge the pond ran up into fringing groves of fir and maple and lay all darkly translucent in their wavering shadows. Here and there a wild plum leaned out from the bank like a white-clad girl tip-toeing to her own reflection. From the marsh at the head of the pond came the clear, mournfully-sweet chorus of the frogs. There was a little gray house peering around a white apple orchard on a slope beyond and, although it was not yet quite dark, a light was shining from one of its windows.

"That's Barry's pond," said Matthew.

"Oh, I don't like that name, either. I shall call it—let me see—the Lake of Shining Waters. Yes, that is the right name for it. I know because of the thrill. When I hit on a name that suits exactly it gives me a thrill. Do things ever give you a thrill?"

Matthew ruminated.

“Well now, yes. It always kind of gives me a thrill to see them ugly white grubs that spade up in the cucumber beds. I hate the look of them.”

“Oh, I don’t think that can be exactly the same kind of a thrill. Do you think it can? There doesn’t seem to be much connection between grubs and lakes of shining waters, does there? But why do other people call it Barry’s pond?”

“I reckon because Mr. Barry lives up there in that house. Orchard Slope’s the name of his place. If it wasn’t for that big bush behind it you could see Green Gables from here. But we have to go over the bridge and round by the road, so it’s near half a mile further.”

“Has Mr. Barry any little girls? Well, not so very little either—about my size.”

“He’s got one about eleven. Her name is Diana.”

“Oh!” with a long indrawing of breath. “What a perfectly lovely name!”

“Well now, I dunno. There’s something dreadful heathenish about it, seems to me. I’d ruther Jane or Mary or some sensible name like that. But when Diana was born there was a schoolmaster boarding there and they gave him the naming of her and he called her Diana.”

“I wish there had been a schoolmaster like that around when I was born, then. Oh, here we are at the bridge. I’m going to shut my eyes tight. I’m always afraid

going over bridges. I can't help imagining that perhaps just as we get to the middle, they'll crumple up like a jack-knife and nip us. So I shut my eyes. But I always have to open them for all when I think we're getting near the middle. Because, you see, if the bridge *did* crumple up I'd want to *see* it crumple. What a jolly rumble it makes! I always like the rumble part of it. Isn't it splendid there are so many things to like in this world? There we're over. Now I'll look back. Good night, dear Lake of Shining Waters. I always say good night to the things I love, just as I would to people. I think they like it. That water looks as if it was smiling at me."

When they had driven up the further hill and around a corner Matthew said:

"We're pretty near home now. That's Green Gables over—"

"Oh, don't tell me," she interrupted breathlessly, catching at his partially raised arm and shutting her eyes that she might not see his gesture. "Let me guess. I'm sure I'll guess right."

She opened her eyes and looked about her. They were on the crest of a hill. The sun had set some time since, but the landscape was still clear in the mellow afterlight. To the west a dark church spire rose up against a marigold sky. Below was a little valley and beyond a long, gently-rising slope with snug farmsteads scattered along it. From one to another the child's eyes darted, eager and

wistful. At last they lingered on one away to the left, far back from the road, dimly white with blossoming trees in the twilight of the surrounding woods. Over it, in the stainless southwest sky, a great crystal-white star was shining like a lamp of guidance and promise.

“That’s it, isn’t it?” she said, pointing.

Matthew slapped the reins on the sorrel’s back delightedly.

“Well now, you’ve guessed it! But I reckon Mrs. Spencer described it so you could tell.”

“No, she didn’t—really she didn’t. All she said might just as well have been about most of those other places. I hadn’t any real idea what it looked like. But just as soon as I saw it I felt it was home. Oh, it seems as if I must be in a dream. Do you know, my arm must be black and blue from the elbow up, for I’ve pinched myself so many times today. Every little while a horrible sickening feeling would come over me and I’d be so afraid it was all a dream. Then I’d pinch myself to see if it was real—until suddenly I remembered that even supposing it was only a dream I’d better go on dreaming as long as I could; so I stopped pinching. But it *is* real and we’re nearly home.”

With a sigh of rapture she relapsed into silence. Matthew stirred uneasily. He felt glad that it would be Marilla and not he who would have to tell this waif of the world that the home she longed for was not to be hers after all. They drove over Lynde’s Hollow, where it was already

quite dark, but not so dark that Mrs. Rachel could not see them from her window vantage, and up the hill and into the long lane of Green Gables. By the time they arrived at the house Matthew was shrinking from the approaching revelation with an energy he did not understand. It was not of Marilla or himself he was thinking of the trouble this mistake was probably going to make for them, but of the child's disappointment. When he thought of that rapt light being quenched in her eyes he had an uncomfortable feeling that he was going to assist at murdering something—much the same feeling that came over him when he had to kill a lamb or calf or any other innocent little creature.

The yard was quite dark as they turned into it and the poplar leaves were rustling silkily all round it.

“Listen to the trees talking in their sleep,” she whispered, as he lifted her to the ground. “What nice dreams they must have!”

Then, holding tightly to the carpet-bag which contained “all her worldly goods,” she followed him into the house.

CHAPTER III.

MARILLA CUTHBERT IS SURPRISED

MARILLA came briskly forward as Matthew opened the door. But when her eyes fell on the odd little figure in the stiff, ugly dress, with the long braids of red hair and the eager, luminous eyes, she stopped short in amazement.

“Matthew Cuthbert, who’s that?” she ejaculated.
“Where is the boy?”

“There wasn’t any boy,” said Matthew wretchedly.
“There was only *her*.”

He nodded at the child, remembering that he had never even asked her name.

“No boy! But there *must* have been a boy,” insisted Marilla. “We sent word to Mrs. Spencer to bring a boy.”

“Well, she didn’t. She brought *her*. I asked the station-master. And I had to bring her home. She couldn’t be left there, no matter where the mistake had come in.”

“Well, this is a pretty piece of business!” ejaculated Marilla.

During this dialogue the child had remained silent, her eyes roving from one to the other, all the animation fading out of her face. Suddenly she seemed to grasp the full meaning of what had been said. Dropping her precious

carpet-bag she sprang forward a step and clasped her hands.

“You don’t want me!” she cried. “You don’t want me because I’m not a boy! I might have expected it. Nobody ever did want me. I might have known it was all too beautiful to last. I might have known nobody really did want me. Oh, what shall I do? I’m going to burst into tears!”

Burst into tears she did. Sitting down on a chair by the table, flinging her arms out upon it, and burying her face in them, she proceeded to cry stormily. Marilla and Matthew looked at each other deprecatingly across the stove. Neither of them knew what to say or do. Finally Marilla stepped lamely into the breach.

“Well, well, there’s no need to cry so about it.”

“Yes, there *is* need!” The child raised her head quickly, revealing a tear-stained face and trembling lips.

“*You* would cry, too, if you were an orphan and had come to a place you thought was going to be home and found that they didn’t want you because you weren’t a boy. Oh, this is the most *tragical* thing that ever happened to me!”

Something like a reluctant smile, rather rusty from long disuse, mellowed Marilla’s grim expression.

“Well, don’t cry any more. We’re not going to turn you out-of-doors to-night. You’ll have to stay here until we investigate this affair. What’s your name?”

The child hesitated for a moment.

“Will you please call me Cordelia?” she said eagerly.

“*Call* you Cordelia? Is that your name?”

“No-o-o, it’s not exactly my name, but I would love to be called Cordelia. It’s such a perfectly elegant name.”

“I don’t know what on earth you mean. If Cordelia isn’t your name, what is?”

“Anne Shirley,” reluctantly faltered forth the owner of that name, “but, oh, please do call me Cordelia. It can’t matter much to you what you call me if I’m only going to be here a little while, can it? And Anne is such an unromantic name.”

“Unromantic fiddlesticks!” said the unsympathetic Marilla. “Anne is a real good plain sensible name. You’ve no need to be ashamed of it.”

“Oh, I’m not ashamed of it,” explained Anne, “only I like Cordelia better. I’ve always imagined that my name was Cordelia—at least, I always have of late years. When I was young I used to imagine it was Geraldine, but I like Cordelia better now. But if you call me Anne please call me Anne spelled with an E.”

“What difference does it make how it’s spelled?” asked Marilla with another rusty smile as she picked up the teapot.

“Oh, it makes *such* a difference. It *looks* so much nicer. When you hear a name pronounced can’t you always see it in your mind, just as if it was printed out? I can; and A-n-n looks dreadful, but A-n-n-e looks so much more

distinguished. If you'll only call me Anne spelled with an E I shall try to reconcile myself to not being called Cordelia.”

“Very well, then, Anne spelled with an E, can you tell us how this mistake came to be made? We sent word to Mrs. Spencer to bring us a boy. Were there no boys at the asylum?”

“Oh, yes, there was an abundance of them. But Mrs. Spencer said *distinctly* that you wanted a girl about eleven years old. And the matron said she thought I would do. You don't know how delighted I was. I couldn't sleep all last night for joy. Oh,” she added reproachfully, turning to Matthew, “why didn't you tell me at the station that you didn't want me and leave me there? If I hadn't seen the White Way of Delight and the Lake of Shining Waters it wouldn't be so hard.”

“What on earth does she mean?” demanded Marilla, staring at Matthew.

“She—she's just referring to some conversation we had on the road,” said Matthew hastily. “I'm going out to put the mare in, Marilla. Have tea ready when I come back.”

“Did Mrs. Spencer bring anybody over besides you?” continued Marilla when Matthew had gone out.

“She brought Lily Jones for herself. Lily is only five years old and she is very beautiful and had nut-brown hair. If I was very beautiful and had nut-brown hair would you keep me?”

“No. We want a boy to help Matthew on the farm. A girl would be of no use to us. Take off your hat. I’ll lay it and your bag on the hall table.”

Anne took off her hat meekly. Matthew came back presently and they sat down to supper. But Anne could not eat. In vain she nibbled at the bread and butter and pecked at the crab-apple preserve out of the little scalloped glass dish by her plate. She did not really make any headway at all.

“You’re not eating anything,” said Marilla sharply, eying her as if it were a serious shortcoming. Anne sighed.

“I can’t. I’m in the depths of despair. Can you eat when you are in the depths of despair?”

“I’ve never been in the depths of despair, so I can’t say,” responded Marilla.

“Weren’t you? Well, did you ever try to *imagine* you were in the depths of despair?”

“No, I didn’t.”

“Then I don’t think you can understand what it’s like. It’s a very uncomfortable feeling indeed. When you try to eat a lump comes right up in your throat and you can’t swallow anything, not even if it was a chocolate caramel. I had one chocolate caramel once two years ago and it was simply delicious. I’ve often dreamed since then that I had a lot of chocolate caramels, but I always wake up just when I’m going to eat them. I do hope you won’t be offended

because I can't eat. Everything is extremely nice, but still I cannot eat."

"I guess she's tired," said Matthew, who hadn't spoken since his return from the barn. "Best put her to bed, Marilla."

Marilla had been wondering where Anne should be put to bed. She had prepared a couch in the kitchen chamber for the desired and expected boy. But, although it was neat and clean, it did not seem quite the thing to put a girl there somehow. But the spare room was out of the question for such a stray waif, so there remained only the east gable room. Marilla lighted a candle and told Anne to follow her, which Anne spiritlessly did, taking her hat and carpet-bag from the hall table as she passed. The hall was fearsomely clean; the little gable chamber in which she presently found herself seemed still cleaner.

Marilla set the candle on a three-legged, three-cornered table and turned down the bedclothes.

"I suppose you have a nightgown?" she questioned.

Anne nodded.

"Yes, I have two. The matron of the asylum made them for me. They're fearfully skimpy. There is never enough to go around in an asylum, so things are always skimpy—at least in a poor asylum like ours. I hate skimpy night-dresses. But one can dream just as well in them as in lovely trailing ones, with frills around the neck, that's one consolation."

“Well, undress as quick as you can and go to bed. I’ll come back in a few minutes for the candle. I daren’t trust you to put it out yourself. You’d likely set the place on fire.”

When Marilla had gone Anne looked around her wistfully. The whitewashed walls were so painfully bare and staring that she thought they must ache over their own bareness. The floor was bare, too, except for a round braided mat in the middle such as Anne had never seen before. In one corner was the bed, a high, old-fashioned one, with four dark, low-turned posts. In the other corner was the aforesaid three-corner table adorned with a fat, red velvet pin-cushion hard enough to turn the point of the most adventurous pin. Above it hung a little six-by-eight mirror. Midway between table and bed was the window, with an icy white muslin frill over it, and opposite it was the wash-stand. The whole apartment was of a rigidity not to be described in words, but which sent a shiver to the very marrow of Anne’s bones. With a sob she hastily discarded her garments, put on the skimpy nightgown and sprang into bed where she burrowed face downward into the pillow and pulled the clothes over her head. When Marilla came up for the light various skimpy articles of raiment scattered most untidily over the floor and a certain tempestuous appearance of the bed were the only indications of any presence save her own.

She deliberately picked up Anne's clothes, placed them neatly on a prim yellow chair, and then, taking up the candle, went over to the bed.

"Good night," she said, a little awkwardly, but not unkindly.

Anne's white face and big eyes appeared over the bedclothes with a startling suddenness.

"How can you call it a *good* night when you know it must be the very worst night I've ever had?" she said reproachfully.

Then she dived down into invisibility again.

Marilla went slowly down to the kitchen and proceeded to wash the supper dishes. Matthew was smoking—a sure sign of perturbation of mind. He seldom smoked, for Marilla set her face against it as a filthy habit; but at certain times and seasons he felt driven to it and then Marilla winked at the practice, realizing that a mere man must have some vent for his emotions.

"Well, this is a pretty kettle of fish," she said wrathfully. "This is what comes of sending word instead of going ourselves. Richard Spencer's folks have twisted that message somehow. One of us will have to drive over and see Mrs. Spencer tomorrow, that's certain. This girl will have to be sent back to the asylum."

"Yes, I suppose so," said Matthew reluctantly.

"You *suppose* so! Don't you know it?"

“Well now, she’s a real nice little thing, Marilla. It’s kind of a pity to send her back when she’s so set on staying here.”

“Matthew Cuthbert, you don’t mean to say you think we ought to keep her!”

Marilla’s astonishment could not have been greater if Matthew had expressed a predilection for standing on his head.

“Well, now, no, I suppose not—not exactly,” stammered Matthew, uncomfortably driven into a corner for his precise meaning. “I suppose—we could hardly be expected to keep her.”

“I should say not. What good would she be to us?”

“We might be some good to her,” said Matthew suddenly and unexpectedly.

“Matthew Cuthbert, I believe that child has bewitched you! I can see as plain as plain that you want to keep her.”

“Well now, she’s a real interesting little thing,” persisted Matthew. “You should have heard her talk coming from the station.”

“Oh, she can talk fast enough. I saw that at once. It’s nothing in her favour, either. I don’t like children who have so much to say. I don’t want an orphan girl and if I did she isn’t the style I’d pick out. There’s something I don’t understand about her. No, she’s got to be despatched straight-way back to where she came from.”

“I could hire a French boy to help me,” said Matthew, “and she’d be company for you.”

“I’m not suffering for company,” said Marilla shortly. “And I’m not going to keep her.”

“Well now, it’s just as you say, of course, Marilla,” said Matthew rising and putting his pipe away. “I’m going to bed.”

To bed went Matthew. And to bed, when she had put her dishes away, went Marilla, frowning most resolutely. And up-stairs, in the east gable, a lonely, heart-hungry, friendless child cried herself to sleep.

CHAPTER IV.

MORNING AT GREEN GABLES

It was broad daylight when Anne awoke and sat up in bed, staring confusedly at the window through which a flood of cheery sunshine was pouring and outside of which something white and feathery waved across glimpses of blue sky.

For a moment she could not remember where she was. First came a delightful thrill, as something very pleasant; then a horrible remembrance. This was Green Gables and they didn't want her because she wasn't a boy!

But it was morning and, yes, it was a cherry-tree in full bloom outside of her window. With a bound she was out of bed and across the floor. She pushed up the sash—it went up stiffly and creakily, as if it hadn't been opened for a long time, which was the case; and it stuck so tight that nothing was needed to hold it up.

Anne dropped on her knees and gazed out into the June morning, her eyes glistening with delight. Oh, wasn't it beautiful? Wasn't it a lovely place? Suppose she wasn't really going to stay here! She would imagine she was. There was scope for imagination here.

A huge cherry-tree grew outside, so close that its boughs tapped against the house, and it was so thick-set with blossoms that hardly a leaf was to be seen. On both

sides of the house was a big orchard, one of apple-trees and one of cherry-trees, also showered over with blossoms; and their grass was all sprinkled with dandelions. In the garden below were lilac-trees purple with flowers, and their dizzily sweet fragrance drifted up to the window on the morning wind.

Below the garden a green field lush with clover sloped down to the hollow where the brook ran and where scores of white birches grew, upspringing airily out of an undergrowth suggestive of delightful possibilities in ferns and mosses and woodsy things generally. Beyond it was a hill, green and feathery with spruce and fir; there was a gap in it where the gray gable end of the little house she had seen from the other side of the Lake of Shining Waters was visible.

Off to the left were the big barns and beyond them, away down over green, low-sloping fields, was a sparkling blue glimpse of sea.

Anne's beauty-loving eyes lingered on it all, taking everything greedily in. She had looked on so many unlovely places in her life, poor child; but this was as lovely as anything she had ever dreamed.

She knelt there, lost to everything but the loveliness around her, until she was startled by a hand on her shoulder. Marilla had come in unheard by the small dreamer.

"It's time you were dressed," she said curtly.

Marilla really did not know how to talk to the child, and her uncomfortable ignorance made her crisp and curt when she did not mean to be.

Anne stood up and drew a long breath.

“Oh, isn’t it wonderful?” she said, waving her hand comprehensively at the good world outside.

“It’s a big tree,” said Marilla, “and it blooms great, but the fruit don’t amount to much never—small and wormy.”

“Oh, I don’t mean just the tree; of course it’s lovely—yes, it’s *radiantly* lovely—it blooms as if it meant it—but I meant everything, the garden and the orchard and the brook and the woods, the whole big dear world. Don’t you feel as if you just loved the world on a morning like this? And I can hear the brook laughing all the way up here. Have you ever noticed what cheerful things brooks are? They’re always laughing. Even in winter-time I’ve heard them under the ice. I’m so glad there’s a brook near Green Gables. Perhaps you think it doesn’t make any difference to me when you’re not going to keep me, but it does. I shall always like to remember that there is a brook at Green Gables even if I never see it again. If there wasn’t a brook I’d be *haunted* by the uncomfortable feeling that there ought to be one. I’m not in the depths of despair this morning. I never can be in the morning. Isn’t it a splendid thing that there are mornings? But I feel very sad. I’ve just been imagining that it was really me you wanted after all and that I was to stay here for ever and ever. It was a great

comfort while it lasted. But the worst of imagining things is that the time comes when you have to stop and that hurts.”

“You’d better get dressed and come down-stairs and never mind your imaginings,” said Marilla as soon as she could get a word in edgewise. “Breakfast is waiting. Wash your face and comb your hair. Leave the window up and turn your bedclothes back over the foot of the bed. Be as smart as you can.”

Anne could evidently be smart to some purpose for she was down-stairs in ten minutes’ time, with her clothes neatly on, her hair brushed and braided, her face washed, and a comfortable consciousness pervading her soul that she had fulfilled all Marilla’s requirements. As a matter of fact, however, she had forgotten to turn back the bedclothes.

“I’m pretty hungry this morning,” she announced as she slipped into the chair Marilla placed for her. “The world doesn’t seem such a howling wilderness as it did last night. I’m so glad it’s a sunshiny morning. But I like rainy mornings real well, too. All sorts of mornings are interesting, don’t you think? You don’t know what’s going to happen through the day, and there’s so much scope for imagination. But I’m glad it’s not rainy today because it’s easier to be cheerful and bear up under affliction on a sunshiny day. I feel that I have a good deal to bear up under. It’s all very well to read about sorrows and imagine

yourself living through them heroically, but it's not so nice when you really come to have them, is it?"

"For pity's sake hold your tongue," said Marilla. "You talk entirely too much for a little girl."

Thereupon Anne held her tongue so obediently and thoroughly that her continued silence made Marilla rather nervous, as if in the presence of something not exactly natural. Matthew also held his tongue,—but this was natural,—so that the meal was a very silent one.

As it progressed Anne became more and more abstracted, eating mechanically, with her big eyes fixed unswervingly and unseeingly on the sky outside the window. This made Marilla more nervous than ever; she had an uncomfortable feeling that while this odd child's body might be there at the table her spirit was far away in some remote airy cloudland, borne aloft on the wings of imagination. Who would want such a child about the place?

Yet Matthew wished to keep her, of all unaccountable things! Marilla felt that he wanted it just as much this morning as he had the night before, and that he would go on wanting it. That was Matthew's way—take a whim into his head and cling to it with the most amazing silent persistency—a persistency ten times more potent and effectual in its very silence than if he had talked it out.

When the meal was ended Anne came out of her reverie and offered to wash the dishes.

“Can you wash dishes right?” asked Marilla distrustfully.

“Pretty well. I’m better at looking after children, though. I’ve had so much experience at that. It’s such a pity you haven’t any here for me to look after.”

“I don’t feel as if I wanted any more children to look after than I’ve got at present. *You’re* problem enough in all conscience. What’s to be done with you I don’t know. Matthew is a most ridiculous man.”

“I think he’s lovely,” said Anne reproachfully. “He is so very sympathetic. He didn’t mind how much I talked—he seemed to like it. I felt that he was a kindred spirit as soon as ever I saw him.”

“You’re both queer enough, if that’s what you mean by kindred spirits,” said Marilla with a sniff. “Yes, you may wash the dishes. Take plenty of hot water, and be sure you dry them well. I’ve got enough to attend to this morning for I’ll have to drive over to White Sands in the afternoon and see Mrs. Spencer. You’ll come with me and we’ll settle what’s to be done with you. After you’ve finished the dishes go up-stairs and make your bed.”

Anne washed the dishes deftly enough, as Marilla who kept a sharp eye on the process, discerned. Later on she made her bed less successfully, for she had never learned the art of wrestling with a feather tick. But it was done somehow and smoothed down; and then Marilla, to get rid

of her, told her she might go out-of-doors and amuse herself until dinner time.

Anne flew to the door, face alight, eyes glowing. On the very threshold she stopped short, wheeled about, came back and sat down by the table, light and glow as effectually blotted out as if some one had clapped an extinguisher on her.

“What’s the matter now?” demanded Marilla.

“I don’t dare go out,” said Anne, in the tone of a martyr relinquishing all earthly joys. “If I can’t stay here there is no use in my loving Green Gables. And if I go out there and get acquainted with all those trees and flowers and the orchard and the brook I’ll not be able to help loving it. It’s hard enough now, so I won’t make it any harder. I want to go out so much—everything seems to be calling to me, ‘Anne, Anne, come out to us. Anne, Anne, we want a playmate’—but it’s better not. There is no use in loving things if you have to be torn from them, is there? And it’s so hard to keep from loving things, isn’t it? That was why I was so glad when I thought I was going to live here. I thought I’d have so many things to love and nothing to hinder me. But that brief dream is over. I am resigned to my fate now, so I don’t think I’ll go out for fear I’ll get unresigned again. What is the name of that geranium on the window-sill, please?”

“That’s the apple-scented geranium.”

“Oh, I don’t mean that sort of a name. I mean just a name you gave it yourself. Didn’t you give it a name? May I give it one then? May I call it—let me see—Bonny would do—may I call it Bonny while I’m here? Oh, do let me!”

“Goodness, I don’t care. But where on earth is the sense of naming a geranium?”

“Oh, I like things to have handles even if they are only geraniums. It makes them seem more like people. How do you know but that it hurts a geranium’s feelings just to be called a geranium and nothing else? You wouldn’t like to be called nothing but a woman all the time. Yes, I shall call it Bonny. I named that cherry-tree outside my bedroom window this morning. I called it Snow Queen because it was so white. Of course, it won’t always be in blossom, but one can imagine that it is, can’t one?”

“I never in all my life saw or heard anything to equal her,” muttered Marilla, beating a retreat down to the cellar after potatoes. “She is kind of interesting as Matthew says. I can feel already that I’m wondering what on earth she’ll say next. She’ll be casting a spell over me, too. She’s cast it over Matthew. That look he gave me when he went out said everything he said or hinted last night over again. I wish he was like other men and would talk things out. A body could answer back then and argue him into reason. But what’s to be done with a man who just *looks?*”

Anne had relapsed into reverie, with her chin in her hands and her eyes on the sky, when Marilla returned from

her cellar pilgrimage. There Marilla left her until the early dinner was on the table.

“I suppose I can have the mare and buggy this afternoon, Matthew?” said Marilla.

Matthew nodded and looked wistfully at Anne. Marilla intercepted the look and said grimly:

“I’m going to drive over to White Sands and settle this thing. I’ll take Anne with me and Mrs. Spencer will probably make arrangements to send her back to Nova Scotia at once. I’ll set your tea out for you and I’ll be home in time to milk the cows.”

Still Matthew said nothing and Marilla had a sense of having wasted words and breath. There is nothing more aggravating than a man who won’t talk back—unless it is a woman who won’t.

Matthew hitched the sorrel into the buggy in due time and Marilla and Anne set off. Matthew opened the yard gate for them and as they drove slowly through, he said, to nobody in particular as it seemed:

“Little Jerry Buote from the Creek was here this morning, and I told him I guessed I’d hire him for the summer.”

Marilla made no reply, but she hit the unlucky sorrel such a vicious clip with the whip that the fat mare, unused to such treatment, whizzed indignantly down the lane at an alarming pace. Marilla looked back once as the buggy

bounced along and saw that aggravating Matthew leaning over the gate, looking wistfully after them.

CHAPTER V. ANNE'S HISTORY

DO you know," said Anne confidentially, "I've made up my mind to enjoy this drive. It's been my experience that you can nearly always enjoy things if you make up your mind firmly that you will. Of course, you must make it up *firmly*. I am not going to think about going back to the asylum while we're having our drive. I'm just going to think about the drive. Oh, look, there's one little early wild rose out! Isn't it lovely? Don't you think it must be glad to be a rose? Wouldn't it be nice if roses could talk? I'm sure they could tell us such lovely things. And isn't pink the most bewitching color in the world? I love it, but I can't wear it. Redheaded people can't wear pink, not even in imagination. Did you ever know of anybody whose hair was red when she was young, but got to be another color when she grew up?"

"No, I don't know as I ever did," said Marilla mercilessly, "and I shouldn't think it likely to happen in your case either."

Anne sighed.

"Well, that is another hope gone. 'My life is a perfect graveyard of buried hopes.' That's a sentence I read in a book once, and I say it over to comfort myself whenever I'm disappointed in anything."

“I don’t see where the comforting comes in myself,” said Marilla.

“Why, because it sounds so nice and romantic, just as if I were a heroine in a book, you know. I am so fond of romantic things, and a graveyard full of buried hopes is about as romantic a thing as one can imagine isn’t it? I’m rather glad I have one. Are we going across the Lake of Shining Waters today?”

“We’re not going over Barry’s pond, if that’s what you mean by your Lake of Shining Waters. We’re going by the shore road.”

“Shore road sounds nice,” said Anne dreamily. “Is it as nice as it sounds? Just when you said ‘shore road’ I saw it in a picture in my mind, as quick as that! And White Sands is a pretty name, too; but I don’t like it as well as Avonlea. Avonlea is a lovely name. It just sounds like music. How far is it to White Sands?”

“It’s five miles; and as you’re evidently bent on talking you might as well talk to some purpose by telling me what you know about yourself.”

“Oh, what I *know* about myself isn’t really worth telling,” said Anne eagerly. “If you’ll only let me tell you what I *imagine* about myself you’ll think it ever so much more interesting.”

“No, I don’t want any of your imaginings. Just you stick to bald facts. Begin at the beginning. Where were you born and how old are you?”

“I was eleven last March,” said Anne, resigning herself to bald facts with a little sigh. “And I was born in Bolingbroke, Nova Scotia. My father’s name was Walter Shirley, and he was a teacher in the Bolingbroke High School. My mother’s name was Bertha Shirley. Aren’t Walter and Bertha lovely names? I’m so glad my parents had nice names. It would be a real disgrace to have a father named—well, say Jedediah, wouldn’t it?”

“I guess it doesn’t matter what a person’s name is as long as he behaves himself,” said Marilla, feeling herself called upon to inculcate a good and useful moral.

“Well, I don’t know.” Anne looked thoughtful. “I read in a book once that a rose by any other name would smell as sweet, but I’ve never been able to believe it. I don’t believe a rose *would* be as nice if it was called a thistle or a skunk cabbage. I suppose my father could have been a good man even if he had been called Jedediah; but I’m sure it would have been a cross. Well, my mother was a teacher in the High school, too, but when she married father she gave up teaching, of course. A husband was enough responsibility. Mrs. Thomas said that they were a pair of babies and as poor as church mice. They went to live in a weeny-teeny little yellow house in Bolingbroke. I’ve never seen that house, but I’ve imagined it thousands of times. I think it must have had honeysuckle over the parlor window and lilacs in the front yard and lilies of the valley just inside the gate. Yes, and muslin curtains in all the

windows. Muslin curtains give a house such an air. I was born in that house. Mrs. Thomas said I was the homeliest baby she ever saw, I was so scrawny and tiny and nothing but eyes, but that mother thought I was perfectly beautiful. I should think a mother would be a better judge than a poor woman who came in to scrub, wouldn't you? I'm glad she was satisfied with me anyhow, I would feel so sad if I thought I was a disappointment to her—because she didn't live very long after that, you see. She died of fever when I was just three months old. I do wish she'd lived long enough for me to remember calling her mother. I think it would be so sweet to say 'mother,' don't you? And father died four days afterwards from fever too. That left me an orphan and folks were at their wits' end, so Mrs. Thomas said, what to do with me. You see, nobody wanted me even then. It seems to be my fate. Father and mother had both come from places far away and it was well known they hadn't any relatives living. Finally Mrs. Thomas said she'd take me, though she was poor and had a drunken husband. She brought me up by hand. Do you know if there is anything in being brought up by hand that ought to make people who are brought up that way better than other people? Because whenever I was naughty Mrs. Thomas would ask me how I could be such a bad girl when she had brought me up by hand—reproachful-like.

“Mr. and Mrs. Thomas moved away from Bolingbroke to Marysville, and I lived with them until I was eight years

old. I helped look after the Thomas children—there were four of them younger than me—and I can tell you they took a lot of looking after. Then Mr. Thomas was killed falling under a train and his mother offered to take Mrs. Thomas and the children, but she didn't want me. Mrs. Thomas was at *her wits' end*, so she said, what to do with me. Then Mrs. Hammond from up the river came down and said she'd take me, seeing I was handy with children, and I went up the river to live with her in a little clearing among the stumps. It was a very lonesome place. I'm sure I could never have lived there if I hadn't had an imagination. Mr. Hammond worked a little sawmill up there, and Mrs. Hammond had eight children. She had twins three times. I like babies in moderation, but twins three times in succession is *too much*. I told Mrs. Hammond so firmly, when the last pair came. I used to get so dreadfully tired carrying them about.

“I lived up river with Mrs. Hammond over two years, and then Mr. Hammond died and Mrs. Hammond broke up housekeeping. She divided her children among her relatives and went to the States. I had to go to the asylum at Hopeton, because nobody would take me. They didn't want me at the asylum, either; they said they were over-crowded as it was. But they had to take me and I was there four months until Mrs. Spencer came.”

Anne finished up with another sigh, of relief this time. Evidently she did not like talking about her experiences in a world that had not wanted her.

“Did you ever go to school?” demanded Marilla, turning the sorrel mare down the shore road.

“Not a great deal. I went a little the last year I stayed with Mrs. Thomas. When I went up river we were so far from a school that I couldn’t walk it in winter and there was a vacation in summer, so I could only go in the spring and fall. But of course I went while I was at the asylum. I can read pretty well and I know ever so many pieces of poetry off by heart—‘The Battle of Hohenlinden’ and ‘Edinburgh after Flodden,’ and ‘Bingen of the Rhine,’ and most of the ‘Lady of the Lake’ and most of ‘The Seasons’ by James Thompson. Don’t you just love poetry that gives you a crinkly feeling up and down your back? There is a piece in the Fifth Reader—‘The Downfall of Poland’—that is just full of thrills. Of course, I wasn’t in the Fifth Reader—I was only in the Fourth—but the big girls used to lend me theirs to read.”

“Were those women—Mrs. Thomas and Mrs. Hammond—good to you?” asked Marilla, looking at Anne out of the corner of her eye.

“O-o-o-h,” faltered Anne. Her sensitive little face suddenly flushed scarlet and embarrassment sat on her brow. “Oh, they *meant* to be—I know they meant to be just as good and kind as possible. And when people mean to be

good to you, you don't mind very much when they're not quite—always. They had a good deal to worry them, you know. It's a very trying to have a drunken husband, you see; and it must be very trying to have twins three times in succession, don't you think? But I feel sure they meant to be good to me.”

Marilla asked no more questions. Anne gave herself up to a silent rapture over the shore road and Marilla guided the sorrel abstractedly while she pondered deeply. Pity was suddenly stirring in her heart for the child. What a starved, unloved life she had had—a life of drudgery and poverty and neglect; for Marilla was shrewd enough to read between the lines of Anne's history and divine the truth. No wonder she had been so delighted at the prospect of a real home. It was a pity she had to be sent back. What if she, Marilla, should indulge Matthew's unaccountable whim and let her stay? He was set on it; and the child seemed a nice, teachable little thing.

“She's got too much to say,” thought Marilla, “but she might be trained out of that. And there's nothing rude or slangy in what she does say. She's ladylike. It's likely her people were nice folks.”

The shore road was “woody and wild and lonesome.” On the right hand, scrub firs, their spirits quite unbroken by long years of tussle with the gulf winds, grew thickly. On the left were the steep red sandstone cliffs, so near the track in places that a mare of less steadiness than the

sorrel might have tried the nerves of the people behind her. Down at the base of the cliffs were heaps of surf-worn rocks or little sandy coves inlaid with pebbles as with ocean jewels; beyond lay the sea, shimmering and blue, and over it soared the gulls, their pinions flashing silvery in the sunlight.

“Isn’t the sea wonderful?” said Anne, rousing from a long, wide-eyed silence. “Once, when I lived in Marysville, Mr. Thomas hired an express wagon and took us all to spend the day at the shore ten miles away. I enjoyed every moment of that day, even if I had to look after the children all the time. I lived it over in happy dreams for years. But this shore is nicer than the Marysville shore. Aren’t those gulls splendid? Would you like to be a gull? I think I would—that is, if I couldn’t be a human girl. Don’t you think it would be nice to wake up at sunrise and swoop down over the water and away out over that lovely blue all day; and then at night to fly back to one’s nest? Oh, I can just imagine myself doing it. What big house is that just ahead, please?”

“That’s the White Sands Hotel. Mr. Kirke runs it, but the season hasn’t begun yet. There are heaps of Americans come there for the summer. They think this shore is just about right.”

“I was afraid it might be Mrs. Spencer’s place,” said Anne mournfully. “I don’t want to get there. Somehow, it will seem like the end of everything.”

CHAPTER VI.

MARILLA MAKES UP HER MIND

GET there they did, however, in due season. Mrs. Spencer lived in a big yellow house at White Sands Cove, and she came to the door with surprise and welcome mingled on her benevolent face.

“Dear, dear,” she exclaimed, “you’re the last folks I was looking for today, but I’m real glad to see you. You’ll put your horse in? And how are you, Anne?”

“I’m as well as can be expected, thank you,” said Anne smilelessly. A blight seemed to have descended on her.

“I suppose we’ll stay a little while to rest the mare,” said Marilla, “but I promised Matthew I’d be home early. The fact is, Mrs. Spencer, there’s been a queer mistake somewhere, and I’ve come over to see where it is. We send word, Matthew and I, for you to bring us a boy from the asylum. We told your brother Robert to tell you we wanted a boy ten or eleven years old.”

“Marilla Cuthbert, you don’t say so!” said Mrs. Spencer in distress. “Why, Robert sent word down by his daughter Nancy and she said you wanted a girl—didn’t she Flora Jane?” appealing to her daughter who had come out to the steps.

“She certainly did, Miss Cuthbert,” corroborated Flora Jane earnestly.

“I’m dreadful sorry,” said Mrs. Spencer. “It’s too bad; but it certainly wasn’t my fault, you see, Miss Cuthbert. I did the best I could and I thought I was following your instructions. Nancy is a terrible flighty thing. I’ve often had to scold her well for her heedlessness.”

“It was our own fault,” said Marilla resignedly. “We should have come to you ourselves and not left an important message to be passed along by word of mouth in that fashion. Anyhow, the mistake has been made and the only thing to do is to set it right. Can we send the child back to the asylum? I suppose they’ll take her back, won’t they?”

“I suppose so,” said Mrs. Spencer thoughtfully, “but I don’t think it will be necessary to send her back. Mrs. Peter Blewett was up here yesterday, and she was saying to me how much she wished she’d sent by me for a little girl to help her. Mrs. Peter has a large family, you know, and she finds it hard to get help. Anne will be the very girl for you. I call it positively providential.”

Marilla did not look as if she thought Providence had much to do with the matter. Here was an unexpectedly good chance to get this unwelcome orphan off her hands, and she did not even feel grateful for it.

She knew Mrs. Peter Blewett only by sight as a small, shrewish-faced woman without an ounce of superfluous flesh on her bones. But she had heard of her. “A terrible worker and driver,” Mrs. Peter was said to be; and

discharged servant girls told fearsome tales of her temper and stinginess, and her family of pert, quarrelsome children. Marilla felt a qualm of conscience at the thought of handing Anne over to her tender mercies.

“Well, I’ll go in and we’ll talk the matter over,” she said.

“And if there isn’t Mrs. Peter coming up the lane this blessed minute!” exclaimed Mrs. Spencer, bustling her guests through the hall into the parlor, where a deadly chill struck on them as if the air had been strained so long through dark green, closely drawn blinds that it had lost every particle of warmth it had ever possessed. “That is real lucky, for we can settle the matter right away. Take the armchair, Miss Cuthbert. Anne, you sit here on the ottoman and don’t wiggle. Let me take your hats. Flora Jane, go out and put the kettle on. Good afternoon, Mrs. Blewett. We were just saying how fortunate it was you happened along. Let me introduce you two ladies. Mrs. Blewett, Miss Cuthbert. Please excuse me for just a moment. I forgot to tell Flora Jane to take the buns out of the oven.”

Mrs. Spencer whisked away, after pulling up the blinds. Anne sitting mutely on the ottoman, with her hands clasped tightly in her lap, stared at Mrs. Blewett as one fascinated. Was she to be given into the keeping of this sharp-faced, sharp-eyed woman? She felt a lump coming up in her throat and her eyes smarted painfully.

She was beginning to be afraid she couldn't keep the tears back when Mrs. Spencer returned, flushed and beaming, quite capable of taking any and every difficulty, physical, mental or spiritual, into consideration and settling it out of hand.

"It seems there's been a mistake about this little girl, Mrs. Blewett," she said. "I was under the impression that Mr. and Miss Cuthbert wanted a little girl to adopt. I was certainly told so. But it seems it was a boy they wanted. So if you're still of the same mind you were yesterday, I think she'll be just the thing for you."

Mrs. Blewett darted her eyes over Anne from head to foot.

"How old are you and what's your name?" she demanded.

"Anne Shirley," faltered the shrinking child, not daring to make any stipulations regarding the spelling thereof, "and I'm eleven years old."

"Humph! You don't look as if there was much to you. But you're wiry. I don't know but the wiry ones are the best after all. Well, if I take you you'll have to be a good girl, you know—good and smart and respectful. I'll expect you to earn your keep, and no mistake about that. Yes, I suppose I might as well take her off your hands, Miss Cuthbert. The baby's awful fractious, and I'm clean worn out attending to him. If you like I can take her right home now."

Marilla looked at Anne and softened at sight of the child's pale face with its look of mute misery—the misery of a helpless little creature who finds itself once more caught in the trap from which it had escaped. Marilla felt an uncomfortable conviction that, if she denied the appeal of that look, it would haunt her to her dying day.

More-over, she did not fancy Mrs. Blewett. To hand a sensitive, “highstrung” child over to such a woman! No, she could not take the responsibility of doing that!

“Well, I don't know,” she said slowly. “I didn't say that Matthew and I had absolutely decided that we wouldn't keep her. In fact I may say that Matthew is disposed to keep her. I just came over to find out how the mistake had occurred. I think I'd better take her home again and talk it over with Matthew. I feel that I oughtn't to decide on anything without consulting him. If we make up our mind not to keep her we'll bring or send her over to you tomorrow night. If we don't you may know that she is going to stay with us. Will that suit you, Mrs. Blewett?”

“I suppose it'll have to,” said Mrs. Blewett ungraciously.

During Marilla's speech a sunrise had been dawning on Anne's face. First the look of despair faded out; then came a faint flush of hope; her eyes grew deep and bright as morning stars. The child was quite transfigured; and, a moment later, when Mrs. Spencer and Mrs. Blewett went

out in quest of a recipe the latter had come to borrow she sprang up and flew across the room to Marilla.

“Oh, Miss Cuthbert, did you really say that perhaps you would let me stay at Green Gables?” she said, in a breathless whisper, as if speaking aloud might shatter the glorious possibility. “Did you really say it? Or did I only imagine that you did?”

“I think you’d better learn to control that imagination of yours, Anne, if you can’t distinguish between what is real and what isn’t,” said Marilla crossly. “Yes, you did hear me say just that and no more. It isn’t decided yet and perhaps we will conclude to let Mrs. Blewett take you after all. She certainly needs you much more than I do.”

“I’d rather go back to the asylum than go to live with her,” said Anne passionately. “She looks exactly like a—like a gimlet.”

Marilla smothered a smile under the conviction that Anne must be reprov'd for such a speech.

“A little girl like you should be ashamed of talking so about a lady and a stranger,” she said severely. “Go back and sit down quietly and hold your tongue and behave as a good girl should.”

“I’ll try to do and be anything you want me, if you’ll only keep me,” said Anne, returning meekly to her ottoman.

When they arrived back at Green Gables that evening Matthew met them in the lane. Marilla from afar had noted

him prowling along it and guessed his motive. She was prepared for the relief she read in his face when he saw that she had at least brought back Anne back with her. But she said nothing, to him, relative to the affair, until they were both out in the yard behind the barn milking the cows. Then she briefly told him Anne's history and the result of the interview with Mrs. Spencer.

"I wouldn't give a dog I liked to that Blewett woman," said Matthew with unusual vim.

"I don't fancy her style myself," admitted Marilla, "but it's that or keeping her ourselves, Matthew. And since you seem to want her, I suppose I'm willing—or have to be. I've been thinking over the idea until I've got kind of used to it. It seems a sort of duty. I've never brought up a child, especially a girl, and I dare say I'll make a terrible mess of it. But I'll do my best. So far as I'm concerned, Matthew, she may stay."

Matthew's shy face was a glow of delight.

"Well now, I reckoned you'd come to see it in that light, Marilla," he said. "She's such an interesting little thing."

"It'd be more to the point if you could say she was a useful little thing," retorted Marilla, "but I'll make it my business to see she's trained to be that. And mind, Matthew, you're not to go interfering with my methods. Perhaps an old maid doesn't know much about bringing up a child, but I guess she knows more than an old bachelor.

So you just leave me to manage her. When I fail it'll be time enough to put your oar in."

"There, there, Marilla, you can have your own way," said Matthew reassuringly. "Only be as good and kind to her as you can without spoiling her. I kind of think she's one of the sort you can do anything with if you only get her to love you."

Marilla sniffed, to express her contempt for Matthew's opinions concerning anything feminine, and walked off to the dairy with the pails.

"I won't tell her tonight that she can stay," she reflected, as she strained the milk into the creamers. "She'd be so excited that she wouldn't sleep a wink. Marilla Cuthbert, you're fairly in for it. Did you ever suppose you'd see the day when you'd be adopting an orphan girl? It's surprising enough; but not so surprising as that Matthew should be at the bottom of it, him that always seemed to have such a mortal dread of little girls. Anyhow, we've decided on the experiment and goodness only knows what will come of it."

CHAPTER VII.

ANNE SAYS HER PRAYERS

WHEN Marilla took Anne up to bed that night she said stiffly:

“Now, Anne, I noticed last night that you threw your clothes all about the floor when you took them off. That is a very untidy habit, and I can’t allow it at all. As soon as you take off any article of clothing fold it neatly and place it on the chair. I haven’t any use at all for little girls who aren’t neat.”

“I was so harrowed up in my mind last night that I didn’t think about my clothes at all,” said Anne. “I’ll fold them nicely tonight. They always made us do that at the asylum. Half the time, though, I’d forget, I’d be in such a hurry to get into bed nice and quiet and imagine things.”

“You’ll have to remember a little better if you stay here,” admonished Marilla. “There, that looks something like. Say your prayers now and get into bed.”

“I never say any prayers,” announced Anne.

Marilla looked horrified astonishment.

“Why, Anne, what do you mean? Were you never taught to say your prayers? God always wants little girls to say their prayers. Don’t you know who God is, Anne?”

“God is a spirit, infinite, eternal and unchangeable, in His being, wisdom, power, holiness, justice, goodness, and truth,” responded Anne promptly and glibly.

Marilla looked rather relieved.

“So you do know something then, thank goodness! You’re not quite a heathen. Where did you learn that?”

“Oh, at the asylum Sunday-school. They made us learn the whole catechism. I liked it pretty well. There’s something splendid about some of the words. ‘Infinite, eternal and unchangeable.’ Isn’t that grand? It has such a roll to it—just like a big organ playing. You couldn’t quite call it poetry, I suppose, but it sounds a lot like it, doesn’t it?”

“We’re not talking about poetry, Anne—we are talking about saying your prayers. Don’t you know it’s a terrible wicked thing not to say your prayers every night? I’m afraid you are a very bad little girl.”

“You’d find it easier to be bad than good if you had red hair,” said Anne reproachfully. “People who haven’t red hair don’t know what trouble is. Mrs. Thomas told me that God made my hair red *on purpose*, and I’ve never cared about Him since. And anyhow I’d always be too tired at night to bother saying prayers. People who have to look after twins can’t be expected to say their prayers. Now, do you honestly think they can?”

Marilla decided that Anne’s religious training must be begun at once. Plainly there was no time to be lost.

“You must say your prayers while you are under my roof, Anne.”

“Why, of course, if you want me to,” assented Anne cheerfully. “I’d do anything to oblige you. But you’ll have to tell me what to say for this once. After I get into bed I’ll imagine out a real nice prayer to say always. I believe that it will be quite interesting, now that I come to think of it.”

“You must kneel down,” said Marilla in embarrassment.

Anne knelt at Marilla’s knee and looked up gravely.

“Why must people kneel down to pray? If I really wanted to pray I’ll tell you what I’d do. I’d go out into a great big field all alone or into the deep, deep, woods, and I’d look up into the sky—up—up—up—into that lovely blue sky that looks as if there was no end to its blueness. And then I’d just *feel* a prayer. Well, I’m ready. What am I to say?”

Marilla felt more embarrassed than ever. She had intended to teach Anne the childish classic, “Now I lay me down to sleep.” But she had, as I have told you, the glimmerings of a sense of humor—which is simply another name for a sense of fitness of things; and it suddenly occurred to her that that simple little prayer, sacred to white-robed childhood lisping at motherly knees, was entirely unsuited to this freckled witch of a girl who knew and cared nothing about God’s love, since she had never

had it translated to her through the medium of human love.

“You’re old enough to pray for yourself, Anne,” she said finally. “Just thank God for your blessings and ask Him humbly for the things you want.”

“Well, I’ll do my best,” promised Anne, burying her face in Marilla’s lap. “Gracious heavenly Father—that’s the way the ministers say it in church, so I suppose it’s all right in private prayer, isn’t it?” she interjected, lifting her head for a moment.

*“Gracious heavenly Father, I thank Thee for the
White
Way of Delight and the Lake of Shining Waters
and Bonny
and the Snow Queen. I’m really extremely
grateful for
them. And that’s all the blessings I can think of
just
now to thank Thee for. As for the things I want,
they’re so numerous that it would take a great
deal of
time to name them all so I will only mention the
two
most important. Please let me stay at Green
Gables;
and please let me be good-looking when I grow
up.*

*I remain,
“Yours respectfully,
Anne Shirley.*

“There, did I do all right?” she asked eagerly, getting up. “I could have made it much more flowery if I’d had a little more time to think it over.”

Poor Marilla was only preserved from complete collapse by remembering that it was not irreverence, but simply spiritual ignorance on the part of Anne that was responsible for this extraordinary petition. She tucked the child up in bed, mentally vowing that she should be taught a prayer the very next day, and was leaving the room with the light when Anne called her back.

“I’ve just thought of it now. I should have said, ‘Amen’ in place of ‘yours respectfully,’ shouldn’t I?—the way the ministers do. I’d forgotten it, but I felt a prayer should be finished off in some way, so I put in the other. Do you suppose it will make any difference?”

“I—I don’t suppose it will,” said Marilla. “Go to sleep now like a good child. Good night.”

“I can only say good night tonight with a clear conscience,” said Anne, cuddling luxuriously down among her pillows.

Marilla retreated to the kitchen, set the candle firmly on the table, and glared at Matthew.

“Matthew Cuthbert, it’s about time somebody adopted that child and taught her something. She’s next door to a

perfect heathen. Will you believe that she never said a prayer in her life till tonight? I'll send her to the manse tomorrow and borrow the Peep of the Day series, that's what I'll do. And she shall go to Sunday-school just as soon as I can get some suitable clothes made for her. I foresee that I shall have my hands full. Well, well, we can't get through this world without our share of trouble. I've had a pretty easy life of it so far, but my time has come at last and I suppose I'll just have to make the best of it."

CHAPTER VIII.

ANNE'S BRINGING-UP IS BEGUN

FOR reasons best known to herself, Marilla did not tell Anne that she was to stay at Green Gables until the next afternoon. During the forenoon she kept the child busy with various tasks and watched over her with a keen eye while she did them. By noon she had concluded that Anne was smart and obedient, willing to work and quick to learn; her most serious shortcoming seemed to be a tendency to fall into daydreams in the middle of a task and forget all about it until such time as she was sharply recalled to earth by a reprimand or a catastrophe.

When Anne had finished washing the dinner dishes she suddenly confronted Marilla with the air and expression of one desperately determined to learn the worst. Her thin little body trembled from head to foot; her face flushed and her eyes dilated until they were almost black; she clasped her hands tightly and said in an imploring voice:

“Oh, please, Miss Cuthbert, won't you tell me if you are going to send me away or not? I've tried to be patient all the morning, but I really feel that I cannot bear not knowing any longer. It's a dreadful feeling. Please tell me.”

“You haven’t scalded the dishcloth in clean hot water as I told you to do,” said Marilla immovably. “Just go and do it before you ask any more questions, Anne.”

Anne went and attended to the dishcloth. Then she returned to Marilla and fastened imploring eyes of the latter’s face. “Well,” said Marilla, unable to find any excuse for deferring her explanation longer, “I suppose I might as well tell you. Matthew and I have decided to keep you—that is, if you will try to be a good little girl and show yourself grateful. Why, child, whatever is the matter?”

“I’m crying,” said Anne in a tone of bewilderment. “I can’t think why. I’m glad as glad can be. Oh, *glad* doesn’t seem the right word at all. I was glad about the White Way and the cherry blossoms—but this! Oh, it’s something more than glad. I’m so happy. I’ll try to be so good. It will be uphill work, I expect, for Mrs. Thomas often told me I was desperately wicked. However, I’ll do my very best. But can you tell me why I’m crying?”

“I suppose it’s because you’re all excited and worked up,” said Marilla disapprovingly. “Sit down on that chair and try to calm yourself. I’m afraid you both cry and laugh far too easily. Yes, you can stay here and we will try to do right by you. You must go to school; but it’s only a fortnight till vacation so it isn’t worth while for you to start before it opens again in September.”

“What am I to call you?” asked Anne. “Shall I always say Miss Cuthbert? Can I call you Aunt Marilla?”

“No; you’ll call me just plain Marilla. I’m not used to being called Miss Cuthbert and it would make me nervous.”

“It sounds awfully disrespectful to just say Marilla,” protested Anne.

“I guess there’ll be nothing disrespectful in it if you’re careful to speak respectfully. Everybody, young and old, in Avonlea calls me Marilla except the minister. He says Miss Cuthbert—when he thinks of it.”

“I’d love to call you Aunt Marilla,” said Anne wistfully. “I’ve never had an aunt or any relation at all—not even a grandmother. It would make me feel as if I really belonged to you. Can’t I call you Aunt Marilla?”

“No. I’m not your aunt and I don’t believe in calling people names that don’t belong to them.”

“But we could imagine you were my aunt.”

“I couldn’t,” said Marilla grimly.

“Do you never imagine things different from what they really are?” asked Anne wide-eyed.

“No.”

“Oh!” Anne drew a long breath. “Oh, Miss—Marilla, how much you miss!”

“I don’t believe in imagining things different from what they really are,” retorted Marilla. “When the Lord puts us in certain circumstances He doesn’t mean for us to imagine them away. And that reminds me. Go into the sitting room, Anne—be sure your feet are clean and don’t

let any flies in—and bring me out the illustrated card that’s on the mantelpiece. The Lord’s Prayer is on it and you’ll devote your spare time this afternoon to learning it off by heart. There’s to be no more of such praying as I heard last night.”

“I suppose I was very awkward,” said Anne apologetically, “but then, you see, I’d never had any practice. You couldn’t really expect a person to pray very well the first time she tried, could you? I thought out a splendid prayer after I went to bed, just as I promised you I would. It was nearly as long as a minister’s and so poetical. But would you believe it? I couldn’t remember one word when I woke up this morning. And I’m afraid I’ll never be able to think out another one as good. Somehow, things never are so good when they’re thought out a second time. Have you ever noticed that?”

“Here is something for you to notice, Anne. When I tell you to do a thing I want you to obey me at once and not stand stock-still and discourse about it. Just you go and do as I bid you.”

Anne promptly departed for the sitting-room across the hall; she failed to return; after waiting ten minutes Marilla laid down her knitting and marched after her with a grim expression. She found Anne standing motionless before a picture hanging on the wall between the two windows, with her eyes a-star with dreams. The white and green light strained through apple trees and clustering

vines outside fell over the rapt little figure with a half-unearthly radiance.

“Anne, whatever are you thinking of?” demanded Marilla sharply.

Anne came back to earth with a start.

“That,” she said, pointing to the picture—a rather vivid chromo entitled, “Christ Blessing Little Children”—“and I was just imagining I was one of them—that I was the little girl in the blue dress, standing off by herself in the corner as if she didn’t belong to anybody, like me. She looks lonely and sad, don’t you think? I guess she hadn’t any father or mother of her own. But she wanted to be blessed, too, so she just crept shyly up on the outside of the crowd, hoping nobody would notice her—except Him. I’m sure I know just how she felt. Her heart must have beat and her hands must have got cold, like mine did when I asked you if I could stay. She was afraid He mightn’t notice her. But it’s likely He did, don’t you think? I’ve been trying to imagine it all out—her edging a little nearer all the time until she was quite close to Him; and then He would look at her and put His hand on her hair and oh, such a thrill of joy as would run over her! But I wish the artist hadn’t painted Him so sorrowful looking. All His pictures are like that, if you’ve noticed. But I don’t believe He could really have looked so sad or the children would have been afraid of Him.”

“Anne,” said Marilla, wondering why she had not broken into this speech long before, “you shouldn’t talk that way. It’s irreverent—positively irreverent.”

Anne’s eyes marveled.

“Why, I felt just as reverent as could be. I’m sure I didn’t mean to be irreverent.”

“Well I don’t suppose you did—but it doesn’t sound right to talk so familiarly about such things. And another thing, Anne, when I send you after something you’re to bring it at once and not fall into mooning and imagining before pictures. Remember that. Take that card and come right to the kitchen. Now, sit down in the corner and learn that prayer off by heart.”

Anne set the card up against the jugful of apple blossoms she had brought in to decorate the dinner-table—Marilla had eyed that decoration askance, but had said nothing—propped her chin on her hands, and fell to studying it intently for several silent minutes.

“I like this,” she announced at length. “It’s beautiful. I’ve heard it before—I heard the superintendent of the asylum Sunday school say it over once. But I didn’t like it then. He had such a cracked voice and he prayed it so mournfully. I really felt sure he thought praying was a disagreeable duty. This isn’t poetry, but it makes me feel just the same way poetry does. ‘Our Father who art in heaven hallowed be Thy name.’ That is just like a line of

music. Oh, I'm so glad you thought of making me learn this, Miss—Marilla.”

“Well, learn it and hold your tongue,” said Marilla shortly.

Anne tipped the vase of apple blossoms near enough to bestow a soft kiss on a pink-cupped bud, and then studied diligently for some moments longer.

“Marilla,” she demanded presently, “do you think that I shall ever have a bosom friend in Avonlea?”

“A—a what kind of friend?”

“A bosom friend—an intimate friend, you know—a really kindred spirit to whom I can confide my inmost soul. I've dreamed of meeting her all my life. I never really supposed I would, but so many of my loveliest dreams have come true all at once that perhaps this one will, too. Do you think it's possible?”

“Diana Barry lives over at Orchard Slope and she's about your age. She's a very nice little girl, and perhaps she will be a playmate for you when she comes home. She's visiting her aunt over at Carmody just now. You'll have to be careful how you behave yourself, though. Mrs. Barry is a very particular woman. She won't let Diana play with any little girl who isn't nice and good.”

Anne looked at Marilla through the apple blossoms, her eyes aglow with interest.

“What is Diana like? Her hair isn’t red, is it? Oh, I hope not. It’s bad enough to have red hair myself, but I positively couldn’t endure it in a bosom friend.”

“Diana is a very pretty little girl. She has black eyes and hair and rosy cheeks. And she is good and smart, which is better than being pretty.”

Marilla was as fond of morals as the Duchess in Wonderland, and was firmly convinced that one should be tacked on to every remark made to a child who was being brought up.

But Anne waved the moral inconsequently aside and seized only on the delightful possibilities before it.

“Oh, I’m so glad she’s pretty. Next to being beautiful oneself—and that’s impossible in my case—it would be best to have a beautiful bosom friend. When I lived with Mrs. Thomas she had a bookcase in her sitting room with glass doors. There weren’t any books in it; Mrs. Thomas kept her best china and her preserves there—when she had any preserves to keep. One of the doors was broken. Mr. Thomas smashed it one night when he was slightly intoxicated. But the other was whole and I used to pretend that my reflection in it was another little girl who lived in it. I called her Katie Maurice, and we were very intimate. I used to talk to her by the hour, especially on Sunday, and tell her everything. Katie was the comfort and consolation of my life. We used to pretend that the bookcase was enchanted and that if I only knew the spell I could open

the door and step right into the room where Katie Maurice lived, instead of into Mrs. Thomas' shelves of preserves and china. And then Katie Maurice would have taken me by the hand and led me out into a wonderful place, all flowers and sunshine and fairies, and we would have lived there happy for ever after. When I went to live with Mrs. Hammond it just broke my heart to leave Katie Maurice. She felt it dreadfully, too, I know she did, for she was crying when she kissed me good-bye through the bookcase door. There was no bookcase at Mrs. Hammond's. But just up the river a little way from the house there was a long green little valley, and the loveliest echo lived there. It echoed back every word you said, even if you didn't talk a bit loud. So I imagined that it was a little girl called Violetta and we were great friends and I loved her almost as well as I loved Katie Maurice—not quite, but almost, you know. The night before I went to the asylum I said good-bye to Violetta, and oh, her good-bye came back to me in such sad, sad tones. I had become so attached to her that I hadn't the heart to imagine a bosom friend at the asylum, even if there had been any scope for imagination there.”

“I think it's just as well there wasn't,” said Marilla drily. “I don't approve of such goings-on. You seem to half believe your own imaginations. It will be well for you to have a real live friend to put such nonsense out of your head. But don't let Mrs. Barry hear you talking about your

Katie Maurices and your Violettas or she'll think you tell stories."

"Oh, I won't. I couldn't talk of them to everybody—their memories are too sacred for that. But I thought I'd like to have you know about them. Oh, look, here's a big bee just tumbled out of an apple blossom. Just think what a lovely place to live—in an apple blossom! Fancy going to sleep in it when the wind was rocking it. If I wasn't a human girl I think I'd like to be a bee and live among the flowers."

"Yesterday you wanted to be a sea gull," sniffed Marilla. "I think you are very fickle minded. I told you to learn that prayer and not talk. But it seems impossible for you to stop talking if you've got anybody that will listen to you. So go up to your room and learn it."

"Oh, I know it pretty nearly all now—all but just the last line."

"Well, never mind, do as I tell you. Go to your room and finish learning it well, and stay there until I call you down to help me get tea."

"Can I take the apple blossoms with me for company?" pleaded Anne.

"No; you don't want your room cluttered up with flowers. You should have left them on the tree in the first place."

"I did feel a little that way, too," said Anne. "I kind of felt I shouldn't shorten their lovely lives by picking

them—I wouldn't want to be picked if I were an apple blossom. But the temptation was *irresistible*. What do you do when you meet with an irresistible temptation?"

"Anne, did you hear me tell you to go to your room?"

Anne sighed, retreated to the east gable, and sat down in a chair by the window.

"There—I know this prayer. I learned that last sentence coming upstairs. Now I'm going to imagine things into this room so that they'll always stay imagined. The floor is covered with a white velvet carpet with pink roses all over it and there are pink silk curtains at the windows. The walls are hung with gold and silver brocade tapestry. The furniture is mahogany. I never saw any mahogany, but it does sound so luxurious. This is a couch all heaped with gorgeous silken cushions, pink and blue and crimson and gold, and I am reclining gracefully on it. I can see my reflection in that splendid big mirror hanging on the wall. I am tall and regal, clad in a gown of trailing white lace, with a pearl cross on my breast and pearls in my hair. My hair is of midnight darkness and my skin is a clear ivory pallor. My name is the Lady Cordelia Fitzgerald. No, it isn't—I can't make *that* seem real."

She danced up to the little looking-glass and peered into it. Her pointed freckled face and solemn gray eyes peered back at her.

"You're only Anne of Green Gables," she said earnestly, "and I see you, just as you are looking now,

whenever I try to imagine I'm the Lady Cordelia. But it's a million times nicer to be Anne of Green Gables than Anne of nowhere in particular, isn't it?"

She bent forward, kissed her reflection affectionately, and betook herself to the open window.

"Dear Snow Queen, good afternoon. And good afternoon dear birches down in the hollow. And good afternoon, dear gray house up on the hill. I wonder if Diana is to be my bosom friend. I hope she will, and I shall love her very much. But I must never quite forget Katie Maurice and Violetta. They would feel so hurt if I did and I'd hate to hurt anybody's feelings, even a little bookcase girl's or a little echo girl's. I must be careful to remember them and send them a kiss every day."

Anne blew a couple of airy kisses from her fingertips past the cherry blossoms and then, with her chin in her hands, drifted luxuriously out on a sea of daydreams.

CHAPTER IX.

MRS. RACHEL LYNDE IS PROPERLY HORRIFIED

ANNE had been a fortnight at Green Gables before Mrs. Lynde arrived to inspect her. Mrs. Rachel, to do her justice, was not to blame for this. A severe and unseasonable attack of grippe had confined that good lady to her house ever since the occasion of her last visit to Green Gables. Mrs. Rachel was not often sick and had a well-defined contempt for people who were; but grippe, she asserted, was like no other illness on earth and could only be interpreted as one of the special visitations of Providence. As soon as her doctor allowed her to put her foot out-of-doors she hurried up to Green Gables, bursting with curiosity to see Matthew and Marilla's orphan, concerning whom all sorts of stories and suppositions had gone abroad in Avonlea.

Anne had made good use of every waking moment of that fortnight. Already she was acquainted with every tree and shrub about the place. She had discovered that a lane opened out below the apple orchard and ran up through a belt of woodland; and she had explored it to its furthest end in all its delicious vagaries of brook and bridge, fir

coppice and wild cherry arch, corners thick with fern, and branching byways of maple and mountain ash.

She had made friends with the spring down in the hollow—that wonderful deep, clear icy-cold spring; it was set about with smooth red sandstones and rimmed in by great palm-like clumps of water fern; and beyond it was a log bridge over the brook.

That bridge led Anne’s dancing feet up over a wooded hill beyond, where perpetual twilight reigned under the straight, thick-growing firs and spruces; the only flowers there were myriads of delicate “June bells,” those shyest and sweetest of woodland blooms, and a few pale, aerial starflowers, like the spirits of last year’s blossoms. Gossamers glimmered like threads of silver among the trees and the fir boughs and tassels seemed to utter friendly speech.

All these raptured voyages of exploration were made in the odd half hours which she was allowed for play, and Anne talked Matthew and Marilla half-deaf over her discoveries. Not that Matthew complained, to be sure; he listened to it all with a wordless smile of enjoyment on his face; Marilla permitted the “chatter” until she found herself becoming too interested in it, whereupon she always promptly quenched Anne by a curt command to hold her tongue.

Anne was out in the orchard when Mrs. Rachel came, wandering at her own sweet will through the lush,

tremulous grasses splashed with ruddy evening sunshine; so that good lady had an excellent chance to talk her illness fully over, describing every ache and pulse beat with such evident enjoyment that Marilla thought even gripe must bring its compensations. When details were exhausted Mrs. Rachel introduced the real reason of her call.

“I’ve been hearing some surprising things about you and Matthew.”

“I don’t suppose you are any more surprised than I am myself,” said Marilla. “I’m getting over my surprise now.”

“It was too bad there was such a mistake,” said Mrs. Rachel sympathetically. “Couldn’t you have sent her back?”

“I suppose we could, but we decided not to. Matthew took a fancy to her. And I must say I like her myself—although I admit she has her faults. The house seems a different place already. She’s a real bright little thing.”

Marilla said more than she had intended to say when she began, for she read disapproval in Mrs. Rachel’s expression.

“It’s a great responsibility you’ve taken on yourself,” said that lady gloomily, “especially when you’ve never had any experience with children. You don’t know much about her or her real disposition, I suppose, and there’s no

guessing how a child like that will turn out. But I don't want to discourage you I'm sure, Marilla."

"I'm not feeling discouraged," was Marilla's dry response, "when I make up my mind to do a thing it stays made up. I suppose you'd like to see Anne. I'll call her in."

Anne came running in presently, her face sparkling with the delight of her orchard roving; but, abashed at finding the delight herself in the unexpected presence of a stranger, she halted confusedly inside the door. She certainly was an odd-looking little creature in the short tight wincey dress she had worn from the asylum, below which her thin legs seemed ungracefully long. Her freckles were more numerous and obtrusive than ever; the wind had ruffled her hatless hair into over-brilliant disorder; it had never looked redder than at that moment.

"Well, they didn't pick you for your looks, that's sure and certain," was Mrs. Rachel Lynde's emphatic comment. Mrs. Rachel was one of those delightful and popular people who pride themselves on speaking their mind without fear or favor. "She's terrible skinny and homely, Marilla. Come here, child, and let me have a look at you. Lawful heart, did any one ever see such freckles? And hair as red as carrots! Come here, child, I say."

Anne "came there," but not exactly as Mrs. Rachel expected. With one bound she crossed the kitchen floor and stood before Mrs. Rachel, her face scarlet with anger,

her lips quivering, and her whole slender form trembling from head to foot.

“I hate you,” she cried in a choked voice, stamping her foot on the floor. “I hate you—I hate you—I hate you—” a louder stamp with each assertion of hatred. “How dare you call me skinny and ugly? How dare you say I’m freckled and redheaded? You are a rude, impolite, unfeeling woman!”

“Anne!” exclaimed Marilla in consternation.

But Anne continued to face Mrs. Rachel undauntedly, head up, eyes blazing, hands clenched, passionate indignation exhaling from her like an atmosphere.

“How dare you say such things about me?” she repeated vehemently. “How would you like to have such things said about you? How would you like to be told that you are fat and clumsy and probably hadn’t a spark of imagination in you? I don’t care if I do hurt your feelings by saying so! I hope I hurt them. You have hurt mine worse than they were ever hurt before even by Mrs. Thomas’ intoxicated husband. And I’ll *never* forgive you for it, never, never!”

Stamp! Stamp!

“Did anybody ever see such a temper!” exclaimed the horrified Mrs. Rachel.

“Anne go to your room and stay there until I come up,” said Marilla, recovering her powers of speech with difficulty.

Anne, bursting into tears, rushed to the hall door, slammed it until the tins on the porch wall outside rattled in sympathy, and fled through the hall and up the stairs like a whirlwind. A subdued slam above told that the door of the east gable had been shut with equal vehemence.

“Well, I don’t envy you your job bringing *that* up, Marilla,” said Mrs. Rachel with unspeakable solemnity.

Marilla opened her lips to say she knew not what of apology or deprecation. What she did say was a surprise to herself then and ever afterwards.

“You shouldn’t have twitted her about her looks, Rachel.”

“Marilla Cuthbert, you don’t mean to say that you are upholding her in such a terrible display of temper as we’ve just seen?” demanded Mrs. Rachel indignantly.

“No,” said Marilla slowly, “I’m not trying to excuse her. She’s been very naughty and I’ll have to give her a talking to about it. But we must make allowances for her. She’s never been taught what is right. And you *were* too hard on her, Rachel.”

Marilla could not help tacking on that last sentence, although she was again surprised at herself for doing it. Mrs. Rachel got up with an air of offended dignity.

“Well, I see that I’ll have to be very careful what I say after this, Marilla, since the fine feelings of orphans, brought from goodness knows where, have to be considered before anything else. Oh, no, I’m not

vexed—don't worry yourself. I'm too sorry for you to leave any room for anger in my mind. You'll have your own troubles with that child. But if you'll take my advice—which I suppose you won't do, although I've brought up ten children and buried two—you'll do that 'talking to' you mention with a fair-sized birch switch. I should think *that* would be the most effective language for that kind of a child. Her temper matches her hair I guess. Well, good evening, Marilla. I hope you'll come down to see me often as usual. But you can't expect me to visit here again in a hurry, if I'm liable to be flown at and insulted in such a fashion. It's something new in *my* experience.”

Whereat Mrs. Rachel swept out and away—if a fat woman who always waddled *could* be said to sweep away—and Marilla with a very solemn face betook herself to the east gable.

On the way upstairs she pondered uneasily as to what she ought to do. She felt no little dismay over the scene that had just been enacted. How unfortunate that Anne should have displayed such temper before Mrs. Rachel Lynde, of all people! Then Marilla suddenly became aware of an uncomfortable and rebuking consciousness that she felt more humiliation over this than sorrow over the discovery of such a serious defect in Anne's disposition. And how was she to punish her? The amiable suggestion of the birch switch—to the efficiency of which all of Mrs. Rachel's own children could have borne smarting

testimony—did not appeal to Marilla. She did not believe she could whip a child. No, some other method of punishment must be found to bring Anne to a proper realization of the enormity of her offense.

Marilla found Anne face downward on her bed, crying bitterly, quite oblivious of muddy boots on a clean counterpane.

“Anne,” she said not ungently.

No answer.

“Anne,” with greater severity, “get off that bed this minute and listen to what I have to say to you.”

Anne squirmed off the bed and sat rigidly on a chair beside it, her face swollen and tear-stained and her eyes fixed stubbornly on the floor.

“This is a nice way for you to behave. Anne! Aren’t you ashamed of yourself?”

“She hadn’t any right to call me ugly and redheaded,” retorted Anne, evasive and defiant.

“You hadn’t any right to fly into such a fury and talk the way you did to her, Anne. I was ashamed of you—thoroughly ashamed of you. I wanted you to behave nicely to Mrs. Lynde, and instead of that you have disgraced me. I’m sure I don’t know why you should lose your temper like that just because Mrs. Lynde said you were red-haired and homely. You say it yourself often enough.”

“Oh, but there’s such a difference between saying a thing yourself and hearing other people say it,” wailed Anne. “You may know a thing is so, but you can’t help hoping other people don’t quite think it is. I suppose you think I have an awful temper, but I couldn’t help it. When she said those things something just rose right up in me and choked me. I *had* to fly out at her.”

“Well, you made a fine exhibition of yourself I must say. Mrs. Lynde will have a nice story to tell about you everywhere—and she’ll tell it, too. It was a dreadful thing for you to lose your temper like that, Anne.”

“Just imagine how you would feel if somebody told you to your face that you were skinny and ugly,” pleaded Anne tearfully.

An old remembrance suddenly rose up before Marilla. She had been a very small child when she had heard one aunt say of her to another, “What a pity she is such a dark, homely little thing.” Marilla was every day of fifty before the sting had gone out of that memory.

“I don’t say that I think Mrs. Lynde was exactly right in saying what she did to you, Anne,” she admitted in a softer tone. “Rachel is too outspoken. But that is no excuse for such behavior on your part. She was a stranger and an elderly person and my visitor—all three very good reasons why you should have been respectful to her. You were rude and saucy and”—Marilla had a saving inspiration of

punishment—“you must go to her and tell her you are very sorry for your bad temper and ask her to forgive you.”

“I can never do that,” said Anne determinedly and darkly. “You can punish me in any way you like, Marilla. You can shut me up in a dark, damp dungeon inhabited by snakes and toads and feed me only on bread and water and I shall not complain. But I cannot ask Mrs. Lynde to forgive me.”

“We’re not in the habit of shutting people up in dark damp dungeons,” said Marilla drily, “especially as they’re rather scarce in Avonlea. But apologize to Mrs. Lynde you must and shall and you’ll stay here in your room until you can tell me you’re willing to do it.”

“I shall have to stay here forever then,” said Anne mournfully, “because I can’t tell Mrs. Lynde I’m sorry I said those things to her. How can I? I’m *not* sorry. I’m sorry I’ve vexed you; but I’m *glad* I told her just what I did. It was a great satisfaction. I can’t say I’m sorry when I’m not, can I? I can’t even *imagine* I’m sorry.”

“Perhaps your imagination will be in better working order by the morning,” said Marilla, rising to depart. “You’ll have the night to think over your conduct in and come to a better frame of mind. You said you would try to be a very good girl if we kept you at Green Gables, but I must say it hasn’t seemed very much like it this evening.”

Leaving this Parthian shaft to rankle in Anne’s stormy bosom, Marilla descended to the kitchen, grievously

troubled in mind and vexed in soul. She was as angry with herself as with Anne, because, whenever she recalled Mrs. Rachel's dumbfounded countenance her lips twitched with amusement and she felt a most reprehensible desire to laugh.

CHAPTER X.

ANNE'S APOLOGY

MARILLA said nothing to Matthew about the affair that evening; but when Anne proved still refractory the next morning an explanation had to be made to account for her absence from the breakfast table. Marilla told Matthew the whole story, taking pains to impress him with a due sense of the enormity of Anne's behavior.

"It's a good thing Rachel Lynde got a calling down; she's a meddlesome old gossip," was Matthew's consolatory rejoinder.

"Matthew Cuthbert, I'm astonished at you. You know that Anne's behavior was dreadful, and yet you take her part! I suppose you'll be saying next thing that she oughtn't to be punished at all!"

"Well now—no—not exactly," said Matthew uneasily. "I reckon she ought to be punished a little. But don't be too hard on her, Marilla. Recollect she hasn't ever had anyone to teach her right. You're—you're going to give her something to eat, aren't you?"

"When did you ever hear of me starving people into good behavior?" demanded Marilla indignantly. "She'll have her meals regular, and I'll carry them up to her

myself. But she'll stay up there until she's willing to apologize to Mrs. Lynde, and that's final, Matthew."

Breakfast, dinner, and supper were very silent meals—for Anne still remained obdurate. After each meal Marilla carried a well-filled tray to the east gable and brought it down later on not noticeably depleted. Matthew eyed its last descent with a troubled eye. Had Anne eaten anything at all?

When Marilla went out that evening to bring the cows from the back pasture, Matthew, who had been hanging about the barns and watching, slipped into the house with the air of a burglar and crept upstairs. As a general thing Matthew gravitated between the kitchen and the little bedroom off the hall where he slept; once in a while he ventured uncomfortably into the parlor or sitting room when the minister came to tea. But he had never been upstairs in his own house since the spring he helped Marilla paper the spare bedroom, and that was four years ago.

He tiptoed along the hall and stood for several minutes outside the door of the east gable before he summoned courage to tap on it with his fingers and then open the door to peep in.

Anne was sitting on the yellow chair by the window gazing mournfully out into the garden. Very small and unhappy she looked, and Matthew's heart smote him. He softly closed the door and tiptoed over to her.

“Anne,” he whispered, as if afraid of being overheard, “how are you making it, Anne?”

Anne smiled wanly.

“Pretty well. I imagine a good deal, and that helps to pass the time. Of course, it’s rather lonesome. But then, I may as well get used to that.”

Anne smiled again, bravely facing the long years of solitary imprisonment before her.

Matthew recollected that he must say what he had come to say without loss of time, lest Marilla return prematurely. “Well now, Anne, don’t you think you’d better do it and have it over with?” he whispered. “It’ll have to be done sooner or later, you know, for Marilla’s a dreadful determined woman—dreadful determined, Anne. Do it right off, I say, and have it over.”

“Do you mean apologize to Mrs. Lynde?”

“Yes—apologize—that’s the very word,” said Matthew eagerly. “Just smooth it over so to speak. That’s what I was trying to get at.”

“I suppose I could do it to oblige you,” said Anne thoughtfully. “It would be true enough to say I am sorry, because I *am* sorry now. I wasn’t a bit sorry last night. I was mad clear through, and I stayed mad all night. I know I did because I woke up three times and I was just furious every time. But this morning it was over. I wasn’t in a temper anymore—and it left a dreadful sort of goneness, too. I felt so ashamed of myself. But I just couldn’t think of

going and telling Mrs. Lynde so. It would be so humiliating. I made up my mind I'd stay shut up here forever rather than do that. But still—I'd do anything for you—if you really want me to—”

“Well now, of course I do. It's terrible lonesome downstairs without you. Just go and smooth things over—that's a good girl.”

“Very well,” said Anne resignedly. “I'll tell Marilla as soon as she comes in I've repented.”

“That's right—that's right, Anne. But don't tell Marilla I said anything about it. She might think I was putting my oar in and I promised not to do that.”

“Wild horses won't drag the secret from me,” promised Anne solemnly. “How would wild horses drag a secret from a person anyhow?”

But Matthew was gone, scared at his own success. He fled hastily to the remotest corner of the horse pasture lest Marilla should suspect what he had been up to. Marilla herself, upon her return to the house, was agreeably surprised to hear a plaintive voice calling, “Marilla” over the banisters.

“Well?” she said, going into the hall.

“I'm sorry I lost my temper and said rude things, and I'm willing to go and tell Mrs. Lynde so.”

“Very well.” Marilla's crispness gave no sign of her relief. She had been wondering what under the canopy she

should do if Anne did not give in. "I'll take you down after milking."

Accordingly, after milking, behold Marilla and Anne walking down the lane, the former erect and triumphant, the latter drooping and dejected. But halfway down Anne's dejection vanished as if by enchantment. She lifted her head and stepped lightly along, her eyes fixed on the sunset sky and an air of subdued exhilaration about her. Marilla beheld the change disapprovingly. This was no meek penitent such as it behooved her to take into the presence of the offended Mrs. Lynde.

"What are you thinking of, Anne?" she asked sharply.

"I'm imagining out what I must say to Mrs. Lynde," answered Anne dreamily.

This was satisfactory—or should have been so. But Marilla could not rid herself of the notion that something in her scheme of punishment was going askew. Anne had no business to look so rapt and radiant.

Rapt and radiant Anne continued until they were in the very presence of Mrs. Lynde, who was sitting knitting by her kitchen window. Then the radiance vanished. Mournful penitence appeared on every feature. Before a word was spoken Anne suddenly went down on her knees before the astonished Mrs. Rachel and held out her hands beseechingly.

"Oh, Mrs. Lynde, I am so extremely sorry," she said with a quiver in her voice. "I could never express all my

sorrow, no, not if I used up a whole dictionary. You must just imagine it. I behaved terribly to you—and I’ve disgraced the dear friends, Matthew and Marilla, who have let me stay at Green Gables although I’m not a boy. I’m a dreadfully wicked and ungrateful girl, and I deserve to be punished and cast out by respectable people forever. It was very wicked of me to fly into a temper because you told me the truth. It *was* the truth; every word you said was true. My hair is red and I’m freckled and skinny and ugly. What I said to you was true, too, but I shouldn’t have said it. Oh, Mrs. Lynde, please, please, forgive me. If you refuse it will be a lifelong sorrow on a poor little orphan girl, would you, even if she had a dreadful temper? Oh, I am sure you wouldn’t. Please say you forgive me, Mrs. Lynde.”

Anne clasped her hands together, bowed her head, and waited for the word of judgment.

There was no mistaking her sincerity—it breathed in every tone of her voice. Both Marilla and Mrs. Lynde recognized its unmistakable ring. But the former understood in dismay that Anne was actually enjoying her valley of humiliation—was reveling in the thoroughness of her abasement. Where was the wholesome punishment upon which she, Marilla, had plumed herself? Anne had turned it into a species of positive pleasure.

Good Mrs. Lynde, not being overburdened with perception, did not see this. She only perceived that Anne had made a very thorough apology and all resentment

vanished from her kindly, if somewhat officious, heart.

“There, there, get up, child,” she said heartily. “Of course I forgive you. I guess I was a little too hard on you, anyway. But I’m such an outspoken person. You just mustn’t mind me, that’s what. It can’t be denied your hair is terrible red; but I knew a girl once—went to school with her, in fact—whose hair was every mite as red as yours when she was young, but when she grew up it darkened to a real handsome auburn. I wouldn’t be a mite surprised if yours did, too—not a mite.”

“Oh, Mrs. Lynde!” Anne drew a long breath as she rose to her feet. “You have given me a hope. I shall always feel that you are a benefactor. Oh, I could endure anything if I only thought my hair would be a handsome auburn when I grew up. It would be so much easier to be good if one’s hair was a handsome auburn, don’t you think? And now may I go out into your garden and sit on that bench under the apple-trees while you and Marilla are talking? There is so much more scope for imagination out there.”

“Laws, yes, run along, child. And you can pick a bouquet of them white June lilies over in the corner if you like.”

As the door closed behind Anne Mrs. Lynde got briskly up to light a lamp.

“She’s a real odd little thing. Take this chair, Marilla; it’s easier than the one you’ve got; I just keep that for the hired boy to sit on. Yes, she certainly is an odd child, but

there is something kind of taking about her after all. I don't feel so surprised at you and Matthew keeping her as I did—nor so sorry for you, either. She may turn out all right. Of course, she has a queer way of expressing herself—a little too—well, too kind of forcible, you know; but she'll likely get over that now that she's come to live among civilized folks. And then, her temper's pretty quick, I guess; but there's one comfort, a child that has a quick temper, just blaze up and cool down, ain't never likely to be sly or deceitful. Preserve me from a sly child, that's what. On the whole, Marilla, I kind of like her.”

When Marilla went home Anne came out of the fragrant twilight of the orchard with a sheaf of white narcissi in her hands.

“I apologized pretty well, didn't I?” she said proudly as they went down the lane. “I thought since I had to do it I might as well do it thoroughly.”

“You did it thoroughly, all right enough,” was Marilla's comment. Marilla was dismayed at finding herself inclined to laugh over the recollection. She had also an uneasy feeling that she ought to scold Anne for apologizing so well; but then, that was ridiculous! She compromised with her conscience by saying severely:

“I hope you won't have occasion to make many more such apologies. I hope you'll try to control your temper now, Anne.”

“That wouldn’t be so hard if people wouldn’t twit me about my looks,” said Anne with a sigh. “I don’t get cross about other things; but I’m *so* tired of being twitted about my hair and it just makes me boil right over. Do you suppose my hair will really be a handsome auburn when I grow up?”

“You shouldn’t think so much about your looks, Anne. I’m afraid you are a very vain little girl.”

“How can I be vain when I know I’m homely?” protested Anne. “I love pretty things; and I hate to look in the glass and see something that isn’t pretty. It makes me feel so sorrowful—just as I feel when I look at any ugly thing. I pity it because it isn’t beautiful.”

“Handsome is as handsome does,” quoted Marilla. “I’ve had that said to me before, but I have my doubts about it,” remarked skeptical Anne, sniffing at her narcissi. “Oh, aren’t these flowers sweet! It was lovely of Mrs. Lynde to give them to me. I have no hard feelings against Mrs. Lynde now. It gives you a lovely, comfortable feeling to apologize and be forgiven, doesn’t it? Aren’t the stars bright tonight? If you could live in a star, which one would you pick? I’d like that lovely clear big one away over there above that dark hill.”

“Anne, do hold your tongue,” said Marilla, thoroughly worn out trying to follow the gyrations of Anne’s thoughts.

Anne said no more until they turned into their own lane. A little gypsy wind came down it to meet them, laden

with the spicy perfume of young dew-wet ferns. Far up in the shadows a cheerful light gleamed out through the trees from the kitchen at Green Gables. Anne suddenly came close to Marilla and slipped her hand into the older woman's hard palm.

"It's lovely to be going home and know it's home," she said. "I love Green Gables already, and I never loved any place before. No place ever seemed like home. Oh, Marilla, I'm so happy. I could pray right now and not find it a bit hard."

Something warm and pleasant welled up in Marilla's heart at touch of that thin little hand in her own—a throb of the maternity she had missed, perhaps. Its very unaccustomedness and sweetness disturbed her. She hastened to restore her sensations to their normal calm by inculcating a moral.

"If you'll be a good girl you'll always be happy, Anne. And you should never find it hard to say your prayers."

"Saying one's prayers isn't exactly the same thing as praying," said Anne meditatively. "But I'm going to imagine that I'm the wind that is blowing up there in those tree tops. When I get tired of the trees I'll imagine I'm gently waving down here in the ferns—and then I'll fly over to Mrs. Lynde's garden and set the flowers dancing—and then I'll go with one great swoop over the clover field—and then I'll blow over the Lake of Shining Waters and ripple it all up into little sparkling waves. Oh,

there's so much scope for imagination in a wind! So I'll not talk any more just now, Marilla."

"Thanks be to goodness for that," breathed Marilla in devout relief.

CHAPTER XI.

ANNE'S IMPRESSIONS OF SUNDAY-SCHOOL

WELL, how do you like them?" said Marilla. Anne was standing in the gable room, looking solemnly at three new dresses spread out on the bed. One was of snuffy colored gingham which Marilla had been tempted to buy from a peddler the preceding summer because it looked so serviceable; one was of black-and-white checkered sateen which she had picked up at a bargain counter in the winter; and one was a stiff print of an ugly blue shade which she had purchased that week at a Carmody store.

She had made them up herself, and they were all made alike—plain skirts fullled tightly to plain waists, with sleeves as plain as waist and skirt and tight as sleeves could be.

"I'll imagine that I like them," said Anne soberly.

"I don't want you to imagine it," said Marilla, offended. "Oh, I can see you don't like the dresses! What is the matter with them? Aren't they neat and clean and new?"

"Yes."

"Then why don't you like them?"

“They’re—they’re not—pretty,” said Anne reluctantly.

“Pretty!” Marilla sniffed. “I didn’t trouble my head about getting pretty dresses for you. I don’t believe in pampering vanity, Anne, I’ll tell you that right off. Those dresses are good, sensible, serviceable dresses, without any frills or furbelows about them, and they’re all you’ll get this summer. The brown gingham and the blue print will do you for school when you begin to go. The sateen is for church and Sunday school. I’ll expect you to keep them neat and clean and not to tear them. I should think you’d be grateful to get most anything after those skimpy wincey things you’ve been wearing.”

“Oh, I *am* grateful,” protested Anne. “But I’d be ever so much gratefuller if—if you’d made just one of them with puffed sleeves. Puffed sleeves are so fashionable now. It would give me such a thrill, Marilla, just to wear a dress with puffed sleeves.”

“Well, you’ll have to do without your thrill. I hadn’t any material to waste on puffed sleeves. I think they are ridiculous-looking things anyhow. I prefer the plain, sensible ones.”

“But I’d rather look ridiculous when everybody else does than plain and sensible all by myself,” persisted Anne mournfully.

“Trust you for that! Well, hang those dresses carefully up in your closet, and then sit down and learn the Sunday school lesson. I got a quarterly from Mr. Bell for you and

you'll go to Sunday school tomorrow," said Marilla, disappearing downstairs in high dudgeon.

Anne clasped her hands and looked at the dresses.

"I did hope there would be a white one with puffed sleeves," she whispered disconsolately. "I prayed for one, but I didn't much expect it on that account. I didn't suppose God would have time to bother about a little orphan girl's dress. I knew I'd just have to depend on Marilla for it. Well, fortunately I can imagine that one of them is of snow-white muslin with lovely lace frills and three-puffed sleeves."

The next morning warnings of a sick headache prevented Marilla from going to Sunday-school with Anne.

"You'll have to go down and call for Mrs. Lynde, Anne," she said. "She'll see that you get into the right class. Now, mind you behave yourself properly. Stay to preaching afterwards and ask Mrs. Lynde to show you our pew. Here's a cent for collection. Don't stare at people and don't fidget. I shall expect you to tell me the text when you come home."

Anne started off irreproachable, arrayed in the stiff black-and-white sateen, which, while decent as regards length and certainly not open to the charge of skimpiness, contrived to emphasize every corner and angle of her thin figure. Her hat was a little, flat, glossy, new sailor, the extreme plainness of which had likewise much disappointed Anne, who had permitted herself secret

visions of ribbon and flowers. The latter, however, were supplied before Anne reached the main road, for being confronted halfway down the lane with a golden frenzy of wind-stirred buttercups and a glory of wild roses, Anne promptly and liberally garlanded her hat with a heavy wreath of them. Whatever other people might have thought of the result it satisfied Anne, and she tripped gaily down the road, holding her ruddy head with its decoration of pink and yellow very proudly.

When she had reached Mrs. Lynde's house she found that lady gone. Nothing daunted, Anne proceeded onward to the church alone. In the porch she found a crowd of little girls, all more or less gaily attired in whites and blues and pinks, and all staring with curious eyes at this stranger in their midst, with her extraordinary head adornment. Avonlea little girls had already heard queer stories about Anne. Mrs. Lynde said she had an awful temper; Jerry Buote, the hired boy at Green Gables, said she talked all the time to herself or to the trees and flowers like a crazy girl. They looked at her and whispered to each other behind their quarterlies. Nobody made any friendly advances, then or later on when the opening exercises were over and Anne found herself in Miss Rogerson's class.

Miss Rogerson was a middle-aged lady who had taught a Sunday-school class for twenty years. Her method of teaching was to ask the printed questions from the quarterly and look sternly over its edge at the particular

little girl she thought ought to answer the question. She looked very often at Anne, and Anne, thanks to Marilla's drilling, answered promptly; but it may be questioned if she understood very much about either question or answer.

She did not think she liked Miss Rogerson, and she felt very miserable; every other little girl in the class had puffed sleeves. Anne felt that life was really not worth living without puffed sleeves.

"Well, how did you like Sunday school?" Marilla wanted to know when Anne came home. Her wreath having faded, Anne had discarded it in the lane, so Marilla was spared the knowledge of that for a time.

"I didn't like it a bit. It was horrid."

"Anne Shirley!" said Marilla rebukingly.

Anne sat down on the rocker with a long sigh, kissed one of Bonny's leaves, and waved her hand to a blossoming fuchsia.

"They might have been lonesome while I was away," she explained. "And now about the Sunday school. I behaved well, just as you told me. Mrs. Lynde was gone, but I went right on myself. I went into the church, with a lot of other little girls, and I sat in the corner of a pew by the window while the opening exercises went on. Mr. Bell made an awfully long prayer. I would have been dreadfully tired before he got through if I hadn't been sitting by that window. But it looked right out on the Lake of Shining

Waters, so I just gazed at that and imagined all sorts of splendid things.”

“You shouldn’t have done anything of the sort. You should have listened to Mr. Bell.”

“But he wasn’t talking to me,” protested Anne. “He was talking to God and he didn’t seem to be very much inter-ested in it, either. I think he thought God was too far off though. There was a long row of white birches hanging over the lake and the sunshine fell down through them, ‘way, ‘way down, deep into the water. Oh, Marilla, it was like a beautiful dream! It gave me a thrill and I just said, ‘Thank you for it, God,’ two or three times.”

“Not out loud, I hope,” said Marilla anxiously.

“Oh, no, just under my breath. Well, Mr. Bell did get through at last and they told me to go into the classroom with Miss Rogerson’s class. There were nine other girls in it. They all had puffed sleeves. I tried to imagine mine were puffed, too, but I couldn’t. Why couldn’t I? It was as easy as could be to imagine they were puffed when I was alone in the east gable, but it was awfully hard there among the others who had really truly puffs.”

“You shouldn’t have been thinking about your sleeves in Sunday school. You should have been attending to the lesson. I hope you knew it.”

“Oh, yes; and I answered a lot of questions. Miss Rogerson asked ever so many. I don’t think it was fair for her to do all the asking. There were lots I wanted to ask

her, but I didn't like to because I didn't think she was a kindred spirit. Then all the other little girls recited a paraphrase. She asked me if I knew any. I told her I didn't, but I could recite, 'The Dog at His Master's Grave' if she liked. That's in the Third Royal Reader. It isn't a really truly religious piece of poetry, but it's so sad and melancholy that it might as well be. She said it wouldn't do and she told me to learn the nineteenth paraphrase for next Sunday. I read it over in church afterwards and it's splendid. There are two lines in particular that just thrill me.

*“Quick as the slaughtered squadrons fell
In Midian's evil day.”*

“I don't know what 'squadrons' means nor 'Midian,' either, but it sounds so tragical. I can hardly wait until next Sunday to recite it. I'll practice it all the week. After Sunday school I asked Miss Rogerson—because Mrs. Lynde was too far away—to show me your pew. I sat just as still as I could and the text was Revelations, third chapter, second and third verses. It was a very long text. If I was a minister I'd pick the short, snappy ones. The sermon was awfully long, too. I suppose the minister had to match it to the text. I didn't think he was a bit interesting. The trouble with him seems to be that he hasn't enough imagination. I didn't listen to him very much. I just let my thoughts run and I thought of the most surprising things.”

Marilla felt helplessly that all this should be sternly reproved, but she was hampered by the undeniable fact that some of the things Anne had said, especially about the minister's sermons and Mr. Bell's prayers, were what she herself had really thought deep down in her heart for years, but had never given expression to. It almost seemed to her that those secret, unuttered, critical thoughts had suddenly taken visible and accusing shape and form in the person of this outspoken morsel of neglected humanity.

CHAPTER XII.

A SOLEMN VOW AND PROMISE

It was not until the next Friday that Marilla heard the story of the flower-wreathed hat. She came home from Mrs. Lynde's and called Anne to account.

"Anne, Mrs. Rachel says you went to church last Sunday with your hat rigged out ridiculous with roses and buttercups. What on earth put you up to such a caper? A pretty-looking object you must have been!"

"Oh. I know pink and yellow aren't becoming to me," began Anne.

"Becoming fiddlesticks! It was putting flowers on your hat at all, no matter what color they were, that was ridiculous. You are the most aggravating child!"

"I don't see why it's any more ridiculous to wear flowers on your hat than on your dress," protested Anne. "Lots of little girls there had bouquets pinned on their dresses. What's the difference?"

Marilla was not to be drawn from the safe concrete into dubious paths of the abstract.

"Don't answer me back like that, Anne. It was very silly of you to do such a thing. Never let me catch you at such a trick again. Mrs. Rachel says she thought she would sink through the floor when she saw you come in all rigged out like that. She couldn't get near enough to tell you to

take them off till it was too late. She says people talked about it something dreadful. Of course they would think I had no better sense than to let you go decked out like that.”

“Oh, I’m so sorry,” said Anne, tears welling into her eyes. “I never thought you’d mind. The roses and buttercups were so sweet and pretty I thought they’d look lovely on my hat. Lots of the little girls had artificial flowers on their hats. I’m afraid I’m going to be a dreadful trial to you. Maybe you’d better send me back to the asylum. That would be terrible; I don’t think I could endure it; most likely I would go into consumption; I’m so thin as it is, you see. But that would be better than being a trial to you.”

“Nonsense,” said Marilla, vexed at herself for having made the child cry. “I don’t want to send you back to the asylum, I’m sure. All I want is that you should behave like other little girls and not make yourself ridiculous. Don’t cry any more. I’ve got some news for you. Diana Barry came home this afternoon. I’m going up to see if I can borrow a skirt pattern from Mrs. Barry, and if you like you can come with me and get acquainted with Diana.”

Anne rose to her feet, with clasped hands, the tears still glistening on her cheeks; the dish towel she had been hemming slipped unheeded to the floor.

“Oh, Marilla, I’m frightened—now that it has come I’m actually frightened. What if she shouldn’t like me! It

would be the most tragical disappointment of my life.”

“Now, don’t get into a fluster. And I do wish you wouldn’t use such long words. It sounds so funny in a little girl. I guess Diana ‘ll like you well enough. It’s her mother you’ve got to reckon with. If she doesn’t like you it won’t matter how much Diana does. If she has heard about your outburst to Mrs. Lynde and going to church with buttercups round your hat I don’t know what she’ll think of you. You must be polite and well behaved, and don’t make any of your startling speeches. For pity’s sake, if the child isn’t actually trembling!”

Anne *was* trembling. Her face was pale and tense.

“Oh, Marilla, you’d be excited, too, if you were going to meet a little girl you hoped to be your bosom friend and whose mother mightn’t like you,” she said as she hastened to get her hat.

They went over to Orchard Slope by the short cut across the brook and up the firry hill grove. Mrs. Barry came to the kitchen door in answer to Marilla’s knock. She was a tall black-eyed, black-haired woman, with a very resolute mouth. She had the reputation of being very strict with her children.

“How do you do, Marilla?” she said cordially. “Come in. And this is the little girl you have adopted, I suppose?”

“Yes, this is Anne Shirley,” said Marilla.

“Spelled with an E,” gasped Anne, who, tremulous and excited as she was, was determined there should be no misunderstanding on that important point.

Mrs. Barry, not hearing or not comprehending, merely shook hands and said kindly:

“How are you?”

“I am well in body although considerable rumped up in spirit, thank you ma’am,” said Anne gravely. Then aside to Marilla in an audible whisper, “There wasn’t anything startling in that, was there, Marilla?”

Diana was sitting on the sofa, reading a book which she dropped when the callers entered. She was a very pretty little girl, with her mother’s black eyes and hair, and rosy cheeks, and the merry expression which was her inheritance from her father.

“This is my little girl Diana,” said Mrs. Barry. “Diana, you might take Anne out into the garden and show her your flowers. It will be better for you than straining your eyes over that book. She reads entirely too much—” this to Marilla as the little girls went out—“and I can’t prevent her, for her father aids and abets her. She’s always poring over a book. I’m glad she has the prospect of a playmate—perhaps it will take her more out-of-doors.”

Outside in the garden, which was full of mellow sunset light streaming through the dark old firs to the west of it, stood Anne and Diana, gazing bashfully at each other over a clump of gorgeous tiger lilies.

The Barry garden was a bowery wilderness of flowers which would have delighted Anne's heart at any time less fraught with destiny. It was encircled by huge old willows and tall firs, beneath which flourished flowers that loved the shade. Prim, right-angled paths neatly bordered with clamshells, intersected it like moist red ribbons and in the beds between old-fashioned flowers ran riot. There were rosy bleeding-hearts and great splendid crimson peonies; white, fragrant narcissi and thorny, sweet Scotch roses; pink and blue and white columbines and lilac-tinted Bouncing Bets; clumps of southernwood and ribbon grass and mint; purple Adam-and-Eve, daffodils, and masses of sweet clover white with its delicate, fragrant, feathery sprays; scarlet lightning that shot its fiery lances over prim white musk-flowers; a garden it was where sunshine lingered and bees hummed, and winds, beguiled into loitering, purred and rustled.

"Oh, Diana," said Anne at last, clasping her hands and speaking almost in a whisper, "oh, do you think you can like me a little—enough to be my bosom friend?"

Diana laughed. Diana always laughed before she spoke.

"Why, I guess so," she said frankly. "I'm awfully glad you've come to live at Green Gables. It will be jolly to have somebody to play with. There isn't any other girl who lives near enough to play with, and I've no sisters big enough."

“Will you swear to be my friend forever and ever?” demanded Anne eagerly.

Diana looked shocked.

“Why it’s dreadfully wicked to swear,” she said rebukingly.

“Oh no, not my kind of swearing. There are two kinds, you know.”

“I never heard of but one kind,” said Diana doubtfully.

“There really is another. Oh, it isn’t wicked at all. It just means vowing and promising solemnly.”

“Well, I don’t mind doing that,” agreed Diana, relieved. “How do you do it?”

“We must join hands—so,” said Anne gravely. “It ought to be over running water. We’ll just imagine this path is running water. I’ll repeat the oath first. I solemnly swear to be faithful to my bosom friend, Diana Barry, as long as the sun and moon shall endure. Now you say it and put my name in.”

Diana repeated the “oath” with a laugh fore and aft. Then she said:

“You’re a queer girl, Anne. I heard before that you were queer. But I believe I’m going to like you real well.”

When Marilla and Anne went home Diana went with them as far as the log bridge. The two little girls walked with their arms about each other. At the brook they parted with many promises to spend the next afternoon together.

“Well, did you find Diana a kindred spirit?” asked Marilla as they went up through the garden of Green Gables.

“Oh yes,” sighed Anne, blissfully unconscious of any sarcasm on Marilla’s part. “Oh Marilla, I’m the happiest girl on Prince Edward Island this very moment. I assure you I’ll say my prayers with a right good-will tonight. Diana and I are going to build a playhouse in Mr. William Bell’s birch grove tomorrow. Can I have those broken pieces of china that are out in the woodshed? Diana’s birthday is in February and mine is in March. Don’t you think that is a very strange coincidence? Diana is going to lend me a book to read. She says it’s perfectly splendid and tremendously exciting. She’s going to show me a place back in the woods where rice lilies grow. Don’t you think Diana has got very soulful eyes? I wish I had soulful eyes. Diana is going to teach me to sing a song called ‘Nelly in the Hazel Dell.’ She’s going to give me a picture to put up in my room; it’s a perfectly beautiful picture, she says—a lovely lady in a pale blue silk dress. A sewing-machine agent gave it to her. I wish I had something to give Diana. I’m an inch taller than Diana, but she is ever so much fatter; she says she’d like to be thin because it’s so much more graceful, but I’m afraid she only said it to soothe my feelings. We’re going to the shore some day to gather shells. We have agreed to call the spring down by the log bridge the Dryad’s Bubble. Isn’t that a perfectly elegant

name? I read a story once about a spring called that. A dryad is sort of a grown-up fairy, I think.”

“Well, all I hope is you won’t talk Diana to death,” said Marilla. “But remember this in all your planning, Anne. You’re not going to play all the time nor most of it. You’ll have your work to do and it’ll have to be done first.”

Anne’s cup of happiness was full, and Matthew caused it to overflow. He had just got home from a trip to the store at Carmody, and he sheepishly produced a small parcel from his pocket and handed it to Anne, with a deprecatory look at Marilla.

“I heard you say you liked chocolate sweeties, so I got you some,” he said.

“Humph,” sniffed Marilla. “It’ll ruin her teeth and stomach. There, there, child, don’t look so dismal. You can eat those, since Matthew has gone and got them. He’d better have brought you peppermints. They’re wholesomer. Don’t sicken yourself eating all them at once now.”

“Oh, no, indeed, I won’t,” said Anne eagerly. “I’ll just eat one tonight, Marilla. And I can give Diana half of them, can’t I? The other half will taste twice as sweet to me if I give some to her. It’s delightful to think I have something to give her.”

“I will say it for the child,” said Marilla when Anne had gone to her gable, “she isn’t stingy. I’m glad, for of all faults I detest stinginess in a child. Dear me, it’s only three

weeks since she came, and it seems as if she'd been here always. I can't imagine the place without her. Now, don't be looking I told-you-so, Matthew. That's bad enough in a woman, but it isn't to be endured in a man. I'm perfectly willing to own up that I'm glad I consented to keep the child and that I'm getting fond of her, but don't you rub it in, Matthew Cuthbert."

CHAPTER XIII.

THE DELIGHTS OF ANTICIPATION

IT'S time Anne was in to do her sewing," said Marilla, glancing at the clock and then out into the yellow August afternoon where everything drowsed in the heat. "She stayed playing with Diana more than half an hour more 'n I gave her leave to; and now she's perched out there on the woodpile talking to Matthew, nineteen to the dozen, when she knows perfectly well she ought to be at her work. And of course he's listening to her like a perfect ninny. I never saw such an infatuated man. The more she talks and the odder the things she says, the more he's delighted evidently. Anne Shirley, you come right in here this minute, do you hear me!"

A series of staccato taps on the west window brought Anne flying in from the yard, eyes shining, cheeks faintly flushed with pink, unbraided hair streaming behind her in a torrent of brightness.

"Oh, Marilla," she exclaimed breathlessly, "there's going to be a Sunday-school picnic next week—in Mr. Harmon Andrews's field, right near the lake of Shining Waters. And Mrs. Superintendent Bell and Mrs. Rachel Lynde are going to make ice cream—think of it, Marilla—*ice cream!* And, oh, Marilla, can I go to it?"

“Just look at the clock, if you please, Anne. What time did I tell you to come in?”

“Two o’clock—but isn’t it splendid about the picnic, Marilla? Please can I go? Oh, I’ve never been to a picnic—I’ve dreamed of picnics, but I’ve never—”

“Yes, I told you to come at two o’clock. And it’s a quarter to three. I’d like to know why you didn’t obey me, Anne.”

“Why, I meant to, Marilla, as much as could be. But you have no idea how fascinating Idlewild is. And then, of course, I had to tell Matthew about the picnic. Matthew is such a sympathetic listener. Please can I go?”

“You’ll have to learn to resist the fascination of Idle-whatever-you-call-it. When I tell you to come in at a certain time I mean that time and not half an hour later. And you needn’t stop to discourse with sympathetic listeners on your way, either. As for the picnic, of course you can go. You’re a Sunday-school scholar, and it’s not likely I’d refuse to let you go when all the other little girls are going.”

“But—but,” faltered Anne, “Diana says that everybody must take a basket of things to eat. I can’t cook, as you know, Marilla, and—and—I don’t mind going to a picnic without puffed sleeves so much, but I’d feel terribly humiliated if I had to go without a basket. It’s been preying on my mind ever since Diana told me.”

“Well, it needn’t prey any longer. I’ll bake you a basket.”

“Oh, you dear good Marilla. Oh, you are so kind to me. Oh, I’m so much obliged to you.”

Getting through with her “ohs” Anne cast herself into Marilla’s arms and rapturously kissed her sallow cheek. It was the first time in her whole life that childish lips had voluntarily touched Marilla’s face. Again that sudden sensation of startling sweetness thrilled her. She was secretly vastly pleased at Anne’s impulsive caress, which was probably the reason why she said brusquely:

“There, there, never mind your kissing nonsense. I’d sooner see you doing strictly as you’re told. As for cooking, I mean to begin giving you lessons in that some of these days. But you’re so featherbrained, Anne, I’ve been waiting to see if you’d sober down a little and learn to be steady before I begin. You’ve got to keep your wits about you in cooking and not stop in the middle of things to let your thoughts rove all over creation. Now, get out your patchwork and have your square done before teatime.”

“I do *not* like patchwork,” said Anne dolefully, hunting out her workbasket and sitting down before a little heap of red and white diamonds with a sigh. “I think some kinds of sewing would be nice; but there’s no scope for imagination in patchwork. It’s just one little seam after another and you never seem to be getting anywhere. But of course I’d rather be Anne of Green Gables sewing patchwork than

Anne of any other place with nothing to do but play. I wish time went as quick sewing patches as it does when I'm playing with Diana, though. Oh, we do have such elegant times, Marilla. I have to furnish most of the imagination, but I'm well able to do that. Diana is simply perfect in every other way. You know that little piece of land across the brook that runs up between our farm and Mr. Barry's. It belongs to Mr. William Bell, and right in the corner there is a little ring of white birch trees—the most romantic spot, Marilla. Diana and I have our playhouse there. We call it Idlewild. Isn't that a poetical name? I assure you it took me some time to think it out. I stayed awake nearly a whole night before I invented it. Then, just as I was dropping off to sleep, it came like an inspiration. Diana was *enraptured* when she heard it. We have got our house fixed up elegantly. You must come and see it, Marilla—won't you? We have great big stones, all covered with moss, for seats, and boards from tree to tree for shelves. And we have all our dishes on them. Of course, they're all broken but it's the easiest thing in the world to imagine that they are whole. There's a piece of a plate with a spray of red and yellow ivy on it that is especially beautiful. We keep it in the parlor and we have the fairy glass there, too. The fairy glass is as lovely as a dream. Diana found it out in the woods behind their chicken house. It's all full of rainbows—just little young rainbows that haven't grown big yet—and Diana's mother told her it

was broken off a hanging lamp they once had. But it's nice to imagine the fairies lost it one night when they had a ball, so we call it the fairy glass. Matthew is going to make us a table. Oh, we have named that little round pool over in Mr. Barry's field Willowmere. I got that name out of the book Diana lent me. That was a thrilling book, Marilla. The heroine had five lovers. I'd be satisfied with one, wouldn't you? She was very handsome and she went through great tribulations. She could faint as easy as anything. I'd love to be able to faint, wouldn't you, Marilla? It's so romantic. But I'm really very healthy for all I'm so thin. I believe I'm getting fatter, though. Don't you think I am? I look at my elbows every morning when I get up to see if any dimples are coming. Diana is having a new dress made with elbow sleeves. She is going to wear it to the picnic. Oh, I do hope it will be fine next Wednesday. I don't feel that I could endure the disappointment if anything happened to prevent me from getting to the picnic. I suppose I'd live through it, but I'm certain it would be a lifelong sorrow. It wouldn't matter if I got to a hundred picnics in after years; they wouldn't make up for missing this one. They're going to have boats on the Lake of Shining Waters—and ice cream, as I told you. I have never tasted ice cream. Diana tried to explain what it was like, but I guess ice cream is one of those things that are beyond imagination.”

“Anne, you have talked even on for ten minutes by the clock,” said Marilla. “Now, just for curiosity's sake, see if

you can hold your tongue for the same length of time.”

Anne held her tongue as desired. But for the rest of the week she talked picnic and thought picnic and dreamed picnic. On Saturday it rained and she worked herself up into such a frantic state lest it should keep on raining until and over Wednesday that Marilla made her sew an extra patchwork square by way of steadying her nerves.

On Sunday Anne confided to Marilla on the way home from church that she grew actually cold all over with excitement when the minister announced the picnic from the pulpit.

“Such a thrill as went up and down my back, Marilla! I don’t think I’d ever really believed until then that there was honestly going to be a picnic. I couldn’t help fearing I’d only imagined it. But when a minister says a thing in the pulpit you just have to believe it.”

“You set your heart too much on things, Anne,” said Marilla, with a sigh. “I’m afraid there’ll be a great many disappointments in store for you through life.”

“Oh, Marilla, looking forward to things is half the pleasure of them,” exclaimed Anne. “You mayn’t get the things themselves; but nothing can prevent you from having the fun of looking forward to them. Mrs. Lynde says, ‘Blessed are they who expect nothing for they shall not be disappointed.’ But I think it would be worse to expect nothing than to be disappointed.”

Marilla wore her amethyst brooch to church that day as usual. Marilla always wore her amethyst brooch to church. She would have thought it rather sacrilegious to leave it off—as bad as forgetting her Bible or her collection dime. That amethyst brooch was Marilla’s most treasured possession. A seafaring uncle had given it to her mother who in turn had bequeathed it to Marilla. It was an old-fashioned oval, containing a braid of her mother’s hair, surrounded by a border of very fine amethysts. Marilla knew too little about precious stones to realize how fine the amethysts actually were; but she thought them very beautiful and was always pleasantly conscious of their violet shimmer at her throat, above her good brown satin dress, even although she could not see it.

Anne had been smitten with delighted admiration when she first saw that brooch.

“Oh, Marilla, it’s a perfectly elegant brooch. I don’t know how you can pay attention to the sermon or the prayers when you have it on. I couldn’t, I know. I think amethysts are just sweet. They are what I used to think diamonds were like. Long ago, before I had ever seen a diamond, I read about them and I tried to imagine what they would be like. I thought they would be lovely glimmering purple stones. When I saw a real diamond in a lady’s ring one day I was so disappointed I cried. Of course, it was very lovely but it wasn’t my idea of a diamond. Will

you let me hold the brooch for one minute, Marilla? Do you think amethysts can be the souls of good violets?"

CHAPTER XIV.

ANNE'S CONFESSION

ON the Monday evening before the picnic Marilla came down from her room with a troubled face. “Anne,” she said to that small personage, who was shelling peas by the spotless table and singing, “Nelly of the Hazel Dell” with a vigor and expression that did credit to Diana’s teaching, “did you see anything of my amethyst brooch? I thought I stuck it in my pincushion when I came home from church yesterday evening, but I can’t find it anywhere.”

“I—I saw it this afternoon when you were away at the Aid Society,” said Anne, a little slowly. “I was passing your door when I saw it on the cushion, so I went in to look at it.”

“Did you touch it?” said Marilla sternly.

“Y-e-e-s,” admitted Anne, “I took it up and I pinned it on my breast just to see how it would look.”

“You had no business to do anything of the sort. It’s very wrong in a little girl to meddle. You shouldn’t have gone into my room in the first place and you shouldn’t have touched a brooch that didn’t belong to you in the second. Where did you put it?”

“Oh, I put it back on the bureau. I hadn’t it on a minute. Truly, I didn’t mean to meddle, Marilla. I didn’t

think about its being wrong to go in and try on the brooch; but I see now that it was and I'll never do it again. That's one good thing about me. I never do the same naughty thing twice."

"You didn't put it back," said Marilla. "That brooch isn't anywhere on the bureau. You've taken it out or something, Anne."

"I did put it back," said Anne quickly—pertly, Marilla thought. "I don't just remember whether I stuck it on the pincushion or laid it in the china tray. But I'm perfectly certain I put it back."

"I'll go and have another look," said Marilla, determining to be just. "If you put that brooch back it's there still. If it isn't I'll know you didn't, that's all!"

Marilla went to her room and made a thorough search, not only over the bureau but in every other place she thought the brooch might possibly be. It was not to be found and she returned to the kitchen.

"Anne, the brooch is gone. By your own admission you were the last person to handle it. Now, what have you done with it? Tell me the truth at once. Did you take it out and lose it?"

"No, I didn't," said Anne solemnly, meeting Marilla's angry gaze squarely. "I never took the brooch out of your room and that is the truth, if I was to be led to the block for it—although I'm not very certain what a block is. So there, Marilla."

Anne's "so there" was only intended to emphasize her assertion, but Marilla took it as a display of defiance.

"I believe you are telling me a falsehood, Anne," she said sharply. "I know you are. There now, don't say anything more unless you are prepared to tell the whole truth. Go to your room and stay there until you are ready to confess."

"Will I take the peas with me?" said Anne meekly.

"No, I'll finish shelling them myself. Do as I bid you."

When Anne had gone Marilla went about her evening tasks in a very disturbed state of mind. She was worried about her valuable brooch. What if Anne had lost it? And how wicked of the child to deny having taken it, when anybody could see she must have! With such an innocent face, too!

"I don't know what I wouldn't sooner have had happen," thought Marilla, as she nervously shelled the peas. "Of course, I don't suppose she meant to steal it or anything like that. She's just taken it to play with or help along that imagination of hers. She must have taken it, that's clear, for there hasn't been a soul in that room since she was in it, by her own story, until I went up tonight. And the brooch is gone, there's nothing surer. I suppose she has lost it and is afraid to own up for fear she'll be punished. It's a dreadful thing to think she tells falsehoods. It's a far worse thing than her fit of temper. It's a fearful responsibility to have a child in your house you

can't trust. Slyness and untruthfulness—that's what she has displayed. I declare I feel worse about that than about the brooch. If she'd only have told the truth about it I wouldn't mind so much."

Marilla went to her room at intervals all through the evening and searched for the brooch, without finding it. A bedtime visit to the east gable produced no result. Anne persisted in denying that she knew anything about the brooch but Marilla was only the more firmly convinced that she did.

She told Matthew the story the next morning. Matthew was confounded and puzzled; he could not so quickly lose faith in Anne but he had to admit that circumstances were against her.

"You're sure it hasn't fell down behind the bureau?" was the only suggestion he could offer.

"I've moved the bureau and I've taken out the drawers and I've looked in every crack and cranny" was Marilla's positive answer. "The brooch is gone and that child has taken it and lied about it. That's the plain, ugly truth, Matthew Cuthbert, and we might as well look it in the face."

"Well now, what are you going to do about it?" Matthew asked forlornly, feeling secretly thankful that Marilla and not he had to deal with the situation. He felt no desire to put his oar in this time.

“She’ll stay in her room until she confesses,” said Marilla grimly, remembering the success of this method in the former case. “Then we’ll see. Perhaps we’ll be able to find the brooch if she’ll only tell where she took it; but in any case she’ll have to be severely punished, Matthew.”

“Well now, you’ll have to punish her,” said Matthew, reaching for his hat. “I’ve nothing to do with it, remember. You warned me off yourself.”

Marilla felt deserted by everyone. She could not even go to Mrs. Lynde for advice. She went up to the east gable with a very serious face and left it with a face more serious still. Anne steadfastly refused to confess. She persisted in asserting that she had not taken the brooch. The child had evidently been crying and Marilla felt a pang of pity which she sternly repressed. By night she was, as she expressed it, “beat out.”

“You’ll stay in this room until you confess, Anne. You can make up your mind to that,” she said firmly.

“But the picnic is tomorrow, Marilla,” cried Anne. “You won’t keep me from going to that, will you? You’ll just let me out for the afternoon, won’t you? Then I’ll stay here as long as you like *afterwards* cheerfully. But I *must* go to the picnic.”

“You’ll not go to picnics nor anywhere else until you’ve confessed, Anne.”

“Oh, Marilla,” gasped Anne.

But Marilla had gone out and shut the door.

Wednesday morning dawned as bright and fair as if expressly made to order for the picnic. Birds sang around Green Gables; the Madonna lilies in the garden sent out whiffs of perfume that entered in on viewless winds at every door and window, and wandered through halls and rooms like spirits of benediction. The birches in the hollow waved joyful hands as if watching for Anne's usual morning greeting from the east gable. But Anne was not at her window. When Marilla took her breakfast up to her she found the child sitting primly on her bed, pale and resolute, with tight-shut lips and gleaming eyes.

"Marilla, I'm ready to confess."

"Ah!" Marilla laid down her tray. Once again her method had succeeded; but her success was very bitter to her. "Let me hear what you have to say then, Anne."

"I took the amethyst brooch," said Anne, as if repeating a lesson she had learned. "I took it just as you said. I didn't mean to take it when I went in. But it did look so beautiful, Marilla, when I pinned it on my breast that I was overcome by an irresistible temptation. I imagined how perfectly thrilling it would be to take it to Idlewild and play I was the Lady Cordelia Fitzgerald. It would be so much easier to imagine I was the Lady Cordelia if I had a real amethyst brooch on. Diana and I make necklaces of roseberries but what are roseberries compared to amethysts? So I took the brooch. I thought I could put it back before you came home. I went all the way around by

the road to lengthen out the time. When I was going over the bridge across the Lake of Shining Waters I took the brooch off to have another look at it. Oh, how it did shine in the sunlight! And then, when I was leaning over the bridge, it just slipped through my fingers—so—and went down—down—down, all purply-sparkling, and sank forevermore beneath the Lake of Shining Waters. And that’s the best I can do at confessing, Marilla.”

Marilla felt hot anger surge up into her heart again. This child had taken and lost her treasured amethyst brooch and now sat there calmly reciting the details thereof without the least apparent compunction or repentance.

“Anne, this is terrible,” she said, trying to speak calmly. “You are the very wickedest girl I ever heard of.”

“Yes, I suppose I am,” agreed Anne tranquilly. “And I know I’ll have to be punished. It’ll be your duty to punish me, Marilla. Won’t you please get it over right off because I’d like to go to the picnic with nothing on my mind.”

“Picnic, indeed! You’ll go to no picnic today, Anne Shirley. That shall be your punishment. And it isn’t half severe enough either for what you’ve done!”

“Not go to the picnic!” Anne sprang to her feet and clutched Marilla’s hand. “But you *promised* me I might! Oh, Marilla, I must go to the picnic. That was why I confessed. Punish me any way you like but that. Oh, Marilla, please, please, let me go to the picnic. Think of

the ice cream! For anything you know I may never have a chance to taste ice cream again.”

Marilla disengaged Anne’s clinging hands stonily.

“You needn’t plead, Anne. You are not going to the picnic and that’s final. No, not a word.”

Anne realized that Marilla was not to be moved. She clasped her hands together, gave a piercing shriek, and then flung herself face downward on the bed, crying and writhing in an utter abandonment of disappointment and despair.

“For the land’s sake!” gasped Marilla, hastening from the room. “I believe the child is crazy. No child in her senses would behave as she does. If she isn’t she’s utterly bad. Oh dear, I’m afraid Rachel was right from the first. But I’ve put my hand to the plow and I won’t look back.”

That was a dismal morning. Marilla worked fiercely and scrubbed the porch floor and the dairy shelves when she could find nothing else to do. Neither the shelves nor the porch needed it—but Marilla did. Then she went out and raked the yard.

When dinner was ready she went to the stairs and called Anne. A tear-stained face appeared, looking tragically over the banisters.

“Come down to your dinner, Anne.”

“I don’t want any dinner, Marilla,” said Anne, sobbingly. “I couldn’t eat anything. My heart is broken. You’ll feel remorse of conscience someday, I expect, for

breaking it, Marilla, but I forgive you. Remember when the time comes that I forgive you. But please don't ask me to eat anything, especially boiled pork and greens. Boiled pork and greens are so unromantic when one is in affliction."

Exasperated, Marilla returned to the kitchen and poured out her tale of woe to Matthew, who, between his sense of justice and his unlawful sympathy with Anne, was a miserable man.

"Well now, she shouldn't have taken the brooch, Marilla, or told stories about it," he admitted, mournfully surveying his plateful of unromantic pork and greens as if he, like Anne, thought it a food unsuited to crises of feeling, "but she's such a little thing—such an interesting little thing. Don't you think it's pretty rough not to let her go to the picnic when she's so set on it?"

"Matthew Cuthbert, I'm amazed at you. I think I've let her off entirely too easy. And she doesn't appear to realize how wicked she's been at all—that's what worries me most. If she'd really felt sorry it wouldn't be so bad. And you don't seem to realize it, neither; you're making excuses for her all the time to yourself—I can see that."

"Well now, she's such a little thing," feebly reiterated Matthew. "And there should be allowances made, Marilla. You know she's never had any bringing up."

"Well, she's having it now" retorted Marilla.

The retort silenced Matthew if it did not convince him. That dinner was a very dismal meal. The only cheerful thing about it was Jerry Buote, the hired boy, and Marilla resented his cheerfulness as a personal insult.

When her dishes were washed and her bread sponge set and her hens fed Marilla remembered that she had noticed a small rent in her best black lace shawl when she had taken it off on Monday afternoon on returning from the Ladies' Aid.

She would go and mend it. The shawl was in a box in her trunk. As Marilla lifted it out, the sunlight, falling through the vines that clustered thickly about the window, struck upon something caught in the shawl—something that glittered and sparkled in facets of violet light. Marilla snatched at it with a gasp. It was the amethyst brooch, hanging to a thread of the lace by its catch!

“Dear life and heart,” said Marilla blankly, “what does this mean? Here’s my brooch safe and sound that I thought was at the bottom of Barry’s pond. Whatever did that girl mean by saying she took it and lost it? I declare I believe Green Gables is bewitched. I remember now that when I took off my shawl Monday afternoon I laid it on the bureau for a minute. I suppose the brooch got caught in it somehow. Well!”

Marilla betook herself to the east gable, brooch in hand. Anne had cried herself out and was sitting dejectedly by the window.

“Anne Shirley,” said Marilla solemnly, “I’ve just found my brooch hanging to my black lace shawl. Now I want to know what that rigmorole you told me this morning meant.”

“Why, you said you’d keep me here until I confessed,” returned Anne wearily, “and so I decided to confess because I was bound to get to the picnic. I thought out a confession last night after I went to bed and made it as interesting as I could. And I said it over and over so that I wouldn’t forget it. But you wouldn’t let me go to the picnic after all, so all my trouble was wasted.”

Marilla had to laugh in spite of herself. But her conscience pricked her.

“Anne, you do beat all! But I was wrong—I see that now. I shouldn’t have doubted your word when I’d never known you to tell a story. Of course, it wasn’t right for you to confess to a thing you hadn’t done—it was very wrong to do so. But I drove you to it. So if you’ll forgive me, Anne, I’ll forgive you and we’ll start square again. And now get yourself ready for the picnic.”

Anne flew up like a rocket.

“Oh, Marilla, isn’t it too late?”

“No, it’s only two o’clock. They won’t be more than well gathered yet and it’ll be an hour before they have tea. Wash your face and comb your hair and put on your gingham. I’ll fill a basket for you. There’s plenty of stuff

baked in the house. And I'll get Jerry to hitch up the sorrel and drive you down to the picnic ground."

"Oh, Marilla," exclaimed Anne, flying to the washstand. "Five minutes ago I was so miserable I was wishing I'd never been born and now I wouldn't change places with an angel!"

That night a thoroughly happy, completely tired-out Anne returned to Green Gables in a state of beatification impossible to describe.

"Oh, Marilla, I've had a perfectly scrumptious time. Scrumptious is a new word I learned today. I heard Mary Alice Bell use it. Isn't it very expressive? Everything was lovely. We had a splendid tea and then Mr. Harmon Andrews took us all for a row on the Lake of Shining Waters—six of us at a time. And Jane Andrews nearly fell overboard. She was leaning out to pick water lilies and if Mr. Andrews hadn't caught her by her sash just in the nick of time she'd fallen in and prob'ly been drowned. I wish it had been me. It would have been such a romantic experience to have been nearly drowned. It would be such a thrilling tale to tell. And we had the ice cream. Words fail me to describe that ice cream. Marilla, I assure you it was sublime."

That evening Marilla told the whole story to Matthew over her stocking basket.

"I'm willing to own up that I made a mistake," she concluded candidly, "but I've learned a lesson. I have to

laugh when I think of Anne's 'confession,' although I suppose I shouldn't for it really was a falsehood. But it doesn't seem as bad as the other would have been, somehow, and anyhow I'm responsible for it. That child is hard to understand in some respects. But I believe she'll turn out all right yet. And there's one thing certain, no house will ever be dull that she's in."

CHAPTER XV.

A TEMPEST IN THE SCHOOL TEAPOT

WHAT a splendid day!" said Anne, drawing a long breath. "Isn't it good just to be alive on a day like this? I pity the people who aren't born yet for missing it. They may have good days, of course, but they can never have this one. And it's splendor still to have such a lovely way to go to school by, isn't it?"

"It's a lot nicer than going round by the road; that is so dusty and hot," said Diana practically, peeping into her dinner basket and mentally calculating if the three juicy, toothsome, raspberry tarts reposing there were divided among ten girls how many bites each girl would have.

The little girls of Avonlea school always pooled their lunches, and to eat three raspberry tarts all alone or even to share them only with one's best chum would have forever and ever branded as "awful mean" the girl who did it. And yet, when the tarts were divided among ten girls you just got enough to tantalize you.

The way Anne and Diana went to school *was* a pretty one. Anne thought those walks to and from school with Diana couldn't be improved upon even by imagination. Going around by the main road would have been so unromantic; but to go by Lover's Lane and Willowmere and

Violet Vale and the Birch Path was romantic, if ever anything was.

Lover's Lane opened out below the orchard at Green Gables and stretched far up into the woods to the end of the Cuthbert farm. It was the way by which the cows were taken to the back pasture and the wood hauled home in winter. Anne had named it Lover's Lane before she had been a month at Green Gables.

"Not that lovers ever really walk there," she explained to Marilla, "but Diana and I are reading a perfectly magnificent book and there's a Lover's Lane in it. So we want to have one, too. And it's a very pretty name, don't you think? So romantic! We can't imagine the lovers into it, you know. I like that lane because you can think out loud there without people calling you crazy."

Anne, starting out alone in the morning, went down Lover's Lane as far as the brook. Here Diana met her, and the two little girls went on up the lane under the leafy arch of maples—"maples are such sociable trees," said Anne; "they're always rustling and whispering to you"—until they came to a rustic bridge. Then they left the lane and walked through Mr. Barry's back field and past Willowmere. Beyond Willowmere came Violet Vale—a little green dimple in the shadow of Mr. Andrew Bell's big woods. "Of course there are no violets there now," Anne told Marilla, "but Diana says there are millions of them in spring. Oh, Marilla, can't you just imagine you see them? It actually

takes away my breath. I named it Violet Vale. Diana says she never saw the beat of me for hitting on fancy names for places. It's nice to be clever at something, isn't it? But Diana named the Birch Path. She wanted to, so I let her; but I'm sure I could have found something more poetical than plain Birch Path. Anybody can think of a name like that. But the Birch Path is one of the prettiest places in the world, Marilla."

It was. Other people besides Anne thought so when they stumbled on it. It was a little narrow, twisting path, winding down over a long hill straight through Mr. Bell's woods, where the light came down sifted through so many emerald screens that it was as flawless as the heart of a diamond. It was fringed in all its length with slim young birches, white stemmed and lissom boughed; ferns and starflowers and wild lilies-of-the-valley and scarlet tufts of pigeonberries grew thickly along it; and always there was a delightful spiciness in the air and music of bird calls and the murmur and laugh of wood winds in the trees overhead. Now and then you might see a rabbit skipping across the road if you were quiet—which, with Anne and Diana, happened about once in a blue moon. Down in the valley the path came out to the main road and then it was just up the spruce hill to the school.

The Avonlea school was a whitewashed building, low in the eaves and wide in the windows, furnished inside with comfortable substantial old-fashioned desks that

opened and shut, and were carved all over their lids with the initials and hieroglyphics of three generations of school children. The schoolhouse was set back from the road and behind it was a dusky fir wood and a brook where all the children put their bottles of milk in the morning to keep cool and sweet until dinner hour.

Marilla had seen Anne start off to school on the first day of September with many secret misgivings. Anne was such an odd girl. How would she get on with the other children? And how on earth would she ever manage to hold her tongue during school hours?

Things went better than Marilla feared, however. Anne came home that evening in high spirits.

“I think I’m going to like school here,” she announced. “I don’t think much of the master, through. He’s all the time curling his mustache and making eyes at Prissy Andrews. Prissy is grown up, you know. She’s sixteen and she’s studying for the entrance examination into Queen’s Academy at Charlottetown next year. Tillie Boulter says the master is *dead gone* on her. She’s got a beautiful complexion and curly brown hair and she does it up so elegantly. She sits in the long seat at the back and he sits there, too, most of the time—to explain her lessons, he says. But Ruby Gillis says she saw him writing something on her slate and when Prissy read it she blushed as red as a beet and giggled; and Ruby Gillis says she doesn’t believe it had anything to do with the lesson.”

“Anne Shirley, don’t let me hear you talking about your teacher in that way again,” said Marilla sharply. “You don’t go to school to criticize the master. I guess he can teach *you* something, and it’s your business to learn. And I want you to understand right off that you are not to come home telling tales about him. That is something I won’t encourage. I hope you were a good girl.”

“Indeed I was,” said Anne comfortably. “It wasn’t so hard as you might imagine, either. I sit with Diana. Our seat is right by the window and we can look down to the Lake of Shining Waters. There are a lot of nice girls in school and we had scrumptious fun playing at dinnertime. It’s so nice to have a lot of little girls to play with. But of course I like Diana best and always will. I *adore* Diana. I’m dreadfully far behind the others. They’re all in the fifth book and I’m only in the fourth. I feel that it’s kind of a disgrace. But there’s not one of them has such an imagination as I have and I soon found that out. We had reading and geography and Canadian history and dictation today. Mr. Phillips said my spelling was disgraceful and he held up my slate so that everybody could see it, all marked over. I felt so mortified, Marilla; he might have been politer to a stranger, I think. Ruby Gillis gave me an apple and Sophia Sloane lent me a lovely pink card with ‘May I see you home?’ on it. I’m to give it back to her tomorrow. And Tillie Boulter let me wear her bead ring all the afternoon. Can I have some of those pearl beads off the old

pincushion in the garret to make myself a ring? And oh, Marilla, Jane Andrews told me that Minnie MacPherson told her that she heard Prissy Andrews tell Sara Gillis that I had a very pretty nose. Marilla, that is the first compliment I have ever had in my life and you can't imagine what a strange feeling it gave me. Marilla, have I really a pretty nose? I know you'll tell me the truth."

"Your nose is well enough," said Marilla shortly. Secretly she thought Anne's nose was a remarkable pretty one; but she had no intention of telling her so.

That was three weeks ago and all had gone smoothly so far. And now, this crisp September morning, Anne and Diana were tripping blithely down the Birch Path, two of the happiest little girls in Avonlea.

"I guess Gilbert Blythe will be in school today," said Diana. "He's been visiting his cousins over in New Brunswick all summer and he only came home Saturday night. He's *aw'fly* handsome, Anne. And he teases the girls something terrible. He just torments our lives out."

Diana's voice indicated that she rather liked having her life tormented out than not.

"Gilbert Blythe?" said Anne. "Isn't his name that's written up on the porch wall with Julia Bell's and a big 'Take Notice' over them?"

"Yes," said Diana, tossing her head, "but I'm sure he doesn't like Julia Bell so very much. I've heard him say he studied the multiplication table by her freckles."

“Oh, don’t speak about freckles to me,” implored Anne. “It isn’t delicate when I’ve got so many. But I do think that writing take-notices up on the wall about the boys and girls is the silliest ever. I should just like to see anybody dare to write my name up with a boy’s. Not, of course,” she hastened to add, “that anybody would.”

Anne sighed. She didn’t want her name written up. But it was a little humiliating to know that there was no danger of it.

“Nonsense,” said Diana, whose black eyes and glossy tresses had played such havoc with the hearts of Avonlea schoolboys that her name figured on the porch walls in half a dozen take-notices. “It’s only meant as a joke. And don’t you be too sure your name won’t ever be written up. Charlie Sloane is *dead gone* on you. He told his mother—his *mother*, mind you—that you were the smartest girl in school. That’s better than being good looking.”

“No, it isn’t,” said Anne, feminine to the core. “I’d rather be pretty than clever. And I hate Charlie Sloane, I can’t bear a boy with goggle eyes. If anyone wrote my name up with his I’d never *get* over it, Diana Barry. But it is nice to keep head of your class.”

“You’ll have Gilbert in your class after this,” said Diana, “and he’s used to being head of his class, I can tell you. He’s only in the fourth book although he’s nearly fourteen. Four years ago his father was sick and had to go out to Alberta for his health and Gilbert went with him.

They were there three years and Gil didn't go to school hardly any until they came back. You won't find it so easy to keep head after this, Anne."

"I'm glad," said Anne quickly. "I couldn't really feel proud of keeping head of little boys and girls of just nine or ten. I got up yesterday spelling 'ebullition.' Josie Pye was head and, mind you, she peeped in her book. Mr. Phillips didn't see her—he was looking at Prissy Andrews—but I did. I just swept her a look of freezing scorn and she got as red as a beet and spelled it wrong after all."

"Those Pye girls are cheats all round," said Diana indignantly, as they climbed the fence of the main road. "Gertie Pye actually went and put her milk bottle in my place in the brook yesterday. Did you ever? I don't speak to her now."

When Mr. Phillips was in the back of the room hearing Prissy Andrews's Latin, Diana whispered to Anne, "That's Gilbert Blythe sitting right across the aisle from you, Anne. Just look at him and see if you don't think he's handsome."

Anne looked accordingly. She had a good chance to do so, for the said Gilbert Blythe was absorbed in stealthily pinning the long yellow braid of Ruby Gillis, who sat in front of him, to the back of her seat. He was a tall boy, with curly brown hair, roguish hazel eyes, and a mouth twisted into a teasing smile. Presently Ruby Gillis started up to take a sum to the master; she fell back into her seat with a little shriek, believing that her hair was pulled out by the

roots. Everybody looked at her and Mr. Phillips glared so sternly that Ruby began to cry. Gilbert had whisked the pin out of sight and was studying his history with the soberest face in the world; but when the commotion subsided he looked at Anne and winked with inexpressible drollery.

“I think your Gilbert Blythe *is* handsome,” confided Anne to Diana, “but I think he’s very bold. It isn’t good manners to wink at a strange girl.”

But it was not until the afternoon that things really began to happen.

Mr. Phillips was back in the corner explaining a problem in algebra to Prissy Andrews and the rest of the scholars were doing pretty much as they pleased eating green apples, whispering, drawing pictures on their slates, and driving crickets harnessed to strings, up and down aisle. Gilbert Blythe was trying to make Anne Shirley look at him and failing utterly, because Anne was at that moment totally oblivious not only to the very existence of Gilbert Blythe, but of every other scholar in Avonlea school itself. With her chin propped on her hands and her eyes fixed on the blue glimpse of the Lake of Shining Waters that the west window afforded, she was far away in a gorgeous dreamland hearing and seeing nothing save her own wonderful visions.

Gilbert Blythe wasn’t used to putting himself out to make a girl look at him and meeting with failure. She *should* look at him, that red-haired Shirley girl with

the little pointed chin and the big eyes that weren't like the eyes of any other girl in Avonlea school.

Gilbert reached across the aisle, picked up the end of Anne's long red braid, held it out at arm's length and said in a piercing whisper:

“Carrots! Carrots!”

Then Anne looked at him with a vengeance!

She did more than look. She sprang to her feet, her bright fancies fallen into cureless ruin. She flashed one indignant glance at Gilbert from eyes whose angry sparkle was swiftly quenched in equally angry tears.

“You mean, hateful boy!” she exclaimed passionately. “How dare you!”

And then—thwack! Anne had brought her slate down on Gilbert's head and cracked it—slate not head—clear across.

Avonlea school always enjoyed a scene. This was an especially enjoyable one. Everybody said “Oh” in horrified delight. Diana gasped. Ruby Gillis, who was inclined to be hysterical, began to cry. Tommy Sloane let his team of crickets escape him altogether while he stared open-mouthed at the tableau.

Mr. Phillips stalked down the aisle and laid his hand heavily on Anne's shoulder.

“Anne Shirley, what does this mean?” he said angrily. Anne returned no answer. It was asking too much of flesh and blood to expect her to tell before the whole school that

she had been called “carrots.” Gilbert it was who spoke up stoutly.

“It was my fault Mr. Phillips. I teased her.”

Mr. Phillips paid no heed to Gilbert.

“I am sorry to see a pupil of mine displaying such a temper and such a vindictive spirit,” he said in a solemn tone, as if the mere fact of being a pupil of his ought to root out all evil passions from the hearts of small imperfect mortals. “Anne, go and stand on the platform in front of the blackboard for the rest of the afternoon.”

Anne would have infinitely preferred a whipping to this punishment under which her sensitive spirit quivered as from a whiplash. With a white, set face she obeyed. Mr. Phillips took a chalk crayon and wrote on the blackboard above her head.

“Ann Shirley has a very bad temper. Ann Shirley must learn to control her temper,” and then read it out loud so that even the primer class, who couldn’t read writing, should understand it.

Anne stood there the rest of the afternoon with that legend above her. She did not cry or hang her head. Anger was still too hot in her heart for that and it sustained her amid all her agony of humiliation. With resentful eyes and passion-red cheeks she confronted alike Diana’s sympathetic gaze and Charlie Sloane’s indignant nods and Josie Pye’s malicious smiles. As for Gilbert Blythe, she

would not even look at him. She would *never* look at him again! She would never speak to him!!

When school was dismissed Anne marched out with her red head held high. Gilbert Blythe tried to intercept her at the porch door.

“I’m awfully sorry I made fun of your hair, Anne,” he whispered contritely. “Honest I am. Don’t be mad for keeps, now.”

Anne swept by disdainfully, without look or sign of hearing. “Oh how could you, Anne?” breathed Diana as they went down the road half reproachfully, half admiringly. Diana felt that *she* could never have resisted Gilbert’s plea.

“I shall never forgive Gilbert Blythe,” said Anne firmly. “And Mr. Phillips spelled my name without an e, too. The iron has entered into my soul, Diana.”

Diana hadn’t the least idea what Anne meant but she understood it was something terrible.

“You mustn’t mind Gilbert making fun of your hair,” she said soothingly. “Why, he makes fun of all the girls. He laughs at mine because it’s so black. He’s called me a crow a dozen times; and I never heard him apologize for anything before, either.”

“There’s a great deal of difference between being called a crow and being called carrots,” said Anne with dignity. “Gilbert Blythe has hurt my feelings *excruciatingly*, Diana.”

It is possible the matter might have blown over without more excruciation if nothing else had happened. But when things begin to happen they are apt to keep on.

Avonlea scholars often spent noon hour picking gum in Mr. Bell's spruce grove over the hill and across his big pasture field. From there they could keep an eye on Eben Wright's house, where the master boarded. When they saw Mr. Phillips emerging therefrom they ran for the schoolhouse; but the distance being about three times longer than Mr. Wright's lane they were very apt to arrive there, breathless and gasping, some three minutes too late.

On the following day Mr. Phillips was seized with one of his spasmodic fits of reform and announced before going home to dinner, that he should expect to find all the scholars in their seats when he returned. Anyone who came in late would be punished.

All the boys and some of the girls went to Mr. Bell's spruce grove as usual, fully intending to stay only long enough to "pick a chew." But spruce groves are seductive and yellow nuts of gum beguiling; they picked and loitered and strayed; and as usual the first thing that recalled them to a sense of the flight of time was Jimmy Glover shouting from the top of a patriarchal old spruce "Master's coming."

The girls who were on the ground, started first and managed to reach the schoolhouse in time but without a second to spare. The boys, who had to wriggle hastily

down from the trees, were later; and Anne, who had not been picking gum at all but was wandering happily in the far end of the grove, waist deep among the bracken, singing softly to herself, with a wreath of rice lilies on her hair as if she were some wild divinity of the shadowy places, was latest of all. Anne could run like a deer, however; run she did with the impish result that she overtook the boys at the door and was swept into the schoolhouse among them just as Mr. Phillips was in the act of hanging up his hat.

Mr. Phillips's brief reforming energy was over; he didn't want the bother of punishing a dozen pupils; but it was necessary to do something to save his word, so he looked about for a scapegoat and found it in Anne, who had dropped into her seat, gasping for breath, with a forgotten lily wreath hanging askew over one ear and giving her a particularly rakish and disheveled appearance.

"Anne Shirley, since you seem to be so fond of the boys' company we shall indulge your taste for it this afternoon," he said sarcastically. "Take those flowers out of your hair and sit with Gilbert Blythe."

The other boys snickered. Diana, turning pale with pity, plucked the wreath from Anne's hair and squeezed her hand. Anne stared at the master as if turned to stone.

"Did you hear what I said, Anne?" queried Mr. Phillips sternly.

“Yes, sir,” said Anne slowly “but I didn’t suppose you really meant it.”

“I assure you I did”—still with the sarcastic inflection which all the children, and Anne especially, hated. It flicked on the raw. “Obey me at once.”

For a moment Anne looked as if she meant to disobey. Then, realizing that there was no help for it, she rose haughtily, stepped across the aisle, sat down beside Gilbert Blythe, and buried her face in her arms on the desk. Ruby Gillis, who got a glimpse of it as it went down, told the others going home from school that she’d “acksually never seen anything like it—it was so white, with awful little red spots in it.”

To Anne, this was as the end of all things. It was bad enough to be singled out for punishment from among a dozen equally guilty ones; it was worse still to be sent to sit with a boy, but that that boy should be Gilbert Blythe was heaping insult on injury to a degree utterly unbearable. Anne felt that she could not bear it and it would be of no use to try. Her whole being seethed with shame and anger and humiliation.

At first the other scholars looked and whispered and giggled and nudged. But as Anne never lifted her head and as Gilbert worked fractions as if his whole soul was absorbed in them and them only, they soon returned to their own tasks and Anne was forgotten. When Mr. Phillips called the history class out Anne should have gone, but

Anne did not move, and Mr. Phillips, who had been writing some verses "To Priscilla" before he called the class, was thinking about an obstinate rhyme still and never missed her. Once, when nobody was looking, Gilbert took from his desk a little pink candy heart with a gold motto on it, "You are sweet," and slipped it under the curve of Anne's arm. Whereupon Anne arose, took the pink heart gingerly between the tips of her fingers, dropped it on the floor, ground it to powder beneath her heel, and resumed her position without deigning to bestow a glance on Gilbert.

When school went out Anne marched to her desk, ostentatiously took out everything therein, books and writing tablet, pen and ink, testament and arithmetic, and piled them neatly on her cracked slate.

"What are you taking all those things home for, Anne?" Diana wanted to know, as soon as they were out on the road. She had not dared to ask the question before.

"I am not coming back to school any more," said Anne. Diana gasped and stared at Anne to see if she meant it.

"Will Marilla let you stay home?" she asked.

"She'll have to," said Anne. "I'll *never* go to school to that man again."

"Oh, Anne!" Diana looked as if she were ready to cry. "I do think you're mean. What shall I do? Mr. Phillips will make me sit with that horrid Gertie Pye—I know he will because she is sitting alone. Do come back, Anne."

“I’d do almost anything in the world for you, Diana,” said Anne sadly. “I’d let myself be torn limb from limb if it would do you any good. But I can’t do this, so please don’t ask it. You harrow up my very soul.”

“Just think of all the fun you will miss,” mourned Diana. “We are going to build the loveliest new house down by the brook; and we’ll be playing ball next week and you’ve never played ball, Anne. It’s tremendously exciting. And we’re going to learn a new song—Jane Andrews is practicing it up now; and Alice Andrews is going to bring a new Pansy book next week and we’re all going to read it out loud, chapter about, down by the brook. And you know you are so fond of reading out loud, Anne.”

Nothing moved Anne in the least. Her mind was made up. She would not go to school to Mr. Phillips again; she told Marilla so when she got home.

“Nonsense,” said Marilla.

“It isn’t nonsense at all,” said Anne, gazing at Marilla with solemn, reproachful eyes. “Don’t you understand, Marilla? I’ve been insulted.”

“Insulted fiddlesticks! You’ll go to school tomorrow as usual.”

“Oh, no.” Anne shook her head gently. “I’m not going back, Marilla. I’ll learn my lessons at home and I’ll be as good as I can be and hold my tongue all the time if it’s possible at all. But I will not go back to school, I assure you.”

Marilla saw something remarkably like unyielding stubbornness looking out of Anne's small face. She understood that she would have trouble in overcoming it; but she re-solved wisely to say nothing more just then. "I'll run down and see Rachel about it this evening," she thought. "There's no use reasoning with Anne now. She's too worked up and I've an idea she can be awful stubborn if she takes the notion. Far as I can make out from her story, Mr. Phillips has been carrying matters with a rather high hand. But it would never do to say so to her. I'll just talk it over with Rachel. She's sent ten children to school and she ought to know something about it. She'll have heard the whole story, too, by this time."

Marilla found Mrs. Lynde knitting quilts as industriously and cheerfully as usual.

"I suppose you know what I've come about," she said, a little shamefacedly.

Mrs. Rachel nodded.

"About Anne's fuss in school, I reckon," she said. "Tillie Boulter was in on her way home from school and told me about it."

"I don't know what to do with her," said Marilla. "She declares she won't go back to school. I never saw a child so worked up. I've been expecting trouble ever since she started to school. I knew things were going too smooth to last. She's so high strung. What would you advise, Rachel?"

“Well, since you’ve asked my advice, Marilla,” said Mrs. Lynde amiably—Mrs. Lynde dearly loved to be asked for advice—“I’d just humor her a little at first, that’s what I’d do. It’s my belief that Mr. Phillips was in the wrong. Of course, it doesn’t do to say so to the children, you know. And of course he did right to punish her yesterday for giving way to temper. But today it was different. The others who were late should have been punished as well as Anne, that’s what. And I don’t believe in making the girls sit with the boys for punishment. It isn’t modest. Tillie Boulter was real indignant. She took Anne’s part right through and said all the scholars did too. Anne seems real popular among them, somehow. I never thought she’d take with them so well.”

“Then you really think I’d better let her stay home,” said Marilla in amazement.

“Yes. That is I wouldn’t say school to her again until she said it herself. Depend upon it, Marilla, she’ll cool off in a week or so and be ready enough to go back of her own accord, that’s what, while, if you were to make her go back right off, dear knows what freak or tantrum she’d take next and make more trouble than ever. The less fuss made the better, in my opinion. She won’t miss much by not going to school, as far as *that* goes. Mr. Phillips isn’t any good at all as a teacher. The order he keeps is scandalous, that’s what, and he neglects the young fry and puts all his time on those big scholars he’s getting ready for Queen’s. He’d

never have got the school for another year if his uncle hadn't been a trustee—the trustee, for he just leads the other two around by the nose, that's what. I declare, I don't know what education in this Island is coming to."

Mrs. Rachel shook her head, as much as to say if she were only at the head of the educational system of the Province things would be much better managed.

Marilla took Mrs. Rachel's advice and not another word was said to Anne about going back to school. She learned her lessons at home, did her chores, and played with Diana in the chilly purple autumn twilights; but when she met Gilbert Blythe on the road or encountered him in Sunday school she passed him by with an icy contempt that was no whit thawed by his evident desire to appease her. Even Diana's efforts as a peacemaker were of no avail. Anne had evidently made up her mind to hate Gilbert Blythe to the end of life.

As much as she hated Gilbert, however, did she love Diana, with all the love of her passionate little heart, equally intense in its likes and dislikes. One evening Marilla, coming in from the orchard with a basket of apples, found Anne sitting along by the east window in the twilight, crying bitterly.

"Whatever's the matter now, Anne?" she asked.

"It's about Diana," sobbed Anne luxuriously. "I love Diana so, Marilla. I cannot ever live without her. But I know very well when we grow up that Diana will get

married and go away and leave me. And oh, what shall I do? I hate her husband—I just hate him furiously. I’ve been imagining it all out—the wedding and everything—Diana dressed in snowy garments, with a veil, and looking as beautiful and regal as a queen; and me the bridesmaid, with a lovely dress too, and puffed sleeves, but with a breaking heart hid beneath my smiling face. And then bidding Diana goodbye-e-e—” Here Anne broke down entirely and wept with increasing bitterness.

Marilla turned quickly away to hide her twitching face; but it was no use; she collapsed on the nearest chair and burst into such a hearty and unusual peal of laughter that Matthew, crossing the yard outside, halted in amazement. When had he heard Marilla laugh like that before?

“Well, Anne Shirley,” said Marilla as soon as she could speak, “if you must borrow trouble, for pity’s sake borrow it handier home. I should think you had an imagination, sure enough.”

CHAPTER XVI.

DIANA IS INVITED TO TEA WITH TRAGIC RESULTS

OCTOBER was a beautiful month at Green Gables, when the birches in the hollow turned as golden as sunshine and the maples behind the orchard were royal crimson and the wild cherry trees along the lane put on the loveliest shades of dark red and bronzy green, while the fields sunned themselves in aftermaths.

Anne reveled in the world of color about her.

“Oh, Marilla,” she exclaimed one Saturday morning, coming dancing in with her arms full of gorgeous boughs, “I’m so glad I live in a world where there are Octobers. It would be terrible if we just skipped from September to November, wouldn’t it? Look at these maple branches. Don’t they give you a thrill—several thrills? I’m going to decorate my room with them.”

“Messy things,” said Marilla, whose aesthetic sense was not noticeably developed. “You clutter up your room entirely too much with out-of-doors stuff, Anne. Bedrooms were made to sleep in.”

“Oh, and dream in too, Marilla. And you know one can dream so much better in a room where there are pretty

things. I'm going to put these boughs in the old blue jug and set them on my table."

"Mind you don't drop leaves all over the stairs then. I'm going on a meeting of the Aid Society at Carmody this afternoon, Anne, and I won't likely be home before dark. You'll have to get Matthew and Jerry their supper, so mind you don't forget to put the tea to draw until you sit down at the table as you did last time."

"It was dreadful of me to forget," said Anne apologetically, "but that was the afternoon I was trying to think of a name for Violet Vale and it crowded other things out. Matthew was so good. He never scolded a bit. He put the tea down himself and said we could wait awhile as well as not. And I told him a lovely fairy story while we were waiting, so he didn't find the time long at all. It was a beautiful fairy story, Marilla. I forgot the end of it, so I made up an end for it myself and Matthew said he couldn't tell where the join came in."

"Matthew would think it all right, Anne, if you took a notion to get up and have dinner in the middle of the night. But you keep your wits about you this time. And—I don't really know if I'm doing right—it may make you more addleheaded than ever—but you can ask Diana to come over and spend the afternoon with you and have tea here."

"Oh, Marilla!" Anne clasped her hands. "How perfectly lovely! You *are* able to imagine things after all or else you'd never have understood how I've longed for that

very thing. It will seem so nice and grown-upish. No fear of my forgetting to put the tea to draw when I have company. Oh, Marilla, can I use the rosebud spray tea set?"

"No, indeed! The rosebud tea set! Well, what next? You know I never use that except for the minister or the Aids. You'll put down the old brown tea set. But you can open the little yellow crock of cherry preserves. It's time it was being used anyhow—I believe it's beginning to work. And you can cut some fruit cake and have some of the cookies and snaps."

"I can just imagine myself sitting down at the head of the table and pouring out the tea," said Anne, shutting her eyes ecstatically. "And asking Diana if she takes sugar! I know she doesn't but of course I'll ask her just as if I didn't know. And then pressing her to take another piece of fruit cake and another helping of preserves. Oh, Marilla, it's a wonderful sensation just to think of it. Can I take her into the spare room to lay off her hat when she comes? And then into the parlor to sit?"

"No. The sitting room will do for you and your company. But there's a bottle half full of raspberry cordial that was left over from the church social the other night. It's on the second shelf of the sitting-room closet and you and Diana can have it if you like, and a cooky to eat with it along in the afternoon, for I daresay Matthew 'll be late coming in to tea since he's hauling potatoes to the vessel."

Anne flew down to the hollow, past the Dryad's Bubble and up the spruce path to Orchard Slope, to ask Diana to tea. As a result just after Marilla had driven off to Carmody, Diana came over, dressed in *her* second-best dress and looking exactly as it is proper to look when asked out to tea. At other times she was wont to run into the kitchen without knocking; but now she knocked primly at the front door. And when Anne, dressed in her second best, as primly opened it, both little girls shook hands as gravely as if they had never met before. This unnatural solemnity lasted until after Diana had been taken to the east gable to lay off her hat and then had sat for ten minutes in the sitting room, toes in position.

"How is your mother?" inquired Anne politely, just as if she had not seen Mrs. Barry picking apples that morning in excellent health and spirits.

"She is very well, thank you. I suppose Mr. Cuthbert is hauling potatoes to the *lily sands* this afternoon, is he?" said Diana, who had ridden down to Mr. Harmon Andrews's that morning in Matthew's cart.

"Yes. Our potato crop is very good this year. I hope your father's crop is good too."

"It is fairly good, thank you. Have you picked many of your apples yet?"

"Oh, ever so many," said Anne forgetting to be dignified and jumping up quickly. "Let's go out to the orchard and get some of the Red Sweetings, Diana. Marilla

says we can have all that are left on the tree. Marilla is a very generous woman. She said we could have fruit cake and cherry preserves for tea. But it isn't good manners to tell your company what you are going to give them to eat, so I won't tell you what she said we could have to drink. Only it begins with an R and a C and it's bright red color. I love bright red drinks, don't you? They taste twice as good as any other color."

The orchard, with its great sweeping boughs that bent to the ground with fruit, proved so delightful that the little girls spent most of the afternoon in it, sitting in a grassy corner where the frost had spared the green and the mellow autumn sunshine lingered warmly, eating apples and talking as hard as they could. Diana had much to tell Anne of what went on in school. She had to sit with Gertie Pye and she hated it; Gertie squeaked her pencil all the time and it just made her—Diana's—blood run cold; Ruby Gillis had charmed all her warts away, true's you live, with a magic pebble that old Mary Joe from the Creek gave her. You had to rub the warts with the pebble and then throw it away over your left shoulder at the time of the new moon and the warts would all go. Charlie Sloane's name was written up with Em White's on the porch wall and Em White was *awful mad* about it; Sam Boulter had "sassed" Mr. Phillips in class and Mr. Phillips whipped him and Sam's father came down to the school and dared Mr. Phillips to lay a hand on one of his children again; and

Mattie Andrews had a new red hood and a blue crossover with tassels on it and the airs she put on about it were perfectly sickening; and Lizzie Wright didn't speak to Mamie Wilson because Mamie Wilson's grown-up sister had cut out Lizzie Wright's grown-up sister with her beau; and everybody missed Anne so and wished she's come to school again; and Gilbert Blythe—

But Anne didn't want to hear about Gilbert Blythe. She jumped up hurriedly and said suppose they go in and have some raspberry cordial.

Anne looked on the second shelf of the room pantry but there was no bottle of raspberry cordial there. Search revealed it away back on the top shelf. Anne put it on a tray and set it on the table with a tumbler.

"Now, please help yourself, Diana," she said politely. "I don't believe I'll have any just now. I don't feel as if I wanted any after all those apples."

Diana poured herself out a tumblerful, looked at its bright-red hue admiringly, and then sipped it daintily.

"That's awfully nice raspberry cordial, Anne," she said. "I didn't know raspberry cordial was so nice."

"I'm real glad you like it. Take as much as you want. I'm going to run out and stir the fire up. There are so many responsibilities on a person's mind when they're keeping house, isn't there?"

When Anne came back from the kitchen Diana was drinking her second glassful of cordial; and, being

entreated thereto by Anne, she offered no particular objection to the drinking of a third. The tumblerfuls were generous ones and the raspberry cordial was certainly very nice.

“The nicest I ever drank,” said Diana. “It’s ever so much nicer than Mrs. Lynde’s, although she brags of hers so much. It doesn’t taste a bit like hers.”

“I should think Marilla’s raspberry cordial would prob’ly be much nicer than Mrs. Lynde’s,” said Anne loyally. “Marilla is a famous cook. She is trying to teach me to cook but I assure you, Diana, it is uphill work. There’s so little scope for imagination in cookery. You just have to go by rules. The last time I made a cake I forgot to put the flour in. I was thinking the loveliest story about you and me, Diana. I thought you were desperately ill with smallpox and everybody deserted you, but I went boldly to your bedside and nursed you back to life; and then I took the smallpox and died and I was buried under those poplar trees in the graveyard and you planted a rosebush by my grave and watered it with your tears; and you never, never forgot the friend of your youth who sacrificed her life for you. Oh, it was such a pathetic tale, Diana. The tears just rained down over my cheeks while I mixed the cake. But I forgot the flour and the cake was a dismal failure. Flour is so essential to cakes, you know. Marilla was very cross and I don’t wonder. I’m a great trial to her. She was terribly mortified about the pudding sauce last week. We had a

plum pudding for dinner on Tuesday and there was half the pudding and a pitcherful of sauce left over. Marilla said there was enough for another dinner and told me to set it on the pantry shelf and cover it. I meant to cover it just as much as could be, Diana, but when I carried it in I was imagining I was a nun—of course I'm a Protestant but I imagined I was a Catholic—taking the veil to bury a broken heart in cloistered seclusion; and I forgot all about covering the pudding sauce. I thought of it next morning and ran to the pantry. Diana, fancy if you can my extreme horror at finding a mouse drowned in that pudding sauce! I lifted the mouse out with a spoon and threw it out in the yard and then I washed the spoon in three waters. Marilla was out milking and I fully intended to ask her when she came in if I'd give the sauce to the pigs; but when she did come in I was imagining that I was a frost fairy going through the woods turning the trees red and yellow, whichever they wanted to be, so I never thought about the pudding sauce again and Marilla sent me out to pick apples. Well, Mr. and Mrs. Chester Ross from Spencervale came here that morning. You know they are very stylish people, especially Mrs. Chester Ross. When Marilla called me in dinner was all ready and everybody was at the table. I tried to be as polite and dignified as I could be, for I wanted Mrs. Chester Ross to think I was a ladylike little girl even if I wasn't pretty. Everything went right until I saw Marilla coming with the plum pudding in one hand

and the pitcher of pudding sauce *warmed up*, in the other. Diana, that was a terrible moment. I remembered everything and I just stood up in my place and shrieked out ‘Marilla, you mustn’t use that pudding sauce. There was a mouse drowned in it. I forgot to tell you before.’ Oh, Diana, I shall never forget that awful moment if I live to be a hundred. Mrs. Chester Ross just *looked* at me and I thought I would sink through the floor with mortification. She is such a perfect housekeeper and fancy what she must have thought of us. Marilla turned red as fire but she never said a word—then. She just carried that sauce and pudding out and brought in some strawberry preserves. She even offered me some, but I couldn’t swallow a mouthful. It was like heaping coals of fire on my head. After Mrs. Chester Ross went away, Marilla gave me a dreadful scolding. Why, Diana, what is the matter?”

Diana had stood up very unsteadily; then she sat down again, putting her hands to her head.

“I’m—I’m awful sick,” she said, a little thickly.

“I—I—must go right home.”

“Oh, you mustn’t dream of going home without your tea,” cried Anne in distress. “I’ll get it right off—I’ll go and put the tea down this very minute.”

“I must go home,” repeated Diana, stupidly but determinedly.

“Let me get you a lunch anyhow,” implored Anne.

“Let me give you a bit of fruit cake and some of the cherry

preserves. Lie down on the sofa for a little while and you'll be better. Where do you feel bad?"

"I must go home," said Diana, and that was all she would say. In vain Anne pleaded.

"I never heard of company going home without tea," she mourned. "Oh, Diana, do you suppose that it's possible you're really taking the smallpox? If you are I'll go and nurse you, you can depend on that. I'll never forsake you. But I do wish you'd stay till after tea. Where do you feel bad?"

"I'm awful dizzy," said Diana.

And indeed, she walked very dizzily. Anne, with tears of disappointment in her eyes, got Diana's hat and went with her as far as the Barry yard fence. Then she wept all the way back to Green Gables, where she sorrowfully put the remainder of the raspberry cordial back into the pantry and got tea ready for Matthew and Jerry, with all the zest gone out of the performance.

The next day was Sunday and as the rain poured down in torrents from dawn till dusk Anne did not stir abroad from Green Gables. Monday afternoon Marilla sent her down to Mrs. Lynde's on an errand. In a very short space of time Anne came flying back up the lane with tears rolling down her cheeks. Into the kitchen she dashed and flung herself face downward on the sofa in an agony.

“Whatever has gone wrong now, Anne?” queried Marilla in doubt and dismay. “I do hope you haven’t gone and been saucy to Mrs. Lynde again.”

No answer from Anne save more tears and stormier sobs!

“Anne Shirley, when I ask you a question I want to be answered. Sit right up this very minute and tell me what you are crying about.”

Anne sat up, tragedy personified.

“Mrs. Lynde was up to see Mrs. Barry today and Mrs. Barry was in an awful state,” she wailed. “She says that I set Diana *drunk* Saturday and sent her home in a disgraceful condition. And she says I must be a thoroughly bad, wicked little girl and she’s never, never going to let Diana play with me again. Oh, Marilla, I’m just overcome with woe.”

Marilla stared in blank amazement.

“Set Diana drunk!” she said when she found her voice. “Anne are you or Mrs. Barry crazy? What on earth did you give her?”

“Not a thing but raspberry cordial,” sobbed Anne. “I never thought raspberry cordial would set people drunk, Marilla—not even if they drank three big tumblerfuls as Diana did. Oh, it sounds so—so—like Mrs. Thomas’s husband! But I didn’t mean to set her drunk.”

“Drunk fiddlesticks!” said Marilla, marching to the sitting room pantry. There on the shelf was a bottle which

she at once recognized as one containing some of her three-year-old homemade currant wine for which she was celebrated in Avonlea, although certain of the stricter sort, Mrs. Barry among them, disapproved strongly of it. And at the same time Marilla recollected that she had put the bottle of raspberry cordial down in the cellar instead of in the pantry as she had told Anne.

She went back to the kitchen with the wine bottle in her hand. Her face was twitching in spite of herself.

“Anne, you certainly have a genius for getting into trouble. You went and gave Diana currant wine instead of raspberry cordial. Didn’t you know the difference yourself?”

“I never tasted it,” said Anne. “I thought it was the cordial. I meant to be so—so—hospitable. Diana got awfully sick and had to go home. Mrs. Barry told Mrs. Lynde she was simply dead drunk. She just laughed silly-like when her mother asked her what was the matter and went to sleep and slept for hours. Her mother smelled her breath and knew she was drunk. She had a fearful headache all day yesterday. Mrs. Barry is so indignant. She will never believe but what I did it on purpose.”

“I should think she would better punish Diana for being so greedy as to drink three glassfuls of anything,” said Marilla shortly. “Why, three of those big glasses would have made her sick even if it had only been cordial. Well, this story will be a nice handle for those folks who are so

down on me for making currant wine, although I haven't made any for three years ever since I found out that the minister didn't approve. I just kept that bottle for sickness. There, there, child, don't cry. I can't see as you were to blame although I'm sorry it happened so."

"I must cry," said Anne. "My heart is broken. The stars in their courses fight against me, Marilla. Diana and I are parted forever. Oh, Marilla, I little dreamed of this when first we swore our vows of friendship."

"Don't be foolish, Anne. Mrs. Barry will think better of it when she finds you're not to blame. I suppose she thinks you've done it for a silly joke or something of that sort. You'd best go up this evening and tell her how it was."

"My courage fails me at the thought of facing Diana's injured mother," sighed Anne. "I wish you'd go, Marilla. You're so much more dignified than I am. Likely she'd listen to you quicker than to me."

"Well, I will," said Marilla, reflecting that it would probably be the wiser course. "Don't cry any more, Anne. It will be all right."

Marilla had changed her mind about it being all right by the time she got back from Orchard Slope. Anne was watching for her coming and flew to the porch door to meet her.

"Oh, Marilla, I know by your face that it's been no use," she said sorrowfully. "Mrs. Barry won't forgive me?"

“Mrs. Barry indeed!” snapped Marilla. “Of all the unreasonable women I ever saw she’s the worst. I told her it was all a mistake and you weren’t to blame, but she just simply didn’t believe me. And she rubbed it well in about my currant wine and how I’d always said it couldn’t have the least effect on anybody. I just told her plainly that currant wine wasn’t meant to be drunk three tumblerfuls at a time and that if a child I had to do with was so greedy I’d sober her up with a right good spanking.”

Marilla whisked into the kitchen, grievously disturbed, leaving a very much distracted little soul in the porch behind her. Presently Anne stepped out bareheaded into the chill autumn dusk; very determinedly and steadily she took her way down through the sere clover field over the log bridge and up through the spruce grove, lighted by a pale little moon hanging low over the western woods. Mrs. Barry, coming to the door in answer to a timid knock, found a white-lipped eager-eyed suppliant on the doorstep.

Her face hardened. Mrs. Barry was a woman of strong prejudices and dislikes, and her anger was of the cold, sullen sort which is always hardest to overcome. To do her justice, she really believed Anne had made Diana drunk out of sheer malice prepense, and she was honestly anxious to preserve her little daughter from the contamination of further intimacy with such a child.

“What do you want?” she said stiffly.

Anne clasped her hands.

“Oh, Mrs. Barry, please forgive me. I did not mean to—to—intoxicate Diana. How could I? Just imagine if you were a poor little orphan girl that kind people had adopted and you had just one bosom friend in all the world. Do you think you would intoxicate her on purpose? I thought it was only raspberry cordial. I was firmly convinced it was raspberry cordial. Oh, please don’t say that you won’t let Diana play with me any more. If you do you will cover my life with a dark cloud of woe.”

This speech which would have softened good Mrs. Lynde’s heart in a twinkling, had no effect on Mrs. Barry except to irritate her still more. She was suspicious of Anne’s big words and dramatic gestures and imagined that the child was making fun of her. So she said, coldly and cruelly:

“I don’t think you are a fit little girl for Diana to associate with. You’d better go home and behave yourself.”

Anne’s lips quivered.

“Won’t you let me see Diana just once to say farewell?” she implored.

“Diana has gone over to Carmody with her father,” said Mrs. Barry, going in and shutting the door.

Anne went back to Green Gables calm with despair.

“My last hope is gone,” she told Marilla. “I went up and saw Mrs. Barry myself and she treated me very insultingly. Marilla, I do *not* think she is a well-bred

woman. There is nothing more to do except to pray and I haven't much hope that that'll do much good because, Marilla, I do not believe that God Himself can do very much with such an obstinate person as Mrs. Barry."

"Anne, you shouldn't say such things" rebuked Marilla, striving to overcome that unholy tendency to laughter which she was dismayed to find growing upon her. And indeed, when she told the whole story to Matthew that night, she did laugh heartily over Anne's tribulations.

But when she slipped into the east gable before going to bed and found that Anne had cried herself to sleep an unaccustomed softness crept into her face.

"Poor little soul," she murmured, lifting a loose curl of hair from the child's tear-stained face. Then she bent down and kissed the flushed cheek on the pillow.

CHAPTER XVII.

A NEW INTEREST IN LIFE

THE next afternoon Anne, bending over her patchwork at the kitchen window, happened to glance out and beheld Diana down by the Dryad's Bubble beckoning mysteriously. In a trice Anne was out of the house and flying down to the hollow, astonishment and hope struggling in her expressive eyes. But the hope faded when she saw Diana's dejected countenance.

"Your mother hasn't relented?" she gasped.

Diana shook her head mournfully.

"No; and oh, Anne, she says I'm never to play with you again. I've cried and cried and I told her it wasn't your fault, but it wasn't any use. I had ever such a time coaxing her to let me come down and say good-bye to you. She said I was only to stay ten minutes and she's timing me by the clock."

"Ten minutes isn't very long to say an eternal farewell in," said Anne tearfully. "Oh, Diana, will you promise faithfully never to forget me, the friend of your youth, no matter what dearer friends may caress thee?"

"Indeed I will," sobbed Diana, "and I'll never have another bosom friend—I don't want to have. I couldn't love anybody as I love you."

“Oh, Diana,” cried Anne, clasping her hands, “do you *love* me?”

“Why, of course I do. Didn’t you know that?”

“No.” Anne drew a long breath. “I thought you *liked* me of course but I never hoped you *loved* me. Why, Diana, I didn’t think anybody could love me. Nobody ever has loved me since I can remember. Oh, this is wonderful! It’s a ray of light which will forever shine on the darkness of a path severed from thee, Diana. Oh, just say it once again.”

“I love you devotedly, Anne,” said Diana stanchly, “and I always will, you may be sure of that.”

“And I will always love thee, Diana,” said Anne, solemnly extending her hand. “In the years to come thy memory will shine like a star over my lonely life, as that last story we read together says. Diana, wilt thou give me a lock of thy jet-black tresses in parting to treasure forevermore?”

“Have you got anything to cut it with?” queried Diana, wiping away the tears which Anne’s affecting accents had caused to flow afresh, and returning to practicalities.

“Yes. I’ve got my patchwork scissors in my apron pocket fortunately,” said Anne. She solemnly clipped one of Diana’s curls. “Fare thee well, my beloved friend. Henceforth we must be as strangers though living side by side. But my heart will ever be faithful to thee.”

Anne stood and watched Diana out of sight, mournfully waving her hand to the latter whenever she turned to look back. Then she returned to the house, not a little consoled for the time being by this romantic parting.

“It is all over,” she informed Marilla. “I shall never have another friend. I’m really worse off than ever before, for I haven’t Katie Maurice and Violetta now. And even if I had it wouldn’t be the same. Somehow, little dream girls are not satisfying after a real friend. Diana and I had such an affecting farewell down by the spring. It will be sacred in my memory forever. I used the most pathetic language I could think of and said ‘thou’ and ‘thee.’ ‘Thou’ and ‘thee’ seem so much more romantic than ‘you.’ Diana gave me a lock of her hair and I’m going to sew it up in a little bag and wear it around my neck all my life. Please see that it is buried with me, for I don’t believe I’ll live very long. Perhaps when she sees me lying cold and dead before her Mrs. Barry may feel remorse for what she has done and will let Diana come to my funeral.”

“I don’t think there is much fear of your dying of grief as long as you can talk, Anne,” said Marilla unsympathetically.

The following Monday Anne surprised Marilla by coming down from her room with her basket of books on her arm and hip and her lips primmed up into a line of determination.

“I’m going back to school,” she announced. “That is all there is left in life for me, now that my friend has been ruthlessly torn from me. In school I can look at her and muse over days departed.”

“You’d better muse over your lessons and sums,” said Marilla, concealing her delight at this development of the situation. “If you’re going back to school I hope we’ll hear no more of breaking slates over people’s heads and such carryings on. Behave yourself and do just what your teacher tells you.”

“I’ll try to be a model pupil,” agreed Anne dolefully. “There won’t be much fun in it, I expect. Mr. Phillips said Minnie Andrews was a model pupil and there isn’t a spark of imagination or life in her. She is just dull and poky and never seems to have a good time. But I feel so depressed that perhaps it will come easy to me now. I’m going round by the road. I couldn’t bear to go by the Birch Path all alone. I should weep bitter tears if I did.”

Anne was welcomed back to school with open arms. Her imagination had been sorely missed in games, her voice in the singing and her dramatic ability in the perusal aloud of books at dinner hour. Ruby Gillis smuggled three blue plums over to her during testament reading; Ella May MacPherson gave her an enormous yellow pansy cut from the covers of a floral catalogue—a species of desk decoration much prized in Avonlea school. Sophia Sloane offered to teach her a perfectly elegant new pattern of knit

lace, so nice for trimming aprons. Katie Boulter gave her a perfume bottle to keep slate water in, and Julia Bell copied carefully on a piece of pale pink paper scalloped on the edges the following effusion:

*When twilight drops her curtain down
And pins it with a star
Remember that you have a friend
Though she may wander far.*

“It’s so nice to be appreciated,” sighed Anne rapturously to Marilla that night.

The girls were not the only scholars who “appreciated” her. When Anne went to her seat after dinner hour—she had been told by Mr. Phillips to sit with the model Minnie Andrews—she found on her desk a big luscious “strawberry apple.” Anne caught it up all ready to take a bite when she remembered that the only place in Avonlea where strawberry apples grew was in the old Blythe orchard on the other side of the Lake of Shining Waters. Anne dropped the apple as if it were a red-hot coal and ostentatiously wiped her fingers on her handkerchief. The apple lay untouched on her desk until the next morning, when little Timothy Andrews, who swept the school and kindled the fire, annexed it as one of his perquisites. Charlie Sloane’s slate pencil, gorgeously bedizened with striped red and yellow paper, costing two cents where ordinary pencils cost only one, which he sent up to her after dinner hour, met with a more favorable

reception. Anne was graciously pleased to accept it and rewarded the donor with a smile which exalted that infatuated youth straightway into the seventh heaven of delight and caused him to make such fearful errors in his dictation that Mr. Phillips kept him in after school to rewrite it.

But as,

*The Caesar's pageant shorn of Brutus' bust
Did but of Rome's best son remind her more,*

so the marked absence of any tribute or recognition from Diana Barry who was sitting with Gertie Pye embittered Anne's little triumph.

"Diana might just have smiled at me once, I think," she mourned to Marilla that night. But the next morning a note most fearfully and wonderfully twisted and folded, and a small parcel were passed across to Anne.

Dear Anne (ran the former)

Mother says I'm not to play with you or talk to you even in school. It isn't my fault and don't be cross at me, because I love you as much as ever. I miss you awfully to tell all my secrets to and I don't like Gertie Pye one bit. I made you one of the new bookmarkers out of red tissue paper. They are awfully fashionable now and only three girls in school know how to make them. When you look at it remember

Your true friend

Diana Barry.

Anne read the note, kissed the bookmark, and dispatched a prompt reply back to the other side of the school.

My own darling Diana:—

Of course I am not cross at you because you have to obey your mother. Our spirits can commune. I shall keep your lovely present forever. Minnie Andrews is a very nice little girl—although she has no imagination—but after having been Diana’s busum friend I cannot be Minnie’s. Please excuse mistakes because my spelling isn’t very good yet, although much improved.

Yours until death us do part

Anne or Cordelia Shirley.

P.S. I shall sleep with your letter under my pillow tonight. A. or C.S.

Marilla pessimistically expected more trouble since Anne had again begun to go to school. But none developed. Perhaps Anne caught something of the “model” spirit from Minnie Andrews; at least she got on very well with Mr. Phillips thenceforth. She flung herself into her studies heart and soul, determined not to be outdone in any class by Gilbert Blythe. The rivalry between them was soon apparent; it was entirely good natured on Gilbert’s side; but it is much to be feared that the same thing cannot be said of Anne, who had certainly an unpraiseworthy tenacity for holding grudges. She was as intense in her

hatreds as in her loves. She would not stoop to admit that she meant to rival Gilbert in schoolwork, because that would have been to acknowledge his existence which Anne persistently ignored; but the rivalry was there and honors fluctuated between them. Now Gilbert was head of the spelling class; now Anne, with a toss of her long red braids, spelled him down. One morning Gilbert had all his sums done correctly and had his name written on the blackboard on the roll of honor; the next morning Anne, having wrestled wildly with decimals the entire evening before, would be first. One awful day they were ties and their names were written up together. It was almost as bad as a take-notice and Anne's mortification was as evident as Gilbert's satisfaction. When the written examinations at the end of each month were held the suspense was terrible. The first month Gilbert came out three marks ahead. The second Anne beat him by five. But her triumph was marred by the fact that Gilbert congratulated her heartily before the whole school. It would have been ever so much sweeter to her if he had felt the sting of his defeat.

Mr. Phillips might not be a very good teacher; but a pupil so inflexibly determined on learning as Anne was could hardly escape making progress under any kind of teacher. By the end of the term Anne and Gilbert were both promoted into the fifth class and allowed to begin studying the elements of "the branches"—by which Latin, geometry,

French, and algebra were meant. In geometry Anne met her Waterloo.

“It’s perfectly awful stuff, Marilla,” she groaned. “I’m sure I’ll never be able to make head or tail of it. There is no scope for imagination in it at all. Mr. Phillips says I’m the worst dunce he ever saw at it. And Gil—I mean some of the others are so smart at it. It is extremely mortifying, Marilla.

“Even Diana gets along better than I do. But I don’t mind being beaten by Diana. Even although we meet as strangers now I still love her with an *inextinguishable* love. It makes me very sad at times to think about her. But really, Marilla, one can’t stay sad very long in such an interesting world, can one?”

CHAPTER XVIII.

ANNE TO THE RESCUE

ALL things great are wound up with all things little. At first glance it might not seem that the decision of a certain Canadian Premier to include Prince Edward Island in a political tour could have much or anything to do with the fortunes of little Anne Shirley at Green Gables. But it had.

It was a January the Premier came, to address his loyal supporters and such of his nonsupporters as chose to be present at the monster mass meeting held in Charlottetown. Most of the Avonlea people were on Premier's side of politics; hence on the night of the meeting nearly all the men and a goodly proportion of the women had gone to town thirty miles away. Mrs. Rachel Lynde had gone too. Mrs. Rachel Lynde was a red-hot politician and couldn't have believed that the political rally could be carried through without her, although she was on the opposite side of politics. So she went to town and took her husband—Thomas would be useful in looking after the horse—and Marilla Cuthbert with her. Marilla had a sneaking interest in politics herself, and as she thought it might be her only chance to see a real live Premier, she promptly took it, leaving Anne and Matthew to keep house until her return the following day.

Hence, while Marilla and Mrs. Rachel were enjoying themselves hugely at the mass meeting, Anne and Matthew had the cheerful kitchen at Green Gables all to themselves. A bright fire was glowing in the old-fashioned Waterloo stove and blue-white frost crystals were shining on the windowpanes. Matthew nodded over a *Farmers' Advocate* on the sofa and Anne at the table studied her lessons with grim determination, despite sundry wistful glances at the clock shelf, where lay a new book that Jane Andrews had lent her that day. Jane had assured her that it was warranted to produce any number of thrills, or words to that effect, and Anne's fingers tingled to reach out for it. But that would mean Gilbert Blythe's triumph on the morrow. Anne turned her back on the clock shelf and tried to imagine it wasn't there.

"Matthew, did you ever study geometry when you went to school?"

"Well now, no, I didn't," said Matthew, coming out of his doze with a start.

"I wish you had," sighed Anne, "because then you'd be able to sympathize with me. You can't sympathize properly if you've never studied it. It is casting a cloud over my whole life. I'm such a dunce at it, Matthew."

"Well now, I dunno," said Matthew soothingly. "I guess you're all right at anything. Mr. Phillips told me last week in Blair's store at Carmody that you was the smartest scholar in school and was making rapid progress. 'Rapid

progress' was his very words. There's them as runs down Teddy Phillips and says he ain't much of a teacher, but I guess he's all right."

Matthew would have thought anyone who praised Anne was "all right."

"I'm sure I'd get on better with geometry if only he wouldn't change the letters," complained Anne. "I learn the proposition off by heart and then he draws it on the blackboard and puts different letters from what are in the book and I get all mixed up. I don't think a teacher should take such a mean advantage, do you? We're studying agriculture now and I've found out at last what makes the roads red. It's a great comfort. I wonder how Marilla and Mrs. Lynde are enjoying themselves. Mrs. Lynde says Canada is going to the dogs the way things are being run at Ottawa and that it's an awful warning to the electors. She says if women were allowed to vote we would soon see a blessed change. What way do you vote, Matthew?"

"Conservative," said Matthew promptly. To vote Conservative was part of Matthew's religion.

"Then I'm Conservative too," said Anne decidedly. "I'm glad because Gil—because some of the boys in school are Grits. I guess Mr. Phillips is a Grit too because Prissy Andrews's father is one, and Ruby Gillis says that when a man is courting he always has to agree with the girl's mother in religion and her father in politics. Is that true, Matthew?"

“Well now, I dunno,” said Matthew.

“Did you ever go courting, Matthew?”

“Well now, no, I dunno’s I ever did,” said Matthew, who had certainly never thought of such a thing in his whole existence.

Anne reflected with her chin in her hands.

“It must be rather interesting, don’t you think, Matthew? Ruby Gillis says when she grows up she’s going to have ever so many beaux on the string and have them all crazy about her; but I think that would be too exciting. I’d rather have just one in his right mind. But Ruby Gillis knows a great deal about such matters because she has so many big sisters, and Mrs. Lynde says the Gillis girls have gone off like hot cakes. Mr. Phillips goes up to see Prissy Andrews nearly every evening. He says it is to help her with her lessons but Miranda Sloane is studying for Queen’s too, and I should think she needed help a lot more than Prissy because she’s ever so much stupider, but he never goes to help her in the evenings at all. There are a great many things in this world that I can’t understand very well, Matthew.”

“Well now, I dunno as I comprehend them all myself,” acknowledged Matthew.

“Well, I suppose I must finish up my lessons. I won’t allow myself to open that new book Jane lent me until I’m through. But it’s a terrible temptation, Matthew. Even when I turn my back on it I can see it there just as plain.

Jane said she cried herself sick over it. I love a book that makes me cry. But I think I'll carry that book into the sitting room and lock it in the jam closet and give you the key. And you must *not* give it to me, Matthew, until my lessons are done, not even if I implore you on my bended knees. It's all very well to say resist temptation, but it's ever so much easier to resist it if you can't get the key. And then shall I run down the cellar and get some russets, Matthew? Wouldn't you like some russets?"

"Well now, I dunno but what I would," said Matthew, who never ate russets but knew Anne's weakness for them.

Just as Anne emerged triumphantly from the cellar with her plateful of russets came the sound of flying footsteps on the icy board walk outside and the next moment the kitchen door was flung open and in rushed Diana Barry, white faced and breathless, with a shawl wrapped hastily around her head. Anne promptly let go of her candle and plate in her surprise, and plate, candle, and apples crashed together down the cellar ladder and were found at the bottom embedded in melted grease, the next day, by Marilla, who gathered them up and thanked mercy the house hadn't been set on fire.

"Whatever is the matter, Diana?" cried Anne. "Has your mother relented at last?"

"Oh, Anne, do come quick," implored Diana nervously. "Minnie May is awful sick—she's got croup. Young Mary Joe says—and Father and Mother are away to

town and there's nobody to go for the doctor. Minnie May is awful bad and Young Mary Joe doesn't know what to do—and oh, Anne, I'm so scared!”

Matthew, without a word, reached out for cap and coat, slipped past Diana and away into the darkness of the yard.

“He's gone to harness the sorrel mare to go to Carmody for the doctor,” said Anne, who was hurrying on hood and jacket. “I know it as well as if he'd said so. Matthew and I are such kindred spirits I can read his thoughts without words at all.”

“I don't believe he'll find the doctor at Carmody,” sobbed Diana. “I know that Dr. Blair went to town and I guess Dr. Spencer would go too. Young Mary Joe never saw anybody with croup and Mrs. Lynde is away. Oh, Anne!”

“Don't cry, Di,” said Anne cheerily. “I know exactly what to do for croup. You forget that Mrs. Hammond had twins three times. When you look after three pairs of twins you naturally get a lot of experience. They all had croup regularly. Just wait till I get the ipecac bottle—you mayn't have any at your house. Come on now.”

The two little girls hastened out hand in hand and hurried through Lover's Lane and across the crusted field beyond, for the snow was too deep to go by the shorter wood way. Anne, although sincerely sorry for Minnie May, was far from being insensible to the romance of the

situation and to the sweetness of once more sharing that romance with a kindred spirit.

The night was clear and frosty, all ebony of shadow and silver of snowy slope; big stars were shining over the silent fields; here and there the dark pointed firs stood up with snow powdering their branches and the wind whistling through them. Anne thought it was truly delightful to go skimming through all this mystery and loveliness with your bosom friend who had been so long estranged.

Minnie May, aged three, was really very sick. She lay on the kitchen sofa feverish and restless, while her hoarse breathing could be heard all over the house. Young Mary Joe, a buxom, broad-faced French girl from the creek, whom Mrs. Barry had engaged to stay with the children during her absence, was helpless and bewildered, quite incapable of thinking what to do, or doing it if she thought of it.

Anne went to work with skill and promptness.

“Minnie May has croup all right; she’s pretty bad, but I’ve seen them worse. First we must have lots of hot water. I declare, Diana, there isn’t more than a cupful in the kettle! There, I’ve filled it up, and, Mary Joe, you may put some wood in the stove. I don’t want to hurt your feelings but it seems to me you might have thought of this before if you’d any imagination. Now, I’ll undress Minnie May and put her to bed and you try to find some soft flannel cloths,

Diana. I'm going to give her a dose of ipecac first of all."

Minnie May did not take kindly to the ipecac but Anne had not brought up three pairs of twins for nothing. Down that ipecac went, not only once, but many times during the long, anxious night when the two little girls worked patiently over the suffering Minnie May, and Young Mary Joe, honestly anxious to do all she could, kept up a roaring fire and heated more water than would have been needed for a hospital of croupy babies.

It was three o'clock when Matthew came with a doctor, for he had been obliged to go all the way to Spencervale for one. But the pressing need for assistance was past. Minnie May was much better and was sleeping soundly.

"I was awfully near giving up in despair," explained Anne. "She got worse and worse until she was sicker than ever the Hammond twins were, even the last pair. I actually thought she was going to choke to death. I gave her every drop of ipecac in that bottle and when the last dose went down I said to myself—not to Diana or Young Mary Joe, because I didn't want to worry them any more than they were worried, but I had to say it to myself just to relieve my feelings—'This is the last lingering hope and I fear, tis a vain one.' But in about three minutes she coughed up the phlegm and began to get better right away. You must just imagine my relief, doctor, because I can't express it in

words. You know there are some things that cannot be expressed in words.”

“Yes, I know,” nodded the doctor. He looked at Anne as if he were thinking some things about her that couldn’t be expressed in words. Later on, however, he expressed them to Mr. and Mrs. Barry.

“That little redheaded girl they have over at Cuthbert’s is as smart as they make ‘em. I tell you she saved that baby’s life, for it would have been too late by the time I got there. She seems to have a skill and presence of mind perfectly wonderful in a child of her age. I never saw anything like the eyes of her when she was explaining the case to me.”

Anne had gone home in the wonderful, white-frosted winter morning, heavy eyed from loss of sleep, but still talking unweariedly to Matthew as they crossed the long white field and walked under the glittering fairy arch of the Lover’s Lane maples.

“Oh, Matthew, isn’t it a wonderful morning? The world looks like something God had just imagined for His own pleasure, doesn’t it? Those trees look as if I could blow them away with a breath—pouf! I’m so glad I live in a world where there are white frosts, aren’t you? And I’m so glad Mrs. Hammond had three pairs of twins after all. If she hadn’t I mightn’t have known what to do for Minnie May. I’m real sorry I was ever cross with Mrs. Hammond for having twins. But, oh, Matthew, I’m so sleepy. I can’t

go to school. I just know I couldn't keep my eyes open and I'd be so stupid. But I hate to stay home, for Gil—some of the others will get head of the class, and it's so hard to get up again—although of course the harder it is the more satisfaction you have when you do get up, haven't you?"

"Well now, I guess you'll manage all right," said Matthew, looking at Anne's white little face and the dark shadows under her eyes. "You just go right to bed and have a good sleep. I'll do all the chores."

Anne accordingly went to bed and slept so long and soundly that it was well on in the white and rosy winter afternoon when she awoke and descended to the kitchen where Marilla, who had arrived home in the meantime, was sitting knitting.

"Oh, did you see the Premier?" exclaimed Anne at once. "What did he look like Marilla?"

"Well, he never got to be Premier on account of his looks," said Marilla. "Such a nose as that man had! But he can speak. I was proud of being a Conservative. Rachel Lynde, of course, being a Liberal, had no use for him. Your dinner is in the oven, Anne, and you can get yourself some blue plum preserve out of the pantry. I guess you're hungry. Matthew has been telling me about last night. I must say it was fortunate you knew what to do. I wouldn't have had any idea myself, for I never saw a case of croup. There now, never mind talking till you've had your dinner.

I can tell by the look of you that you're just full up with speeches, but they'll keep."

Marilla had something to tell Anne, but she did not tell it just then for she knew if she did Anne's consequent excitement would lift her clear out of the region of such material matters as appetite or dinner. Not until Anne had finished her saucer of blue plums did Marilla say:

"Mrs. Barry was here this afternoon, Anne. She wanted to see you, but I wouldn't wake you up. She says you saved Minnie May's life, and she is very sorry she acted as she did in that affair of the currant wine. She says she knows now you didn't mean to set Diana drunk, and she hopes you'll forgive her and be good friends with Diana again. You're to go over this evening if you like for Diana can't stir outside the door on account of a bad cold she caught last night. Now, Anne Shirley, for pity's sake don't fly up into the air."

The warning seemed not unnecessary, so uplifted and aerial was Anne's expression and attitude as she sprang to her feet, her face irradiated with the flame of her spirit.

"Oh, Marilla, can I go right now—without washing my dishes? I'll wash them when I come back, but I cannot tie myself down to anything so unromantic as dishwashing at this thrilling moment."

"Yes, yes, run along," said Marilla indulgently. "Anne Shirley—are you crazy? Come back this instant and put something on you. I might as well call to the wind. She's

gone without a cap or wrap. Look at her tearing through the orchard with her hair streaming. It'll be a mercy if she doesn't catch her death of cold."

Anne came dancing home in the purple winter twilight across the snowy places. Afar in the southwest was the great shimmering, pearl-like sparkle of an evening star in a sky that was pale golden and ethereal rose over gleaming white spaces and dark glens of spruce. The tinkles of sleigh bells among the snowy hills came like elfin chimes through the frosty air, but their music was not sweeter than the song in Anne's heart and on her lips.

"You see before you a perfectly happy person, Marilla," she announced. "I'm perfectly happy—yes, in spite of my red hair. Just at present I have a soul above red hair. Mrs. Barry kissed me and cried and said she was so sorry and she could never repay me. I felt fearfully embarrassed, Marilla, but I just said as politely as I could, 'I have no hard feelings for you, Mrs. Barry. I assure you once for all that I did not mean to intoxicate Diana and henceforth I shall cover the past with the mantle of oblivion.' That was a pretty dignified way of speaking wasn't it, Marilla?"

"I felt that I was heaping coals of fire on Mrs. Barry's head. And Diana and I had a lovely afternoon. Diana showed me a new fancy crochet stitch her aunt over at Carmody taught her. Not a soul in Avonlea knows it but us, and we pledged a solemn vow never to reveal it to anyone

else. Diana gave me a beautiful card with a wreath of roses on it and a verse of poetry:”

*“If you love me as I love you
Nothing but death can part us two.”*

“And that is true, Marilla. We’re going to ask Mr. Phillips to let us sit together in school again, and Gertie Pye can go with Minnie Andrews. We had an elegant tea. Mrs. Barry had the very best china set out, Marilla, just as if I was real company. I can’t tell you what a thrill it gave me. Nobody ever used their very best china on my account before. And we had fruit cake and pound cake and doughnuts and two kinds of preserves, Marilla. And Mrs. Barry asked me if I took tea and said ‘Pa, why don’t you pass the biscuits to Anne?’ It must be lovely to be grown up, Marilla, when just being treated as if you were is so nice.”

“I don’t know about that,” said Marilla, with a brief sigh.

“Well, anyway, when I am grown up,” said Anne decidedly, “I’m always going to talk to little girls as if they were too, and I’ll never laugh when they use big words. I know from sorrowful experience how that hurts one’s feelings. After tea Diana and I made taffy. The taffy wasn’t very good, I suppose because neither Diana nor I had ever made any before. Diana left me to stir it while she buttered the plates and I forgot and let it burn; and then when we set it out on the platform to cool the cat walked over one

plate and that had to be thrown away. But the making of it was splendid fun. Then when I came home Mrs. Barry asked me to come over as often as I could and Diana stood at the window and threw kisses to me all the way down to Lover's Lane. I assure you, Marilla, that I feel like praying tonight and I'm going to think out a special brand-new prayer in honor of the occasion."

CHAPTER XIX.

A CONCERT A CATASTROPHE AND A CONFESSION

MARILLA, can I go over to see Diana just for a minute?" asked Anne, running breathlessly down from the east gable one February evening.

"I don't see what you want to be traipsing about after dark for," said Marilla shortly. "You and Diana walked home from school together and then stood down there in the snow for half an hour more, your tongues going the whole blessed time, clickety-clack. So I don't think you're very badly off to see her again."

"But she wants to see me," pleaded Anne. "She has something very important to tell me."

"How do you know she has?"

"Because she just signaled to me from her window. We have arranged a way to signal with our candles and cardboard. We set the candle on the window sill and make flashes by passing the cardboard back and forth. So many flashes mean a certain thing. It was my idea, Marilla."

"I'll warrant you it was," said Marilla emphatically. "And the next thing you'll be setting fire to the curtains with your signaling nonsense."

“Oh, we’re very careful, Marilla. And it’s so interesting. Two flashes mean, ‘Are you there?’ Three mean ‘yes’ and four ‘no.’ Five mean, ‘Come over as soon as possible, because I have something important to reveal.’ Diana has just signaled five flashes, and I’m really suffering to know what it is.”

“Well, you needn’t suffer any longer,” said Marilla sarcastically. “You can go, but you’re to be back here in just ten minutes, remember that.”

Anne did remember it and was back in the stipulated time, although probably no mortal will ever know just what it cost her to confine the discussion of Diana’s important communication within the limits of ten minutes. But at least she had made good use of them.

“Oh, Marilla, what do you think? You know tomorrow is Diana’s birthday. Well, her mother told her she could ask me to go home with her from school and stay all night with her. And her cousins are coming over from Newbridge in a big pung sleigh to go to the Debating Club concert at the hall tomorrow night. And they are going to take Diana and me to the concert—if you’ll let me go, that is. You will, won’t you, Marilla? Oh, I feel so excited.”

“You can calm down then, because you’re not going. You’re better at home in your own bed, and as for that club concert, it’s all nonsense, and little girls should not be allowed to go out to such places at all.”

“I’m sure the Debating Club is a most respectable affair,” pleaded Anne.

“I’m not saying it isn’t. But you’re not going to begin gadding about to concerts and staying out all hours of the night. Pretty doings for children. I’m surprised at Mrs. Barry’s letting Diana go.”

“But it’s such a very special occasion,” mourned Anne, on the verge of tears. “Diana has only one birthday in a year. It isn’t as if birthdays were common things, Marilla. Prissy Andrews is going to recite ‘Curfew Must Not Ring Tonight.’ That is such a good moral piece, Marilla, I’m sure it would do me lots of good to hear it. And the choir are going to sing four lovely pathetic songs that are pretty near as good as hymns. And oh, Marilla, the minister is going to take part; yes, indeed, he is; he’s going to give an address. That will be just about the same thing as a sermon. Please, mayn’t I go, Marilla?”

“You heard what I said, Anne, didn’t you? Take off your boots now and go to bed. It’s past eight.”

“There’s just one more thing, Marilla,” said Anne, with the air of producing the last shot in her locker. “Mrs. Barry told Diana that we might sleep in the spare-room bed. Think of the honor of your little Anne being put in the spare-room bed.”

“It’s an honor you’ll have to get along without. Go to bed, Anne, and don’t let me hear another word out of you.”

When Anne, with tears rolling over her cheeks, had gone sorrowfully upstairs, Matthew, who had been apparently sound asleep on the lounge during the whole dialogue, opened his eyes and said decidedly:

“Well now, Marilla, I think you ought to let Anne go.”

“I don’t then,” retorted Marilla. “Who’s bringing this child up, Matthew, you or me?”

“Well now, you,” admitted Matthew.

“Don’t interfere then.”

“Well now, I ain’t interfering. It ain’t interfering to have your own opinion. And my opinion is that you ought to let Anne go.”

“You’d think I ought to let Anne go to the moon if she took the notion, I’ve no doubt” was Marilla’s amiable rejoinder. “I might have let her spend the night with Diana, if that was all. But I don’t approve of this concert plan. She’d go there and catch cold like as not, and have her head filled up with nonsense and excitement. It would unsettle her for a week. I understand that child’s disposition and what’s good for it better than you, Matthew.”

“I think you ought to let Anne go,” repeated Matthew firmly. Argument was not his strong point, but holding fast to his opinion certainly was. Marilla gave a gasp of helplessness and took refuge in silence. The next morning, when Anne was washing the breakfast dishes in the pantry,

Matthew paused on his way out to the barn to say to Marilla again:

“I think you ought to let Anne go, Marilla.”

For a moment Marilla looked things not lawful to be uttered. Then she yielded to the inevitable and said tartly:

“Very well, she can go, since nothing else ‘ll please you.”

Anne flew out of the pantry, dripping dishcloth in hand.

“Oh, Marilla, Marilla, say those blessed words again.”

“I guess once is enough to say them. This is Matthew’s doings and I wash my hands of it. If you catch pneumonia sleeping in a strange bed or coming out of that hot hall in the middle of the night, don’t blame me, blame Matthew. Anne Shirley, you’re dripping greasy water all over the floor. I never saw such a careless child.”

“Oh, I know I’m a great trial to you, Marilla,” said Anne repentantly. “I make so many mistakes. But then just think of all the mistakes I don’t make, although I might. I’ll get some sand and scrub up the spots before I go to school. Oh, Marilla, my heart was just set on going to that concert. I never was to a concert in my life, and when the other girls talk about them in school I feel so out of it. You didn’t know just how I felt about it, but you see Matthew did. Matthew understands me, and it’s so nice to be understood, Marilla.”

Anne was too excited to do herself justice as to lessons that morning in school. Gilbert Blythe spelled her down in class and left her clear out of sight in mental arithmetic. Anne's consequent humiliation was less than it might have been, however, in view of the concert and the spare-room bed. She and Diana talked so constantly about it all day that with a stricter teacher than Mr. Phillips dire disgrace must inevitably have been their portion.

Anne felt that she could not have borne it if she had not been going to the concert, for nothing else was discussed that day in school. The Avonlea Debating Club, which met fortnightly all winter, had had several smaller free entertainments; but this was to be a big affair, admission ten cents, in aid of the library. The Avonlea young people had been practicing for weeks, and all the scholars were especially interested in it by reason of older brothers and sisters who were going to take part. Everybody in school over nine years of age expected to go, except Carrie Sloane, whose father shared Marilla's opinions about small girls going out to night concerts. Carrie Sloane cried into her grammar all the afternoon and felt that life was not worth living.

For Anne the real excitement began with the dismissal of school and increased therefrom in crescendo until it reached to a crash of positive ecstasy in the concert itself. They had a "perfectly elegant tea;" and then came the delicious occupation of dressing in Diana's little room

upstairs. Diana did Anne's front hair in the new pompadour style and Anne tied Diana's bows with the especial knack she possessed; and they experimented with at least half a dozen different ways of arranging their back hair. At last they were ready, cheeks scarlet and eyes glowing with excitement.

True, Anne could not help a little pang when she contrasted her plain black tam and shapeless, tight-sleeved, homemade gray-cloth coat with Diana's jaunty fur cap and smart little jacket. But she remembered in time that she had an imagination and could use it.

Then Diana's cousins, the Murrays from Newbridge, came; they all crowded into the big pung sleigh, among straw and furry robes. Anne reveled in the drive to the hall, slipping along over the satin-smooth roads with the snow crisping under the runners. There was a magnificent sunset, and the snowy hills and deep-blue water of the St. Lawrence Gulf seemed to rim in the splendor like a huge bowl of pearl and sapphire brimmed with wine and fire. Tinkles of sleigh bells and distant laughter, that seemed like the mirth of wood elves, came from every quarter.

"Oh, Diana," breathed Anne, squeezing Diana's mittened hand under the fur robe, "isn't it all like a beautiful dream? Do I really look the same as usual? I feel so different that it seems to me it must show in my looks."

"You look awfully nice," said Diana, who having just received a compliment from one of her cousins, felt that

she ought to pass it on. "You've got the loveliest color."

The program that night was a series of "thrills" for at least one listener in the audience, and, as Anne assured Diana, every succeeding thrill was thrillier than the last. When Prissy Andrews, attired in a new pink-silk waist with a string of pearls about her smooth white throat and real carnations in her hair—rumor whispered that the master had sent all the way to town for them for her—"climbed the slimy ladder, dark without one ray of light," Anne shivered in luxurious sympathy; when the choir sang "Far Above the Gentle Daisies" Anne gazed at the ceiling as if it were frescoed with angels; when Sam Sloane proceeded to explain and illustrate "How Sockery Set a Hen" Anne laughed until people sitting near her laughed too, more out of sympathy with her than with amusement at a selection that was rather threadbare even in Avonlea; and when Mr. Phillips gave Mark Antony's oration over the dead body of Caesar in the most heart-stirring tones—looking at Prissy Andrews at the end of every sentence—Anne felt that she could rise and mutiny on the spot if but one Roman citizen led the way.

Only one number on the program failed to interest her. When Gilbert Blythe recited "Bingen on the Rhine" Anne picked up Rhoda Murray's library book and read it until he had finished, when she sat rigidly stiff and motionless while Diana clapped her hands until they tingled.

It was eleven when they got home, sated with dissipation, but with the exceeding sweet pleasure of talking it all over still to come. Everybody seemed asleep and the house was dark and silent. Anne and Diana tiptoed into the parlor, a long narrow room out of which the spare room opened. It was pleasantly warm and dimly lighted by the embers of a fire in the grate.

“Let’s undress here,” said Diana. “It’s so nice and warm.”

“Hasn’t it been a delightful time?” sighed Anne rapturously. “It must be splendid to get up and recite there. Do you suppose we will ever be asked to do it, Diana?”

“Yes, of course, someday. They’re always wanting the big scholars to recite. Gilbert Blythe does often and he’s only two years older than us. Oh, Anne, how could you pretend not to listen to him? When he came to the line,

‘There’s Another, not a sister,’
he looked right down at you.”

“Diana,” said Anne with dignity, “you are my bosom friend, but I cannot allow even you to speak to me of that person. Are you ready for bed? Let’s run a race and see who’ll get to the bed first.”

The suggestion appealed to Diana. The two little white-clad figures flew down the long room, through the spare-room door, and bounded on the bed at the same moment. And then—something—moved beneath them,

there was a gasp and a cry—and somebody said in muffled accents:

“Merciful goodness!”

Anne and Diana were never able to tell just how they got off that bed and out of the room. They only knew that after one frantic rush they found themselves tiptoeing shiveringly upstairs.

“Oh, who was it—*what* was it?” whispered Anne, her teeth chattering with cold and fright.

“It was Aunt Josephine,” said Diana, gasping with laughter. “Oh, Anne, it was Aunt Josephine, however she came to be there. Oh, and I know she will be furious. It’s dreadful—it’s really dreadful—but did you ever know anything so funny, Anne?”

“Who is your Aunt Josephine?”

“She’s father’s aunt and she lives in Charlottetown. She’s awfully old—seventy anyhow—and I don’t believe she was *ever* a little girl. We were expecting her out for a visit, but not so soon. She’s awfully prim and proper and she’ll scold dreadfully about this, I know. Well, we’ll have to sleep with Minnie May—and you can’t think how she kicks.”

Miss Josephine Barry did not appear at the early breakfast the next morning. Mrs. Barry smiled kindly at the two little girls.

“Did you have a good time last night? I tried to stay awake until you came home, for I wanted to tell you Aunt

Josephine had come and that you would have to go upstairs after all, but I was so tired I fell asleep. I hope you didn't disturb your aunt, Diana."

Diana preserved a discreet silence, but she and Anne exchanged furtive smiles of guilty amusement across the table. Anne hurried home after breakfast and so remained in blissful ignorance of the disturbance which presently resulted in the Barry household until the late afternoon, when she went down to Mrs. Lynde's on an errand for Marilla.

"So you and Diana nearly frightened poor old Miss Barry to death last night?" said Mrs. Lynde severely, but with a twinkle in her eye. "Mrs. Barry was here a few minutes ago on her way to Carmody. She's feeling real worried over it. Old Miss Barry was in a terrible temper when she got up this morning—and Josephine Barry's temper is no joke, I can tell you that. She wouldn't speak to Diana at all."

"It wasn't Diana's fault," said Anne contritely. "It was mine. I suggested racing to see who would get into bed first."

"I knew it!" said Mrs. Lynde, with the exultation of a correct guesser. "I knew that idea came out of your head. Well, it's made a nice lot of trouble, that's what. Old Miss Barry came out to stay for a month, but she declares she won't stay another day and is going right back to town tomorrow, Sunday and all as it is. She'd have gone today if

they could have taken her. She had promised to pay for a quarter's music lessons for Diana, but now she is determined to do nothing at all for such a tomboy. Oh, I guess they had a lively time of it there this morning. The Barrys must feel cut up. Old Miss Barry is rich and they'd like to keep on the good side of her. Of course, Mrs. Barry didn't say just that to me, but I'm a pretty good judge of human nature, that's what."

"I'm such an unlucky girl," mourned Anne. "I'm always getting into scrapes myself and getting my best friends—people I'd shed my heart's blood for—into them too. Can you tell me why it is so, Mrs. Lynde?"

"It's because you're too heedless and impulsive, child, that's what. You never stop to think—whatever comes into your head to say or do you say or do it without a moment's reflection."

"Oh, but that's the best of it," protested Anne. "Something just flashes into your mind, so exciting, and you must out with it. If you stop to think it over you spoil it all. Haven't you never felt that yourself, Mrs. Lynde?"

No, Mrs. Lynde had not. She shook her head sagely.

"You must learn to think a little, Anne, that's what. The proverb you need to go by is 'Look before you leap'—especially into spare-room beds."

Mrs. Lynde laughed comfortably over her mild joke, but Anne remained pensive. She saw nothing to laugh at in the situation, which to her eyes appeared very serious.

When she left Mrs. Lynde's she took her way across the crusted fields to Orchard Slope. Diana met her at the kitchen door.

"Your Aunt Josephine was very cross about it, wasn't she?" whispered Anne.

"Yes," answered Diana, stifling a giggle with an apprehensive glance over her shoulder at the closed sitting-room door. "She was fairly dancing with rage, Anne. Oh, how she scolded. She said I was the worst-behaved girl she ever saw and that my parents ought to be ashamed of the way they had brought me up. She says she won't stay and I'm sure I don't care. But Father and Mother do."

"Why didn't you tell them it was my fault?" demanded Anne.

"It's likely I'd do such a thing, isn't it?" said Diana with just scorn. "I'm no telltale, Anne Shirley, and anyhow I was just as much to blame as you."

"Well, I'm going in to tell her myself," said Anne resolutely.

Diana stared.

"Anne Shirley, you'd never! why—she'll eat you alive!"

"Don't frighten me any more than I am frightened," implored Anne. "I'd rather walk up to a cannon's mouth. But I've got to do it, Diana. It was my fault and I've got to confess. I've had practice in confessing, fortunately."

“Well, she’s in the room,” said Diana. “You can go in if you want to. I wouldn’t dare. And I don’t believe you’ll do a bit of good.”

With this encouragement Anne bearded the lion in its den—that is to say, walked resolutely up to the sitting-room door and knocked faintly. A sharp “Come in” followed.

Miss Josephine Barry, thin, prim, and rigid, was knitting fiercely by the fire, her wrath quite unappeased and her eyes snapping through her gold-rimmed glasses. She wheeled around in her chair, expecting to see Diana, and beheld a white-faced girl whose great eyes were brimmed up with a mixture of desperate courage and shrinking terror.

“Who are you?” demanded Miss Josephine Barry, without ceremony.

“I’m Anne of Green Gables,” said the small visitor tremulously, clasping her hands with her characteristic gesture, “and I’ve come to confess, if you please.”

“Confess what?”

“That it was all my fault about jumping into bed on you last night. I suggested it. Diana would never have thought of such a thing, I am sure. Diana is a very ladylike girl, Miss Barry. So you must see how unjust it is to blame her.”

“Oh, I must, hey? I rather think Diana did her share of the jumping at least. Such carryings on in a respectable house!”

“But we were only in fun,” persisted Anne. “I think you ought to forgive us, Miss Barry, now that we’ve apologized. And anyhow, please forgive Diana and let her have her music lessons. Diana’s heart is set on her music lessons, Miss Barry, and I know too well what it is to set your heart on a thing and not get it. If you must be cross with anyone, be cross with me. I’ve been so used in my early days to having people cross at me that I can endure it much better than Diana can.”

Much of the snap had gone out of the old lady’s eyes by this time and was replaced by a twinkle of amused interest. But she still said severely:

“I don’t think it is any excuse for you that you were only in fun. Little girls never indulged in that kind of fun when I was young. You don’t know what it is to be awakened out of a sound sleep, after a long and arduous journey, by two great girls coming bounce down on you.”

“I don’t *know*, but I can *imagine*,” said Anne eagerly. “I’m sure it must have been very disturbing. But then, there is our side of it too. Have you any imagination, Miss Barry? If you have, just put yourself in our place. We didn’t know there was anybody in that bed and you nearly scared us to death. It was simply awful the way we felt. And then we couldn’t sleep in the spare room after being promised. I

suppose you are used to sleeping in spare rooms. But just imagine what you would feel like if you were a little orphan girl who had never had such an honor.”

All the snap had gone by this time. Miss Barry actually laughed—a sound which caused Diana, waiting in speechless anxiety in the kitchen outside, to give a great gasp of relief.

“I’m afraid my imagination is a little rusty—it’s so long since I used it,” she said. “I dare say your claim to sympathy is just as strong as mine. It all depends on the way we look at it. Sit down here and tell me about yourself.”

“I am very sorry I can’t,” said Anne firmly. “I would like to, because you seem like an interesting lady, and you might even be a kindred spirit although you don’t look very much like it. But it is my duty to go home to Miss Marilla Cuthbert. Miss Marilla Cuthbert is a very kind lady who has taken me to bring up properly. She is doing her best, but it is very discouraging work. You must not blame her because I jumped on the bed. But before I go I do wish you would tell me if you will forgive Diana and stay just as long as you meant to in Avonlea.”

“I think perhaps I will if you will come over and talk to me occasionally,” said Miss Barry.

That evening Miss Barry gave Diana a silver bangle bracelet and told the senior members of the household that she had unpacked her valise.

“I’ve made up my mind to stay simply for the sake of getting better acquainted with that Anne-girl,” she said frankly. “She amuses me, and at my time of life an amusing person is a rarity.”

Marilla’s only comment when she heard the story was, “I told you so.” This was for Matthew’s benefit.

Miss Barry stayed her month out and over. She was a more agreeable guest than usual, for Anne kept her in good humor. They became firm friends.

When Miss Barry went away she said:

“Remember, you Anne-girl, when you come to town you’re to visit me and I’ll put you in my very sparest spare-room bed to sleep.”

“Miss Barry was a kindred spirit, after all,” Anne confided to Marilla. “You wouldn’t think so to look at her, but she is. You don’t find it right out at first, as in Matthew’s case, but after a while you come to see it. Kindred spirits are not so scarce as I used to think. It’s splendid to find out there are so many of them in the world.”

CHAPTER XX.

A GOOD IMAGINATION GONE WRONG

SPRING had come once more to Green Gables—the beautiful capricious, reluctant Canadian spring, lingering along through April and May in a succession of sweet, fresh, chilly days, with pink sunsets and miracles of resurrection and growth. The maples in Lover’s Lane were red budded and little curly ferns pushed up around the Dryad’s Bubble. Away up in the barrens, behind Mr. Silas Sloane’s place, the Mayflowers blossomed out, pink and white stars of sweetness under their brown leaves. All the school girls and boys had one golden afternoon gathering them, coming home in the clear, echoing twilight with arms and baskets full of flowery spoil.

“I’m so sorry for people who live in lands where there are no Mayflowers,” said Anne. “Diana says perhaps they have something better, but there couldn’t be anything better than Mayflowers, could there, Marilla? And Diana says if they don’t know what they are like they don’t miss them. But I think that is the saddest thing of all. I think it would be *tragic*, Marilla, not to know what Mayflowers are like and *not* to miss them. Do you know what I think Mayflowers are, Marilla? I think they must be the souls of the flowers that died last summer and this is their heaven.

But we had a splendid time today, Marilla. We had our lunch down in a big mossy hollow by an old well—such a *romantic* spot. Charlie Sloane dared Arty Gillis to jump over it, and Arty did because he wouldn't take a dare. Nobody would in school. It is very *fashionable* to dare. Mr. Phillips gave all the Mayflowers he found to Prissy Andrews and I heard him to say 'sweets to the sweet.' He got that out of a book, I know; but it shows he has some imagination. I was offered some Mayflowers too, but I rejected them with scorn. I can't tell you the person's name because I have vowed never to let it cross my lips. We made wreaths of the Mayflowers and put them on our hats; and when the time came to go home we marched in procession down the road, two by two, with our bouquets and wreaths, singing 'My Home on the Hill.' Oh, it was so thrilling, Marilla. All Mr. Silas Sloane's folks rushed out to see us and everybody we met on the road stopped and stared after us. We made a real sensation."

"Not much wonder! Such silly doings!" was Marilla's response.

After the Mayflowers came the violets, and Violet Vale was empurpled with them. Anne walked through it on her way to school with reverent steps and worshiping eyes, as if she trod on holy ground.

"Somehow," she told Diana, "when I'm going through here I don't really care whether Gil—whether anybody gets ahead of me in class or not. But when I'm up in school it's

all different and I care as much as ever. There's such a lot of different Annes in me. I sometimes think that is why I'm such a troublesome person. If I was just the one Anne it would be ever so much more comfortable, but then it wouldn't be half so interesting."

One June evening, when the orchards were pink blossomed again, when the frogs were singing silverly sweet in the marshes about the head of the Lake of Shining Waters, and the air was full of the savor of clover fields and balsamic fir woods, Anne was sitting by her gable window. She had been studying her lessons, but it had grown too dark to see the book, so she had fallen into wide-eyed reverie, looking out past the boughs of the Snow Queen, once more bestarred with its tufts of blossom.

In all essential respects the little gable chamber was unchanged. The walls were as white, the pincushion as hard, the chairs as stiffly and yellowly upright as ever. Yet the whole character of the room was altered. It was full of a new vital, pulsing personality that seemed to pervade it and to be quite independent of schoolgirl books and dresses and ribbons, and even of the cracked blue jug full of apple blossoms on the table. It was as if all the dreams, sleeping and waking, of its vivid occupant had taken a visible although unmaterial form and had tapestried the bare room with splendid filmy tissues of rainbow and moonshine. Presently Marilla came briskly in with some of Anne's freshly ironed school aprons. She hung them over a

chair and sat down with a short sigh. She had had one of her headaches that afternoon, and although the pain had gone she felt weak and “tuckered out,” as she expressed it. Anne looked at her with eyes limpid with sympathy.

“I do truly wish I could have had the headache in your place, Marilla. I would have endured it joyfully for your sake.”

“I guess you did your part in attending to the work and letting me rest,” said Marilla. “You seem to have got on fairly well and made fewer mistakes than usual. Of course it wasn’t exactly necessary to starch Matthew’s handkerchiefs! And most people when they put a pie in the oven to warm up for dinner take it out and eat it when it gets hot instead of leaving it to be burned to a crisp. But that doesn’t seem to be your way evidently.”

Headaches always left Marilla somewhat sarcastic.

“Oh, I’m so sorry,” said Anne penitently. “I never thought about that pie from the moment I put it in the oven till now, although I felt *instinctively* that there was something missing on the dinner table. I was firmly resolved, when you left me in charge this morning, not to imagine anything, but keep my thoughts on facts. I did pretty well until I put the pie in, and then an irresistible temptation came to me to imagine I was an enchanted princess shut up in a lonely tower with a handsome knight riding to my rescue on a coal-black steed. So that is how I came to forget the pie. I didn’t know I starched the

handkerchiefs. All the time I was ironing I was trying to think of a name for a new island Diana and I have discovered up the brook. It's the most ravishing spot, Marilla. There are two maple trees on it and the brook flows right around it. At last it struck me that it would be splendid to call it Victoria Island because we found it on the Queen's birthday. Both Diana and I are very loyal. But I'm sorry about that pie and the handkerchiefs. I wanted to be extra good today because it's an anniversary. Do you remember what happened this day last year, Marilla?"

"No, I can't think of anything special."

"Oh, Marilla, it was the day I came to Green Gables. I shall never forget it. It was the turning point in my life. Of course it wouldn't seem so important to you. I've been here for a year and I've been so happy. Of course, I've had my troubles, but one can live down troubles. Are you sorry you kept me, Marilla?"

"No, I can't say I'm sorry," said Marilla, who sometimes wondered how she could have lived before Anne came to Green Gables, "no, not exactly sorry. If you've finished your lessons, Anne, I want you to run over and ask Mrs. Barry if she'll lend me Diana's apron pattern."

"Oh—it's—it's too dark," cried Anne.

"Too dark? Why, it's only twilight. And goodness knows you've gone over often enough after dark."

"I'll go over early in the morning," said Anne eagerly. "I'll get up at sunrise and go over, Marilla."

“What has got into your head now, Anne Shirley? I want that pattern to cut out your new apron this evening. Go at once and be smart too.”

“I’ll have to go around by the road, then,” said Anne, taking up her hat reluctantly.

“Go by the road and waste half an hour! I’d like to catch you!”

“I can’t go through the Haunted Wood, Marilla,” cried Anne desperately.

Marilla stared.

“The Haunted Wood! Are you crazy? What under the canopy is the Haunted Wood?”

“The spruce wood over the brook,” said Anne in a whisper.

“Fiddlesticks! There is no such thing as a haunted wood anywhere. Who has been telling you such stuff?”

“Nobody,” confessed Anne. “Diana and I just imagined the wood was haunted. All the places around here are so—so—*commonplace*. We just got this up for our own amusement. We began it in April. A haunted wood is so very romantic, Marilla. We chose the spruce grove because it’s so gloomy. Oh, we have imagined the most harrowing things. There’s a white lady walks along the brook just about this time of the night and wrings her hands and utters wailing cries. She appears when there is to be a death in the family. And the ghost of a little murdered child haunts the corner up by Idlewild; it creeps

up behind you and lays its cold fingers on your hand—so. Oh, Marilla, it gives me a shudder to think of it. And there's a headless man stalks up and down the path and skeletons glower at you between the boughs. Oh, Marilla, I wouldn't go through the Haunted Wood after dark now for anything. I'd be sure that white things would reach out from behind the trees and grab me."

"Did ever anyone hear the like!" ejaculated Marilla, who had listened in dumb amazement. "Anne Shirley, do you mean to tell me you believe all that wicked nonsense of your own imagination?"

"Not believe *exactly*," faltered Anne. "At least, I don't believe it in daylight. But after dark, Marilla, it's different. That is when ghosts walk."

"There are no such things as ghosts, Anne."

"Oh, but there are, Marilla," cried Anne eagerly. "I know people who have seen them. And they are respectable people. Charlie Sloane says that his grandmother saw his grandfather driving home the cows one night after he'd been buried for a year. You know Charlie Sloane's grandmother wouldn't tell a story for anything. She's a very religious woman. And Mrs. Thomas's father was pursued home one night by a lamb of fire with its head cut off hanging by a strip of skin. He said he knew it was the spirit of his brother and that it was a warning he would die within nine days. He didn't, but he

died two years after, so you see it was really true. And Ruby Gillis says—”

“Anne Shirley,” interrupted Marilla firmly, “I never want to hear you talking in this fashion again. I’ve had my doubts about that imagination of yours right along, and if this is going to be the outcome of it, I won’t countenance any such doings. You’ll go right over to Barry’s, and you’ll go through that spruce grove, just for a lesson and a warning to you. And never let me hear a word out of your head about haunted woods again.”

Anne might plead and cry as she liked—and did, for her terror was very real. Her imagination had run away with her and she held the spruce grove in mortal dread after nightfall. But Marilla was inexorable. She marched the shrinking ghost-seer down to the spring and ordered her to proceed straightaway over the bridge and into the dusky retreats of wailing ladies and headless specters beyond.

“Oh, Marilla, how can you be so cruel?” sobbed Anne. “What would you feel like if a white thing did snatch me up and carry me off?”

“I’ll risk it,” said Marilla unfeelingly. “You know I always mean what I say. I’ll cure you of imagining ghosts into places. March, now.”

Anne marched. That is, she stumbled over the bridge and went shuddering up the horrible dim path beyond. Anne never forgot that walk. Bitterly did she repent the

license she had given to her imagination. The goblins of her fancy lurked in every shadow about her, reaching out their cold, fleshless hands to grasp the terrified small girl who had called them into being. A white strip of birch bark blowing up from the hollow over the brown floor of the grove made her heart stand still. The long-drawn wail of two old boughs rubbing against each other brought out the perspiration in beads on her forehead. The swoop of bats in the darkness over her was as the wings of unearthly creatures. When she reached Mr. William Bell's field she fled across it as if pursued by an army of white things, and arrived at the Barry kitchen door so out of breath that she could hardly gasp out her request for the apron pattern. Diana was away so that she had no excuse to linger. The dreadful return journey had to be faced. Anne went back over it with shut eyes, preferring to take the risk of dashing her brains out among the boughs to that of seeing a white thing. When she finally stumbled over the log bridge she drew one long shivering breath of relief.

“Well, so nothing caught you?” said Marilla unsympathetically.

“Oh, Mar—Marilla,” chattered Anne, “I’ll b-b-be contt-tented with c-c-commonplace places after this.”

CHAPTER XXI.

A NEW DEPARTURE IN FLAVORINGS

DEAR ME, there is nothing but meetings and partings in this world, as Mrs. Lynde says,” remarked Anne plaintively, putting her slate and books down on the kitchen table on the last day of June and wiping her red eyes with a very damp handkerchief. “Wasn’t it fortunate, Marilla, that I took an extra handkerchief to school today? I had a presentiment that it would be needed.”

“I never thought you were so fond of Mr. Phillips that you’d require two handkerchiefs to dry your tears just because he was going away,” said Marilla.

“I don’t think I was crying because I was really so very fond of him,” reflected Anne. “I just cried because all the others did. It was Ruby Gillis started it. Ruby Gillis has always declared she hated Mr. Phillips, but just as soon as he got up to make his farewell speech she burst into tears. Then all the girls began to cry, one after the other. I tried to hold out, Marilla. I tried to remember the time Mr. Phillips made me sit with Gil—with a boy; and the time he spelled my name without an ‘e’ on the blackboard; and how he said I was the worst dunce he ever saw at geometry and laughed at my spelling; and all the times he had been so horrid and sarcastic; but somehow I couldn’t, Marilla,

and I just had to cry too. Jane Andrews has been talking for a month about how glad she'd be when Mr. Phillips went away and she declared she'd never shed a tear. Well, she was worse than any of us and had to borrow a handkerchief from her brother—of course the boys didn't cry—because she hadn't brought one of her own, not expecting to need it. Oh, Marilla, it was heartrending. Mr. Phillips made such a beautiful farewell speech beginning, 'The time has come for us to part.' It was very affecting. And he had tears in his eyes too, Marilla. Oh, I felt dreadfully sorry and remorseful for all the times I'd talked in school and drawn pictures of him on my slate and made fun of him and Prissy. I can tell you I wished I'd been a model pupil like Minnie Andrews. She hadn't anything on her conscience. The girls cried all the way home from school. Carrie Sloane kept saying every few minutes, 'The time has come for us to part,' and that would start us off again whenever we were in any danger of cheering up. I do feel dreadfully sad, Marilla. But one can't feel quite in the depths of despair with two months' vacation before them, can they, Marilla? And besides, we met the new minister and his wife coming from the station. For all I was feeling so bad about Mr. Phillips going away I couldn't help taking a little interest in a new minister, could I? His wife is very pretty. Not exactly regally lovely, of course—it wouldn't do, I suppose, for a minister to have a regally lovely wife, because it might set a bad example. Mrs. Lynde says the minister's wife over at

Newbridge sets a very bad example because she dresses so fashionably. Our new minister's wife was dressed in blue muslin with lovely puffed sleeves and a hat trimmed with roses. Jane Andrews said she thought puffed sleeves were too worldly for a minister's wife, but I didn't make any such uncharitable remark, Marilla, because I know what it is to long for puffed sleeves. Besides, she's only been a minister's wife for a little while, so one should make allowances, shouldn't they? They are going to board with Mrs. Lynde until the manse is ready."

If Marilla, in going down to Mrs. Lynde's that evening, was actuated by any motive save her avowed one of returning the quilting frames she had borrowed the preceding winter, it was an amiable weakness shared by most of the Avonlea people. Many a thing Mrs. Lynde had lent, sometimes never expecting to see it again, came home that night in charge of the borrowers thereof. A new minister, and moreover a minister with a wife, was a lawful object of curiosity in a quiet little country settlement where sensations were few and far between.

Old Mr. Bentley, the minister whom Anne had found lacking in imagination, had been pastor of Avonlea for eighteen years. He was a widower when he came, and a widower he remained, despite the fact that gossip regularly married him to this, that, or the other one, every year of his sojourn. In the preceding February he had resigned his charge and departed amid the regrets of his

people, most of whom had the affection born of long intercourse for their good old minister in spite of his shortcomings as an orator. Since then the Avonlea church had enjoyed a variety of religious dissipation in listening to the many and various candidates and “supplies” who came Sunday after Sunday to preach on trial. These stood or fell by the judgment of the fathers and mothers in Israel; but a certain small, red-haired girl who sat meekly in the corner of the old Cuthbert pew also had her opinions about them and discussed the same in full with Matthew, Marilla always declining from principle to criticize ministers in any shape or form.

“I don’t think Mr. Smith would have done, Matthew” was Anne’s final summing up. “Mrs. Lynde says his delivery was so poor, but I think his worst fault was just like Mr. Bentley’s—he had no imagination. And Mr. Terry had too much; he let it run away with him just as I did mine in the matter of the Haunted Wood. Besides, Mrs. Lynde says his theology wasn’t sound. Mr. Gresham was a very good man and a very religious man, but he told too many funny stories and made the people laugh in church; he was undignified, and you must have some dignity about a minister, mustn’t you, Matthew? I thought Mr. Marshall was decidedly attractive; but Mrs. Lynde says he isn’t married, or even engaged, because she made special inquiries about him, and she says it would never do to have a young unmarried minister in Avonlea, because he might

marry in the congregation and that would make trouble. Mrs. Lynde is a very farseeing woman, isn't she, Matthew? I'm very glad they've called Mr. Allan. I liked him because his sermon was interesting and he prayed as if he meant it and not just as if he did it because he was in the habit of it. Mrs. Lynde says he isn't perfect, but she says she supposes we couldn't expect a perfect minister for seven hundred and fifty dollars a year, and anyhow his theology is sound because she questioned him thoroughly on all the points of doctrine. And she knows his wife's people and they are most respectable and the women are all good housekeepers. Mrs. Lynde says that sound doctrine in the man and good housekeeping in the woman make an ideal combination for a minister's family."

The new minister and his wife were a young, pleasant-faced couple, still on their honeymoon, and full of all good and beautiful enthusiasms for their chosen lifework. Avonlea opened its heart to them from the start. Old and young liked the frank, cheerful young man with his high ideals, and the bright, gentle little lady who assumed the mistress-ship of the manse. With Mrs. Allan Anne fell promptly and wholeheartedly in love. She had discovered another kindred spirit.

"Mrs. Allan is perfectly lovely," she announced one Sunday afternoon. "She's taken our class and she's a splendid teacher. She said right away she didn't think it was fair for the teacher to ask all the questions, and you

know, Marilla, that is exactly what I've always thought. She said we could ask her any question we liked and I asked ever so many. I'm good at asking questions, Marilla."

"I believe you" was Marilla's emphatic comment.

"Nobody else asked any except Ruby Gillis, and she asked if there was to be a Sunday-school picnic this summer. I didn't think that was a very proper question to ask because it hadn't any connection with the lesson—the lesson was about Daniel in the lions' den—but Mrs. Allan just smiled and said she thought there would be. Mrs. Allan has a lovely smile; she has such *exquisite* dimples in her cheeks. I wish I had dimples in my cheeks, Marilla. I'm not half so skinny as I was when I came here, but I have no dimples yet. If I had perhaps I could influence people for good. Mrs. Allan said we ought always to try to influence other people for good. She talked so nice about everything. I never knew before that religion was such a cheerful thing. I always thought it was kind of melancholy, but Mrs. Allan's isn't, and I'd like to be a Christian if I could be one like her. I wouldn't want to be one like Mr. Superintendent Bell."

"It's very naughty of you to speak so about Mr. Bell," said Marilla severely. "Mr. Bell is a real good man."

"Oh, of course he's good," agreed Anne, "but he doesn't seem to get any comfort out of it. If I could be good I'd dance and sing all day because I was glad of it. I suppose Mrs. Allan is too old to dance and sing and of

course it wouldn't be dignified in a minister's wife. But I can just feel she's glad she's a Christian and that she'd be one even if she could get to heaven without it."

"I suppose we must have Mr. and Mrs. Allan up to tea someday soon," said Marilla reflectively. "They've been most everywhere but here. Let me see. Next Wednesday would be a good time to have them. But don't say a word to Matthew about it, for if he knew they were coming he'd find some excuse to be away that day. He'd got so used to Mr. Bentley he didn't mind him, but he's going to find it hard to get acquainted with a new minister, and a new minister's wife will frighten him to death."

"I'll be as secret as the dead," assured Anne. "But oh, Marilla, will you let me make a cake for the occasion? I'd love to do something for Mrs. Allan, and you know I can make a pretty good cake by this time."

"You can make a layer cake," promised Marilla.

Monday and Tuesday great preparations went on at Green Gables. Having the minister and his wife to tea was a serious and important undertaking, and Marilla was determined not to be eclipsed by any of the Avonlea housekeepers. Anne was wild with excitement and delight. She talked it all over with Diana Tuesday night in the twilight, as they sat on the big red stones by the Dryad's Bubble and made rainbows in the water with little twigs dipped in fir balsam.

“Everything is ready, Diana, except my cake which I’m to make in the morning, and the baking-powder biscuits which Marilla will make just before teatime. I assure you, Diana, that Marilla and I have had a busy two days of it. It’s such a responsibility having a minister’s family to tea. I never went through such an experience before. You should just see our pantry. It’s a sight to behold. We’re going to have jellied chicken and cold tongue. We’re to have two kinds of jelly, red and yellow, and whipped cream and lemon pie, and cherry pie, and three kinds of cookies, and fruit cake, and Marilla’s famous yellow plum preserves that she keeps especially for ministers, and pound cake and layer cake, and biscuits as aforesaid; and new bread and old both, in case the minister is dyspeptic and can’t eat new. Mrs. Lynde says ministers are dyspeptic, but I don’t think Mr. Allan has been a minister long enough for it to have had a bad effect on him. I just grow cold when I think of my layer cake. Oh, Diana, what if it shouldn’t be good! I dreamed last night that I was chased all around by a fearful goblin with a big layer cake for a head.”

“It’ll be good, all right,” assured Diana, who was a very comfortable sort of friend. “I’m sure that piece of the one you made that we had for lunch in Idlewild two weeks ago was perfectly elegant.”

“Yes; but cakes have such a terrible habit of turning out bad just when you especially want them to be good,” sighed Anne, setting a particularly well-balsamed twig

afloat. "However, I suppose I shall just have to trust to Providence and be careful to put in the flour. Oh, look, Diana, what a lovely rainbow! Do you suppose the dryad will come out after we go away and take it for a scarf?"

"You know there is no such thing as a dryad," said Diana. Diana's mother had found out about the Haunted Wood and had been decidedly angry over it. As a result Diana had abstained from any further imitative flights of imagination and did not think it prudent to cultivate a spirit of belief even in harmless dryads.

"But it's so easy to imagine there is," said Anne. "Every night before I go to bed, I look out of my window and wonder if the dryad is really sitting here, combing her locks with the spring for a mirror. Sometimes I look for her footprints in the dew in the morning. Oh, Diana, don't give up your faith in the dryad!"

Wednesday morning came. Anne got up at sunrise because she was too excited to sleep. She had caught a severe cold in the head by reason of her dabbling in the spring on the preceding evening; but nothing short of absolute pneumonia could have quenched her interest in culinary matters that morning. After breakfast she proceeded to make her cake. When she finally shut the oven door upon it she drew a long breath.

"I'm sure I haven't forgotten anything this time, Marilla. But do you think it will rise? Just suppose perhaps the baking powder isn't good? I used it out of the new can.

And Mrs. Lynde says you can never be sure of getting good baking powder nowadays when everything is so adulterated. Mrs. Lynde says the Government ought to take the matter up, but she says we'll never see the day when a Tory Government will do it. Marilla, what if that cake doesn't rise?"

"We'll have plenty without it" was Marilla's unimpassioned way of looking at the subject.

The cake did rise, however, and came out of the oven as light and feathery as golden foam. Anne, flushed with delight, clapped it together with layers of ruby jelly and, in imagination, saw Mrs. Allan eating it and possibly asking for another piece!

"You'll be using the best tea set, of course, Marilla," she said. "Can I fix the table with ferns and wild roses?"

"I think that's all nonsense," sniffed Marilla. "In my opinion it's the eatables that matter and not flummery decorations."

"Mrs. Barry had *her* table decorated," said Anne, who was not entirely guiltless of the wisdom of the serpent, "and the minister paid her an elegant compliment. He said it was a feast for the eye as well as the palate."

"Well, do as you like," said Marilla, who was quite determined not to be surpassed by Mrs. Barry or anybody else. "Only mind you leave enough room for the dishes and the food."

Anne laid herself out to decorate in a manner and after a fashion that should leave Mrs. Barry's nowhere. Having abundance of roses and ferns and a very artistic taste of her own, she made that tea table such a thing of beauty that when the minister and his wife sat down to it they exclaimed in chorus over its loveliness.

"It's Anne's doings," said Marilla, grimly just; and Anne felt that Mrs. Allan's approving smile was almost too much happiness for this world.

Matthew was there, having been inveigled into the party only goodness and Anne knew how. He had been in such a state of shyness and nervousness that Marilla had given him up in despair, but Anne took him in hand so successfully that he now sat at the table in his best clothes and white collar and talked to the minister not uninterestingly. He never said a word to Mrs. Allan, but that perhaps was not to be expected.

All went merry as a marriage bell until Anne's layer cake was passed. Mrs. Allan, having already been helped to a bewildering variety, declined it. But Marilla, seeing the disappointment on Anne's face, said smilingly:

"Oh, you must take a piece of this, Mrs. Allan. Anne made it on purpose for you."

"In that case I must sample it," laughed Mrs. Allan, helping herself to a plump triangle, as did also the minister and Marilla.

Mrs. Allan took a mouthful of hers and a most peculiar expression crossed her face; not a word did she say, however, but steadily ate away at it. Marilla saw the expression and hastened to taste the cake.

“Anne Shirley!” she exclaimed, “what on earth did you put into that cake?”

“Nothing but what the recipe said, Marilla,” cried Anne with a look of anguish. “Oh, isn’t it all right?”

“All right! It’s simply horrible. Mr. Allan, don’t try to eat it. Anne, taste it yourself. What flavoring did you use?”

“Vanilla,” said Anne, her face scarlet with mortification after tasting the cake. “Only vanilla. Oh, Marilla, it must have been the baking powder. I had my suspicions of that bak—”

“Baking powder fiddlesticks! Go and bring me the bottle of vanilla you used.”

Anne fled to the pantry and returned with a small bottle partially filled with a brown liquid and labeled yellowly, “Best Vanilla.”

Marilla took it, uncorked it, smelled it.

“Mercy on us, Anne, you’ve flavored that cake with *Anodyne Liniment*. I broke the liniment bottle last week and poured what was left into an old empty vanilla bottle. I suppose it’s partly my fault—I should have warned you—but for pity’s sake why couldn’t you have smelled it?”

Anne dissolved into tears under this double disgrace.

“I couldn’t—I had such a cold!” and with this she fairly fled to the gable chamber, where she cast herself on the bed and wept as one who refuses to be comforted.

Presently a light step sounded on the stairs and somebody entered the room.

“Oh, Marilla,” sobbed Anne, without looking up, “I’m disgraced forever. I shall never be able to live this down. It will get out—things always do get out in Avonlea. Diana will ask me how my cake turned out and I shall have to tell her the truth. I shall always be pointed at as the girl who flavored a cake with anodyne liniment. Gil—the boys in school will never get over laughing at it. Oh, Marilla, if you have a spark of Christian pity don’t tell me that I must go down and wash the dishes after this. I’ll wash them when the minister and his wife are gone, but I cannot ever look Mrs. Allan in the face again. Perhaps she’ll think I tried to poison her. Mrs. Lynde says she knows an orphan girl who tried to poison her benefactor. But the liniment isn’t poisonous. It’s meant to be taken internally—although not in cakes. Won’t you tell Mrs. Allan so, Marilla?”

“Suppose you jump up and tell her so yourself,” said a merry voice.

Anne flew up, to find Mrs. Allan standing by her bed, surveying her with laughing eyes.

“My dear little girl, you mustn’t cry like this,” she said, genuinely disturbed by Anne’s tragic face. “Why, it’s all just a funny mistake that anybody might make.”

“Oh, no, it takes me to make such a mistake,” said Anne forlornly. “And I wanted to have that cake so nice for you, Mrs. Allan.”

“Yes, I know, dear. And I assure you I appreciate your kindness and thoughtfulness just as much as if it had turned out all right. Now, you mustn’t cry any more, but come down with me and show me your flower garden. Miss Cuthbert tells me you have a little plot all your own. I want to see it, for I’m very much interested in flowers.”

Anne permitted herself to be led down and comforted, reflecting that it was really providential that Mrs. Allan was a kindred spirit. Nothing more was said about the liniment cake, and when the guests went away Anne found that she had enjoyed the evening more than could have been expected, considering that terrible incident. Nevertheless, she sighed deeply.

“Marilla, isn’t it nice to think that tomorrow is a new day with no mistakes in it yet?”

“I’ll warrant you’ll make plenty in it,” said Marilla. “I never saw your beat for making mistakes, Anne.”

“Yes, and well I know it,” admitted Anne mournfully. “But have you ever noticed one encouraging thing about me, Marilla? I never make the same mistake twice.”

“I don’t know as that’s much benefit when you’re always making new ones.”

“Oh, don’t you see, Marilla? There must be a limit to the mistakes one person can make, and when I get to the

end of them, then I'll be through with them. That's a very comforting thought."

"Well, you'd better go and give that cake to the pigs," said Marilla. "It isn't fit for any human to eat, not even Jerry Boute."

CHAPTER XXII.

ANNE IS INVITED OUT TO TEA

AND what are your eyes popping out of your head about. Now?" asked Marilla, when Anne had just come in from a run to the post office. "Have you discovered another kindred spirit?" Excitement hung around Anne like a garment, shone in her eyes, kindled in every feature. She had come dancing up the lane, like a wind-blown sprite, through the mellow sunshine and lazy shadows of the August evening.

"No, Marilla, but oh, what do you think? I am invited to tea at the manse tomorrow afternoon! Mrs. Allan left the letter for me at the post office. Just look at it, Marilla. 'Miss Anne Shirley, Green Gables.' That is the first time I was ever called 'Miss.' Such a thrill as it gave me! I shall cherish it forever among my choicest treasures."

"Mrs. Allan told me she meant to have all the members of her Sunday-school class to tea in turn," said Marilla, regarding the wonderful event very coolly. "You needn't get in such a fever over it. Do learn to take things calmly, child."

For Anne to take things calmly would have been to change her nature. All "spirit and fire and dew," as she was, the pleasures and pains of life came to her with trebled intensity. Marilla felt this and was vaguely troubled

over it, realizing that the ups and downs of existence would probably bear hardly on this impulsive soul and not sufficiently understanding that the equally great capacity for delight might more than compensate. Therefore Marilla conceived it to be her duty to drill Anne into a tranquil uniformity of disposition as impossible and alien to her as to a dancing sunbeam in one of the brook shallows. She did not make much headway, as she sorrowfully admitted to herself. The downfall of some dear hope or plan plunged Anne into “deeps of affliction.” The fulfillment thereof exalted her to dizzy realms of delight. Marilla had almost begun to despair of ever fashioning this waif of the world into her model little girl of demure manners and prim deportment. Neither would she have believed that she really liked Anne much better as she was.

Anne went to bed that night speechless with misery because Matthew had said the wind was round northeast and he feared it would be a rainy day tomorrow. The rustle of the poplar leaves about the house worried her, it sounded so like pattering raindrops, and the full, faraway roar of the gulf, to which she listened delightedly at other times, loving its strange, sonorous, haunting rhythm, now seemed like a prophecy of storm and disaster to a small maiden who particularly wanted a fine day. Anne thought that the morning would never come.

But all things have an end, even nights before the day on which you are invited to take tea at the manse. The

morning, in spite of Matthew's predictions, was fine and Anne's spirits soared to their highest. "Oh, Marilla, there is something in me today that makes me just love everybody I see," she exclaimed as she washed the breakfast dishes. "You don't know how good I feel! Wouldn't it be nice if it could last? I believe I could be a model child if I were just invited out to tea every day. But oh, Marilla, it's a solemn occasion too. I feel so anxious. What if I shouldn't behave properly? You know I never had tea at a manse before, and I'm not sure that I know all the rules of etiquette, although I've been studying the rules given in the Etiquette Department of the Family Herald ever since I came here. I'm so afraid I'll do something silly or forget to do something I should do. Would it be good manners to take a second helping of anything if you wanted to *very* much?"

"The trouble with you, Anne, is that you're thinking too much about yourself. You should just think of Mrs. Allan and what would be nicest and most agreeable to her," said Marilla, hitting for once in her life on a very sound and pithy piece of advice. Anne instantly realized this.

"You are right, Marilla. I'll try not to think about myself at all."

Anne evidently got through her visit without any serious breach of "etiquette," for she came home through the twilight, under a great, high-sprung sky gloried over with trails of saffron and rosy cloud, in a beatified state of

mind and told Marilla all about it happily, sitting on the big red-sandstone slab at the kitchen door with her tired curly head in Marilla's gingham lap.

A cool wind was blowing down over the long harvest fields from the rims of firry western hills and whistling through the poplars. One clear star hung over the orchard and the fireflies were flitting over in Lover's Lane, in and out among the ferns and rustling boughs. Anne watched them as she talked and somehow felt that wind and stars and fireflies were all tangled up together into something unutterably sweet and enchanting.

"Oh, Marilla, I've had a most *fascinating* time. I feel that I have not lived in vain and I shall always feel like that even if I should never be invited to tea at a manse again. When I got there Mrs. Allan met me at the door. She was dressed in the sweetest dress of pale-pink organdy, with dozens of frills and elbow sleeves, and she looked just like a seraph. I really think I'd like to be a minister's wife when I grow up, Marilla. A minister mightn't mind my red hair because he wouldn't be thinking of such worldly things. But then of course one would have to be naturally good and I'll never be that, so I suppose there's no use in thinking about it. Some people are naturally good, you know, and others are not. I'm one of the others. Mrs. Lynde says I'm full of original sin. No matter how hard I try to be good I can never make such a success of it as those who are naturally good. It's a good deal like geometry, I expect. But

don't you think the trying so hard ought to count for something? Mrs. Allan is one of the naturally good people. I love her passionately. You know there are some people, like Matthew and Mrs. Allan that you can love right off without any trouble. And there are others, like Mrs. Lynde, that you have to try very hard to love. You know you *ought* to love them because they know so much and are such active workers in the church, but you have to keep reminding yourself of it all the time or else you forget. There was another little girl at the manse to tea, from the White Sands Sunday school. Her name was Laretta Bradley, and she was a very nice little girl. Not exactly a kindred spirit, you know, but still very nice. We had an elegant tea, and I think I kept all the rules of etiquette pretty well. After tea Mrs. Allan played and sang and she got Laretta and me to sing too. Mrs. Allan says I have a good voice and she says I must sing in the Sunday-school choir after this. You can't think how I was thrilled at the mere thought. I've longed so to sing in the Sunday-school choir, as Diana does, but I feared it was an honor I could never aspire to. Laretta had to go home early because there is a big concert in the White Sands Hotel tonight and her sister is to recite at it. Laretta says that the Americans at the hotel give a concert every fortnight in aid of the Charlottetown hospital, and they ask lots of the White Sands people to recite. Laretta said she expected to be asked herself someday. I just gazed at her in awe. After

she had gone Mrs. Allan and I had a heart-to-heart talk. I told her everything—about Mrs. Thomas and the twins and Katie Maurice and Violetta and coming to Green Gables and my troubles over geometry. And would you believe it, Marilla? Mrs. Allan told me she was a dunce at geometry too. You don't know how that encouraged me. Mrs. Lynde came to the manse just before I left, and what do you think, Marilla? The trustees have hired a new teacher and it's a lady. Her name is Miss Muriel Stacy. Isn't that a romantic name? Mrs. Lynde says they've never had a female teacher in Avonlea before and she thinks it is a dangerous innovation. But I think it will be splendid to have a lady teacher, and I really don't see how I'm going to live through the two weeks before school begins. I'm so impatient to see her.”

CHAPTER XXIII.

ANNE COMES TO GRIEF IN AN AFFAIR OF HONOR

ANNE had to live through more than two weeks, as it happened. Almost a month having elapsed since the liniment cake episode, it was high time for her to get into fresh trouble of some sort, little mistakes, such as absentmindedly emptying a pan of skim milk into a basket of yarn balls in the pantry instead of into the pigs' bucket, and walking clean over the edge of the log bridge into the brook while wrapped in imaginative reverie, not really being worth counting.

A week after the tea at the manse Diana Barry gave a party.

"Small and select," Anne assured Marilla. "Just the girls in our class."

They had a very good time and nothing untoward happened until after tea, when they found themselves in the Barry garden, a little tired of all their games and ripe for any enticing form of mischief which might present itself. This presently took the form of "daring."

Daring was the fashionable amusement among the Avonlea small fry just then. It had begun among the boys, but soon spread to the girls, and all the silly things that

were done in Avonlea that summer because the doers thereof were “dared” to do them would fill a book by themselves.

First of all Carrie Sloane dared Ruby Gillis to climb to a certain point in the huge old willow tree before the front door; which Ruby Gillis, albeit in mortal dread of the fat green caterpillars with which said tree was infested and with the fear of her mother before her eyes if she should tear her new muslin dress, nimbly did, to the discomfiture of the aforesaid Carrie Sloane. Then Josie Pye dared Jane Andrews to hop on her left leg around the garden without stopping once or putting her right foot to the ground; which Jane Andrews gamely tried to do, but gave out at the third corner and had to confess herself defeated.

Josie’s triumph being rather more pronounced than good taste permitted, Anne Shirley dared her to walk along the top of the board fence which bounded the garden to the east. Now, to “walk” board fences requires more skill and steadiness of head and heel than one might suppose who has never tried it. But Josie Pye, if deficient in some qualities that make for popularity, had at least a natural and inborn gift, duly cultivated, for walking board fences. Josie walked the Barry fence with an airy unconcern which seemed to imply that a little thing like that wasn’t worth a “dare.” Reluctant admiration greeted her exploit, for most of the other girls could appreciate it, having suffered many things themselves in their efforts to walk fences. Josie

descended from her perch, flushed with victory, and darted a defiant glance at Anne.

Anne tossed her red braids.

“I don’t think it’s such a very wonderful thing to walk a little, low, board fence,” she said. “I knew a girl in Marysville who could walk the ridgepole of a roof.”

“I don’t believe it,” said Josie flatly. “I don’t believe anybody could walk a ridgepole. *You* couldn’t, anyhow.”

“Couldn’t I?” cried Anne rashly.

“Then I dare you to do it,” said Josie defiantly. “I dare you to climb up there and walk the ridgepole of Mr. Barry’s kitchen roof.”

Anne turned pale, but there was clearly only one thing to be done. She walked toward the house, where a ladder was leaning against the kitchen roof. All the fifth-class girls said, “Oh!” partly in excitement, partly in dismay.

“Don’t you do it, Anne,” entreated Diana. “You’ll fall off and be killed. Never mind Josie Pye. It isn’t fair to dare anybody to do anything so dangerous.”

“I must do it. My honor is at stake,” said Anne solemnly. “I shall walk that ridgepole, Diana, or perish in the attempt. If I am killed you are to have my pearl bead ring.”

Anne climbed the ladder amid breathless silence, gained the ridgepole, balanced herself uprightly on that precarious footing, and started to walk along it, dizzily conscious that she was uncomfortably high up in the world

and that walking ridgepoles was not a thing in which your imagination helped you out much. Nevertheless, she managed to take several steps before the catastrophe came. Then she swayed, lost her balance, stumbled, staggered, and fell, sliding down over the sun-baked roof and crashing off it through the tangle of Virginia creeper beneath—all before the dismayed circle below could give a simultaneous, terrified shriek.

If Anne had tumbled off the roof on the side up which she had ascended Diana would probably have fallen heir to the pearl bead ring then and there. Fortunately she fell on the other side, where the roof extended down over the porch so nearly to the ground that a fall therefrom was a much less serious thing. Nevertheless, when Diana and the other girls had rushed frantically around the house—except Ruby Gillis, who remained as if rooted to the ground and went into hysterics—they found Anne lying all white and limp among the wreck and ruin of the Virginia creeper.

“Anne, are you killed?” shrieked Diana, throwing herself on her knees beside her friend. “Oh, Anne, dear Anne, speak just one word to me and tell me if you’re killed.”

To the immense relief of all the girls, and especially of Josie Pye, who, in spite of lack of imagination, had been seized with horrible visions of a future branded as the girl

who was the cause of Anne Shirley's early and tragic death, Anne sat dizzily up and answered uncertainly:

"No, Diana, I am not killed, but I think I am rendered unconscious."

"Where?" sobbed Carrie Sloane. "Oh, where, Anne?" Before Anne could answer Mrs. Barry appeared on the scene. At sight of her Anne tried to scramble to her feet, but sank back again with a sharp little cry of pain.

"What's the matter? Where have you hurt yourself?" demanded Mrs. Barry.

"My ankle," gasped Anne. "Oh, Diana, please find your father and ask him to take me home. I know I can never walk there. And I'm sure I couldn't hop so far on one foot when Jane couldn't even hop around the garden."

Marilla was out in the orchard picking a panful of summer apples when she saw Mr. Barry coming over the log bridge and up the slope, with Mrs. Barry beside him and a whole procession of little girls trailing after him. In his arms he carried Anne, whose head lay limply against his shoulder.

At that moment Marilla had a revelation. In the sudden stab of fear that pierced her very heart she realized what Anne had come to mean to her. She would have admitted that she liked Anne—nay, that she was very fond of Anne. But now she knew as she hurried wildly down the slope that Anne was dearer to her than anything else on earth.

“Mr. Barry, what has happened to her?” she gasped, more white and shaken than the self-contained, sensible Marilla had been for many years.

Anne herself answered, lifting her head.

“Don’t be very frightened, Marilla. I was walking the ridgepole and I fell off. I expect I have sprained my ankle. But, Marilla, I might have broken my neck. Let us look on the bright side of things.”

“I might have known you’d go and do something of the sort when I let you go to that party,” said Marilla, sharp and shrewish in her very relief. “Bring her in here, Mr. Barry, and lay her on the sofa. Mercy me, the child has gone and fainted!”

It was quite true. Overcome by the pain of her injury, Anne had one more of her wishes granted to her. She had fainted dead away.

Matthew, hastily summoned from the harvest field, was straightway dispatched for the doctor, who in due time came, to discover that the injury was more serious than they had supposed. Anne’s ankle was broken.

That night, when Marilla went up to the east gable, where a white-faced girl was lying, a plaintive voice greeted her from the bed.

“Aren’t you very sorry for me, Marilla?”

“It was your own fault,” said Marilla, twitching down the blind and lighting a lamp.

“And that is just why you should be sorry for me,” said Anne, “because the thought that it is all my own fault is what makes it so hard. If I could blame it on anybody I would feel so much better. But what would you have done, Marilla, if you had been dared to walk a ridgepole?”

“I’d have stayed on good firm ground and let them dare away. Such absurdity!” said Marilla.

Anne sighed.

“But you have such strength of mind, Marilla. I haven’t. I just felt that I couldn’t bear Josie Pye’s scorn. She would have crowed over me all my life. And I think I have been punished so much that you needn’t be very cross with me, Marilla. It’s not a bit nice to faint, after all. And the doctor hurt me dreadfully when he was setting my ankle. I won’t be able to go around for six or seven weeks and I’ll miss the new lady teacher. She won’t be new any more by the time I’m able to go to school. And Gil—everybody will get ahead of me in class. Oh, I am an afflicted mortal. But I’ll try to bear it all bravely if only you won’t be cross with me, Marilla.”

“There, there, I’m not cross,” said Marilla. “You’re an unlucky child, there’s no doubt about that; but as you say, you’ll have the suffering of it. Here now, try and eat some supper.”

“Isn’t it fortunate I’ve got such an imagination?” said Anne. “It will help me through splendidly, I expect. What

do people who haven't any imagination do when they break their bones, do you suppose, Marilla?"

Anne had good reason to bless her imagination many a time and oft during the tedious seven weeks that followed. But she was not solely dependent on it. She had many visitors and not a day passed without one or more of the schoolgirls dropping in to bring her flowers and books and tell her all the happenings in the juvenile world of Avonlea.

"Everybody has been so good and kind, Marilla," sighed Anne happily, on the day when she could first limp across the floor. "It isn't very pleasant to be laid up; but there is a bright side to it, Marilla. You find out how many friends you have. Why, even Superintendent Bell came to see me, and he's really a very fine man. Not a kindred spirit, of course; but still I like him and I'm awfully sorry I ever criticized his prayers. I believe now he really does mean them, only he has got into the habit of saying them as if he didn't. He could get over that if he'd take a little trouble. I gave him a good broad hint. I told him how hard I tried to make my own little private prayers interesting. He told me all about the time he broke his ankle when he was a boy. It does seem so strange to think of Superintendent Bell ever being a boy. Even my imagination has its limits, for I can't imagine *that*. When I try to imagine him as a boy I see him with gray whiskers and spectacles, just as he looks in Sunday school, only small.

Now, it's so easy to imagine Mrs. Allan as a little girl. Mrs. Allan has been to see me fourteen times. Isn't that something to be proud of, Marilla? When a minister's wife has so many claims on her time! She is such a cheerful person to have visit you, too. She never tells you it's your own fault and she hopes you'll be a better girl on account of it. Mrs. Lynde always told me that when she came to see me; and she said it in a kind of way that made me feel she might hope I'd be a better girl but didn't really believe I would. Even Josie Pye came to see me. I received her as politely as I could, because I think she was sorry she dared me to walk a ridgepole. If I had been killed she would had to carry a dark burden of remorse all her life. Diana has been a faithful friend. She's been over every day to cheer my lonely pillow. But oh, I shall be so glad when I can go to school for I've heard such exciting things about the new teacher. The girls all think she is perfectly sweet. Diana says she has the loveliest fair curly hair and such fascinating eyes. She dresses beautifully, and her sleeve puffs are bigger than anybody else's in Avonlea. Every other Friday afternoon she has recitations and everybody has to say a piece or take part in a dialogue. Oh, it's just glorious to think of it. Josie Pye says she hates it but that is just because Josie has so little imagination. Diana and Ruby Gillis and Jane Andrews are preparing a dialogue, called 'A Morning Visit,' for next Friday. And the Friday afternoons they don't have recitations Miss Stacy takes

them all to the woods for a 'field' day and they study ferns and flowers and birds. And they have physical culture exercises every morning and evening. Mrs. Lynde says she never heard of such goings on and it all comes of having a lady teacher. But I think it must be splendid and I believe I shall find that Miss Stacy is a kindred spirit."

"There's one thing plain to be seen, Anne," said Marilla, "and that is that your fall off the Barry roof hasn't injured your tongue at all."

CHAPTER XXIV.

MISS STACY AND HER PUPILS GET UP A CONCERT

It was October again when Anne was ready to go back to school—a glorious October, all red and gold, with mellow mornings when the valleys were filled with delicate mists as if the spirit of autumn had poured them in for the sun to drain—amethyst, pearl, silver, rose, and smoke-blue. The dews were so heavy that the fields glistened like cloth of silver and there were such heaps of rustling leaves in the hollows of many-stemmed woods to run crisply through. The Birch Path was a canopy of yellow and the ferns were sear and brown all along it. There was a tang in the very air that inspired the hearts of small maidens tripping, unlike snails, swiftly and willingly to school; and it was jolly to be back again at the little brown desk beside Diana, with Ruby Gillis nodding across the aisle and Carrie Sloane sending up notes and Julia Bell passing a “chew” of gum down from the back seat. Anne drew a long breath of happiness as she sharpened her pencil and arranged her picture cards in her desk. Life was certainly very interesting.

In the new teacher she found another true and helpful friend. Miss Stacy was a bright, sympathetic young woman

with the happy gift of winning and holding the affections of her pupils and bringing out the best that was in them mentally and morally. Anne expanded like a flower under this wholesome influence and carried home to the admiring Matthew and the critical Marilla glowing accounts of schoolwork and aims.

“I love Miss Stacy with my whole heart, Marilla. She is so ladylike and she has such a sweet voice. When she pronounces my name I feel *instinctively* that she’s spelling it with an E. We had recitations this afternoon. I just wish you could have been there to hear me recite ‘Mary, Queen of Scots.’ I just put my whole soul into it. Ruby Gillis told me coming home that the way I said the line, ‘Now for my father’s arm,’ she said, ‘my woman’s heart farewell,’ just made her blood run cold.”

“Well now, you might recite it for me some of these days, out in the barn,” suggested Matthew.

“Of course I will,” said Anne meditatively, “but I won’t be able to do it so well, I know. It won’t be so exciting as it is when you have a whole schoolful before you hanging breathlessly on your words. I know I won’t be able to make your blood run cold.”

“Mrs. Lynde says it made *her* blood run cold to see the boys climbing to the very tops of those big trees on Bell’s hill after crows’ nests last Friday,” said Marilla. “I wonder at Miss Stacy for encouraging it.”

“But we wanted a crow’s nest for nature study,” explained Anne. “That was on our field afternoon. Field afternoons are splendid, Marilla. And Miss Stacy explains everything so beautifully. We have to write compositions on our field afternoons and I write the best ones.”

“It’s very vain of you to say so then. You’d better let your teacher say it.”

“But she *did* say it, Marilla. And indeed I’m not vain about it. How can I be, when I’m such a dunce at geometry? Although I’m really beginning to see through it a little, too. Miss Stacy makes it so clear. Still, I’ll never be good at it and I assure you it is a humbling reflection. But I love writing compositions. Mostly Miss Stacy lets us choose our own subjects; but next week we are to write a composition on some remarkable person. It’s hard to choose among so many remarkable people who have lived. Mustn’t it be splendid to be remarkable and have compositions written about you after you’re dead? Oh, I would dearly love to be remarkable. I think when I grow up I’ll be a trained nurse and go with the Red Crosses to the field of battle as a messenger of mercy. That is, if I don’t go out as a foreign missionary. That would be very romantic, but one would have to be very good to be a missionary, and that would be a stumbling block. We have physical culture exercises every day, too. They make you graceful and promote digestion.”

“Promote fiddlesticks!” said Marilla, who honestly thought it was all nonsense.

But all the field afternoons and recitation Fridays and physical culture contortions paled before a project which Miss Stacy brought forward in November. This was that the scholars of Avonlea school should get up a concert and hold it in the hall on Christmas Night, for the laudable purpose of helping to pay for a schoolhouse flag. The pupils one and all taking graciously to this plan, the preparations for a program were begun at once. And of all the excited performers-elect none was so excited as Anne Shirley, who threw herself into the undertaking heart and soul, hampered as she was by Marilla’s disapproval. Marilla thought it all rank foolishness.

“It’s just filling your heads up with nonsense and taking time that ought to be put on your lessons,” she grumbled. “I don’t approve of children’s getting up concerts and racing about to practices. It makes them vain and forward and fond of gadding.”

“But think of the worthy object,” pleaded Anne. “A flag will cultivate a spirit of patriotism, Marilla.”

“Fudge! There’s precious little patriotism in the thoughts of any of you. All you want is a good time.”

“Well, when you can combine patriotism and fun, isn’t it all right? Of course it’s real nice to be getting up a concert. We’re going to have six choruses and Diana is to sing a solo. I’m in two dialogues—“The Society for the

Suppression of Gossip' and 'The Fairy Queen.' The boys are going to have a dialogue too. And I'm to have two recitations, Marilla. I just tremble when I think of it, but it's a nice thrilly kind of tremble. And we're to have a tableau at the last—'Faith, Hope and Charity.' Diana and Ruby and I are to be in it, all draped in white with flowing hair. I'm to be Hope, with my hands clasped—so—and my eyes uplifted. I'm going to practice my recitations in the garret. Don't be alarmed if you hear me groaning. I have to groan heartrendingly in one of them, and it's really hard to get up a good artistic groan, Marilla. Josie Pye is sulky because she didn't get the part she wanted in the dialogue. She wanted to be the fairy queen. That would have been ridiculous, for who ever heard of a fairy queen as fat as Josie? Fairy queens must be slender. Jane Andrews is to be the queen and I am to be one of her maids of honor. Josie says she thinks a red-haired fairy is just as ridiculous as a fat one, but I do not let myself mind what Josie says. I'm to have a wreath of white roses on my hair and Ruby Gillis is going to lend me her slippers because I haven't any of my own. It's necessary for fairies to have slippers, you know. You couldn't imagine a fairy wearing boots, could you? Especially with copper toes? We are going to decorate the hall with creeping spruce and fir mottoes with pink tissue-paper roses in them. And we are all to march in two by two after the audience is seated, while Emma White plays a march on the organ. Oh, Marilla, I know you are

not so enthusiastic about it as I am, but don't you hope your little Anne will distinguish herself?"

"All I hope is that you'll behave yourself. I'll be heartily glad when all this fuss is over and you'll be able to settle down. You are simply good for nothing just now with your head stuffed full of dialogues and groans and tableaux. As for your tongue, it's a marvel it's not clean worn out."

Anne sighed and betook herself to the back yard, over which a young new moon was shining through the leafless poplar boughs from an apple-green western sky, and where Matthew was splitting wood. Anne perched herself on a block and talked the concert over with him, sure of an appreciative and sympathetic listener in this instance at least.

"Well now, I reckon it's going to be a pretty good concert. And I expect you'll do your part fine," he said, smiling down into her eager, vivacious little face. Anne smiled back at him. Those two were the best of friends and Matthew thanked his stars many a time and oft that he had nothing to do with bringing her up. That was Marilla's exclusive duty; if it had been his he would have been worried over frequent conflicts between inclination and said duty. As it was, he was free to, "spoil Anne"—Marilla's phrasing—as much as he liked. But it was not such a bad arrangement after all; a little "appreciation" sometimes

does quite as much good as all the conscientious “bringing up” in the world.

CHAPTER XXV.

MATTHEW INSISTS ON PUFFED SLEEVES

MATTHEW was having a bad ten minutes of it. He had come into the kitchen, in the twilight of a cold, gray December evening, and had sat down in the woodbox corner to take off his heavy boots, unconscious of the fact that Anne and a bevy of her schoolmates were having a practice of “The Fairy Queen” in the sitting room. Presently they came trooping through the hall and out into the kitchen, laughing and chattering gaily. They did not see Matthew, who shrank bashfully back into the shadows beyond the woodbox with a boot in one hand and a bootjack in the other, and he watched them shyly for the aforesaid ten minutes as they put on caps and jackets and talked about the dialogue and the concert. Anne stood among them, bright eyed and animated as they; but Matthew suddenly became conscious that there was something about her different from her mates. And what worried Matthew was that the difference impressed him as being something that should not exist. Anne had a brighter face, and bigger, starrier eyes, and more delicate features than the other; even shy, unobservant Matthew had learned to take note of these

things; but the difference that disturbed him did not consist in any of these respects. Then in what did it consist?

Matthew was haunted by this question long after the girls had gone, arm in arm, down the long, hard-frozen lane and Anne had betaken herself to her books. He could not refer it to Marilla, who, he felt, would be quite sure to sniff scornfully and remark that the only difference she saw between Anne and the other girls was that they sometimes kept their tongues quiet while Anne never did. This, Matthew felt, would be no great help.

He had recourse to his pipe that evening to help him study it out, much to Marilla's disgust. After two hours of smoking and hard reflection Matthew arrived at a solution of his problem. Anne was not dressed like the other girls!

The more Matthew thought about the matter the more he was convinced that Anne never had been dressed like the other girls—never since she had come to Green Gables. Marilla kept her clothed in plain, dark dresses, all made after the same unvarying pattern. If Matthew knew there was such a thing as fashion in dress it was as much as he did; but he was quite sure that Anne's sleeves did not look at all like the sleeves the other girls wore. He recalled the cluster of little girls he had seen around her that evening—all gay in waists of red and blue and pink and white—and he wondered why Marilla always kept her so plainly and soberly gowned.

Of course, it must be all right. Marilla knew best and Marilla was bringing her up. Probably some wise, inscrutable motive was to be served thereby. But surely it would do no harm to let the child have one pretty dress—something like Diana Barry always wore. Matthew decided that he would give her one; that surely could not be objected to as an unwarranted putting in of his oar. Christmas was only a fortnight off. A nice new dress would be the very thing for a present. Matthew, with a sigh of satisfaction, put away his pipe and went to bed, while Marilla opened all the doors and aired the house.

The very next evening Matthew betook himself to Carmody to buy the dress, determined to get the worst over and have done with it. It would be, he felt assured, no trifling ordeal. There were some things Matthew could buy and prove himself no mean bargainer; but he knew he would be at the mercy of shopkeepers when it came to buying a girl's dress.

After much cogitation Matthew resolved to go to Samuel Lawson's store instead of William Blair's. To be sure, the Cuthberts always had gone to William Blair's; it was almost as much a matter of conscience with them as to attend the Presbyterian church and vote Conservative. But William Blair's two daughters frequently waited on customers there and Matthew held them in absolute dread. He could contrive to deal with them when he knew exactly what he wanted and could point it out; but in such a

matter as this, requiring explanation and consultation, Matthew felt that he must be sure of a man behind the counter. So he would go to Lawson's, where Samuel or his son would wait on him.

Alas! Matthew did not know that Samuel, in the recent expansion of his business, had set up a lady clerk also; she was a niece of his wife's and a very dashing young person indeed, with a huge, drooping pompadour, big, rolling brown eyes, and a most extensive and bewildering smile. She was dressed with exceeding smartness and wore several bangle bracelets that glittered and rattled and tinkled with every movement of her hands. Matthew was covered with confusion at finding her there at all; and those bangles completely wrecked his wits at one fell swoop.

"What can I do for you this evening, Mr. Cuthbert?" Miss Lucilla Harris inquired, briskly and ingratiatingly, tapping the counter with both hands.

"Have you any—any—any—well now, say any garden rakes?" stammered Matthew.

Miss Harris looked somewhat surprised, as well she might, to hear a man inquiring for garden rakes in the middle of December.

"I believe we have one or two left over," she said, "but they're upstairs in the lumber room. I'll go and see." During her absence Matthew collected his scattered senses for another effort.

When Miss Harris returned with the rake and cheerfully inquired: "Anything else tonight, Mr. Cuthbert?" Matthew took his courage in both hands and replied: "Well now, since you suggest it, I might as well—take—that is—look at—buy some—some hayseed."

Miss Harris had heard Matthew Cuthbert called odd. She now concluded that he was entirely crazy.

"We only keep hayseed in the spring," she explained loftily. "We've none on hand just now."

"Oh, certainly—certainly—just as you say," stammered unhappy Matthew, seizing the rake and making for the door. At the threshold he recollected that he had not paid for it and he turned miserably back. While Miss Harris was counting out his change he rallied his powers for a final desperate attempt.

"Well now—if it isn't too much trouble—I might as well—that is—I'd like to look at—at—some sugar."

"White or brown?" queried Miss Harris patiently.

"Oh—well now—brown," said Matthew feebly.

"There's a barrel of it over there," said Miss Harris, shaking her bangles at it. "It's the only kind we have."

"I'll—I'll take twenty pounds of it," said Matthew, with beads of perspiration standing on his forehead.

Matthew had driven halfway home before he was his own man again. It had been a gruesome experience, but it served him right, he thought, for committing the heresy of going to a strange store. When he reached home he hid the

rake in the tool house, but the sugar he carried in to Marilla.

“Brown sugar!” exclaimed Marilla. “Whatever possessed you to get so much? You know I never use it except for the hired man’s porridge or black fruit cake. Jerry’s gone and I’ve made my cake long ago. It’s not good sugar, either—it’s coarse and dark—William Blair doesn’t usually keep sugar like that.”

“I—I thought it might come in handy sometime,” said Matthew, making good his escape.

When Matthew came to think the matter over he decided that a woman was required to cope with the situation. Marilla was out of the question. Matthew felt sure she would throw cold water on his project at once. Remained only Mrs. Lynde; for of no other woman in Avonlea would Matthew have dared to ask advice. To Mrs. Lynde he went accordingly, and that good lady promptly took the matter out of the harassed man’s hands.

“Pick out a dress for you to give Anne? To be sure I will. I’m going to Carmody tomorrow and I’ll attend to it. Have you something particular in mind? No? Well, I’ll just go by my own judgment then. I believe a nice rich brown would just suit Anne, and William Blair has some new gloria in that’s real pretty. Perhaps you’d like me to make it up for her, too, seeing that if Marilla was to make it Anne would probably get wind of it before the time and spoil the surprise? Well, I’ll do it. No, it isn’t a mite of trouble. I like

sewing. I'll make it to fit my niece, Jenny Gillis, for she and Anne are as like as two peas as far as figure goes."

"Well now, I'm much obliged," said Matthew, "and—and—I dunno—but I'd like—I think they make the sleeves different nowadays to what they used to be. If it wouldn't be asking too much I—I'd like them made in the new way."

"Puffs? Of course. You needn't worry a speck more about it, Matthew. I'll make it up in the very latest fashion," said Mrs. Lynde. To herself she added when Matthew had gone:

"It'll be a real satisfaction to see that poor child wearing something decent for once. The way Marilla dresses her is positively ridiculous, that's what, and I've ached to tell her so plainly a dozen times. I've held my tongue though, for I can see Marilla doesn't want advice and she thinks she knows more about bringing children up than I do for all she's an old maid. But that's always the way. Folks that has brought up children know that there's no hard and fast method in the world that'll suit every child. But them as never have think it's all as plain and easy as Rule of Three—just set your three terms down so fashion, and the sum 'll work out correct. But flesh and blood don't come under the head of arithmetic and that's where Marilla Cuthbert makes her mistake. I suppose she's trying to cultivate a spirit of humility in Anne by dressing her as she does; but it's more likely to cultivate envy and

discontent. I'm sure the child must feel the difference between her clothes and the other girls'. But to think of Matthew taking notice of it! That man is waking up after being asleep for over sixty years."

Marilla knew all the following fortnight that Matthew had something on his mind, but what it was she could not guess, until Christmas Eve, when Mrs. Lynde brought up the new dress. Marilla behaved pretty well on the whole, although it is very likely she distrusted Mrs. Lynde's diplomatic explanation that she had made the dress because Matthew was afraid Anne would find out about it too soon if Marilla made it.

"So this is what Matthew has been looking so mysterious over and grinning about to himself for two weeks, is it?" she said a little stiffly but tolerantly. "I knew he was up to some foolishness. Well, I must say I don't think Anne needed any more dresses. I made her three good, warm, serviceable ones this fall, and anything more is sheer extravagance. There's enough material in those sleeves alone to make a waist, I declare there is. You'll just pamper Anne's vanity, Matthew, and she's as vain as a peacock now. Well, I hope she'll be satisfied at last, for I know she's been hankering after those silly sleeves ever since they came in, although she never said a word after the first. The puffs have been getting bigger and more ridiculous right along; they're as big as balloons now. Next

year anybody who wears them will have to go through a door sideways.”

Christmas morning broke on a beautiful white world. It had been a very mild December and people had looked forward to a green Christmas; but just enough snow fell softly in the night to transfigure Avonlea. Anne peeped out from her frosted gable window with delighted eyes. The firs in the Haunted Wood were all feathery and wonderful; the birches and wild cherry trees were outlined in pearl; the plowed fields were stretches of snowy dimples; and there was a crisp tang in the air that was glorious. Anne ran downstairs singing until her voice reechoed through Green Gables.

“Merry Christmas, Marilla! Merry Christmas, Matthew! Isn’t it a lovely Christmas? I’m so glad it’s white. Any other kind of Christmas doesn’t seem real, does it? I don’t like green Christmases. They’re not green—they’re just nasty faded browns and grays. What makes people call them green? Why—why—Matthew, is that for me? Oh, Matthew!”

Matthew had sheepishly unfolded the dress from its paper swathings and held it out with a deprecatory glance at Marilla, who feigned to be contemptuously filling the teapot, but nevertheless watched the scene out of the corner of her eye with a rather interested air.

Anne took the dress and looked at it in reverent silence. Oh, how pretty it was—a lovely soft brown gloria

with all the gloss of silk; a skirt with dainty frills and shirrings; a waist elaborately pintucked in the most fashionable way, with a little ruffle of filmy lace at the neck. But the sleeves—they were the crowning glory! Long elbow cuffs, and above them two beautiful puffs divided by rows of shirring and bows of brown-silk ribbon.

“That’s a Christmas present for you, Anne,” said Matthew shyly. “Why—why—Anne, don’t you like it? Well now—well now.”

For Anne’s eyes had suddenly filled with tears.

“Like it! Oh, Matthew!” Anne laid the dress over a chair and clasped her hands. “Matthew, it’s perfectly exquisite. Oh, I can never thank you enough. Look at those sleeves! Oh, it seems to me this must be a happy dream.”

“Well, well, let us have breakfast,” interrupted Marilla. “I must say, Anne, I don’t think you needed the dress; but since Matthew has got it for you, see that you take good care of it. There’s a hair ribbon Mrs. Lynde left for you. It’s brown, to match the dress. Come now, sit in.”

“I don’t see how I’m going to eat breakfast,” said Anne rapturously. “Breakfast seems so commonplace at such an exciting moment. I’d rather feast my eyes on that dress. I’m so glad that puffed sleeves are still fashionable. It did seem to me that I’d never get over it if they went out before I had a dress with them. I’d never have felt quite satisfied, you see. It was lovely of Mrs. Lynde to give me the ribbon too. I feel that I ought to be a very good girl

indeed. It's at times like this I'm sorry I'm not a model little girl; and I always resolve that I will be in future. But somehow it's hard to carry out your resolutions when irresistible temptations come. Still, I really will make an extra effort after this."

When the commonplace breakfast was over Diana appeared, crossing the white log bridge in the hollow, a gay little figure in her crimson ulster. Anne flew down the slope to meet her.

"Merry Christmas, Diana! And oh, it's a wonderful Christmas. I've something splendid to show you. Matthew has given me the loveliest dress, with *such* sleeves. I couldn't even imagine any nicer."

"I've got something more for you," said Diana breathlessly. "Here—this box. Aunt Josephine sent us out a big box with ever so many things in it—and this is for you. I'd have brought it over last night, but it didn't come until after dark, and I never feel very comfortable coming through the Haunted Wood in the dark now."

Anne opened the box and peeped in. First a card with "For the Anne-girl and Merry Christmas," written on it; and then, a pair of the daintiest little kid slippers, with beaded toes and satin bows and glistening buckles.

"Oh," said Anne, "Diana, this is too much. I must be dreaming."

"I call it providential," said Diana. "You won't have to borrow Ruby's slippers now, and that's a blessing, for

they're two sizes too big for you, and it would be awful to hear a fairy shuffling. Josie Pye would be delighted. Mind you, Rob Wright went home with Gertie Pye from the practice night before last. Did you ever hear anything equal to that?"

All the Avonlea scholars were in a fever of excitement that day, for the hall had to be decorated and a last grand rehearsal held.

The concert came off in the evening and was a pronounced success. The little hall was crowded; all the performers did excellently well, but Anne was the bright particular star of the occasion, as even envy, in the shape of Josie Pye, dared not deny.

"Oh, hasn't it been a brilliant evening?" sighed Anne, when it was all over and she and Diana were walking home together under a dark, starry sky.

"Everything went off very well," said Diana practically. "I guess we must have made as much as ten dollars. Mind you, Mr. Allan is going to send an account of it to the Charlottetown papers."

"Oh, Diana, will we really see our names in print? It makes me thrill to think of it. Your solo was perfectly elegant, Diana. I felt prouder than you did when it was encored. I just said to myself, 'It is my dear bosom friend who is so honored.'"

"Well, your recitations just brought down the house, Anne. That sad one was simply splendid."

“Oh, I was so nervous, Diana. When Mr. Allan called out my name I really cannot tell how I ever got up on that platform. I felt as if a million eyes were looking at me and through me, and for one dreadful moment I was sure I couldn’t begin at all. Then I thought of my lovely puffed sleeves and took courage. I knew that I must live up to those sleeves, Diana. So I started in, and my voice seemed to be coming from ever so far away. I just felt like a parrot. It’s providential that I practiced those recitations so often up in the garret, or I’d never have been able to get through. Did I groan all right?”

“Yes, indeed, you groaned lovely,” assured Diana.

“I saw old Mrs. Sloane wiping away tears when I sat down. It was splendid to think I had touched somebody’s heart. It’s so romantic to take part in a concert, isn’t it? Oh, it’s been a very memorable occasion indeed.”

“Wasn’t the boys’ dialogue fine?” said Diana. “Gilbert Blythe was just splendid. Anne, I do think it’s awful mean the way you treat Gil. Wait till I tell you. When you ran off the platform after the fairy dialogue one of your roses fell out of your hair. I saw Gil pick it up and put it in his breast pocket. There now. You’re so romantic that I’m sure you ought to be pleased at that.”

“It’s nothing to me what that person does,” said Anne loftily. “I simply never waste a thought on him, Diana.”

That night Marilla and Matthew, who had been out to a concert for the first time in twenty years, sat for a while by the kitchen fire after Anne had gone to bed.

“Well now, I guess our Anne did as well as any of them,” said Matthew proudly.

“Yes, she did,” admitted Marilla. “She’s a bright child, Matthew. And she looked real nice too. I’ve been kind of opposed to this concert scheme, but I suppose there’s no real harm in it after all. Anyhow, I was proud of Anne tonight, although I’m not going to tell her so.”

“Well now, I was proud of her and I did tell her so ‘fore she went upstairs,” said Matthew. “We must see what we can do for her some of these days, Marilla. I guess she’ll need something more than Avonlea school by and by.”

“There’s time enough to think of that,” said Marilla. “She’s only thirteen in March. Though tonight it struck me she was growing quite a big girl. Mrs. Lynde made that dress a mite too long, and it makes Anne look so tall. She’s quick to learn and I guess the best thing we can do for her will be to send her to Queen’s after a spell. But nothing need be said about that for a year or two yet.”

“Well now, it’ll do no harm to be thinking it over off and on,” said Matthew. “Things like that are all the better for lots of thinking over.”

CHAPTER XXVI.

THE STORY CLUB IS FORMED

JUNIOR Avonlea found it hard to settle down to humdrum existence again. To Anne in particular things seemed fearfully flat, stale, and unprofitable after the goblet of excitement she had been sipping for weeks. Could she go back to the former quiet pleasures of those faraway days before the concert? At first, as she told Diana, she did not really think she could.

“I’m positively certain, Diana, that life can never be quite the same again as it was in those olden days,” she said mournfully, as if referring to a period of at least fifty years back. “Perhaps after a while I’ll get used to it, but I’m afraid concerts spoil people for everyday life. I suppose that is why Marilla disapproves of them. Marilla is such a sensible woman. It must be a great deal better to be sensible; but still, I don’t believe I’d really want to be a sensible person, because they are so unromantic. Mrs. Lynde says there is no danger of my ever being one, but you can never tell. I feel just now that I may grow up to be sensible yet. But perhaps that is only because I’m tired. I simply couldn’t sleep last night for ever so long. I just lay awake and imagined the concert over and over again. That’s one splendid thing about such affairs—it’s so lovely to look back to them.”

Eventually, however, Avonlea school slipped back into its old groove and took up its old interests. To be sure, the concert left traces. Ruby Gillis and Emma White, who had quarreled over a point of precedence in their platform seats, no longer sat at the same desk, and a promising friendship of three years was broken up. Josie Pye and Julia Bell did not “speak” for three months, because Josie Pye had told Bessie Wright that Julia Bell’s bow when she got up to recite made her think of a chicken jerking its head, and Bessie told Julia. None of the Sloanes would have any dealings with the Bells, because the Bells had declared that the Sloanes had too much to do in the program, and the Sloanes had retorted that the Bells were not capable of doing the little they had to do properly. Finally, Charlie Sloane fought Moody Spurgeon MacPherson, because Moody Spurgeon had said that Anne Shirley put on airs about her recitations, and Moody Spurgeon was “licked”; consequently Moody Spurgeon’s sister, Ella May, would not “speak” to Anne Shirley all the rest of the winter. With the exception of these trifling frictions, work in Miss Stacy’s little kingdom went on with regularity and smoothness.

The winter weeks slipped by. It was an unusually mild winter, with so little snow that Anne and Diana could go to school nearly every day by way of the Birch Path. On Anne’s birthday they were tripping lightly down it, keeping eyes and ears alert amid all their chatter, for Miss Stacy

had told them that they must soon write a composition on "A Winter's Walk in the Woods," and it behooved them to be observant.

"Just think, Diana, I'm thirteen years old today," remarked Anne in an awed voice. "I can scarcely realize that I'm in my teens. When I woke this morning it seemed to me that everything must be different. You've been thirteen for a month, so I suppose it doesn't seem such a novelty to you as it does to me. It makes life seem so much more interesting. In two more years I'll be really grown up. It's a great comfort to think that I'll be able to use big words then without being laughed at."

"Ruby Gillis says she means to have a beau as soon as she's fifteen," said Diana.

"Ruby Gillis thinks of nothing but beaus," said Anne disdainfully. "She's actually delighted when anyone writes her name up in a take-notice for all she pretends to be so mad. But I'm afraid that is an uncharitable speech. Mrs. Allan says we should never make uncharitable speeches; but they do slip out so often before you think, don't they? I simply can't talk about Josie Pye without making an uncharitable speech, so I never mention her at all. You may have noticed that. I'm trying to be as much like Mrs. Allan as I possibly can, for I think she's perfect. Mr. Allan thinks so too. Mrs. Lynde says he just worships the ground she treads on and she doesn't really think it right for a minister to set his affections so much on a mortal being.

But then, Diana, even ministers are human and have their besetting sins just like everybody else. I had such an interesting talk with Mrs. Allan about besetting sins last Sunday afternoon. There are just a few things it's proper to talk about on Sundays and that is one of them. My besetting sin is imagining too much and forgetting my duties. I'm striving very hard to overcome it and now that I'm really thirteen perhaps I'll get on better."

"In four more years we'll be able to put our hair up," said Diana. "Alice Bell is only sixteen and she is wearing hers up, but I think that's ridiculous. I shall wait until I'm seventeen."

"If I had Alice Bell's crooked nose," said Anne decidedly, "I wouldn't—but there! I won't say what I was going to because it was extremely uncharitable. Besides, I was comparing it with my own nose and that's vanity. I'm afraid I think too much about my nose ever since I heard that compliment about it long ago. It really is a great comfort to me. Oh, Diana, look, there's a rabbit. That's something to remember for our woods composition. I really think the woods are just as lovely in winter as in summer. They're so white and still, as if they were asleep and dreaming pretty dreams."

"I won't mind writing that composition when its time comes," sighed Diana. "I can manage to write about the woods, but the one we're to hand in Monday is terrible."

The idea of Miss Stacy telling us to write a story out of our own heads!”

“Why, it’s as easy as wink,” said Anne.

“It’s easy for you because you have an imagination,” retorted Diana, “but what would you do if you had been born without one? I suppose you have your composition all done?”

Anne nodded, trying hard not to look virtuously complacent and failing miserably.

“I wrote it last Monday evening. It’s called ‘The Jealous Rival; or In Death Not Divided.’ I read it to Marilla and she said it was stuff and nonsense. Then I read it to Matthew and he said it was fine. That is the kind of critic I like. It’s a sad, sweet story. I just cried like a child while I was writing it. It’s about two beautiful maidens called Cordelia Montmorency and Geraldine Seymour who lived in the same village and were devotedly attached to each other. Cordelia was a regal brunette with a coronet of midnight hair and duskily flashing eyes. Geraldine was a queenly blonde with hair like spun gold and velvety purple eyes.”

“I never saw anybody with purple eyes,” said Diana dubiously.

“Neither did I. I just imagined them. I wanted something out of the common. Geraldine had an alabaster brow too. I’ve found out what an alabaster brow is. That is

one of the advantages of being thirteen. You know so much more than you did when you were only twelve.”

“Well, what became of Cordelia and Geraldine?” asked Diana, who was beginning to feel rather interested in their fate.

“They grew in beauty side by side until they were sixteen. Then Bertram DeVere came to their native village and fell in love with the fair Geraldine. He saved her life when her horse ran away with her in a carriage, and she fainted in his arms and he carried her home three miles; because, you understand, the carriage was all smashed up. I found it rather hard to imagine the proposal because I had no experience to go by. I asked Ruby Gillis if she knew anything about how men proposed because I thought she’d likely be an authority on the subject, having so many sisters married. Ruby told me she was hid in the hall pantry when Malcolm Andres proposed to her sister Susan. She said Malcolm told Susan that his dad had given him the farm in his own name and then said, ‘What do you say, darling pet, if we get hitched this fall?’ And Susan said, ‘Yes—no—I don’t know—let me see’—and there they were, engaged as quick as that. But I didn’t think that sort of a proposal was a very romantic one, so in the end I had to imagine it out as well as I could. I made it very flowery and poetical and Bertram went on his knees, although Ruby Gillis says it isn’t done nowadays. Geraldine accepted him in a speech a page long. I can tell you I took a lot of trouble

with that speech. I rewrote it five times and I look upon it as my masterpiece. Bertram gave her a diamond ring and a ruby necklace and told her they would go to Europe for a wedding tour, for he was immensely wealthy. But then, alas, shadows began to darken over their path. Cordelia was secretly in love with Bertram herself and when Geraldine told her about the engagement she was simply furious, especially when she saw the necklace and the diamond ring. All her affection for Geraldine turned to bitter hate and she vowed that she should never marry Bertram. But she pretended to be Geraldine's friend the same as ever. One evening they were standing on the bridge over a rushing turbulent stream and Cordelia, thinking they were alone, pushed Geraldine over the brink with a wild, mocking, 'Ha, ha, ha.' But Bertram saw it all and he at once plunged into the current, exclaiming, 'I will save thee, my peerless Geraldine.' But alas, he had forgotten he couldn't swim, and they were both drowned, clasped in each other's arms. Their bodies were washed ashore soon afterwards. They were buried in the one grave and their funeral was most imposing, Diana. It's so much more romantic to end a story up with a funeral than a wedding. As for Cordelia, she went insane with remorse and was shut up in a lunatic asylum. I thought that was a poetical retribution for her crime."

"How perfectly lovely!" sighed Diana, who belonged to Matthew's school of critics. "I don't see how you can

make up such thrilling things out of your own head, Anne. I wish my imagination was as good as yours.”

“It would be if you’d only cultivate it,” said Anne cheerfully. “I’ve just thought of a plan, Diana. Let you and me have a story club all our own and write stories for practice. I’ll help you along until you can do them by yourself. You ought to cultivate your imagination, you know. Miss Stacy says so. Only we must take the right way. I told her about the Haunted Wood, but she said we went the wrong way about it in that.”

This was how the story club came into existence. It was limited to Diana and Anne at first, but soon it was extended to include Jane Andrews and Ruby Gillis and one or two others who felt that their imaginations needed cultivating. No boys were allowed in it—although Ruby Gillis opined that their admission would make it more exciting—and each member had to produce one story a week.

“It’s extremely interesting,” Anne told Marilla. “Each girl has to read her story out loud and then we talk it over. We are going to keep them all sacredly and have them to read to our descendants. We each write under a nom-de-plume. Mine is Rosamond Montmorency. All the girls do pretty well. Ruby Gillis is rather sentimental. She puts too much lovmaking into her stories and you know too much is worse than too little. Jane never puts any because she says it makes her feel so silly when she had to

read it out loud. Jane's stories are extremely sensible. Then Diana puts too many murders into hers. She says most of the time she doesn't know what to do with the people so she kills them off to get rid of them. I mostly always have to tell them what to write about, but that isn't hard for I've millions of ideas."

"I think this story-writing business is the foolishhest yet," scoffed Marilla. "You'll get a pack of nonsense into your heads and waste time that should be put on your lessons. Reading stories is bad enough but writing them is worse."

"But we're so careful to put a moral into them all, Marilla," explained Anne. "I insist upon that. All the good people are rewarded and all the bad ones are suitably punished. I'm sure that must have a wholesome effect. The moral is the great thing. Mr. Allan says so. I read one of my stories to him and Mrs. Allan and they both agreed that the moral was excellent. Only they laughed in the wrong places. I like it better when people cry. Jane and Ruby almost always cry when I come to the pathetic parts. Diana wrote her Aunt Josephine about our club and her Aunt Josephine wrote back that we were to send her some of our stories. So we copied out four of our very best and sent them. Miss Josephine Barry wrote back that she had never read anything so amusing in her life. That kind of puzzled us because the stories were all very pathetic and almost everybody died. But I'm glad Miss Barry liked them. It

shows our club is doing some good in the world. Mrs. Allan says that ought to be our object in everything. I do really try to make it my object but I forget so often when I'm having fun. I hope I shall be a little like Mrs. Allan when I grow up. Do you think there is any prospect of it, Marilla?"

"I shouldn't say there was a great deal" was Marilla's encouraging answer. "I'm sure Mrs. Allan was never such a silly, forgetful little girl as you are."

"No; but she wasn't always so good as she is now either," said Anne seriously. "She told me so herself—that is, she said she was a dreadful mischief when she was a girl and was always getting into scrapes. I felt so encouraged when I heard that. Is it very wicked of me, Marilla, to feel encouraged when I hear that other people have been bad and mischievous? Mrs. Lynde says it is. Mrs. Lynde says she always feels shocked when she hears of anyone ever having been naughty, no matter how small they were. Mrs. Lynde says she once heard a minister confess that when he was a boy he stole a strawberry tart out of his aunt's pantry and she never had any respect for that minister again. Now, I wouldn't have felt that way. I'd have thought that it was real noble of him to confess it, and I'd have thought what an encouraging thing it would be for small boys nowadays who do naughty things and are sorry for them to know that perhaps they may grow up to be ministers in spite of it. That's how I'd feel, Marilla."

“The way I feel at present, Anne,” said Marilla, “is that it’s high time you had those dishes washed. You’ve taken half an hour longer than you should with all your chattering. Learn to work first and talk afterwards.”

CHAPTER XXVII.

VANITY AND VEXATION OF SPIRIT

Marilla, walking home one late April evening from an Aid meeting, realized that the winter was over and gone with the thrill of delight that spring never fails to bring to the oldest and saddest as well as to the youngest and merriest. Marilla was not given to subjective analysis of her thoughts and feelings. She probably imagined that she was thinking about the Aids and their missionary box and the new carpet for the vestry room, but under these reflections was a harmonious consciousness of red fields smoking into pale-purple mists in the declining sun, of long, sharp-pointed fir shadows falling over the meadow beyond the brook, of still, crimson-budded maples around a mirrorlike wood pool, of a wakening in the world and a stir of hidden pulses under the gray sod. The spring was abroad in the land and Marilla's sober, middle-aged step was lighter and swifter because of its deep, primal gladness.

Her eyes dwelt affectionately on Green Gables, peering through its network of trees and reflecting the sunlight back from its windows in several little coruscations of glory. Marilla, as she picked her steps along the damp lane, thought that it was really a satisfaction to know that she was going home to a briskly

snapping wood fire and a table nicely spread for tea, instead of to the cold comfort of old Aid meeting evenings before Anne had come to Green Gables.

Consequently, when Marilla entered her kitchen and found the fire black out, with no sign of Anne anywhere, she felt justly disappointed and irritated. She had told Anne to be sure and have tea ready at five o'clock, but now she must hurry to take off her second-best dress and prepare the meal herself against Matthew's return from plowing.

"I'll settle Miss Anne when she comes home," said Marilla grimly, as she shaved up kindlings with a carving knife and with more vim than was strictly necessary. Matthew had come in and was waiting patiently for his tea in his corner. "She's gadding off somewhere with Diana, writing stories or practicing dialogues or some such tomfoolery, and never thinking once about the time or her duties. She's just got to be pulled up short and sudden on this sort of thing. I don't care if Mrs. Allan does say she's the brightest and sweetest child she ever knew. She may be bright and sweet enough, but her head is full of nonsense and there's never any knowing what shape it'll break out in next. Just as soon as she grows out of one freak she takes up with another. But there! Here I am saying the very thing I was so riled with Rachel Lynde for saying at the Aid today. I was real glad when Mrs. Allan spoke up for Anne, for if she hadn't I know I'd have said something too sharp

to Rachel before everybody. Anne's got plenty of faults, goodness knows, and far be it from me to deny it. But I'm bringing her up and not Rachel Lynde, who'd pick faults in the Angel Gabriel himself if he lived in Avonlea. Just the same, Anne has no business to leave the house like this when I told her she was to stay home this afternoon and look after things. I must say, with all her faults, I never found her disobedient or untrustworthy before and I'm real sorry to find her so now."

"Well now, I dunno," said Matthew, who, being patient and wise and, above all, hungry, had deemed it best to let Marilla talk her wrath out unhindered, having learned by experience that she got through with whatever work was on hand much quicker if not delayed by untimely argument. "Perhaps you're judging her too hasty, Marilla. Don't call her untrustworthy until you're sure she has disobeyed you. Mebbe it can all be explained—Anne's a great hand at explaining."

"She's not here when I told her to stay," retorted Marilla. "I reckon she'll find it hard to explain *that* to my satisfaction. Of course I knew you'd take her part, Matthew. But I'm bringing her up, not you."

It was dark when supper was ready, and still no sign of Anne, coming hurriedly over the log bridge or up Lover's Lane, breathless and repentant with a sense of neglected duties. Marilla washed and put away the dishes grimly. Then, wanting a candle to light her way down the cellar,

she went up to the east gable for the one that generally stood on Anne's table. Lighting it, she turned around to see Anne herself lying on the bed, face downward among the pillows.

"Mercy on us," said astonished Marilla, "have you been asleep, Anne?"

"No," was the muffled reply.

"Are you sick then?" demanded Marilla anxiously, going over to the bed.

Anne cowered deeper into her pillows as if desirous of hiding herself forever from mortal eyes.

"No. But please, Marilla, go away and don't look at me. I'm in the depths of despair and I don't care who gets head in class or writes the best composition or sings in the Sunday-school choir any more. Little things like that are of no importance now because I don't suppose I'll ever be able to go anywhere again. My career is closed. Please, Marilla, go away and don't look at me."

"Did anyone ever hear the like?" the mystified Marilla wanted to know. "Anne Shirley, whatever is the matter with you? What have you done? Get right up this minute and tell me. This minute, I say. There now, what is it?"

Anne had slid to the floor in despairing obedience.

"Look at my hair, Marilla," she whispered.

Accordingly, Marilla lifted her candle and looked scrutinizingly at Anne's hair, flowing in heavy masses down her back. It certainly had a very strange appearance.

“Anne Shirley, what have you done to your hair? Why, it’s *green!*”

Green it might be called, if it were any earthly color—a queer, dull, bronzy green, with streaks here and there of the original red to heighten the ghastly effect. Never in all her life had Marilla seen anything so grotesque as Anne’s hair at that moment.

“Yes, it’s green,” moaned Anne. “I thought nothing could be as bad as red hair. But now I know it’s ten times worse to have green hair. Oh, Marilla, you little know how utterly wretched I am.”

“I little know how you got into this fix, but I mean to find out,” said Marilla. “Come right down to the kitchen—it’s too cold up here—and tell me just what you’ve done. I’ve been expecting something queer for some time. You haven’t got into any scrape for over two months, and I was sure another one was due. Now, then, what did you do to your hair?”

“I dyed it.”

“Dyed it! Dyed your hair! Anne Shirley, didn’t you know it was a wicked thing to do?”

“Yes, I knew it was a little wicked,” admitted Anne. “But I thought it was worth while to be a little wicked to get rid of red hair. I counted the cost, Marilla. Besides, I meant to be extra good in other ways to make up for it.”

“Well,” said Marilla sarcastically, “if I’d decided it was worth while to dye my hair I’d have dyed it a decent color at least. I wouldn’t have dyed it green.”

“But I didn’t mean to dye it green, Marilla,” protested Anne dejectedly. “If I was wicked I meant to be wicked to some purpose. He said it would turn my hair a beautiful raven black—he positively assured me that it would. How could I doubt his word, Marilla? I know what it feels like to have your word doubted. And Mrs. Allan says we should never suspect anyone of not telling us the truth unless we have proof that they’re not. I have proof now—green hair is proof enough for anybody. But I hadn’t then and I believed every word he said *implicitly*.”

“Who said? Who are you talking about?”

“The peddler that was here this afternoon. I bought the dye from him.”

“Anne Shirley, how often have I told you never to let one of those Italians in the house! I don’t believe in encouraging them to come around at all.”

“Oh, I didn’t let him in the house. I remembered what you told me, and I went out, carefully shut the door, and looked at his things on the step. Besides, he wasn’t an Italian—he was a German Jew. He had a big box full of very interesting things and he told me he was working hard to make enough money to bring his wife and children out from Germany. He spoke so feelingly about them that it touched my heart. I wanted to buy something from him to

help him in such a worthy object. Then all at once I saw the bottle of hair dye. The peddler said it was warranted to dye any hair a beautiful raven black and wouldn't wash off. In a trice I saw myself with beautiful raven-black hair and the temptation was irresistible. But the price of the bottle was seventy-five cents and I had only fifty cents left out of my chicken money. I think the peddler had a very kind heart, for he said that, seeing it was me, he'd sell it for fifty cents and that was just giving it away. So I bought it, and as soon as he had gone I came up here and applied it with an old hairbrush as the directions said. I used up the whole bottle, and oh, Marilla, when I saw the dreadful color it turned my hair I repented of being wicked, I can tell you. And I've been repenting ever since."

"Well, I hope you'll repent to good purpose," said Marilla severely, "and that you've got your eyes opened to where your vanity has led you, Anne. Goodness knows what's to be done. I suppose the first thing is to give your hair a good washing and see if that will do any good."

Accordingly, Anne washed her hair, scrubbing it vigorously with soap and water, but for all the difference it made she might as well have been scouring its original red. The peddler had certainly spoken the truth when he declared that the dye wouldn't wash off, however his veracity might be impeached in other respects.

"Oh, Marilla, what shall I do?" questioned Anne in tears. "I can never live this down. People have pretty well

forgotten my other mistakes—the liniment cake and setting Diana drunk and flying into a temper with Mrs. Lynde. But they'll never forget this. They will think I am not respectable. Oh, Marilla, 'what a tangled web we weave when first we practice to deceive.' That is poetry, but it is true. And oh, how Josie Pye will laugh! Marilla, I *cannot* face Josie Pye. I am the unhappiest girl in Prince Edward Island.”

Anne's unhappiness continued for a week. During that time she went nowhere and shampooed her hair every day. Diana alone of outsiders knew the fatal secret, but she promised solemnly never to tell, and it may be stated here and now that she kept her word. At the end of the week Marilla said decidedly:

“It's no use, Anne. That is fast dye if ever there was any. Your hair must be cut off; there is no other way. You can't go out with it looking like that.”

Anne's lips quivered, but she realized the bitter truth of Marilla's remarks. With a dismal sigh she went for the scissors.

“Please cut it off at once, Marilla, and have it over. Oh, I feel that my heart is broken. This is such an unromantic affliction. The girls in books lose their hair in fevers or sell it to get money for some good deed, and I'm sure I wouldn't mind losing my hair in some such fashion half so much. But there is nothing comforting in having your hair cut off because you've dyed it a dreadful color, is

there? I'm going to weep all the time you're cutting it off, if it won't interfere. It seems such a tragic thing."

Anne wept then, but later on, when she went upstairs and looked in the glass, she was calm with despair. Marilla had done her work thoroughly and it had been necessary to shingle the hair as closely as possible. The result was not becoming, to state the case as mildly as may be. Anne promptly turned her glass to the wall.

"I'll never, never look at myself again until my hair grows," she exclaimed passionately.

Then she suddenly righted the glass.

"Yes, I will, too. I'd do penance for being wicked that way. I'll look at myself every time I come to my room and see how ugly I am. And I won't try to imagine it away, either. I never thought I was vain about my hair, of all things, but now I know I was, in spite of its being red, because it was so long and thick and curly. I expect something will happen to my nose next."

Anne's clipped head made a sensation in school on the following Monday, but to her relief nobody guessed the real reason for it, not even Josie Pye, who, however, did not fail to inform Anne that she looked like a perfect scarecrow.

"I didn't say anything when Josie said that to me," Anne confided that evening to Marilla, who was lying on the sofa after one of her headaches, "because I thought it was part of my punishment and I ought to bear it patiently.

It's hard to be told you look like a scarecrow and I wanted to say something back. But I didn't. I just swept her one scornful look and then I forgave her. It makes you feel very virtuous when you forgive people, doesn't it? I mean to devote all my energies to being good after this and I shall never try to be beautiful again. Of course it's better to be good. I know it is, but it's sometimes so hard to believe a thing even when you know it. I do really want to be good, Marilla, like you and Mrs. Allan and Miss Stacy, and grow up to be a credit to you. Diana says when my hair begins to grow to tie a black velvet ribbon around my head with a bow at one side. She says she thinks it will be very becoming. I will call it a snood—that sounds so romantic. But am I talking too much, Marilla? Does it hurt your head?"

"My head is better now. It was terrible bad this afternoon, though. These headaches of mine are getting worse and worse. I'll have to see a doctor about them. As for your chatter, I don't know that I mind it—I've got so used to it."

Which was Marilla's way of saying that she liked to hear it.

CHAPTER XXVIII.

AN UNFORTUNATE LILY MAID

OF course you must be Elaine, Anne,” said Diana. “I could never have the courage to float down there.”

“Nor I,” said Ruby Gillis, with a shiver. “I don’t mind floating down when there’s two or three of us in the flat and we can sit up. It’s fun then. But to lie down and pretend I was dead—I just couldn’t. I’d die really of fright.”

“Of course it would be romantic,” conceded Jane Andrews, “but I know I couldn’t keep still. I’d be popping up every minute or so to see where I was and if I wasn’t drifting too far out. And you know, Anne, that would spoil the effect.”

“But it’s so ridiculous to have a redheaded Elaine,” mourned Anne. “I’m not afraid to float down and I’d love to be Elaine. But it’s ridiculous just the same. Ruby ought to be Elaine because she is so fair and has such lovely long golden hair—Elaine had ‘all her bright hair streaming down,’ you know. And Elaine was the lily maid. Now, a red-haired person cannot be a lily maid.”

“Your complexion is just as fair as Ruby’s,” said Diana earnestly, “and your hair is ever so much darker than it used to be before you cut it.”

“Oh, do you really think so?” exclaimed Anne, flushing sensitively with delight. “I’ve sometimes thought it was myself—but I never dared to ask anyone for fear she would tell me it wasn’t. Do you think it could be called auburn now, Diana?”

“Yes, and I think it is real pretty,” said Diana, looking admiringly at the short, silky curls that clustered over Anne’s head and were held in place by a very jaunty black velvet ribbon and bow.

They were standing on the bank of the pond, below Orchard Slope, where a little headland fringed with birches ran out from the bank; at its tip was a small wooden platform built out into the water for the convenience of fishermen and duck hunters. Ruby and Jane were spending the midsummer afternoon with Diana, and Anne had come over to play with them.

Anne and Diana had spent most of their playtime that summer on and about the pond. Idlewild was a thing of the past, Mr. Bell having ruthlessly cut down the little circle of trees in his back pasture in the spring. Anne had sat among the stumps and wept, not without an eye to the romance of it; but she was speedily consoled, for, after all, as she and Diana said, big girls of thirteen, going on fourteen, were too old for such childish amusements as playhouses, and there were more fascinating sports to be found about the pond. It was splendid to fish for trout over the bridge and the two girls learned to row themselves

about in the little flat-bottomed dory Mr. Barry kept for duck shooting.

It was Anne's idea that they dramatize Elaine. They had studied Tennyson's poem in school the preceding winter, the Superintendent of Education having prescribed it in the English course for the Prince Edward Island schools. They had analyzed and parsed it and torn it to pieces in general until it was a wonder there was any meaning at all left in it for them, but at least the fair lily maid and Lancelot and Guinevere and King Arthur had become very real people to them, and Anne was devoured by secret regret that she had not been born in Camelot. Those days, she said, were so much more romantic than the present.

Anne's plan was hailed with enthusiasm. The girls had discovered that if the flat were pushed off from the landing place it would drift down with the current under the bridge and finally strand itself on another headland lower down which ran out at a curve in the pond. They had often gone down like this and nothing could be more convenient for playing Elaine.

"Well, I'll be Elaine," said Anne, yielding reluctantly, for, although she would have been delighted to play the principal character, yet her artistic sense demanded fitness for it and this, she felt, her limitations made impossible. "Ruby, you must be King Arthur and Jane will be Guinevere and Diana must be Lancelot. But first you must be the

brothers and the father. We can't have the old dumb servitor because there isn't room for two in the flat when one is lying down. We must pall the barge all its length in blackest samite. That old black shawl of your mother's will be just the thing, Diana."

The black shawl having been procured, Anne spread it over the flat and then lay down on the bottom, with closed eyes and hands folded over her breast.

"Oh, she does look really dead," whispered Ruby Gillis nervously, watching the still, white little face under the flickering shadows of the birches. "It makes me feel frightened, girls. Do you suppose it's really right to act like this? Mrs. Lynde says that all play-acting is abominably wicked."

"Ruby, you shouldn't talk about Mrs. Lynde," said Anne severely. "It spoils the effect because this is hundreds of years before Mrs. Lynde was born. Jane, you arrange this. It's silly for Elaine to be talking when she's dead."

Jane rose to the occasion. Cloth of gold for coverlet there was none, but an old piano scarf of yellow Japanese crepe was an excellent substitute. A white lily was not obtainable just then, but the effect of a tall blue iris placed in one of Anne's folded hands was all that could be desired.

"Now, she's all ready," said Jane. "We must kiss her quiet brows and, Diana, you say, 'Sister, farewell forever,' and Ruby, you say, 'Farewell, sweet sister,' both of you as

sorrowfully as you possibly can. Anne, for goodness sake smile a little. You know Elaine ‘lay as though she smiled.’ That’s better. Now push the flat off.”

The flat was accordingly pushed off, scraping roughly over an old embedded stake in the process. Diana and Jane and Ruby only waited long enough to see it caught in the current and headed for the bridge before scampering up through the woods, across the road, and down to the lower headland where, as Lancelot and Guinevere and the King, they were to be in readiness to receive the lily maid.

For a few minutes Anne, drifting slowly down, enjoyed the romance of her situation to the full. Then something happened not at all romantic. The flat began to leak. In a very few moments it was necessary for Elaine to scramble to her feet, pick up her cloth of gold coverlet and pall of blackest samite and gaze blankly at a big crack in the bottom of her barge through which the water was literally pouring. That sharp stake at the landing had torn off the strip of batting nailed on the flat. Anne did not know this, but it did not take her long to realize that she was in a dangerous plight. At this rate the flat would fill and sink long before it could drift to the lower headland. Where were the oars? Left behind at the landing!

Anne gave one gasping little scream which nobody ever heard; she was white to the lips, but she did not lose her self-possession. There was one chance—just one.

“I was horribly frightened,” she told Mrs. Allan the next day, “and it seemed like years while the flat was drifting down to the bridge and the water rising in it every moment. I prayed, Mrs. Allan, most earnestly, but I didn’t shut my eyes to pray, for I knew the only way God could save me was to let the flat float close enough to one of the bridge piles for me to climb up on it. You know the piles are just old tree trunks and there are lots of knots and old branch stubs on them. It was proper to pray, but I had to do my part by watching out and right well I knew it. I just said, ‘Dear God, please take the flat close to a pile and I’ll do the rest,’ over and over again. Under such circumstances you don’t think much about making a flowery prayer. But mine was answered, for the flat bumped right into a pile for a minute and I flung the scarf and the shawl over my shoulder and scrambled up on a big providential stub. And there I was, Mrs. Allan, clinging to that slippery old pile with no way of getting up or down. It was a very unromantic position, but I didn’t think about that at the time. You don’t think much about romance when you have just escaped from a watery grave. I said a grateful prayer at once and then I gave all my attention to holding on tight, for I knew I should probably have to depend on human aid to get back to dry land.”

The flat drifted under the bridge and then promptly sank in midstream. Ruby, Jane, and Diana, already awaiting it on the lower headland, saw it disappear before

their very eyes and had not a doubt but that Anne had gone down with it. For a moment they stood still, white as sheets, frozen with horror at the tragedy; then, shrieking at the tops of their voices, they started on a frantic run up through the woods, never pausing as they crossed the main road to glance the way of the bridge. Anne, clinging desperately to her precarious foothold, saw their flying forms and heard their shrieks. Help would soon come, but meanwhile her position was a very uncomfortable one.

The minutes passed by, each seeming an hour to the unfortunate lily maid. Why didn't somebody come? Where had the girls gone? Suppose they had fainted, one and all! Suppose nobody ever came! Suppose she grew so tired and cramped that she could hold on no longer! Anne looked at the wicked green depths below her, wavering with long, oily shadows, and shivered. Her imagination began to suggest all manner of gruesome possibilities to her.

Then, just as she thought she really could not endure the ache in her arms and wrists another moment, Gilbert Blythe came rowing under the bridge in Harmon Andrews's dory!

Gilbert glanced up and, much to his amazement, beheld a little white scornful face looking down upon him with big, frightened but also scornful gray eyes.

"Anne Shirley! How on earth did you get there?" he exclaimed.

Without waiting for an answer he pulled close to the pile and extended his hand. There was no help for it; Anne, clinging to Gilbert Blythe's hand, scrambled down into the dory, where she sat, drabbed and furious, in the stern with her arms full of dripping shawl and wet crepe. It was certainly extremely difficult to be dignified under the circumstances!

"What has happened, Anne?" asked Gilbert, taking up his oars. "We were playing Elaine" explained Anne frigidly, without even looking at her rescuer, "and I had to drift down to Camelot in the barge—I mean the flat. The flat began to leak and I climbed out on the pile. The girls went for help. Will you be kind enough to row me to the landing?"

Gilbert obligingly rowed to the landing and Anne, disdaining assistance, sprang nimbly on shore.

"I'm very much obliged to you," she said haughtily as she turned away. But Gilbert had also sprung from the boat and now laid a detaining hand on her arm.

"Anne," he said hurriedly, "look here. Can't we be good friends? I'm awfully sorry I made fun of your hair that time. I didn't mean to vex you and I only meant it for a joke. Besides, it's so long ago. I think your hair is awfully pretty now—honest I do. Let's be friends."

For a moment Anne hesitated. She had an odd, newly awakened consciousness under all her outraged dignity that the half-shy, half-eager expression in Gilbert's hazel

eyes was something that was very good to see. Her heart gave a quick, queer little beat. But the bitterness of her old grievance promptly stiffened up her wavering determination. That scene of two years before flashed back into her recollection as vividly as if it had taken place yesterday. Gilbert had called her “carrots” and had brought about her disgrace before the whole school. Her resentment, which to other and older people might be as laughable as its cause, was in no whit allayed and softened by time seemingly. She hated Gilbert Blythe! She would never forgive him!

“No,” she said coldly, “I shall never be friends with you, Gilbert Blythe; and I don’t want to be!”

“All right!” Gilbert sprang into his skiff with an angry color in his cheeks. “I’ll never ask you to be friends again, Anne Shirley. And I don’t care either!”

He pulled away with swift defiant strokes, and Anne went up the steep, ferny little path under the maples. She held her head very high, but she was conscious of an odd feeling of regret. She almost wished she had answered Gilbert differently. Of course, he had insulted her terribly, but still—! Altogether, Anne rather thought it would be a relief to sit down and have a good cry. She was really quite unstrung, for the reaction from her fright and cramped clinging was making itself felt.

Halfway up the path she met Jane and Diana rushing back to the pond in a state narrowly removed from positive

frenzy. They had found nobody at Orchard Slope, both Mr. and Mrs. Barry being away. Here Ruby Gillis had succumbed to hysterics, and was left to recover from them as best she might, while Jane and Diana flew through the Haunted Wood and across the brook to Green Gables. There they had found nobody either, for Marilla had gone to Carmody and Matthew was making hay in the back field.

“Oh, Anne,” gasped Diana, fairly falling on the former’s neck and weeping with relief and delight, “oh, Anne—we thought—you were—drowned—and we felt like murderers—because we had made—you be—Elaine. And Ruby is in hysterics—oh, Anne, how did you escape?”

“I climbed up on one of the piles,” explained Anne wearily, “and Gilbert Blythe came along in Mr. Andrews’s dory and brought me to land.”

“Oh, Anne, how splendid of him! Why, it’s so romantic!” said Jane, finding breath enough for utterance at last. “Of course you’ll speak to him after this.”

“Of course I won’t,” flashed Anne, with a momentary return of her old spirit. “And I don’t want ever to hear the word ‘romantic’ again, Jane Andrews. I’m awfully sorry you were so frightened, girls. It is all my fault. I feel sure I was born under an unlucky star. Everything I do gets me or my dearest friends into a scrape. We’ve gone and lost your father’s flat, Diana, and I have a presentiment that we’ll not be allowed to row on the pond any more.”

Anne's presentiment proved more trustworthy than presentiments are apt to do. Great was the consternation in the Barry and Cuthbert households when the events of the afternoon became known.

"Will you ever have any sense, Anne?" groaned Marilla.

"Oh, yes, I think I will, Marilla," returned Anne optimistically. A good cry, indulged in the grateful solitude of the east gable, had soothed her nerves and restored her to her wonted cheerfulness. "I think my prospects of becoming sensible are brighter now than ever."

"I don't see how," said Marilla.

"Well," explained Anne, "I've learned a new and valuable lesson today. Ever since I came to Green Gables I've been making mistakes, and each mistake has helped to cure me of some great shortcoming. The affair of the amethyst brooch cured me of meddling with things that didn't belong to me. The Haunted Wood mistake cured me of letting my imagination run away with me. The liniment cake mistake cured me of carelessness in cooking. Dyeing my hair cured me of vanity. I never think about my hair and nose now—at least, very seldom. And today's mistake is going to cure me of being too romantic. I have come to the conclusion that it is no use trying to be romantic in Avonlea. It was probably easy enough in towered Camelot hundreds of years ago, but romance is not appreciated

now. I feel quite sure that you will soon see a great improvement in me in this respect, Marilla.”

“I’m sure I hope so,” said Marilla skeptically.

But Matthew, who had been sitting mutely in his corner, laid a hand on Anne’s shoulder when Marilla had gone out.

“Don’t give up all your romance, Anne,” he whispered shyly, “a little of it is a good thing—not too much, of course—but keep a little of it, Anne, keep a little of it.”

CHAPTER XXIX.

AN EPOCH IN ANNE'S LIFE

ANNE was bringing the cows home from the back pasture by way of Lover's Lane. It was a September evening and all the gaps and clearings in the woods were brimmed up with ruby sunset light. Here and there the lane was splashed with it, but for the most part it was already quite shadowy beneath the maples, and the spaces under the firs were filled with a clear violet dusk like airy wine. The winds were out in their tops, and there is no sweeter music on earth than that which the wind makes in the fir trees at evening.

The cows swung placidly down the lane, and Anne followed them dreamily, repeating aloud the battle canto from *Marmion*—which had also been part of their English course the preceding winter and which Miss Stacy had made them learn off by heart—and exulting in its rushing lines and the clash of spears in its imagery. When she came to the lines

*The stubborn spearsmen still made good
Their dark impenetrable wood,*

she stopped in ecstasy to shut her eyes that she might the better fancy herself one of that heroic ring. When she opened them again it was to behold Diana coming through

the gate that led into the Barry field and looking so important that Anne instantly divined there was news to be told. But betray too eager curiosity she would not.

“Isn’t this evening just like a purple dream, Diana? It makes me so glad to be alive. In the mornings I always think the mornings are best; but when evening comes I think it’s lovelier still.”

“It’s a very fine evening,” said Diana, “but oh, I have such news, Anne. Guess. You can have three guesses.”

“Charlotte Gillis is going to be married in the church after all and Mrs. Allan wants us to decorate it,” cried Anne.

“No. Charlotte’s beau won’t agree to that, because nobody ever has been married in the church yet, and he thinks it would seem too much like a funeral. It’s too mean, because it would be such fun. Guess again.”

“Jane’s mother is going to let her have a birthday party?”

Diana shook her head, her black eyes dancing with merriment.

“I can’t think what it can be,” said Anne in despair, “unless it’s that Moody Spurgeon MacPherson saw you home from prayer meeting last night. Did he?”

“I should think not,” exclaimed Diana indignantly. “I wouldn’t be likely to boast of it if he did, the horrid creature! I knew you couldn’t guess it. Mother had a letter from Aunt Josephine today, and Aunt Josephine wants you

and me to go to town next Tuesday and stop with her for the Exhibition. There!”

“Oh, Diana,” whispered Anne, finding it necessary to lean up against a maple tree for support, “do you really mean it? But I’m afraid Marilla won’t let me go. She will say that she can’t encourage gadding about. That was what she said last week when Jane invited me to go with them in their double-seated buggy to the American concert at the White Sands Hotel. I wanted to go, but Marilla said I’d be better at home learning my lessons and so would Jane. I was bitterly disappointed, Diana. I felt so heartbroken that I wouldn’t say my prayers when I went to bed. But I repented of that and got up in the middle of the night and said them.”

“I’ll tell you,” said Diana, “we’ll get Mother to ask Marilla. She’ll be more likely to let you go then; and if she does we’ll have the time of our lives, Anne. I’ve never been to an Exhibition, and it’s so aggravating to hear the other girls talking about their trips. Jane and Ruby have been twice, and they’re going this year again.”

“I’m not going to think about it at all until I know whether I can go or not,” said Anne resolutely. “If I did and then was disappointed, it would be more than I could bear. But in case I do go I’m very glad my new coat will be ready by that time. Marilla didn’t think I needed a new coat. She said my old one would do very well for another winter and that I ought to be satisfied with having a new dress. The

dress is very pretty, Diana—navy blue and made so fashionably. Marilla always makes my dresses fashionably now, because she says she doesn't intend to have Matthew going to Mrs. Lynde to make them. I'm so glad. It is ever so much easier to be good if your clothes are fashionable. At least, it is easier for me. I suppose it doesn't make such a difference to naturally good people. But Matthew said I must have a new coat, so Marilla bought a lovely piece of blue broadcloth, and it's being made by a real dressmaker over at Carmody. It's to be done Saturday night, and I'm trying not to imagine myself walking up the church aisle on Sunday in my new suit and cap, because I'm afraid it isn't right to imagine such things. But it just slips into my mind in spite of me. My cap is so pretty. Matthew bought it for me the day we were over at Carmody. It is one of those little blue velvet ones that are all the rage, with gold cord and tassels. Your new hat is elegant, Diana, and so becoming. When I saw you come into church last Sunday my heart swelled with pride to think you were my dearest friend. Do you suppose it's wrong for us to think so much about our clothes? Marilla says it is very sinful. But it is such an interesting subject, isn't it?"

Marilla agreed to let Anne go to town, and it was arranged that Mr. Barry should take the girls in on the following Tuesday. As Charlottetown was thirty miles away and Mr. Barry wished to go and return the same day, it was necessary to make a very early start. But Anne counted it

all joy, and was up before sunrise on Tuesday morning. A glance from her window assured her that the day would be fine, for the eastern sky behind the firs of the Haunted Wood was all silvery and cloudless. Through the gap in the trees a light was shining in the western gable of Orchard Slope, a token that Diana was also up.

Anne was dressed by the time Matthew had the fire on and had the breakfast ready when Marilla came down, but for her own part was much too excited to eat. After breakfast the jaunty new cap and jacket were donned, and Anne hastened over the brook and up through the firs to Orchard Slope. Mr. Barry and Diana were waiting for her, and they were soon on the road.

It was a long drive, but Anne and Diana enjoyed every minute of it. It was delightful to rattle along over the moist roads in the early red sunlight that was creeping across the shorn harvest fields. The air was fresh and crisp, and little smoke-blue mists curled through the valleys and floated off from the hills. Sometimes the road went through woods where maples were beginning to hang out scarlet banners; sometimes it crossed rivers on bridges that made Anne's flesh cringe with the old, half-delightful fear; sometimes it wound along a harbor shore and passed by a little cluster of weather-gray fishing huts; again it mounted to hills whence a far sweep of curving upland or misty-blue sky could be seen; but wherever it went there was much of interest to discuss. It was almost noon when they reached

town and found their way to “Beechwood.” It was quite a fine old mansion, set back from the street in a seclusion of green elms and branching beeches. Miss Barry met them at the door with a twinkle in her sharp black eyes.

“So you’ve come to see me at last, you Anne-girl,” she said. “Mercy, child, how you have grown! You’re taller than I am, I declare. And you’re ever so much better looking than you used to be, too. But I dare say you know that without being told.”

“Indeed I didn’t,” said Anne radiantly. “I know I’m not so freckled as I used to be, so I’ve much to be thankful for, but I really hadn’t dared to hope there was any other improvement. I’m so glad you think there is, Miss Barry.” Miss Barry’s house was furnished with “great magnificence,” as Anne told Marilla afterward. The two little country girls were rather abashed by the splendor of the parlor where Miss Barry left them when she went to see about dinner.

“Isn’t it just like a palace?” whispered Diana. “I never was in Aunt Josephine’s house before, and I’d no idea it was so grand. I just wish Julia Bell could see this—she puts on such airs about her mother’s parlor.”

“Velvet carpet,” sighed Anne luxuriously, “and silk curtains! I’ve dreamed of such things, Diana. But do you know I don’t believe I feel very comfortable with them after all. There are so many things in this room and all so splendid that there is no scope for imagination. That is one

consolation when you are poor—there are so many more things you can imagine about.”

Their sojourn in town was something that Anne and Diana dated from for years. From first to last it was crowded with delights.

On Wednesday Miss Barry took them to the Exhibition grounds and kept them there all day.

“It was splendid,” Anne related to Marilla later on. “I never imagined anything so interesting. I don’t really know which department was the most interesting. I think I liked the horses and the flowers and the fancywork best. Josie Pye took first prize for knitted lace. I was real glad she did. And I was glad that I felt glad, for it shows I’m improving, don’t you think, Marilla, when I can rejoice in Josie’s success? Mr. Harmon Andrews took second prize for Gravenstein apples and Mr. Bell took first prize for a pig. Diana said she thought it was ridiculous for a Sunday-school superintendent to take a prize in pigs, but I don’t see why. Do you? She said she would always think of it after this when he was praying so solemnly. Clara Louise MacPherson took a prize for painting, and Mrs. Lynde got first prize for homemade butter and cheese. So Avonlea was pretty well represented, wasn’t it? Mrs. Lynde was there that day, and I never knew how much I really liked her until I saw her familiar face among all those strangers. There were thousands of people there, Marilla. It made me feel dreadfully insignificant. And Miss Barry took us up to

the grandstand to see the horse races. Mrs. Lynde wouldn't go; she said horse racing was an abomination and, she being a church member, thought it her bounden duty to set a good example by staying away. But there were so many there I don't believe Mrs. Lynde's absence would ever be noticed. I don't think, though, that I ought to go very often to horse races, because they *are* awfully fascinating. Diana got so excited that she offered to bet me ten cents that the red horse would win. I didn't believe he would, but I refused to bet, because I wanted to tell Mrs. Allan all about everything, and I felt sure it wouldn't do to tell her that. It's always wrong to do anything you can't tell the minister's wife. It's as good as an extra conscience to have a minister's wife for your friend. And I was very glad I didn't bet, because the red horse *did* win, and I would have lost ten cents. So you see that virtue was its own reward. We saw a man go up in a balloon. I'd love to go up in a balloon, Marilla; it would be simply thrilling; and we saw a man selling fortunes. You paid him ten cents and a little bird picked out your fortune for you. Miss Barry gave Diana and me ten cents each to have our fortunes told. Mine was that I would marry a dark-complected man who was very wealthy, and I would go across water to live. I looked carefully at all the dark men I saw after that, but I didn't care much for any of them, and anyhow I suppose it's too early to be looking out for him yet. Oh, it was a never-to-be-forgotten day, Marilla. I was so tired I couldn't

sleep at night. Miss Barry put us in the spare room, according to promise. It was an elegant room, Marilla, but somehow sleeping in a spare room isn't what I used to think it was. That's the worst of growing up, and I'm beginning to realize it. The things you wanted so much when you were a child don't seem half so wonderful to you when you get them."

Thursday the girls had a drive in the park, and in the evening Miss Barry took them to a concert in the Academy of Music, where a noted prima donna was to sing. To Anne the evening was a glittering vision of delight.

"Oh, Marilla, it was beyond description. I was so excited I couldn't even talk, so you may know what it was like. I just sat in enraptured silence. Madame Selitsky was perfectly beautiful, and wore white satin and diamonds. But when she began to sing I never thought about anything else. Oh, I can't tell you how I felt. But it seemed to me that it could never be hard to be good any more. I felt like I do when I look up to the stars. Tears came into my eyes, but, oh, they were such happy tears. I was so sorry when it was all over, and I told Miss Barry I didn't see how I was ever to return to common life again. She said she thought if we went over to the restaurant across the street and had an ice cream it might help me. That sounded so prosaic; but to my surprise I found it true. The ice cream was delicious, Marilla, and it was so lovely and dissipated to be sitting there eating it at eleven o'clock at

night. Diana said she believed she was born for city life. Miss Barry asked me what my opinion was, but I said I would have to think it over very seriously before I could tell her what I really thought. So I thought it over after I went to bed. That is the best time to think things out. And I came to the conclusion, Marilla, that I wasn't born for city life and that I was glad of it. It's nice to be eating ice cream at brilliant restaurants at eleven o'clock at night once in a while; but as a regular thing I'd rather be in the east gable at eleven, sound asleep, but kind of knowing even in my sleep that the stars were shining outside and that the wind was blowing in the firs across the brook. I told Miss Barry so at breakfast the next morning and she laughed. Miss Barry generally laughed at anything I said, even when I said the most solemn things. I don't think I liked it, Marilla, because I wasn't trying to be funny. But she is a most hospitable lady and treated us royally."

Friday brought going-home time, and Mr. Barry drove in for the girls.

"Well, I hope you've enjoyed yourselves," said Miss Barry, as she bade them good-bye.

"Indeed we have," said Diana.

"And you, Anne-girl?"

"I've enjoyed every minute of the time," said Anne, throwing her arms impulsively about the old woman's neck and kissing her wrinkled cheek. Diana would never have dared to do such a thing and felt rather aghast at Anne's

freedom. But Miss Barry was pleased, and she stood on her veranda and watched the buggy out of sight. Then she went back into her big house with a sigh. It seemed very lonely, lacking those fresh young lives. Miss Barry was a rather selfish old lady, if the truth must be told, and had never cared much for anybody but herself. She valued people only as they were of service to her or amused her. Anne had amused her, and consequently stood high in the old lady's good graces. But Miss Barry found herself thinking less about Anne's quaint speeches than of her fresh enthusiasms, her transparent emotions, her little winning ways, and the sweetness of her eyes and lips.

"I thought Marilla Cuthbert was an old fool when I heard she'd adopted a girl out of an orphan asylum," she said to herself, "but I guess she didn't make much of a mistake after all. If I'd a child like Anne in the house all the time I'd be a better and happier woman."

Anne and Diana found the drive home as pleasant as the drive in—pleasanter, indeed, since there was the delightful consciousness of home waiting at the end of it. It was sunset when they passed through White Sands and turned into the shore road. Beyond, the Avonlea hills came out darkly against the saffron sky. Behind them the moon was rising out of the sea that grew all radiant and transfigured in her light. Every little cove along the curving road was a marvel of dancing ripples. The waves

broke with a soft swish on the rocks below them, and the tang of the sea was in the strong, fresh air.

“Oh, but it’s good to be alive and to be going home,” breathed Anne.

When she crossed the log bridge over the brook the kitchen light of Green Gables winked her a friendly welcome back, and through the open door shone the hearth fire, sending out its warm red glow athwart the chilly autumn night. Anne ran blithely up the hill and into the kitchen, where a hot supper was waiting on the table.

“So you’ve got back?” said Marilla, folding up her knitting.

“Yes, and oh, it’s so good to be back,” said Anne joyously. “I could kiss everything, even to the clock. Marilla, a broiled chicken! You don’t mean to say you cooked that for me!”

“Yes, I did,” said Marilla. “I thought you’d be hungry after such a drive and need something real appetizing. Hurry and take off your things, and we’ll have supper as soon as Matthew comes in. I’m glad you’ve got back, I must say. It’s been fearful lonesome here without you, and I never put in four longer days.”

After supper Anne sat before the fire between Matthew and Marilla, and gave them a full account of her visit.

“I’ve had a splendid time,” she concluded happily,
“and I feel that it marks an epoch in my life. But the best of
it all was the coming home.”

CHAPTER XXX.

THE QUEENS CLASS IS ORGANIZED

MARILLA laid her knitting on her lap and leaned back in her chair. Her eyes were tired, and she thought vaguely that she must see about having her glasses changed the next time she went to town, for her eyes had grown tired very often of late.

It was nearly dark, for the full November twilight had fallen around Green Gables, and the only light in the kitchen came from the dancing red flames in the stove.

Anne was curled up Turk-fashion on the hearthrug, gazing into that joyous glow where the sunshine of a hundred summers was being distilled from the maple cordwood. She had been reading, but her book had slipped to the floor, and now she was dreaming, with a smile on her parted lips. Glittering castles in Spain were shaping themselves out of the mists and rainbows of her lively fancy; adventures wonderful and enthralling were happening to her in cloudland—adventures that always turned out triumphantly and never involved her in scrapes like those of actual life.

Marilla looked at her with a tenderness that would never have been suffered to reveal itself in any clearer light than that soft mingling of fire and shadow. The lesson of a love that should display itself easily in spoken

word and open look was one Marilla could never learn. But she had learned to love this slim, gray-eyed girl with an affection all the deeper and stronger from its very undemonstrativeness. Her love made her afraid of being unduly indulgent, indeed. She had an uneasy feeling that it was rather sinful to set one's heart so intensely on any human creature as she had set hers on Anne, and perhaps she performed a sort of unconscious penance for this by being stricter and more critical than if the girl had been less dear to her. Certainly Anne herself had no idea how Marilla loved her. She sometimes thought wistfully that Marilla was very hard to please and distinctly lacking in sympathy and understanding. But she always checked the thought reproachfully, remembering what she owed to Marilla.

“Anne,” said Marilla abruptly, “Miss Stacy was here this afternoon when you were out with Diana.”

Anne came back from her other world with a start and a sigh.

“Was she? Oh, I'm so sorry I wasn't in. Why didn't you call me, Marilla? Diana and I were only over in the Haunted Wood. It's lovely in the woods now. All the little wood things—the ferns and the satin leaves and the crackerberries—have gone to sleep, just as if somebody had tucked them away until spring under a blanket of leaves. I think it was a little gray fairy with a rainbow scarf that came tiptoeing along the last moonlight night and did

it. Diana wouldn't say much about that, though. Diana has never forgotten the scolding her mother gave her about imagining ghosts into the Haunted Wood. It had a very bad effect on Diana's imagination. It blighted it. Mrs. Lynde says Myrtle Bell is a blighted being. I asked Ruby Gillis why Myrtle was blighted, and Ruby said she guessed it was because her young man had gone back on her. Ruby Gillis thinks of nothing but young men, and the older she gets the worse she is. Young men are all very well in their place, but it doesn't do to drag them into everything, does it? Diana and I are thinking seriously of promising each other that we will never marry but be nice old maids and live together forever. Diana hasn't quite made up her mind though, because she thinks perhaps it would be nobler to marry some wild, dashing, wicked young man and reform him. Diana and I talk a great deal about serious subjects now, you know. We feel that we are so much older than we used to be that it isn't becoming to talk of childish matters. It's such a solemn thing to be almost fourteen, Marilla. Miss Stacy took all us girls who are in our teens down to the brook last Wednesday, and talked to us about it. She said we couldn't be too careful what habits we formed and what ideals we acquired in our teens, because by the time we were twenty our characters would be developed and the foundation laid for our whole future life. And she said if the foundation was shaky we could never build anything really worth while on it. Diana and I

talked the matter over coming home from school. We felt extremely solemn, Marilla. And we decided that we would try to be very careful indeed and form respectable habits and learn all we could and be as sensible as possible, so that by the time we were twenty our characters would be properly developed. It's perfectly appalling to think of being twenty, Marilla. It sounds so fearfully old and grown up. But why was Miss Stacy here this afternoon?"

"That is what I want to tell you, Anne, if you'll ever give me a chance to get a word in edgewise. She was talking about you."

"About me?" Anne looked rather scared. Then she flushed and exclaimed:

"Oh, I know what she was saying. I meant to tell you, Marilla, honestly I did, but I forgot. Miss Stacy caught me reading Ben Hur in school yesterday afternoon when I should have been studying my Canadian history. Jane Andrews lent it to me. I was reading it at dinner hour, and I had just got to the chariot race when school went in. I was simply wild to know how it turned out—although I felt sure Ben Hur must win, because it wouldn't be poetical justice if he didn't—so I spread the history open on my desk lid and then tucked Ben Hur between the desk and my knee. I just looked as if I were studying Canadian history, you know, while all the while I was reveling in Ben Hur. I was so interested in it that I never noticed Miss Stacy coming down the aisle until all at once I just looked up and

there she was looking down at me, so reproachful-like. I can't tell you how ashamed I felt, Marilla, especially when I heard Josie Pye giggling. Miss Stacy took Ben Hur away, but she never said a word then. She kept me in at recess and talked to me. She said I had done very wrong in two respects. First, I was wasting the time I ought to have put on my studies; and secondly, I was deceiving my teacher in trying to make it appear I was reading a history when it was a storybook instead. I had never realized until that moment, Marilla, that what I was doing was deceitful. I was shocked. I cried bitterly, and asked Miss Stacy to forgive me and I'd never do such a thing again; and I offered to do penance by never so much as looking at Ben Hur for a whole week, not even to see how the chariot race turned out. But Miss Stacy said she wouldn't require that, and she forgave me freely. So I think it wasn't very kind of her to come up here to you about it after all."

"Miss Stacy never mentioned such a thing to me, Anne, and it's only your guilty conscience that's the matter with you. You have no business to be taking storybooks to school. You read too many novels anyhow. When I was a girl I wasn't so much as allowed to look at a novel."

"Oh, how can you call Ben Hur a novel when it's really such a religious book?" protested Anne. "Of course it's a little too exciting to be proper reading for Sunday, and I only read it on weekdays. And I never read *any* book now unless either Miss Stacy or Mrs. Allan thinks it is a proper

book for a girl thirteen and three-quarters to read. Miss Stacy made me promise that. She found me reading a book one day called, *The Lurid Mystery of the Haunted Hall*. It was one Ruby Gillis had lent me, and, oh, Marilla, it was so fascinating and creepy. It just curdled the blood in my veins. But Miss Stacy said it was a very silly, unwholesome book, and she asked me not to read any more of it or any like it. I didn't mind promising not to read any more like it, but it was *agonizing* to give back that book without knowing how it turned out. But my love for Miss Stacy stood the test and I did. It's really wonderful, Marilla, what you can do when you're truly anxious to please a certain person."

"Well, I guess I'll light the lamp and get to work," said Marilla. "I see plainly that you don't want to hear what Miss Stacy had to say. You're more interested in the sound of your own tongue than in anything else."

"Oh, indeed, Marilla, I do want to hear it," cried Anne contritely. "I won't say another word—not one. I know I talk too much, but I am really trying to overcome it, and although I say far too much, yet if you only knew how many things I want to say and don't, you'd give me some credit for it. Please tell me, Marilla."

"Well, Miss Stacy wants to organize a class among her advanced students who mean to study for the entrance examination into Queen's. She intends to give them extra lessons for an hour after school. And she came to ask

Matthew and me if we would like to have you join it. What do you think about it yourself, Anne? Would you like to go to Queen's and pass for a teacher?"

"Oh, Marilla!" Anne straightened to her knees and clasped her hands. "It's been the dream of my life—that is, for the last six months, ever since Ruby and Jane began to talk of studying for the Entrance. But I didn't say anything about it, because I supposed it would be perfectly useless. I'd love to be a teacher. But won't it be dreadfully expensive? Mr. Andrews says it cost him one hundred and fifty dollars to put Prissy through, and Prissy wasn't a dunce in geometry."

"I guess you needn't worry about that part of it. When Matthew and I took you to bring up we resolved we would do the best we could for you and give you a good education. I believe in a girl being fitted to earn her own living whether she ever has to or not. You'll always have a home at Green Gables as long as Matthew and I are here, but nobody knows what is going to happen in this uncertain world, and it's just as well to be prepared. So you can join the Queen's class if you like, Anne."

"Oh, Marilla, thank you." Anne flung her arms about Marilla's waist and looked up earnestly into her face. "I'm extremely grateful to you and Matthew. And I'll study as hard as I can and do my very best to be a credit to you. I warn you not to expect much in geometry, but I think I can hold my own in anything else if I work hard."

“I dare say you’ll get along well enough. Miss Stacy says you are bright and diligent.” Not for worlds would Marilla have told Anne just what Miss Stacy had said about her; that would have been to pamper vanity. “You needn’t rush to any extreme of killing yourself over your books. There is no hurry. You won’t be ready to try the Entrance for a year and a half yet. But it’s well to begin in time and be thoroughly grounded, Miss Stacy says.”

“I shall take more interest than ever in my studies now,” said Anne blissfully, “because I have a purpose in life. Mr. Allan says everybody should have a purpose in life and pursue it faithfully. Only he says we must first make sure that it is a worthy purpose. I would call it a worthy purpose to want to be a teacher like Miss Stacy, wouldn’t you, Marilla? I think it’s a very noble profession.”

The Queen’s class was organized in due time. Gilbert Blythe, Anne Shirley, Ruby Gillis, Jane Andrews, Josie Pye, Charlie Sloane, and Moody Spurgeon MacPherson joined it. Diana Barry did not, as her parents did not intend to send her to Queen’s. This seemed nothing short of a calamity to Anne. Never, since the night on which Minnie May had had the croup, had she and Diana been separated in anything. On the evening when the Queen’s class first remained in school for the extra lessons and Anne saw Diana go slowly out with the others, to walk home alone through the Birch Path and Violet Vale, it was all the former could do to keep her seat and refrain from rushing

impulsively after her chum. A lump came into her throat, and she hastily retired behind the pages of her uplifted Latin grammar to hide the tears in her eyes. Not for worlds would Anne have had Gilbert Blythe or Josie Pye see those tears.

“But, oh, Marilla, I really felt that I had tasted the bitterness of death, as Mr. Allan said in his sermon last Sunday, when I saw Diana go out alone,” she said mournfully that night. “I thought how splendid it would have been if Diana had only been going to study for the Entrance, too. But we can’t have things perfect in this imperfect world, as Mrs. Lynde says. Mrs. Lynde isn’t exactly a comforting person sometimes, but there’s no doubt she says a great many very true things. And I think the Queen’s class is going to be extremely interesting. Jane and Ruby are just going to study to be teachers. That is the height of their ambition. Ruby says she will only teach for two years after she gets through, and then she intends to be married. Jane says she will devote her whole life to teaching, and never, never marry, because you are paid a salary for teaching, but a husband won’t pay you anything, and growls if you ask for a share in the egg and butter money. I expect Jane speaks from mournful experience, for Mrs. Lynde says that her father is a perfect old crank, and meaner than second skimmings. Josie Pye says she is just going to college for education’s sake, because she won’t have to earn her own living; she says of course it is

different with orphans who are living on charity—*they* have to hustle. Moody Spurgeon is going to be a minister. Mrs. Lynde says he couldn't be anything else with a name like that to live up to. I hope it isn't wicked of me, Marilla, but really the thought of Moody Spurgeon being a minister makes me laugh. He's such a funny-looking boy with that big fat face, and his little blue eyes, and his ears sticking out like flaps. But perhaps he will be more intellectual looking when he grows up. Charlie Sloane says he's going to go into politics and be a member of Parliament, but Mrs. Lynde says he'll never succeed at that, because the Sloanes are all honest people, and it's only rascals that get on in politics nowadays."

"What is Gilbert Blythe going to be?" queried Marilla, seeing that Anne was opening her Caesar.

"I don't happen to know what Gilbert Blythe's ambition in life is—if he has any," said Anne scornfully.

There was open rivalry between Gilbert and Anne now. Previously the rivalry had been rather one-sided, but there was no longer any doubt that Gilbert was as determined to be first in class as Anne was. He was a foeman worthy of her steel. The other members of the class tacitly acknowledged their superiority, and never dreamed of trying to compete with them.

Since the day by the pond when she had refused to listen to his plea for forgiveness, Gilbert, save for the aforesaid determined rivalry, had evinced no recognition

whatever of the existence of Anne Shirley. He talked and jested with the other girls, exchanged books and puzzles with them, discussed lessons and plans, sometimes walked home with one or the other of them from prayer meeting or Debating Club. But Anne Shirley he simply ignored, and Anne found out that it is not pleasant to be ignored. It was in vain that she told herself with a toss of her head that she did not care. Deep down in her wayward, feminine little heart she knew that she did care, and that if she had that chance of the Lake of Shining Waters again she would answer very differently. All at once, as it seemed, and to her secret dismay, she found that the old resentment she had cherished against him was gone—gone just when she most needed its sustaining power. It was in vain that she recalled every incident and emotion of that memorable occasion and tried to feel the old satisfying anger. That day by the pond had witnessed its last spasmodic flicker. Anne realized that she had forgiven and forgotten without knowing it. But it was too late.

And at least neither Gilbert nor anybody else, not even Diana, should ever suspect how sorry she was and how much she wished she hadn't been so proud and horrid! She determined to "shroud her feelings in deepest oblivion," and it may be stated here and now that she did it, so successfully that Gilbert, who possibly was not quite so indifferent as he seemed, could not console himself with any belief that Anne felt his retaliatory scorn. The

only poor comfort he had was that she snubbed Charlie Sloane, unmercifully, continually, and undeservedly.

Otherwise the winter passed away in a round of pleasant duties and studies. For Anne the days slipped by like golden beads on the necklace of the year. She was happy, eager, interested; there were lessons to be learned and honor to be won; delightful books to read; new pieces to be practiced for the Sunday-school choir; pleasant Saturday afternoons at the manse with Mrs. Allan; and then, almost before Anne realized it, spring had come again to Green Gables and all the world was abloom once more.

Studies palled just a wee bit then; the Queen's class, left behind in school while the others scattered to green lanes and leafy wood cuts and meadow byways, looked wistfully out of the windows and discovered that Latin verbs and French exercises had somehow lost the tang and zest they had possessed in the crisp winter months. Even Anne and Gilbert lagged and grew indifferent. Teacher and taught were alike glad when the term was ended and the glad vacation days stretched rosily before them.

"But you've done good work this past year," Miss Stacy told them on the last evening, "and you deserve a good, jolly vacation. Have the best time you can in the out-of-door world and lay in a good stock of health and vitality and ambition to carry you through next year. It will

be the tug of war, you know—the last year before the Entrance.”

“Are you going to be back next year, Miss Stacy?” asked Josie Pye.

Josie Pye never scrupled to ask questions; in this instance the rest of the class felt grateful to her; none of them would have dared to ask it of Miss Stacy, but all wanted to, for there had been alarming rumors running at large through the school for some time that Miss Stacy was not coming back the next year—that she had been offered a position in the grade school of her own home district and meant to accept. The Queen’s class listened in breathless suspense for her answer.

“Yes, I think I will,” said Miss Stacy. “I thought of taking another school, but I have decided to come back to Avonlea. To tell the truth, I’ve grown so interested in my pupils here that I found I couldn’t leave them. So I’ll stay and see you through.”

“Hurrah!” said Moody Spurgeon. Moody Spurgeon had never been so carried away by his feelings before, and he blushed uncomfortably every time he thought about it for a week.

“Oh, I’m so glad,” said Anne, with shining eyes. “Dear Stacy, it would be perfectly dreadful if you didn’t come back. I don’t believe I could have the heart to go on with my studies at all if another teacher came here.”

When Anne got home that night she stacked all her textbooks away in an old trunk in the attic, locked it, and threw the key into the blanket box.

“I’m not even going to look at a schoolbook in vacation,” she told Marilla. “I’ve studied as hard all the term as I possibly could and I’ve pored over that geometry until I know every proposition in the first book off by heart, even when the letters *are* changed. I just feel tired of everything sensible and I’m going to let my imagination run riot for the summer. Oh, you needn’t be alarmed, Marilla. I’ll only let it run riot within reasonable limits. But I want to have a real good jolly time this summer, for maybe it’s the last summer I’ll be a little girl. Mrs. Lynde says that if I keep stretching out next year as I’ve done this I’ll have to put on longer skirts. She says I’m all running to legs and eyes. And when I put on longer skirts I shall feel that I have to live up to them and be very dignified. It won’t even do to believe in fairies then, I’m afraid; so I’m going to believe in them with all my whole heart this summer. I think we’re going to have a very gay vacation. Ruby Gillis is going to have a birthday party soon and there’s the Sunday school picnic and the missionary concert next month. And Mr. Barry says that some evening he’ll take Diana and me over to the White Sands Hotel and have dinner there. They have dinner there in the evening, you know. Jane Andrews was over once last summer and she says it was a dazzling sight to see the electric lights

and the flowers and all the lady guests in such beautiful dresses. Jane says it was her first glimpse into high life and she'll never forget it to her dying day."

Mrs. Lynde came up the next afternoon to find out why Marilla had not been at the Aid meeting on Thursday. When Marilla was not at Aid meeting people knew there was something wrong at Green Gables.

"Matthew had a bad spell with his heart Thursday," Marilla explained, "and I didn't feel like leaving him. Oh, yes, he's all right again now, but he takes them spells oftener than he used to and I'm anxious about him. The doctor says he must be careful to avoid excitement. That's easy enough, for Matthew doesn't go about looking for excitement by any means and never did, but he's not to do any very heavy work either and you might as well tell Matthew not to breathe as not to work. Come and lay off your things, Rachel. You'll stay to tea?"

"Well, seeing you're so pressing, perhaps I might as well, stay" said Mrs. Rachel, who had not the slightest intention of doing anything else.

Mrs. Rachel and Marilla sat comfortably in the parlor while Anne got the tea and made hot biscuits that were light and white enough to defy even Mrs. Rachel's criticism.

"I must say Anne has turned out a real smart girl," admitted Mrs. Rachel, as Marilla accompanied her to the

end of the lane at sunset. “She must be a great help to you.”

“She is,” said Marilla, “and she’s real steady and reliable now. I used to be afraid she’d never get over her featherbrained ways, but she has and I wouldn’t be afraid to trust her in anything now.”

“I never would have thought she’d have turned out so well that first day I was here three years ago,” said Mrs. Rachel. “Lawful heart, shall I ever forget that tantrum of hers! When I went home that night I says to Thomas, says I, ‘Mark my words, Thomas, Marilla Cuthbert ‘ll live to rue the step she’s took.’ But I was mistaken and I’m real glad of it. I ain’t one of those kind of people, Marilla, as can never be brought to own up that they’ve made a mistake. No, that never was my way, thank goodness. I did make a mistake in judging Anne, but it weren’t no wonder, for an odder, unexpecteder witch of a child there never was in this world, that’s what. There was no ciphering her out by the rules that worked with other children. It’s nothing short of wonderful how she’s improved these three years, but especially in looks. She’s a real pretty girl got to be, though I can’t say I’m overly partial to that pale, big-eyed style myself. I like more snap and color, like Diana Barry has or Ruby Gillis. Ruby Gillis’s looks are real showy. But somehow—I don’t know how it is but when Anne and them are together, though she ain’t half as handsome, she makes them look kind of common and

overdone—something like them white June lilies she calls narcissus alongside of the big, red peonies, that’s what.”

CHAPTER XXXI.

WHERE THE BROOK AND RIVER MEET

ANNE had her “good” summer and enjoyed it wholeheartedly. She and Diana fairly lived outdoors, reveling in all the delights that Lover’s Lane and the Dryad’s Bubble and Willowmere and Victoria Island afforded. Marilla offered no objections to Anne’s gypsyings. The Spencervale doctor who had come the night Minnie May had the croup met Anne at the house of a patient one afternoon early in vacation, looked her over sharply, screwed up his mouth, shook his head, and sent a message to Marilla Cuthbert by another person. It was:

“Keep that redheaded girl of yours in the open air all summer and don’t let her read books until she gets more spring into her step.”

This message frightened Marilla wholesomely. She read Anne’s death warrant by consumption in it unless it was scrupulously obeyed. As a result, Anne had the golden summer of her life as far as freedom and frolic went. She walked, rowed, berried, and dreamed to her heart’s content; and when September came she was bright-eyed and alert, with a step that would have satisfied the Spencervale doctor and a heart full of ambition and zest once more.

“I feel just like studying with might and main,” she declared as she brought her books down from the attic. “Oh, you good old friends, I’m glad to see your honest faces once more—yes, even you, geometry. I’ve had a perfectly beautiful summer, Marilla, and now I’m rejoicing as a strong man to run a race, as Mr. Allan said last Sunday. Doesn’t Mr. Allan preach magnificent sermons? Mrs. Lynde says he is improving every day and the first thing we know some city church will gobble him up and then we’ll be left and have to turn to and break in another green preacher. But I don’t see the use of meeting trouble halfway, do you, Marilla? I think it would be better just to enjoy Mr. Allan while we have him. If I were a man I think I’d be a minister. They can have such an influence for good, if their theology is sound; and it must be thrilling to preach splendid sermons and stir your hearers’ hearts. Why can’t women be ministers, Marilla? I asked Mrs. Lynde that and she was shocked and said it would be a scandalous thing. She said there might be female ministers in the States and she believed there was, but thank goodness we hadn’t got to that stage in Canada yet and she hoped we never would. But I don’t see why. I think women would make splendid ministers. When there is a social to be got up or a church tea or anything else to raise money the women have to turn to and do the work. I’m sure Mrs. Lynde can pray every bit as well as Superintendent Bell and I’ve no doubt she could preach too with a little practice.”

“Yes, I believe she could,” said Marilla dryly. “She does plenty of unofficial preaching as it is. Nobody has much of a chance to go wrong in Avonlea with Rachel to oversee them.”

“Marilla,” said Anne in a burst of confidence, “I want to tell you something and ask you what you think about it. It has worried me terribly—on Sunday afternoons, that is, when I think specially about such matters. I do really want to be good; and when I’m with you or Mrs. Allan or Miss Stacy I want it more than ever and I want to do just what would please you and what you would approve of. But mostly when I’m with Mrs. Lynde I feel desperately wicked and as if I wanted to go and do the very thing she tells me I oughtn’t to do. I feel irresistibly tempted to do it. Now, what do you think is the reason I feel like that? Do you think it’s because I’m really bad and unregenerate?”

Marilla looked dubious for a moment. Then she laughed.

“If you are I guess I am too, Anne, for Rachel often has that very effect on me. I sometimes think she’d have more of an influence for good, as you say yourself, if she didn’t keep nagging people to do right. There should have been a special commandment against nagging. But there, I shouldn’t talk so. Rachel is a good Christian woman and she means well. There isn’t a kinder soul in Avonlea and she never shirks her share of work.”

“I’m very glad you feel the same,” said Anne decidedly. “It’s so encouraging. I shan’t worry so much over that after this. But I dare say there’ll be other things to worry me. They keep coming up new all the time—things to perplex you, you know. You settle one question and there’s another right after. There are so many things to be thought over and decided when you’re beginning to grow up. It keeps me busy all the time thinking them over and deciding what is right. It’s a serious thing to grow up, isn’t it, Marilla? But when I have such good friends as you and Matthew and Mrs. Allan and Miss Stacy I ought to grow up successfully, and I’m sure it will be my own fault if I don’t. I feel it’s a great responsibility because I have only the one chance. If I don’t grow up right I can’t go back and begin over again. I’ve grown two inches this summer, Marilla. Mr. Gillis measured me at Ruby’s party. I’m so glad you made my new dresses longer. That dark-green one is so pretty and it was sweet of you to put on the flounce. Of course I know it wasn’t really necessary, but flounces are so stylish this fall and Josie Pye has flounces on all her dresses. I know I’ll be able to study better because of mine. I shall have such a comfortable feeling deep down in my mind about that flounce.”

“It’s worth something to have that,” admitted Marilla.

Miss Stacy came back to Avonlea school and found all her pupils eager for work once more. Especially did the

Queen's class gird up their loins for the fray, for at the end of the coming year, dimly shadowing their pathway already, loomed up that fateful thing known as "the Entrance," at the thought of which one and all felt their hearts sink into their very shoes. Suppose they did not pass! That thought was doomed to haunt Anne through the waking hours of that winter, Sunday afternoons inclusive, to the almost entire exclusion of moral and theological problems. When Anne had bad dreams she found herself staring miserably at pass lists of the Entrance exams, where Gilbert Blythe's name was blazoned at the top and in which hers did not appear at all.

But it was a jolly, busy, happy swift-flying winter. Schoolwork was as interesting, class rivalry as absorbing, as of yore. New worlds of thought, feeling, and ambition, fresh, fascinating fields of unexplored knowledge seemed to be opening out before Anne's eager eyes.

"Hills peeped o'er hill and Alps on Alps arose."

Much of all this was due to Miss Stacy's tactful, careful, broadminded guidance. She led her class to think and explore and discover for themselves and encouraged straying from the old beaten paths to a degree that quite shocked Mrs. Lynde and the school trustees, who viewed all innovations on established methods rather dubiously.

Apart from her studies Anne expanded socially, for Marilla, mindful of the Spencervale doctor's dictum, no longer vetoed occasional outings. The Debating Club

flourished and gave several concerts; there were one or two parties almost verging on grown-up affairs; there were sleigh drives and skating frolics galore.

Between times Anne grew, shooting up so rapidly that Marilla was astonished one day, when they were standing side by side, to find the girl was taller than herself.

“Why, Anne, how you’ve grown!” she said, almost unbelievably. A sigh followed on the words. Marilla felt a queer regret over Anne’s inches. The child she had learned to love had vanished somehow and here was this tall, serious-eyed girl of fifteen, with the thoughtful brows and the proudly poised little head, in her place. Marilla loved the girl as much as she had loved the child, but she was conscious of a queer sorrowful sense of loss. And that night, when Anne had gone to prayer meeting with Diana, Marilla sat alone in the wintry twilight and indulged in the weakness of a cry. Matthew, coming in with a lantern, caught her at it and gazed at her in such consternation that Marilla had to laugh through her tears.

“I was thinking about Anne,” she explained. “She’s got to be such a big girl—and she’ll probably be away from us next winter. I’ll miss her terrible.”

“She’ll be able to come home often,” comforted Matthew, to whom Anne was as yet and always would be the little, eager girl he had brought home from Bright River on that June evening four years before. “The branch railroad will be built to Carmody by that time.”

“It won’t be the same thing as having her here all the time,” sighed Marilla gloomily, determined to enjoy her luxury of grief uncomforted. “But there—men can’t understand these things!”

There were other changes in Anne no less real than the physical change. For one thing, she became much quieter. Perhaps she thought all the more and dreamed as much as ever, but she certainly talked less. Marilla noticed and commented on this also.

“You don’t chatter half as much as you used to, Anne, nor use half as many big words. What has come over you?”

Anne colored and laughed a little, as she dropped her book and looked dreamily out of the window, where big fat red buds were bursting out on the creeper in response to the lure of the spring sunshine.

“I don’t know—I don’t want to talk as much,” she said, denting her chin thoughtfully with her forefinger. “It’s nicer to think dear, pretty thoughts and keep them in one’s heart, like treasures. I don’t like to have them laughed at or wondered over. And somehow I don’t want to use big words any more. It’s almost a pity, isn’t it, now that I’m really growing big enough to say them if I did want to. It’s fun to be almost grown up in some ways, but it’s not the kind of fun I expected, Marilla. There’s so much to learn and do and think that there isn’t time for big words. Besides, Miss Stacy says the short ones are much stronger and better. She makes us write all our essays as simply as

possible. It was hard at first. I was so used to crowding in all the fine big words I could think of—and I thought of any number of them. But I’ve got used to it now and I see it’s so much better.”

“What has become of your story club? I haven’t heard you speak of it for a long time.”

“The story club isn’t in existence any longer. We hadn’t time for it—and anyhow I think we had got tired of it. It was silly to be writing about love and murder and elopements and mysteries. Miss Stacy sometimes has us write a story for training in composition, but she won’t let us write anything but what might happen in Avonlea in our own lives, and she criticizes it very sharply and makes us criticize our own too. I never thought my compositions had so many faults until I began to look for them myself. I felt so ashamed I wanted to give up altogether, but Miss Stacy said I could learn to write well if I only trained myself to be my own severest critic. And so I am trying to.”

“You’ve only two more months before the Entrance,” said Marilla. “Do you think you’ll be able to get through?”

Anne shivered.

“I don’t know. Sometimes I think I’ll be all right—and then I get horribly afraid. We’ve studied hard and Miss Stacy has drilled us thoroughly, but we mayn’t get through for all that. We’ve each got a stumbling block. Mine is geometry of course, and Jane’s is Latin, and Ruby and Charlie’s is algebra, and Josie’s is arithmetic. Moody

Spurgeon says he feels it in his bones that he is going to fail in English history. Miss Stacy is going to give us examinations in June just as hard as we'll have at the Entrance and mark us just as strictly, so we'll have some idea. I wish it was all over, Marilla. It haunts me. Sometimes I wake up in the night and wonder what I'll do if I don't pass."

"Why, go to school next year and try again," said Marilla unconcernedly.

"Oh, I don't believe I'd have the heart for it. It would be such a disgrace to fail, especially if Gil—if the others passed. And I get so nervous in an examination that I'm likely to make a mess of it. I wish I had nerves like Jane Andrews. Nothing rattles her."

Anne sighed and, dragging her eyes from the witcheries of the spring world, the beckoning day of breeze and blue, and the green things upspringing in the garden, buried herself resolutely in her book. There would be other springs, but if she did not succeed in passing the Entrance, Anne felt convinced that she would never recover sufficiently to enjoy them.

CHAPTER XXXII.

THE PASS LIST IS OUT

WITH the end of June came the close of the term and the close of Miss Stacy's rule in Avonlea school. Anne and Diana walked home that evening feeling very sober indeed. Red eyes and damp handkerchiefs bore convincing testimony to the fact that Miss Stacy's farewell words must have been quite as touching as Mr. Phillips's had been under similar circumstances three years before. Diana looked back at the schoolhouse from the foot of the spruce hill and sighed deeply.

"It does seem as if it was the end of everything, doesn't it?" she said dismally.

"You oughtn't to feel half as badly as I do," said Anne, hunting vainly for a dry spot on her handkerchief. "You'll be back again next winter, but I suppose I've left the dear old school forever—if I have good luck, that is."

"It won't be a bit the same. Miss Stacy won't be there, nor you nor Jane nor Ruby probably. I shall have to sit all alone, for I couldn't bear to have another deskmate after you. Oh, we have had jolly times, haven't we, Anne? It's dreadful to think they're all over."

Two big tears rolled down by Diana's nose.

“If you would stop crying I could,” said Anne imploringly. “Just as soon as I put away my hanky I see you brimming up and that starts me off again. As Mrs. Lynde says, ‘If you can’t be cheerful, be as cheerful as you can.’ After all, I dare say I’ll be back next year. This is one of the times I *know* I’m not going to pass. They’re getting alarmingly frequent.”

“Why, you came out splendidly in the exams Miss Stacy gave.”

“Yes, but those exams didn’t make me nervous. When I think of the real thing you can’t imagine what a horrid cold fluttery feeling comes round my heart. And then my number is thirteen and Josie Pye says it’s so unlucky. I am *not* superstitious and I know it can make no difference. But still I wish it wasn’t thirteen.”

“I do wish I was going in with you,” said Diana. “Wouldn’t we have a perfectly elegant time? But I suppose you’ll have to cram in the evenings.”

“No; Miss Stacy has made us promise not to open a book at all. She says it would only tire and confuse us and we are to go out walking and not think about the exams at all and go to bed early. It’s good advice, but I expect it will be hard to follow; good advice is apt to be, I think. Prissy Andrews told me that she sat up half the night every night of her Entrance week and crammed for dear life; and I had determined to sit up *at least* as long as she did. It was so

kind of your Aunt Josephine to ask me to stay at Beechwood while I'm in town."

"You'll write to me while you're in, won't you?"

"I'll write Tuesday night and tell you how the first day goes," promised Anne.

"I'll be haunting the post office Wednesday," vowed Diana.

Anne went to town the following Monday and on Wednesday Diana haunted the post office, as agreed, and got her letter.

"Dearest Diana" [wrote Anne],

"Here it is Tuesday night and I'm writing this in the library at Beechwood. Last night I was horribly lonesome all alone in my room and wished so much you were with me. I couldn't 'cram' because I'd promised Miss Stacy not to, but it was as hard to keep from opening my history as it used to be to keep from reading a story before my lessons were learned.

"This morning Miss Stacy came for me and we went to the Academy, calling for Jane and Ruby and Josie on our way. Ruby asked me to feel her hands and they were as cold as ice. Josie said I looked as if I hadn't slept a wink and she didn't believe I was strong enough to stand the grind of the teacher's course even if I did get through. There are times and seasons even yet when I don't feel that I've made any great headway in learning to like Josie Pye!

“When we reached the Academy there were scores of students there from all over the Island. The first person we saw was Moody Spurgeon sitting on the steps and muttering away to himself. Jane asked him what on earth he was doing and he said he was repeating the multiplication table over and over to steady his nerves and for pity’s sake not to interrupt him, because if he stopped for a moment he got frightened and forgot everything he ever knew, but the multiplication table kept all his facts firmly in their proper place!

“When we were assigned to our rooms Miss Stacy had to leave us. Jane and I sat together and Jane was so composed that I envied her. No need of the multiplication table for good, steady, sensible Jane! I wondered if I looked as I felt and if they could hear my heart thumping clear across the room. Then a man came in and began distributing the English examination sheets. My hands grew cold then and my head fairly whirled around as I picked it up. Just one awful moment—Diana, I felt exactly as I did four years ago when I asked Marilla if I might stay at Green Gables—and then everything cleared up in my mind and my heart began beating again—I forgot to say that it had stopped altogether!—for I knew I could do something with *that* paper anyhow.

“At noon we went home for dinner and then back again for history in the afternoon. The history was a pretty hard paper and I got dreadfully mixed up in the dates. Still,

I think I did fairly well today. But oh, Diana, tomorrow the geometry exam comes off and when I think of it it takes every bit of determination I possess to keep from opening my Euclid. If I thought the multiplication table would help me any I would recite it from now till tomorrow morning.

“I went down to see the other girls this evening. On my way I met Moody Spurgeon wandering distractedly around. He said he knew he had failed in history and he was born to be a disappointment to his parents and he was going home on the morning train; and it would be easier to be a carpenter than a minister, anyhow. I cheered him up and persuaded him to stay to the end because it would be unfair to Miss Stacy if he didn’t. Sometimes I have wished I was born a boy, but when I see Moody Spurgeon I’m always glad I’m a girl and not his sister.

“Ruby was in hysterics when I reached their boardinghouse; she had just discovered a fearful mistake she had made in her English paper. When she recovered we went uptown and had an ice cream. How we wished you had been with us.

“Oh, Diana, if only the geometry examination were over! But there, as Mrs. Lynde would say, the sun will go on rising and setting whether I fail in geometry or not. That is true but not especially comforting. I think I’d rather it didn’t go on if I failed!

“Yours devotedly,

“Anne”

The geometry examination and all the others were over in due time and Anne arrived home on Friday evening, rather tired but with an air of chastened triumph about her. Diana was over at Green Gables when she arrived and they met as if they had been parted for years.

“You old darling, it’s perfectly splendid to see you back again. It seems like an age since you went to town and oh, Anne, how did you get along?”

“Pretty well, I think, in everything but the geometry. I don’t know whether I passed in it or not and I have a creepy, crawly presentiment that I didn’t. Oh, how good it is to be back! Green Gables is the dearest, loveliest spot in the world.”

“How did the others do?”

“The girls say they know they didn’t pass, but I think they did pretty well. Josie says the geometry was so easy a child of ten could do it! Moody Spurgeon still thinks he failed in history and Charlie says he failed in algebra. But we don’t really know anything about it and won’t until the pass list is out. That won’t be for a fortnight. Fancy living a fortnight in such suspense! I wish I could go to sleep and never wake up until it is over.”

Diana knew it would be useless to ask how Gilbert Blythe had fared, so she merely said:

“Oh, you’ll pass all right. Don’t worry.”

“I’d rather not pass at all than not come out pretty well up on the list,” flashed Anne, by which she

meant—and Diana knew she meant—that success would be incomplete and bitter if she did not come out ahead of Gilbert Blythe.

With this end in view Anne had strained every nerve during the examinations. So had Gilbert. They had met and passed each other on the street a dozen times without any sign of recognition and every time Anne had held her head a little higher and wished a little more earnestly that she had made friends with Gilbert when he asked her, and vowed a little more determinedly to surpass him in the examination. She knew that all Avonlea junior was wondering which would come out first; she even knew that Jimmy Glover and Ned Wright had a bet on the question and that Josie Pye had said there was no doubt in the world that Gilbert would be first; and she felt that her humiliation would be unbearable if she failed.

But she had another and nobler motive for wishing to do well. She wanted to “pass high” for the sake of Matthew and Marilla—especially Matthew. Matthew had declared to her his conviction that she “would beat the whole Island.” That, Anne felt, was something it would be foolish to hope for even in the wildest dreams. But she did hope fervently that she would be among the first ten at least, so that she might see Matthew’s kindly brown eyes gleam with pride in her achievement. That, she felt, would be a sweet reward indeed for all her hard work and patient grubbing among unimaginative equations and conjugations.

At the end of the fortnight Anne took to “haunting” the post office also, in the distracted company of Jane, Ruby, and Josie, opening the Charlottetown dailies with shaking hands and cold, sinkaway feelings as bad as any experienced during the Entrance week. Charlie and Gilbert were not above doing this too, but Moody Spurgeon stayed resolutely away.

“I haven’t got the grit to go there and look at a paper in cold blood,” he told Anne. “I’m just going to wait until somebody comes and tells me suddenly whether I’ve passed or not.”

When three weeks had gone by without the pass list appearing Anne began to feel that she really couldn’t stand the strain much longer. Her appetite failed and her interest in Avonlea doings languished. Mrs. Lynde wanted to know what else you could expect with a Tory superintendent of education at the head of affairs, and Matthew, noting Anne’s paleness and indifference and the lagging steps that bore her home from the post office every afternoon, began seriously to wonder if he hadn’t better vote Grit at the next election.

But one evening the news came. Anne was sitting at her open window, for the time forgetful of the woes of examinations and the cares of the world, as she drank in the beauty of the summer dusk, sweet-scented with flower breaths from the garden below and sibilant and rustling from the stir of poplars. The eastern sky above the firs was

flushed faintly pink from the reflection of the west, and Anne was wondering dreamily if the spirit of color looked like that, when she saw Diana come flying down through the firs, over the log bridge, and up the slope, with a fluttering newspaper in her hand.

Anne sprang to her feet, knowing at once what that paper contained. The pass list was out! Her head whirled and her heart beat until it hurt her. She could not move a step. It seemed an hour to her before Diana came rushing along the hall and burst into the room without even knocking, so great was her excitement.

“Anne, you’ve passed,” she cried, “passed the *very first*—you and Gilbert both—you’re ties—but your name is first. Oh, I’m so proud!”

Diana flung the paper on the table and herself on Anne’s bed, utterly breathless and incapable of further speech. Anne lighted the lamp, oversetting the match safe and using up half a dozen matches before her shaking hands could accomplish the task. Then she snatched up the paper. Yes, she had passed—there was her name at the very top of a list of two hundred! That moment was worth living for.

“You did just splendidly, Anne,” puffed Diana, recovering sufficiently to sit up and speak, for Anne, starry eyed and rapt, had not uttered a word. “Father brought the paper home from Bright River not ten minutes ago—it came out on the afternoon train, you know, and won’t be

here till tomorrow by mail—and when I saw the pass list I just rushed over like a wild thing. You’ve all passed, every one of you, Moody Spurgeon and all, although he’s conditioned in history. Jane and Ruby did pretty well—they’re halfway up—and so did Charlie. Josie just scraped through with three marks to spare, but you’ll see she’ll put on as many airs as if she’d led. Won’t Miss Stacy be delighted? Oh, Anne, what does it feel like to see your name at the head of a pass list like that? If it were me I know I’d go crazy with joy. I am pretty near crazy as it is, but you’re as calm and cool as a spring evening.”

“I’m just dazzled inside,” said Anne. “I want to say a hundred things, and I can’t find words to say them in. I never dreamed of this—yes, I did too, just once! I let myself think *once*, ‘What if I should come out first?’ quakingly, you know, for it seemed so vain and presumptuous to think I could lead the Island. Excuse me a minute, Diana. I must run right out to the field to tell Matthew. Then we’ll go up the road and tell the good news to the others.”

They hurried to the hayfield below the barn where Matthew was coiling hay, and, as luck would have it, Mrs. Lynde was talking to Marilla at the lane fence.

“Oh, Matthew,” exclaimed Anne, “I’ve passed and I’m first—or one of the first! I’m not vain, but I’m thankful.”

“Well now, I always said it,” said Matthew, gazing at the pass list delightedly. “I knew you could beat them all easy.”

“You’ve done pretty well, I must say, Anne,” said Marilla, trying to hide her extreme pride in Anne from Mrs. Rachel’s critical eye. But that good soul said heartily:

“I just guess she has done well, and far be it from me to be backward in saying it. You’re a credit to your friends, Anne, that’s what, and we’re all proud of you.”

That night Anne, who had wound up the delightful evening with a serious little talk with Mrs. Allan at the manse, knelt sweetly by her open window in a great sheen of moonshine and murmured a prayer of gratitude and aspiration that came straight from her heart. There was in it thankfulness for the past and reverent petition for the future; and when she slept on her white pillow her dreams were as fair and bright and beautiful as maidenhood might desire.

CHAPTER XXXIII.

THE HOTEL CONCERT

PUT on your white organdy, by all means, Anne,” advised Diana decidedly.

They were together in the east gable chamber; outside it was only twilight—a lovely yellowish-green twilight with a clear-blue cloudless sky. A big round moon, slowly deepening from her pallid luster into burnished silver, hung over the Haunted Wood; the air was full of sweet summer sounds—sleepy birds twittering, freakish breezes, faraway voices and laughter. But in Anne’s room the blind was drawn and the lamp lighted, for an important toilet was being made.

The east gable was a very different place from what it had been on that night four years before, when Anne had felt its bareness penetrate to the marrow of her spirit with its inhospitable chill. Changes had crept in, Marilla conniving at them resignedly, until it was as sweet and dainty a nest as a young girl could desire.

The velvet carpet with the pink roses and the pink silk curtains of Anne’s early visions had certainly never materialized; but her dreams had kept pace with her growth, and it is not probable she lamented them. The floor was covered with a pretty matting, and the curtains that softened the high window and fluttered in the vagrant

breezes were of pale-green art muslin. The walls, hung not with gold and silver brocade tapestry, but with a dainty apple-blossom paper, were adorned with a few good pictures given Anne by Mrs. Allan. Miss Stacy's photograph occupied the place of honor, and Anne made a sentimental point of keeping fresh flowers on the bracket under it. Tonight a spike of white lilies faintly perfumed the room like the dream of a fragrance. There was no "mahogany furniture," but there was a white-painted bookcase filled with books, a cushioned wicker rocker, a toilet table befrilled with white muslin, a quaint, gilt-framed mirror with chubby pink Cupids and purple grapes painted over its arched top, that used to hang in the spare room, and a low white bed.

Anne was dressing for a concert at the White Sands Hotel. The guests had got it up in aid of the Charlottetown hospital, and had hunted out all the available amateur talent in the surrounding districts to help it along. Bertha Sampson and Pearl Clay of the White Sands Baptist choir had been asked to sing a duet; Milton Clark of Newbridge was to give a violin solo; Winnie Adella Blair of Carmody was to sing a Scotch ballad; and Laura Spencer of Spencervale and Anne Shirley of Avonlea were to recite.

As Anne would have said at one time, it was "an epoch in her life," and she was deliciously athrill with the excitement of it. Matthew was in the seventh heaven of gratified pride over the honor conferred on his Anne and

Marilla was not far behind, although she would have died rather than admit it, and said she didn't think it was very proper for a lot of young folks to be gadding over to the hotel without any responsible person with them.

Anne and Diana were to drive over with Jane Andrews and her brother Billy in their double-seated buggy; and several other Avonlea girls and boys were going too. There was a party of visitors expected out from town, and after the concert a supper was to be given to the performers.

"Do you really think the organdy will be best?" queried Anne anxiously. "I don't think it's as pretty as my blue-flowered muslin—and it certainly isn't so fashionable."

"But it suits you ever so much better," said Diana. "It's so soft and frilly and clinging. The muslin is stiff, and makes you look too dressed up. But the organdy seems as if it grew on you."

Anne sighed and yielded. Diana was beginning to have a reputation for notable taste in dressing, and her advice on such subjects was much sought after. She was looking very pretty herself on this particular night in a dress of the lovely wild-rose pink, from which Anne was forever debarred; but she was not to take any part in the concert, so her appearance was of minor importance. All her pains were bestowed upon Anne, who, she vowed, must, for the credit of Avonlea, be dressed and combed and adorned to the Queen's taste.

“Pull out that frill a little more—so; here, let me tie your sash; now for your slippers. I’m going to braid your hair in two thick braids, and tie them halfway up with big white bows—no, don’t pull out a single curl over your forehead—just have the soft part. There is no way you do your hair suits you so well, Anne, and Mrs. Allan says you look like a Madonna when you part it so. I shall fasten this little white house rose just behind your ear. There was just one on my bush, and I saved it for you.”

“Shall I put my pearl beads on?” asked Anne.

“Matthew brought me a string from town last week, and I know he’d like to see them on me.”

Diana pursed up her lips, put her black head on one side critically, and finally pronounced in favor of the beads, which were thereupon tied around Anne’s slim milk-white throat.

“There’s something so stylish about you, Anne,” said Diana, with unenvious admiration. “You hold your head with such an air. I suppose it’s your figure. I am just a dumpling. I’ve always been afraid of it, and now I know it is so. Well, I suppose I shall just have to resign myself to it.”

“But you have such dimples,” said Anne, smiling affectionately into the pretty, vivacious face so near her own. “Lovely dimples, like little dents in cream. I have given up all hope of dimples. My dimple-dream will never

come true; but so many of my dreams have that I mustn't complain. Am I all ready now?"

"All ready," assured Diana, as Marilla appeared in the doorway, a gaunt figure with grayer hair than of yore and no fewer angles, but with a much softer face. "Come right in and look at our elocutionist, Marilla. Doesn't she look lovely?"

Marilla emitted a sound between a sniff and a grunt.

"She looks neat and proper. I like that way of fixing her hair. But I expect she'll ruin that dress driving over there in the dust and dew with it, and it looks most too thin for these damp nights. Organdy's the most unserviceable stuff in the world anyhow, and I told Matthew so when he got it. But there is no use in saying anything to Matthew nowadays. Time was when he would take my advice, but now he just buys things for Anne regardless, and the clerks at Carmody know they can palm anything off on him. Just let them tell him a thing is pretty and fashionable, and Matthew plunks his money down for it. Mind you keep your skirt clear of the wheel, Anne, and put your warm jacket on."

Then Marilla stalked downstairs, thinking proudly how sweet Anne looked, with that

"One moonbeam from the forehead to the crown"

and regretting that she could not go to the concert herself to hear her girl recite.

“I wonder if it *is* too damp for my dress,” said Anne anxiously.

“Not a bit of it,” said Diana, pulling up the window blind. “It’s a perfect night, and there won’t be any dew. Look at the moonlight.”

“I’m so glad my window looks east into the sun rising,” said Anne, going over to Diana. “It’s so splendid to see the morning coming up over those long hills and glowing through those sharp fir tops. It’s new every morning, and I feel as if I washed my very soul in that bath of earliest sunshine. Oh, Diana, I love this little room so dearly. I don’t know how I’ll get along without it when I go to town next month.”

“Don’t speak of your going away tonight,” begged Diana. “I don’t want to think of it, it makes me so miserable, and I do want to have a good time this evening. What are you going to recite, Anne? And are you nervous?”

“Not a bit. I’ve recited so often in public I don’t mind at all now. I’ve decided to give ‘The Maiden’s Vow.’ It’s so pathetic. Laura Spencer is going to give a comic recitation, but I’d rather make people cry than laugh.”

“What will you recite if they encore you?”

“They won’t dream of encoring me,” scoffed Anne, who was not without her own secret hopes that they would, and already visioned herself telling Matthew all

about it at the next morning's breakfast table. "There are Billy and Jane now—I hear the wheels. Come on."

Billy Andrews insisted that Anne should ride on the front seat with him, so she unwillingly climbed up. She would have much preferred to sit back with the girls, where she could have laughed and chattered to her heart's content. There was not much of either laughter or chatter in Billy. He was a big, fat, stolid youth of twenty, with a round, expressionless face, and a painful lack of conversational gifts. But he admired Anne immensely, and was puffed up with pride over the prospect of driving to White Sands with that slim, upright figure beside him.

Anne, by dint of talking over her shoulder to the girls and occasionally passing a sop of civility to Billy—who grinned and chuckled and never could think of any reply until it was too late—contrived to enjoy the drive in spite of all. It was a night for enjoyment. The road was full of buggies, all bound for the hotel, and laughter, silver clear, echoed and reechoed along it. When they reached the hotel it was a blaze of light from top to bottom. They were met by the ladies of the concert committee, one of whom took Anne off to the performers' dressing room which was filled with the members of a Charlottetown Symphony Club, among whom Anne felt suddenly shy and frightened and countrified. Her dress, which, in the east gable, had seemed so dainty and pretty, now seemed simple and plain—too simple and plain, she thought, among all the

silks and laces that glistened and rustled around her. What were her pearl beads compared to the diamonds of the big, handsome lady near her? And how poor her one wee white rose must look beside all the hothouse flowers the others wore! Anne laid her hat and jacket away, and shrank miserably into a corner. She wished herself back in the white room at Green Gables.

It was still worse on the platform of the big concert hall of the hotel, where she presently found herself. The electric lights dazzled her eyes, the perfume and hum bewildered her. She wished she were sitting down in the audience with Diana and Jane, who seemed to be having a splendid time away at the back. She was wedged in between a stout lady in pink silk and a tall, scornful-looking girl in a white-lace dress. The stout lady occasionally turned her head squarely around and surveyed Anne through her eyeglasses until Anne, acutely sensitive of being so scrutinized, felt that she must scream aloud; and the white-lace girl kept talking audibly to her next neighbor about the “country bumpkins” and “rustic belles” in the audience, languidly anticipating “such fun” from the displays of local talent on the program. Anne believed that she would hate that white-lace girl to the end of life.

Unfortunately for Anne, a professional elocutionist was staying at the hotel and had consented to recite. She was a lithe, dark-eyed woman in a wonderful gown of

shimmering gray stuff like woven moonbeams, with gems on her neck and in her dark hair. She had a marvelously flexible voice and wonderful power of expression; the audience went wild over her selection. Anne, forgetting all about herself and her troubles for the time, listened with rapt and shining eyes; but when the recitation ended she suddenly put her hands over her face. She could never get up and recite after that—never. Had she ever thought she could recite? Oh, if she were only back at Green Gables!

At this unpropitious moment her name was called. Somehow Anne—who did not notice the rather guilty little start of surprise the white-lace girl gave, and would not have understood the subtle compliment implied therein if she had—got on her feet, and moved dizzily out to the front. She was so pale that Diana and Jane, down in the audience, clasped each other's hands in nervous sympathy.

Anne was the victim of an overwhelming attack of stage fright. Often as she had recited in public, she had never before faced such an audience as this, and the sight of it paralyzed her energies completely. Everything was so strange, so brilliant, so bewildering—the rows of ladies in evening dress, the critical faces, the whole atmosphere of wealth and culture about her. Very different this from the plain benches at the Debating Club, filled with the homely, sympathetic faces of friends and neighbors. These people, she thought, would be merciless critics. Perhaps, like the white-lace girl, they anticipated amusement from her

“rustic” efforts. She felt hopelessly, helplessly ashamed and miserable. Her knees trembled, her heart fluttered, a horrible faintness came over her; not a word could she utter, and the next moment she would have fled from the platform despite the humiliation which, she felt, must ever after be her portion if she did so.

But suddenly, as her dilated, frightened eyes gazed out over the audience, she saw Gilbert Blythe away at the back of the room, bending forward with a smile on his face—a smile which seemed to Anne at once triumphant and taunting. In reality it was nothing of the kind. Gilbert was merely smiling with appreciation of the whole affair in general and of the effect produced by Anne’s slender white form and spiritual face against a background of palms in particular. Josie Pye, whom he had driven over, sat beside him, and her face certainly was both triumphant and taunting. But Anne did not see Josie, and would not have cared if she had. She drew a long breath and flung her head up proudly, courage and determination tingling over her like an electric shock. She *would not* fail before Gilbert Blythe—he should never be able to laugh at her, never, never! Her fright and nervousness vanished; and she began her recitation, her clear, sweet voice reaching to the farthest corner of the room without a tremor or a break. Self-possession was fully restored to her, and in the reaction from that horrible moment of powerlessness she recited as she had never done before. When she finished

there were bursts of honest applause. Anne, stepping back to her seat, blushing with shyness and delight, found her hand vigorously clasped and shaken by the stout lady in pink silk.

“My dear, you did splendidly,” she puffed. “I’ve been crying like a baby, actually I have. There, they’re encoring you—they’re bound to have you back!”

“Oh, I can’t go,” said Anne confusedly. “But yet—I must, or Matthew will be disappointed. He said they would encore me.”

“Then don’t disappoint Matthew,” said the pink lady, laughing.

Smiling, blushing, limpid eyed, Anne tripped back and gave a quaint, funny little selection that captivated her audience still further. The rest of the evening was quite a little triumph for her.

When the concert was over, the stout, pink lady—who was the wife of an American millionaire—took her under her wing, and introduced her to everybody; and everybody was very nice to her. The professional elocutionist, Mrs. Evans, came and chatted with her, telling her that she had a charming voice and “interpreted” her selections beautifully. Even the white-lace girl paid her a languid little compliment. They had supper in the big, beautifully decorated dining room; Diana and Jane were invited to partake of this, also, since they had come with Anne, but Billy was nowhere to be found, having decamped in mortal

fear of some such invitation. He was in waiting for them, with the team, however, when it was all over, and the three girls came merrily out into the calm, white moonshine radiance. Anne breathed deeply, and looked into the clear sky beyond the dark boughs of the firs.

Oh, it was good to be out again in the purity and silence of the night! How great and still and wonderful everything was, with the murmur of the sea sounding through it and the darkling cliffs beyond like grim giants guarding enchanted coasts.

“Hasn’t it been a perfectly splendid time?” sighed Jane, as they drove away. “I just wish I was a rich American and could spend my summer at a hotel and wear jewels and low-necked dresses and have ice cream and chicken salad every blessed day. I’m sure it would be ever so much more fun than teaching school. Anne, your recitation was simply great, although I thought at first you were never going to begin. I think it was better than Mrs. Evans’s.”

“Oh, no, don’t say things like that, Jane,” said Anne quickly, “because it sounds silly. It couldn’t be better than Mrs. Evans’s, you know, for she is a professional, and I’m only a schoolgirl, with a little knack of reciting. I’m quite satisfied if the people just liked mine pretty well.”

“I’ve a compliment for you, Anne,” said Diana. “At least I think it must be a compliment because of the tone he said it in. Part of it was anyhow. There was an American sitting behind Jane and me—such a romantic-looking man,

with coal-black hair and eyes. Josie Pye says he is a distinguished artist, and that her mother's cousin in Boston is married to a man that used to go to school with him. Well, we heard him say—didn't we, Jane?—'Who is that girl on the platform with the splendid Titian hair? She has a face I should like to paint.' There now, Anne. But what does Titian hair mean?"

"Being interpreted it means plain red, I guess," laughed Anne. "Titian was a very famous artist who liked to paint red-haired women."

"*Did* you see all the diamonds those ladies wore?" sighed Jane. "They were simply dazzling. Wouldn't you just love to be rich, girls?"

"We *are* rich," said Anne staunchly. "Why, we have sixteen years to our credit, and we're happy as queens, and we've all got imaginations, more or less. Look at that sea, girls—all silver and shadow and vision of things not seen. We couldn't enjoy its loveliness any more if we had millions of dollars and ropes of diamonds. You wouldn't change into any of those women if you could. Would you want to be that white-lace girl and wear a sour look all your life, as if you'd been born turning up your nose at the world? Or the pink lady, kind and nice as she is, so stout and short that you'd really no figure at all? Or even Mrs. Evans, with that sad, sad look in her eyes? She must have been dreadfully unhappy sometime to have such a look. You *know* you wouldn't, Jane Andrews!"

“I *don't* know—exactly,” said Jane unconvinced. “I think diamonds would comfort a person for a good deal.”

“Well, I don't want to be anyone but myself, even if I go uncomforted by diamonds all my life,” declared Anne. “I'm quite content to be Anne of Green Gables, with my string of pearl beads. I know Matthew gave me as much love with them as ever went with Madame the Pink Lady's jewels.”

CHAPTER XXXIV.

A QUEEN'S GIRL

THE next three weeks were busy ones at Green Gables, for Anne was getting ready to go to Queen's, and there was much sewing to be done, and many things to be talked over and arranged. Anne's outfit was ample and pretty, for Matthew saw to that, and Marilla for once made no objections whatever to anything he purchased or suggested. More—one evening she went up to the east gable with her arms full of a delicate pale green material.

“Anne, here's something for a nice light dress for you. I don't suppose you really need it; you've plenty of pretty waists; but I thought maybe you'd like something real dressy to wear if you were asked out anywhere of an evening in town, to a party or anything like that. I hear that Jane and Ruby and Josie have got 'evening dresses,' as they call them, and I don't mean you shall be behind them. I got Mrs. Allan to help me pick it in town last week, and we'll get Emily Gillis to make it for you. Emily has got taste, and her fits aren't to be equaled.”

“Oh, Marilla, it's just lovely,” said Anne. “Thank you so much. I don't believe you ought to be so kind to me—it's making it harder every day for me to go away.”

The green dress was made up with as many tucks and frills and shirrings as Emily's taste permitted. Anne put it on one evening for Matthew's and Marilla's benefit, and recited "The Maiden's Vow" for them in the kitchen. As Marilla watched the bright, animated face and graceful motions her thoughts went back to the evening Anne had arrived at Green Gables, and memory recalled a vivid picture of the odd, frightened child in her preposterous yellowish-brown wincey dress, the heartbreak looking out of her tearful eyes. Something in the memory brought tears to Marilla's own eyes.

"I declare, my recitation has made you cry, Marilla," said Anne gaily stooping over Marilla's chair to drop a butterfly kiss on that lady's cheek. "Now, I call that a positive triumph."

"No, I wasn't crying over your piece," said Marilla, who would have scorned to be betrayed into such weakness by any poetry stuff. "I just couldn't help thinking of the little girl you used to be, Anne. And I was wishing you could have stayed a little girl, even with all your queer ways. You've grown up now and you're going away; and you look so tall and stylish and so—so—different altogether in that dress—as if you didn't belong in Avonlea at all—and I just got lonesome thinking it all over."

"Marilla!" Anne sat down on Marilla's gingham lap, took Marilla's lined face between her hands, and looked gravely and tenderly into Marilla's eyes. "I'm not a bit

changed—not really. I’m only just pruned down and branched out. The real *me*—back here—is just the same. It won’t make a bit of difference where I go or how much I change outwardly; at heart I shall always be your little Anne, who will love you and Matthew and dear Green Gables more and better every day of her life.”

Anne laid her fresh young cheek against Marilla’s faded one, and reached out a hand to pat Matthew’s shoulder. Marilla would have given much just then to have possessed Anne’s power of putting her feelings into words; but nature and habit had willed it otherwise, and she could only put her arms close about her girl and hold her tenderly to her heart, wishing that she need never let her go.

Matthew, with a suspicious moisture in his eyes, got up and went out-of-doors. Under the stars of the blue summer night he walked agitatedly across the yard to the gate under the poplars.

“Well now, I guess she ain’t been much spoiled,” he muttered, proudly. “I guess my putting in my oar occasional never did much harm after all. She’s smart and pretty, and loving, too, which is better than all the rest. She’s been a blessing to us, and there never was a luckier mistake than what Mrs. Spencer made—if it *was* luck. I don’t believe it was any such thing. It was Providence, because the Almighty saw we needed her, I reckon.”

The day finally came when Anne must go to town. She and Matthew drove in one fine September morning, after a tearful parting with Diana and an untearful practical one—on Marilla’s side at least—with Marilla. But when Anne had gone Diana dried her tears and went to a beach picnic at White Sands with some of her Carmody cousins, where she contrived to enjoy herself tolerably well; while Marilla plunged fiercely into unnecessary work and kept at it all day long with the bitterest kind of heartache—the ache that burns and gnaws and cannot wash itself away in ready tears. But that night, when Marilla went to bed, acutely and miserably conscious that the little gable room at the end of the hall was untenanted by any vivid young life and unstirred by any soft breathing, she buried her face in her pillow, and wept for her girl in a passion of sobs that appalled her when she grew calm enough to reflect how very wicked it must be to take on so about a sinful fellow creature.

Anne and the rest of the Avonlea scholars reached town just in time to hurry off to the Academy. That first day passed pleasantly enough in a whirl of excitement, meeting all the new students, learning to know the professors by sight and being assorted and organized into classes. Anne intended taking up the Second Year work being advised to do so by Miss Stacy; Gilbert Blythe elected to do the same. This meant getting a First Class teacher’s license in one year instead of two, if they were successful;

but it also meant much more and harder work. Jane, Ruby, Josie, Charlie, and Moody Spurgeon, not being troubled with the stirrings of ambition, were content to take up the Second Class work. Anne was conscious of a pang of loneliness when she found herself in a room with fifty other students, not one of whom she knew, except the tall, brown-haired boy across the room; and knowing him in the fashion she did, did not help her much, as she reflected pessimistically. Yet she was undeniably glad that they were in the same class; the old rivalry could still be carried on, and Anne would hardly have known what to do if it had been lacking.

“I wouldn’t feel comfortable without it,” she thought. “Gilbert looks awfully determined. I suppose he’s making up his mind, here and now, to win the medal. What a splendid chin he has! I never noticed it before. I do wish Jane and Ruby had gone in for First Class, too. I suppose I won’t feel so much like a cat in a strange garret when I get acquainted, though. I wonder which of the girls here are going to be my friends. It’s really an interesting speculation. Of course I promised Diana that no Queen’s girl, no matter how much I liked her, should ever be as dear to me as she is; but I’ve lots of second-best affections to bestow. I like the look of that girl with the brown eyes and the crimson waist. She looks vivid and red-rosy; there’s that pale, fair one gazing out of the window. She has lovely hair, and looks as if she knew a thing or two about dreams.

I'd like to know them both—know them well—well enough to walk with my arm about their waists, and call them nicknames. But just now I don't know them and they don't know me, and probably don't want to know me particularly. Oh, it's lonesome!"

It was lonelier still when Anne found herself alone in her hall bedroom that night at twilight. She was not to board with the other girls, who all had relatives in town to take pity on them. Miss Josephine Barry would have liked to board her, but Beechwood was so far from the Academy that it was out of the question; so Miss Barry hunted up a boarding-house, assuring Matthew and Marilla that it was the very place for Anne.

"The lady who keeps it is a reduced gentlewoman," explained Miss Barry. "Her husband was a British officer, and she is very careful what sort of boarders she takes. Anne will not meet with any objectionable persons under her roof. The table is good, and the house is near the Academy, in a quiet neighborhood."

All this might be quite true, and indeed, proved to be so, but it did not materially help Anne in the first agony of homesickness that seized upon her. She looked dismally about her narrow little room, with its dull-papered, pictureless walls, its small iron bedstead and empty book-case; and a horrible choke came into her throat as she thought of her own white room at Green Gables, where she would have the pleasant consciousness of a great

green still outdoors, of sweet peas growing in the garden, and moonlight falling on the orchard, of the brook below the slope and the spruce boughs tossing in the night wind beyond it, of a vast starry sky, and the light from Diana's window shining out through the gap in the trees. Here there was nothing of this; Anne knew that outside of her window was a hard street, with a network of telephone wires shutting out the sky, the tramp of alien feet, and a thousand lights gleaming on stranger faces. She knew that she was going to cry, and fought against it.

"I *won't* cry. It's silly—and weak—there's the third tear splashing down by my nose. There are more coming! I must think of something funny to stop them. But there's nothing funny except what is connected with Avonlea, and that only makes things worse—four—five—I'm going home next Friday, but that seems a hundred years away. Oh, Matthew is nearly home by now—and Marilla is at the gate, looking down the lane for him—six—seven—eight—oh, there's no use in counting them! They're coming in a flood presently. I can't cheer up—I don't *want* to cheer up. It's nicer to be miserable!"

The flood of tears would have come, no doubt, had not Josie Pye appeared at that moment. In the joy of seeing a familiar face Anne forgot that there had never been much love lost between her and Josie. As a part of Avonlea life even a Pye was welcome.

"I'm so glad you came up," Anne said sincerely.

“You’ve been crying,” remarked Josie, with aggravating pity. “I suppose you’re homesick—some people have so little self-control in that respect. I’ve no intention of being homesick, I can tell you. Town’s too jolly after that poky old Avonlea. I wonder how I ever existed there so long. You shouldn’t cry, Anne; it isn’t becoming, for your nose and eyes get red, and then you seem *all* red. I’d a perfectly scrumptious time in the Academy today. Our French professor is simply a duck. His moustache would give you kerwollops of the heart. Have you anything eatable around, Anne? I’m literally starving. Ah, I guessed likely Marilla ‘d load you up with cake. That’s why I called round. Otherwise I’d have gone to the park to hear the band play with Frank Stockley. He boards same place as I do, and he’s a sport. He noticed you in class today, and asked me who the red-headed girl was. I told him you were an orphan that the Cuthberts had adopted, and nobody knew very much about what you’d been before that.”

Anne was wondering if, after all, solitude and tears were not more satisfactory than Josie Pye’s companionship when Jane and Ruby appeared, each with an inch of Queen’s color ribbon—purple and scarlet—pinned proudly to her coat. As Josie was not “speaking” to Jane just then she had to subside into comparative harmlessness.

“Well,” said Jane with a sigh, “I feel as if I’d lived many moons since the morning. I ought to be home

studying my Virgil—that horrid old professor gave us twenty lines to start in on tomorrow. But I simply couldn't settle down to study tonight. Anne, methinks I see the traces of tears. If you've been crying *do* own up. It will restore my self-respect, for I was shedding tears freely before Ruby came along. I don't mind being a goose so much if somebody else is goosey, too. Cake? You'll give me a teeny piece, won't you? Thank you. It has the real Avonlea flavor."

Ruby, perceiving the Queen's calendar lying on the table, wanted to know if Anne meant to try for the gold medal.

Anne blushed and admitted she was thinking of it.

"Oh, that reminds me," said Josie, "Queen's is to get one of the Avery scholarships after all. The word came today. Frank Stockley told me—his uncle is one of the board of governors, you know. It will be announced in the Academy tomorrow."

An Avery scholarship! Anne felt her heart beat more quickly, and the horizons of her ambition shifted and broadened as if by magic. Before Josie had told the news Anne's highest pinnacle of aspiration had been a teacher's provincial license, First Class, at the end of the year, and perhaps the medal! But now in one moment Anne saw herself winning the Avery scholarship, taking an Arts course at Redmond College, and graduating in a gown and mortar board, before the echo of Josie's words had died

away. For the Avery scholarship was in English, and Anne felt that here her foot was on native heath.

A wealthy manufacturer of New Brunswick had died and left part of his fortune to endow a large number of scholarships to be distributed among the various high schools and academies of the Maritime Provinces, according to their respective standings. There had been much doubt whether one would be allotted to Queen's, but the matter was settled at last, and at the end of the year the graduate who made the highest mark in English and English Literature would win the scholarship—two hundred and fifty dollars a year for four years at Redmond College. No wonder that Anne went to bed that night with tingling cheeks!

“I'll win that scholarship if hard work can do it,” she resolved. “Wouldn't Matthew be proud if I got to be a B.A.? Oh, it's delightful to have ambitions. I'm so glad I have such a lot. And there never seems to be any end to them—that's the best of it. Just as soon as you attain to one ambition you see another one glittering higher up still. It does make life so interesting.”

CHAPTER XXXV.

THE WINTER AT QUEEN'S

ANNE'S homesickness wore off, greatly helped in the wearing by her weekend visits home. As long as the open weather lasted the Avonlea students went out to Carmody on the new branch railway every Friday night. Diana and several other Avonlea young folks were generally on hand to meet them and they all walked over to Avonlea in a merry party. Anne thought those Friday evening gypsyings over the autumnal hills in the crisp golden air, with the homelights of Avonlea twinkling beyond, were the best and dearest hours in the whole week.

Gilbert Blythe nearly always walked with Ruby Gillis and carried her satchel for her. Ruby was a very handsome young lady, now thinking herself quite as grown up as she really was; she wore her skirts as long as her mother would let her and did her hair up in town, though she had to take it down when she went home. She had large, bright-blue eyes, a brilliant complexion, and a plump showy figure. She laughed a great deal, was cheerful and good-tempered, and enjoyed the pleasant things of life frankly.

“But I shouldn't think she was the sort of girl Gilbert would like,” whispered Jane to Anne. Anne did not think so either, but she would not have said so for the Avery

scholarship. She could not help thinking, too, that it would be very pleasant to have such a friend as Gilbert to jest and chatter with and exchange ideas about books and studies and ambitions. Gilbert had ambitions, she knew, and Ruby Gillis did not seem the sort of person with whom such could be profitably discussed.

There was no silly sentiment in Anne's ideas concerning Gilbert. Boys were to her, when she thought about them at all, merely possible good comrades. If she and Gilbert had been friends she would not have cared how many other friends he had nor with whom he walked. She had a genius for friendship; girl friends she had in plenty; but she had a vague consciousness that masculine friendship might also be a good thing to round out one's conceptions of companionship and furnish broader standpoints of judgment and comparison. Not that Anne could have put her feelings on the matter into just such clear definition. But she thought that if Gilbert had ever walked home with her from the train, over the crisp fields and along the ferny byways, they might have had many and merry and interesting conversations about the new world that was opening around them and their hopes and ambitions therein. Gilbert was a clever young fellow, with his own thoughts about things and a determination to get the best out of life and put the best into it. Ruby Gillis told Jane Andrews that she didn't understand half the things Gilbert Blythe said; he talked just like Anne Shirley did

when she had a thoughtful fit on and for her part she didn't think it any fun to be bothering about books and that sort of thing when you didn't have to. Frank Stockley had lots more dash and go, but then he wasn't half as good-looking as Gilbert and she really couldn't decide which she liked best!

In the Academy Anne gradually drew a little circle of friends about her, thoughtful, imaginative, ambitious students like herself. With the "rose-red" girl, Stella Maynard, and the "dream girl," Priscilla Grant, she soon became intimate, finding the latter pale spiritual-looking maiden to be full to the brim of mischief and pranks and fun, while the vivid, black-eyed Stella had a heartful of wistful dreams and fancies, as aerial and rainbow-like as Anne's own.

After the Christmas holidays the Avonlea students gave up going home on Fridays and settled down to hard work. By this time all the Queen's scholars had gravitated into their own places in the ranks and the various classes had assumed distinct and settled shadings of individuality. Certain facts had become generally accepted. It was admitted that the medal contestants had practically narrowed down to three—Gilbert Blythe, Anne Shirley, and Lewis Wilson; the Avery scholarship was more doubtful, any one of a certain six being a possible winner. The bronze medal for mathematics was considered as good as

won by a fat, funny little up-country boy with a bumpy forehead and a patched coat.

Ruby Gillis was the handsomest girl of the year at the Academy; in the Second Year classes Stella Maynard carried off the palm for beauty, with small but critical minority in favor of Anne Shirley. Ethel Marr was admitted by all competent judges to have the most stylish modes of hair-dressing, and Jane Andrews—plain, plodding, conscientious Jane—carried off the honors in the domestic science course. Even Josie Pye attained a certain preeminence as the sharpest-tongued young lady in attendance at Queen's. So it may be fairly stated that Miss Stacy's old pupils held their own in the wider arena of the academical course.

Anne worked hard and steadily. Her rivalry with Gilbert was as intense as it had ever been in Avonlea school, although it was not known in the class at large, but somehow the bitterness had gone out of it. Anne no longer wished to win for the sake of defeating Gilbert; rather, for the proud consciousness of a well-won victory over a worthy foeman. It would be worth while to win, but she no longer thought life would be insupportable if she did not.

In spite of lessons the students found opportunities for pleasant times. Anne spent many of her spare hours at Beechwood and generally ate her Sunday dinners there and went to church with Miss Barry. The latter was, as she admitted, growing old, but her black eyes were not dim nor

the vigor of her tongue in the least abated. But she never sharpened the latter on Anne, who continued to be a prime favorite with the critical old lady.

“That Anne-girl improves all the time,” she said. “I get tired of other girls—there is such a provoking and eternal sameness about them. Anne has as many shades as a rainbow and every shade is the prettiest while it lasts. I don’t know that she is as amusing as she was when she was a child, but she makes me love her and I like people who make me love them. It saves me so much trouble in making myself love them.”

Then, almost before anybody realized it, spring had come; out in Avonlea the Mayflowers were peeping pinkly out on the sere barrens where snow-wreaths lingered; and the “mist of green” was on the woods and in the valleys. But in Charlottetown harassed Queen’s students thought and talked only of examinations.

“It doesn’t seem possible that the term is nearly over,” said Anne. “Why, last fall it seemed so long to look forward to—a whole winter of studies and classes. And here we are, with the exams looming up next week. Girls, sometimes I feel as if those exams meant everything, but when I look at the big buds swelling on those chestnut trees and the misty blue air at the end of the streets they don’t seem half so important.”

Jane and Ruby and Josie, who had dropped in, did not take this view of it. To them the coming examinations were

constantly very important indeed—far more important than chestnut buds or Maytime hazes. It was all very well for Anne, who was sure of passing at least, to have her moments of belittling them, but when your whole future depended on them—as the girls truly thought theirs did—you could not regard them philosophically.

“I’ve lost seven pounds in the last two weeks,” sighed Jane. “It’s no use to say don’t worry. I *will* worry. Worrying helps you some—it seems as if you were doing something when you’re worrying. It would be dreadful if I failed to get my license after going to Queen’s all winter and spending so much money.”

“I don’t care,” said Josie Pye. “If I don’t pass this year I’m coming back next. My father can afford to send me. Anne, Frank Stockley says that Professor Tremaine said Gilbert Blythe was sure to get the medal and that Emily Clay would likely win the Avery scholarship.”

“That may make me feel badly tomorrow, Josie,” laughed Anne, “but just now I honestly feel that as long as I know the violets are coming out all purple down in the hollow below Green Gables and that little ferns are poking their heads up in Lovers’ Lane, it’s not a great deal of difference whether I win the Avery or not. I’ve done my best and I begin to understand what is meant by the ‘joy of the strife.’ Next to trying and winning, the best thing is trying and failing. Girls, don’t talk about exams! Look at that arch of pale green sky over those houses and picture

to yourself what it must look like over the purply-dark beech-woods back of Avonlea.”

“What are you going to wear for commencement, Jane?” asked Ruby practically.

Jane and Josie both answered at once and the chatter drifted into a side eddy of fashions. But Anne, with her elbows on the window sill, her soft cheek laid against her clasped hands, and her eyes filled with visions, looked out unheedingly across city roof and spire to that glorious dome of sunset sky and wove her dreams of a possible future from the golden tissue of youth’s own optimism. All the Beyond was hers with its possibilities lurking rosily in the oncoming years—each year a rose of promise to be woven into an immortal chaplet.

CHAPTER XXXVI.

THE GLORY AND THE DREAM

ON the morning when the final results of all the examinations were to be posted on the bulletin board at Queen's, Anne and Jane walked down the street together. Jane was smiling and happy; examinations were over and she was comfortably sure she had made a pass at least; further considerations troubled Jane not at all; she had no soaring ambitions and consequently was not affected with the unrest attendant thereon. For we pay a price for everything we get or take in this world; and although ambitions are well worth having, they are not to be cheaply won, but exact their dues of work and self-denial, anxiety and discouragement. Anne was pale and quiet; in ten more minutes she would know who had won the medal and who the Avery. Beyond those ten minutes there did not seem, just then, to be anything worth being called Time.

"Of course you'll win one of them anyhow," said Jane, who couldn't understand how the faculty could be so unfair as to order it otherwise.

"I have not hope of the Avery," said Anne. "Everybody says Emily Clay will win it. And I'm not going to march up to that bulletin board and look at it before everybody. I haven't the moral courage. I'm going straight to the girls'

dressing room. You must read the announcements and then come and tell me, Jane. And I implore you in the name of our old friendship to do it as quickly as possible. If I have failed just say so, without trying to break it gently; and whatever you do *don't* sympathize with me. Promise me this, Jane.”

Jane promised solemnly; but, as it happened, there was no necessity for such a promise. When they went up the entrance steps of Queen's they found the hall full of boys who were carrying Gilbert Blythe around on their shoulders and yelling at the tops of their voices, “Hurrah for Blythe, Medalist!”

For a moment Anne felt one sickening pang of defeat and disappointment. So she had failed and Gilbert had won! Well, Matthew would be sorry—he had been so sure she would win.

And then!

Somebody called out:

“Three cheers for Miss Shirley, winner of the Avery!”

“Oh, Anne,” gasped Jane, as they fled to the girls' dressing room amid hearty cheers. “Oh, Anne I'm so proud! Isn't it splendid?”

And then the girls were around them and Anne was the center of a laughing, congratulating group. Her shoulders were thumped and her hands shaken vigorously. She was pushed and pulled and hugged and among it all she managed to whisper to Jane:

“Oh, won’t Matthew and Marilla be pleased! I must write the news home right away.”

Commencement was the next important happening. The exercises were held in the big assembly hall of the Academy. Addresses were given, essays read, songs sung, the public award of diplomas, prizes and medals made.

Matthew and Marilla were there, with eyes and ears for only one student on the platform—a tall girl in pale green, with faintly flushed cheeks and starry eyes, who read the best essay and was pointed out and whispered about as the Avery winner.

“Reckon you’re glad we kept her, Marilla?” whispered Matthew, speaking for the first time since he had entered the hall, when Anne had finished her essay.

“It’s not the first time I’ve been glad,” retorted Marilla. “You do like to rub things in, Matthew Cuthbert.”

Miss Barry, who was sitting behind them, leaned forward and poked Marilla in the back with her parasol.

“Aren’t you proud of that Anne-girl? I am,” she said.

Anne went home to Avonlea with Matthew and Marilla that evening. She had not been home since April and she felt that she could not wait another day. The apple blossoms were out and the world was fresh and young. Diana was at Green Gables to meet her. In her own white room, where Marilla had set a flowering house rose on the window sill, Anne looked about her and drew a long breath of happiness.

“Oh, Diana, it’s so good to be back again. It’s so good to see those pointed firs coming out against the pink sky—and that white orchard and the old Snow Queen. Isn’t the breath of the mint delicious? And that tea rose—why, it’s a song and a hope and a prayer all in one. And it’s *good* to see you again, Diana!”

“I thought you liked that Stella Maynard better than me,” said Diana reproachfully. “Josie Pye told me you did. Josie said you were *infatuated* with her.”

Anne laughed and pelted Diana with the faded “June lilies” of her bouquet.

“Stella Maynard is the dearest girl in the world except one and you are that one, Diana,” she said. “I love you more than ever—and I’ve so many things to tell you. But just now I feel as if it were joy enough to sit here and look at you. I’m tired, I think—tired of being studious and ambitious. I mean to spend at least two hours tomorrow lying out in the orchard grass, thinking of absolutely nothing.”

“You’ve done splendidly, Anne. I suppose you won’t be teaching now that you’ve won the Avery?”

“No. I’m going to Redmond in September. Doesn’t it seem wonderful? I’ll have a brand new stock of ambition laid in by that time after three glorious, golden months of vacation. Jane and Ruby are going to teach. Isn’t it splendid to think we all got through even to Moody Spurgeon and Josie Pye?”

“The Newbridge trustees have offered Jane their school already,” said Diana. “Gilbert Blythe is going to teach, too. He has to. His father can’t afford to send him to college next year, after all, so he means to earn his own way through. I expect he’ll get the school here if Miss Ames decides to leave.”

Anne felt a queer little sensation of dismayed surprise. She had not known this; she had expected that Gilbert would be going to Redmond also. What would she do without their inspiring rivalry? Would not work, even at a coeducational college with a real degree in prospect, be rather flat without her friend the enemy?

The next morning at breakfast it suddenly struck Anne that Matthew was not looking well. Surely he was much grayer than he had been a year before.

“Marilla,” she said hesitatingly when he had gone out, “is Matthew quite well?”

“No, he isn’t,” said Marilla in a troubled tone. “He’s had some real bad spells with his heart this spring and he won’t spare himself a mite. I’ve been real worried about him, but he’s some better this while back and we’ve got a good hired man, so I’m hoping he’ll kind of rest and pick up. Maybe he will now you’re home. You always cheer him up.”

Anne leaned across the table and took Marilla’s face in her hands.

“You are not looking as well yourself as I’d like to see you, Marilla. You look tired. I’m afraid you’ve been working too hard. You must take a rest, now that I’m home. I’m just going to take this one day off to visit all the dear old spots and hunt up my old dreams, and then it will be your turn to be lazy while I do the work.”

Marilla smiled affectionately at her girl.

“It’s not the work—it’s my head. I’ve got a pain so often now—behind my eyes. Doctor Spencer’s been fussing with glasses, but they don’t do me any good. There is a distinguished oculist coming to the Island the last of June and the doctor says I must see him. I guess I’ll have to. I can’t read or sew with any comfort now. Well, Anne, you’ve done real well at Queen’s I must say. To take First Class License in one year and win the Avery scholarship—well, well, Mrs. Lynde says pride goes before a fall and she doesn’t believe in the higher education of women at all; she says it unfits them for woman’s true sphere. I don’t believe a word of it. Speaking of Rachel reminds me—did you hear anything about the Abbey Bank lately, Anne?”

“I heard it was shaky,” answered Anne. “Why?”

“That is what Rachel said. She was up here one day last week and said there was some talk about it. Matthew felt real worried. All we have saved is in that bank—every penny. I wanted Matthew to put it in the Savings Bank in the first place, but old Mr. Abbey was a great friend of father’s and he’d always banked with him. Matthew said

any bank with him at the head of it was good enough for anybody.”

“I think he has only been its nominal head for many years,” said Anne. “He is a very old man; his nephews are really at the head of the institution.”

“Well, when Rachel told us that, I wanted Matthew to draw our money right out and he said he’d think of it. But Mr. Russell told him yesterday that the bank was all right.”

Anne had her good day in the companionship of the outdoor world. She never forgot that day; it was so bright and golden and fair, so free from shadow and so lavish of blossom. Anne spent some of its rich hours in the orchard; she went to the Dryad’s Bubble and Willowmere and Violet Vale; she called at the manse and had a satisfying talk with Mrs. Allan; and finally in the evening she went with Matthew for the cows, through Lovers’ Lane to the back pasture. The woods were all gloried through with sunset and the warm splendor of it streamed down through the hill gaps in the west. Matthew walked slowly with bent head; Anne, tall and erect, suited her springing step to his.

“You’ve been working too hard today, Matthew,” she said reproachfully. “Why won’t you take things easier?”

“Well now, I can’t seem to,” said Matthew, as he opened the yard gate to let the cows through. “It’s only that I’m getting old, Anne, and keep forgetting it. Well, well, I’ve always worked pretty hard and I’d rather drop in harness.”

“If I had been the boy you sent for,” said Anne wistfully, “I’d be able to help you so much now and spare you in a hundred ways. I could find it in my heart to wish I had been, just for that.”

“Well now, I’d rather have you than a dozen boys, Anne,” said Matthew patting her hand. “Just mind you that—rather than a dozen boys. Well now, I guess it wasn’t a boy that took the Avery scholarship, was it? It was a girl—my girl—my girl that I’m proud of.”

He smiled his shy smile at her as he went into the yard. Anne took the memory of it with her when she went to her room that night and sat for a long while at her open window, thinking of the past and dreaming of the future. Outside the Snow Queen was mistily white in the moonshine; the frogs were singing in the marsh beyond Orchard Slope. Anne always remembered the silvery, peaceful beauty and fragrant calm of that night. It was the last night before sorrow touched her life; and no life is ever quite the same again when once that cold, sanctifying touch has been laid upon it.

CHAPTER XXXVII.

THE REAPER WHOSE NAME IS DEATH

MATTHEW—Matthew—what is the matter?
Matthew, are you sick?”

It was Marilla who spoke, alarm in every jerky word. Anne came through the hall, her hands full of white narcissus,—it was long before Anne could love the sight or odor of white narcissus again,—in time to hear her and to see Matthew standing in the porch doorway, a folded paper in his hand, and his face strangely drawn and gray. Anne dropped her flowers and sprang across the kitchen to him at the same moment as Marilla. They were both too late; before they could reach him Matthew had fallen across the threshold.

“He’s fainted,” gasped Marilla. “Anne, run for Martin—quick, quick! He’s at the barn.”

Martin, the hired man, who had just driven home from the post office, started at once for the doctor, calling at Orchard Slope on his way to send Mr. and Mrs. Barry over. Mrs. Lynde, who was there on an errand, came too. They found Anne and Marilla distractedly trying to restore Matthew to consciousness.

Mrs. Lynde pushed them gently aside, tried his pulse, and then laid her ear over his heart. She looked at their anxious faces sorrowfully and the tears came into her eyes.

“Oh, Marilla,” she said gravely. “I don’t think—we can do anything for him.”

“Mrs. Lynde, you don’t think—you can’t think Matthew is—is—” Anne could not say the dreadful word; she turned sick and pallid.

“Child, yes, I’m afraid of it. Look at his face. When you’ve seen that look as often as I have you’ll know what it means.”

Anne looked at the still face and there beheld the seal of the Great Presence.

When the doctor came he said that death had been instantaneous and probably painless, caused in all likelihood by some sudden shock. The secret of the shock was discovered to be in the paper Matthew had held and which Martin had brought from the office that morning. It contained an account of the failure of the Abbey Bank.

The news spread quickly through Avonlea, and all day friends and neighbors thronged Green Gables and came and went on errands of kindness for the dead and living. For the first time shy, quiet Matthew Cuthbert was a person of central importance; the white majesty of death had fallen on him and set him apart as one crowned.

When the calm night came softly down over Green Gables the old house was hushed and tranquil. In the parlor lay Matthew Cuthbert in his coffin, his long gray hair framing his placid face on which there was a little kindly smile as if he but slept, dreaming pleasant dreams.

There were flowers about him—sweet old-fashioned flowers which his mother had planted in the homestead garden in her bridal days and for which Matthew had always had a secret, wordless love. Anne had gathered them and brought them to him, her anguished, tearless eyes burning in her white face. It was the last thing she could do for him.

The Barrys and Mrs. Lynde stayed with them that night. Diana, going to the east gable, where Anne was standing at her window, said gently:

“Anne dear, would you like to have me sleep with you tonight?”

“Thank you, Diana.” Anne looked earnestly into her friend’s face. “I think you won’t misunderstand me when I say I want to be alone. I’m not afraid. I haven’t been alone one minute since it happened—and I want to be. I want to be quite silent and quiet and try to realize it. I can’t realize it. Half the time it seems to me that Matthew can’t be dead; and the other half it seems as if he must have been dead for a long time and I’ve had this horrible dull ache ever since.”

Diana did not quite understand. Marilla’s impassioned grief, breaking all the bounds of natural reserve and lifelong habit in its stormy rush, she could comprehend better than Anne’s tearless agony. But she went away kindly, leaving Anne alone to keep her first vigil with sorrow.

Anne hoped that the tears would come in solitude. It seemed to her a terrible thing that she could not shed a tear for Matthew, whom she had loved so much and who had been so kind to her, Matthew who had walked with her last evening at sunset and was now lying in the dim room below with that awful peace on his brow. But no tears came at first, even when she knelt by her window in the darkness and prayed, looking up to the stars beyond the hills—no tears, only the same horrible dull ache of misery that kept on aching until she fell asleep, worn out with the day's pain and excitement.

In the night she awakened, with the stillness and the darkness about her, and the recollection of the day came over her like a wave of sorrow. She could see Matthew's face smiling at her as he had smiled when they parted at the gate that last evening—she could hear his voice saying, "My girl—my girl that I'm proud of." Then the tears came and Anne wept her heart out. Marilla heard her and crept in to comfort her.

"There—there—don't cry so, dearie. It can't bring him back. It—it—isn't right to cry so. I knew that today, but I couldn't help it then. He'd always been such a good, kind brother to me—but God knows best."

"Oh, just let me cry, Marilla," sobbed Anne. "The tears don't hurt me like that ache did. Stay here for a little while with me and keep your arm round me—so. I couldn't have Diana stay, she's good and kind and sweet—but it's not her

sorrow—she’s outside of it and she couldn’t come close enough to my heart to help me. It’s our sorrow—yours and mine. Oh, Marilla, what will we do without him?”

“We’ve got each other, Anne. I don’t know what I’d do if you weren’t here—if you’d never come. Oh, Anne, I know I’ve been kind of strict and harsh with you maybe—but you mustn’t think I didn’t love you as well as Matthew did, for all that. I want to tell you now when I can. It’s never been easy for me to say things out of my heart, but at times like this it’s easier. I love you as dear as if you were my own flesh and blood and you’ve been my joy and comfort ever since you came to Green Gables.”

Two days afterwards they carried Matthew Cuthbert over his homestead threshold and away from the fields he had tilled and the orchards he had loved and the trees he had planted; and then Avonlea settled back to its usual placidity and even at Green Gables affairs slipped into their old groove and work was done and duties fulfilled with regularity as before, although always with the aching sense of “loss in all familiar things.” Anne, new to grief, thought it almost sad that it could be so—that they *could* go on in the old way without Matthew. She felt something like shame and remorse when she discovered that the sunrises behind the firs and the pale pink buds opening in the garden gave her the old inrush of gladness when she saw them—that Diana’s visits were pleasant to her and that Diana’s merry words and ways moved her to

laughter and smiles—that, in brief, the beautiful world of blossom and love and friendship had lost none of its power to please her fancy and thrill her heart, that life still called to her with many insistent voices.

“It seems like disloyalty to Matthew, somehow, to find pleasure in these things now that he has gone,” she said wistfully to Mrs. Allan one evening when they were together in the manse garden. “I miss him so much—all the time—and yet, Mrs. Allan, the world and life seem very beautiful and interesting to me for all. Today Diana said something funny and I found myself laughing. I thought when it happened I could never laugh again. And it somehow seems as if I oughtn’t to.”

“When Matthew was here he liked to hear you laugh and he liked to know that you found pleasure in the pleasant things around you,” said Mrs. Allan gently. “He is just away now; and he likes to know it just the same. I am sure we should not shut our hearts against the healing influences that nature offers us. But I can understand your feeling. I think we all experience the same thing. We resent the thought that anything can please us when someone we love is no longer here to share the pleasure with us, and we almost feel as if we were unfaithful to our sorrow when we find our interest in life returning to us.”

“I was down to the graveyard to plant a rosebush on Matthew’s grave this afternoon,” said Anne dreamily. “I took a slip of the little white Scotch rosebush his mother

brought out from Scotland long ago; Matthew always liked those roses the best—they were so small and sweet on their thorny stems. It made me feel glad that I could plant it by his grave—as if I were doing something that must please him in taking it there to be near him. I hope he has roses like them in heaven. Perhaps the souls of all those little white roses that he has loved so many summers were all there to meet him. I must go home now. Marilla is all alone and she gets lonely at twilight.”

“She will be lonelier still, I fear, when you go away again to college,” said Mrs. Allan.

Anne did not reply; she said good night and went slowly back to green Gables. Marilla was sitting on the front door-steps and Anne sat down beside her. The door was open behind them, held back by a big pink conch shell with hints of sea sunsets in its smooth inner convolutions.

Anne gathered some sprays of pale-yellow honeysuckle and put them in her hair. She liked the delicious hint of fragrance, as some aerial benediction, above her every time she moved.

“Doctor Spencer was here while you were away,” Marilla said. “He says that the specialist will be in town tomorrow and he insists that I must go in and have my eyes examined. I suppose I’d better go and have it over. I’ll be more than thankful if the man can give me the right kind of glasses to suit my eyes. You won’t mind staying

here alone while I'm away, will you? Martin will have to drive me in and there's ironing and baking to do."

"I shall be all right. Diana will come over for company for me. I shall attend to the ironing and baking beautifully—you needn't fear that I'll starch the handkerchiefs or flavor the cake with liniment."

Marilla laughed.

"What a girl you were for making mistakes in them days, Anne. You were always getting into scrapes. I did use to think you were possessed. Do you mind the time you dyed your hair?"

"Yes, indeed. I shall never forget it," smiled Anne, touching the heavy braid of hair that was wound about her shapely head. "I laugh a little now sometimes when I think what a worry my hair used to be to me—but I don't laugh *much*, because it was a very real trouble then. I did suffer terribly over my hair and my freckles. My freckles are really gone; and people are nice enough to tell me my hair is auburn now—all but Josie Pye. She informed me yesterday that she really thought it was redder than ever, or at least my black dress made it look redder, and she asked me if people who had red hair ever got used to having it. Marilla, I've almost decided to give up trying to like Josie Pye. I've made what I would once have called a heroic effort to like her, but Josie Pye won't *be* liked."

"Josie is a Pye," said Marilla sharply, "so she can't help being disagreeable. I suppose people of that kind

serve some useful purpose in society, but I must say I don't know what it is any more than I know the use of thistles. Is Josie going to teach?"

"No, she is going back to Queen's next year. So are Moody Spurgeon and Charlie Sloane. Jane and Ruby are going to teach and they have both got schools—Jane at Newbridge and Ruby at some place up west."

"Gilbert Blythe is going to teach too, isn't he?"

"Yes"—briefly.

"What a nice-looking fellow he is," said Marilla absently. "I saw him in church last Sunday and he seemed so tall and manly. He looks a lot like his father did at the same age. John Blythe was a nice boy. We used to be real good friends, he and I. People called him my beau."

Anne looked up with swift interest.

"Oh, Marilla—and what happened?—why didn't you—"

"We had a quarrel. I wouldn't forgive him when he asked me to. I meant to, after awhile—but I was sulky and angry and I wanted to punish him first. He never came back—the Blythes were all mighty independent. But I always felt—rather sorry. I've always kind of wished I'd forgiven him when I had the chance."

"So you've had a bit of romance in your life, too," said Anne softly.

"Yes, I suppose you might call it that. You wouldn't think so to look at me, would you? But you never can tell

about people from their outsides. Everybody has forgot
about me and John. I'd forgotten myself. But it all came
back to me when I saw Gilbert last Sunday.”

CHAPTER XXXVIII.

THE BEND IN THE ROAD

MARILLA went to town the next day and returned in the evening. Anne had gone over to Orchard Slope with Diana and came back to find Marilla in the kitchen, sitting by the table with her head leaning on her hand. Something in her dejected attitude struck a chill to Anne's heart. She had never seen Marilla sit limply inert like that.

"Are you very tired, Marilla?"

"Yes—no—I don't know," said Marilla wearily, looking up. "I suppose I am tired but I haven't thought about it. It's not that."

"Did you see the oculist? What did he say?" asked Anne anxiously.

"Yes, I saw him. He examined my eyes. He says that if I give up all reading and sewing entirely and any kind of work that strains the eyes, and if I'm careful not to cry, and if I wear the glasses he's given me he thinks my eyes may not get any worse and my headaches will be cured. But if I don't he says I'll certainly be stone-blind in six months. Blind! Anne, just think of it!"

For a minute Anne, after her first quick exclamation of dismay, was silent. It seemed to her that she

could *not* speak. Then she said bravely, but with a catch in her voice:

“Marilla, *don't* think of it. You know he has given you hope. If you are careful you won't lose your sight altogether; and if his glasses cure your headaches it will be a great thing.”

“I don't call it much hope,” said Marilla bitterly. “What am I to live for if I can't read or sew or do anything like that? I might as well be blind—or dead. And as for crying, I can't help that when I get lonesome. But there, it's no good talking about it. If you'll get me a cup of tea I'll be thankful. I'm about done out. Don't say anything about this to any one for a spell yet, anyway. I can't bear that folks should come here to question and sympathize and talk about it.”

When Marilla had eaten her lunch Anne persuaded her to go to bed. Then Anne went herself to the east gable and sat down by her window in the darkness alone with her tears and her heaviness of heart. How sadly things had changed since she had sat there the night after coming home! Then she had been full of hope and joy and the future had looked rosy with promise. Anne felt as if she had lived years since then, but before she went to bed there was a smile on her lips and peace in her heart. She had looked her duty courageously in the face and found it a friend—as duty ever is when we meet it frankly.

One afternoon a few days later Marilla came slowly in from the front yard where she had been talking to a caller—a man whom Anne knew by sight as Sadler from Carmody. Anne wondered what he could have been saying to bring that look to Marilla’s face.

“What did Mr. Sadler want, Marilla?”

Marilla sat down by the window and looked at Anne. There were tears in her eyes in defiance of the oculist’s prohibition and her voice broke as she said:

“He heard that I was going to sell Green Gables and he wants to buy it.”

“Buy it! Buy Green Gables?” Anne wondered if she had heard aright. “Oh, Marilla, you don’t mean to sell Green Gables!”

“Anne, I don’t know what else is to be done. I’ve thought it all over. If my eyes were strong I could stay here and make out to look after things and manage, with a good hired man. But as it is I can’t. I may lose my sight altogether; and anyway I’ll not be fit to run things. Oh, I never thought I’d live to see the day when I’d have to sell my home. But things would only go behind worse and worse all the time, till nobody would want to buy it. Every cent of our money went in that bank; and there’s some notes Matthew gave last fall to pay. Mrs. Lynde advises me to sell the farm and board somewhere—with her I suppose. It won’t bring much—it’s small and the buildings are old. But it’ll be enough for me to live on I reckon. I’m thankful

you're provided for with that scholarship, Anne. I'm sorry you won't have a home to come to in your vacations, that's all, but I suppose you'll manage somehow."

Marilla broke down and wept bitterly.

"You mustn't sell Green Gables," said Anne resolutely.

"Oh, Anne, I wish I didn't have to. But you can see for yourself. I can't stay here alone. I'd go crazy with trouble and loneliness. And my sight would go—I know it would."

"You won't have to stay here alone, Marilla. I'll be with you. I'm not going to Redmond."

"Not going to Redmond!" Marilla lifted her worn face from her hands and looked at Anne. "Why, what do you mean?"

"Just what I say. I'm not going to take the scholarship. I decided so the night after you came home from town. You surely don't think I could leave you alone in your trouble, Marilla, after all you've done for me. I've been thinking and planning. Let me tell you my plans. Mr. Barry wants to rent the farm for next year. So you won't have any bother over that. And I'm going to teach. I've applied for the school here—but I don't expect to get it for I understand the trustees have promised it to Gilbert Blythe. But I can have the Carmody school—Mr. Blair told me so last night at the store. Of course that won't be quite as nice or convenient as if I had the Avonlea school. But I can board home and drive myself over to Carmody and back, in the warm weather at least. And even in winter I can come

home Fridays. We'll keep a horse for that. Oh, I have it all planned out, Marilla. And I'll read to you and keep you cheered up. You sha'n't be dull or lonesome. And we'll be real cozy and happy here together, you and I."

Marilla had listened like a woman in a dream.

"Oh, Anne, I could get on real well if you were here, I know. But I can't let you sacrifice yourself so for me. It would be terrible."

"Nonsense!" Anne laughed merrily. "There is no sacrifice. Nothing could be worse than giving up Green Gables—nothing could hurt me more. We must keep the dear old place. My mind is quite made up, Marilla. I'm *not* going to Redmond; and I *am* going to stay here and teach. Don't you worry about me a bit."

"But your ambitions—and—"

"I'm just as ambitious as ever. Only, I've changed the object of my ambitions. I'm going to be a good teacher—and I'm going to save your eyesight. Besides, I mean to study at home here and take a little college course all by myself. Oh, I've dozens of plans, Marilla. I've been thinking them out for a week. I shall give life here my best, and I believe it will give its best to me in return. When I left Queen's my future seemed to stretch out before me like a straight road. I thought I could see along it for many a milestone. Now there is a bend in it. I don't know what lies around the bend, but I'm going to believe that the best does. It has a fascination of its own, that bend, Marilla. I

wonder how the road beyond it goes—what there is of green glory and soft, checkered light and shadows—what new landscapes—what new beauties—what curves and hills and valleys further on.”

“I don’t feel as if I ought to let you give it up,” said Marilla, referring to the scholarship.

“But you can’t prevent me. I’m sixteen and a half, ‘obstinate as a mule,’ as Mrs. Lynde once told me,” laughed Anne. “Oh, Marilla, don’t you go pitying me. I don’t like to be pitied, and there is no need for it. I’m heart glad over the very thought of staying at dear Green Gables. Nobody could love it as you and I do—so we must keep it.”

“You blessed girl!” said Marilla, yielding. “I feel as if you’d given me new life. I guess I ought to stick out and make you go to college—but I know I can’t, so I ain’t going to try. I’ll make it up to you though, Anne.”

When it became noised abroad in Avonlea that Anne Shirley had given up the idea of going to college and intended to stay home and teach there was a good deal of discussion over it. Most of the good folks, not knowing about Marilla’s eyes, thought she was foolish. Mrs. Allan did not. She told Anne so in approving words that brought tears of pleasure to the girl’s eyes. Neither did good Mrs. Lynde. She came up one evening and found Anne and Marilla sitting at the front door in the warm, scented summer dusk. They liked to sit there when the twilight

came down and the white moths flew about in the garden and the odor of mint filled the dewy air.

Mrs. Rachel deposited her substantial person upon the stone bench by the door, behind which grew a row of tall pink and yellow hollyhocks, with a long breath of mingled weariness and relief.

“I declare I’m getting glad to sit down. I’ve been on my feet all day, and two hundred pounds is a good bit for two feet to carry round. It’s a great blessing not to be fat, Marilla. I hope you appreciate it. Well, Anne, I hear you’ve given up your notion of going to college. I was real glad to hear it. You’ve got as much education now as a woman can be comfortable with. I don’t believe in girls going to college with the men and cramming their heads full of Latin and Greek and all that nonsense.”

“But I’m going to study Latin and Greek just the same, Mrs. Lynde,” said Anne laughing. “I’m going to take my Arts course right here at Green Gables, and study everything that I would at college.”

Mrs. Lynde lifted her hands in holy horror.

“Anne Shirley, you’ll kill yourself.”

“Not a bit of it. I shall thrive on it. Oh, I’m not going to overdo things. As ‘Josiah Allen’s wife,’ says, I shall be ‘mejum’. But I’ll have lots of spare time in the long winter evenings, and I’ve no vocation for fancy work. I’m going to teach over at Carmody, you know.”

“I don’t know it. I guess you’re going to teach right here in Avonlea. The trustees have decided to give you the school.”

“Mrs. Lynde!” cried Anne, springing to her feet in her surprise. “Why, I thought they had promised it to Gilbert Blythe!”

“So they did. But as soon as Gilbert heard that you had applied for it he went to them—they had a business meeting at the school last night, you know—and told them that he withdrew his application, and suggested that they accept yours. He said he was going to teach at White Sands. Of course he knew how much you wanted to stay with Marilla, and I must say I think it was real kind and thoughtful in him, that’s what. Real self-sacrificing, too, for he’ll have his board to pay at White Sands, and everybody knows he’s got to earn his own way through college. So the trustees decided to take you. I was tickled to death when Thomas came home and told me.”

“I don’t feel that I ought to take it,” murmured Anne. “I mean—I don’t think I ought to let Gilbert make such a sacrifice for—for me.”

“I guess you can’t prevent him now. He’s signed papers with the White Sands trustees. So it wouldn’t do him any good now if you were to refuse. Of course you’ll take the school. You’ll get along all right, now that there are no Pyes going. Josie was the last of them, and a good thing she was, that’s what. There’s been some Pye or other

going to Avonlea school for the last twenty years, and I guess their mission in life was to keep school teachers reminded that earth isn't their home. Bless my heart! What does all that winking and blinking at the Barry gable mean?"

"Diana is signaling for me to go over," laughed Anne. "You know we keep up the old custom. Excuse me while I run over and see what she wants."

Anne ran down the clover slope like a deer, and disappeared in the firry shadows of the Haunted Wood. Mrs. Lynde looked after her indulgently.

"There's a good deal of the child about her yet in some ways."

"There's a good deal more of the woman about her in others," retorted Marilla, with a momentary return of her old crispness.

But crispness was no longer Marilla's distinguishing characteristic. As Mrs. Lynde told her Thomas that night.

"Marilla Cuthbert has got *mellow*. That's what."

Anne went to the little Avonlea graveyard the next evening to put fresh flowers on Matthew's grave and water the Scotch rosebush. She lingered there until dusk, liking the peace and calm of the little place, with its poplars whose rustle was like low, friendly speech, and its whispering grasses growing at will among the graves. When she finally left it and walked down the long hill that sloped to the Lake of Shining Waters it was past sunset and

all Avonlea lay before her in a dreamlike afterlight—"a haunt of ancient peace." There was a freshness in the air as of a wind that had blown over honey-sweet fields of clover. Home lights twinkled out here and there among the homestead trees. Beyond lay the sea, misty and purple, with its haunting, unceasing murmur. The west was a glory of soft mingled hues, and the pond reflected them all in still softer shadings. The beauty of it all thrilled Anne's heart, and she gratefully opened the gates of her soul to it.

"Dear old world," she murmured, "you are very lovely, and I am glad to be alive in you."

Halfway down the hill a tall lad came whistling out of a gate before the Blythe homestead. It was Gilbert, and the whistle died on his lips as he recognized Anne. He lifted his cap courteously, but he would have passed on in silence, if Anne had not stopped and held out her hand.

"Gilbert," she said, with scarlet cheeks, "I want to thank you for giving up the school for me. It was very good of you—and I want you to know that I appreciate it."

Gilbert took the offered hand eagerly.

"It wasn't particularly good of me at all, Anne. I was pleased to be able to do you some small service. Are we going to be friends after this? Have you really forgiven me my old fault?"

Anne laughed and tried unsuccessfully to withdraw her hand.

“I forgave you that day by the pond landing, although I didn’t know it. What a stubborn little goose I was. I’ve been—I may as well make a complete confession—I’ve been sorry ever since.”

“We are going to be the best of friends,” said Gilbert, jubilantly. “We were born to be good friends, Anne. You’ve thwarted destiny enough. I know we can help each other in many ways. You are going to keep up your studies, aren’t you? So am I. Come, I’m going to walk home with you.”

Marilla looked curiously at Anne when the latter entered the kitchen.

“Who was that came up the lane with you, Anne?”

“Gilbert Blythe,” answered Anne, vexed to find herself blushing. “I met him on Barry’s hill.”

“I didn’t think you and Gilbert Blythe were such good friends that you’d stand for half an hour at the gate talking to him,” said Marilla with a dry smile.

“We haven’t been—we’ve been good enemies. But we have decided that it will be much more sensible to be good friends in the future. Were we really there half an hour? It seemed just a few minutes. But, you see, we have five years’ lost conversations to catch up with, Marilla.”

Anne sat long at her window that night companioned by a glad content. The wind purred softly in the cherry boughs, and the mint breaths came up to her. The stars twinkled over the pointed firs in the hollow and Diana’s light gleamed through the old gap.

Anne's horizons had closed in since the night she had sat there after coming home from Queen's; but if the path set before her feet was to be narrow she knew that flowers of quiet happiness would bloom along it. The joy of sincere work and worthy aspiration and congenial friendship were to be hers; nothing could rob her of her birthright of fancy or her ideal world of dreams. And there was always the bend in the road!

“God's in his heaven, all's right with the world,”
whispered Anne softly.

Anne de Green Gables

Anne de Green Gables

A sra. Rachel Lynde se surpreende

Matthew Cuthbert se surpreende

Marilla Cuthbert se surpreende

manhã em Green Gables

A história de Anne

Marilla se decide

Anne faz a sua prece

Começa a educação de Anne

A sra. Rachel Lynde fica horrorizada

O pedido de desculpas de Anne

As impressões de Anne sobre a Escola Dominical

Um pacto solene e uma promessa

O prazer da expectativa

Anne confessa

Tempestade em copo d'água

Diana é convidada para o chá, com consequências trágicas

Um novo interesse na vida

Anne presta socorro

A récita, uma catástrofe e a confissão

O tiro da imaginação sai pela culatra
Uma novidade em aromatizantes
Anne é convidada para o chá
Por uma questão de honra, Anne se dá mal
A srta. Stacy e seus alunos preparam uma récita
Matthew faz questão de mangas bufantes
A criação Clube de Contadores de Histórias
Vaidade e desejo vão
Uma Donzela do Lírio infausta
Um marco na vida de Anne
A classe da Academia da Rainha é organizada
Onde o riacho e o rio se encontram
Sai a lista dos aprovados
A récita no hotel
Uma menina da Academia da Rainha
O inverno na Academia da Rainha
A glória e o sonho
A ceifadora cujo nome é Morte
A curva na estrada

Anne of Green Gables

Chapter I. Mrs. Rachel Lynde is Surprised

Chapter II. Matthew Cuthbert is surprised

Chapter III. Marilla Cuthbert is Surprised
Chapter IV. Morning at Green Gables
Chapter V. Anne's History
Chapter VI. Marilla Makes Up Her Mind
Chapter VII. Anne Says Her Prayers
Chapter VIII. Anne's Bringing-up Is Begun
Chapter IX. Mrs. Rachel Lynde Is Properly Horrified
Chapter X. Anne's Apology
Chapter XI. Anne's Impressions of Sunday-School
Chapter XII. A Solemn Vow and Promise
Chapter XIII. The Delights of Anticipation
Chapter XIV. Anne's Confession
Chapter XV. A Tempest in the School Teapot
Chapter XVI. Diana Is Invited to Tea with Tragic Results
Chapter XVII. A New Interest in Life
Chapter XVIII. Anne to the Rescue
Chapter XIX. A Concert a Catastrophe and a Confession
Chapter XX. A Good Imagination Gone Wrong
Chapter XXI. A New Departure in Flavorings
Chapter XXII. Anne is Invited Out to Tea
Chapter XXIII. Anne Comes to Grief in an Affair of Honor
Chapter XXIV. Miss Stacy and Her Pupils Get Up a Concert

Chapter XXV. Matthew Insists on Puffed Sleeves

Chapter XXVI. The Story Club Is Formed

Chapter XXVII. Vanity and Vexation of Spirit

Chapter XXVIII. An Unfortunate Lily Maid

Chapter XXIX. An Epoch in Anne's Life

Chapter XXX. The Queens Class Is Organized

Chapter XXXI. Where the Brook and River Meet

Chapter XXXII. The Pass List Is Out

Chapter XXXIII. The Hotel Concert

Chapter XXXIV. A Queen's Girl

Chapter XXXV. The Winter at Queen's

Chapter XXXVI. The Glory and the Dream

Chapter XXXVII. The Reaper Whose Name Is Death

Chapter XXXVIII. The Bend in the road

Clube do Livro para Leitores Extraordinários

De domínio público para o domínio do público

Ficha técnica



MOJO.ORG.BR

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, uma instituição sem fins lucrativos. A receita gerada pelos livros extraordinários impressos alimenta um acervo de traduções e edições de obras em domínio público gratuitamente no site mojo.org.br. Assim, Livros Extraordinários de todas as línguas — que muitos também chamam de “clássicos” — ficarão para sempre ao alcance da comunidade de leitores de língua portuguesa.

Para que os frutos dessa iniciativa sejam perenes, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, irretocável e contemporânea, feita para os leitores do século 21. Somente com uma equipe de colaboradores extraordinários pode tornar realidade uma biblioteca aberta como essa. A segunda, é que o financiamento desse esforço deve vir da iniciativa civil, sem vínculos de dependência comercial ou governamental. Quanto mais apoiadores adquirem os livros, mais obras serão entregues para fruição gratuita e pública.

Os mundos extraordinários não podem ficar encerrados dentro de livros empoeirados em línguas desconhecidas; não podem estar nas vitrines das livrarias, atrás de um vidro ou de uma caixa registradora. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas e comunidades; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por todos, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

ACESSO IRRESTRITO AOS BENS
DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO DO PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

*Que você seja perdoado e que perdoe
aos outros.*

*Que você compartilhe livremente,
nunca tomando mais do que
está dando.*

Embora sejam de livre acesso, as obras da literatura mundial em domínio público precisam ser adaptadas para a nossa língua. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. Os brasileiros precisam falar a língua original ou comprar uma edição impressa — ou até piratear? Toda tradução é um trabalho intelectual e custoso. Toda tradução é propriedade dos tradutores ou editores que a produziram. Na Mojo, depois de financiado e

realizado, o livro se torna público em formato digital. A democratização do domínio público não é apenas necessária, mas extremamente divertida, intrigante e cheia de descobertas extraordinárias. São livros, obras de arte e todo o conhecimento humano que sobreviveram ao teste do tempo.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Os livros impressos do Clube do Livro para Leitores Extraordinários gera os recursos para a publicação de ebooks gratuitos em português. A fórmula é simples:

1. Domínio público

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso de todos.

2. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

De que vale o acesso às obras se o leitor não fala a língua de origem? Por isso, a Mojo traduz, edita e disponibiliza essas obras em sua plataforma digital.

3. Clube do Livro para Leitores Extraordinários

Para financiar esse trabalho, publicamos as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. mojo.org.br

É o site onde ebooks, ensaios acadêmicos, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados gratuitamente por qualquer pessoa.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias para seus filhos e amigos. Assim, demolir das barreiras linguísticas do domínio público fica mais fácil.

VOCÊ É EXTRAORDINÁRIO PARA
200 MILHÕES DE LEITORES

APOIE
mojo.org.br



Editores

Ricardo Giassetti Gabriel Naldi

Revisores

Amanda Zampieri

Naiara Aimee

Direção de arte

Cyla Costa

Julio Giacomelli

Edição EPUB

Fernando Ribeiro

mojo.org

Presidente

Ricardo Giassetti

Tesoureiro

Alexandre Storari

Diretores

Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo

Aurea Leszczynski Vieira,

Leonardo Tonus,

Marcelo Amstalden Möller,

Marcelo Andrade,

Marcelo Gusmão Eid,

Renato Roschel,

Thiago Fogaça,

William Hertz.

Agradecimentos da tradutora a Daniel Kuppe.

contato@mojo.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942
Anne de Green Gables / Lucy Maud Montgomery;
traduzido por Adriana Zoudine; ilustrado por André
Ducci. -- São Paulo : Mojo.org, 2020. - (Mundos
extraordinários; 8) Título original: Anne of Green
Gables

ISBN 978-65-990752-8-5

1. Literatura infantojuvenil I. Zoudine, Adriana. II.
Título. III. Série.

19-24993

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Tradução e edição © 2021 Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved
Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved
Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font
License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at:

<http://scripts.sil.org/OFL>